

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

APARECIDA MARIA ALMEIDA BARROS

**NO ALTAR E NA SALA DE AULA: VESTÍGIOS DA
CATEQUESE E EDUCAÇÃO FRANCISCANAS
NO SUDESTE GOIANO (1944-1963)**



**SÃO CARLOS, SP
2010**

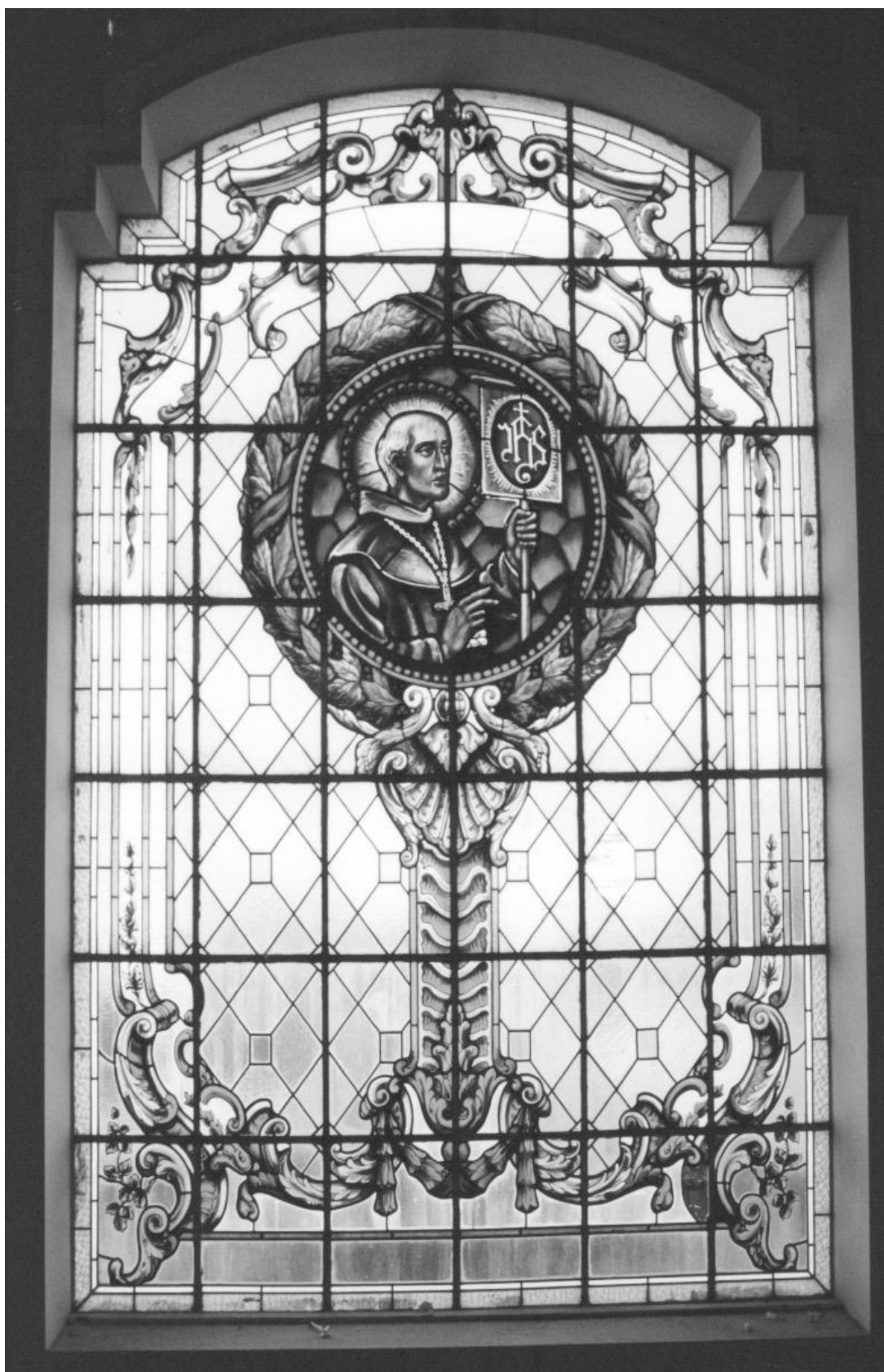


Foto 1 – Vitraux da Escola São Bernardino de Siena
Fonte: Arquivo da Escola

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

APARECIDA MARIA ALMEIDA BARROS

**NO ALTAR E NA SALA DE AULA: VESTÍGIOS DA
CATEQUESE E EDUCAÇÃO FRANCISCANAS
NO SUDESTE GOIANO (1944-1963)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em educação.

Área de Concentração: Fundamentos da Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação.

Orientação: Prof. Dra. **Marisa Bittar**

**SÃO CARLOS, SP
2010**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

A447as

Almeida-Barros, Aparecida Maria.

No altar e na sala de aula : vestígios da catequese e educação franciscanas no sudeste goiano (1944-1963) / Aparecida Maria Almeida Barros. -- São Carlos : UFSCar, 2010.

465 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.

1. Educação. 2. Escolas católicas. 3. Catequese - Igreja Católica. 4. Práticas pedagógicas. 5. Ordem dos franciscanos. 6. Religião - sociedade. I. Título.

CDD: 370 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Marisa Bittar

Profª Drª Vera Teresa Valdemarin

Prof. Dr. Marcos Antônio Gigante

Prof. Dr. Amarilio Ferreira Junior

Prof. Dr. João Virgilio Tagliavini

Marisa Bittar.
Vera Teresa
~~Marcos Antônio Gigante~~
Amarilio Ferreira Junior
João Virgilio Tagliavini

DEDICATÓRIA ESPECIAL

Aos Almeida, Barros, Fernandes, Ferreira, Rodrigues e Romeiro, minhas raízes primitivas e *personas* de todos os tempos pretéritos e futuros, com uma recomendação: lutar sempre sem jamais abandonar os sonhos e as utopias.

Ao Frei Francisco Alexander Eustace, OFM, (*in memória*), irmão, amigo e “pai” espiritual, por me apontar um lugar no mundo ensinando-me a trilhar meu próprio caminho e a sonhar sempre.

Ao professor Braz José Coelho, escritor, gramático e educador, pelas informações de contexto e sábio aconselhamento.

Aos colegas de curso Almiro (o Imperador do Amapá) e Ronaldo (guerreiro da terra do calçado), manifestos vivos de amizade que o tempo e a distância jamais dispersam, pelo apoio e partilha de sonhos e idéias. Não nos encontramos por acaso.

À mamãe, Maria Ana Romeiro e ao padrasto Sr. Manoel Antônio, anjos do meu caminho.

Aos manos: Wanoelles, Wagno, Rivalino, Solimar, Olívio e Madalena, às cunhadas, sobrinhos, tios e primos, aos amigos de todos os tempos, as conquistas e os sonhos, divido-os com cada um de vocês.

Ao Jorge Ferreira de Barros e à Fabíola Barbosa, filhos do afeto e do coração.

À Marisa Bittar, querida orientadora, pela credibilidade, confiança e distinção no tratamento profissional e acadêmico, a você, meu eterno carinho e gratidão.

Ao Elias Ferreira de Barros, marido e cúmplice de alma, sonhos, lutas e conquistas, eu não chegaria tão longe se não tivesse você.

A Deus, por tudo e por todos!!!

AGRADECIMENTOS

Nenhum santo sustenta-se só [...]
John Donne

Ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, pela oportunidade concedida no momento em que destinou vaga a uma desconhecida candidata. Mais que o crédito, a demonstração de lisura e isenção no processo seletivo.

Aos colegas e amigos descobertos no percurso de estudos, pesquisas e calorosas discussões acadêmicas, pela acolhida aos forasteiros de diversas partes do Brasil, incluindo a mim, de Goiás.

Aos professores do PPGE, um agradecimento especial nas pessoas de Amarílio Ferreira Júnior, Antônio Zuin, Ester Buffa, João Virgílio Tagliavini, João dos Reis Silva Júnior e Marisa Bittar, que generosamente compartilharam conhecimentos e utopias durante as disciplinas cursadas no Programa. A melhor expressão de pensamento científico e de intelectualidade está na competência e na postura de vocês.

Aos forasteiros Ademir (PR), Eugênia e Neimar (MS), Renato (BA), aos paulistanos Gláucia, Lúcia, Malacrida e Rosana, aos paulistas de diversas paragens: Débora Stefanini, Malu, Márcia, Roselaine, Selva, pelos encontros em São Carlos, recheados de expectativas e partilhas.

À Universidade Federal de Goiás, pela licença concedida para a qualificação.

Aos colegas e alunos do Campus Catalão da UFG, pela aposta e a torcida.

Ao NEPEDUCA e ao CIEEd, materializado em seus membros, devo muito a todos, sempre.

À Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil, na pessoa do Ministro Provincial Frei Wanderley Carvalho do Couto, OFM, pela generosa acolhida e confiança na disponibilidade dos arquivos.

Ao ex Ministro Provincial, Frei Fernando Inácio Peixoto de Castro, OFM, pelo apoio e primeiras conversas, a minha gratidão.

Aos Frades Franciscanos, representados por Frei Longuinho Rodrigues Menezes, Pároco da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus em Catalão, pela atenção e entusiasmo incentivadores.

À Irmã Maria do Socorro, Superiora das Irmãs Franciscanas de Allegany no Brasil, pela acolhida, atenção e disponibilidade dos Arquivos do Convento Mãe Admirável. Minha sincera estima.

Às Irmãs Franciscanas de Allegany, nas pessoas de Irmã Nancy Coelho, Irmã Maria Margarida e Irmã Isa Maria, especial gratidão pela carinhosa recepção e generosa acolhida no Convento.

Ao IPEHBC (Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central) da PUC-GO, na pessoa do prof. Antônio César Caldas Pinheiro e sua equipe, pela presteza no atendimento e acesso aos arquivos.

Ao Arquivo Histórico Estadual de Goiás, agradeço à Diretora Maria Carmem Lisita e sua equipe, verdadeiras mecenas e guardiãs de documentos históricos da Educação goiana, pelo atendimento paciente e acolhedor durante a pesquisa no arquivo.

À diretora Ercy Saud e equipe de funcionários do Museu Ferroviário de Pires do Rio, minha gratidão.

Aos Gestores das Escolas Paroquiais de Pires do Rio, Prof. Jene Farney Marques e de Catalão, Irmã Sheyla Angélica Pereira, pela recepção atenciosa e disponibilidade dos arquivos escolares.

Aos ex-alunos das Escolas Paroquiais do sudeste goiano pelas informações e depoimentos e generosa disponibilidade de lembranças e memórias.

Ao IBGE, representado pelos funcionários Fausto Freire de Mesquita (unidade regional de Catalão) e Sandra Maria Lorena Machado (unidade Goiânia), pelo competente atendimento e disponibilidade de dados.

Aos profissionais Linsmar Roberto dos Santos Neto e Marcília Rinaldes Rocha dos Santos Neto, pela competente ajuda na diagramação dos textos e imagens e a devida formatação da tese, o meu reconhecimento e obrigado.

Não há novidade nenhuma em dizer-se
da gente brasileira que uma das
influências decisivas em sua formação
vem sendo a Igreja; nem que dessa
influência, a que aqui madrugou, para
nunca mais deixar de fazer-se sentir
sobre essa mesma gente, ora de modo
mais intenso, ora com menor vibração,
foi e é a franciscana.
Gilberto Freyre, Bahia, 1959.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEHBC – Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central

UCG – Universidade Católica de Goiás

IFITEG – Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás

REF – Rede Educacional Franciscana

AGEPEL – Agência Goiânia de Cultura Pedro Ludovico Teixeira

UFG – Universidade Federal de Goiás

CAC – Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás

JEC – Juventude Estudantil Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.2.3 - Instituições escolares mantidas pelos franciscanos: localidade e ano de criação	126
Quadro 2.3 - População rural e urbana dos censos 1940 e 1950	129
Quadro 2.3.3 – Fundação das Missões Franciscanas em Goiás	138

LISTA DE MAPAS

Mapa 2.2.1 – Limites da Arquidiocese de Goiás (década de 1940)	117
Mapa 2.2.3 – Presença Franciscana na região Sudeste em Goiás	123
Mapa 2.3 – Local de chegada dos franciscanos em Goiás (1944)	131
Mapa 3.3 – Missionários franciscanos avulsos (1500 – 1583).....	153
Mapa 3.4.1 - Localização do Campo Missionário Franciscano em Goiás.....	165

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1.1.1 – Irmãs no campo missionário	42
Foto 1.1.2 – Trabalho educativo e missionário	57
Foto 2.3.1 - Escola São Bernardino de Siena	133
Foto 2.3.2 – Escola Paroquial Santa Maria Goretti	135
Foto 2.3.3 – Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus	136
Foto 3.2 – Frades e irmãos franciscanos e irmãs de franciscanas de Allegany.....	147
Foto 3.4.2 – Os frades no Campo Missionário	167
Foto 3.4.3a – Casa dos primeiros frades em Pires do Rio.....	170
Foto 3.4.3b – Lançamento da pedra fundamental da Igreja Matriz de Pires do Rio.....	172
Foto 3.4.4 – Frades em atendimento rural	174
Foto 3.4.5a – Irmãs franciscanas no Campo Missionário	177
Foto 3.4.5b – Os frades em atendimento rural	180
Foto 12 – Devoções populares.....	183
Foto 3.4.8 – Devoções populares.....	192
Foto 3.4.10 – Irmãs franciscanas em Goiandira	200
Foto 3.4.11a – Igreja Matriz e pátio da Escola Paroquial em Goiandira.....	205
Foto 3.4.11b – Frades e irmãs em missão	212
Foto 4.1 – Irmã Yolanda de Mendonça Vaz em aula de catecismo	219
Foto 4.3 – Primeira Eucaristia – Escola Paroquial em Goiandira.....	232
Foto 4.4 – Irmãs franciscanas no Campo Educacional	233
Foto 4.7 – Visita Pastoral em Catalão.....	252
Foto 4.9 – Igreja Matriz e lateral da Escola Paroquial de Pires do Rio	262
Foto 5.1 – Ambiente interno da Escola Paroquial em Catalão.....	265

RESUMO

A pesquisa, cujo objeto vicejou as relações institucionais da igreja e sociedade mediadas pela educação, teve por objetivo analisar os vestígios da catequese e da educação franciscanas materializadas nas escolas paroquiais criadas em Goiás na primeira metade do século XX. Estas instituições integram o projeto missionário franciscano de duas ordens religiosas americanas: os Frades Menores (1944) e as Irmãs de Allegany (1946). Os pressupostos teóricos dos estudos culturais e da pesquisa histórica situada no campo das instituições escolares orientaram os fundamentos da pesquisa. A metodologia da pesquisa documental foi, essencialmente, a base para o levantamento dos dados empíricos. As especificidades do objeto catequese-educação-sociedade, tiveram o aporte da teoria sociológica e histórica para a interpretação das variáveis do contexto social e econômico no qual se inseriu a obra missionária e educativa analisada. Dentre os achados resultantes do percurso e das análises, os vestígios indicaram que a Catequese e a Educação ministradas no altar e na sala de aula, teriam sustentado o projeto de evangelização e sacralização, fortalecendo o movimento de renovação da Igreja romana e da nova cristandade no Brasil. De modo singular, a consolidação da obra missionária franciscana levou ao sincretismo das práticas religiosas e no provável ecletismo de práticas pedagógicas e escolares fortemente marcadas por métodos ativos, contrastando com a estrutura e o formato tradicional da ordem religiosa. A originalidade com que os franciscanos não apenas disseminaram o seu projeto missionário como também definiram acordos e mediações com a realidade local, por meio das ações educativas e catequéticas, resultaram na demarcação de espaços concorrentes e similares e na coexistência do diverso.

Palavras-chave: Catequese e Educação; Escolas Paroquiais; Igreja e Sociedade.

ABSTRACT

The survey, whose object throve institutional relations of church and society mediated by education, aimed to examine the remains of catechesis and education materialized in the Franciscan parish schools established in Goias in the first half of the twentieth century. These institutions intregaram Franciscan missionary project of two American religious orders: the Friars Minor (1944) and the Sisters of Allegany (1946). The theoretical assumptions of cultural studies and historical research located in the field of educational institutions guided search fundamentals. The research methodology documentation, which was essentially the basis for the analysis of empirical data. The specific object of catechesis, education and society, had the contribution of sociological theory and historical interpretation for the variables of social and economic context in which they entered the missionary and educational analyzed. Among the findings from the route and analysis, remains indicated that the Catechesis and Education Taught at the altar and in the classroom, they would have supported the project of evangelization and sacralization, strengthening the movement for renewal of the Roman Church and the new Christianity in Brazil . Uniquely, the consolidation of the Franciscan missionary work led to the syncretism of religious practices and the likely eclecticism of pedagogical practices and school strongly marked by active methods, in contrast to the structure and format of traditional religious order. The originality with the Franciscans not only spread their missionary project also defined as agreements and mediations with local realities, through the educational and catechetical work, resulted in the demarcation of spaces and competitors alike and the coexistence of the diverse.

Keywords: Catechesis and Education, Parochial Schools, Church and Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Primeiras palavras	18
Os contornos e definições da pesquisa	20
O Garimpo nos arquivos e a limpeza dos dados.....	26
A trajetória da pesquisa: localização e identificação de fontes	27
A necessidade de redefinições no percurso da pesquisa.....	29
Principais fontes documentais	31
A apropriação dos dados na pesquisa	32
CAPÍTULO I FUNDAMENTOS E CONTORNOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....	41
1.1 Os Fundamentos da Catequese e da Educação no Brasil	41
1.1.1 A Catequese: os percursos e as práticas efetivadas	43
CAPÍTULO II TRAÇOS DA RELAÇÃO ESTADO-IGREJA EM GOIÁS: INTERPRETAÇÃO DE CONTEXTOS E ATORES (1930 – 1940).....	89
2.1 Indícios de um ideário renovador em Goiás na década que antecede a criação das escolas franciscanas.....	90
2.1.1 O ensino goiano no contexto da Primeira República	91
2.1.2 A “experiência” nos discursos da Reforma do Ensino	101
2.1.3 Algumas conexões teóricas anunciadas nos discursos da Reforma	105
2.2 A estrutura eclesiástica da Igreja no século XX.....	111
2.2.1 O Bispo Dom Emanuel e seu contexto.....	113
2.2.2 O chamado para novas ordens religiosas: catequese e educação	120
CAPÍTULO III MISSIONÁRIOS, MISSÕES E CONTEXTOS – ORIGEM, PROJETO RELIGIOSO E CARISMA	143
3.1 Franciscanos: americano, a cultura de origem.....	143
3.2 Franciscanos, o carisma religioso e missionário	146
3.3 Os franciscanos no Brasil e em Goiás desde os tempos coloniais	153
3.4 Franciscanos americanos em Goiás: com o povo, no meio do povo – uma obra missionária construída a muitas mãos	158
3.4.1 No princípio: chegada e preparação para o trabalho missionário.....	158
3.4.2 Em terras <i>brasilis</i> , no chão goiano... ..	165
3.4.3 Os Frades e Irmãos Franciscanos	168

3.4.4 As Filhas de São Francisco.....	173
3.4.5 A Catequese e a Educação no projeto missionário franciscano	177
3.4.6 Hierarquia e obediência vivenciadas na partilha e no trabalho mútuo	185
3.4.7 A obra missionária passa pelo despertar de novas vocações religiosas	187
3.4.8 O Culto e a Catequese – papéis e sujeitos participantes.....	192
3.4.9 Os leigos na força da catequese missionária	196
3.4.10 Catequese, educação e assistência social.....	200
3.4.11 O combate aos inimigos da Igreja através da Catequese e da Educação.....	205
CAPÍTULO IV EDUCAÇÃO FRANCISCANA: VÁRIAS DIREÇÕES E UM MESMO PROPÓSITO.....	213
4.1 As aulas de Catecismo nas escolas paróquias, públicas e privadas.....	217
4.2 A Escola Primária – do improvisado à institucionalização.....	220
4.3 Natureza institucional e organizacional das Escolas Paroquiais	225
4.4 Normas, Rotinas e Metodologias nas Escolas Paroquiais	232
4.5 Sobre a conservação do material didático produzido para as aulas.....	241
4.6 Civismo, patriotismo e religiosidade nas escolas paroquiais	245
4.7 Aspectos do Currículo Escolar	249
4.8 As relações do projeto missionário franciscano com o Estado Republicano	252
4.9 A ação educacional é marcada pelas condições estruturais do Estado.....	256
CAPÍTULO V A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO MISSIONÁRIO FRANCISCANO NA CATEQUESE E NA EDUCAÇÃO: O RESULTADO DOS VESTÍGIOS.....	263
5.1 As concepções de Catequese e Educação presentes na obra franciscana.....	264
5.2 O projeto de Sociedade e de Igreja fortalecido pela ação missionária	274
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	278
REFERÊNCIAS	282
Referências utilizadas	282
Bibliografia consultada.....	289
ANEXOS	294
ANEXO 2	306
ANEXO 3 - Correspondência Oficial da Província.....	363
ANEXO 4 - Revista das Irmãs Franciscanas de Allegany (Álbum Centenário).....	402
ANEXO 5 - Revista ZEAL Allegany, NY – 4 volumes.....	407
ANEXO 6 - O Programa de Ensino Primário – 1930.....	430
ANEXO 7 - Instruções para os trabalhos manuaes (1930).....	432

ANEXO 8 - Livro de Atas da Escola Paroquial Santa Maria Goretti de Goiandira GO....	455
ANEXO 9 – Testamento de Dom Emanuel.....	459
ANEXO 10 – Documento descritivo da Arquidiocese de Goiás	461
ANEXO 11 – Modelo de Entrevista Semi-estruturada	462

INTRODUÇÃO

Primeiras palavras

Se pudesse provocaria uma ruptura com algumas formalidades da academia, pelo menos no que diz respeito à fórmula cartesiana de dar forma a uma pesquisa. Ao expor minhas dúvidas e realçar as incertezas que povoam esse processo assumo que:

Primeiro, venho do Estado de Cora, não sou poeta, mas sou tecelã de textos e contextos. Não quero enveredar pelas disputas de quem faz história da educação e não é historiador, de quem faz pesquisa e reedita a história segundo os elementos e a interpretação do seu tempo; tampouco pretendo envolver-me nos sentidos e dissensos que movem as disputas acadêmicas e intelectuais. Sou educadora, interpreto as marcas e as evidências da história sob o ponto de vista da pedagogia, das práticas sociais e da educação. Isto me permite tecer textos com nuances próprias do meu olhar e das evidências mostradas nas fontes, perceber a tênue distância entre pesquisar fontes empíricas, contar histórias, demonstrar e reinterpretar os vestígios históricos segundo as influências e as determinações do tempo presente.

Segundo, inspirada pela teoria e pela produção científica já sistematizada, não gostaria que os teóricos falassem por mim, que colocassem palavras numa interpretação, cujo objeto está prenhe da minha sensibilidade e olhar. Ciente do valor e do lugar que ocupa na produção do conhecimento, queria utilizar a produção teórica para inspirar meus argumentos em torno do objeto investigado. Ao tecer o texto, as influências teóricas teriam a função de gravitar na argumentação, sem, contudo, constituírem em espectro e transformar-me num ventríloquo, que fala pela argumentação de outrem. Não gostaria de ser aprisionada por dogmas nem por posturas sectárias, típicas de verdades absolutas.

Ambicionava que este exercício de pesquisa fosse a tradução das minhas sensibilidades e inspirações, alterando deliberadamente a apropriação dos rótulos teóricos que amordaçam o pensamento. Gostaria de ser livre na interpretação e no tecido do texto, na moldagem da argumentação, sem desconsiderar as argumentações e dizeres já teoricamente formulados. Desejaria que o meu jeito e a minha obra de tecelã do conhecimento sobre a Educação Franciscana em Goiás pudesse fluir de forma original e singular. E que a produção brasileira sobre igreja, educação e sociedade que alimenta este campo científico fosse minha inspiradora e os autores meus interlocutores nesta empreitada.

Em suma, gostaria de desvelar as fontes como alguém que abre uma “caixa de pandora” de onde as marcas do objeto pudessem ser demonstradas e analisadas sem segmentos estanques ou em blocos fechados, mas, ao contrário, que fossem entrelaçadas na complexa teia de relações e contradições.

Mesmo reconhecendo que esta não seja propriamente a minha obra-prima, desejei “navegar por mares nunca dantes navegados”¹, utilizar-me, com uma relativa liberdade de interpretação, de metáforas e figuras poéticas, sem perder a seriedade e o rigor científico necessários para a construção e a finalização deste estudo, cuja identidade fosse lapidada e refinada nas contradições do contexto, nas determinações institucionais e ideológicas, nas resistências e na projeção da mística religiosa².

As palavras de Julia (2001) inspiram-me a compreender que o espaço da escola constitui em território propício para o desenvolvimento de culturas que se diferem da família e da sociedade, embora a elas retornem na mediação simbólica, no formato de normas, regras e vivências.

Neste estudo o formato de normas, das regras aos rituais e do espaço do simbólico, respectivamente, nas semelhanças e contradições, não se restringem apenas ao espaço da escola. A fusão entre duas instituições, a educativa e a religiosa afina os mesmos propósitos concretizados na ação pedagógica e na ação catequética simultaneamente.

No intuito de delinear o objeto de pesquisa por meio da interpretação das fontes, em princípio, o projeto foi elaborado com a intenção de se chegar, pela via dos documentos, à resposta das hipóteses formuladas: analisar o legado educacional dos franciscanos em Goiás, pela ação educativa e pedagógica empreendidas nas escolas paroquiais, na perspectiva da construção de um ideário pedagógico próprio, especialmente fundado nas experiências metodológicas trazidas da América a partir da segunda metade da década de 1940.

Entretanto, quando se elegem, a priori, alguns percursos de pesquisa, em particular quanto às fontes que serão selecionadas, o pesquisador fica refém dos dados obtidos para confirmar ou não suas hipóteses, ou mesmo reorientá-las, conforme o que revela as fontes. É, pois, neste exercício, que a atividade de pesquisa se constitui, ao mesmo tempo, no tormento e na ousadia do pesquisador, ou seja, o mergulho nas fontes documentais empíricas possibilita ao pesquisador diversas e interessantes descobertas, mas nem sempre confirma aquilo que foi, a priori antecipado nas questões de pesquisa.

¹ Camões, em Os Lusíadas.

² Anseios e desconfortos de uma pesquisadora em formação.

Este foi o dilema que acompanhou todo o percurso investigativo. Dilema porque, ao perseguir o fio condutor do problema central da pesquisa, por vezes tinha o receio de enxergar nas fontes somente aquilo que fosse capaz de dar as respostas que gostaria de obter. Em outras palavras, meu olhar investigativo buscava nas fontes as evidências que me levasse às respostas desejadas. Por conseguinte, os dados que não apontasse correspondência direta com essas respostas era reservado como dados secundários. Desatar estes nós foi preciso para que a proposta de tese se mostrasse na sua originalidade e revelasse as singularidades de estilo e de argumentação tecidas na construção do texto em diálogo com as fontes, contexto, interpretações e resultados provisórios.

Os contornos e definições da pesquisa

A proposição desta pesquisa sustenta-se em bases de natureza acadêmica e científica. A fragilidade e escassez de fontes e obras que atendam à demanda dos cursos de formação de professores e de estudiosos da educação, no que diz respeito à história da educação franciscana em Goiás, realcei a relevância acadêmica. No tocante à base científica, verifica-se que as pesquisas no campo da historiografia e da história da educação, embora tenham avançado no estudo da instrução pública, ainda não investigaram as instituições escolares franciscanas, presentes em Goiás desde a primeira metade do século XX até a atualidade.

Julguei que, seria relevante, portanto, um investimento científico que permitisse lançar as bases para a constituição de um campo da historiografia da educação goiana direcionado para o estudo da educação franciscana, considerando múltiplos aspectos da obra educativa e missionária dos Frades Franciscanos e das Irmãs Franciscanas; o ponto de partida poderia ser os vestígios e as marcas deixadas em documentos oficiais, manuscritos e objetos que pudessem caracterizar a catequese e a educação franciscanas, ancoradas nos determinantes econômicos e sócio-históricos sugeridos neste contexto.

Estas instituições adquiriram notoriedade e se mantiveram como referência de qualidade na educação nas localidades onde foram instaladas, no imaginário de professores, ex-alunos e funcionários sempre foram consideradas como boas escolas, definidas como rígidas, organizadas, pioneiras na formação de valores, dentre outros adjetivos.

O processo formativo orienta o professor na sua prática de docência e pesquisa, instrumentaliza-o de argumentos conceituais e reflexivos; ao mesmo tempo, a atuação profissional forja o repensar da sua ação teórico-prática e direciona a busca da formação.

Álvaro Vieira Pinto (1979), assegura que “a pesquisa crítica educa o pesquisador para possuir a noção do seu trabalho como parte do trabalho social e, portanto, sujeito às mesmas vicissitudes, às mesmas condições que afetam os demais trabalhadores” (p. 315). É nesse movimento que a pesquisa se desenvolveu, cerceada por indagações, dúvidas, conflitos e a busca de novos conhecimentos na direção de aprimorar, tanto o campo acadêmico quanto o campo científico, no conjunto das ações de ensino e de pesquisa na Universidade.

A investigação partiu do interesse em compreender o lugar – social e cultural – e a projeção das escolas paroquiais franciscanas no cenário da educação em Goiás. Para além da narrativa factual, poderia analisar os diversos aspectos que constituíram na identidade e cultura escolar destas escolas, contribuindo para a produção científica tanto do campo da historiografia, quanto do campo da história da educação goiana.

Ao configurar o objeto e o campo desta investigação, o que Saviani et. al. (2004) denomina de “longo século XX”, neste caso é muito bem apropriado para compreender a trajetória educacional em Goiás, visto que, neste Estado, as carências e precariedades do sistema escolar remontam ao final do século XIX.

Ao proceder à busca de dados iniciais para a composição do objeto pesquisa, deparei-me com um conjunto de informações que instigava a visualizar, em princípio, pelo menos três momentos distintos na trajetória da educação franciscana em Goiás, entre 1944 e 1963.

De posse das evidências, consegui caracterizar as seguintes fases³:

1ª fase: da implantação das escolas paroquiais (1944-1963) – Compreende o período de 1944, chegada dos primeiros frades dos Estados Unidos a Goiás (Catalão, Pires do Rio e Anápolis) e de 1946, chegada das primeiras Irmãs Franciscanas de Allegany em Pires do Rio e Anápolis, para assumirem o trabalho educativo e catequético.

Esta fase se caracteriza pela estruturação do projeto missionário franciscano através da posse das paróquias em diferentes localidades, bem como da implantação das primeiras escolas paroquiais, marcada pela improvisação de espaços, adequação de salas e materiais para as primeiras atividades dos frades e das irmãs em solo goiano. O que basicamente confere distinção a essa primeira fase, seria o empenho dos frades franciscanos em criar as escolas, estruturá-las e repassá-las às irmãs franciscanas; partindo de um começo precário, mas fortemente determinado pelo ideal catequético, providenciaram a organização

³ A propósito destas três fases localizadas, primeiramente esclareço que no exercício de pesquisa, tendo focalizado nesta tese o universo da 1ª fase, pretendo dar continuidade à investigação das demais fases em estudos posteriores.

das escolas instaladas em prédios próprios, sendo que, em muitos casos, foram subvencionadas pelo Estado e/ou municípios mediante a celebração de convênios mistos.

No meu entendimento esse período inicial se estende até por volta de 1963, momento em que depois de criadas e estruturadas as escolas e as paróquias, outras atividades de consolidação serão empreendidas pelos franciscanos. Devido à inexistência de estudos sobre essa fase, optamos por priorizá-la nesta proposta de pesquisa.

2ª fase: A Consolidação da obra Missionária e Educacional (1964-1984) – Tendo por referência o ano de 1964, demarquei esse período como uma segunda fase da obra missionária franciscana em Goiás que se estende até por volta de 1984. Esta fase conserva alguns aspectos distintos da anterior porque é um momento em que ocorre não apenas a consolidação de toda a estrutura criada até então, como também são deflagradas algumas ações no sentido de lançar, definitivamente, as raízes das ordens franciscanas no Estado. São pelo menos três marcos que a definem: a construção do Convento Mãe Admirável que se tornará a base das Franciscanas de Allegany, sendo residência oficial das superiores e casa de formação. De estrutura moderna e confortável, essa obra se torna um referencial para a presença e atuação das Irmãs no Brasil. É também nesta fase que há um empenho em organizar e expandir o processo formativo dos quadros franciscanos. Ainda em relação às Irmãs, ocorre a criação do Instituto Franciscano de Professoras, estruturado inicialmente para atender às postulantes brasileiras e irmãs americanas recém chegadas ao Brasil; contudo, suas ações são ampliadas e se estendem a outras instâncias de formação, inclusive com investimento na oferta de Curso Normal e de Pedagogia. Os frades também estruturam a Província do Santíssimo Nome de Jesus no Brasil, organiza a estrutura de formação e expande em quantidade e diversidade as ações missionárias para diferentes localidades do Estado. Um último marco que caracteriza esta segunda fase seria a consolidação de todo o sistema de ensino, através da criação nos anos de 1980 do Sistema REF – Rede Educacional Franciscana, responsável por interligar, em termos institucionais todas as escolas franciscanas sob uma administração central, vinculada aos Frades Franciscanos.

3ª fase: Modernização do Sistema Educacional (1985-2009)⁴ – Iniciada em meados dos anos de 1980 e se estendendo até os dias atuais, julgamos que esta terceira fase se caracteriza pela criação do primeiro Projeto Educativo Franciscano – o PEF. São implantadas ações pedagógicas e formativas articuladas em todas as escolas da REF (Rede Educacional Franciscana), dentro da filosofia de educação franciscana. Com essas medidas, pode-se dizer que, em termos estruturais, organizacionais e filosóficos, as escolas franciscanas não apenas foram consolidadas e transformadas em sistema de ensino franciscano, como também acompanharam os novos tempos se modernizando e se atualizando em termos científicos e tecnológicos, ancoradas na filosofia e nos princípios do ideal missionário franciscano.

Neste sentido, ao constatar que a história da educação e a pesquisa em educação em Goiás ainda não possibilitaram definir a trajetória da educação franciscana enquanto campo de investigação, julguei interessante enveredar por “navegar nestes mares” e delinear o início de um longo percurso de pesquisa que tende a não se esgotar nesta tese. Com tais intenções, delimitei estas três fases do projeto missionário franciscano em Goiás, por entender que, a partir das características que as distinguem, poder-se-ia organizar este e outros estudos, seguindo a orientação destas três fases.

Ancorada numa responsabilidade ética e numa compreensão histórica de que se tudo está por ser investigado, problematizado e analisado, reconheci a necessidade de dedicar à atenção investigativa no início da obra e do projeto missionário franciscano, em virtude da ausência de estudos desta natureza. Logo, entendi que o mais adequado seria focalizar o objeto da pesquisa nessa primeira fase, situada na origem e criação das escolas paroquiais franciscanas em Goiás, por ser considerado o alicerce de diversos projetos e outras pesquisas que poderão ser incentivados no futuro.

O período (1944 a 1963) que compreende a fase de chegada dos frades franciscanos (1944), das Irmãs Franciscanas (1946), da criação e estruturação das primeiras escolas paroquiais em Goiás (a partir de 1945), insere-se no intervalo do grande período (de 1922 a 1963). Azzi & Klaus (2008) considera este período como um momento no qual a Igreja Católica no Brasil passou por um processo marcado por contradições e redefinições na

⁴ O encerramento da 3ª fase em 2009 se deve a dois fatores: primeiro, ao findar este ano a REF está reorganizando a sua estrutura educativa para o ano de 2010, mediante a adoção de um material pedagógico próprio, produzido pela Rede Católica de Educação; segundo, a mudança da nomenclatura das escolas. Exemplo: Escola São Bernardino de Siena, em Catalão deixa de ser identificada como “Escola Paroquial São Bernardino de Siena”. As instituições conservam o nome do padroeiro, mas extinguem a identificação de “Paroquial”. Neste momento, vejo tais alterações como um diferencial, um divisor de águas que reúne elementos para a distinção e a possível abertura de uma nova fase nas Escolas Franciscanas em Goiás a partir de 2010.

forma de atuar e intervir na sociedade brasileira, na perspectiva de instaurar uma nação cristã, servindo-se da romanização e da sacralização.

Este autor aponta o ano de 1922 como o início do movimento restaurador da igreja católica, a organização dos intelectuais católicos, dentre outras estratégias que definiram uma nova etapa do catolicismo que tem como marco de chegada destas metas de evangelização a abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II em 1962. Considera, portanto, o autor que “neste período são criadas novas condições para a presença católica no Brasil e favorecem mudanças no campo religioso” (AZZI; KLAUS, 2008, p.7).

Em concordância com os mesmos argumentos, Sanchis, por sua vez, assim se expressa sobre os conflitos entre a Igreja e Estado republicano:

O papel auto-atribuído do Estado é o de grande racionalizador da sociedade moderna. Tanto em termos de eficiência econômica quanto na esfera ampla de segurança, isto é, do estabelecimento, legitimação e reprodução (ampliada ou não) das relações sociais, e, enfim, da socialização dos indivíduos (“educação”). E a tendência do Estado moderno é de reivindicar, nesses terrenos, um monopólio. Face a esse monopólio da razão, encarnado no Estado, a Igreja se autodefine como representando o pólo da transcendência, do Sagrado (SANCHIS 1985, p. 275).

Este é o terreno do qual parte o apelo do Arcebispo Dom Emanuel, dirigido aos franciscanos americanos na década de 1940, com a finalidade de conquistar pastores para o seu rebanho. A Ordem Franciscana em Goiás iria colaborar com estas estratégias, porém, ao assumir as paróquias, escolas e hospitais, imprimiria as singularidades próprias da sua forma de conceber e atuar nas diversas frentes do trabalho missionário, sob a égide da mística missionária franciscana.

O problema central da pesquisa foi gradativamente delineado quando realizei as primeiras inferências em fontes documentais sobre a organização e estrutural das escolas paroquiais franciscanas. Logo de início, deparei-me com a possível coexistência de ações educativas para a elite local (o ginásio) e para os pobres (a escola primária) numa mesma instituição. Isso despertou-me para as primeiras indagações: seria uma escola mista em termos institucionais, ou simplesmente se utilizavam o mesmo prédio para ações educativas distintas?

Assim, ao indicar o caráter missionário, evangelizador e pastoral, as escolas também poderiam definir as marcas do ideal educador dos franciscanos no sudeste goiano. Como recorte temporal considerei a atuação das duas congregações franciscanas americanas, os Frades Menores e as Irmãs Franciscanas de Allegany, na primeira fase que compreende a instalação da obra missionária franciscana e a criação das instituições escolares.

Questão central: Quais seriam as marcas, os vestígios e as evidências da Catequese e da Educação Franciscanas materializadas nas Escolas Paroquiais fundadas no sudeste goiano no final da década de 1940, e qual projeto de sociedade e cristianização visava fortalecer?

Articulada a esta, outras questões verticalizaram o meu olhar investigativo: qual era a natureza institucional e organizacional das escolas paroquiais franciscanas? Quais concepções de Catequese e Educação moldaram o projeto missionário franciscano? Haveria influência de teorias pedagógicas e concepções teórico-metodológicas norte-americanas ao definirem a ação catequética e educativa das Escolas Paroquiais? Quais singularidades podem ser percebidas na relação catequética e educativa dos franciscanos com a sociedade e a cultura no interior de Goiás?

A partir destas possibilidades, defini como objetivo geral analisar a trajetória da catequese e educação franciscana materializada por meio das instituições escolares fundadas no sudeste goiano a partir da década de 1940, demonstrando os vestígios desta presença no cenário da Educação em Goiás.

Nesta direção, estabeleci como objetivos específicos: a) analisar os dados documentais que revelam a Catequese e a Educação realizada nas instituições escolares franciscanas no sudeste goiano, no período de 1944 a 1963; b) demonstrar os vestígios da cultura material e simbólica que marcaram a ação educativa e evangelizadora dos franciscanos; c) sistematizar novos conhecimentos que possibilitem a (re) escrita da trajetória educacional e missionária dos franciscanos, destacando a relevância destas instituições no cenário da educação em Goiás.

Consideradas estas questões gerais, ao delinear as hipóteses de pesquisa, formulei alguns pressupostos que permitissem mapear as direções do estudo e definir o objeto central: a) os frades franciscanos e as irmãs franciscanas, por meio das escolas paroquiais (1944-1963), poderiam ter ocupado uma lacuna deixada pelo Estado em relação à oferta do ensino primário para os pobres e dos cursos ginásial e normal para as classes mais abastadas, cumprindo fins e objetivos específicos do projeto missionário; b) a catequese e a educação franciscanas, na gênese religiosa e missionária, nos rituais e simbologias teriam conferido identidade às escolas paroquiais em Goiás, diferenciando-as das escolas públicas do Estado em sua natureza institucional, ideário educativo e cultura pedagógica. Por conseguinte, teriam sustentado o projeto evangelizador de cristianização e sacralização do país, segundo os princípios do movimento de renovação da Igreja romana no Brasil, com forte ênfase em sua institucionalização.

Para alicerçar o terreno indicado pelas hipóteses, julguei pertinente eleger como diretriz geral da pesquisa o eixo **Catequese, Educação e Sociedade**, por entender que o estudo permite focalizar um determinado contexto histórico da educação em Goiás, marcado pela ideia de progresso, civilidade e desenvolvimento, profundamente enraizada numa sociedade capitalista; conserva características distintas de um estado cuja população era predominante rural, com vazios demográficos e pequenos núcleos urbanos. O objeto catequese e educação pode ser mediado pelas relações sócio-históricas, por conflitos e contradições inerentes a uma religiosidade popular que marca a cultura local e regional, a ser reconceituada pela adoção de novas práticas religiosas, compondo a cultura do catolicismo oficial conduzido pela ação missionária. Nesta direção, há de se considerar a singularidade da ação catequética e educativa da filosofia franciscana, adaptada às condições estruturais e culturais encontradas no interior de Goiás.

O Garimpo nos arquivos e a limpeza dos dados

Aprecio a metáfora do garimpo, obviamente influenciada pelo contexto onde vivo, cuja história é marcada pela presença de metais nobres, para descrever o processo de busca das fontes documentais, a identificação dos dados relevantes e o tratamento destinado na análise e interpretação da pesquisa. Paulo Freire marcava a sua brasilidade na alusão aos costumes nordestinos. Muitas de suas obras apresentam fragmentos de suas lembranças e memórias de infância e juventude, devidamente situadas no Nordeste brasileiro. Semelhantes motivações direcionam minhas metáforas – sou do “cerrado central⁵”. O Sudeste Goiano divisa com o Triângulo Mineiro, uma região rica em águas e ainda embalada economicamente pela extração mineral. Esta é apenas uma das faces de aproximação das duas regiões, como ver-se-á no decorrer deste estudo.

Garimpar traduz um processo que, ao lado da dificuldade, da aridez dos terrenos e da necessidade de ferramentas adequadas para o empreendimento, contraditoriamente, também impulsiona o garimpeiro a prosseguir, a ir fundo incentivado ante a descoberta de uma preciosidade, de uma raridade. Em suma, a busca por algo que resolva definitivamente as suas angústias e atenda às expectativas traçadas pelos seus objetivos não o faz desistir ou abandonar o garimpo. Após reunir uma quantidade significativa de matéria-prima, o passo seguinte é o da limpeza. Faz-se necessário um esforço concentrado no sentido de desvendar o que está oculto no amontoado de detritos. Descobrir o que está oculto e dar-lhe

⁵ Livre trocadilho para o Cerrado localizado no Planalto Central do Brasil.

o polimento adequado, preservando a beleza e a originalidade da peça é o passo que mais instiga e prende o garimpeiro ao seu trabalho, apesar das dificuldades de percurso.

O pesquisador também é um garimpeiro do conhecimento, do exercício científico que requer persistência, habilidade e capacidade de sistematização, quando se ocupa dos arquivos e das fontes documentais. O fio condutor traçado pelas questões da pesquisa é uma ferramenta indispensável na orientação do olhar investigativo no intento de ver o que está oculto, perceber vestígios onde aparentemente não há o que descobrir.

Foi este o empreendimento de pesquisa no qual lancei-me desde o ingresso no Programa de Pós-Graduação: garimpar os vestígios da catequese e da educação franciscanas no sudeste goiano, buscando evidências que marcaram a obra missionária e as instituições escolares fundadas em Goiás pelas mãos dos missionários americanos. Começar pela origem foi a intenção e o esforço concentrado deste estudo, no sentido de levantar o maior número de registros oficiais sobre essa obra catequética e missionária, a partir da qual poder-se-á encaminhar outras pesquisas. Reconheço, contudo, que a lapidação final, o selo de originalidade e a singularidade somente poderão ser legitimados pelos avaliadores. Se descobertas houver e se a lapidação dos dados mostrar algum brilho, somente os especialistas serão capazes de atestar.

A trajetória da pesquisa: localização e identificação de fontes

Após a localização dos arquivos junto às ordens religiosas e às instituições escolares, durante mais de dois anos dediquei-me ao trabalho de localizar e identificar todas as fontes que indicassem alguma correspondência com a pesquisa, numa tentativa de realizar um cerco de dados em torno do objeto da investigação.

Adentrar arquivos até então fechados a leigos e curiosos foi uma tarefa árdua que exigiu paciência, persistência e dedicação. Desde a autorização até as visitas aos arquivos institucionais, foi preciso obedecer a um protocolo de liberação pessoal dos superiores, em horários distintos durante a semana, conforme a disponibilidade dos responsáveis em cada província.

Ao considerar que, apesar da boa vontade dos responsáveis por estes arquivos, existiam restrições para manipular e reproduzir os textos e documentos, organizei-me e aproveitei a oportunidade para registrar com a câmera fotográfica⁶, e compor o maior volume

⁶ Os instrumentos digitais de boa qualidade são fundamentais para auxiliar o pesquisador na captura de fontes empíricas em situações restritas e adversas.

possível de imagens dos documentos consultados, antecipando a possibilidade de se estruturar, no futuro, uma rede de pesquisas sobre a educação franciscana em Goiás, considerando as diferentes fases que a constitui.

Neste sentido, todos os documentos que apontassem alguma vinculação com a educação e a ação missionária das ordens franciscanas foram fotografados, compondo um gigantesco acervo, selecionado e classificado por tipo de documento (conforme referenciado nos anexos).

Arquivos Institucionais (Particulares e Públicos)

- Arquivo da Província do Santíssimo Nome de Jesus no Brasil – Anápolis-GO.
- Arquivo/biblioteca das Irmãs Franciscanas de Allegany em Goiás – Anápolis-GO.
- Arquivo de Pesquisas Históricas do Brasil Central (IPEHBC) – UCG – Goiânia-GO.
- Arquivo Histórico do Estado de Goiás – AGEPEL – Goiânia-GO.

Arquivos Escolares:

- Escola Paroquial São Bernardino de Siena – Catalão-GO.
- Escola Paroquial Santa Maria Goretti – Goiandira-GO.
- Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus – Pires do Rio-GO.

Consultas Diversas:

- Convento dos frades Franciscanos da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus, Catalão-GO.
- Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Goiandira-GO.
- Convento dos frades franciscanos – Anápolis-GO.
- Convento das irmãs franciscanas de Allegany, Anápolis-GO.
- Convento das irmãs franciscanas de Allegany, Goiânia-GO.
- Convento das irmãs franciscanas de Allegany, Pires do Rio-GO.
- Museu Ferroviário de Pires do Rio-GO.
- Setor editorial da Fundação Cultural Pedro Ludovico (AGEPEL), Goiânia-GO.
- IBGE – Goiânia-GO.
- IPEHBC – Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central – UCG, Goiânia-GO.
- IFITEG – Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, Goiânia-GO.
- REF – Rede Escolar Franciscana, Goiânia-GO.
- Convento das Irmãs Catequistas, Catalão-GO.
- Casas de ex-alunos da Escola Paroquial, Catalão-GO.

Neste percurso, para efeito desta pesquisa, foram priorizadas as fontes documentais e registros que respondesse às hipóteses e dialogasse com as questões e diretrizes principais.

A necessidade de redefinições no percurso da pesquisa

Ao constatar a ausência nos acervos de determinados documentos tidos a priori como os de maior interesse (especialmente os programas de ensino, regimentos, instruções pedagógicas e normativas, projetos arquitetônicos e manuais escolares), referentes ao período em estudo, a redefinição foi necessária. Ou seja, foi preciso reorientar o foco da pesquisa em função da matéria-prima dos dados registrados nas fontes oficiais. Assim, o exercício de interpretação dos dados, bem como as respostas às diretrizes da pesquisa, somente se tornou possível quando buscado nas frestas encontradas, centrados nas evidências e vestígios localizados nos documentos oficiais.

O cumprimento de todas as formalidades, acompanhado por inúmeras interrogações surgidas sobre o destino dos registros escritos, conduziram o processo investigativo no sentido de extrair de cada situação investigada, o máximo de informações de natureza histórica. Assim, todos os procedimentos de pesquisas foram exaustivamente explorados com a finalidade de potencializar o maior volume de informações e dados que pudessem ser aproveitados para este estudo e outros posteriores.

Em princípio, ao eleger a pesquisa em documentos como a principal fonte dos dados, descartei toda e qualquer possibilidade de outro procedimento para coleta. Entretanto, na medida em que processava a identificação das fontes escritas nos arquivos, surgiam dúvidas e lacunas, que somente poderiam ser elucidadas, através do cruzamento com outras fontes de pesquisa, principalmente através da consulta a pessoas, que pudessem esclarecer ou confirmar os dados documentais⁷. Isso ocorreu particularmente em relação aos procedimentos de ensino, as metodologias e algumas práticas pedagógicas efetivadas nos primeiros tempos, devido aos dados parciais ou incompletos, além da inexistência de registros considerados principais para a caracterização destes aspectos.

A alternativa, portanto, foi incluir um procedimento de pesquisa que funcionasse como estratégia de validação dos registros, através da consulta a algumas pessoas diretamente ligadas a estes processos – algumas irmãs-professoras e alguns ex-alunos das

⁷ Esta consulta foi materializada através do recurso da entrevista semi-estruturada realizada com algumas irmãs e ex-alunos das Escolas Paroquiais Franciscanas.

primeiras décadas de funcionamento das escolas. Ressalto que neste caso, recorri à colaboração de duas irmãs brasileiras, que ingressaram na ordem franciscana nos primeiros tempos e que se dispusessem de lucidez e recordações suficientes fossem capazes de confirmar informações e pudessem contribuir com o cruzamento de dados empíricos.

Da primeira geração de irmãs e professoras que atuaram na construção das primeiras experiências com as escolas paroquiais, as americanas já partiram, morreram ou retornaram para os seus países de origem. Das brasileiras que ingressaram na ordem logo nos primeiros anos, algumas das pioneiras ainda estão na ativa, continuam em atividade nos conventos, mas já se aposentaram como professoras. Existem irmãs da primeira turma que atualmente vivem na sede do convento, sob o cuidado de irmãs enfermeiras, porém, não têm mais condições, nem lucidez para conceder entrevistas ou informações relativas à época.

Concretamente, durante o período de visitas ao Convento, tive a oportunidade de conversar informalmente e em seguida entrevistar duas irmãs brasileiras que ingressaram na ordem como postulantes, entre 1949 e 1951. Com elas foi possível confirmar alguns procedimentos e esclarecer algumas práticas utilizadas nas escolas paroquiais nos primeiros tempos.

A possibilidade de contato com ex-alunos surgiu a partir da conversa com as irmãs (Maria Margarida e Isa) que nos seus depoimentos, destacavam a todo o momento a participação dos alunos em diferentes atividades realizadas nas escolas paroquiais, numa alusão de que os alunos constituíam no centro do processo educativo. Neste caso, a consulta a ex-alunos deu-se igualmente motivada pela possibilidade de confirmar alguns dados e informações sobre as escolas paroquiais. Foram localizados e consultados três alunos da época, sendo um de cada escola paroquial (Catalão, Goiandira e Pires do Rio).

De posse dos dados obtidos nas fontes documentais, selecionei alguns aspectos específicos das práticas pedagógicas, organizei uma agenda de visitas e entrevistas com as irmãs e ex-alunos. Ao mostrar os registros e indagar sobre a forma como trabalhavam e eram preparadas para o exercício do magistério nas escolas paroquiais, também buscava novas informações sobre onde poderia encontrar outros documentos e registros.

Assim, embora não tenha escolhido a história oral como procedimento para a coleta dos dados da pesquisa, o recurso da entrevista foi inserido no percurso da investigação com o objetivo de validar os dados parciais indicados nas fontes documentais.

O cruzamento de dois procedimentos de pesquisa – fontes documentais com o testemunho de sujeitos que participaram em algum momento como religiosa, docente ou discente nas escolas paroquiais, teve o propósito de amenizar as preocupações alusivas às

restrições dos registros encontrados. Por exemplo, sobre a presença e trabalho das irmãs nas escolas paroquiais no Sudeste goiano, foram encontrados registros em apenas alguns periódicos produzidos e publicados pela sede geral em Nova York: uma Revista Ilustrada, contendo notícias, relatos e informações sobre o trabalho missionário realizado pelas irmãs em diferentes países e continentes. Foram encontrados relatos devidamente ilustrados por fotografias da época, inclusive dos contextos e localidades onde foram instaladas as missões. Algo semelhante ocorreu nas publicações dos Anais da Província dos Frades Franciscanos. Nos Anais da Província encontramos informações e detalhes sobre o empreendimento missionário, fatos e acontecimentos, a gênese das missões, as frentes do trabalho missionário, etc. Contudo, vários outros aspectos permaneceram ocultos, não foram explícitos nem detalhados. Por isso, no intuito de dissipar as dúvidas em relação aos documentos encontrados (e os ausentes), incluí a consulta informal (organizada na forma de uma entrevista semi-estruturada) a estas pessoas para confirmar ou descartar algumas informações.

Neste propósito, aproveitei os contatos pessoais não apenas para validar fontes documentais como também para obter informações sobre a escassez e ausência de registros. A dinâmica de organização interna de cada escola e convento, as ações assumidas pelas ordens franciscanas na condução do trabalho educativo e catequético efetivado nas escolas paróquias, a forma como planejavam, organizavam e executavam as atividades docentes, as fontes teóricas e o processo de formação para a docência. Enfim, as múltiplas faces do processo catequético, da docência e da gestão das escolas paroquiais foram buscadas, no sentido de compreender como as irmãs americanas realizavam o trabalho missionário pela vida da catequese, das práticas pedagógicas e o que tinham de original e singular. Os resultados foram interessantes e apontaram correspondentes com a dinâmica interna de funcionamento das ordens religiosas, principalmente por serem franciscanos e alicerçarem suas ações no carisma missionário de São Francisco.

Principais fontes documentais

No Arquivo da Província do Santíssimo Nome de Jesus no Brasil, de todos os objetos, manuscritos avulsos e publicações consultadas, localizei informações correspondentes ao universo da pesquisa:

- 15 Volumes dos Anais da Província, publicados em Nova York entre 1944 e 1965. Todos preservados com encadernações recentes e agrupados em vários números.

- 1 Volume (único) da Correspondência Oficial entre os Frades e as Irmãs Franciscanas – com 52 Cartas enviadas e recebidas durante o período em estudo. Deste total, apenas 40 cartas puderam ser disponibilizadas, pois 12 apresentavam aspectos restritos, dentro das exigências estabelecidas pelo Provincial.
- 1 Álbum Comemorativo do Centenário das Irmãs Franciscanas de Allegany (1859-1959), publicado pela sede da Ordem em Nova York.
- 10 Volumes da Revista ZEAL - publicada pelas Irmãs Franciscanas de Allegany em Nova York.
- Caderno de Atas da Escola Paroquial Santa Maria Goretti – Goiandira;
- Registro de Notas e Frequências da Escola Paroquial Santa Maria Goretti – Goiandira;
- Caderno de Atas da Escola Paroquial São Bernardino de Siena – Catalão.
- Registro de Notas e Frequência da Escola Paroquial São Bernardino de Siena – Catalão.
- Livro de Registro de Alunos (matrícula) da Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus.

Outras fontes documentais consultadas

- Documentos Avulsos (mapas de matrícula e frequências de alunos e relatórios) dos Arquivos das Escolas Paroquiais, (Catalão e Pires do Rio).
- Acervo da Biblioteca das Irmãs Franciscanas (fundada em 1967)

A apropriação dos dados na pesquisa

Ciente dos cuidados necessários em torno da apropriação dos dados contidos nos documentos que apontassem os vestígios buscados pelo objeto de pesquisa, adotei alguns procedimentos peculiares na demonstração das fontes empíricas que auxiliaram na caracterização e interpretação do problema, das hipóteses e resultados de pesquisa, os quais julguei conveniente tornar explícitos. Ao apropriar dessas fontes, majoritariamente resultado de registros guardados nos vários arquivos das instituições, optei por apresentá-las sempre com a preocupação de não expor os autores que, salvo alguns casos, já são falecidos e não teriam condições reais de se pronunciarem sobre os seus registros. No caso dos Anais, identifiquei os excertos por meio da referência ao volume, ano e página da publicação. Nas correspondências fiz sua numeração em ordem crescente, conforme conservadas no volume de correspondências entre os superiores e representantes das duas congregações franciscanas, sendo as mesmas identificadas como “Cartas”, acompanhadas pela data em que foram escritas. Em ambos os casos, decidi não fazer, no corpo do texto, nenhuma referência nominal

aos seus autores, como forma de resguardar a discrição sobre informações pessoais que julguei irrelevantes para o presente estudo.

Semelhante postura foi adotada no procedimento de registro dos depoimentos de algumas irmãs – ex-professoras –, e de ex-alunos das Escolas Paroquiais. De comum acordo e respeitando a disponibilidade destes sujeitos, realizei encontros individuais com os depoentes. Apresentei as questões de pesquisas que eram gradativamente reformuladas e direcionadas, na medida em que as informações eram obtidas. Em todos os casos, as irmãs e os ex-alunos iam explicando e esclarecendo cada questão, enquanto fazia o registro no diário de campo. Antes de formular uma nova pergunta, tinha o cuidado de ler as anotações e certificar com o próprio depoente a possibilidade de confirmação ou de refutação de alguns detalhes registrados.

Ao referenciar documentos oriundos de arquivos escolares ou de trabalhos acadêmicos sobre as Escolas Paroquiais, a identificação das fontes foi mantida segundo as normas de citação. Ressalto também que conservei os excertos na escrita original localizada nos registros e, portanto, por escolha, mantive a grafia original das fontes e das obras referenciadas, com as devidas distinções ortográficas⁸.

Para minha surpresa e desespero, todos esses procedimentos de localização das fontes foram marcados por descobertas e dissabores, principalmente com relação à falta de conservação e de cuidado com documentos históricos, fato constatado praticamente em todos os espaços institucionais: Províncias, Conventos e Unidades Escolares. Um contraste e uma enorme interrogação em se tratando de instituições religiosas.

No prefácio da obra de Sangenis (2006), o teólogo Leonardo Boff, assim expressa sobre o *modus operandi* despojado da ordem franciscana:

[...] ocorreu um silenciamento da gesta franciscana, seja pelo hábito de os frades não se preocuparem com relatórios escritos, em razão do antagonismo entre os dois tipos de catolicismo, que levava a ocultar fontes ou a lê-las com olho parcial ou simplesmente distorcê-las (BOFF apud SANGENIS, 2006, p. 12).

Isso revela, em parte, porque aparecem, predominantemente, os jesuítas na História da Educação Brasileira.

Com outras palavras, porém traduzindo o mesmo sentido, ouvi do penúltimo Ministro Provincial dos Frades Menores em Goiás, os mesmos dizeres, quando realizei os primeiros contatos na fase de elaboração do projeto de pesquisa. Num encontro em seu gabinete, ele dizia-me: “o problema dos franciscanos sempre foi a postura despreocupada, até

⁸ Em algumas obras, mantive o registro original, inclusive, com possíveis equívocos na impressão gráfica.

displicente em relação aos registros. É uma característica da ordem herdada dos primeiros tempos, não deixar marcas, nem rastros de sua presença e ação. No início, essa era uma estratégia muito utilizada para evitar perseguições. Hoje percebemos os prejuízos históricos que isso representa”⁹.

De fato ao fazer um pronunciamento em Recife, por ocasião das comemorações dos 350 anos da fundação do Convento Santo Antônio, Gilberto Freyre faz referências à presença franciscana no Brasil desde os primeiros tempos da chegada dos europeus e menciona a ausência de registros históricos.

Esse autor, explica que:

Nós, brasileiros, que admiramos particularmente os franciscanos dentre as ordens que constituem a Igreja e que concorreram para a formação da cristandade luso-americana, lamentamos que falte êsse registro sistematicamente histórico dos feitos franciscanos no nosso país; que por escassez de documentação escrita pareça às vêzes menos importante do que foi ou tem sido a ação franciscana entre nós. (FREYRE, 1959, p. 16).

Algo semelhante também foi confirmado pela Madre Superiora da Ordem Franciscana de Allegany, Irmã Maria do Socorro, quando solicitou a minha presença na sede do Convento, para apresentar-me um memorando da Superiora Geral de Allegany, no qual a Província Mãe solicitava dados e fontes materiais que auxiliassem no registro histórico da ação missionária em Goiás. Naquela ocasião a madre fez justificativas semelhantes às do Provincial e pediu a minha colaboração no sentido de disponibilizar para esse fim, o que fosse localizado.

Em resumo, tanto na Província dos Frades Menores quanto na Congregação das Irmãs Franciscanas de Allegany, os primeiros contatos revelaram que, além do silêncio em torno da ação missionária, devidamente registrada, há também o total desconhecimento sobre os acervos conservados e seu conteúdo. Em ambos os casos, os representantes oficiais das respectivas ordens me apresentaram os Arquivos, com o depósito de materiais escritos, mas adiantaram desconhecer o que continham, pois, aquilo que foi guardado ao longo do tempo, jamais despertou a atenção de membros da ordem para fins de pesquisa; teve sempre suas atenções direcionadas para outras questões, possivelmente devido o enorme volume de atividades internas e externas, de modo que os acervos permaneceram como peças do passado. Vê-se, neste particular que os franciscanos, sendo aparentemente despretensiosos quanto ao valor histórico de suas ações e produções, antes revelam um traço típico de um

⁹ Síntese de uma conversa com Frei Fernando Inácio Peixoto de Castro, penúltimo Provincial da Província do Santíssimo Nome de Jesus no Brasil em Anápolis, no ano de 2004.

modo de vida próprio do franciscanismo: a discricção. Sem maiores exibicionismos, atuam em empreendimentos e obras de grandes projeções, sem, contudo, investirem na propaganda de seus feitos. Não, obstante, demonstraram interesse e ressaltaram a importância do empreendimento de pesquisa.

Nestas circunstâncias, mediante a formalização dos protocolos para o acesso aos arquivos, iniciadas as primeiras visitas, encontrei-me diante de um terreno virgem e intocado, que deveria ser desvendado conforme requeria meu projeto de pesquisa. Para isso deveria fazer escolhas, priorizar fontes e documentos que teriam prioridade em função do objeto. Tudo o que fora conservado nos arquivos foi submetido à verificação. De papéis avulsos a pastas diversas, caixas de fotografias, pacotes de objetos pessoais dos frades já falecidos, enfim, tudo o que se encontrava depositado nos Arquivos foi mapeado e anotado para posterior averiguação.

Também recorri ao Arquivo Histórico do Estado de Goiás e ao IPEHBC, Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central, sob a tutela da Universidade Católica de Goiás.

No Sudeste Goiano, o contato direto com as instituições escolares ocorreu através da disponibilidade de acesso autorizada pelos respectivos gestores das escolas paroquiais.

Na cidade de Goiandira, com o fechamento da escola, ninguém dispôs de informações sobre o acervo, nem mesmo o Provincial tinha a mais vaga informação sobre o destino dos documentos da escola. Mas o garimpeiro é antes de tudo insistente, não desiste facilmente das escavações. O pesquisador também. Sem desistir das buscas e retornar várias vezes na cidade, finalmente descobri alguns indícios de que, se o arquivo não fora transferido, só poderia estar em alguma instituição religiosa ou escolar local. Depois de reiteradas buscas, o arquivo foi encontrado no porão de uma escola primária da rede estadual, onde divide um minúsculo espaço com materiais de uso da referida escola.

Já em Pires do Rio, a situação mostrou-se mais preocupante, pois, todos os documentos alusivos à fundação e criação da escola paroquial foram incinerados em décadas passadas. Além de alguns livros de matrícula dos alunos, do prédio ainda em uso e da fachada externa aonde permanece gravada a inscrição “*Escolas Parochiais*”, nada há que evidencie a existência da primeira instituição especialmente construída naquele lugar para abrigar a escola paroquial e o Curso Normal.

Mediante a disponibilidade dos acervos, nos três anos que se seguiram, mergulhei no empreendimento de identificar todas as evidências que levassem à confirmação

e à caracterização das hipóteses e das questões priorizadas na pesquisa. Um gigantesco volume de material foi levantado, partindo desses indícios. Toda e qualquer informação que apontasse alguma conexão com as ordens franciscanas, as escolas paroquiais e com a ação educativa das irmãs de Allegany, foi selecionada e classificada.

Na província do Santíssimo Nome de Jesus no Brasil, o acesso aos arquivos só foi permitido mediante autorização expressa do Ministro Provincial, nos horários comerciais em que ele estivesse na sede da Província. A única forma de registro autorizado seria fotografar os documentos e fontes através de máquina digital, nenhuma outra forma de cópia foi permitida. Nenhuma peça do acervo poderia sair do recinto. Outra exigência do Provincial foi que a Correspondência Oficial entre os Frades e as Irmãs no período estudado, primeiro fosse submetida à sua vistoria em caso de aspectos particulares e pessoais; segundo, que os dados de natureza pessoal e particular das congregações ficassem restritos e não fossem utilizados na pesquisa.

No Convento Mãe Admirável, sede geral das Irmãs Franciscanas de Allegany, o acesso aos documentos e à biblioteca do Convento, seguiu o mesmo procedimento, condicionado à participação nos ofícios religiosos que compunha a rotina diária da casa, incluindo missas e refeições matinais.

A forma de reprodução em todos os acervos foi a mesma, devido à restrição de retirada do material do ambiente onde estava abrigado e ao estado de conservação. Por isso, todos os documentos pesquisados foram fotografados e guardados em arquivos digitais, com identificação da origem e do tipo, para posterior utilização em vários processos de pesquisa, em função da variedade de informações neles contidas.¹⁰

Após a fase de coleta dos dados, o passo seguinte foi digitar em textos do word todos os documentos compilados, sendo a maioria em língua inglesa, seguida pela tradução. O passo seguinte foi selecionar os documentos que seriam utilizados na pesquisa e a devida reserva das fontes com informações restritas e pessoais. Todos esses procedimentos exigiram-me a dedicação de um tempo prolongado, devido os cuidados para não levar a público nenhum dado que fosse restrito, motivo pelo qual, assumi pessoalmente o manuseio das fontes, a transferência das imagens para textos digitados, a tradução e a seleção dos dados sem recorrer a serviços de terceiros.

Concomitante a este exercício de levantamento das fontes documentais, também realizei a revisão das fontes teóricas que me permitisse às orientações necessárias

¹⁰ Tal procedimento, além de atender à coleta de dados da pesquisa, também tem a intenção de futuramente compor um acervo digital em benefício da própria ordem.

para fundamentar o diálogo e a interpretação dos dados, bem como, direcionasse, de forma coerente, o percurso de pesquisa a ser construído. Na medida em que avancei nas leituras e anotações iniciais, o contato com eventos científicos da área da história e da educação, com participação e apresentação de trabalhos foi consequente, no intuito de socializar algumas ideias e indicações para a produção da pesquisa.

No âmbito do programa de pós-graduação, o cumprimento dos créditos e das atividades relacionadas foi igualmente generoso no sentido de ajudar a pensar sobre o objeto de pesquisa e os possíveis percursos a serem adotados. O mergulho nas leituras teóricas e na seleção das fontes documentais leva o pesquisador a entrar em conflito quanto à originalidade de sua produção, principalmente diante das opções do campo teórico e a melhor forma de estabelecer esse diálogo da teoria e com o objeto de investigação.

A todo o momento pairavam dúvidas sobre a apropriação das idéias ou a inspiração nas idéias. O conflito se instaurava especialmente nas dúvidas relativas à legitimidade e ao *status* de fazer ciência. Admito que estes espectros gravitaram em torno de minhas leituras e escolhas, dos direcionamentos e das revisões teóricas que realizei ao longo de percurso, marcado por oscilações entre a certeza e a dúvida, a empolgação e o desânimo, as cobranças próprias do tempo institucional e o tempo que marca o ritmo da elaboração reflexiva que, em muitas situações, não seguiram o mesmo compasso, gerando estranhamentos, preocupações e mal-estar.

A revisão de obras sobre a constituição e a trajetória da Igreja Católica na América Latina no século XX e no Brasil, a busca de estudos que abordaram o papel e a função das ordens religiosas missionárias no Brasil, é devedora de dados sobre Goiás. Diferentes obras consultadas mostraram que em particular no que se refere à atuação e à presença das ordens religiosas, bem como do empreendimento educacional católico, ocultaram dados e produções específicos em relação a Goiás. Em particular autores como Azzi & Klaus (2008) e Rower (1947), ao tratar das ordens missionárias no Brasil focalizaram seus estudos em outros estados do Centro-Oeste e deixaram uma lacuna quanto aos estudos realizados em Goiás ou sobre Goiás, um verdadeiro vazio acadêmico. As ausências e os silenciamentos sobre a presença da Igreja em Goiás, bem como de estudos e pesquisas sobre a atuação das ordens e institutos religiosos foram surpreendentes e intrigantes.

Outro aspecto que merece ser pontuado, diz respeito ao enfoque dado pelos historiadores sobre as ações das ordens missionárias estrangeiras, principalmente no que diz respeito a embates e disputas ideológicas entre algumas ordens religiosas e o Estado republicano. No caso da Ordem Franciscana suspeitei que, embora indiquem algumas

correspondências em aspectos relativos à consolidação da Igreja no Brasil, na afirmação do poder de que eram revestidos, nem todos os argumentos referentes aos vieses políticos e partidários se aplicariam adequadamente ao ocorrido na trajetória construída pelos franciscanos em Goiás. As fontes empíricas indicam algumas distinções e singularidades que nos permitem tomar outras direções interpretativas.

Na perspectiva de um passado sempre presente, abordamos os aspectos da história da educação não apenas no sentido descritivo e narrativo, mas atribuímos uma interpretação aos vestígios da educação franciscana, na afirmação do projeto missionário mediado pelas relações de domínio religioso e formativo com a sociedade goiana. Nesse intento, nossa intenção foi a de demonstrar os dados encontrados nos documentos e, ao mesmo tempo, proceder a análise interpretativa, estabelecendo o diálogo com as fontes teóricas e apontando, simultaneamente, outras questões, sem uma radical separação linear. Tampouco tivemos a preocupação em responder a todas as indagações, pois, tomamo-las como âncoras das análises e das interpretações possibilitadas pela pesquisa. Ao estruturar um percurso e manter a coerência argumentativa, optamos por definir algumas temáticas centrais organizadas em subitens, cujas partes estão assim caracterizadas:

Na **INTRODUÇÃO** aponto as definições e as delimitações da pesquisa, os processos de localização, a seleção das fontes, as opções metodológicas e os procedimentos adotados para a coleta dos dados, os tipos de arquivos consultados e o acervo encontrado. Em seguida apresento composição estrutural da pesquisa com um esboço sucinto do conteúdo de cada capítulo.

No Capítulo I – **FUNDAMENTOS E CONTORNOS TEÓRICOS DA PESQUISA** – os fundamentos da Catequese e da Educação no Brasil – foram situados historicamente e articulados na composição do objeto de estudo. Em seguida faço um esboço da pesquisa histórica no campo da educação e apresento uma revisão geral de autores e obras que delinearam o campo teórico referendado na pesquisa.

No Capítulo II – aponto alguns **TRAÇOS DA RELAÇÃO ESTADO-IGREJA EM GOIÁS: INTERPRETAÇÃO DE CONTEXTOS E ATORES (1930 – 1940)** – desenvolvendo, primeiro, uma argumentação no sentido de mostrar que nas décadas anteriores à chegada dos franciscanos em terras goianas, já existiam propostas e programas escolares orientados para a inovação pedagógica, inspirados em teóricos e experiências estrangeiras. Segundo, ao abordar aspectos da estrutura eclesiástica brasileira no século XX, busquei elementos para situar a liderança e o papel do arcebispo Dom Emanuel neste contexto. A partir destes referenciais, demonstro o empenho deste clérigo em combater os

inimigos da Igreja presentes em Goiás, empreendimento que o levou a fazer gestão pastoral junto à Província do Santíssimo Nome de Jesus nos Estados Unidos, em busca de missionários para assumirem Paróquias no seu prelado, devido a escassez de religiosos que pudessem operacionalizar a obra catequética e educativa em seus domínios. Paradoxalmente, este mesmo líder religioso, devido às frentes assumidas em prol da educação, é adjetivado por “o bispo da instrução”, embora tenha demonstrado notável habilidade na mediação política de diferentes situações, durante o seu prelado. Observa-se que, desde os esforços iniciais direcionados para a vinda de novas ordens religiosas a Goiás, o duplo projeto de catequese e educação se faz presente nas intenções e propostas apresentadas pelo arcebispo Dom Emanuel. Em seguida faço a articulação das diretrizes Catequese e educação no plano pastoral das ordens religiosas, dos interesses do clero goiano e situo o contexto e espaço das escolas paroquiais e as características regionais do sudeste goiano. Por fim, direciono as conclusões do capítulo refletindo sobre as possíveis leituras e aproximações entre Estado e Igreja, dialogado com os diferentes aspectos do contexto educacional e os distintos interesses de ambas as instituições.

No Capítulo III – **MISSIONÁRIOS, MISSÕES E CONTEXTOS – ORIGEM, PROJETO RELIGIOSO E CARISMA** –, apresento o histórico da existência da Ordem franciscana, situando-a desde sua origem até a atuação no contexto brasileiro do século XX, marcada por diferentes articulações e a definição do carisma missionário. Detemos nossas leituras nos vestígios que desenham a presença franciscana em Goiás e as relações da catequese e educação com o projeto missionário franciscano.

O Capítulo IV – versa sobre a **EDUCAÇÃO FRANCISCANA: VÁRIAS DIREÇÕES E UM MESMO PROPÓSITO** – a Catequese e a Educação que fundamentam o ideário da missão franciscana em Goiás são interpretadas por meio do diálogo com os documentos, as obras de referência e os vestígios encontrados. Ao demonstrar dados, realço as singularidades do objeto de estudo na forma como são mostrados e devidamente enraizado no seu contexto do sudeste goiano.

No Capítulo V – **A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO MISSIONÁRIO FRANCISCANO NA CATEQUESE E NA EDUCAÇÃO: O RESULTADO DOS VESTÍGIOS** – Ao concluir o estudo, recupero as questões e as possíveis sínteses em torno das concepções de Catequese e Educação presentes na obra franciscana, bem como os conflitos, preocupações e novas indagações formuladas neste percurso. As indicações

correspondem às possíveis respostas e interpretações, às dúvidas e lacunas no conhecimento que desafiam a realização de novos estudos.

Nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS** dedico um espaço para avaliar a experiência de fazer pesquisa, de formar-me pesquisadora e apontar as novas possibilidades e desafios de pesquisa que estão no porvir.

Nas **REFERÊNCIAS** – apresento Obras, Documentos, Fontes Empíricas e Depoimentos utilizados na fundamentação do estudo.

Nos – **ANEXOS** – relaciono as fontes empíricas localizadas e utilizadas na pesquisa.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS E CONTORNOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1.1 Os Fundamentos da Catequese e da Educação no Brasil

O que se compreende por Catequese e por Educação, quando se elege estas duas diretrizes para alicerçar os questionamentos e as análises que compõem a pesquisa?

No caso da Catequese, reconhecida as múltiplas dimensões que esta assume ao longo dos diferentes períodos da experiência de colonização portuguesa e seus desdobramentos nos séculos subseqüentes, tomo como ponto de partida, a conceituação da catequese como

[...] toda a ação pastoral litúrgico-devocional, o comportamento das pessoas e das instituições eclesiais. Trata-se, na verdade, da catequese tal qual se realizou efetivamente e não de uma catequese teórica, universal, uniformemente transmitida para todos os povos, indiferentemente (PAIVA, 2006, p. 13).

No tocante à Educação, tomamo-la como a instrução ministrada em espaços institucionalizados, nos quais se processava a iniciação do indivíduo na cultura letrada. “Casas de Bê-à-bá”, “Escola de Primeiras Letras”, “Educação Popular”, “Instrução Primária” “Ensino Elementar”, são algumas denominações constituídas historicamente na educação brasileira para designar o ato educativo referente aos estudos iniciais, às classes e séries responsáveis pela inserção do indivíduo no processo de escolarização formal, pela via da alfabetização. Freyre (1984) dá uma dimensão do que os portugueses aqui encontraram e o que precisaria modificar por meio da catequese e da educação na colônia:

Estava longe o culumim de ser o menino livre imaginado por J.J. Rousseau: criado sem medo nem superstições. Tanto quanto entre os civilizados, vamos encontrar entre os selvagens numerosas abusões em volta à criança: umas profiláticas, correspondendo a receios da parte dos pais de espíritos ou influências malignas; outras pedagógicas, visando orientar o menino no sentido do comportamento tradicional da tribo ou sujeitá-lo indiretamente à autoridade dos grandes (FREYRE, 1984, p. 128).

Conforme o exposto nesse excerto, o mundo encontrado pelos colonizadores era mais complexo do que se poderia imaginar e exigiria do europeu um esforço sistemático de doutrinação, interferência, imposição, “sujeição” e “conversão” do gentio. Destituí-los da cultura original, criar novos espaços de sociabilidade e convivência onde os índios seriam instruídos a adotar as novas referências de cultura e religiosidade. Entretanto, conforme

explica Paiva (2006) e Freyre (1984), os nativos não dispunham dos códigos de linguagem nem a dissimulação dos europeus para compreender e assimilar os interesses do colonizador. Alteraram o modo de vida e desestruturaram as raízes da cultura indígena, tornando-os descaracterizado nas suas práticas sociais e religiosas. Desse modo, tanto a catequese quanto a educação atuaram no sentido de moldar o que seria a nova cultura apregoada pelo estrangeiro e transformar os povos nativos em instrumentos a serviço dos interesses portugueses. Nessa dinâmica, as estratégias de apropriação de signos da cultura nativa foram amplamente utilizadas pelos jesuítas, principais responsáveis pela instrução e a doutrinação na colônia.

Os jesuítas conservaram danças indígenas de meninos, fazendo entrar nelas uma figura cômica de diabo, evidentemente com o fim de desprestigiar pelo ridículo o complexo Jurupari. [...] Desprestigiados o Jurupari, as máscaras e os maracás sagrados, estava destruído entre os índios um dos seus meios mais fortes de controle social: e vitorioso, até certo ponto, o Cristianismo (FREYRE, 1984, p. 129).

Não seria pretensioso, portanto, afirmar que no processo de colonização que deu origem à sociedade brasileira, tanto a catequese quanto a educação aqui implantadas adquiriram uma forma *sui generis*, caracterizadas desde o início pelo sincretismo de símbolos e rituais. Embora instruídas por modelos dogmáticos e metodológicos externos, herdados da cultura europeia, a catequese e a educação aqui vivenciadas também tiveram as marcas da invenção e da adaptação. Em suma, ambas se desenvolveram e se firmaram por meio de diferentes arranjos que permitissem atingir às finalidades colocadas pelo monarca português no intento de legitimar a posse da colônia. Desde os primeiros tempos essas duas variáveis foram moldadas segundo os auspícios do colonizador, ou seja, conforme o modelo cultural e religioso europeu, no caso, a metrópole portuguesa e a religião católica, sob a instrução do papa. Conforme aponta, Moura, “A crmandade, que se intenta preservar no século XVI, segundo Thomas Bruneau, definia que, onde quer que se encontrassem seres humanos, um administrador cristão deveria estar presente para a conversão dos autóctones” (MOURA, 2000, p. 19).

Na colônia, considerada a existência dos índios e a chegada dos exploradores de diversos lugares com os quais Portugal mantinha relações comerciais e políticas, pode-se visualizar que as possibilidades de miscigenação, da adoção de práticas sincréticas em ambos os campos já estariam favorecidas pelas próprias condições da colonização.

É, pois, na perspectiva de uma catequese e de uma educação modificadas desde o início pelas circunstâncias internas da nova terra e, ao mesmo tempo, ancoradas nos condicionantes econômicos, sociais, culturais e dos dogmas religiosos dos colonizadores, que

tecemos a interpretação dessas duas variáveis que constituem no eixo condutor das análises realizadas neste percurso de pesquisa.

1.1.1 A Catequese: os percursos e as práticas efetivadas



Foto 1.1.1 - Irmãs no campo missionário
Fonte: Arquivo “Album Centário”

Situo essa fundamentação começando pela distinção entre cristianismo e catolicismo no sentido de visualizar parte das características que a catequese assumiu nas práticas efetivadas historicamente e compreender a dimensão e a complexidade desta construção.

[...] É necessário estabelecermos cuidadosamente uma rigorosa distinção entre cristianismo e catolicismo, sem o que nada compreenderemos das evoluções históricas da religião cristã [...]. É que realmente o cristianismo existiu e pode existir fora do catolicismo. O cristianismo é, sobretudo, um sentimento: o catolicismo é, sobretudo, uma instituição. Um vive da fé e da inspiração: outro do dogma e da disciplina (HOORNAERT, 1974, p. 95-112).

A partir dessa distinção antecipo que no caso da colônia brasileira, embora o cristianismo tenha chegado pelas mãos do catolicismo, assumiu, porém, diferentes feições, seja pela ausência inicial de um quadro eclesiástico instituído, seja pela forma como os primeiros colonizadores se instalaram sem um projeto de nação neste lado do Atlântico. Assim, as primeiras práticas catequéticas seriam influenciadas tanto pelo sentimento e inspiração, quanto pela doutrina e a disciplina anunciadas por Hoornaert (1974), indicando, desde o início, uma catequese marcada por pontos de permanência e de distinção entre

cristianismo e catolicismo, este último entendido como a marca oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, representada pelo papa.

Concebida enquanto alicerce a partir do qual se derivou a dominação cultural e religiosa no Brasil, a catequese adquiriu, ao longo do processo de colonização portuguesa, diversas nuances, sem, contudo, perder o *status* de introdução à fé e ao culto religioso. Azzi (1999), ao discorrer sobre os primórdios da catequese no Brasil dentro do que denomina “arranjos do período colonial e imperial”, identifica a existência de quatro instâncias privilegiadas onde estas práticas foram constituídas e experimentadas, por força de distintos movimentos: *doméstica, comunitária, paroquial e missionária*. A caracterização destes quatro modelos de catequese é interessante porque nos permite compreender as raízes da cultura religiosa portuguesa que se implantou na colônia, conduzida por diferentes circunstâncias.

Ao ilustrar os traços da **catequese doméstica** o autor mostra que:

A catequese feita dentro do lar foi a forma mais comum de transmitir a fé. O catolicismo estava profundamente arraigado na nação portuguesa quando os conquistadores iniciaram a colonização da nova terra. Mediante os ensinamentos dos pais, e, sobretudo da mãe de família, a crença católica foi passando de geração para geração. Embora as verdades religiosas não fossem transmitidas de forma sistemática, podem ser destacados três eixos básicos: o poder divino na criação do mundo, a pequenez do homem e a necessidade da intercessão dos santos (AZZI, 1999, p. 16).

Os cânones que sustentaram esse modelo de catequese são explicados na relação do humano com o divino e a natureza, fundada na submissão e na dependência.

Em primeiro lugar, nesse processo elementar de educação da fé, sempre se apresentou como um dos itens fundamentais a noção de que o mundo surgiu como uma obra saída das mãos de Deus. [...] Na mentalidade popular fazia-se também um trânsito fácil da criação do mundo material para a organização social. Dentro dessa perspectiva a posição de cada membro na família era considerada como predestinação divina e, portanto, intocável, sendo expressão a própria ordenação do mundo estabelecida por Deus desde o princípio.

[...] Por outro lado, os obstáculos, as adversidades e as imperfeições da natureza eram atribuídos normalmente ao poder diabólico, considerado como fonte de todos os males do mundo. Daí a importância das preces e bênçãos destinadas a afastar essa influência do demônio e seus malefícios. – O demônio era sempre apresentado como o inimigo do gênero humano, esforçando-se para conduzi-lo pelo caminho da perdição. Essa sacralização da natureza e da sociedade fazia com que se considerasse o mundo como um grande teatro religioso onde se digladiavam as forças do bem e do mal, e sobre as quais o ser humano tinha pouca ou nenhuma capacidade de intervenção (AZZI, 1999, p. 16 - 17).

É possível inferir que na colônia essa catequese doméstica, em contato com os símbolos e costumes indígenas, mediante a ausência de templos religiosos e a escassez de representantes da igreja oficial como aliadas, levou ao cultivo de práticas simbólicas e à

adoção de costumes que deram origem ao que hoje conhecemos como “religiosidade popular”.

Adiante o autor amplia as características dessa catequese doméstica, reforçando que:

Essa catequese familiar não tinha um cunho doutrinal, nem era apresentada de forma sistematizada. Os ensinamentos eram transmitidos, geralmente, através de episódios da história sagrada, adaptados para transmitir valores morais, de fatos históricos ou lendários da vida dos santos, onde se evidenciava o seu poder de intercessão junto de Deus. Considerava-se a vida humana como uma corrente contínua de graças, cujos elos eram constituídos pelas intercessões e intervenções celestes. Em última análise, a vida humana era considerada efetivamente como um dom divino (AZZI, 1999, p. 18).

Os traços que considero ser os possíveis embriões de uma religiosidade popular, isto é, de práticas religiosas desgarradas do catolicismo oficial, embora orientadas por signos católicos, podem ser percebidos na descrição abaixo.

Nas dificuldades e momentos difíceis, faziam-se promessas. Através delas estabelecia-se uma ponte entre o céu e a terra, entre o poder divino e fraqueza humana. Assim sendo, o cumprimento das promessas feitas tornava-se uma dívida sagrada, a ser paga a qualquer custo, e cuja obrigação passava, por vezes, de pai para filho. Tratava-se de um compromisso de gratidão, pois o ser humano não tinha mérito algum a exigir de Deus essa intervenção na história. Em outras palavras, a fidelidade às promessas feitas constituía um elo fundamental para que não fossem rompidos os laços de amizade que Deus oferecia ao homem (AZZI, 1999, p. 18).

A submissão às leis da natureza e a dependência dos desígnios de Deus, colocava o homem na condição de refém de seu destino, à mercê da sorte e impotente diante de sua própria sobrevivência. Nessas circunstâncias, a colonização seria benéfica, pois, um ser superior (o monarca e os representantes católicos) assumiria a responsabilidade sobre as condições e a “sorte” do colonizado. Estariam colocados nesse modelo os princípios de catequese que atenderiam aos propósitos de dominação do colonizador, especialmente na possibilidade de subjugar os dominados, utilizando-se da imposição dos dogmas da fé, do modelo econômico de exploração e da cultura européia.

Convém antecipar, também, que esses cânones da relação homem-natureza mediados pelo poder divino, serviram para sustentar ao longo dos séculos seguintes, os argumentos da Igreja oficial, ao afirmar a sua onipresença na condução dos destinos da sociedade brasileira em diferentes épocas, inclusive após a instauração da República e da constituição de um Estado laico.

O segundo modelo, da **catequese comunitária** seria uma extensão do ambiente familiar ampliado para as cercanias mais próximas, nas quais se realizava a convivência social de pequenos agrupamentos, formados no início da colonização:

De modo análogo ao que ocorria em nível familiar, também as próprias comunidades estabelecidas nos povoados, nas vilas e cidades, tanto do litoral quando interior, tinham um cuidado especial com a transmissão da fé católica herdada dos antepassados. Essa educação na crença religiosa era feita muito mais através de símbolos, imagens e ritos do que mediante uma pregação doutrinal teórica e sistemática. Na realidade, a religião permeava todos os principais atos da vida social, fazendo com que entre essas antigas populações, a identidade nacional se expressasse, sobretudo através da unidade na fé (AZZI, 1999, p. 19).

A catequese comunitária se constituiria no processo de colonização um meio de legitimar as relações de parentescos, de compadrios, de estreitarem os laços de amizade e a convivência entre pequenos núcleos rurais e urbanos.

É importante, ainda, ressaltar que os principais agentes desse culto devocional eram os leigos integrantes da própria comunidade, especializados no exercício de determinadas funções: havia os rezadores, os cantadores, os benzedeiros e benzedoiras, os conselheiros, os ermitães (que cuidavam das ermidas ou capelas) e os irmãos da mesa (que organizavam e dirigiam as confrarias). Tais pessoas eram respeitadas no exercício de suas funções, sem que com isso tivessem que viver segregadas da vida da comunidade (AZZI, 1999, p. 22).

Merece destaque neste modelo o fato de conservar da catequese doméstica o caráter não oficial, isto é, uma catequese que também não era formalmente controlada pelo catolicismo oficial, representado pela presença física da Igreja Católica. Os próprios agentes locais se responsabilizavam pela organização e a difusão dessas práticas religiosas, o que leva-me a considerar também nestas circunstâncias o cultivo de traços originários da religiosidade popular brasileira. Se não havia o controle institucional e dogmático do catolicismo oficial, logo, o sincretismo de símbolos e rituais adquiridos dos indígenas poderia integrar essa dimensão comunitária da catequese.

Na catequese comunitária, a organização dos rituais pelos leigos serviria também para fortalecer lideranças, suscitar a representação de serviços por parte dos responsáveis pela manutenção do culto, levando, inclusive, à centralização do poder em algumas pessoas. Posteriormente, tanto a Igreja Católica quanto os signatários da Coroa Portuguesa seriam beneficiárias desta conjuntura, servindo-se dessas funções para definir representantes em localidades estratégicas, não apenas no âmbito do ofício religioso como também na assunção de cargos oficiais da burocracia colonial. Da liderança do culto local à representação dos interesses da coroa e mediação para a o catolicismo oficial, seria apenas um

passo para a formação de um líder igualmente “comunitário”, representante de distintos interesses públicos, dentro do empreendimento colonial.

Ao assumir uma dimensão oficial, a **catequese paroquial** legitima a presença física da Igreja, notadamente a partir da demarcação das capitâncias hereditárias e da territorialização das dioceses, paróquias e freguesias.

Dentro desse contexto, a função do pároco era dupla: manter a fé católica na vida da comunidade, e, ao mesmo tempo, fazer com que essa crença fosse também a expressão da fidelidade do povo ao seu monarca. A imagem mais generalizada do padre, nesse período, era a de um funcionário eclesiástico. O pároco era visto como uma pessoa diretamente vinculada ao serviço do estado lusitano, tendo a seu encargo a prestação dos serviços religiosos à população. Como religião oficial, exclusiva e obrigatória, o catolicismo consistia numa marca de identidade da população brasileira, como já foi acenado anteriormente. Por essa razão, os principais serviços religiosos tinham, simultaneamente, uma dimensão social. Os batismos, os matrimônios e os enterros realizados pelo vigário eram devidamente registrados nos livros paroquiais e constituíam verdadeiras certidões de nascimento, de casamento e de óbitos no estado lusitano (AZZI, 1999, p. 23).

Observa-se que neste modelo, assume a cena o controle formal da igreja enquanto instituição religiosa, representada por padres e bispos. Os diferentes modelos catequéticos estariam presentes e ainda seriam mantidas as bases informais da catequese ministrada em muitos lugares, visto que:

Não se pensava, naquela época, numa catequese formal, tal qual é entendida nos dias de hoje, por diversos aspectos conjugados: em primeiro lugar, pela predominância entre a população de uma cultura iletrada e não afeita aos discursos de argumentação; durante o período colonial, os livros eram raros, tendo que ser importados da metrópole, pois havia proibição para a existência de tipografias; muitos padres não tinham condições culturais nem econômicas para ter acesso a esse tipo de literatura doutrinal; acresce, ainda, a pouca influência da mentalidade tridentina durante esses primeiros séculos (AZZI, 1999, p. 24).

A improvisação e a adequação das práticas às circunstâncias do contexto da colônia, se faziam presentes, teriam um papel importante na transposição da cultura religiosa européia para o contexto da colônia. A persuasão dogmática encontrou nos símbolos e ritos praticados pelo gentio e colonos a mediação necessária para a imposição símbolos do catolicismo oficial.

Na realidade, a principal forma de transmissão da fé eram os ritos, pois, nesse período, os símbolos e as imagens tinham uma grande força de convencimento. Eram valorizados, principalmente, os três sacramentos que tinham uma dimensão social: o batismo, ligado ao nascimento das pessoas; o matrimônio, vinculado a união conjugal e a consequente reprodução humana e, por último, a extrema-unção. Nesse caso, incluíam-se todas as cerimônias relacionadas com a morte, como o velório, o enterro e a missa de sétimo dia. Todos esses atos religiosos envolviam a comunidade local e eram ocasião para a reunião de parentes e amigos, seja para celebrações festivas, seja para as comemorações fúnebres. Os paramentos do padre, os adornos do altar e da igreja, a música e o canto deviam ajudar os fiéis a se

sentirem dentro do clima alegre ou doloroso dessas celebrações. Em razão do caráter sagrado que perpassava a comunidade, essas manifestações incluíam, ao mesmo tempo, aspectos sagrados e profanos (AZZI, 1999, p. 24).

A presença física da Igreja, representada pelo ofício religioso de padres e irmãos de diferentes denominações religiosas, o serviço litúrgico e a convivência entre os povos, possibilitada pela edificação de capelas e igrejas, bem como a presença de sacerdotes em viagens e bandeiras pelo sertão, fortaleceu as bases do catolicismo oficial na colônia.

Práticas efetivadas no sentido de regularizar a situação dos colonos, por meio de registros e formalidades oficiais seriam realizadas na colônia pelos jesuítas após a segunda metade do século XVI. Esse resultaria em um passo significativo rumo à efetiva institucionalização da Igreja, por meio da documentação de atos religiosos e de efeito civil assumidos pelos inacionos. Observa-se que o caráter de oficialização da igreja pelas mãos jesuíticas adquiriu na colônia uma marca incontestável do plano colonizador português sustentado pela catequese e pela educação.

Ao caracterizar a **catequese missionária**, o autor assim se expressa:

No século XVI, a palavra usada pelos missionários era “conversão”. Este termo estava inserido dentro da teologia tridentina, segundo a qual os povos da América estavam desviados do reto caminho, ou seja, fora da rota da verdadeira fé. Era necessário, portanto, afastá-los da vida do mal e da perdição, a fim de convertê-los, isto é, trazê-los para a senda do bem e da verdade. Dessa forma, as populações indígenas não eram vistas apenas como carentes da fé, mas imbuídas de uma concepção de mundo que devia ser abandonada porque perniciosa, devendo ser substituída por uma nova interpretação da realidade oferecida pela fé católica (AZZI, 1999, p. 27).

A formalização e a instrução dogmática se fizeram presentes nesse modelo, porque:

Nesse esforço de catequese, foram redigidos os primeiros textos de catecismo pelos missionários, mas que, na realidade, não eram senão, resumos da teologia tridentina, uma elaboração teórica que, de forma alguma, poderia ser atingida pelos representantes de uma formação cultural tão diversa e tão distante. Um recurso um pouco mais acessível à cultura indígena foi à catequese ministrada através do teatro e de diálogos compostos pelo Padre Anchieta (AZZI, 1999, p. 30).

Posso sintetizar esse primeiro empreendimento da ação catequética que atravessou o período colonial, mas se prolongou durante o império, enquanto um processo marcado por aspectos de improvisação, invenção e pelo cultivo de práticas religiosas sincréticas. São distintas nos modelos, mas não excludentes, porque ao serem introduzidos novos parâmetros de regulação da fé católica, os traços da catequese antes praticada foram mantidos ao longo dos séculos, o que deu origem ao que diversos estudos denominam como “catolicismo luso-brasileiro” ou simplesmente de “religiosidade popular”.

A formalização do catecismo e a constituição de um plano catequético para colonos e gentios, representativo do empreendimento lusitano na colônia e no império não seria possível sem a ação eficiente dos jesuítas que aportaram no Brasil a partir de 1549. Os registros e anotações que deram origem ao primeiro catecismo e ao plano de instrução praticado pelos jesuítas, a experimentação de práticas sincréticas adaptadas ao contexto colonial tiveram a inteligência e a sagacidade de Anchieta na sua elaboração.

Este contexto é minuciosamente estudado por Ferreira Junior (2004), Bittar (2006), Ferreira Junior (2007)¹¹ que, por meio do uso de fontes empíricas revelam as distinções dos missionários jesuítas no empreendimento catequético brasileiro.

A simbiose entre o brasão da coroa portuguesa e a cruz do catolicismo romano vincou profundamente a gênese do Brasil colonial. O marco orgânico do padroado português no Brasil foi a chegada da primeira leva de padres da Companhia de Jesus, Manuel da Nóbrega e os seus cinco companheiros, na esquadra do primeiro governador-geral Tomé de Sousa (1549). A missão evangelizadora perpetrada pelos padres inacianos, no bojo da empresa comercial lusitana, ocupava um papel de destaque (BITTAR, 2006, p. 5)¹².

Sob a ótica da pluralidade lingüística, da aculturação, da catequese e da colonização, o teatro de Anchieta, as Casas de Bê-à-bá (e mais tarde os colégios e reduções) da Companhia de Jesus, foram eficientes nessa dinâmica de apropriação de mitos indígenas transfigurados em figuras cristãs para efeito da persuasão dogmática religiosa. Segundo estes autores, a mesma eficiência foi observada em relação ao domínio das línguas Tupi, Português e outros dialetos indígenas, resultando no *nhengatu*, utilizado na comunicação com o gentio e, por conseguinte, na aculturação religiosa e educativa.

No âmbito da história da educação católica também encontrei estudos que abordam as contribuições da presença jesuítica na colônia.

A contribuição dos jesuítas à educação no Brasil por meio da “instrução” dos índios teve uma considerável expansão e assumiu novas perspectivas com a iniciativa da fundação de aldeias. Como relata Serafim Leite, o aldeamento dos índios obedeceu a um pensamento de catequese: facilitar e garantir o bom êxito dela, “tudo bem estabelecido para fixar caçadores e pescadores andarilhos”. Se os padres se contentassem apenas em percorrer as aldeias indígenas, além dos possíveis riscos, tirariam precário fruto, pois os que ensinavam num mês, por falta de exercício e de exemplo, escoaria em outro. Quantas vezes, com o normadismo intermitente dos índios, ao voltarem os padres a uma povoação que pouco antes deixaram animada, em vez dela achavam cinzas (MOURA, 2000, p.34)

¹¹ Os autores referidos têm se dedicado a um projeto de pesquisa “Educação, História e Cultura: Brasil (1549-1759)” na UFSCar, resultando neste momento, em interessantes produções científicas sobre esse período.

¹² Congresso da CBHE, realizado em Natal, 2002, texto apresentado e publicado em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema6/0607.pdf>

Pelos diferentes autores referenciados, concordo que o conjunto de ações empreendidas pelos jesuítas tanto no plano catequético quanto no plano educativo, por meio da aculturação de práticas religiosas, rituais e linguagens, obteve os resultados almejados no projeto de colonização portuguesa na colônia. O empreendimento da colonização portuguesa no Brasil logrou êxito com a contribuição da Igreja Católica, por meio de seus representantes oriundos de várias ordens religiosas que aqui chegaram e fundaram as bases da evangelização da nova terra.

Freyre (1984), na célebre obra *Casa Grande & Senzala* dá uma dimensão do processo colonizador do Brasil, com ênfase na catequese. Para esse autor, os contornos da civilização e da cultura brasileiras não podem prescindir de sua origem fortemente identificada pelo cristianismo difundido pela igreja católica e pelas características das diferentes ordens religiosas que aqui aportaram desde a chegada da primeira nau portuguesa nestas terras.

O processo civilizador dos jesuítas consistiu principalmente nesta inversão: no filho educar o pai; no menino servir de exemplo ao homem; na criança trazer ao caminho do Senhor e dos europeus a gente grande.

O culumim tornou-se o cúmplice do invasor na obra de tirar à cultura nativa osso por osso, para melhor assimilação da parte mole aos padrões de moral católica e de vida européia; tornou-se o inimigo dos pais, dos pajés, dos maracás sagrados, das sociedades secretas. Do pouco que havia de duro e de viril naquela cultura e capaz de resistir, ainda que fracamente, à compreensão européia. Longe dos padres quererem a destruição da raça indígena: queriam era vê-la aos pés do Senhor, domesticada para Jesus (FREYRE, 1984, p. 147)

Contudo, conforme já antecipei outrora, o colonizador também se submete a um processo de moldagem e de adequação de métodos e estratégias para que se cumpra o objetivo maior da colonização, qual seja, a conformação dos nativos, dos mestiços e colonos ao projeto mercantil português e ao plano de expansão do cristianismo católico. E mais, a presença dos cristãos novos e dos africanos, juntamente com os indígenas e homens livres permitiriam a composição de novas formas de expressão cultural, que incidem nesta moldagem do contexto:

A poesia e a música brasileiras surgiram desse conluio de culumins e padres. Quando mais tarde apareceu a modinha, foi guardando ainda certa gravidade de latim de igreja, uma doçura piedosa e sentimental de sacristia e açucarar-lhe o erotismo, um misticismo de colégio de padre a dissimular-lhe a lascívia já mais africana do que ameríndia. Verificara-se, porém, desde o primeiro século a contemporização hábil do estilo religioso ou católico de ladainha com as formas de canto indígena (FREYRE, 1984, p. 151-152)

Em síntese é possível destacar que, com a expulsão dos Jesuítas do Brasil em 1759, a catequese conservou o seu caráter institucional, regulado pelos bispos de diferentes

dioceses já oficializadas do ponto de vista territorial, controlada pelos padres seculares e pelas várias ordens religiosas que aqui se responsabilizaram pela difusão da fé católica.

O argumento da miscigenação de raças, da imposição dogmática católica e da mistura de diversas concepções se fizeram presentes e perpassaram os demais séculos de domínio português, de modo que, ao adentrar a República, dificilmente seria possível realizar uma assepsia de idéias e práticas, refinando-as apenas na direção do estado laico, desconsiderando a força e o poder da Igreja aqui instituída na formação da cultura brasileira, conforme afirma o próprio Freyre (1984).

A orientação tridentina se manteve e os prelados, instruídos por diversas bulas papais, elaboraram catecismos e manuais para a instrução religiosa de seus fiéis ao longo do período imperial. Ao lado do controle dogmático, a igreja contou com o incremento financeiro favorecido pelo regime de padroado no qual era assegurado, pelo governo imperial, o repasse de recursos públicos para o provimento das obras eclesiásticas a cada prelado no Brasil.

No que diz respeito à presença franciscana na catequese brasileira, Moura destaca que esse trânsito já ocorria desde os primeiros tempos:

Os Frades Menores, subdivisão da ordem dos franciscanos, fundada em 1208 por São Francisco de Assis, estavam em Portugal desde 1217 e, antes de chegarem ao Brasil, já haviam levado a palavra de Deus à África e à China. Os primeiros franciscanos a chegar ao Brasil pensaram em prolongar sua estada em Porto Seguro para catequizar os índios, mas Cabral lembrou-lhes da ordem régia de seguirem para as Índias (MOURA, 2000, p. 20).

O espírito missionário franciscano já ecoava em outras colônias. A vinda para as terras de Santa Cruz seria uma questão de tempo e de estratégia, uma vez que a ordem também era colaboradora do plano de expansão ultramarino de Portugal.

No que concerne à ação da Igreja, consta a vinda de uma segunda leva de franciscanos, composta de apenas dois religiosos, com a tarefa de catequizar os índios na Baía de Cabralia, presumivelmente em 1516. Em Porto Seguro, edificaram a primeira igreja brasileira, consagrada, a que tudo indica, a São Francisco de Assis, e levaram dois anos preparando os índios na doutrina cristã. Calcula-se que em 1518 tenham sido massacrados pelos índios tupiniquins que, em seguida, dizimaram a colônia portuguesa instalada em Porto Seguro. Cerca de vinte a trinta sobreviventes tiveram de aguardar, segundo Willeke, a chegada dos jesuítas, trinta e um anos depois, para relatar os bárbaros acontecimentos (MOURA, 2000, p. 21).

A necessidade de religiosos na colônia foi demarcando o envio gradativo de frades ao longo das primeiras décadas do século XVI. Na medida em que se formava uma nova expedição, é notória a presença da ordem inserida no plano de colonização.

Em 1530, outros dois franciscanos chegam ao Brasil acompanhando a expedição de Martim Afonso de Souza à capitania de São Vicente. Em 1534, os frades que seguem para as Índias aportam em Salvador devido a tempestades, e, assim, assistem ao casamento das duas filhas de Diogo Álvares Correia, o Caramuru (MOURA, 2000, p.21).

Ao considerar os dados compilados por Moura (2000) em diferentes fontes da Igreja, visualizei o empenho missionário franciscano a acompanhar o empreendimento português no período que antecede à chegada dos jesuítas na colônia.

Ainda em relação à época anterior a 1549, vale destacar, no que diz respeito à atuação da Igreja no Brasil, o trabalho missionário realizado pelos franciscanos Frei Bernardo de Armanta e Frei Alonso Lebron, que, a partir de 1537, começaram a catequizar cerca de 20 mil índios carijós em Mojaçá (atual Laguna), Santa Catarina, após um naufrágio da expedição de Alvar Cabrera no Rio Prata. Na região, os franciscanos construíram dois internatos destinados à instrução e formação cristã. Embora esta atuação dos franciscanos esteja mais ligada ao processo de colonização espanhola, é importante ressaltar seu significado para a história da Igreja católica no Brasil (MOURA, 2000, p.22).

Ainda no que se refere à presença franciscana, o mesmo autor indica que,

Com relação aos franciscanos, Pedro Calmon cita Frei Vicente do Salvador: Também neste ano e era do Senhor de 1587, vieram ao Brasil fundar conventos religiosos da nossa província de Santo Antônio [...]. Por vierem à instância de Jorge de Albuquerque, senhor de Pernambuco, fizeram lá o primeiro convento (MOURA, 2000, p. 38).

Ao final do século XVI, já existiam na colônia várias ordens religiosas, muitas delas favorecidas pela demarcação das capitanias, juntamente com a territorialização de dioceses.

[...] em 1587 já estavam estabelecidas no Brasil, além dos jesuítas, três grandes ordens religiosas: os franciscanos, os beneditinos e os carmelitas. Já havia uma diocese no Brasil, a de Salvador, e uma prelazia, a do Rio de Janeiro. Segundo narra minuciosamente o Cônego Florêncio da Silveira Camargo, havia paróquias em São Vicente (1535), Olinda, Santos (1549), na capitania de Santo Amaro (1550), Bahia (1549), Porto Seguro (1543), Ilhéus (1545), na capitania da Paraíba do Sul (1545), e Itamaracá (1549), apesar de em 1540 contar com uns trinta cristãos (MOURA, 2000, p.39).

Por estas referências históricas é possível perceber que os franciscanos teriam sido os primeiros representantes de ordens religiosas a percorrerem o litoral da colônia, no empenho de catequizar os índios, instalando os marcos da fé católica por meio de instituições destinadas à catequese e à educação. O recurso utilizado pelos jesuítas de retirarem os índios do seu habitat (a floresta e as aldeias) e organizarem um espaço próprio onde os catequizados pudessem conviver segundo os moldes da nova cultura é descrito por Freyre nos seguintes termos:

A posse do culumim significava a conservação tanto quanto possível, da raça indígena sem a preservação de sua cultura. Quisera, entretanto, os jesuítas ir além e num ambiente de estufa – o dos colégios do século XVI ou das missões guaranis – fazer dos indígenas figuras postiças, desligadas não já das tradições morais da cultura nativa mas do próprio meio colonial e das realidades e possibilidades sociais e econômicas desse meio. Foi onde o esforço educativo e civilizador dos jesuítas artificializou-se, não resistindo mais tarde ao sistema de organização dos índios em “aldeias” ou “missões” aos golpes da violenta política antijesuítica do Marquês de Pombal (FREYRE, 1984, p. 148)

Uma vez atingido o objetivo principal da colonização, atendidas as premissas de conformação dos nativos ao empreendimento colonial português, outros interesses entraram em disputa e o campo do conflito não ficou circunscritos aos jesuítas x colonos. Influenciada pela política externa de Portugal com a Espanha e a Inglaterra, tendo santo pontífice como mediador, a coroa portuguesa, decidiu pela expulsão da ordem jesuíta do Brasil e dos demais domínios portugueses. Tal decisão, habilmente conduzida pelo primeiro ministro, Marquês de Pombal, teve por finalidade amainar os conflitos e atender aos interesses dos países com os quais Portugal não pretendia se indispor e, diplomaticamente, desejava estabelecer negócios e recuperar divisas comerciais.

Ao longo dos quase quatrocentos anos que o Brasil esteve na condição de colônia e depois império (séculos XVI, XVII, XVIII e XIX) de Portugal, a sistematização doutrinária e dogmática da Igreja esteve assegurada por diversas versões do catecismo cristão, traduzidas para a língua portuguesa e algumas línguas nativas, como o tupi e guarani. Apoiada nas instruções catequéticas e reforçadas por símbolos e imagens sacras, a difusão católica se tornou possível, juntamente com a solidez material de patrimonial que a Igreja adquiriu nos diferentes pontos da nação brasileira, por meio de propriedades, dioceses, prelazias e paróquias. Toda a expansão quantitativa e qualitativa foi possibilitada pela tutela do estado português, desde a colônia, com a instituição da redízima e, posteriormente, pela lei do padroado.

O padroado constituía uma base legal para o Estado ingerir-se em assuntos eu concerniam à Igreja. “Padroado é a outorga, pela Igreja de Roma, de certo grau de controle sobre uma Igreja local, ou nacional, a um administrador civil, em apreço por seu zelo, dedicação esforços para difundir a religião, e como estímulo para futuras “boas obras”. Thomas Bruneau transcreve detalhes da série de bulas papais editadas por quatro papas, entre 1455 e 1515, pelas quais foram conferidos a reis de Portugal os poderes que podiam ser executados no caso do Brasil. Com muita razão comenta ele que embora fosse fácil resumir essa série de bulas, julga útil citá-las com mais detalhes, “para mostrar o processo das concessões como para dar o sabor da época e o fundamento lógico do padroado” (MOURA, 2000, p.57).

Bruneau, conceitua o padroado como:

[...] a outorga, pela Igreja de Roma, de um certo grau de controles sobre a Igreja local ou nacional, a um administrador civil, em apreço de seu zelo, dedicação e esforços para difundir a religião e como estímulo para futuras “boas obras”. De certo modo o espírito do Padroado pode ser assim resumido: aquilo que é construído pelo administrador pode ser controlado por ele. O sistema de Padroado no Brasil foi constituído por uma série de Bulas Papais por quatro Papas entre 1455 e 1515 (BRUNEAU, 1974, p. 31-32).

A projeção e a autoridade da Igreja na conformação da sociedade colonial e imperial mereceria um estudo à parte, especialmente no que diz respeito à influência e à intervenção de seus representantes nas instâncias políticas e comerciais do empreendimento colonizador português. Vale, porém, destacar da interpretação de Paiva a prevalência dos interesses mercantis portugueses sobre os religiosos, em síntese, que no imperativo das relações mercantilistas ocorreu a afirmação Igreja católica, por meio da imposição dos dogmas religiosos, logrando êxito tanto a coroa portuguesa quanto o papa nos negócios e povoamentos d’além mar.

O advento da República, especialmente nas primeiras décadas do século XX, fez com que a catequese assumisse um papel cada vez mais dogmático e disciplinar, tendo em vista a rearticulação da Igreja Católica na sociedade brasileira. Com o fim do padroado, as dioceses já fundadas mantiveram benefícios para a sua manutenção enquanto que as novas dioceses criadas nas décadas posteriores não teriam mais o mesmo provimento financeiro. Com isso, ao alinhar a ação pastoral ao processo de romanização os novos prelados tiveram de adequarem também as formas de assegurar a captação de subsídios financeiros necessários para a sobrevivência dos domínios diocesanos.

Na impossibilidade de contarem com a remuneração pública a que faziam jus na vigência do regime de padroado (à qual continuavam tendo direito aqueles bispos e padres nomeados antes da instalação do regime republicano), os novos prelados se viram premidos pela necessidade imperiosa de regularizar as fontes de renda nas dioceses recém-criadas para que eles mesmos pudessem ostentar um padrão de vida condigno, seja com seu elevado **status** na hierarquia eclesiástica e política, seja com as expectativas romanizadas de exercício de autoridade a que se sentiam compelidos em seguida ao prolongado estágio fora do país e às sucessivas visitas que faziam ao exterior (MICELI, 1988, p. 139).

O fim do padroado não representou apenas o corte nos recursos públicos que mantinham as dioceses e prelazias, a organização pastoral da Igreja adotou novos contornos.

[...] Em 1904, na 2ª Conferência realizada em Aparecida foi anunciada a publicação do texto único do catecismo e oficializado seu uso em todo o país. Na ocasião foram redigidos três manuais: *O catecismo resumido da doutrina cristã*, *O primeiro e o segundo catecismo da doutrina cristã*. Um ano depois estava aprovado e redigido *O terceiro catecismo da doutrina cristã*. Com esse último texto concretizava-se o projeto do episcopado, em elaborar um texto oficial para todo o país. Posteriormente os catecismos oficiais reduzem-se a três manuais, correspondentes a três níveis diferentes. *O catecismo resumido da doutrina cristã* é incorporado ao *Segundo*

catecismo. De acordo com o documento de aprovação dos três catecismos e a carta pastoral de 1905, os bispos denominam os dois primeiros manuais de *Catecismos Menores* e o último de *Catecismo Maior* (PASSOS, 1999, p. 44) [Grifos do autor].

No plano catequético as mudanças foram direcionadas no sentido da sistematização da doutrina na forma de catecismos e manuais, esclarecendo que estes, embora presentes na instrução catequética da Igreja desde os primeiros tempos, adquire no século XX a importância da formalização e do nivelamento das práticas adotadas pelo corpo eclesiástico brasileiro.

Em 1915 é escrita uma outra pastoral coletiva, verdadeira constituição eclesiástica para a Igreja no Brasil. Esse documento chama a atenção para o ensino da doutrina cristã e a importância do catecismo paroquial. A leitura do texto revela-nos que a grande linha de orientação do episcopado se dirige para o atendimento pastoral dos párocos, o conhecimento da religião católica, o planejamento do catecismo paroquial e a educação católica. Em torno desses elementos há uma rede de articulações entre os termos *educar, ensinar, conhecer, explicar a doutrina cristã*. Essa pastoral elabora o Regulamento geral para o ensino do catecismo. Guardadas as devidas proporções, tal documento representa um avanço para a pedagogia catequética (PASSOS, 1999, p. 39) [Grifos do autor].

A posição dos prelados diante desta sistematização, as linhas de atuação pastoral eram instruídas às paróquias brasileiras, através das Cartas Pastorais dos bispos que assumiram a vanguarda destas propostas dentro da hierarquia eclesiástica da Igreja no Brasil.

Em 1916 surge outro documento importante – a *Carta pastoral de Dom Leme* – que analisava a situação do catolicismo no Brasil e constatava a ignorância religiosa como sério problema. Em vista disso apresentava como solução para combater esse mal entre os católicos o conhecimento da doutrina católica. Dessa forma contribuiria, ainda, para extirpar o fanatismo e as superstições que estavam generalizadas no catolicismo. Nesse documento o prelado afirmava a importância da instrução religiosa para a classe trabalhadora, a imprensa, a família, as escolas e a ação católica. Ele também trazia uma novidade em relação ao ensino da doutrina, pois se tratava de uma cruzada nos diversos movimentos católicos (PASSOS, 1999, p. 41) [Grifo do autor].

Todos os cuidados na divulgação e no controle da doutrina católica tiveram uma motivação de origem no próprio catolicismo brasileiro: superar o imprevisto e a adaptação dos dogmas às práticas religiosas vivenciadas no plano local e regional, embora tal empreendimento não fosse atingido de imediato, pois:

Na verdade, havia uma grande distância entre a prescrição de um texto unificado e sua prática concreta nas paróquias. Vários fatores inviabilizavam essa norma [...]. Temos que considerar, ainda, a dificuldade em controlar esse uso num país com dimensões continentais. Além do mais, os próprios bispos autorizavam outros textos catequéticos em suas dioceses. A publicação de manuais paralelos não gerava contradições com os catecismos oficiais. Antes, convergiam no horizonte de reforma e restauração católica no Brasil. Muitas congregações religiosas foram traduzindo para o português os textos catequéticos usados em seu país de origem (PASSOS, 1999, p. 45)

Diferentes processos dificultaram, conforme o exposto acima, a universalização da doutrina católica orientada por um único catecismo ou manual. Diversos prelados intensificaram o trabalho de difusão da fé junto às prelaças, paróquias e ordens religiosas de sua jurisdição, no sentido de garantir o alinhamento pastoral ao projeto de romanização da Igreja no Brasil.

A catequese procurava, sobretudo sua organização estrutural e seu significado tendia ao ensino-aprendizagem dos conteúdos doutrinários, como forma de reforçar a coesão e propiciar um embasamento teórico nos católicos. Esse caminho era um fator importante para a defesa das posições da Igreja, principalmente pela vulnerabilidade naquela situação. Com menor relevo tratava-se de um projeto catequético endereçado à educação e à formação das pessoas, não apenas em nível intelectual ou em nível da verdade religiosa presa em si mesma, mas também no âmbito afetivo e operativo, frente aos problemas da família, da escola e da sociedade. Com a obra do catecismo unificado os bispos forneciam uma solução parcial para esse empreendimento (PASSOS, 1999, p. 51).

Além de ampliar a sua presença nos mais longínquos territórios brasileiros, estas estratégias serviram, também, para garantir que os novos prelados, instituídos no período republicano, pudessem assegurar os recursos financeiros para o incremento das obras eclesiais no domínio de cada diocese ou prelaça. Como parte destes ajustes na doutrinação religiosa, ocorreu um esforço direcionado para o controle de práticas populares que se distinguiam do formato dogmático preconizado.

[...] os prelados da República Velha não mediram esforços para coibir desmandos das irmandades, buscando enquadrá-las em um regime idêntico de submissão à autoridade episcopal a que se sujeitavam as ordens terceiras e associações pias fundadas pela Igreja no contexto da política de “romanização”. Nestas condições, o empenho em canalizar as rendas auferidas por essas confrarias por conta da exploração econômica de importantes santuários se inscrevia num quadro amplo de preocupações quanto ao disciplinamento das principais festas religiosas, sobretudo aquelas dos santos padroeiros (MICELI, 1988, p. 130).

Do ponto de vista estrutural, conforme aponta o mesmo autor, o que houve foi um processo de descentralização do território eclesial, com a criação de novas prelaças e dioceses, muitas, inclusive, dirigidas por representantes de ordens estrangeiras, convidadas pelos bispos a assumirem o campo missionário no Brasil.

Através de pastorais, circulares, apelos, verifica-se ampla unanimidade entre os prelados do período quanto à urgência de severa regulamentação das festas religiosas. [...] No entender dos bispos, tais festas haviam sofrido um completo desvirtuamento, tendo-se tornado eventos “secularizados”, “paganizados”, oportunidades de lazer “desbragado”, em que os focos de interesse externo haviam suplantado os atos religiosos no interior das Igrejas. E mesmo as procissões haviam se convertido em espetáculos coloridos e pirotécnicos que pouco tinham a ver com suas finalidades originais (MICELI, 1988, p. 130-131).

Dentre as estratégias adotadas pelos prelados brasileiros no processo de romanização da Igreja constam as visitas pastorais dos bispos aos mais distantes pontos das prelazias, dioceses e arquidioceses. O pastor orienta e acompanha os passos do seu rebanho e repassa instruções aos seus subordinados (os padres):

A despeito de uma extensão territorial considerável de uma parcela significativa das dioceses brasileiras e das dificuldades de locomoção e transporte, os prelados assumiram como ponto de honra a realização de penosas visitas pastorais que frequentemente duravam meses atingindo regiões longínquas da sede episcopal. A programação dessas visitas obedecia a uma dupla intenção. De um lado, era a oportunidade de enquadrar padres e vigários rebeldes aos parâmetros da nova ordem eclesial em matéria de costumes, de participação política, de cumprimento de suas obrigações litúrgicas, [...]. De outro lado, tais visitas eram operações explícitas de arrecadação. Quer através da administração dos sacramentos e da regularização de uniões maritais, quer através da coleta de recursos e donativos junto às classes proprietárias, os relatos posteriores dessas missões pelo interior dos estados, do próprio punho dos prelados e seus ajudantes, procediam a uma contabilidade rigorosa dos indicadores de produtividade capazes de atestar os dividendos materiais e espirituais. (MICELI, 1988, p. 136-137).

Concordo com a leitura de Miceli (1988), segundo a qual, a igreja buscou revigorar seu *status* no âmbito das próprias dioceses. Não só no empenho de reestruturar a atuação pastoral, mas, sobretudo, no sentido de auto-gestão financeira, os bispados, por meio de *Cartas Pastorais*, redefiniram as instâncias de poder e de domínio religioso e educacional nas dioceses, comumente circunscritas aos diversos estados da federação ou dentro de uma mesma delimitação geográfica.

Conforme as circunstâncias políticas do estado, quer dizer, em função das demandas dos grupos dirigentes para ampliação da rede escolar, das disponibilidades dos recursos públicos e privados, e das facilidades para subsidiar a vinda de religiosos estrangeiros, outra prioridade de peso consistiu na abertura de escolas e colégios diocesanos (femininos e masculinos). Afora o fato de favorecerem a reaproximação ou mesmo a colaboração mais estreita das elites locais, o funcionamento desses estabelecimentos de ensino proporcionava uma fonte segura de renda para a manutenção do pessoal e das obras diocesanas. (MICELI, 1988, p. 145).

Reservadas as devidas distinções, proporcionadas principalmente pelas condições estruturais e econômicas onde as dioceses e prelazias se expandiram por meio das paróquias constituídas durante as primeiras décadas do século XX. Nesse contexto, também expandiu o seu campo de atuação na educação, representado pelas inúmeras instituições escolares de diferentes níveis mantidas pela igreja, com projeção e reconhecimento das camadas sociais usuárias da educação católica. Posso concluir que, em linhas gerais, a função catequética e missionária da igreja sempre se desenvolveu no sentido de fortalecer o carisma

da evangelização e de afirmar o seu poder institucional, demarcando um lugar de importância e de destaque na sociedade brasileira.

1.1.2 A Educação: contornos e caminhos

A educação, tomada na configuração institucionalizada, também contou com a chancela da filosofia católica desde o início, situação que se prolongou durante a colonização, perpassou todo o período imperial e adquiriu novos contornos a partir da instalação do Estado Republicano. Desse modo evidencio que, catequese e educação sempre estiveram no eixo do plano da colonização portuguesa e nos desdobramentos que resultaram na formação da sociedade brasileira.



Foto 1.1.2 – Trabalho educativo e missionário
Fonte: Arquivo Album Centenário

A exemplo da catequese, também a educação se expandiu por meio das ordens e da estrutura material da Igreja Católica, visto que não havia da parte do colonizador nenhum projeto de nação e de civilização para a colônia. Nestas lacunas, a atuação da Igreja no campo educacional se estruturou sem concorrência, ora cumprindo a instrução necessária para a catequese do gentio, de mestiços e colonos, ora estabelecendo colégios destinados à formação dos filhos da elite rural que aqui se instalou dentro do projeto colonizador.

De fato, as relações entre a Igreja e o Estado português até o fim dos tempos coloniais, e com o Estado brasileiro até o final do império, caracterizavam-se por uma união estrutural, expressa no artigo 5º da Constituição de 1824, que prescrevia: “A religião católica, apostólica romana continuará a ser a religião do Império”. “O elemento essencial da elaboração do modelo da Igreja Portuguesa no Brasil foi o amplo sistema de concessões do padroado feitas à Coroa pelo papado, para sustentar o movimento que começa como uma cruzada contra os turcos e continua como missão em favor das almas do Novo Mundo (MOURA, 2000, p. 57).

Vê-se que a presença física e formal da Igreja na colônia e no império tivera o respaldo da coroa portuguesa e, portanto, dispôs de liberdade e recursos para ampliar o seu campo de atuação, principalmente no plano educacional. Convém realçar que, embora houvesse diversas ordens religiosas atuando em diferentes prelazias e dioceses, os jesuítas foram os responsáveis pela maior e mais prodigiosa obra educativa tanto nas dimensões quantitativas (justificadas pelo número de Colégios instalados nas províncias), quanto nas dimensões qualitativas, estas comprovadas pelo nível de excelência da formação oferecida nos Colégios.

As ordens religiosas, embora alinhadas às instruções de Roma, não seguiam propriamente as mesmas estratégias de contato e de atuação na colônia, cuja origem estava nas raízes da formação dogmática de cada ordem, conforme explica Freyre:

Para São Francisco dois grandes males afligiam o mundo cristão do seu tempo: a arrogância dos ricos e a arrogância dos eruditos. Diz-se que informado de haver certo doutor parisiense, dos finos, dos sutis, entrado como frade num convento franciscano teria dito: “Estes doutores, meus filhos, serão a destruição da minha vinha.” Os jesuítas tornaram-se precisamente os doutores da Igreja; os seus mais agudos intelectuais. Os seus grandes homens de ciências. Tornaram-se notáveis pelas suas gramáticas, pelos compêndios de retórica, pelos seus relógios, mapas e globos geográficos (FREYRE, 1984, p. 144)

Observa-se que não se tratava simplesmente de uma disputa do campo religioso e catequético entre as ordens. Embora o conteúdo siga as mesmas premissas dogmáticas, a forma como cada ordem se organizava internamente para cumprir o seu ofício foi distintiva. Resultou em um traço significativo de como os jesuítas e os franciscanos direcionaram suas estratégias no campo catequético e no campo educacional.

O mesmo autor acrescenta uma outra referência sobre o *modus operandi* dos franciscanos no Brasil, estabelecendo um paralelo com a atuação dos jesuítas, cujas preocupações e prioridades são colocadas de forma distinta.

Os franciscanos preocuparam-se acima de tudo em fazer dos índios artífices e técnicos, evitando sobrecarregá-los. [...] Acrescenta Frei Engelhardt sobre o método franciscano de cristianizar os índios: “*we do not find that Christ directed His*

Apostles to teach reading, writing and arithmetic”. Ironia que vai, evidentemente, cravar-se nas iniciais S. J. E rebatendo a acusação de que os franciscanos só teriam preocupado nas suas missões em formar aprendizes ou técnicos: “*they gave the Indians the education wich was adapted to their present needs and probable future condition in society.*” Enquanto que os primeiros jesuítas no Brasil quase que se envergonham, através de suas crônicas, do fato de lhes ter sido necessário exercer ofícios mecânicos. Seu gosto teria sido se dedicarem por completo a formar letrados e bacheirinhos dos índios. Pelo que escreve o Padre Simão de Vasconcelos na sua *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil e do que Obraram seus filhos nesta parte do Brasil* vê-se que os padres da Companhia aqui chegaram sem nenhum propósito de desenvolver entre os caboclos atividades técnicas ou artísticas; e sim as literárias e as acadêmicas. Tiveram de improvisar-se em artífices; de franciscanizar-se (FREYRE, 1984, p. 145) [Grifos do Autor].

Verifica-se que, embora atuando no contexto da colônia, o foco da ação educativa de ambas as ordens era distinto. Isso permite concluir que cada uma seguiu, a seu modo, caminhos também distintos para a evangelização e a educação na colônia. Enquanto da presença jesuítica ficaram inúmeros registros, relatos, cartas, enfim, uma abundância de documentos, em relação aos franciscanos são raras as referências a respeito de seu papel, da sua contribuição material e institucional no empreendimento português dos primeiros séculos¹³.

Durante o chamado período pombalino, uma situação que se tornou comum no Brasil, em virtude da saída dos jesuítas, foi a de várias ordens religiosas que aqui permaneceram se ocuparem da formação dos quadros da escola secundária e de professores que, em potencial atuariam na burocracia das escolas, sob a instrução de inúmeros padres-mestres.

Assim sendo, Moura explica que:

[...] nos seminários e casas de estudo próprios de ordens religiosas eram admitidos alunos leigos que não tinham vocação sacerdotal ou religiosa, mas queriam apenas estudar.

[...] Os franciscanos relembram, quanto a esse tópico, que no escolasticado que existia no Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro para a formação de membros da ordem, formaram-se muitos professores das escolas brasileiras (MOURA, 2000, p. 66).

Com a saída dos jesuítas, devido ao reordenamento institucional e curricular proposto pelo Alvará Régio de Pombal e a efetiva estruturação das novas escolas, sob nova instrução pedagógica, entre prejuízos e avanços, criou-se um vácuo no plano educacional:

Entre a expulsão dos jesuítas em 1759 e a decretação do subsídio literário em 1772, 13 anos de absoluta inação no campo da instrução. O pouco caso das autoridades públicas com a educação colonial atendia a um atávico controle do conhecimento, indutor que este é de libertações e rebeliões. Os ministros portugueses se

¹³ Tais constatações nos levam a perceber lacunas de estudos na historiografia e a necessidade de novas pesquisas empíricas e documentais sobre os franciscanos, assumidas não apenas por historiadores da igreja como por outras áreas como a sociologia, a educação, a antropologia e a filosofia.

preocupavam com a circulação de idéias políticas francesas no Brasil. Entre 1759 e a vinda da Corte para o Brasil, o ensino colonial sofre uma notável decadência. A continuidade e capilaridade do projeto educacional jesuítico ao longo de todo o território nacional, consolidadas em dois séculos, foram rompidas (MOURA, 2000, p. 71).

Para o autor, na visão católica, não havia otimismo nem grandes expectativas, visto que, o sistema de ensino instituído pelo ministro de El Rei foi catastrófico.

Descontinuidade, improvisação, amadorismo e falta absoluta de senso pedagógico caracterizavam muito da empreitada educacional de Pombal. Surgiram aulas de disciplinas isoladas, sem planos sistemáticos de estudos (aulas régias), dadas por professores, em sua maior parte, desinformados. O latim, o grego e a retórica eram mais ensinados do que a língua portuguesa. O ensino superior, que começava a se esboçar no Brasil com os cursos de artes de base jesuítica não se desenvolveu (MOURA, 2000, p. 71)

Para este autor, a marca do chamado período pombalino foi,

[...] evidenciar o papel do Estado na educação, trazendo seu controle para uma autoridade central [...] e foi o período último da era em que o Brasil foi tratado como pura Colônia, na qual era admitida a existência de estudos superiores (MOURA, 2000, p. 72).

Em Saviani (2008), encontrei a caracterização desse mesmo período, marcada pela lentidão e pela falta de recursos.

As aulas régias foram estendendo-se no Brasil, embora enfrentando condições precárias de funcionamento, salários reduzidos e freqüentes atrasos no pagamento de professores. As aulas régias eram sinônimo de escolas que, por sua vez, se identificavam com determinada cadeira, funcionando, em regra, na casa dos próprios professores. Daí a expressão “aulas de primeiras letras”, “aulas de latim”, “de grego”, “de filosofia”etc. eram aulas avulsas, portanto, os alunos podiam freqüentar umas ou outras indiferentemente, pois, além de avulsas, eram isoladas, isto é, sem articulação entre si (SAVIANI, 2008, p. 108).

Freyre (1984) ilustra as aulas régias, ministradas no interior das propriedades e os conflitos decorrentes da miscigenação de culturas:

Os padres-mestres e os capelães de engenho, que, depois da saída dos jesuítas, tornaram-se os principais responsáveis pela educação dos meninos brasileiros, tentaram reagir contra a onda absorvente da influência negra, subindo das senzalas às casas-grandes; e agindo mais poderosamente sobre a língua dos sinhô-moços e das sinhazinhas do que eles, padres-mestres, com todo o seu latim e com toda a sua gramática; com todo o seu prestígio das suas varas de marmelo e das suas palmatórias de sicupira. Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama era um dos que se indignavam quando ouvia “meninas galantes” dizerem “mandá”, “buscá”, “comê”, “mi espere”, “ti faço”, “mi deixe”, “mulé”, “colé”, “lê pediu”, “cadê ele”, “vigie”, “espie”. E dissesse algum menino em sua presença um “pru mode” ou um “oxente”; veria o que era beliscão de frade zangado (FREYRE, 1984, p. 334 – grifos do autor)

Além da influência africana na simplificação de palavras da língua portuguesa devido a convivência cotidiana dos filhos dos senhores com a criadagem negra e mestiça, merece realce, os métodos empregados pelos padres-mestres destinado à correção da linguagem dos alunos, recorrendo a instrumentos de castigo e coerção como meio de impor a cultura letrada aos filhos da casa-grande que possuíam uma linguajar corrompido pela senzala.

Adiante, o autor explica como se dava essa relação educativa, cujas aulas eram ministradas nos domínios da propriedade dos próprios alunos, marcada pela rígida disciplina e a mistura de brancos, mulatos e mestiços no espaço da sala de aula.

Até meados do século XIX, quando vieram as primeiras estradas de ferro, o costume nos engenhos foi fazerem os meninos os estudos em casa, com o capelão ou com o mestre particular. As casas-grandes tiveram quase sempre sala de aula, e muitas até cafuná para o menino vadio que não soubesse lição. Muitas vezes aos meninos se reuniam crias e muleques, todos aprendendo juntos a ler e a escrever; a contar e a rezar. Noutros engenhos cresceram em igual ignorância meninos e muleques (FREYRE, 1984, p. 412).

Outro aspecto em destaque diz respeito à presença de negros e mestiços, ocupando a função de mestres nas aulas régias, revelando uma outra face da miscigenação de raças e culturas na composição da sociedade brasileira, sobretudo, na distinção destes professores no desempenho do ofício:

E felizes dos meninos que aprenderam a ler e a escrever com professores negros, doces e bons. Devem ter sofrido menos que os outros: os alunos de padres, frades, “professores pecuniários”, mestres-régios – estes uns ranzinzas terríveis, sempre fungando rapé; velhos caturras de sapato de fivela e vara de marmelo na mão. Vara ou palmatória. Foi à força de vara e palmatória que “os antigos”, nossos avós e bisavós, aprenderam Latim e Gramática: Doutrina e História Sagrada” (FREYRE, 1984, 417).

Professores negros “Dóceis” e “bons”, quando comparados a outros professores, os “padres”, isto é, não castigam seus pupilos nos moldes dos padres-mestres. Embora os adjetivos cunhados pelo autor para os padres sejam grotescos, cabe aqui uma indagação: a bondade dos professores negros seria resultado de sua condição de inferioridade em relação aos alunos, filhos dos senhores? O fato de não utilizarem o recurso da vara e da palmatória os colocaria numa posição privilegiada em relação aos “ranzinzas”? Sem a vara e a palmatória, a Gramática, o Latim e a Doutrina seriam igualmente aprendidos pelos alunos? O que era praticado pelos professores representantes da Igreja na correção dos alunos indisciplinados não se aplicava também à conduta dos professores negros? São muitas perguntas para as quais o contexto e as circunstâncias de formação da sociedade brasileira não

admitem uma única e simplificada resposta. Antes requer um olhar que, a exemplo da obra de Freyre, seja capaz de abordar as diferentes nuances, os conflitos, complexidades e determinações próprias de uma sociedade multi-racial e multicultural, fundada na imposição, nas resistências e acordos, nas proximidades e distanciamentos de diferentes culturas e manifestações religiosas que resultaram na formação do Brasil.

No período imperial, mais precisamente após a Independência (1922), não se pode fazer uma leitura linear do percurso da educação visto que, ao longo das diferentes fases que compreenderam a chegada da família real ao Brasil (1808) até a proclamação da República em (1889), tínhamos a coexistência de diversas propostas de educação, principalmente quando consideramos o investimento diferenciado das províncias nesta área. Algumas respaldadas pelas leis do estado imperial, outras incrementadas pelas instituições religiosas que mantinham o domínio do campo educacional, principalmente das escolas secundárias e internatos destinados à formação das elites em todo o Brasil.

É verdade que depois da Independência começaram a aparecer colégios particulares, alguns de estrangeiros – pedagogos ou charlatões; e a freqüentá-los, filhos de magistrados e altos funcionários públicos, de negociantes e até de senhores de engenho. Imagine-se a saudade com que os meninos de engenho, acostumados a uma vida toda de vadiagem – banho de rio, arapuca de apanhar passarinho, briga de galo, jogo de trunfo na casa de purgar com os negros e muleques, chamego com as primas e as negrinhas – deixavam essas delícias para virem, de barcaça ou a cavalo, parando pelo caminho nos engenhos dos parentes e conhecidos dos pais, estudar nos internatos; ou mesmo nos externatos – neste caso hospedando-se em casa de comissários de açúcar ou café. Os comissários foram muitas vezes uns segundos pais dos meninos de engenho; e nem sempre terríveis sangues-sugas dos proprietários de terras. Às vezes amigos leais dos senhores de engenho e dos fazendeiros (FREYRE, 1984, p. 417)

Merece destaque na descrição de Freyre (1984), a mudança na forma de organização da escola, deixa de ser “doméstica”, ou seja, adquire outro formato institucional, distante da propriedade patriarcal e se concentra em ambiente urbano. Independente de ser internato ou externato é interessante observar que a saída do filho para a escola o coloca em outro ciclo de convivência social, mais burocratizada, com regras da sociedade urbana, amplia os laços de relações e de envolvimento na sociedade. A ênfase do autor na figura dos comissários é reveladora da complexidade das relações comerciais e dos negócios estabelecidos entre campo e cidade no período.

Neste mesmo período, a definição de um currículo secundário equiparado ao Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro consistiu em notória concentração do modelo educacional a ser seguido pelas escolas secundárias em todas as províncias. A experimentação de novos

métodos, adquiridos de modelo vindos do exterior também compôs os pilares de diferentes reformas do ensino, conforme mostra o excerto a seguir.

Quanto ao ensino primário e secundário, diante do fracasso das medidas legais para estender a educação popular no país, novos recursos foram experimentados. É o caso do método de ensino mútuo, também conhecido como Método Lancaster. [...] O método consistia em reunir grupos de alunos (decúrias) aos quais um professor daria aulas. Esses alunos, em seguida, ensinavam os restantes numa espécie de pirâmide. Como esse método, transplantado de uma experiência levada da Índia para a Inglaterra pelo Dr. André Bell, e recomendado por Erasmo de Rotterdam, esperava-se disseminar o ensino primário entre as massas. Mas experiência não deu certo, apesar de ser erigida em método oficial imposto em todas as escolas primárias do Império. Em 1833, dúvidas sérias surgiram a respeito da eficácia do método. Foi nessa época que o ministro do Império, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, declarou que o método “não havia apresentado vantagens e que o governo não estava disposto a ampliar escolas organizadas segundo este sistema” (MOURA, 2000, p. 82).

A respeito da aplicação metodológica e disciplinar, também Freyre (1984) chama a atenção ao mostrar o rigor do ensino e o que era cobrado dos alunos em relação ao asseio e à perfeição da escrita:

O aluno que não soubesse a lição de Português, que desse uma silabada em Latim, que borrasse uma página do caderno – quase um missal – de caligrafia, arriscava-se a castigo tremendo da parte do padre-mestre, do mestre-régio, do diretor do colégio – de um desses terríveis Quibungos de sobrecasaca ou de batina. De letra bonita fez-se sempre muita questão: o ensino da caligrafia teve alguma coisa de litúrgico nos antigos colégios do Brasil. Escrevia-se com pena de ganso. [...] Preparados os bicos das penas de ganso, começava a tortura – menino com a cabeça para o lado, a ponta da língua de fora, numa atitude de quem se esforça para chegar à perfeição; o mestre, de lado, atento à primeira letra gótica que saísse troncha. Um errinho qualquer – e eram bordoadas nos dedos, beliscões pelo corpo, puxavante de orelha, um horror. Os rapazes de letra bonita que o Visconde de Cabo Frio sempre preferiu, para secretários de legações, aos de letra de médico, foram educados por esses mestres terríveis que fizeram do ensino da caligrafia um rito; alguma coisa de religioso e de sagrado (FREYRE, 1984, p. 419-420)

Novamente o autor não economiza na adjetivação aos diferentes mestres, acentuando o rigor de suas práticas, o caráter “terrível” dos castigos, a figura submissa do aluno diante da patriarcal postura do mestre. Indica a prevalência de métodos e procedimentos que permaneceram e se cristalizaram na educação brasileira, assumindo uma forma mecanizada pela ação dos professores. Semelhante alusão também é feita por Machado de Assis (1994) no Conto de Escola, sobre a escola, num sentido quase biográfico, conforme sugere a riqueza de detalhes de Freyre (1984) sobre os rituais e rotinas instituídos na educação escolar. Isso reforça o argumento da prevalência de métodos e práticas disciplinas na escola para além de uma única época¹⁴.

¹⁴ Assis retrata a escola do século XIX, Freyre escreve do século XX.

Ainda no terreno dos métodos utilizados, encontramos a alusão à forma como o ensino do Latim era ministrado: “Outro estudo sagrado foi o de Latim. Quanto à soletração, aprendia-se “numa balbúrdia enfadonha”, diz-nos o Padre Sequeira. Soletrando-se tudo alto. Cantando-se: B – a – ba; B – é – bé; Ba! Bé! (FREYRE, 1984, p. 420).

A introdução de novidades metodológicas no ensino foi acompanhada pela manutenção das velhas práticas, conforme explica Freyre, no excerto abaixo:

Com o Método Valdetaro, adotado já no meado do século XIX, a cousa melhorou um pouco. Vieram *As Cartas Syllabicas com Exercícios Parietaes, Simão de Mantua ou o Mercador de Feiras, Poesias Sacras, de Lopes da Gama, Synominos* de Frei Luís de Sousa. Gramática latina – a do Padre Pereira. Catecismo, o de Montpellier. Quem tiver a pachorra, num dia de veneta, de passar a vista pelos compêndios, livros de leitura, aritméticas, por onde estudaram nossos avós coloniais e do tempo do Império, ficará com uma idéia da cousa terrivelmente melancólica que foi outrora aprender a ler. Imaginem-se esses horrorosos compêndios completados pelos mestres-régios, pelos professores de colégio do tempo do Império – todos eles fedendo a rapé, assoando-se de vez em quando em grandes lenços encarnados; todos de palmatória e de vara de marmelo na mão; no polegar ou no indicador da mão direita, uma unha enorme, de mandarim chinês (FREYRE, 1984, p. 420) [grifos do autor].

Mudanças e permanências marcaram a introdução de novos materiais instrucionais na metodologia do ensino nas escolas e aulas avulsas, sugerindo uma “bricolagem” de práticas novas com rotinas e rituais antigos. Outro aspecto seria a manutenção de conteúdos religiosos mesclados aos conteúdos específicos do currículo escolar propriamente dito. Afinal, mesmo nas escolas republicanas, a experiência mostrou que os professores, antes de iniciarem as atividades diárias colocavam seus alunos em posição de sentido para cantar o hino nacional e fazer uma oração. O mesmo procedimento poderia ser observado em outros momentos como à hora do lanche e ao encerrarem as tarefas no final do expediente escolar.

No período em que vigora o Ato Adicional de 1834 até o final do Império em 1889, segundo Moura (2000), ocorreu a instalação de diversas instituições educativas pelo Brasil, mantidas pela Igreja Católica, cuja projeção se fez notar, especialmente entre as elites que tinham estas escolas como referência para a formação de seus filhos. O Colégio Caraça (1835) e o Colégio Assunção de Ouro Preto (1840) em Minas Gerais; a Escola São João da Boa Vista (1849) e o Colégio da Imaculada Conceição em Botafogo no Rio de Janeiro; Colégio Internato em Santa Catarina (1845), Escola de Latim (1847) em Porto Alegre e Escola em Pelotas (1856) são apenas alguns exemplos citados na historiografia quanto à projeção educacional católica em estados do sudeste e sul do Brasil.

Se for acrescentar as vultosas instituições presentes nos demais estados do sudeste e na região nordeste, teria uma numerosa lista de escolas sob o comando da Igreja Católica até o final do Império. É importante ressaltar, contudo que, por força de diferentes decretos e reformas (já existentes na última fase do Império), a responsabilidade das províncias e do Estado Imperial na manutenção da educação, também já fazia parte das exigências legais.

Na República, logo nas primeiras décadas, tivemos no campo educacional a marca de diferentes reformas do ensino, algumas pautadas por uma política de controle do Estado na centralização das decisões e do controle curricular. Em outras a descentralização ocorre no sentido de relegar às províncias a responsabilidade sobre a escolarização nos mais diferentes níveis e modalidades. Vale lembrar que, por força da legislação em vigor no Brasil, desde o final do Império verificou-se um fenômeno de crescimento da educação diferenciado em cada província, conforme os investimentos e propostas de determinados governos, como ocorreu nas diversas Reformas implantadas em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro¹⁵.

É verdade que, do ponto de vista da moral e dos costumes, assim como das práticas políticas e sociais, de modo especial da parte das elites, a concepção de vida disseminada durante a vigência do padroado resultava bastante laicizada, secularizada, distanciando-se e, mesmo entrando em conflito com os cânones oficiais esposados pela Igreja romana. Mas a concepção que se procurava incutir na população, de modo geral, e, em consequência, as idéias pedagógicas que conformavam as escolas em que se concretizava a então denominada instrução pública continuavam impregnadas da visão católica. Assim, podemos considerar que a hegemonia católica no campo da educação não chegou a ser abalada nem mesmo quando se agudizaram os conflitos entre as elites, bafejadas pelo ideário iluminista, e o clero, assim como entre o clero secular, sujeito ao imperador pelo regime do padroado, e os ditames da Cúria Romana, como se deu desde a ascensão de Pombal até o final do Império brasileiro (SAVIANI, 2008, p. 178).

Com a instauração da laicidade do ensino pela República, bem como com a ruptura do pacto financeiro (fim do padroado) que destinava recursos públicos para a manutenção da estrutura eclesiástica brasileira, sérias divergências de cunho político e ideológico foram travadas entre setores da Igreja Católica, especialmente os representantes de instituições educativas e representantes do campo educacional republicano.

É ainda Saviani (2008) quem nos situa em relação aos desfechos da crise religiosa que resultou na “dissolução do regime do padroado”, na “exclusão do ensino religioso das escolas públicas” e a conseqüente separação de privilégios com os quais a Igreja contava:

¹⁵ Na obra de Saviani, a alusão às idéias e concepções de educação vêm aliadas às diversas reformas implantadas nas províncias de maior investimento financeiro na estrutura escolar.

Se, por um lado, esse desfecho pode ser considerado uma derrota para a Igreja Católica, já que a privou das benesses de que gozava por sua vinculação com o Estado, por outro lado ela se fortaleceu pela unidade de doutrina e pela autonomia de que passou a gozar diante do poder político. Mas a exclusão do ensino religioso das escolas foi algo que a Igreja jamais aceitou, o que a levou a mobilizar todas as suas forças para reverter esse estado de coisas (SAVIANI, 2008, p. 179).

Estavam, portanto, demarcados, os campos de disputas que alimentariam os debates entre Igreja e Estado, na afirmação de poder, na persuasão de setores da sociedade em relação às idéias e propostas disseminadas pelos representantes de ambas as instituições.

Interessante que, ao consultar a obra de Moura (2000), sobre a “Educação Católica no Brasil”, os dados referentes a este período se confundem com as reformas e as mudanças da educação pública, sem, contudo, posicionar-se frente aos interesses defendidos pela Igreja na era republicana. Ao desfazer-se dos conflitos que acirraram os debates neste período, esvazia-se o conteúdo do contexto e das determinações que influenciaram a conformação da educação católica, em paralelo ou em concorrência com as escolas públicas mantidas pelo estado laico. Porém, não se trata do mesmo discurso, tampouco dos mesmos interesses, são campos que buscam afirmar um espaço de poder na sociedade republicana por meio da educação escolar.

Cury (1998) retrata a visão católica sobre a educação, a começar pela concepção de mundo e as motivações que cultivaram as disputas e debates:

Para o grupo católico o mundo, e em especial o mundo ocidental, está em crise. É uma crise generalizada que atinge os aspectos materiais, sociais, jurídicos e principalmente morais. Esta crise, que se apresenta sob a forma de desmoronamento das instituições vigentes e da desorientação das consciências individuais titubeantes ante seus deveres, atinge também o Brasil (CURY, 1998, p. 27).

No campo teórico, a crise moral da sociedade republicana é explicada pela igreja, segundo a compreensão de que:

A teoria filosófica neutra e leiga, que afirma o absolutismo do homem sobre a natureza e a supressão do sobrenatural, informou uma teoria política que propõe uma Educação e uma Escola sem a religião e as constituições sem Deus. A escola sem Deus reduz-se a uma instituição inumana, e uma instrução impura em todos os sentidos. A família, atraída para a religião apenas como sentimentalismo, cai no sensualismo e na desordem moral. A classe procura egoisticamente seus próprios interesses fazendo com que os interesses do mais forte espezinhem os direitos do mais fraco (CURY, 1998, p. 34).

A crítica à ideologia liberal pela Igreja é definida numa teia de relações complexas, responsável por deteriorar as bases da sociedade:

Uma, corrente demagógica, cheia de vícios e paixões, cujo domínio pode levar país a todos os extremismos modernos, cuja fatal consequência será o consumismo materialista, a perseguição religiosa e a total paganização da sociedade brasileira. Esta corrente, na sua demagogia, se desdobra em dois braços: *o individualismo liberal burguês*, o qual trás implícitos e inconfessos os princípios agnósticos que abrem caminho para o seu sucessor lógico que é *o socialismo proletário*. Este sim professa um materialismo ateu e atuante, cujo barbarismo quer apodera-se dos restos da civilização falida (CURY, 1998, p.40).

Ao instalar do estado laico e retirar da escola a obrigatoriedade do ensino religioso, na visão da Igreja estariam lançadas as condições para uma mudança social de cunho ideológico, cujo resultado seria:

São duas formas de relação indivíduo e Estado que corroem o mundo e o Brasil, preparando-os para o comunismo. Ambas formas representam saídas inautênticas, onde o pessimismo do primeiro é a continuação da crise e do impasse, e o otimismo do segundo é apenas a aniquilação total do pouco de ordem e hierarquia que ainda possa haver.

Outra corrente, que de revolucionária só tem o nome, é a corrente nacional tradicional e cristã. É esta que deve ser aproveitada para nela informar o espírito cristão. Só nela existe autêntica e verdadeira saída, pois nela existe a possibilidade de restaurar os valores culturais, morais e cristãos, esquecidos pela civilização burguesa (CURY, 1998, p. 40)¹⁶.

A presença e a atuação da Igreja no campo educacional, portanto, seria necessário, pois, os fundamentos da educação católica seriam utilizados para frear a degeneração da sociedade. As críticas ao modelo de educação republicana, tinham como pano de fundo, as estratégias encampadas pela Igreja no bojo do processo de restauração e romanização, no qual haveria um empreendimento instruído pelo vaticano, no sentido de rearticular as linhas de ação pastoral da Igreja, face ao contexto republicano. O espaço da instrução escolar não apenas deveria ser mantido como expandido e alinhado às orientações eclesiais.

Estes princípios, nos quais se revela uma visão de homem, de mundo, de sociedade e de Deus em suas mútuas relações, são garantidos pela autoridade da Tradição, da Escolástica e do Magistério.

A *Tradição* é entendida como a continuidade dos princípios fundamentais do cristianismo católico entre seu passado e seu presente. Ela fixa os elementos recebidos, é bem específica para o caso do Brasil, já que nação de herança católica.

A *escolástica*, especialmente os princípios filosóficos do tomismo, dá *segurança*, porque é a própria “filosofia perene”. Ela não está sujeita às contingências do espaço e do tempo, tanto quanto as outras filosofias.

O *Magistério*, a esta altura já definido pelo Vaticano 1º como *infallível* em matéria de dogma e moral, garante, por sua autoridade, uma interpretação verdadeira da Revelação. Expressa-se sobre tudo pelas *encíclicas*. Reconhece-se sua adaptação às realidades regionais através das *cartas pastorais* da hierarquia católica.

Em decorrência disto, a doutrina da Igreja é verdadeira, na medida em que combina estes três elementos e que fazem da fé o traço de união indispensável entre a ordem

¹⁶ Cury expressa esses fundamentos segundo LIMA, A.A. - Contra – Revolução, p.247-248.

da natureza e da graça, equilibrando a complexidade do homem e da sociedade em seu destino natural e sobrenatural (CURY, 1998, p. 41).

Cury (1998) ao visualizar o campo da educação na visão dos católicos, expressa que há uma declarada defesa do ideal pedagógico e da metodologia de ensino utilizada, presumindo os meios e os fins que almejavam atingir. Em outras palavras, o alinhamento filosófico da educação católica é justificado pelos interesses maiores que a Igreja desejava atingir por meio da atuação no campo educacional.

[...] Assenta a *formação do corpo* na concepção da natureza do homem. Defende que educação deve levar em conta as duas realidades do homem: corpo e alma e as suas exigências correspondentes: a de ordem física e a de ordem moral. O corpo humano não é visto como algo separado da alma humana. A educação integral católica não deverá separar aquilo que é unido no composto harmônico. *A formação intelectual estabelece ordem nas idéias* a fim de que estas se orientem, seja na ordem dos conhecimentos científicos, seja na ordem dos conhecimentos humanísticos para as verdades fundamentais de que o homem deve ficar de posse (CURY, 1998, p.56).

Esta naturalização da educação seria uma forma de despi-la o caráter político e ideológico embutidos nos fins e objetivos da educação. Ao mesmo tempo funciona como questionamento das propostas em debate pelos representantes da educação republicana que projetam a transformação da sociedade pela via da escola. Nos argumentos dos representantes católicos, o homem e seu destino seriam preservados na medida em que a educação fosse colocada enquanto uma vocação e uma aptidão natural.

[...] A educação é vista como uma inclinação natural, dada a natureza racional do ser humano. Ela é também preceito de lei natural pela qual o homem busca, em sociedade, a verdade e descobre nas coisas criadas a vontade do criador. Esta inclinação natural em direção ao ideal pedagógico necessita da competência de três sociedades, a fim de orientá-lo ao verdadeiro fim. Estas sociedades são: a sociedade sobrenatural representada pela Igreja, a sociedade natural básica representada pela Família e a sociedade temporal natural representada pelo Estado (CURY, 1998, p.57).

Nesta conformação, Igreja e Estado ao cumprirem seus papéis demarcados por funções específicas, dispensariam rivalidades e disputas, porque assumiriam responsabilidades distintas na hierarquia social.

À Igreja compete educar porque recebeu esta missão de Jesus Cristo a fim de elevar o homem da natureza à graça. No ensino do dogma imoral ela é infalível e deve gozar da mais completa autonomia e autoridade. [...] A criança é membro antes da família que da sociedade temporal civil. Viola-se a lei natural quando se impede aos pais a sua missão educadora. Os pais sendo indispensáveis para a sobrevivência da criança infundem nela, ao lado da manutenção vital, princípios éticos e religiosos. [...] O Estado tem por missão essencial, não subverter, mas desenvolver a natureza do homem, acatar a hierarquia das faculdades e cooperar com a Família e a Igreja, pela Escola, na expansão integral das atividades físicas, intelectuais, morais e

religiosas de suas gerações. No exercício desta expansão ele consubstancia a felicidade terrena e prepara a felicidade eterna. O Estado é apenas meio para proporcionar para seus membros a oportunidade de desenvolver organicamente estas virtualidades (CURY, 1998, p. 57-58-59).

Assim determinados pelas funções distintas, e eliminada a possibilidade de conflitos, “o corpo social” teria as condições plenas para o seu funcionamento, com a família sendo, ao mesmo tempo beneficiada pelas instituições (estado e igreja), partícipe e colaboradora do equilíbrio e da ordem dessa sociedade idealizada.

Os interesses e discussões travadas pelos representantes republicanos caminharam em outra direção, indicando o que seria, no nosso entendimento, uma proposta educacional ampla. Com isso poderiam ser resolvidas questões historicamente ocultas pela política brasileira, especialmente no tocante à destinação de recursos para o ensino público, à universalização da instrução inicial (visando atingir problemas como o analfabetismo), à gratuidade do ensino, além das mudanças almejadas no campo pedagógico.

Para Saviani (2008), a marca do positivismo e do laicismo foi definidora das concepções pedagógicas que alimentaram os campos de disputas durante o período republicano.

As primeiras décadas do século XX caracterizam-se pelo debate das idéias liberais sobre cuja base se advogou a extensão universal, por meio do Estado, do processo de escolarização considerado o grande instrumento de participação política. É, pois, a idéia central da vertente leiga da concepção tradicional, isto é, a transformação, pela escola, dos indivíduos ignorantes em cidadãos esclarecidos (SAVIANI, 2008, p. 177).

No tocante aos resultados desse embate colocados pelos ideais republicanos e pelos signatários de setores mais conservadores da Igreja, o que visualizei foi à consolidação, no percurso da era republicana, de novas instâncias de poder legitimadas pela sociedade e reforçadas pelas diretrizes tanto do estado liberal quanto da Igreja na conformação de seus respectivos projetos políticos e religiosos.

1.2 A pesquisa em história da educação: um campo em construção

O historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira
Julia, 2001.

Ao definir a filiação teórica e os procedimentos metodológicos da pesquisa, não se deve perder de vista o percurso histórico e temporal que envolve a origem das ciências modernas, bem como a constituição dos campos nos quais estão situadas as ciências humanas

em geral e, em particular, a educação. As escolhas e opções por determinados referenciais são responsáveis por indicar os possíveis resultados almejados no tratamento dado pelo pesquisador ao objeto investigado.

Percebi nos conflitos internos e nas incertezas surgidas ao deparar-me com os dados da pesquisa, que neste momento vivo os dilemas próprios da minha condição de professora e pesquisadora nesta primeira década do século XXI. Situada num contexto pós-moderno, conservo minhas interpretações no seio da modernidade, uma vez que os problemas surgidos na modernidade ainda não foram suficientemente resolvidos ou modificados.

Embora tenha assumido a história cultural como referência para o percurso e as análises realizadas nesta pesquisa, não consegui ter isenção quanto à influência de outros referenciais. Em particular refiro-me à interpretação de aspectos da sociedade, do estado, da educação e das instituições religiosas, os campos de tensões, conflitos e contradições. Estas ocorrências se situam num tempo e espaço concretos, enfim, sofrem as ações de sujeitos (missionários americanos em Goiás) e intervenções de poderes constituídos (Santa Sé, Igreja Católica, Prelado), não sendo possível desgarrar de argumentos materialistas e históricos.

Por um lado consegui sintetizar e distinguir as tendências e correntes da pesquisa histórica e da historiografia da educação propriamente ditas, centrada na preocupação em eleger uma tendência que atenda aos anseios e expectativas da pesquisa. Por outro, senti a influência de diferentes discursos povoando meus argumentos, no momento de sistematizar a idéias e analisá-las. As contradições e tensões gravitavam a todo o momento, o diálogo dos dados e dos autores mediados pela interpretação do objeto. Por vezes, lacunas aparecem quando a pesquisa histórica lança seu olhar para a constituição da Igreja no Brasil, deixando Goiás como um espaço em branco, não localizado, nem identificado do ponto de vista da presença religiosa (Católica).

Neste sentido, embora a orientadora tenha me deixado livre para escolher o referencial teórico que melhor proporcionasse o diálogo com o objeto de pesquisa, de fato não sou assim tão livre. Vivencio as determinações do contexto e a influência dos novos estudos no campo da historiografia da educação. Ao mesmo tempo vejo a possibilidade de tomar como modelo de análise, as contribuições de estudos teóricos, distinto do anunciado. Isto é, embora anuncie a predominância dos campos da história cultural como orientadores dos percursos e análises da investigação, também alguns modelos de inspiração materialista e histórica também se fazem presente, principalmente na análise dos conflitos e contradições percebidas no objeto de investigação.

De forma breve, ao discorrer sobre o surgimento, a trajetória e a afirmação dos paradigmas que alicerçaram a produção do conhecimento contemporâneo, convém realçar as perspectivas atuais, motivadas pelo questionamento às macronarrativas e à emergência, nas últimas décadas, das chamadas Novas Abordagens no campo da Historiografia. Estes novos referenciais resultaram na abertura de novas temáticas de investigação, além da flexibilidade metodológica e na validação de um *corpus* mais amplo de fontes.

Enquanto pesquisadora em história da educação, cujo olhar persegue a materialização das práticas pedagógicas ou da invenção delas no cotidiano institucional, tais perspectivas abre diversas possibilidades de análises e interpretações do objeto educação e práticas institucionalizadas, além de abrigar um conjunto maior de manifestações destas práticas, orientadas pelo currículo, pelos programas, pela formação e atuação docente propriamente ditas.

Neste cenário, fazer pesquisa em Educação mostra-se algumas desvantagens, mas, sobretudo, inúmeras vantagens e direcionamentos. Desvantagens porque a pesquisa no campo da Educação ainda é secundarizada, e não recebe o mesmo reconhecimento e *status* acadêmico por parte dos pesquisadores das áreas correlatas, a exemplo da História, conforme postula Saviani:

De qualquer forma, o debate está instalado e tem conseqüências da maior importância para a pesquisa educacional, de modo geral, e para a pesquisa histórico-educacional, em especial. Efetivamente, dada a historicidade do fenômeno educativo cujas origens coincidem com a origem do próprio homem, o debate historiográfico tem profundas implicações para a pesquisa educacional, vez que o significado da educação está intimamente entrelaçado ao significado da História. E no âmbito da investigação histórico-educativa essa implicação é duplamente reforçada: do ponto de vista do objeto, em razão da determinação histórica que se exerce sobre o fenômeno educativo; e do ponto de vista do enfoque, dado que pesquisar em história da educação é investigar o objeto educação sob a perspectiva histórica (SAVIANI, 2003, p. 11).

Vantagens porque decorridas as primeiras décadas de embates, críticas e revisões em torno destas novas abordagens, vários pesquisadores da área, inclusive no Brasil, têm realizado trabalhos de investigação que superam a mera descrição e avançam na direção de análises mais interpretativas. Buscam a contribuição de diferentes enfoques, aproveitam tanto a variedade de temáticas, quanto de fontes que as novas tendências abrem para o estudo da Educação e da Escola.

No caso particular da investigação que tem como foco as instituições escolares, é um privilégio contar com a referência de estudos recentes que comprovam as possibilidades de apropriação tanto de questões gerais que permitem relacionar o universal com o particular,

quanto de categorias específicas. Para a caracterização de ambas ancorei em referências tributárias tanto da tradição materialista e histórica, quanto das novas abordagens, notadamente denominadas no campo da história cultural ou estudos culturais.

Em se tratando da influência externa, referencei produções iniciadas nos anos de 1970 na França, na Espanha e na Inglaterra, em especial os trabalhos de Certeau, Chervel, Julia (2001), Vignao Frago (2001). Apesar de dedicarem-se a aspectos distintos, a semelhança está na preocupação em analisar questões pontuais inscritas no universo das instituições escolares, das disciplinas escolares, dos textos, livros e o currículo escolar.

Nas décadas mais recentes, a partir dos anos de 1990, as pesquisas brasileiras orientadas por estas leituras, também têm buscado respaldo teórico e diálogo intelectual com consideráveis produções realizadas em Portugal, em particular os estudos realizados por Magalhães, Nóvoa e suas respectivas equipes.

Exemplos podem ser encontrados em pesquisas como Souza (1998), apenas para situar algumas produções já realizadas no Brasil cujo enfoque situa-se em múltiplos aspectos das instituições escolares.

Magalhães (1999) adverte quanto os cuidados que requer essa incursão na multidimensionalidade e na complexidade que envolve os fenômenos educativos:

A historiografia da educação é uma área do conhecimento que toma como objecto a educação, a partir de uma abordagem historiográfica, com base em conceitos e conceptualizações de natureza pedagógica/educacional; antropológicos, filosóficos, didáticos, sociológicos, psicológicos, axiológicos, organizacionais, historiográficos. A educação é o objecto epistémico, o objecto a conhecer e a construir no plano histórico – um objecto complexo, multidimensional, polissêmico: educação/instituição; educação/acção; educação/conteúdo; educação/produto. Esta polissemia do conceito, se não for levada em atenção, dificulta o desenvolvimento de uma investigação consequente e aprofundada; torna enredosas a heurística e a hermenêutica. Nos planos da informação e do discurso, torna a narrativa anacrónica e de difícil entendimento (MAGALHÃES et. al, 1999, p. 67).

No dizer Souza (1998), o objecto educação e instituição escolar pode ser concebido numa dinâmica de interesses que envolvem fins educacionais de carácter interno e externo:

Se é fato que a educação cumpre finalidades determinadas pela sociedade, não é menos verdade que os projetos, os discursos, as teorias pedagógicas materializam-se no cotidiano da escola, é nesse âmbito que a intercessão de subjetividades e práticas cadencia ritmos, ritualiza comportamentos, intercambia experiências, configura formas de agir, pensar e sentir e possibilita a identidade/diferenciação da escola no conjunto das instituições sociais (SOUZA, 1998, p. 17).

Ciente desta complexidade que por vezes causa impacto, contudo, é essa mesma polissemia e multidimensionalidade que nos impele a mergulhar nas possibilidades e

na riqueza de particularidades que a trajetória das instituições escolares poderá revelar através das fontes. De modo específico, a presente pesquisa busca como foco a relação educação/igreja/sociedade, concepções e rituais, o que há de singular e universal que caracteriza a constituição da cultura pedagógica das escolas paroquiais fundadas pelas congregações franciscanas em Goiás, priorizando o estudo de três instituições localizadas no sudeste goiano (Catalão, Goiandira e Pires do Rio).

Esta pesquisa situa-se no campo denominado por Warde (2000) como o campo das pesquisas historiográficas em educação, que abre possibilidades para re-escrever a memória e a trajetória da educação, a partir de diversas interfaces: espaço, tempo, rituais, regras e organização pedagógica, dentre outros aspectos que podem caracterizar a cultura escolar de uma determinada época.

1.2.1 Corpus teórico da pesquisa

Constam como definidoras das diretrizes gerais e específicas da pesquisa as obras de: (inserir os autores mais referenciados). Para a análise e interpretação de dados relativos à história da Igreja e presença das missões e a Ordem Franciscana no Brasil, apoio nos autores Alves (1979); Silva (1975); Azzi & Klaus (2008); Azzi (1991; 2001) Le Goff (2003); Bittar e Ferreira Jr. (2004; 2006; 2007); Borges (2000); Bourdieu (2004; 2005); Châtellier (1995); Coelho (1972); Cury (1998); Freyre (1959; 1984); Hoornaert (1974); Menezes (2001); Micelli (1988); Moura (2000); Nagle (1974); Nogueira e Catani (1998); Paiva (2006); Passos (1999); Rower (1947); Sangenis (2006); Saviani (2003; 2008); Souza (1998); Teixeira (1967; 1971; 2006); Valdemarim (2004); Weber (2004) e Wyse (1989).

Também julguei relevante recorrer às considerações de Forquin em torno da ‘mestiçagem’ a que está sujeita a educação e a cultura em um novo contexto:

A educação não transmite jamais a cultura, considerada como um patrimônio simbólico e unitário e imperiosamente coerente. Nem sequer diremos que ela transmite fielmente uma cultura ou culturas, elementos de cultura, entre os quais não há forçosamente homogeneidade, que podem provir de fontes diversas, ser de épocas diferentes, obedecer a princípios de produção e lógicas de desenvolvimento heterogêneos e não recorrer aos mesmos procedimentos de legitimação. Isto significa dizer que a relação entre educação e cultura poderia ser mais bem compreendida através da metáfora da *bricolage* (como reutilização, para fins pragmáticos momentâneos, de elementos tomados de empréstimos de sistemas heterogêneos) do que através da metáfora do reflexo ou da correspondência expressiva (FORQUIN, 1993, p. 15).

Neste sentido, compreendi as representações e a cultura como uma produção histórica, ancorada no entendimento de *praxis*, de Freire, segundo o qual, ela só se realiza na ação de sujeitos históricos e concretos, isto é, na ação-reflexão-ação de indivíduos viventes em um terminado contexto e época. Assim, para conceber a presença e existência das instituições escolares franciscanas, é preciso considerar a sua localidade, temporalidade, contexto, conflitos, confrontos de interesses, além das possíveis resistências que envolvem a relação de sujeitos históricos – franciscanos americanos, goianos da década de 40 – dentre outros aspectos.

O que se compreende por cultura escolar encontra apoio nas palavras de Julia quando afirma ser “A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p. 9).

Normas, conhecimentos, condutas e incorporação de comportamentos são aspectos, por excelência, situados no âmbito das Escolas Paroquiais Franciscanas num duplo sentido: o formativo-civilizatório e o catequético-missionário. Tais processos traduzem a gênese do propósito evangelizador e formativo dos franciscanos em Goiás, materializados na estrutura paroquial constituída pela igreja pela e pela escola, daí a alusão ao altar e à sala de aula, tomados como representação do caráter missionário e educador.

Ao considerar os ritos e regras como portadores de símbolos e representações da cultura escolar, concordei que,

A noção de representação, por sua vez, remete ao problema da apropriação, isto é, a forma pela qual os indivíduos reinterpretem e se utilizam de modelos culturais impostos e em circulação num determinado momento. A questão é importante, como alerta Certeau (1994), pois permite balizar os mecanismos de imposição – esse discurso da ordem – e estar sensível às diferenças e às formas sub-reptícias assumidas pela criatividade dos indivíduos e dos grupos (SOUZA, 1998, p. 17).

Busquei o conceito de representações, entendidas ainda no campo das “práticas culturais”, interpretadas e tomadas como referencial de análise nos moldes propostos por Chartier (1990, p. 17) não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor “autoridade à custa de outras, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”.

A instituição escolar é percebida como o lugar onde a criança, além de ser introduzida à cultura letrada, também é uniformizada, é catequizada na fé cristã, na

participação da liturgia da missa e dos sacramentos; é inserida em outros rituais da vida social e religiosa, que diferem dos costumes e crenças locais e regionais¹⁷. Afinal, além de instruir e educar ‘a grande massa de incultos’, também seria necessário empreender ações no sentido de retirar desse povo as práticas pagãs, entronizá-los nos rituais da fé católica. Assim, ambas as instituições, a Igreja (o Altar) e a Escola (a Sala de Aula), pelas mãos franciscanas, assumem a função de catequizar e alfabetizar, num projeto articulado de civilizar, instruir e sacralizar a nação. A reinterpretação das práticas religiosas locais introduz os dogmas da Igreja romana e revitaliza o culto católico através dos sacramentos e a observância da virtude e da caridade.

Fávero (2000, p.103) situa o lugar do documento como fonte de dados para uma investigação: “se o documento é o ponto de partida para se conhecer um fato histórico é, também, através dele que podemos revisitar o passado e reinterpretá-lo sob nova ótica”. Os documentos são concebidos ainda na perspectiva de Le Goff (2003) em que os documentos/monumentos traduzem “sinais, resquícios, impressões”, desta cultura escolar franciscana.

Em relação à forma como o currículo é constituído nas práticas escolares, encontramos apoio nas palavras de Hobsbawm, quando esclarece o processo de tradição inventada.

A ‘**tradição inventada**’ implica um conjunto de práticas, normalmente governadas por regras aceitas abertamente ou tacitamente e de natureza simbólica ou ritual, que buscam inculcar determinados valores ou normas de comportamento por meio de sua repetição, a qual implica automaticamente continuidade com o passado. De fato, quando é possível, normalmente tentam conectar-se com um passado histórico que lhes seja adequado (HOBSBAWM, 2002, p. 8).

Na tônica das simbologias vivenciadas no âmbito das instituições, diversas práticas são produzidas no sentido de materializar os ritos, concretizar ideologias e preceitos cívicos ou religiosos.

Ao compor as leituras e interpretações acerca das determinações sociais, econômicas e políticas que permeiam as relações institucionais do campo religioso e educacional, os autores são referenciados ao longo do relatório, conforme a utilização das obras específicas.

¹⁷ O sudeste goiano possuía uma cultura regional onde o sagrado e o profano marcava os rituais como a Festa do Rosário (com o *congado e a irmandade*), as Festas Juninas (com o *batismo na fogueira de São João*: com ênfase nos elementos naturais: terra, fogo e água), além de inúmeras outras crenças e costumes como terços e benzições.

1.2.2 Pesquisar documentos empíricos

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente (LE GOFF, 2003, p. 538).

Vivemos numa sociedade em que, particularmente o século XX, experimentou diversas transformações na produção do conhecimento científico e tecnológico, mas manteve-se o império da escrita. Em outras palavras, o universo da escrita ainda permanece como forma de documentar e preservar os vestígios da história e do conhecimento. Com o advento da informática, a escrita foi assimilada e preservada pelos meios eletrônicos, com jornais, livros e obras sendo difundidas universalmente através das redes mundiais de comunicação.

A despeito dos avanços tecnológicos que abrem inúmeras possibilidades para registrar, armazenar e publicizar documentos, a forma escrita ainda reina, pois é através dela que a mensagem e o conteúdo a ser comunicado são preservados das mais diferentes formas, utilizando-se dos mais diversos recursos. As bibliotecas, longe de serem abolidas, tornaram-se acessíveis pelos meios virtuais, interligando o mundo e dinamizando o conhecimento. Se há algo a lamentar sobre as transformações operadas pelos meios de comunicação e das redes informatizadas, seria o fato de não terem alcançado a biblioteca de Alexandria.

É neste contexto, mediado tanto pelas nuances dos manuscritos, obras e registros escritos quanto pelos avanços da informação mundializada pelas redes de informática, que inseri a compreensão do que seja um documento escrito e a sua pertinência na pesquisa em educação.

A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário, antes de mais nada, chamar a atenção para a pertinência desta posição e evocar o par passado/presente sob outras perspectivas, que ultrapassam as da memória coletiva e da história” (LE GOFF, 2003, p. 209).

Na pesquisa histórica, o sentido do documento é moldado pelo pesquisador que, a rigor produz a sua existência inserida no processo historiográfico, utiliza-se dos vestígios e evidências materiais e aplica-os na caracterização, interpretação ou análise da pesquisa a que se propõe, conferindo-lhe validade.

Pode-se, entretanto, sustentar a tese – voltemos a este ponto – de que para o investigador moderno de um passado nacional como o brasileiro o documento escrito não é a única fonte de informação, embora, mesmo incompleto, seja indispensável à articulação de outras evidências em torno de alguns dos aspectos obscuros do desenvolvimento do caráter, da cultura ou das instituições de um povo como o nosso (FREYRE, 1959, p. 21-22).

Isso se explica porque, em se tratando de um produto histórico, produzido em determinada época, o documento teve os fins específicos de quem o produziu, hoje serve para comprovar as marcas de um passado de ficou preservado. Decorrido certo espaço/tempo, a sua apropriação enquanto prova material pelo pesquisador, resulta numa espécie de invenção, isto é, uma nova apropriação do documento pelo historiador, na reinterpretação dos vestígios de determinado objeto, provavelmente distintos daqueles que o originaram inicialmente.

De fato, a realidade da percepção e divisão do tempo em função de um antes e um depois não se limita, em nível individual ou coletivo, à oposição presente/passado: devemos acrescentar-lhe uma terceira dimensão, o futuro. Santo Agostinho exprimiu, com profundidade, o sistema das três visões temporais ao dizer que só vivemos no presente, mas que esse presente tem várias dimensões, “o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras” (*Confessions*, XI, 20-26) (LE GOFF, 2003, p. 209).

Nesta expectativa, a validade de um documento não se restringe ao *status* ou ao volume de informações e dados que contém, mas na possibilidade de apontar vestígios, enfim, indicar a materialidade que determine conexões com o objeto em estudo. Obviamente que a temporalidade, contexto e origem do documento poderá validá-lo juntamente com as evidências que o compõe.

Talvez esta tenha sido a motivação de Julia (2001) ao dizer que “o historiador sabe fazer flecha com qualquer madeira”. Longe de simplificar a atribuição do documento, esta premissa de Julia mostra que o desafio do pesquisador em educação está em transformar a madeira encontrada em flecha quando constrói um percurso ou uma trajetória histórica.

Documentos, enquanto testemunhos de uma história passada, não falam por si mesmo. “O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica” (LE GOFF, 2003, p. 526).

É necessária a intervenção consciente ou não do pesquisador na produção dos significados que moldam a interpretação deste que atravessou determinada temporalidade e foi preservado, enquanto outros foram extinguidos. A sua preservação em detrimentos de outros, inclusive, merece ser considerada no rol de sua existência e validade.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que ai detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 2003, p. 536).

Desta forma o autor firma o lugar e a pertinência do documento, enquanto portador de sentidos e evidências, que não se encerram no tempo/espço de sua produção original, mas que atravessam a relação passado/presente, permitindo ao historiador, na vida histórica, estabelecer a relação presente/futuro.

Algo que convém ser clareado nestas escolhas refere-se à distinção entre pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Nesta arena, a opção aqui realizada é, eminentemente, pela pesquisa documental que, no nosso entendimento não pode ser confundida com a bibliográfica. Ambas podem ser utilizadas num mesmo procedimento de pesquisa se o pesquisador assim o quiser, desde que a pesquisa inclua, além dos dados levantados nas fontes documentais, um estado da arte da temática, então será adequado recorrer também à pesquisa bibliográfica para levantar o universo de pesquisas e estudos já produzidos sobre a temática em foco. Nestas circunstâncias, portanto, admite-se a utilização metodológica tanto da pesquisa documental quanto da pesquisa bibliográfica, atendendo a objetivos específicos do objeto de estudo. Não é essa a minha proposta.

Para o estudo que foi proposto, elegi a pesquisa documental como o principal procedimento para a obtenção dos dados. No percurso, senti a necessidade de recorrer a alguns procedimentos secundários, tais como a entrevista, mas com a finalidade específica de confirmar e validar os dados conseguidos na consulta aos documentos.

1.2.3 Documentos x Entrevistas

Outra questão que se faz necessária elucidar, diz respeito à utilização de dois procedimentos de pesquisa distintos, para obter ou confirmar dados. Seria possível utilizar mais de um procedimento de coleta de dados para a pesquisa histórica? Não haveria redundância ou sobreposição metodológica? A resposta para esta questão é afirmativa: sim, é possível recorrer a mais de um procedimento metodológico no desvelamento e na demonstração dos dados relevantes ao objeto de pesquisa.

Gil (1999), ao caracterizar e diferenciar alguns tipos de pesquisa menciona a abrangência que se abre quando o pesquisador recorre a duas alternativas de coleta de dados

para se chegar às informações desejadas, visto que, em algumas circunstâncias, apenas um procedimento fica limitado ou deixa dúvidas e interrogações.

Na presente pesquisa, a entrevista foi utilizada em algumas circunstâncias bem distintas as quais se fizeram necessárias, por força da legitimidade das afirmações da pesquisa e no intuito de aglutinar ou elucidar informações do espectro encontrado nos documentos. Portanto, não foi uma ação aleatória nem isolada.

Ao identificar alguns sujeitos em potencial para a entrevista, a rigor, tive a preocupação de verificar a filiação e/ou vinculação dos mesmos com o contexto em estudo. Para tanto, confirmei as atividades por eles (e elas) executadas, além das relações institucionais que mantiveram com as escolas paroquiais franciscanas no sudeste goiano. Ao todo consultei três irmãs integrantes da Ordem Franciscana das primeiras décadas no Brasil e três ex-alunos das Escolas Paroquiais situadas nas localidades pesquisadas.

1.3. A teoria sociológica de Bourdieu: alguns elementos para a análise dos dados da pesquisa

Para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos (BOURDIEU, 2004, p. 166).

Ao se apropriar desta referência teórica para a interpretação e análise da presente pesquisa, parti da premissa de que Bourdieu (2004) produziu todo o seu arcabouço teórico num esforço de pensar a realidade concreta, e formular as bases para uma nova visão sociológica em torno das manifestações práticas da vida social. Sua obra foi amplamente difundida no Brasil, em particular pela sua obra a reprodução, na qual aborda os determinantes da escola no contexto da sociedade capitalista. As diferentes interpretações de “a Reprodução”, feitas por intelectuais brasileiros, foram perpassadas pelos vieses ideológicos e pelas opções teóricas individuais de diferentes escolas.

Ao tomar como objeto de investigação uma sociologia da práxis, pensada a partir dos problemas, contradições e determinantes de uma dada realidade social, Bourdieu (2004) construiu as bases teóricas para uma sociologia incômoda, pois colocou questões necessárias para a compreensão das manifestações da prática social e educacional, mediada por diferentes probabilidades.

Enquanto uma ciência da práxis seus princípios teóricos e interpretativos oferece possibilidades para se pensar a escola inserida numa sociedade, mesclada por diferentes condicionantes econômicos, culturais e religiosos. Conceitos como estrutura social, *habitus*, capital cultural, os diferentes campos por ele referenciados, a definição de camadas sociais, as distinções, dentre outros, ajuda a compreender e a interpretar as interfaces da realidade social e escolar que caracterizam o nosso objeto de pesquisa.

A interlocução deste campo teórico com a pesquisa em questão seria estabelecida no universo da demonstração e da interpretação dos dados, na análise das relações distintas verificadas na constituição do projeto missionário franciscano, materializado nas ações da catequese e da educação construídas por meio das escolas paroquiais em Goiás.

A apropriação de um arcabouço teórico para a pesquisa, no caso da sociologia de Bourdieu não significa a mera transposição de uma teoria sociológica produzida na França, ajustada na compreensão de um determinado contexto e objeto de estudo num país tido como em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Antes é um esforço em apreender a validade teórica e a rigorosidade científica de Bourdieu (2004), para ajudar a pensar realidades distintas, situadas num tempo e espaço históricos, composta por sujeitos igualmente marcados por costumes e hábitos culturais e sociais, etc. Julguei ser possível utilizar dos conceitos e da constituição de seus diferentes capitais e campos da teoria sociológica não apenas para delinear a exposição dos dados da pesquisa, como também para mediar às possíveis interpretações, diálogos e problematizações recorrentes.

Destaquei os seguintes aspectos da produção teórica e da análise sociológica de Bourdieu:

a) As formas pelas quais se processa a organização social

Bourdieu (2005) encontra em Sussure, Durkheim, Weber e Marx a interlocução necessária para problematizar os pilares da linguagem, da organização social, da estrutura de classes e da constituição da cultura. Busca compreender as diferentes manifestações do simbólico, nelas incluindo os rituais, os costumes, crenças e religiosidade, da ordem social e dos pequenos grupos que, por tradição ou herança cultural, cultivam ao longo de diferentes momentos históricos, modos distintos de expressar, constituir os esquemas de valores e costumes, hierarquizados socialmente.

Ao tratar da estrutura da sociedade, postula que:

[...] os esforço para descobrir e descrever a estrutura específica de uma sociedade particular, isto é, o sistema de relações que se estabelecem entre suas diferentes partes, conferindo a cada uma destas partes, e à totalidade que compõem, uma singularidade irreduzível, não impede a comparação entre partes pertencentes a totalidades diferentes. Tal esforço constitui a condição de validade de uma comparação que só estará realmente fundamentada se estabelecida entre partes estruturalmente equivalentes (BOURDIEU, 2005, p. 13).

O autor ao construir as bases de uma ciência que pensa as práticas sociais e a realidade concreta, avança na caracterização das classes, ao apreendê-las não apenas enquanto uma totalidade homogênea, mas suscetível de frações, composta por grupos distintos.

Uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, isto é, pelas relações que mantêm objetivamente com as outras classes sociais. Inúmeras propriedades de uma classe social provêm do fato de que seus membros se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com indivíduos das outras classes, e com isso exprimem diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendendo a transmutá-las em *distinções significantes*. É a independência relativa do sistema de atos e procedimentos expressivos, ou por assim dizer, das marcas de distinção, graças às quais os sujeitos sociais exprimem, e ao mesmo tempo constituem para si mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social (e a relação que eles mantêm com esta posição) operando sobre os “valores” (no sentido dos lingüistas) necessariamente vinculados à posição de classe, uma duplicação expressiva que autoriza a automização metodológica de uma ordem propriamente cultural (BOURDIEU, 2005, p. 14).

Para explicitar a tensão existente na relação interna de uma classe, as frações de classes, e os códigos tornados legítimos, quando submetidos à hierarquia de valores sociais, recorre à mediação de diferentes variáveis, que transitam entre o simbólico, a organização do grupo, os costumes e as manifestações culturais, consideradas enquanto pontos de distinção.

Nesta construção, o autor abre espaço na formulação de sua teoria sociológica, para pensar outras conformações que não se restringem apenas às determinações econômicas, políticas ou religiosas.

Ao constatar que o poder econômico puro e simples e, sobretudo “a força nua do dinheiro” não constituem, necessariamente, um fundamento reconhecido do prestígio social, Max Weber distingue a classe social enquanto um grupo de indivíduos que, por partilharem a mesma “situação de classe”, isto é, a mesma “situação de mercado”, possuem as mesmas chances típicas no mercado de bens e de trabalho, as mesmas condições de existência e de experiências pessoais e os grupos de *status* (Stand) que são conjuntos de homens definidos por uma certa posição na hierarquia da honra e do prestígio. Ao que tudo indica, Weber opõe a classe e o grupo de *status* como dois tipos de unidades reais que se confundiriam de modo mais ou menos freqüente, conforme o tipo de sociedade (isto é, ao que parece, conforme o grau de autonomização e de dominação da ordem econômica). Para restituir às análises weberianas toda sua força e alcance, antes é preciso reconhecer que os grupos de *status* e as classes constituem unidades nominais que podem restituir a realidade de modo mais ou menos completo segundo o tipo de sociedade, mas que são sempre resultado da opção de acentuar o aspecto econômico ou o

aspecto simbólico, aspectos que sempre coexistem na própria realidade (em proporções diferentes conforme as sociedades e as classes sociais de uma mesma sociedade), uma vez que as distinções simbólicas são sempre secundárias em relação às diferenças econômicas que as primeiras exprimem, transfigurando-as (BOURDIEU, 2005, p. 14-15).

Ao questionar a soberania do econômico na constituição das classes e nas suas relações internas, recoloca outras possibilidades de manifestações do grupo, no esquema de valores que legitimam o fazer social. Desta forma, chama a atenção para a forma como o simbólico pode interferir na composição e na distinção das frações de classe, na constituição de singularidades dos usos, costumes, nos arranjos e modos da vida social.

Vale dizer, as diferenças propriamente econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas na maneira de usufruir estes bens, ou melhor, através do consumo, e mais, através do consumo simbólico (ou ostentatório) que transmuta os bens em signos, *as diferenças de fato em distinções significantes*, ou para falar como os lingüistas, em “valores”, privilegiando a *maneira*, a forma da ação ou do objeto em detrimento de sua função. Em conseqüência, os traços distintivos mais prestigiosos são aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social – por exemplo, a roupa, a linguagem ou a pronúncia, e sobretudo “as maneiras”, o bom gosto e a cultura – pois aparecem como propriedades essenciais da pessoa, como um ser irredutível ao ter, enfim como uma *natureza*, mas que é paradoxalmente uma natureza cultivada, uma cultura tornada natureza, uma graça e um dom. o que está em jogo no jogo da divulgação e da distinção é, como se percebe, a excelência humana, aquilo que toda sociedade reconhece no homem cultivado (BOURDIEU, 2005, p. 16).

Neste sentido, ao situar a catequese e a educação franciscanas no contexto goiano da primeira metade do século XX, requer pensar a educação escolar enquanto um bem simbólico que não está igualmente acessível a todos. Estão determinados pelos vários aspectos que caracterizam as condições locais. Implica em considerar este acesso sob a perspectiva tanto da inclusão e como da exclusão enquanto processos constitutivos do sistema social, mediado pelo simbólico. Ora, no caso em específico do estudo sobre a catequese e a educação franciscanas, esse movimento media as relações, as contradições que podem permear tanto a afirmação dos postulados religiosos, quanto às resistências, as adequações e acordos que vão se fazendo necessários no longo processo de consolidação da missão em Goiás, concretizados nas ações de evangelização e de instrução.

Assim explicita Bourdieu:

Destarte, a lógica do sistema de atos e procedimentos expressivos não pode ser compreendida independentemente de sua função, que é dar uma tradução simbólica do sistema social “como sistema de inclusão e de exclusão” [...] De fato, nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas (ou o aspecto simbólico das ações) nada significam além delas mesmas: na verdade, elas exprimem sempre uma posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção (BOURDIEU, 2005, p. 17).

A associação entre o econômico e o simbólico também é desvelado por meio do movimento, concebido pelo autor como,

[...] o jogo das distinções simbólicas se realiza, portanto, no interior dos limites estreitos definidos pelas coerções econômicas e, por este motivo, permanece um jogo de privilegiados das sociedades privilegiadas, que podem se dar ao luxo de dissimular as oposições de fato, isto é, de força, sob as oposições de sentido (BOURDIEU, 2005, p. 25).

Nesta dinâmica, a quem compete definir as regras e a operar?

Tentar apreender as regras do jogo da divulgação e da distinção segundo as quais as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar por seu aspecto econômico, as distinções simbólicas, e muito menos, reduzir as relações de força a puras relações de sentido. Significa optar por acentuar *explicitamente*, com fins heurísticos, e ao preço de uma abstração que deve revelar-se como tal, um *perfil* da realidade social que, muitas vezes, passa despercebido, ou então, quando percebido, quase nunca aparece enquanto tal (BOURDIEU, 2005, p. 25).

Tais postulados alicerçam as discussões que propus levantar em torno daquilo que é tomado como legítimo, aceitável, válido e reconhecido na estrutura social. Por conseguinte, é tomado como referência para identificar o que seriam os vestígios da catequese e da educação franciscanas, as características gerais das Escolas Paroquiais; a mediação de diferentes campos simbólicos (religioso, cultural, econômico, social) com a obra missionária franciscana; as relações e as manifestações de poder hierarquizadas, ritualizadas e normatizadas pelas instituições religiosas e educativas.

Além disso, indica a possibilidade de mediação entre o pensamento estruturalista e o construtivista como formas distintas de conceber e analisar a gênese do social.

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito, etc. -, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais (BOURDIEU, 2004, p. 149).

Bourdieu ajuda a pensar a organização social, formada na sua constituição por classes e frações de classe, a qual tem como referência de valores legítimos e reconhecidos, aqueles que são de domínio de uma determinada classe, a elite, caracterizada por regras e estratégias que compõem seus traços de distinção.

É a partir da referência da elite que se concebem os padrões de qualidade, legitimidade, sucesso, cultura e outros bens simbólicos, dentre eles a educação escolar. O mesmo pode ser considerado em relação à instituição religiosa, com seus rituais e símbolos.

b) O processo de escolarização reflete e reproduz a organização social

Enquanto força “força formadora de hábitos”¹⁸, a escola propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tanto esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação, aos quais pode-se dar o nome de *habitus* cultivado (BOURDIEU, 2005, p. 211).

Para Bourdieu (2005), a educação escolar faz parte do conjunto de estratégias utilizadas na reprodução de uma classe ou de uma determinada fração de classe, tomando sempre como referência o padrão de qualidade da educação da elite. Tal premissa também pode servir para interpretar as relações constituídas pela estrutura institucional franciscana ao aliar a catequese e a educação enquanto meta para a evangelização do povo goiano. De um lado teríamos uma população sem instrução e fortemente identificada com as práticas religiosas populares. De outro haveria uma camada social média e alta interessada na referência de qualidade da educação católica que os franciscanos poderiam oferecer aos seus filhos. O pacto da catequese e da educação situar-se-á neste interstício habilmente conduzido pelos missionários: aos pobres a catequese, a instrução elementar e prática; aos filhos das elites locais, uma educação direcionada para os estudos superiores e a qualificação dos futuros quadros destinados a ocupar os espaços da burocracia urbana e estatal.

Ocorre que estes processos não se dão por pura transferência direta, de apropriação por uma fração de classe dos signos e códigos legitimados por uma classe dominante (a elite). Envolvem diversos determinantes, que o autor denomina de campos e capitais, existentes não só na esfera da economia, como também da cultura e do simbólico, considerados enquanto pré-condições para o alcance (ou não) dos objetivos e fins da escolarização. No tocante às dimensões da catequese franciscana, estes traços se assemelham na medida em que expressam as intenções de instituir novas práticas e novos rituais simbólicos do campo religioso, concebidos segundo os preceitos da Igreja romana.

É no conjunto destas diferentes estratégias que as práticas sociais moldam o conceito de *habitus*, assim definido pelo autor:

¹⁸ Aspas mantidas da tradução original.

As práticas resultam da relação dialética entre uma *estrutura* – por intermédio do *habitus* como *modus operandi* – e uma *conjuntura* entendida como as condições de atualização deste *habitus* e que não passa de um estado particular da estrutura. Por sua vez, o *habitus* deve ser encarado como “um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados (BOURDIEU, 2005, p. XLI).

Na construção do conceito, explicita a forma como a mediação se dá, colada nas condições objetivas da existência social, concebida tanto na lógica da reprodução, como na gestação da mudança.

A mediação operada pelo *habitus* entre, de um lado, as estruturas e suas condições objetivas, e de outro, as situações conjunturais com as práticas por elas exigidas, acabam por conferir à *práxis* social um espaço de liberdade que, embora restrito e mensurável porque obedece aos limites impostos pelas condições objetivas a partir das quais se constitui e se expressa, encerra as potencialidades objetivas de inovação e transformações sociais. O *habitus* vem a ser, portanto, um princípio operador que leva a cabo a interação entre dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e as práticas. O *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas (BOURDIEU, 2005, p. XLI).

Afirma ainda que a classe que mais se aproxima desses ideais de formação escolar é a classe média, por reunir um conjunto maior de pré-requisitos, necessários para alcançar seus objetivos. Em outras palavras admite que,

Na realidade, cada família transmite aos seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (NOGUEIRA & CATANI, 1998, p. 41-42).

Para tanto, as camadas médias vêm na educação escolar o passaporte para galgar posições mais distintivas do ponto de vista da legitimidade e do poder.

Assim como o *habitus* adquirido através da inculcação familiar é condição primordial para a estruturação de todas as experiências ulteriores, o *habitus* transformado pela ação escolar constitui o princípio de estruturação de todas as experiências ulteriores, incluindo desde a recepção das mensagens produzidas pela indústria cultural até as experiências profissionais (BOURDIEU, 2005, p. XLVII).

Tais estratégias tornam essas camadas sociais mais propensas a atingir o bom desempenho escolar, em face da definição clara e objetiva sobre a posição que frações destas classes desejam alcançar na estrutura social.

Ora, ao recuperar os postulados teóricos de Bourdieu, busquei colocar na ordem da discussão, que nenhuma proposta seja ela catequética ou educacional teria, em princípio, o poder messiânico de transformar ou moldar totalmente uma cultura religiosa enraizada em costumes locais e regionais. Isto incorre em algumas probabilidades: primeiro pelos determinantes das frações de classes que iriam assimilar e introjetar os novos preceitos religiosos e dogmáticos, cada um a seu modo; segundo, porque ao chegarem a terras goianas, os missionários americanos desconheciam o profundo e complexo contexto cultural e religioso que determinavam e caracterizavam a realidade social onde pretendiam atuar. Logo, estariam sujeitos a conviver com adesões, resistências e negações de certas camadas sociais ou de frações destas camadas ao instituírem a proposta missionária ancorada na catequese e na educação.

No dizer de Bourdieu (2005), as condições objetivas das massas não reúnem as pré-condições de domínio dos códigos, signos, nem a apropriação de capitais (econômico, cultural, lingüístico, simbólico) suficientes para que os seus sujeitos tenham acesso aos bens culturais e educacionais, definidos a partir do padrão da elite.

O capital cultural e o *ethos*, ao se combinarem, concorrem para definir as condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem o princípio de eliminação diferencial das crianças das diferentes classes sociais. Ainda que o êxito escolar, diretamente ligado ao capital cultural legado pelo meio familiar, desempenhe um papel na escolha da orientação, parece que o determinante principal do prosseguimento dos estudos seja a atitude da família a respeito da escola, ela mesma função, como se viu, das esperanças objetivas de êxito escolar encontradas em cada categoria social (NOGUEIRA & CATANI, 1998, p. 50).

No caso goiano, não é possível categorizar uma classe homogênea como usuária e beneficiária da ação missionária franciscana. Haveria classes distintas das camadas médias e altas e as camadas populares. Em cada classe teria, ainda, as frações rurais e urbanas, com seus costumes e hábitos bem definidos segundo a condição social, econômica e religiosa. Semelhantes distinções poderiam ser definidoras do consumo de bens simbólicos como a instrução e as práticas religiosas, ou seja, seguramente, o que as classes melhor favorecidas economicamente desejariam das escolas franciscanas na formação de seus filhos não seria apenas a preparação elementar e a catequese voltada para os sacramentos.

Isso significa que a apropriação do projeto catequético e missionário franciscano não se realizaria de maneira uniforme, haveria adesões, acordos e resistências típicas do processo de apropriação de cultura religiosa institucionalizada e de uma instrução escolar fundada na ética e nos valores cristãos católicos. Em se tratando de populações urbanas e rurais (com predomínio da última), marcadas por práticas populares e costumes

locais, cada fração de classe possuiria os seus próprios códigos de referência a partir dos quais seriam processadas as diferentes possibilidades de assimilação e adesão aos bens simbólicos.

Assim, ao interpretar os vestígios da catequese e da educação empreendidos pelos frades e irmãs americanas em Goiás, teria que relativizar o alcance e a projeção desta obra missionária. As singularidades do contexto brasileiro e goiano ficam evidentes nas fontes empíricas e nas informações obtidas nos depoimentos de diferentes sujeitos. Em síntese, julguei pertinente a utilização dos conceitos sociológicos de Bourdieu como instrumental teórico auxiliar nas diferentes leituras sugeridas no percurso de demonstração e de interpretação dos dados, contextos e relações construídas e impulsionadas pelo projeto missionário franciscano em Goiás.

CAPÍTULO II

TRAÇOS DA RELAÇÃO ESTADO-IGREJA EM GOIÁS: INTERPRETAÇÃO DE CONTEXTOS E ATORES (1930 – 1940)

A inculcação dos *habitus* tal como ela foi operada no espaço escolar: *habitus* cristãos, *habitus* cívicos, ou simplesmente civilidade pueril e discreta (JULIA, 2001, p. 36).

Na tentativa de interpretar aspectos do contexto educacional goiano, especialmente os relativos à escola primária, já constituída desde os primeiros anos da República, tomamos por modelo dois aspectos que marcam a ação do Estado e da Igreja em Goiás na década anterior à chegada dos franciscanos americanos e, portanto, antecede à criação das escolas paroquiais franciscanas. Tal escolha teve o propósito de apontar elementos da estrutura escolar e pedagógica já existente no estado de Goiás desde a Primeira República e o empreendimento da Igreja em realçar as atividades educativas, neste caso, sob a ótica do empreendimento diocesano da gestão do bispo Dom Emanuel. Empreendimento configurado no vasto território que abrigava a Diocese de Goiás, com sede na antiga Vila Boa, hoje Cidade de Goiás, à época capital do Estado.

Busquei através destas duas leituras evidências que, não apenas articulasse a simbiose entre Igreja e Estado, como também indicasse a presença de um ideário de instrução sintonizado com a modernização pedagógica de outros estados do Brasil, inspirada em práticas realizadas por outros países da Europa e da América.

Em síntese, a idéia central que alimentou a construção deste capítulo residiu em tecer argumentos em torno da seguinte questão: a partir da década de 1940, as escolas paroquiais preenchem um vácuo que o Estado¹⁹ até então não havia atendido plenamente em termos de instrução primária. Entretanto, Goiás já possuía uma estrutura escolar, com orientações e diretrizes, pelo menos no plano das propostas, programas e regimentos, bem delineadas do ponto de vista da organização pedagógica. Logo, ao trazer a *lume* a presença e atuação das instituições escolares franciscanas, estes aspectos não podem ser desconsiderados sob pena de mutilar as múltiplas relações do contexto da educação à época.

¹⁹ Estado é concebido neste caso como unidade federativa responsável pelo aparelhamento dos serviços essenciais sob sua responsabilidade.

2.1 Indícios de um ideário renovador em Goiás na década que antecede a criação das escolas franciscanas

Estudos sobre a modernização e a renovação educacional em Goiás, sinalizam os indícios de mudança do ideário pedagógico goiano a partir da Reforma do Ensino de 1935, como é o caso dos estudos de SILVA (1975). Contudo, ao recorrer às fontes documentais, descobri que o intento da renovação pedagógica já se fazia presente no estado goiano em época anterior, na Reforma do Ensino realizada entre 1929 e 1930. Assim buscamos interpretar aspectos distintos da Reforma do Ensino promovida pela oligarquia que administrava o Estado de Goiás entre 1929 e 1930. A existência de acervos públicos sob a tutela do estado ou de instituições de pesquisas em Goiás²⁰, tem possibilitado a diversos pesquisadores desvelarem as marcas de diferentes reformas educacionais ocorridas especialmente na primeira metade do século XX, o que, do ponto de vista histórico, tem um enorme valor para a educação goiana.

Tomei por pressuposto que, nas bases estruturantes do sistema capitalista, mesmo as forças políticas mais conservadoras, a seu modo, se movimentam para manter a coesão e a legitimidade do poder através de ações junto a determinados setores sociais. No caso em questão, a Reforma do Ensino em Goiás (1930), conforme descrito nas propostas, regulamentos e programas, teve um teor notoriamente elitista, cuja finalidade fora assegurar a hegemonia oligárquica pela via da modernização do ensino.

Situei a essência da Reforma no discurso oficial manifesto em documentos e em mensagens do governo divulgadas no *Jornal Correio Oficial de Goyaz*, considerando duas possibilidades de análise. A primeira, reside na leitura do contexto social extraída da análise de ações e eventos que deram visibilidade às mudanças no Ensino Primário, no Jardim de Infância, no Curso Normal, na estrutura material e pedagógica das instituições escolares. Tais mudanças manifestaram-se, em princípio, pela formulação de documentos oficiais: programas de ensino, regulamentos e outras ações que envolveram a modernização educacional referida. A segunda consiste em interpretar o aparato técnico, burocrático e as ações coordenadas pela Missão Pedagógica Paulista, com destaque para o lugar e o sentido atribuídos à experiência nos documentos e discursos que alicerçaram a Reforma. O conceito

¹⁹ Em particular refiro-me ao Arquivo Histórico do Estado de Goiás, vinculado a AGEPEL – Agência Goiana de Cultura “Pedro Ludovico Teixeira” – e ao IPEHBC – Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central –, mantido pela Universidade Católica de Goiás, ambos são tutores de excelentes fontes documentais do período em estudo.

de experiência é, pois, revisitado segundo o ideário educacional escolanovista proclamado nos pronunciamentos e orientações dadas pelos mestres paulistas aos educadores goianos.

Neste sentido, considere relevante realçar o conceito de experiência enquanto uma ação que permeia os discursos da Reforma do Ensino e pode conferir singularidade às mudanças anunciadas, na medida em que se insere nos referenciais teóricos que servem de base para as reformulações proclamadas.

2.1.1 O ensino goiano no contexto da Primeira República

Nagle (1974), ao configurar o contexto da sociedade brasileira na Primeira República, é pouco otimista em relação às mudanças prometidas pelo novo regime, em relação à estrutura social e à manutenção do poder.

[...] a transição do regime monárquico para o republicano não implicou transformação mais profunda dos fundamentos sociais da sociedade brasileira. Sob o novo regime político permaneceram, praticamente, a mesma estrutura do poder, a mesma mentalidade, as mesmas instituições básicas, enfim, os mesmos interesses dos grupos ou classes que se estruturaram no período imperial, embora se possa afirmar que ‘a República já não corresponde a uma sociedade aristocrática e escravocrata. Ela é, profundamente, um movimento burguês’ (NAGLE, 1974, p. 283).

Goiás seria diferente dos demais estados brasileiros, com o agravante de manter alguns passivos em termos educacionais. Nas primeiras décadas da República, o Estado conservava uma estrutura oligárquica herdada do Império, na qual as elites políticas e comerciais se concentram nos centros urbanos, a burocracia do Estado se faz presente na capital, sendo quase inexpressiva nas vilas e nas pequenas cidades. A elite rural e agrária compõe pólos regionais, segundo as atividades desenvolvidas, com o incremento da produção agrícola orientado para os grandes centros consumidores, notadamente os estados do Sudeste do Brasil, para onde se destinava praticamente toda a produção da pecuária e da agricultura goiana da época.

Nas regiões beneficiadas por ferrovias e estradas, a comunicação, o comércio e os negócios eram facilitados, principalmente com estados vizinhos a Goiás. Situação inversa, de isolamento e escassez, era observada nas regiões do alto sertão²¹, onde o transporte e o comércio somente se realizavam com o uso de animais e veículos rudimentares. A propósito, encontramos em Palhano (1922) uma descrição da morosidade na edificação da malha

²¹ Esta expressão encontrada em vários documentos históricos, inclusive nos Anais do VIII Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia (de 18 a 27 de junho de 1942), denomina as regiões mais distantes da capital, principalmente as situadas onde hoje é o Estado do Tocantins.

ferroviária projetada para o Centro-Oeste e Sudeste, que atravessa o Império e adentra a República.

Goiaz teria, além das comunicações ferro-viárias acima assinaladas para os portos do Rio e Santos, duas vias mixtas, ferro-fluviaes, que cortariam o Estado de Sul a Norte, dando-lhe uma saída pelo Porto de Belém do Pará e servindo igualmente ao estado de Matto-Grosso pela navegação do Rio das Mortes e Araguaia. [...] Hoje, decorridos 30 annos, é curioso examinar a parte deste vasto plano que logrou execução. Os trilhos da Estrada de Ferro Mogiana penetraram em terras do Triangulo Mineiro e foram continuadas pelos da Estrada de Ferro Goiás, que servem á Cidade de Catalão e estancaram provisoriamente, por outro lado, á margem do Rio Corumbá, affluente do Paranahiba, no Sul do Estado de Goiaz. Nem mais um palmo de estrada de ferro conta este vasto Estado. [...] O prolongamento da Estrada de Ferro Oeste de Minas até entroncar na Estrada de Ferro Central do Brasil, em Barra Mansa, se acha inaugurado, mas os outros dois não estão concluidos, chegando a linha de Perdões e Formigas até Patrocínio e tendo sido suspensa a construcção do seu prolongamento, assim como a do ramal de Araxá, que parte de S. Pedro de Alcantara, com destino a Uberaba. [...] Não teve inicio a Estrada de Goiaz a Cuiabá e nem a de Catalão a Palmas, que deveria passar na região assinalada na Constituição Federal para séde da futura Capital da Republica, nas proximidades da cidade goiana de Formosa. (PALHANO, 1922, p. 730. *Grafia original*).

Esta realidade díspar do início da República caracteriza Goiás enquanto uma unidade federativa com enorme extensão territorial, marcada por vazios demográficos, cuja população se concentrava em sua grande maioria na zona rural, com centros urbanos distantes e de difícil acesso. A escassez das rodovias e ferrovias por vezes dificultava o contato dos municípios com a própria capital do estado de Goiás.

No plano educacional, Silva (1975) faz uma advertência quanto à impossibilidade de se considerar os períodos da historiografia da educação brasileira como parâmetro para localizar correspondentes em Goiás. Mostra que as mudanças, adequações e incremento didático-pedagógico na instrução pública em Goiás ocorreram em passos lentos, forjados por diferentes decretos desde o início do século XX. Tais medidas tiveram por finalidade alterar o passivo educacional do estado, que atravessara o século XIX arrastando o atraso do analfabetismo e as questões sanitárias existentes no Império, daí a frequência dos decretos de reformulação do ensino, especialmente entre 1900 e 1940.

[...] os processos educacionais, em particular, e a escola, em geral, experimentaram lenta evolução e os marcos diferenciadores das diversas fases mostram-se desconstruídos da periodização natural da historia brasileira. Os anos imediatos a proclamação da República, por exemplo, nada dizem em relação a uma mudança significativa no campo educacional. [...] A periodização tradicionalmente observada no estudo da Historia da Educação Brasileira, de divisionamento em período Colonial, Imperial e Republicano, não expressa, por conseguinte, com realidade, os marcos mais significativos da evolução da Historia da Educação em Goiás (SILVA, 1975, p. 233-234).

Ainda segundo esta pesquisadora, a expectativa por uma renovação educacional em Goiás pela via da modernização didática, metodológica e estrutural iniciou-se por volta de 1919, com a iniciativa de criação dos grupos escolares, marcada por situações de improvisos, inadequações e precariedades. Embora haja a apropriação nominal dos períodos históricos na literatura educacional goiana ao se compará-los com os processos de reformas efetivados em outros estados, tal utilização parece ser arbitrária, já que, no caso de Goiás, as mudanças são consideradas distintas, principalmente no que se refere à educação pública.

Desde o limiar da República, as primeiras medidas adotadas no sentido de remodelar o ensino já mostravam uma tendência de buscar o padrão de modernidade e inovação nos modelos de escolas dos estados de Minas Gerais e de São Paulo.

Outra evidência pode ser encontrada em muitos grupos escolares que conseguiram notória projeção, através do apoio dos municípios na construção da sede própria e na aquisição de equipamentos e material pedagógico. Tais investimentos tinham inspiração nas instituições mineiras e paulistas, em especial nos municípios situados nas regiões Sul e Sudeste de Goiás, cuja proximidade com alguns municípios mineiros exercia maior influência na organização do ensino do que propriamente as medidas decretadas na capital de Goiás²².

A República revelou um crescimento incipiente na instrução pública goiana, tanto que apenas seis unidades foram instaladas nas cidades e distritos mais importantes do estado. Somente em 1925 foi criado o primeiro regulamento para os grupos escolares. Se forem consideradas as dimensões territoriais do estado, à época, mesmo diante dos vazios demográficos, esse número é inexpressivo do ponto de vista do alcance da população ao Ensino Primário. Supõe-se que tal estrutura estava longe de atender à quantidade de alunos em potencial, existente em todo o território goiano.

De modo particular, o final da década de 1920 testemunhou um acirrado jogo de poder entre os interesses da oligarquia e os dos constitucionalistas. O chamado setor oligárquico (sob a liderança de Brasil Ramos Caiado e Alfredo Lopes de Moraes), influenciado pelo otimismo pela educação e pelo entusiasmo pedagógico em curso nos estados brasileiros mais desenvolvidos, alavanca a Reforma do Ensino em 1930, com o apoio da Missão Pedagógica Paulista.

²² Historicamente os municípios goianos que fazem divisas com o Estado de Minas Gerais mantinham comunicação e relações comerciais com os municípios mineiros de forma mais intensa do que com a capital Vila Boa, razões pelas quais eram frequentemente projetados como mais evoluídos e em vias de maior crescimento econômico.

Entre 1920 e 1929, particularmente, a instrução pública nos Estados e no Distrito Federal sofre muitas alterações, de que resultam a ampliação da rede escolar, o melhoramento das condições de funcionamento das instituições escolares existentes, a criação de novas instituições, até mesmo de caráter paraescolar – com o que se estende o raio de ação da escola e novas funções lhe são atribuídas – e o estabelecimento de novos órgãos de natureza técnica, com o objetivo de tornar o complexo administrativo-escolar mais adequado à nova situação. Tudo isso quer dizer que, no período, tenta-se outra montagem para os sistemas escolares estaduais (NAGLE, 1974, p. 190).

No caso goiano, representantes do setor oligárquico, em 1929 (Brasil Ramos Caiado e César da Cunha Bastos) e em 1930 (Alfredo Lopes de Moraes e José Gumercindo Márquez Otéro), respectivamente Presidentes e Secretários do Interior e Justiça, responsabilizaram-se pelos atos administrativos que resultaram na modernização da “Educação Popular”²³ no estado. Tais lideranças impulsionaram a referida reforma recorrendo oficialmente ao estado de São Paulo para promover as mudanças na educação estadual sob os princípios da Pedagogia moderna. A comissão de professores enviada a Goiás pelo governador Júlio Prestes teve a finalidade de orientar a Reforma Educacional de 1930, conduzindo a elaboração de decretos e regimentos, programas de ensino, treinamento, atualização pedagógica e incremento da inspeção escolar, dentre outras medidas.

Em pleno governo oligárquico de 1929, o Presidente do Estado, em mensagem oficial sobre os atos do Executivo destinada ao Congresso Legislativo, traça um panorama da situação educacional goiana, no qual divide o sistema de ensino em dois grupos distintos: as instituições públicas, mantidas pelo estado de Goiás com o apoio dos municípios e as instituições subvencionadas, estas últimas, em sua maioria, administradas por ordens religiosas, mas apoiadas financeiramente pelo poder público. Realça ainda a presença de seis Escolas Normais em atividade no território goiano: uma na capital (Escola Normal Oficial do Estado) e cinco em regiões distintas do estado, sendo as do interior equiparadas à da capital (CORREIO OFFICIAL n. 1.563, de 28 de Maio de 1929 p. 17).

Nagle mostra que a preocupação com o analfabetismo ganha a cena das plataformas eleitorais de Júlio Prestes e Getúlio Vargas, através do programa apresentado pela Aliança Liberal, no qual o assunto da escolarização é assim exposto:

Nesse documento procura-se realçar a importância da valorização do homem pela educação, difundindo a instrução primária, principalmente nos sertões, ampliando a rede de escolas técnico-profissionais, atualizando o ensino secundário, na parte de seus métodos e disciplinas, instituindo o regime das universidades autônomas e, enfim, criando uma entidade oficial e autônoma, de jurisdição nacional, um Ministério, para atender às questões da instrução, educação e de saneamento (NAGLE, 1974, p. 108).

²³ Este termo era utilizado para referir-se ao Ensino Primário, à instrução das primeiras letras.

Seguindo a tendência verificada em âmbito nacional de priorizar a instrução primária, semelhantes interesses vão motivar a Reforma do Ensino idealizada pelos oligarcas goianos. Embora tivesse um amplo espectro de mudanças que incluíam o Jardim da Infância, o Curso Ginásial, o Curso Normal e o treinamento de professores, o foco principal se orientava para o Ensino Primário, inserindo, assim, a preocupação com a alfabetização do povo no cerne da renovação e das ações propostas.

Mas, ao falar em oligarquias, elite e povo, seria possível definir quem é esse povo ou quem é essa elite no poder em Goiás?

Referindo-se ao mesmo período em estudo sobre a Educação na Primeira República, Nagle adverte sobre a dificuldade de definir e caracterizar as classes sociais brasileiras, tendo em vista as particularidades que as mesmas apresentam.

Se é discutível a presença de camadas médias, no período que está sendo analisado, constitui problema identificar tais camadas como classe. Neste contexto de base patrimonialista, pode-se falar na existência de camadas ou setores médios, pois fica reduzida a possibilidade de considerá-los formações classistas. De outro lado, as características das chamadas classes médias sempre impediram formulações mais precisas de seus traços típicos; [...] elas se apresentam de forma inarticulada, são economicamente instáveis, politicamente míopes e ideologicamente inconsistentes (NAGLE, 1974, p. 29).

A organização da sociedade goiana, concordei com este autor, reservadas as devidas distinções regionais, se assemelha à organização social do país:

A verdade é que possuímos classes sociais bem diferenciadas; - os ricos em pequeno número, misturados à classe média, composta de intelectuais, industriais, comerciantes etc., *criaturas bem nascidas*, em geral abastadas, ou pouco menos, com aspirações, vaidosas, forradas de preconceitos; - os proletários, homens do trabalho manual, seres de aluguel, que trabalham para não se deixar morrer de fome, em geral explorados e maltratados, constituindo a maioria; - finalmente a ralé, o refugio social originado, por degradação, de todas as camadas (NAGLE, 1974, p. 111).

Pude indicar que, em linhas gerais, a elite goiana se constituía deste grupo de “pessoas bem nascidas” e abastadas, fazendeiros e autoridades regionais que compunham a incipiente burocracia do Estado, ao passo que maioria da população, ficava dispersa nas longínquas regiões rurais, em vilas e pequenas cidades. O ‘povo’, formava a mão-de-obra braçal desprovida de qualificação ou instrução formal. Quase sempre eram indivíduos sem nenhum vínculo com a propriedade da terra, apesar de fazerem das atividades de manejo agrícola e pecuário o principal meio de sobrevivência; se ocupavam principalmente da prestação de serviços no campo e vilarejos.

É neste contexto que a Missão Pedagógica Paulista presidida pelo Prof. Humberto de Souza Leal²⁴ e integrada pelos Professores José Cardoso²⁵ e Cícero Bueno Brandão²⁶, alicerça a Reforma Educacional de 1930, propagada pela imprensa oficial como sendo a responsável pela introdução da Pedagogia moderna no sistema de ensino goiano.

[...] Para esse efeito, entendeu-se o nosso governo com o governo de S. Paulo, com o intuito de obter deste um educador competente, entre os muitos de que dispõe o Estado, *primus inter pares*, nesse particular, e que de longos annos consagra à instrucção popular incessantes cuidados.

Hoje assume a direção da escola normal o sr. Humberto de Sousa Leal, formado pela escola normal secundária de S. Paulo em 1914 e, indicado pelo governo paulista como capaz de desempenhar com pleno êxito a missão que aqui veio a cumprir. O acerto da escolha confirma-o a imprensa paulista, encarecendo os méritos do escolhido, cuja investidura é de suppor signifique o começo de nova era para o nosso ensino normal e primário (CORREIO OFFICIAL DE GOYAZ n. 1.617, 15 de outubro de 1929, p. 6)²⁷.

Durante a permanência da referida Missão Pedagógica em Goiás, com previsão inicial de um ano (entre 1929 e 1930), as ações da Reforma foram difundidas junto aos professores, inspetores e diretores escolares através de uma Secção Pedagógica no Correio Oficial especialmente criada para propagar os atos institucionais e o novo ideário pedagógico. Através desta seção, foram interlocutores dos intelectuais paulistas, outros educadores e técnicos do estado de São Paulo, que atuavam como colaboradores da Missão, burocratas do governo goiano, alunas da Escola Normal e Inspectores Escolares, que mantiveram publicação regular na “Secção Pedagógica”. Constam do argumento desta seção: artigos, crônicas, textos filosóficos, planos de ensino, instruções metodológicas e divulgação de eventos, tendo como temática a Reforma do Ensino em Goiás, devidamente vinculada às instruções paulistas em termos de método, conteúdo e forma, conforme o anunciado em diferentes documentos e discursos. Cerimônia e pompa caracterizam os resultados da Missão Paulista em Goiás.

Nas publicações de *O Correio Oficial de Goyaz* – entre 1929 e 1930 –, é possível constatar uma permanente preocupação do governo e dos intelectuais em tornar

²³ HUMBERTO DE SOUZA LEAL: formado normalista pela Escola Normal Secundária de São Paulo, concluiu seu curso em 1914; era diretor do Grupo Escolar “Dr. Almeida Vergueiro”, em Espírito Santo do Pinhal; foi convidado pelo então Diretor Geral da Instrução Publica de São Paulo (Amadeu Mendes) para assumir a chefia da Missão Pedagógica Paulista. Em Goiás, durante um ano exerceu atividades como a de diretor da Escola Normal.

²⁴ JOSÉ CARDOSO: responsável pelas aulas de metodologia, música e pedagogia no curso de Aperfeiçoamento Pedagógico; também assumiu a direção da Secção Pedagógica criada no Correio Oficial do Estado, encarregada de difundir os pressupostos da reforma, com orientações didáticas, plano de atividades, recomendações aos professores, dentre outras medidas.

²⁵ CÍCERO BUENO BRANDÃO: conduziu as aulas de ginástica no curso de aperfeiçoamento pedagógico e realizou trabalhos de inspeção escolar e acompanhamento das atividades dos professores nos grupos escolares.

²⁶ Todos os textos retirados do Correio Oficial conservaram a grafia original.

públicos todos os atos alusivos ao ensino, às mudanças pretendidas pela Reforma. Uma das primeiras iniciativas publicadas pela imprensa oficial, foi o padrão a ser observado para a construção dos prédios escolares, visto que, em municípios mais distantes da capital, havia o empenho dos prefeitos e das lideranças políticas locais, em construir prédios para abrigar as atividades de ensino.

Enquanto estratégia de divulgação institucional os eventos públicos tiveram um papel significativo. Através de atos cívicos e reuniões públicas a Reforma do Ensino era ovacionada por autoridades, burocratas do governo, intelectuais e representantes da elite local. Assim, ao lado das ações administrativas coordenadas pela Missão Pedagógica, as inaugurações e festas cívicas asseguravam o propósito de apresentar à sociedade goiana as mudanças em curso, conforme o formulado na matéria abaixo:

Com a assistência de sua excelência o senhor Presidente do Estado, dos seus mais graduados auxiliares, de altos funcionários federaes, estaduaes e municipaes, de professores dos nossos institutos de ensino superior, secundário e primário, officiaes do exercito e da policia e representantes de outras classes sociaes, constituindo numerosa concorrência, foi inaugurado a 31 de outubro pretérito o curso pedagógico de aperfeiçoamento, professado pelo tecnico de ensino que o governo de S. Paulo, por iniciativa do nosso governo, deputou ao nosso Estado, para a renovação de methodos na esphera do ensino normal e primário. [...] Com a sóbria elegância com que sempre se exprime, discorreu na mesma ordem de idéias o sr. dr. Alfredo de Moraes, fazendo commentarios allusivos a certos methodos de ensino e rendendo homenagem à administração passada, pelos seus esforços no sentido de melhora-lo e de lhe dar nível cada vez mais elevado, seguindo-se-lhe a senhorita Ophelia do Nascimento, talentosa directora do grupo escolar desta capital, que em nome de seus collegas e professores primários presentes, saudou ao professor Sousa Leal, expressando-lhe o empenho de todos em obter e propagar os melhores frutos das noções ministradas pelo seu saber e experiência profissional. [...] O professor Humberto Leal, pela sua brilhante preleção, fundamentou as melhores esperanças na orientação que foi chamado a imprimir ao ensino, influindo no animo de todos os que o ouviram a mais favorável impressão de sua aptidão didactica e dos conhecimentos technicos necessários ao cabal desempenho do seu encargo. [...] terminando por agradecer o comparecimento de todos os que contribuíram para o brilho de uma reunião, destinada a celebrar um acontecimento feliz nos fastos da nossa instrucção pública. (CORREIO OFFICIAL DE GOYAZ, n. 1.625, 5 de novembro de 1929, p. 7).

Os representantes oligárquicos responsáveis pelo comando do governo goiano recorriam aos atos de ordem cívica para recepcionar a Reforma do Ensino e apresentar seus resultados, a começar pela qualificação dos professores primários e diretores dos grupos escolares. Autoridades civis, militares, eclesiásticas, professores, alunos e membros da burocracia do estado, compunham a sociedade à qual se destinava os benefícios da educação popular, se fazia presente para aplaudir e convalidar as medidas empreendidas. Seriam estes os traços da modernidade e civilidade republicana consagrada pela via da escolarização?

Tanto nos discursos quanto nas propostas há uma preocupação constante com o ordenamento racional e metodológico do ensino, com a organização dos espaços, com o domínio pelo professor de um caminho instrucional a ser seguido, conforme os modelos da Moderna Pedagogia. Em outras palavras, há expectativa de alinhamento da reforma goiana com o ideário pedagógico da Escola Nova em funcionamento nas escolas paulistas. Esta seria a modernização idealizada e planejada pela oligarquia no poder nos anos trinta.

As mudanças preconizadas pela Missão Pedagógica Paulista nos termos da Reforma do Ensino tornaram-se plataforma do governo oligárquico, ressaltadas junto às instâncias administrativas pelo argumento da mudança e da modernização.

MENSAGEM PRESIDENCIAL

Dirigida aos Senhores Membros do Congresso Legislativo

[...] As principais medidas que, apenas com dez meses de governo, foram postas em prática para o melhoramento e desenvolvimento do ensino, são em synthese as seguintes, pelas quaes se pode conjecturar outras providencias secundarias, todas denotativas da atenção que lhe têm prestado os poderes públicos estaduaes:

Proveu ao funcionamento do jardim da infância já antes dotado de corpo docente e pessoal administrativo e de sumptuoso prédio, construído no quadriennio passado para o grupo escolar e jardim da infância da capital, e adaptado posteriormente, com algumas modificações, para sede de outros institutos de ensino;

Criou grupos escolares e escolas singulares, onde quer que as necessidades da instrução tivessem evidenciado a conveniência dessa medida;

Regulamentou e reorganizou a escola normal da capital, dando-lhe direcção e funcionamento autônomos;

Organizou, aparelhou e installou a escola complementar, que está funcionando com regularidade;

Obteve do governo do Estado de S. Paulo que fossem postos à disposição deste Estado trez professores, cuja missão de reaviar o ensino primário, consoantes e a orientação dos modernos processos pedagógicos, está sendo executada de modo efficiente e animador.

E' essa missão composta dos professores normalistas Humberto de Souza Leal, capitão Cícero Bueno Brandão e José Cardoso, sob a direcção do primeiro. [...] (CORREIO OFFICIAL DE GOYAZ, n. 1.702, de 31 de Maio de 1930, p. 13).

Na mesma mensagem o Chefe do Executivo descreve o foco principal da mudança na organização do ensino, nos diferentes níveis:

[...] Na actualidade, **o ensino primário comprehende: o ensino preparatório, ministrado às crianças de 4 a 6 anos, nos jardins da infância, annexos às escolas normaes com três annos de curso; o ensino primário propriamente dito, às crianças de 7 a 12 annos, nas escolas ruraes com dous annos de curso; nas escolas singulares urbanas, com três annos de curso, nos grupos escolares com três annos de curso; e o ensino primário complementar, nas escolas complementares, com três annos de curso, às crianças maiores de 10 annos, que tenham diplomas de escolas estaduaes primárias ou título de habilitação em exame de sufficiências.** [...]

Sendo impraticável o melhoramento do ensino sem a collaboraçã de um corpo de professores ajustados a esse intento, tornou-se **necessário reorganizar a escola normal desta capital, modelo das demais.** [...] (*grifos nossos*) (CORREIO OFFICIAL, n. 1.702, 31 de Maio de 1930, p. 13).

As ações da Reforma do Ensino, iniciadas por Brasil Ramos Caiado são mantidas pelo seu sucessor Lopes de Moraes que deu continuidade aos empreendimentos recorrendo ao respaldo do Legislativo, inclusive para a aprovação de rubricas financeiras destinada a complementar o orçamento exigido para as mudanças na educação.

Civilizar e modernizar pela via da educação significa refinar professores e alunos através do convívio na escola, inseri-los na observância da disciplina e de horários próprios da racionalidade metodológica requerida pela Pedagogia moderna. Os discursos e apresentações que preenchem a cena das festividades oferecem um esboço da mudança efetivada na forma de resultados rápidos, numa alusão à racionalidade, ao rigor, à disciplina e à domesticação dos corpos.

FESTA ESCOLAR

Ainda se fazem sentir, vibrando em accordes sonoros e risos festivos, os ecos da cerimônia de magna importância cívica realizada no Palácio da Instrução no dia 24 findo, com a honrosa presidência de s. exa. o sr. dr. Alfredo Lopes de Moraes, a presença de seus dignos auxiliares de governo e tudo o que de mais representativo possui a nossa capital. [...]

Essa festa teve dupla finalidade: concorrer de modo eficaz para incentivar na nossa terra a formação de um ambiente salutar de apoio moral aos trabalhos dignificantes da escola [...]

Os nossos estabelecimentos de ensino, foram impellidos, como vimos, a produzir muito, em rápido tempo, por um sopro extraordinário de vida nova.

Constou o programma de duas partes: uma gymnastico-esportiva e a outra cívico-litero musical. **Na primeira era de ver-se o garbo desusado, a pompa magnífica com que os alumnos de todas as nossas casas de ensino publico desfilarão, no pateo do recreio, ao iniciar os exercícios phisicos, em continência respeitosa e justa ao notável estadista que preside aos destinos do nosso Estado e demais pessoas altamente representativas que o acompanhavam. Na segunda, fizeram-se ouvir variadas canções regionaes do nosso orpheão normalista, poesias encantadoramente declamadas por senhorita gentil e alumnos inteligentes,** após o eloqüente discurso com que o professor sr. Humberto de Souza Leal, chefe da missão pedagógica paulista, falou aos presentes, em commentario resumido, dos trabalhos que vêm sendo naquella casa executados com decidida e galharda boa vontade por parte de docentes e alumnos. [...] (*grifos nossos*) (CORREIO OFFICIAL DE GOYAZ, n. 1.702, 31 de Maio de 1930, p. 27).

A festa escolar se transforma em vitrine para a sociedade goiana, usuária em potencial da instrução reformada em todos os níveis, ao mesmo tempo em que eleva os dirigentes oligárquicos como messias da modernização do ensino. Eis o grande desafio dos paulistas: através da Reforma, educar e modernizar a elite goiana e, por conseguinte, alimentar o *status quo* da oligarquia no poder.

Modernizar a instrução pública, padronizar os grupos escolares e treinar professores para executar as mudanças pedagógicas eram os pilares difundidos pela comissão de professores paulistas. Tais motivações têm correspondido em nível nacional com o

processo de reformas do ensino realizadas em diversos estados brasileiros à época. Nagle mostra que, ao aproximar a década de 1930, ocorre no país uma efervescência de idéias, este era o momento propício para se discutir a educação brasileira:

[...] durante todo o período da história brasileira, até 1930, não se encontra outra etapa de tão intensa e sistemática discussão, planejamento e execução de reformas da instrução pública. As manifestações concretas dessa crença, principalmente as que se realizaram sob a forma de reformas da instrução pública, não ocorreram, evidentemente, de modo idêntico na sociedade brasileira como um todo (NAGLE, 1974, p. 125).

Contudo, a expectativa de interiorizar a Reforma e estendê-la a todas as regiões do sertão goiano não se efetivou por completo, ficando circunscrita à capital e às cidades de maior projeção em cada região geográfica do Estado. Os conflitos de ordem política, ideológica e econômica também presentes em Goiás, beneficiaram-se do movimento constitucionalista e derrubaram a oligarquia com o apoio de Vargas. Estas circunstâncias e especificidades da política local também se assemelham ao que ocorreu em outros estados da federação.

De um lado, é preciso notar que tais manifestações tiveram maior oportunidade de ocorrência em determinadas regiões, especialmente naquelas que representavam a parte mais evoluída dos 'dois brasis'; as desigualdades regionais provocaram, com efeito, diferentes níveis de realização. De outro lado, é preciso não esquecer a existência de imperativos constitucionais que, padronizados em sua interpretação, definiam as competências da União e dos Estados de maneira não-concorrente. Finalmente, convém lembrar o estadualismo que substituíra, de fato, a federação, a fim de que seja possível compreender, adequadamente, determinados rumos em que aquela crença se objetivou de maneira mais marcante (NAGLE, 1974, p. 125).

Após um rápido governo de transição, novas lideranças políticas acenderam-se ao poder à frente do governo goiano. Pedro Ludovico Teixeira assumiu a presidência do Estado e deu início a um novo processo de revitalização dos serviços estatais, tendo como prioridade a transferência da capital de Vila Boa (hoje cidade de Goiás), para Goiânia, a ser construída. Foi um momento em que não apenas ocorreu a alternância no poder, com novas lideranças assumindo a vanguarda do Estado e a conseqüente queda da oligarquia, mas, sobretudo, houve o impulso de mudança da capital, algo já ambicionado por muitos desde o século o final do anterior (XIX).

Imediatamente os educadores paulistas foram dispensados de suas atividades e devolvidos ao governo de São Paulo, através de atos deferidos pelos próprios chefes de governo no encerramento da administração. Acabaram-se as publicações no *Correio Oficial de Goyaz* de atos e medidas destinadas ao ensino. O novo incremento da burocracia estatal e a

instauração de outras reformas educacionais sepultaram os ideais renovadores e modernos da Reforma de 1930, juntamente com os seus idealizadores.

2.1.2 A “experiência” nos discursos da Reforma do Ensino

À primeira vista, os três intelectuais da Missão Paulista se ocupavam do ofício de professor. Todos eram instrutores dos cursos de formação e aperfeiçoamento pedagógico, além de assumirem outras funções, tais como, diretor da Escola Normal, inspetores escolares, vistoria e acompanhamento das escolas. Os eloqüentes manifestos dos integrantes da Missão Pedagógica Paulista proferidos na Seção Pedagógica, do Correio Oficial, apontam algumas evidências que permitem possíveis releituras do conceito de “experiência” enunciado nos termos da Reforma do Ensino.

As múltiplas funções assumidas pelos membros da comissão podem ser facilmente identificadas na Seção Pedagógica do Correio Oficial, com maior projeção para os professores Humberto de Souza Leal e José Cardoso, respectivamente Diretor da Escola Normal Oficial e Editor (Redator) da Seção Pedagógica, enquanto o terceiro membro, Cícero Bueno Brandão, fica em menor evidência. Talvez isso se explique pelo fato de este último se ocupar do serviço de inspeção e das aulas de ginástica, o que exigia a sua presença em diversas escolas e o seu conseqüente afastamento da capital do estado, para o exercício de suas funções. Já os dois primeiros (Souza Leal e Cardoso) permaneceram na vanguarda da Reforma na capital do Estado, na organização dos eventos e das publicações da imprensa oficial, o que nos leva a concluir que suas atividades ficavam em maior evidência ou pelo menos eram mais divulgadas pela imprensa oficial.

As visões de *experiência* presentes no ideário da Reforma, inicialmente, são referenciadas no discurso do chefe da missão pedagógica no primeiro número da Seção Pedagógica, publicada no Correio Oficial. Nela Souza Leal disserta sobre o que considera necessário para um bom professor.

HABILIDADE DOCENTE

Prof. Humberto de Souza Leal - Chefe da missão pedagógica paulista

MUITOS são os fatores necessários ao bom êxito de uma escola. Uns de menor, outros de maior importância, todos, porém, se fazem mister numa íntima correlação. Dentre elles, sem duvida, destaca-se o professor.

Diz-se bem que a escola é o mestre. É, pelo menos o organismo de que elle seria a vida.

A vida da escola é methodica e productiva, ou desordenada e inútil.

De sua classe o professor faz o que quer, ou antes, faz o que pode, dando-lhe sempre o cunho pessoal de sua capacidade technica.

Seleccionem-se alumnos de avantajado cabedal, formem-se, com elles, classes homogeneas, confiêm-se estas a professores ineptos e o resultado não tardará a manifestar-se na mais completa anarchia.

E são precisamente esses os que mais se queixam dos discípulos. – Incorrígíeis! Insuperáveis! – assim a elles quasi sempre se referem.

Referencia precipitada, ella denota, sobretudo, a inhabilidade docente, frisando a ausência da mais rudimentar das intuições, dessa intuição que, para todos os males da escola, aponta logo recursos innumeraveis.

Assim, antes de tudo, o professor dever ser arguto. A sagacidade é deveras o seu attributo primordial.

Todas as outras qualidades vêem depois, inclusive a própria cultura.

Tem-se já verificado que os portadores de diplomas distinctos nem sempre são os mais profícuos na vida pratica.

E não se diga que professor só é aquelle que nasce professor. O professor também se faz. E' questão de méro engenho. O engenho é uma faculdade inventiva que requer cultivo. O cultivo exige esforço, esforço de simples reflexão, esforço pequeno, é bem de ver.

Não é professor, portanto, bom professor, é claro, somente aquelle que não quer ser. A arte de ensinar não é privilegio de Ferrieres e Decroly, de Patrascoius e Claparedes.

Todo mestre-escola tem sua didactica própria. Procure evolui-la, evitando a rotina. São innumerous os processos de ensino. Experimente diversos e escolha o que achar melhor. Pratique-o, tente aperfeiçoa-lo e observe os resultados. Persevere si o julgar eficaz, abandone-o ou permuta-o si o considerar inútil. Consulte, discuta, convença, exercite o seu personalismo, aja, faça alguma coisa enfim, visando o êxito e da escola tudo se poderá inferir, menos a ociosidade deshonesto do professor. (*grifos nossos*)

(Correio Official/ SECÇÃO PEDAGOGICA n.1 de 06 de Maio de 1930 p. 2 e 3).

Transparece discurso proferido pelo Diretor da Escola Normal Oficial a concepção de que o aluno deve estar no centro das atenções da escola. Ao discorrer sobre as habilidades docentes, realça a capacidade técnica e o domínio prático das metodologias como o caminho para que o professor seja um bom mestre.

As palavras de Souza Leal traduzem o que compreende por experiência: a capacidade de dominar os métodos e técnicas é mais importante que a própria formação inicial do professor. Experimentar, decidir pelo mais eficaz, adaptar, abolir o que não apresentar resultados, enfim, imprimir uma dinâmica ativa à docência conforme os resultados almejados, ou seja, combinar diferentes processos com vista ao aprendizado do aluno.

Embora não manifeste uma filiação teórica explícita ao referir-se à *experiência* no plano conceitual, a forma como concebe o que seja a prática do professor é reveladora de sua compreensão sobre o fazer docente: domínio eficiente de métodos e técnicas, que são passíveis de aprendizado, numa combinação racional de resultados e produtos centrados no aluno.

Semelhante premissa pode ser localizada na visão do professor José Cardoso. Ao abrir o editorial do primeiro número da Secção Pedagógica, sob o título de '*Fins Visados*', o mestre realça o empenho das autoridades do estado com a educação e o propósito da Missão em Goiás:

[...] Muito louvável, como se vê, o seu intuito. Provocar debates educacionaes no seio do culto e operoso professorado goyano, em que se ventilem, com o concurso do indispensavel dos competentes, questões que possam **illuminar o campo de acção dos operários do ensino, fixar à luz de irrefutáveis argumentos psychopedagógicos normas seguras de conducta aos labutadores infatigáveis do magistério, suggerir dúvidas que exijam estudos especializados da criança e determinem pesquisas fecundas, de que resultaram por certo práticas eficazes na escola**, eis, em pinceladas ligeiras, o nosso programma. (*grifos nossos*). (CORREIO OFFICIAL - SECÇÃO PEDAGÓGICA n. 1 de 06 de Maio de 1930 p. 1).

Observe que a instrução pública preconizada pela Reforma, pelo menos no plano do discurso, já sinaliza aspectos que denotam avanço, porém, ainda temos pela frente um enorme campo de estudo para verificar se, na prática, estes postulados de fato foram efetivados.

Em outro ponto discorre sobre os fundamentos da Reforma. Indica a filiação dos professores da missão paulista à tendência escolanovista européia, em princípio, manifesta como aparentemente mais forte que a americana, no que diz respeito à apropriação teórica e metodológica.

[...] Estamos, caros leitores, **em pleno século da criança. Para ella se volvem todas as atenções e em toda parte é ella o centro de todas as transformações norteadoras do ensino.**

Já se foram os tempos dos programmas vastíssimos, synthese de todas as descobertas que a sciencia tem conseguido nos séculos idos, e para cujo fiel desempenho todos os esforços do mestre deviam ser empregados. Por outro lado, **o alumno já deixou de ser o ouvinte attento, de olhinhos muito abertos a todas occupaões do professor tendentes a educa-lo.** [...]

Entramos numa nova era: **a era da criança. A psychologia infantil** dá o mestre o necessário para a sondagem da alma do educando, que não é a supposta miniatura do homem, mas um ser differente do adulto, com constituição própria, quer physica, quer mental. **A sociologia** indica os fins visados pela educação e a escola transforma-se assim em sociedade pequena, em comunidade reduzida, onde as crianças aprendem a viver, vivendo; a fazer, fazendo; a cantar, cantando – como muito acertadamente desejava Juan Comenio.

E a pedagogia, essa “reflexão applicada, tão methodicamente quanto possível, às coisas da educação, afim de regular o seu desenvolvimento”, trabalha por adaptar os meios psychologicos aos fins sociaes visados, appellando para a didactica, um dos seus ramos, a que dictará os princípios directores do ensino e a sua applicação immediata na escola.

Por toda parte ensaiam-se novos methodos de ensino, descobrem-se processos mais de accordo com a natureza psycho-physica do ser a educar-se. [...]

A lei bio-genetica força o nascimento promissor da escola activa, em que a criança se educa de dentro para fora, pelo próprio esforço, com um bem provocado despertar das suas forças latentes, à espera de ocasião propicia para o completo desenvolvimento. Decroly, Ferriere e Claparede, luzeiros máximos desta nova cruzada educacional, estudando melhor a alma da criança e fazendo-a agir por si mesma, valem-se do tão apregoado “Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu” de Locke – base da intuição, do ensino pelo aspecto – e proclamam em feliz accrescimo a essa não sufficiente máxima do fundador da escola sensualista, a actividade pessoal do educando como a base de todo o trabalho educacional.

Não basta ver, ouvir tactear os objetos sensíveis para aprender-se e principalmente para educar-se. A intuição tão somente, o methodo objectivo

por si só não pode ser o centro do trabalho escolar. [...] (*grifos nossos*).
(CORREIO OFFICIAL - SECÇÃO PEDAGÓGICA n. 1 de 06 de Maio de 1930 p. 1).

De formação alicerçada na Psicologia e declarado discípulo de Ferrière, Cardoso anuncia a contribuição de várias ciências na inspiração (Sociologia, Bio-Genética, Psicologia) da Reforma. Reafirma o discurso de Souza Leal, orientado no sentido de promover uma mudança técnica e metodológica, mais do que formativa, com a possibilidade de experimentação de diversos processos, dentro das condições objetivas da realidade encontrada. Conclama os professores goianos a assumirem a reforma educacional, sintonizada com as mudanças já estão em curso em outros contextos. Entretanto, é notório o tom de cautela com relação às condições objetivas para se efetivar a Reforma do Ensino.

[...] Estamos num verdadeiro período de transição.

Se é verdade que, no Brasil, são mui raras as escolas activas inspiradas nas descobertas e no methodo Decroly, se “escolas para a vida, pela vida”, como quer o eminente educador belga, **poucas temos, não é menos verdade que, nos Estados onde mais desenvolvida se acha a educação,** o ensino já se tem valido das innovações estupendas surgidas nos últimos tempos.

Ninguém ignora que a escola activa, tal como a deseja Decroly, não pode ser presentemente introduzida no Brasil.

Razões varias vêm comprova-lo e entre ellas estão a falta de recursos financeiros para installações dispendiosissimas e a ausência de professorado capaz de por em pratica as ideas do illustrado medico. [...]

Regimen antigo provisoriamente com methodos activos. A intuição como auxiliar poderosissimo e a acção do educando como base. Perceber as realidades com os sentidos e agir sempre, agir muito, numa acção estribada nos interesses próprios a cada idade do ser a educar-se.

Eis o de que muito ainda precisam as escolas brasileiras para que, em tempos vindouros, figure em todas ellas o busto varonil e suggestivo do sábio medico belga, como guia digno de obediência dos futuros professores, defensores convencidos então das ideas excellentes da escola renovada, adaptada, é claro, ao nosso meio.
[...] (CORREIO OFFICIAL - SECÇÃO PEDAGÓGICA n. 1 de 06 de Maio de 1930 p. 2).

Os Mestres Paulistas demonstram uma visível cautela quanto ao processo de modernização, especialmente no que diz respeito à apropriação de métodos e procedimentos práticos, em decorrência das condições estruturais verificadas. Apesar do entusiasmo pela implantação da Reforma, as palavras de Cardoso assinalam a escassez de recursos financeiros para edificações e aquisição de equipamentos, bem como a precária formação, enquanto impeditivos para que a Pedagogia moderna se instale plenamente.

Semelhante cuidado é expresso por Nagle (1974), em um balanço que faz das mudanças no campo da educação na Primeira República, ao destacar que,

[...] os sistemas escolares estaduais, durante os três primeiros decênios do regime republicano, não sofreram alterações mais significativas. O fervor ideológico, apresentado no campo da escolarização, no início da República, não só não durou

muito tempo como não rendeu os frutos que dele se esperava (NAGLE, 1974, p. 191).

Nos discursos, nas recomendações e instruções da comissão paulista, revelava-se um tom de cautela quanto ao alcance da Reforma. Não há ilusões nem deslumbramento, ao contrário, indicam as possibilidades concretas de se adequar métodos e procedimentos à realidade local, o que sugere uma espécie de *bricolage* entre as velhas práticas e a nova Pedagogia.

2.1.3 Algumas conexões teóricas anunciadas nos discursos da Reforma

As primeiras leituras empreendidas na tentativa de revisitar a teoria e buscar a interpretação dos postulados da Reforma do Ensino 1929/1930 não constituem em exercício tranqüilo. Tampouco, conclusivo, posto que, ao invés de apontar direções, acabaram por realçar a complexidade que encerra o contexto, as práticas e os conflitos que, efetivamente, delinearão os discursos e as propostas.

Para uma primeira aproximação, busquei a referência de Teixeira (1967), que ao desenvolver estudo preliminar da teoria da experiência em Dewey, enumera o conceito de experiência em três grupos distintos, recorrendo à classificação de Hart. Destes derivam os conceitos de experiência que *temos* (a instintiva), a que *apreendemos* de forma *consciente* (a cognitiva) e a experiência advinda dos *anseios*, aquela que *pressentimos*, *adivinhamos* (a intuitiva), conforme determinadas circunstâncias.

A interpretação de Teixeira é a de que a *experiência* implica o envolvimento de dois fatores: agente e situação; o processo de inteligência desencadeia-se a partir da interação mútua entre ambos (agente e situação), numa relação de ação e reação. Neste sentido, podemos concluir com o autor que a ação educativa permite a experiência inteligente na qual interagem a reflexão e o processo de aquisição de novos conhecimentos, colaborando para isso a cognição e a intuição.

Poderia estabelecer a primeira conexão teórica dos discursos dos intelectuais da Missão Pedagógica com os fundamentos de Dewey, interpretados por Teixeira, quando advogam a Reforma nas escolas goianas e exortam os educadores a processar as mudanças considerando o “Regimen antigo provisoriamente com methodos activos. A intuição como auxiliar poderosíssimo e a acção do educando como base” (CORREIO OFFICIAL – SECCÃO PEDAGÓGICA n. 1. p. 2).

Os reformadores do ensino goiano em 1930 impulsionam a introdução da experiência da Pedagogia moderna sem perder de vista as condições reais de existência das escolas e dos professores, cuja atualização pedagógica serviria de motivação para que o novo fosse experimentado.

Para alcançar os resultados esperados, o foco da reforma realça a preocupação com a racionalidade, a direção e a organização do processo de ensino, que podem ser compreendidas nos seguintes termos:

[...] sendo a educação o resultado de uma interação, através da experiência, do organismo com o meio ambiente, a direção da atividade educativa é intrínseca ao próprio processo da atividade. Não pode haver atividade educativa, isto é, um reorganizar consciente da experiência, sem direção, sem governo, sem controle. Do contrário, a atividade não será educativa, mas caprichosa e automática. (TEIXEIRA, 1967, p. 22).

Recupera-se aqui semelhante ponto de vista presente em outra obra do mesmo autor para elucidar o que se compreende por educação e por *experiência*, igualmente fundadas no pensamento de Dewey.

A educação se processa, com efeito, por meio de um ato consciente de readaptação, em que determinada experiência, percebida em suas conexões e relações, habilita o homem a aumentar o seu poder de governo e direção de outras experiências. Tal ato é eminentemente individual, em sua origem e em seu processo. Sucede mesmo que o indivíduo só é verdadeiramente *individual* quando, nessa reconstrução da experiência, obedece a métodos e planos que lhes são próprios. E sendo a educação o processo pelo qual o pensamento se efetiva e se incorpora à vida, a educação se torna também processo pelo qual o homem se torna, verdadeiramente, um indivíduo. Na medida em que o homem se torna capaz de reflexão, de pensamento e, conseqüentemente, de reconstrução da própria experiência, nessa medida é ele uma *individualidade* (TEIXEIRA, 1971, p. 91).

Observa-se que, nesta proposta, encontrei as bases do pensamento liberal, apregoado pela ênfase no indivíduo e no ser único, marcado pela racionalidade e pela experiência criadora que se processam na singularidade do agente, o aluno, para o qual são dirigidas as intencionalidades do ato educativo. Também aqui é possível fazer uma conexão com os discursos dos intelectuais paulistas, cujas orientações têm como alvo o aluno (a criança/o indivíduo).

No caso goiano, é possível inferir que não se trata de uma criança qualquer, mas de uma criança que provem da classe social, econômica e culturalmente melhor situada, “os bem nascidos” que pertence à elite urbana e rural²⁸ da sociedade goiana. A Reforma tem

²⁸ Elites representadas por comerciantes, burocratas de altos cargos estatais, proprietários de terras e famílias tradicionais da capital e das cidades principais de cada região. Há casos em que a elite rural também se fazia representar na cidade, espaço onde se realizavam negócios e cultivavam as relações políticas.

por finalidade a melhoria do ensino, adequado à formação dos futuros dirigentes, burocratas e proprietários de terra do Estado. Não há uma preocupação com a universalização da instrução pública, destinada a todas as camadas da população.

Enquanto horizonte, o incremento da Reforma do Ensino em Goiás está longe de atender à premissa universalizante da instrução para todos, preconizada bem antes por Condorcet e idealizada no século XX pelos precursores da Escola Nova americana:

Que enormes, pois, são as novas responsabilidades da escola: educar em vez de instruir; formar homens livres em vez de homens dóceis; preparar para um futuro incerto e desconhecido em vez de transmitir um passado fixo e claro; ensinar a *viver* com mais inteligência, com mais tolerância, mais finamente, mais nobremente e com maior felicidade, em vez de simplesmente ensinar dois ou três instrumentos de cultura e alguns manuaizinhos escolares [...]. Para essa finalidade, só um novo programa, um novo método, um novo professor e uma nova escola – podem bastar. (TEIXEIRA, 1971, p. 41).

Por um lado, as possibilidades da Reforma Educacional estavam associadas às condições de formação e de estrutura, evidenciadas por um misto de cautela e reticência:

[...] Mas a verdade crua e nua, infelizmente é que estamos longe de conhecer os trabalhos do Dr. Decroly, as ideias da “escola sob medida” de Claparede, o que John Dewey tem alcançado na América do Norte – ideias, factos e realizações que revolucionaram a sociedade actual e a escola que a reflete. Sendo assim, e mais porque “hábitos só se matam com hábitos”, em cuja formação muito tem a didáctica por fazer, como se vê, o que faz crer que por muito tempo tenhamos ainda de lutar como marcar passo na rotina, é inútil querermos pregar, para resultados imediatos, uma orientação que não pode por razões variadas e principalmente pelas apontadas, alcançar pleno, decidido e rápido êxito. Contentemos, pois com preparar o terreno para futuros triunfos e, nessa transição da escola clássica para a activa, aproveitemos o que a experiência passada nos legou de bom e tentemos aos poucos introduzir no nosso trabalho as inovações esplendidas da “escola para a vida, pela vida. [...] (CORREIO OFFICIAL - SECÇÃO PEDAGÓGICA n. 1 de 06 de Maio de 1930 p. 2).

Por outro, a aprendizagem é tida como *experiência* ativa e dinâmica, tal como entendida e problematizada por Teixeira em dois momentos distintos (1967 e 1971) de sua produção teórica. Em 1971, ao tratar da organização do programa escolar, o autor elabora a síntese sobre o seria os aspectos centrais da educação escolar:

- 1) A escola deve ter por centro a criança e não os interesses e a ciência dos adultos;
- 2) O programa escolar deve ser organizado em atividades, “unidades de trabalho” ou projetos, e não em matérias escolares;
- 3) O ensino deve ser feito em torno da intenção de aprender da criança e não da intenção de ensinar do professor;
- 4) A criança, na escola, é um ser que age com toda a sua personalidade e não uma inteligência pura, interessada em estudar matemática ou gramática;
- 5) Os seus interesses e propósitos governam a escolha das atividades, em função do seu desenvolvimento futuro;
- 6) Essas atividades devem ser reais (semelhança com a vida prática) e reconhecidas pelas crianças como próprias (TEIXEIRA, 1971, p. 81-82).

Ora, a Reforma do Ensino em Goiás também se fundamentou na organização de um conjunto de medidas que normatizavam a mudança, incluindo a definição de um novo Programa e de um Regulamento para o ensino, cujos princípios e intencionalidades se assemelham aos postulados de Teixeira. Igualmente estão ancorados na Escola Nova preconizada por Dewey, embora não haja, nos documentos, uma vinculação declarada.

Ao enunciar o “sentido atual da educação” em suas anotações, Teixeira se inspira nos postulados de Dewey para definir *educação*:

[...] é o processo de reconstrução e reorganização da experiência, de sorte a aumentar-lhe e ampliar-lhe o sentido e, assim, conseguir mais larga habilidade para dirigir o curso de subseqüentes novas experiências.

1) aumenta o sentido de experiência: se efetivamente desejamos colher resultado educativo da experiência, devemos nos empenhar no conhecimento e na percepção das conexões e atividades em que ela nos envolve;

2) aumenta o poder de direção e controle de subseqüentes experiências, porque a experiência sofrida nos enriquece com vários conhecimentos novos de conexões que ignorávamos, tornando menos incerta a nossa próxima tentativa.

Assim, pois, a experiência educativa se distingue essencialmente da experiência caprichosa ou rotineira. A primeira só incidentalmente será educativa e então deixará de ser caprichosa. A segunda nos ensina uma habilidade cega e não nos dá nenhum poder para lidar com situações novas.

A concepção americana de educação é uma concepção tão larga, que se identifica com a vida, mas com uma vida conduzida com inteligência e consciente lucidez (TEIXEIRA, 2006, p. 47-48).

Novamente encontrei a identificação da Reforma com os ideais escolanovistas americanos e europeus. Apesar do conceito de *experiência* não se fazer explícito nos termos dos documentos, os discursos realçam a preocupação em sintonizar as práticas com a realidade local, o envolvimento dos alunos enquanto sinalizador do bom desempenho metodológico e a necessária adaptação das atividades escolares às circunstâncias. O professor precisa adequar suas práticas, experimentar seus métodos, conservando-os ou abolindo-os conforme os resultados obtidos. Mais que a formação teórica, ao professor se requer a habilidade de interagir com as diferentes situações de ensino, tendo em vista o desempenho dos alunos.

Todos os postulados aqui colocados tornam esta discussão intrigante e inacabada, com muito mais interrogações e incertezas do que respostas e conclusões. Talvez isto ajude a manter a vigilância de quem suspeita dos rótulos e assume a provisoriamente das ideias. Mas, as dúvidas têm o seu lado positivo, pois o conhecimento é impulsionado muitas vezes por interrogações que remetem a novas buscas. Dentre as dúvidas que ainda permanecem, enumero a dificuldade de identificar, com maior precisão, o conceito de

experiência na Reforma. Há quase sempre um sentido oculto, não explicitado pelos idealizadores da Reforma.

Nos documentos consultados, entre programas de ensino, discursos, decretos e normas, o termo *experiência* não aparece. Há uma ênfase nas questões mais generalizantes de técnicas e métodos. A palavra que se aproxima do sentido de *experiência* é a “prática”, relacionada à aplicação de técnicas, procedimentos de ensino e uso adequado de técnicas didáticas. Todas as ‘práticas’ a que se referem os documentos subentendem *experiência* de alguma coisa, no sentido da aplicação e experimentação.

Nas formulações do campo teórico anunciado nos documentos e discursos, há algumas modestas referências ao trabalho realizado por Dewey nos EUA. A ênfase recai prioritariamente na filiação aos educadores europeus. Mas, é possível observar que a Reforma do Ensino de 1930 se estrutura, em todas as suas diretrizes, segundo a orientação do ideário escolanovista, seja o americano ou o europeu. Os autores formalmente proclamados pela Missão Paulista indicam propostas para a instalação da moderna Pedagogia já professada em muitos países nas primeiras décadas do século XX.

Ao se analisar atentamente o “espírito” da Reforma, tal vinculação salta aos olhos, torna-se mais evidente a cada aspecto da organização escolar, a cada orientação dada aos professores e inspetores. O sentido oculto da experiência é transmutado em prática (aplicação), preferencialmente demonstrada através dos resultados rápidos.

Por fim, entre o proclamado, o instituído e o realizado pela Reforma, pouco se tem de registro sobre os resultados desta experiência escolar em termos pedagógicos e estruturais, que possam atestar se, de fato, as mudanças ocorreram na direção preconizada. Falta localizar documentos representativos das práticas realizadas nas diferentes escolas, que atestem a atuação de professores e alunos, na concretização da Reforma nos aspectos pedagógicos e metodológicos, inclusive considerando as disparidades existentes no território goiano. Todavia, é certo, segundo Nagle, que:

[...] os efeitos do entusiasmo pela educação e do otimismo pedagógico estavam limitados pela conservação dos padrões tradicionais de ensino e cultura da escola secundária, bem como pela posição desta última no sistema escolar em vigor; era através dessa instituição que se mantinha a separação entre ‘elite’ e ‘povo’. Quaisquer traços que as outras instituições escolares, em nível primário ou médio, pudessem apresentar de novo, o julgamento dos resultados estava sempre limitado às possibilidades de articulação e acesso ao secundário (NAGLE, 1974, p. 117).

Considerada nos pontos de estrangulamentos, conflitos e contradições, a Reforma do Ensino de 1930 ainda se apresenta como um campo a ser investigado e um

espaço de onde podem emergir diversas outras leituras, para além do silenciamento colocado pelas reformas e renovações que se seguiram nas décadas posteriores.

Dois aspectos merecem ser analisados com maior profundidade: o primeiro diz respeito à vinculação desta Reforma com idéias pedagógicas e métodos circulantes na Europa e nos EUA, especialmente nas questões alusivas ao currículo e à *experiência*, pois entre os mestres paulistas havia simpatizantes de Claparede, Dewey, Decroly, Ferrière, o que é indício de algumas preferências teóricas e metodológicas. Um segundo aspecto poderá situar-se na indagação de quais seriam as reais influências da Escola Nova americana nas reformulações do ensino realizadas no mesmo período nos estados brasileiros tidos como periféricos²⁹, uma vez que em Goiás, pelo menos, aparece a citação de educadores europeus.

Esta dinâmica de revisitar o passado permite não apenas dar visibilidade aos aspectos de um passado sempre presente, como também resgatar elementos estruturais, sociais, políticos, bem como os fundamentos teóricos que possibilitem compreender a configuração dos fins e objetivos da educação escolar na atualidade. Quanto aos aspectos relativos às práticas e às concepções pedagógicas, pude, através do estudo de documentos e registros, estabelecer diversas conexões com os pressupostos teóricos proclamados e ocultos, que delineiam diferentes reformas do ensino em Goiás.

Nessa discussão busquei apresentar alguns contornos do contexto da Educação em Goiás marcado por experiências distintas já existentes, inclusive porque indicavam tentativas de renovação pedagógica e a conseqüente introdução de concepções e práticas da moderna pedagogia. Pelo menos seriam estas as evidências dos documentos, textos e discursos da referida Reforma, acima referenciados. Há de se considerar, entretanto, que, no tocante à abrangência da Reforma Educacional orquestrada em Goiás pelos educadores paulistas, parecer ser relativa. Fatores como a implantação de um novo governo, o pouco tempo de permanência em solo goiano – retornaram em tempo inferior ao previsto que seria de um ano -, bem como a ausência de registros posteriores sobre os resultados da experiência pedagógica, indicam que convém relativizar o impacto e a própria contribuição da missão paulista naquele momento, o que instiga os atuais pesquisadores a aprofundar estudos e empreender futuras pesquisas nesta área.

Assim, a presença institucional e a obra missionária franciscana seriam estabelecidas em território goiano em meio a conflitos, tensões e resistências, decorrentes de

²⁹ Neste caso considere como periféricos aqueles estados que não compõem o eixo Sul e Sudeste do país, mas que passaram por processos de reformas da instrução e ensino público na República e ainda carecem de estudos específicos.

vários fatores, dentre eles, a relação da fé institucionalizada pela Igreja Católica (plano catequético) e a cultura religiosa luso-brasileira – aqui traduzida nos diversos traços da religiosidade popular brasileira –, constituinte das manifestações de fé e crença religiosa do povo do sertão a ser modificada pela intervenção missionária.

Com isso tive como pretensão também indicar que, os missionários e missionárias franciscanas ao chegarem a Goiás em 1944 e 1946, não se depararam exatamente com um vazio educacional, antes, teriam inserido o seu plano de ação catequética, profundamente enraizado na proposta da escolarização primária, através das Escolas Paroquiais.

2.2 A estrutura eclesiástica da Igreja no século XX

Ao efetivar-se durante o período republicano como um segundo poder na estrutura da sociedade brasileira, a Igreja, afirma sua autoridade por meio da rearticulação do campo religioso e da manutenção do campo educacional. Despontam enquanto partícipes a projeção de lideranças eclesiásticas na linha de frente de sua consolidação. Nesse percurso, a Igreja conservou como principal aliado representantes de setores oligárquicos igualmente conservadores que não compunham com as idéias do novo regime.

Uma vez passada a crise da proclamação da República, os interesses civis retomam o Poder. Os seus representantes, ligados à economia do café e aos proprietários fundiários, são os antigos conselheiros do Império. Estão habituados a encarar unitariamente a condução dos negócios de Estado e da Igreja. O seu conservantismo, o seu apego às tradições e às honrarias, criam uma boa predisposição para um acordo e mesmo para uma nova unificação Igreja-Estado, em bases favoráveis ao catolicismo que o antigo patronato. Membros do antigo regime, aproveitam a legitimação que a unção religiosa lhes pode trazer (ALVES, 1979, p. 28).

Nesse terreno, tivera impulso o que chamamos de lideranças eclesiásticas porque a partir delas o almejado alinhamento de projetos e dos planos da Igreja romanizada teriam destaque perante a sociedade republicana.

A unificação não se produziu imediatamente porque o aparelho administrativo da Igreja carecia de coesão, o seu sistema de comunicações era precário, não existiam ainda directivas políticas claras e consensualmente aceites e, sobretudo, porque ainda não sugira um líder que falasse em nome da instituição. Só em 1916 é que este líder apareceria na pessoa de Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e Recife, bispo auxiliar do Rio de Janeiro entre 1921 e 1930, cardeal do Rio entre 1930 e a sua morte, em 1943 (ALVES, 1979, p. 28).

Utilizando-se do expediente de emissão de Cartas Pastorais, o Cardeal Leme despontou na vanguarda dessa liderança ao analisar a pouca influência que a Igreja tinha junto

à sociedade brasileira, supostamente uma nação católica. Atribuía a esse fenômeno a falta de doutrinação para a fé, logo, fazia-se mister que principalmente a elite fosse resgatada para o rebanho da Igreja por meio do avivamento da cristandade.

No sentido de ilustrar a teia de influências formada pela liderança de Dom Leme nessa dinâmica de reaproximação entre Igreja e Estado, é interessante mostrar que:

O Cardeal Leme mantinha as melhores relações pessoais com Getúlio Vargas, o caudilho que a revolução de 1930 trouxe ao Poder e que iria dominar a vida do país durante um quarto de século. Formado na política das oligarquias, Vargas foi o chefe de uma revolução apenas por ambição pessoal e não pretendia reformar profundamente a sociedade. Pelo contrário, procurou aliados nos grupos tradicionais e a sua longevidade no Poder viria a ser fruto dos acordos que estabeleceu entre as forças tradicionais e as forças emergentes da classe dominante (ALVES, 1979, p. 29).

Neste contexto, despontou a situação favorável para que os setores conservadores, na defesa de seus interesses, mediassem a aproximação entre o governo Vargas e a alta hierarquia eclesiástica da Igreja Católica. Por intermédio do Cardeal, o governo disponibilizou benefícios legais à igreja, possibilitando-a recuperar parte significativa de recursos e o apoio do Estado em diversos setores.

O mesmo autor, citando alguns artigos da constituição de 1934, relaciona alguns desses benefícios:

Dom Leme conseguiu dele (Vargas) que uma série de medidas favoráveis à Igreja fossem incorporadas à constituição votada em 1934: 1. O prefácio da Constituição coloca-a “sob a protecção de Deus”, marcando com isso o fim da influência positivista; 2. Os religiosos obtêm direitos cívicos; 3. A personalidade jurídica das ordens religiosas não sofre entraves; 4. A assistência espiritual às organizações militares e oficiais é consentida; 5. O casamento religioso é reconhecido pela lei civil; 6. O divórcio é proibido. Mas, acima de tudo, D. Leme conseguiu que o Estado fosse autorizado a financiar a Igreja, invocando “o interesse colectivo”, e as que as escolas públicas admitissem o ensino religioso (ALVES, 1979, p. 29)³⁰.

Ao firmar os acordos na instância política e traduzi-los na forma da lei, ganha Vargas o apoio da Igreja para o seu longo projeto de governo; ganha a Igreja ao recuperar os pilares de seu prestígio, principalmente no sentido de voltar à cena das grandes decisões de cunho social e político, além de ampliar benefícios de interesse interno da própria estrutura eclesiástica. Observa-se que, gradativamente ocorre no âmbito político o recrudescimento das forças conservadoras, respaldadas tanto pelo governo quanto pelas bênçãos legais da Igreja,

³⁰ A referência do autor: Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1934, artigos 17, 108, 113, parágrafos 5, 6, 144, 145 e 153.

compondo um terreno favorável para a germinação de lideranças e organizações totalitárias, conservadoras e populistas.

Embora tenha prevalecido na estrutura eclesiástica a manutenção de lideranças conservadoras, conforme pode ser comprovado ao analisar a sucessão dos clérigos que ascenderam às várias arquidioceses e dioceses pelo país no período posterior à morte do Cardeal Leme, posso assegurar que no seio do nicho conservantista que se formou ao longo das décadas de 1940 a 1960, algumas figuras se despontaram mais simpatizantes às mudanças pela postura “menos conformista e menos tradicionalista que a média de seus colegas” (ALVES, 1979, p. 83). Sob a gestão de Monsenhor Lombardi, que respondeu pela nunciatura católica no Brasil entre os anos de 1954 e 1964, conforme mostra Alves (1979), foram nomeados bispos e arcebispos, criadas novas dioceses e prelazias que permitiram uma reconfiguração da estrutura eclesiástica não apenas em termos quantitativos, mas, sobretudo, na qualidade de alguns dos novos clérigos. No âmbito dos novos representantes eclesiásticos, vários também se despontaram enquanto lideranças dotadas de uma visão, digamos, mais progressistas dentro dos setores da Igreja.

Interessa-nos realçar neste contexto que a Igreja, embora tenha permanecido alinhada a uma vertente conservadora, mantida a sua condição institucional de representante e representada por remanescentes das forças políticas tradicionais, esta posição não foi única. Particularmente a partir da década de 1950, há o despertar de outras frentes dentro da própria hierarquia eclesiástica que apontam no sentido de compor uma ação pastoral menos arraigada nas posturas assumidas e nas concepções defendidas no plano eclesial.

Este é o terreno no qual transitou e desempenhou o seu apostolado o nono bispo de Goiás. Não apenas pelo período em que Dom Emanuel foi nomeado bispo (1923) e arcebispo (1933), mas, sobretudo, pela postura assumida no trabalho pastoral em Goiás, podemos adjetivar o seu estilo de gestão como a de um líder conservador na estrutura eclesiástica da Igreja. Porém, os registros sobre sua atuação nos diferentes campos da política, social e educacional indicam uma capacidade singular para projetar obras visionárias e estratégicas para a sociedade de sua época.

2.2.1 O Bispo Dom Emanuel e seu contexto

Para compreender as dimensões alcançadas pela obra evangelizadora e educativa, conseguida por Dom Emanuel em Goiás, faz-se necessário entendê-lo dentro do

seu contexto (ou seja, de bispo, depois arcebispo de uma arquidiocese em Goiás), e o espaço por ele ocupado na estrutura eclesiástica da igreja no Brasil.

Miceli mostra que nas primeiras décadas do século XX:

A expansão organizacional da Igreja tomou o feitiço de um processo de “estadualização” do poder eclesiástico. Tendo perdido o **status** oficial de “ramo da administração pública”, destituída dos privilégios inerentes à condição de corporação subsidiada, e sem poder contar com o respaldo de qualquer segmento de peso na coalizão à testa do novo regime republicano, os detentores dos postos de decisão na alta hierarquia concentraram seus esforços e investimentos na área mais próxima de influência (MICELI, 1988, p. 67).

Ou seja, a reconfiguração da Igreja no Brasil não se realizaria apenas no plano doutrinário e evangelizador, a reorganização territorial também compôs o projeto de recuperação do poder institucional perante a sociedade. Uma vez constata a existência de vazios nas dioceses e prelazias, onde a presença do pastor era rara e de difícil acesso, uma das possibilidades estaria no fracionamento das dioceses, ajustando-as a uma nova conformação geográfica.

A política de “estadualização” foi implementada através de estratégias diferenciadas conforme o peso político e a contribuição econômica de cada unidade federativa para a manutenção do pacto oligárquico e, conseqüente, em função da margem de influência e prestígio já conquistada pela Igreja, do grau receptividade à sua contribuição por parte dos círculos dirigentes locais e do potencial de mobilização dos católicos como grupos articulados de pressão a ponto de influir sobre as decisões governamentais suscetíveis de afetar as áreas vitais de interesse para a própria organização eclesiástica (MICELI, 1988, p. 67).

Neste contexto, a obra de Menezes é a mais indicada para referenciar, do ponto de vista da história da Igreja, o lugar e o papel desempenhado por Dom Emanuel no cumprimento do ofício de administrador apostólico de uma diocese em Goiás. De acordo com esta autora, a situação da diocese goiana nas primeiras décadas do século XX, estava assim caracterizada em termos estruturais.

Em 1922, existiam apenas três congregações na Diocese de Goiás: a dos redentoristas, a dos dominicanos e dos agostinianos, que, a partir de 1923, a pedido do arcebispo, aumentaram o número de seus membros e abriram novas casas. Outros sacerdotes também vieram para cá, assumindo paróquias em vários pontos da diocese.

Em 1948, a arquidiocese contava com sete diferentes congregações, a saber: dominicanos, na cidade de Goiás e na Prelazia da Ilha do Bananal; redentoristas, em Goiânia(Campinas) e na direção de Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade; salesianos, em Goiânia, em Silvânia, na direção do Colégio Anchieta, e na região do Alto Araguaia; estigmatinos, em Morrinhos; cordimarianos, em Goiânia e na Prelazia de São José do Tocantins; franciscanos, em Pirenópolis, Anápolis, Pires do Rio e Catalão; e eudistas, em Silvânia, na direção do seminário (MENEZES, 2001, p. 27- 28).

Tratava-se de um número reduzido de representantes religiosos tendo em vista as dimensões territoriais da diocese. Além disso, haveria a oportunidade de abrir as fronteiras para que novos colaboradores viessem para Goiás, colaborar com o bispo na nova fase iniciada em Goiás pela sua nomeação.

Com o falecimento de dom Prudêncio Gomes da Silva, ocorrido no dia 19 de setembro de 1921, deu-se a vacância do estado de Goiás. Para substituí-lo, o papa Pio XI, no consistório de 27 de outubro de 1922, nomeou o padre Emanuel Gomes de Oliveira, que aqui chegou no ano seguinte.

Como sacerdote salesiano, dom Emanuel foi formado no trabalho nos colégios. Notável educador, não se descurou dos ideais e objetivos de dom Bosco, mesmo como responsável por uma vasta diocese. Entendeu sempre que o bem da sua circunscrição eclesiástica e, mesmo da nação, estaria condicionado à educação dos jovens. Por isso, aqui chegando, preocupou-se logo com a educação em nosso estado (MENEZES, 2001, p. 77).

A referência ao bispo Dom Emanuel pode ser encontrada em algumas obras ou confirmada pelas suas próprias palavras, por meio do seu testamento.

Miceli (1988), por exemplo, em quadro demonstrativo da estrutura eclesiástica brasileira, relaciona o nome do bispo goiano situada na condição de “novos bispos”, isto é, bispos sagrados após a dissolução do Padroado. Indica ainda suas vinculações formativas e o nível de parentesco com outros representantes da Igreja Católica no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Os 2 Gomes de Oliveira – Dom Helvécio Gomes de Oliveira e Dom Emanuel Gomes de Oliveira (irmãos, salesianos, ambos favorecidos na carreira eclesiástica pelo empenho do tio, Monsenhor Quintiliano José do Amaral, que não somente entregou os sobrinhos aos cuidados da ordem em Niterói como também doou aos salesianos imóveis no Rio de Janeiro) (MICELI, 1988, p. 92).

As palavras do próprio Dom Emanuel esclarecem a sua origem e descendência, conforme o registrado em testamento:

[...] “Não constituo herdeiros, porque, graças a Deus, no momento, não tenho bens de fortuna.

“O imóvel que possuía à rua Vitor Meireles nr. 83 e 83-a – Riachuelo – Distrito Federal, vendi por Escritura Pública à Mitra Arquidiocesana de Santa’ Ana de Goiás, cuja venda está sendo aplicada em pavilhões do Seminário Santa Cruz, de Silvânia.

“Órfão de Pai aos sete anos de idade, devo a minha educação em grande parte ao meu tio paterno Revmo. Cônego Quintiliano José do Amaral, Vigário Colado da Igreja Matriz de Santo Antônio, no Distrito Federal.

“De fato matriculou-me S. Revma. no celebre educandário – Internato de Itu, cidade do Estado de São Paulo, e em seguida no Colégio Santa Rosa de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, primeiro educandário fundado no Brasil pelo Padre João Bosco, ora elevado à honra dos Altares – São João Bosco -, onde terminei o curso médio ou ginásial.

“No dia 29 de Janeiro de 1891 ingressei na Congregação Salesiana, recebendo, nesta festiva data de São Francisco de Sales, a primeira sagrada veste clerical pelas mãos do Padre Lourenço Giordano, fundador do Liceu Sagrado Coração de Jesus,

pertencente à sobredita Congregação, no ano de 1885; e mais tarde distinguido pela Santa Sé como Prelado do Rio Negro, Estado e Diocese do Amazonas.

“O saudoso tio paterno, Revmo. Vigário de Santo Antônio, do Distrito Federal, Cônego da Capela Imperial, sempre generoso para auxiliar a minha formação religiosa, legou em testamento, à Congregação Salesiana, um imóvel, cada de dois andares, sua Residência Paroquial, na Travessa do Senado, hoje Visconde do Rio Branco, na parte central da atual Capital Federal – Rio de Janeiro. [...] (MENEZES, 2001, p. 151) [grifos do autor].

Segundo Menezes (2001), “Dom Emanuel foi à primeira vocação brasileira” da Congregação Salesiana que, ao final do século XIX possuía apenas três casas no Brasil: Niterói, São Paulo e Lorena. Foi ordenado Padre em 1901 e no ano seguinte assumiu a função de vice-diretor do Colégio São Joaquim em Lorena. Dois anos se passaram e o jovem padre foi designado para a direção do Liceu São Gonçalo em Cuiabá, no Mato Grosso, onde permaneceu até 1911.

Em seguida foi enviado a Campinas para assumir a direção do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, até que, em 1917, foi chamado a colaborar com um cargo administrativo como diretor-geral das secretarias no Mato Grosso, por ocasião do governo de Dom Francisco de Aquino Correia, “empossado como primeiro mandatário” do Estado.

A propósito destas funções administrativas ocupadas pelo futuro bispo, tanto na burocracia do estado quanto na estrutura eclesiástica, Menezes mostra que:

Durante toda a gestão de dom Aquino como presidente de Mato Grosso, o padre Emanuel foi uma pessoa de afeição especial e destacado líder: homem de estado, de larga visão administrativa e política, fino diplomata. Sabia contornar e conduzir as questões mais delicadas e difíceis, eivadas de efervescentes paixões políticas, disfarçadas, muitas vezes, como a brasa apenas recoberta por leve camada de cinza. Ao menor sopro, poderia aparecer ardendo em chama. Se, por exemplo, fizesse a nomeação de um membro de um partido para um determinado cargo, poderia provocar protestos, acusações e até tumulto no outro.

Em 1922, findo o período governamental de dom Francisco Aquino Corrêa, o padre Emanuel, mais uma vez, foi alvo da confiança da Igreja. Atendendo ao chamado do núncio apostólico, dom Henrique Gasparri, transferiu-se para o Rio de Janeiro para assumir a alta função de auditor da nunciatura apostólica no Brasil (MENEZES, 2001, p. 32).

Como pode ser observado, a perspicácia e a inteligência do futuro bispo de Goiás e a sua constante proximidade com a gestão e a administração públicas já se fazia notável, despertando a atenção de elevados representantes do clero. Após o encerrar o trabalho de auditor junto à Cúria, explica Menezes, o clérigo assumiu a direção do Colégio Santa Rosa, em Niterói, instituição sua conhecida, pois o abrigou durante os estudos secundários. Entretanto, não permaneceu por muito tempo na função, pois no mesmo ano (1922) foi escolhido bispo pelo papa Pio XI. A sagração em 1923 o elevou à condição de

Um dado interessante sobre Dom Emanuel, localizado em diferentes relatos e também na obra de Menezes, diz respeito à mobilidade do bispo que se ausentava da sede da Diocese para tratar das obras e do acompanhamento espiritual do Seminário Diocesano situado na cidade de Bonfim, (atual Silvânia). Apesar da distância, o prelado organizava a sua rotina de gestor eclesiástico dividida entre a Cidade de Goiás e Bonfim, sede do “Seminário Santa Cruz”, considerado por muitos literatos goianos como o berço de intelectuais e líderes de grande projeção no Estado.

Guardando n’alma o espírito de educador, herdado de dom Bosco, com a argúcia que era peculiar e ciente de que “é tão sublime governar as almas quanto formar os costumes dos jovens”, como ele mesmo afirmara, dom Emanuel, tão acertadamente cognominado Arcebispo da Instrução, não mediu esforços e nem sacrifícios para apoiar e incentivar as escolas existentes quando aqui chegou e para fundar novos centros educacionais onde a urgência o exigisse. Em decorrência da sua atuação, nove anos após, a realidade das escolas no estado apresentava-se mais otimista (MENEZES, 2001, p. 83).

O mesmo papa Pio XI, em 1932

[...] elevou a Diocese de Sant’Ana de Goiás à dignidade de arquidiocese e fez de dom Emanuel o primeiro arcebispo da nova província eclesiástica, cuja posse se deu na Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, catedral provisória da cidade de Goiás, no dia 16 de abril de 1933 (MENEZES, 2001, p. 18).

Assim, o 9º bispo de Goiás tornou-se o primeiro Arcebispo da Arquidiocese goiana e se transformaria em um dos importantes interlocutores do governo de Pedro Ludovico Teixeira, presidindo uma comissão composta pelo presidente da província para conduzir os estudos e a demarcação local onde seria instalada a nova capital do Estado.

A saga do bispo no campo educacional é descrita pela mesma autora, ao mostrar a abrangência e o nível de influência administrativa (não apenas espiritual) no encaminhamento de variados projetos.

Em Goiânia, os colégios Ateneu Dom Bosco, dos padres salesianos, Santo Agostinho, das irmãs agostinianas, e Externato São José, das irmãs dominicanas, nasceram e floresceram sob o olhar atento e o zelo amigo do Arcebispo da Instrução. O Colégio Santana, já existente na antiga capital quando da vinda de Dom Emanuel para Goiás, foi objeto de seu apoio e sua atenção. Em Goiânia, o Colégio Santa Clara, fundado em 1922 por irmãs franciscanas advindas da Alemanha, sempre contou com a presença amiga do arcebispo e com seu apoio e sua proteção.

Sua atenção se voltou, também, para o ensino profissionalizante. Ele propôs a criação de um departamento de ensino, de orientação católica, que criasse e supervisionasse outras modalidades de instituições escolares com um controle técnico orientado para o ensino especializado, que seria implantado particularmente nos centros de proletariado e nas zonas rurais.

Elaborou corajosos projetos nos quais firmava o propósito de levar o benefício da instrução a várias outras cidades da diocese. Foi na concretização desses projetos que surgiram o Ginásio Jesus Crucificado, em Ipameri, das irmãs missionárias de Jesus Crucificado; o Ginásio Madre de Deus, das irmãs agostinianas, em Catalão; o

Ginásio Planalto, em Formosa, das irmãs dominicanas; e o Ginásio Arquidiocesano, em Jaraguá (MENEZES, 2001, p. 98-99).

Sua larga experiência no campo educacional o favorecia no sentido de arregimentar esforços, buscar parcerias com o poder público e a iniciativa privada para criar instituições de ensino e de instrução técnica em diferentes pontos de sua jurisdição. Declaradamente um clérigo com poucas posses materiais, confirmado em seu testamento, era hábil em recorrer aos amigos e autoridades influentes para levantar recursos destinados às obras sociais e educacionais da arquidiocese.

Em sua espinhosa, porém, gloriosa luta, construindo escola e levantando templos, nunca esmoreceu na abençoada semente da educação em todos os quadrantes de nosso estado. Enfrentava, com frequência, a carência de recursos materiais. Porém, nada lhe servia de óbice ao prosseguimento de seu ideal, como se uma força superior, que não admite vacilações, o impulsionasse. Seus esforços, unidos de idealismo e fé, foram a alavanca forte e firme que ergueu o nível da educação no coração do Brasil (MENEZES, 2001, p. 99)

Notadamente, sua habilidade política para mediar assuntos estratégicos e de interesse público, contribuiu para que a transferência da capital do Estado fosse conduzida sem grandes transtornos, evitando o acirramento de conflitos por parte dos contrários ao projeto. Outro feito creditado ao arcebispo antes de sua morte foi a de apresentar uma proposta para a criação de uma universidade em Goiás.

No Rio de Janeiro, o diretor do Ensino Superior, que examinou esse anteprojeto antes que passasse à apreciação da Assembléia Legislativa de Goiás, ficou impressionado com suas propostas, pois preconizava a criação de uma universidade de feição mista, reunindo estabelecimentos de ensino superior de várias categorias – particular, estadual e federal. Entusiasmado por essa proposta de universidade, sugeriu um anteprojeto “servisse de modelo para a criação de outras universidades, tal a modalidade especial encontrada, capaz de atender, por um lado, a mais alta perfeição do ensino e, por outro lado, o aspecto econômico”. (MENEZES, 2001, p.107)

Além mentor, assumiu a frente de elaboração do projeto e encampou a gestão política para que o mesmo fosse analisado nas instâncias do governo federal. Isso mostra que a capacidade intelectual, aliada à capacidade de articulação política e a possibilidade de trânsito e mediação que o cargo lhe conferia fez de Dom Emanuel um arcebispo estratégico e visionário para o seu tempo. De fato, contribuiu com um importante capítulo da história da igreja em Goiás, considerada nos seus diversos campos de atuação e influência, incluindo a educação e a expansão missionária.

2.2.2 O chamado para novas ordens religiosas: catequese e educação

Dom Emmanuel sempre incentivou a criação de escolas paroquiais, nas diversas paróquias de sua diocese. Aprendeu a dar valor a essas escolas com os americanos, pois, nos Estados Unidos, juntamente com a instalação de uma paróquia, costumam construir a casa paroquial e, ao lado, a escola paroquial (MENEZES, 2001, p. 99)³¹.

Menezes (2001), assim desenha as condições da educação em Goiás nas últimas décadas do século XIX:

Em 1879, assinalou-se a queda na Educação em Goiás. O presidente do estado, Luiz Augusto Crespo, negou aposentadoria aos professores. Quanto ao seminário, ele suprimiu as verbas que, em boa parte, garantiam sua subsistência. Nesta época foram fechadas 31 escolas primária em Goiás. O seminário também encerrou suas atividades, por falta de condições financeiras (MENEZES, 2001, p.51-52).

SILVA (1975)³², ao situar o movimento de mudanças na educação em Goiás, recupera um fragmento de reportagem no qual sinaliza as perspectivas educacionais do estado, mediada pela ação do Estado e da Igreja:

No século XX, a começar da segunda década, o quadro educacional experimentaria promissoras modificações. A igreja passaria à vanguarda da instrução com a disseminação de estabelecimentos de ensino, ‘em memorável empreitada, sob a esclarecida inspiração de Dom Emanuel Gomes de Oliveira’³³. Na antiga capital, homens e mulheres com arrojada tenacidade e forte sensibilidade educativa, procurariam nova sistemática para a instrução, a começar pela implantação de uma metodologia haurida na renovação científica da escola. Daí partiria um exemplo de renovação do ensino, o qual, mais tarde, teria oportunidade de vicejar, com maior força ainda, na nova capital, num processo gradativo de irradiação para o interior do Estado (SILVA, 1975, p. 48).

Já no século XX, em pleno período pós-revolução de trinta, Genesco Ferreira Bretas (1991)³⁴ retrata a situação da rede escolar no estado, com poucas expectativas de expansão:

De 1930 até 1935, no governo revolucionário, o crescimento da rede escolar, no nível primário e no secundário, foi, pode-se dizer, vegetativo, isto é, não houve crescimento extraordinário para se dizer que a mudança de regime fosse benéfica

³¹ Fragmento do livro “Dom Emanuel Gomes de Oliveira, o arcebispo da instrução”, publicado pela AGEPEL, Goiânia em 2001, no qual consta o empreendimento deste arcebispo na instalação do Comissariado Francisco em Goiás na década de 1940.

³² Esse trabalho é resultado de sua tese de doutorado defendida da FE/USP em 1975, transformada em livro: SILVA, Nancy Ribeiro de. **Tradição e Renovação Educacional em Goiás**; Goiânia, Oriente, 1975.

³³ COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. As elites imaturas. In.: *Mimésis* (Goiânia-GO., 1 (1): 115-22; 1965. Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG).

³⁴ Professor e Inspetor da Educação em Goiás por várias décadas. Uma de suas obras: BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991. (COLEÇÃO DOCUMENTOS GOIANOS N. 21).

para o ensino. O crescimento que se verificou guardou mais ou menos a proporção que se vinha notando nos últimos anos da primeira república. O número de escolas isoladas saltou de 161, em 1930, para 182, em 1935; o de grupos escolares, de 20, em 1930, para 31, em 1935. O número de escolas normais, reconhecidas pelo governo, subiu de 6, em 1930, para 11, em 1935 (BRETAS, 1991, p. 576).

É, pois, neste cenário que o Arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira assume a arquidiocese de Goiás e se depara com problemas de ordem social, religiosa e educacional, fatores que vão direcionar as prioridades de sua ação pastoral, confirmado pelas seguintes premissas:

[...] Diante da massa populacional inculta do sertão goiano, compreendeu que pouco poderia fazer pela religião se não priorizasse, nas suas ações, o instruir e o educar'. Destarte, a organização dos trabalhos pastorais mostrou que a instrução primária e secundária era, na prática, inexistente no estado e mesclou a política religiosa com cores, pode-se dizer, predominantemente educativas; ele criou e sustentou as escolas paroquiais. Foram elas, sem contestação, nas décadas de 1920, 1930 e 1940, as maiores responsáveis pela diminuição do analfabetismo em Goiás. (MORAIS, apud MENEZES, 2001, p. 9)³⁵.

Ao adentrar a década de quarenta, o arcebispo de Goiás, Dom Emanuel, inicia gestão com a fim de conseguir missionários franciscanos da Província de New York para assumirem trabalho pastoral em sua diocese.

Dois fatores foram decisivos para este empenho do arcebispo: a saída dos franciscanos de algumas paróquias do território goiano que retornavam ao Mato Grosso e o visível avanço do protestantismo em algumas localidades do estado, motivos que despertaram a sua preocupação e o conseqüente pedido para que os missionários franciscanos da América aqui instalassem um Comissariado.

A fim de reafirmar a influência e o poder da Igreja Católica sobre a sociedade brasileira, conforme a linha mestra do projeto restaurador, os bispos esperavam contar com o apoio e a colaboração do poder político. Era através de uma ação do próprio Estado que a hierarquia eclesiástica sonhava readquirir o antigo prestígio e os privilégios de que gozava dentro do regime confessional vigente na colônia e no império (AZZI; KLAUS, 2008, p. 206).

Estes postulados de Azzi & Klaus (2008) se inserem num amplo movimento de reorganização do poder da Igreja Católica no Brasil no período Republicano, capitaneado pelo cardeal Leme, do Rio de Janeiro, cuja influência alcançou as mais longínquas dioceses e prelados³⁶. Tais preocupações são confirmadas em correspondência da nunciatura de São Paulo com a Província do Ssmo. Nome de Jesus na América:

³⁵ palavras da prof.^a *Maria Augusta de Santana Moraes* na apresentação da obra de MENEZES, 2001, p. 9.

³⁶ A obra de Azzi acima citada aborda alguns aspectos desta influência de Dom Sebastião Leme na rearticulação da Igreja Católica nesse movimento, inclusive recorrendo à influência de diferentes governos da era republicana.

[...] O Arcebispo quer que os padres venham logo, porque pretende começar logo um novo prédio para a escola e ginásio, mas agora quer deixar tudo nas mãos dos padres, para eles disporem o mesmo conforme eles mesmos quiserem. [...] Há outros motivos para um pouco de pressa: os protestantes americanos estão trabalhando muito em Anápolis e dão bastante trabalho ao Arcebispo. Ele acha que a presença dos Padres Franciscanos americanos seria a melhor maneira de obstar a propaganda dos protestantes. [...] Pelo menos um dos dois padres em Goiás precisa ir logo para o Mato Grosso. Não seria bom tirar os Padres Franciscanos de Goiás antes de virem os novos. Tudo está bem combinado aqui; não precisamos de negociações demoradas, e assim espero que de avião em algumas semanas os padres americanos estejam aqui. [...] (*Fragmento da carta de Frei Mateus Hoepers – provincial SP ao Revmo Padre Matias Faust – delegado geral da ordem dos frades menores em Nova Iorque – em 19 de maio de 1943*, traduzida por WYSE, 1989, p. 308-309).

Como se observa, dentre as preocupações imediatas a serem resolvidas com a presença dos franciscanos em paróquias no interior goiano, já se antecipam possibilidades de expansão da ação pastoral, qual seja, a de assumirem instituições escolares, no que seriam favorecidos por aquisições realizadas pelo arcebispo antes mesmo de sua chegada.

Acrescenta-se a este contexto fatores como a precariedade das escolas públicas existentes e a incapacidade do governo em prover um sistema escolar em quantidade suficiente para todo o território goiano, onde havia considerável quantidade de analfabetos entre a população, bem como as dificuldades de acesso e comunicação interna, o que comprometia as vias de desenvolvimento no Estado e, por conseguinte, de difusão da fé cristã.

Se a salvação do Brasil dependia da religião católica, os bispos eram os seus mais categorizados representantes para orientar os governantes sobre as diretrizes morais a seguir, bem como para oferecer a colaboração da Igreja no que tange à manutenção da ordem social. A fim de implantar o projeto de recatolizar o país, os bispos decidiam solicitar a colaboração do poder político, em troca de um apoio declarado ao governo (AZZI; KLAUS, 2008, p. 191).

Assim, na política pastoral do bispado de Dom Emanuel, encontrar-se-á terreno favorável para a vinda dos franciscanos americanos para Goiás e a conseqüente criação das escolas paroquiais a partir da década de 1940, com prioridade para o ensino primário (nas escolas paroquiais) e o curso ginasial.

2.2.3 Contexto e espaço das Escolas Paroquiais em Goiás

É que no momento em que uma nova diretriz redefine as finalidades atribuídas ao esforço coletivo, os antigos valores não são, no entanto, eliminados como por milagres, as antigas divisões não são apagadas, novas restrições somam-se simplesmente às antigas (JULIA, 2001, p. 23).

A educação em Goiás, nas primeiras décadas do século XX compõe um cenário de iniciativas no âmbito da política estadual, do meio intelectual e religioso, desencadeadas desde o final do século XIX. Dentre as quais, destaco: o decreto de criação dos grupos escolares na década de 1890, que não se efetivou de imediato, pois o presidente do Estado somente encaminharia a construção das primeiras escolas graduadas por volta de 1918; diferentes reformas empreendidas na década de 1920; a mudança de governo pós-revolução de 1930 que imprime novas ações no plano educacional ao longo da década; a realização do 8º Congresso Brasileiro de Educação³⁷, recepcionado pelas autoridades políticas na nova capital em 1942³⁸, evento no qual as questões educacionais de Goiás foram colocadas em evidência através da iniciativa de diferentes instâncias.

Por ocasião deste Congresso, a professora goiana Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, ao tratar da educação primária fundamental para o alto sertão, indica as preocupações centrais da educação em Goiás:

[...] sendo o nosso Estado de grande extensão territorial e pequena densidade de população, possui vastas zonas de sertão. Daí interessar a Goiaz, intensamente, o estudo do problema, que é o seu magno problema – a educação nas zonas de alto sertão. Pelo fato de sua colonização ter vindo do sul, de SP, tornou-se esta parte do Estado mais populosa. O norte goiano ficou com sua população mais reduzida, dispersa por uma superfície considerável. Sua densidade de população é de 0,6 habitantes por quilômetro quadrado. Este fato dificulta a distribuição das escolas. Interessa, pois, ao Estado procurar a solução do problema educacional na zona sertaneja (ANAIS do 8º CBE, 1942, p. 103).

Este descompasso entre discursos e práticas, entusiasmo e resistência vai perpassar a educação primária nas décadas da primeira metade do século XX em Goiás, a ponto de configurar avanços e retrocessos, constituindo o que denomino de lacuna na educação que será, em parte, preenchida pelas escolas paroquiais franciscanas.

O sudeste goiano serviu de porta de entrada para bandeiras e imigrações desde o século XVIII. Pela proximidade com Minas Gerais e Triângulo Mineiro e por se constituir em via de acesso a São Paulo, as cidades desta região foram as primeiras a serem beneficiadas, apesar da precariedade, com o transporte ferroviário que adentrou o estado na primeira metade do século XX. Mais tarde, ao ser definida a transferência da capital federal para o Centro-Oeste, o sudeste goiano novamente ficou na rota das vias de acesso ao distrito federal pela rodovia BR-050.

³⁷ Consta nas publicações do Congresso que este evento teve como ponto alto o baile de gala, oferecido aos congressista pelo Governador Pedro Ludovico Teixeira e primeira Dama Dona Gercina Borges Teixeira como recepção dos educadores na nova capital.

³⁸ Embora a transferência da capital de Vila Boa para Goiânia tenha ocorrido em 1937, oficialmente o Batismo Cultural de Goiânia se deu em 05 de julho de 1942.



Mapa 2.2.3 – Presença Franciscana na região Sudeste em Goiás
Fonte: Arquivo pessoal

Segundo Loureiro (1988, p. 35),

[...] o sul de Goiás³⁹ adquire, então, um novo significado estratégico para a reprodução do capital. Além de fornecer alimento a baixo custo para a reprodução da força de trabalho da indústria e do café, transforma-se ainda em fornecedor de matérias-primas para as indústrias alimentícias de São Paulo que, no recenseamento de 1920, ocupam o primeiro lugar na produção industrial.

O sudeste goiano vivencia no período entre guerras um movimento de expansão e apogeu econômico e social, motivado pelos processos migratórios, pelo incremento da produção na agricultura e pecuária e aumento do comércio com outros estados brasileiros. Inversamente, com a marcha para o oeste incentivada pelo governo Vargas, o sudeste goiano sofre uma estagnação, visto que o eldorado dos investimentos passa a ser outras regiões situadas no mato-grosso e centro-oeste do estado de Goiás, nas localidades mais próximas da nova capital (LOUREIRO, 1988).

Ao chegarem da América os franciscanos, de imediato, assumem paróquias em três cidades do sudeste goiano: Catalão, Goiandira e Pires do Rio, sendo que as vias de acesso eram facilitadas pelo transporte ferroviário e pela existência de estradas para automóveis.

Quanto à atuação dos franciscanos no campo da educação, Wyse (1989) descreve que esse processo ocorreu observando aspectos e condições específicas de cada paróquia. Em alguns casos os frades americanos assumiram escolas primárias ou ginásios já existentes na cidade, vila ou colônia agrícola; em outros, de posse de um terreno adequado, ergueram os prédios escolares para em seguida implantarem os cursos que se faziam necessários no lugar.

Wyse (1989) sinaliza o ideal franciscano de evangelizar atuando no campo da educação, manifesto desde o início da missão:

Tanto na sua correspondência, quanto na sua primeira visita no final de 44, Padre Campbell mostrou grande interesse em promover escolas paroquiais. Impelidos pelo enorme desafio da evangelização nos vastos territórios a eles confiados, e olhando para os outros gigantescos campos que constantemente vinham sendo oferecidos ao seu zelo. [...]

No entender dos frades – eles mesmos fruto de escolas católicas, desde os dias do ABC – o melhor instrumento para firmar o lugar da religião nos lares de nas famílias sob seus cuidados, haveria de ser a escola paroquial. Esse modo de pensar dos frades achou forte apoio no pensamento do Provincial, educador que era (WYSE, 1989, p. 85).

Isso encontrava correspondente nos interesses educacionais do então Arcebispo Dom Emanuel que, embora tivesse suas expectativas centradas em cursos de nível superior,

³⁹ O que esta autora chama de sul de Goiás, na verdade trata-se do sudeste goiano. Ela se refere à Região da Estrada de Ferro, que inclui desde a divisa de Minas Gerais e Goiás, passando pelas cidades de Catalão, Goiandira, Ipameri até Pires do Rio.

não apresentava oposição ao ensino primário proposto pelos franciscanos americanos. Contudo, havia um problema estrutural a ser superado, além do domínio da língua, encontrar religiosas/educadoras que pudessem apoiar o trabalho nas escolas paroquiais. Segundo Wyse (1989, p. 86), o provincial (Frei Paulo Seilbert) foi orientado a “buscar religiosas americanas – mais acostumadas a escolas desse tipo, mais conhecedoras da especificidade que se pretendia dar às escolas em projeto”.

Esse propósito instigou os frades americanos, depois de se estabelecerem no estado, a recorrerem às Irmãs Franciscanas de Allegany (no Estado de Nova Iorque) “com a finalidade expressa de dirigir escolas primárias ligadas às paróquias franciscanas em Goiás”, (WYSE, 1989, p. 87), no que foram atendidos com a vinda da Congregação para o Brasil na segunda metade da década de quarenta (entre 1946 e 1947).

Em Alves, Oliveira & Tavares (2003)⁴⁰ há o relato de uma irmã ao chegar em Goiás para trabalhar em educação junto aos frades franciscanos:

[...] há grandes necessidades de escola primárias no Brasil, especialmente para meninos, a maioria que está nas ruas vivendo sem nada somente com o que recebem ali. [...] Foram de trem para Pires do Rio [...] a Igreja e o Colégio ainda estavam em construção [...] ‘Ninguém poderia subestimar o trabalho que tem de ser feito no Brasil. Imagino que o futuro da Igreja na América do Sul depende grandemente disto, o estado de carência é inacreditável’ (ALVES; OLIVEIRA; TAVARES, 2003, p. 30).

Em outro ponto do relato a mesma irmã assim descreve o início do funcionamento do Colégio em Pires do Rio⁴¹, em 1946: “[...] Todas as manhãs o trem pegava os alunos da zona rural, ao longo da estrada de ferro, para levá-los à escola. Alguns com 14 anos, nunca tinham freqüentado uma escola, mal sabiam segurar um lápis” (ALVES; OLIVEIRA; TAVARES, 2003, p. 30). É neste processo, permeado por inúmeras dificuldades, que se consolida a ação educacional dos franciscanos em terras goianas, em particular no sudeste do Estado.

Este era o desenho do contexto onde as irmãs iriam atuar e construir a sua obra catequética e educativa. Logo nos primeiros momentos os contrastes já se faziam visíveis. Além das dificuldades próprias da adaptação em um novo lugar, as primeiras irmãs estariam expostas a situações inusitadas. Descobrir e dominar esse espaço, transpor as dificuldades seria preciso para que se cumprissem os fins e objetivos do projeto missionário franciscanos.

⁴⁰ Equipe responsável pelo primeiro documentário biográfico da trajetória das Irmãs Franciscanas de Allegany no Brasil: ALVES Cleusa, OLIVEIRA, Guiomar & TAVARES, das Graças, (orgs.) **Amor, Serviço, Doação** – Irmãs Franciscanas de Allegany Brasil. Goiânia: Deescubra, 2003.

⁴¹ A instalação da congregação em Pires do Rio é considerada pelas irmãs franciscanas de Allegany como a ‘missão-mãe’ no Brasil, a partir da qual a ordem se expandiu para outras localidades de Goiás e para outros estados nas décadas posteriores.

No caso das Irmãs, contariam com o apoio dos Frades no favorecimento das instalações e na abertura dos caminhos, pois assumiram as paróquias antes delas.

Os dados numéricos indicam a presença das escolas franciscanas nas mais diferentes regiões do grande território goiano. Na medida em que os frades fechavam acordo com os preladados para assumirem paróquias, de imediato já era providenciada a estrutura mínima para que as ações educativas também fossem iniciadas. As distinções de cursos e modalidades de instrução oferecidas variavam de acordo com as maiores demandas do lugar, conforme pode ser observado no quadro a seguir neste quadro de demonstra um verdadeiro predomínio da escolarização franciscana nas diferentes regiões do Estado.

Instituições escolares mantidas pelos franciscanos: localidade e ano de criação		
Cidade⁴²	Instituição Escolar	Fundação
Anápolis	Escola Primária, Ginásio São Francisco, Curso Normal	1945/1946/ 1948
Araguacema	Escola Primária, Ginásio e Normal	1960/1962/ 1968/1969
Brasília-DF	Escola Primária e Ginásio	1961
Catalão	Ginásio e Escola Primária	1944/1949
Ceres	Escola Primária, Ginásio e Normal	1947/1950/ 1951/1952
Cristalândia	Escola Primária, Ginásio e Normal	1957/1958/ 1959/1964
Goiandira	Escola Primária Santa Maria Goretti e Ginásio Dom Emanuel	1948/1950/ 1952
Pires do Rio	Escola Primária, Ginásio e Normal.	1946/1949
Porangatu	Escola Primária, Escola Primária Noturna e Ginásio	1958/1959/ 1967
São Miguel do Araguaia.	Escola Primária	1962/1971

Quadro 2.2.3 - Instituições escolares mantidas pelos franciscanos: localidade e ano de criação

Fonte: Arquivos da Província do Ssmo. Nome de Jesus no Brasil/Anápolis-GO/2005

Ressalto, a partir do demonstrativo deste quadro, haver uma mobilidade nas datas de instalação das escolas e cursos ofertados, no que se refere ao início dos trabalhos catequéticos e educativos nas diferentes localidades. Isso se explica pelo formato de implantatação destas escolas pelos frades. O caráter de urgência com que as diferentes ações de catequese e instrução eram instaladas nas paróquias, em geral ocasionou o registro de várias datas para marcar a existência da Escola Paroquial tão logo os frades assumem uma paróquia ou alguma prelazia. Inicialmente localizada em espaços alugados, adaptados ou

⁴² Nesta época o território goiano ainda não tinha sido dividido para a criação do Estado do Tocantins, criado por ato institucional em 05 de outubro de 1988.

improvisados, contando, inclusive, com o apoio de autoridades e pessoas locais, as atividades educativas e catequéticas eram iniciadas. Na medida em que eram criadas melhores condições para serem instaladas em espaços definitivos, adequados ao funcionamento escolar, registrava-se uma data para demarcar uma nova fase da presença institucional da obra missionária franciscana. Este esforço de criação das salas de aula, torna-se o embrião das escolas paroquiais. Semelhante processo é verificado com a chegada das irmãs franciscanas de Allegany que, ao assumirem as escolas, imprimem novos traços, definem novas direções à instituição escolar, orientada para a ação catequética e educativa.

2.3 As Escolas Paroquiais no Sudeste Goiano

A escolha de três escolas paroquiais situadas na mesma micro-região geográfica não foi aleatória. Em duas localidades, Catalão e Pires do Rio, foram às primeiras instituições escolares fundadas pelos franciscanos em Goiás. O início da ação educativa teve encaminhamentos distintos, conforme as particularidades de cada cidade onde se instalaram. Em Goiandira, a instalação dos franciscanos ocorreu posteriormente, após 1948, herdando uma estrutura mínima já existente sob o comando dos padres seculares.

Uma primeira análise da disposição panóptica, pode ser feita a partir dos elementos estruturais comuns às três escolas: são espaços amplos que indicam a previsão de uma obra educacional grandiosa, projetada para além da sua época. Se fosse comparar, pela observação empírica, o tamanho das áreas construídas pelos frades com outras escolas existentes nas três cidades, é possível verificar, de imediato, a distinção das escolas paroquiais franciscanas pelo tamanho físico e a distribuição interna dos espaços. Há, concretamente, um investimento significativo na organização da estrutura física destas escolas⁴³.

Outro aspecto que merece ser realçado diz respeito à organização administrativa destas instituições. Os frades menores são os primeiros a chegar em terras goianas. Sob a administração destes ficaram todos os empreendimentos estruturais e físicos, desde a construção dos conventos, igrejas (Matriz e capelas) e escolas. Em relação às escolas, o pároco (vigário) era designado oficialmente o diretor da escola, enquanto às irmãs era atribuída a organização pedagógica e a condução da instrução primária em todos os aspectos.

⁴³ Nos primeiros tempos houve pelo menos duas formas de financiar a estrutura física e material da obra missionária. A primeira foi a criação de um fundo missionário no qual beneméritos americanos contribuíam com doações em dinheiro convertidas em obras e destinadas às missões no Brasil. Posteriormente passaram a buscar a subvenção do Estado através da celebração de convênios que possibilitavam a aquisição de recursos públicos.

Nestas instituições escolares havia em comum a implantação da instrução primária, seguida da instalação do Curso Ginásial. Já o Curso Normal não se instalou em todas as cidades, apenas em alguns lugares considerados estratégicos, como o caso de Pires do Rio.

Um traço comum era a existência, no mesmo espaço físico, de dois cursos de natureza diferenciada, destinado à clientela igualmente distinta. Exemplo disso pode ser encontrado na primeira escola paroquial, fundada em Catalão. Por ser tratar de uma instituição fisicamente pré-existente, os frades colocaram em prática as atividades educativas sem a presença das irmãs franciscanas de Allegany.

O pároco assumiu a direção e a organização do curso ginásial para rapazes, enquanto a escola primária teve início com a colaboração de professores leigos da cidade, além do apoio pedagógico das irmãs agostinianas, cuja ordem já atuava na formação de normalistas em Catalão desde a década de 1920. O funcionamento de ambos os cursos ocorria em horários diferenciados (matutino e vespertino), sendo que, em algumas épocas, também se organizavam cursos de alfabetização de adultos (pobres) no período noturno.

No caso de Pires do Rio e Goiandira, além da construção física, os frades já projetaram as ações educativas, contando com o apoio pedagógico e organizacional das irmãs de Allegany. Mesmo nestes casos, mantém-se o formato de a direção geral ficar sob a responsabilidade do pároco local.

De um modo geral, pode se afirmar que, em todas estas cidades, as instituições escolares franciscanas foram concebidas e projetadas para abrigar não apenas a instrução primária, mas também o curso ginásial, enquanto que o curso normal ficou circunscrito a algumas localidades, ou seja, não foi instalado em todas. Isto se justifica porque a destinação deste curso dependia das condições da cidade e da região. Em Catalão e em Goiandira, este nível de formação já era oferecido pelas Irmãs Agostinianas, através do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, de Catalão. Em Pires do Rio, organizou-se o funcionamento do Curso Normal, a partir de 1949, porque lá não havia outra instituição que o oferecesse.

Um dado interessante, considerado o discurso da escassez de recursos e as condições precárias de cada localidade, é a relativa rapidez com que as obras físicas são erguidas e colocadas em funcionamento. Num espaço inferior a cinco anos, a contar da chegada das duas congregações no Brasil, a maioria das edificações foram feitas e postas em funcionamento, principalmente no que se refere às escolas paroquiais. O mesmo se verifica em relação às igrejas e conventos. Havia uma urgência em criar as condições mínimas para o funcionamento da missão franciscana e abrigar dignamente os representantes das ordens.

Quanto à manutenção das escolas, há um dado comum no sudeste goiano. As escolas paroquiais funcionaram com subvenção particular (as famílias pagam), com apoio financeiro da ordem franciscana, vindo dos E.U.A. e o provimento de recursos públicos do Estado e dos municípios, mediante acordos e solicitações.

Localidades	1940		Localidades	1950	
	RURAL	URBANA		RURAL	URBANA
Catalão	24.438	3.366	Catalão	11.429	3.571
Goiandira	3.427	970	Goiandira	3.733	3.764
Nova Aurora	1.593	454	Nova Aurora	1.805	412
Cumari	2.298	706	Cumari	5.189	786
Anhanguera	-	-	Anhanguera	-	-
Ouvidor	-	-	Ouvidor	3.049	391
Três Ranchos	-	-	Três Ranchos	2.655	580
Campo Alegre de Goiás	3.798	131	Campo Alegre de Goiás	4.225	228
Santo Antônio do Rio Verde	4.482	214	Santo Antônio do Rio Verde	6.067	166
Ipameri	7.972	6.371	Ipameri	6.735	6.667
Pires do Rio	6.630	2.086	Pires do Rio	6.904	3.763
Santa Cruz	3.098	539	Santa Cruz	3.176	520
Palmelo			Palmelo		
Vianópolis	1.252	757	Vianópolis	4.413	1.438
Orizona	9.608	883	Orizona	9.730	998
Anápolis	15.868	7.362	Anápolis	10.558	12.777

Quadro 2.3 - População rural e urbana dos censos 1940 e 1950

Fonte: IBGE/ DADOS DOS CENSOS DE 1940 e 1950.

As localidades de Ouvidor e Três Ranchos possuíam os dados populacionais em conjunto com Catalão no Censo de 1940.

O mesmo se refere à região de Anhanguera, cujos dados populacionais estavam vinculados ao município de Cumari nos Censos de 1940 e 1950. Palmelo pertencia à jurisdição de Santa Cruz de Goiás, nos Censos de 1940 e 1950, por isso os dados também em conjunto.

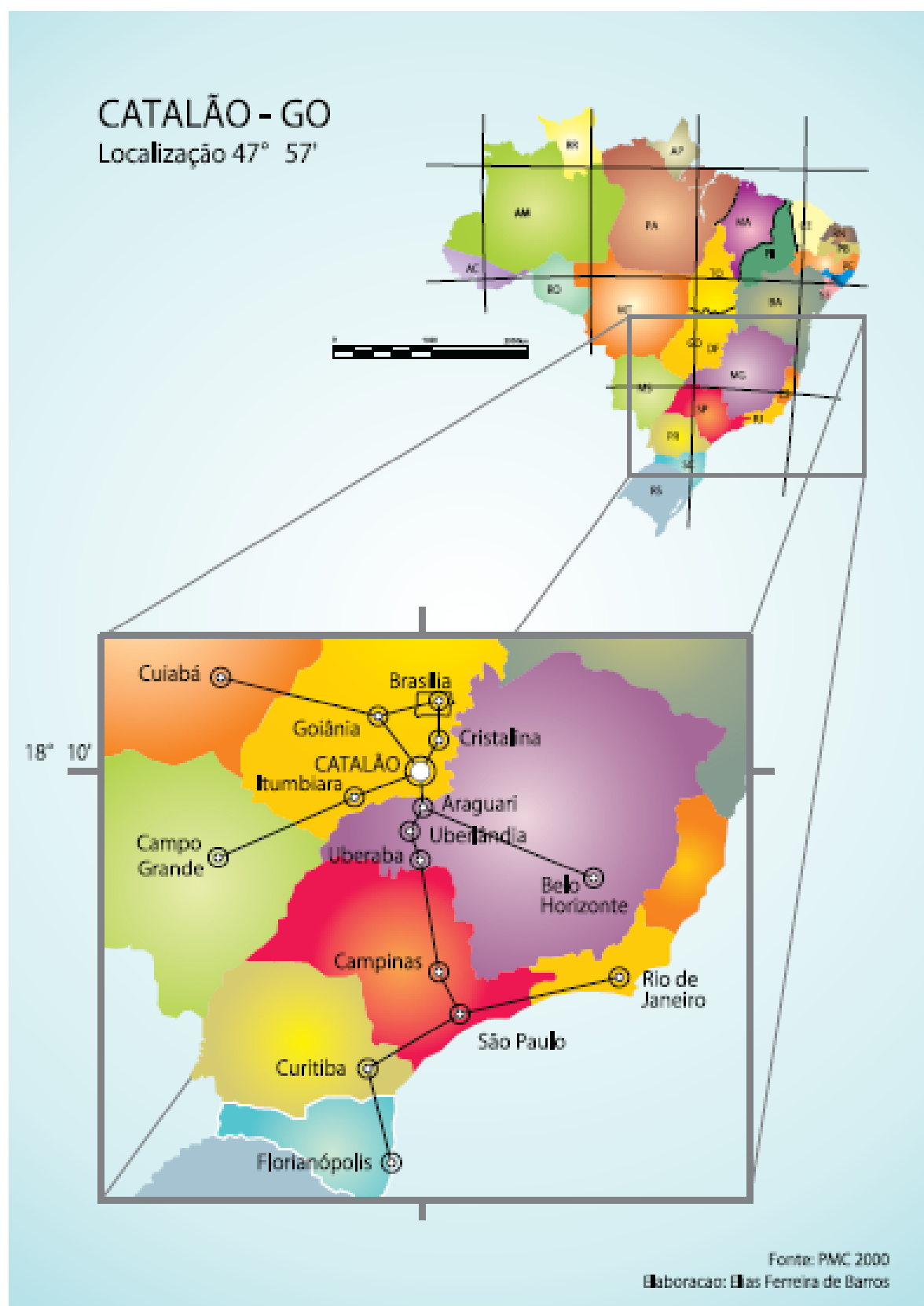
Algo que chama a atenção quando se observa a dinâmica dos dados dos municípios com exceção de Anápolis, no decorrer das duas décadas e com população predominantemente rural. Quando comparados os dados dos censos, percebe-se decréscimo populacional de alguns municípios. No caso de Catalão, justifica-se pela divisão dos dados populacionais de alguns distritos – situação de Ouvidor e Três Ranchos, os quais no censo de

1940 estavam vinculados à cidade de Catalão (sede de Comarca) e no censo seguinte (1950) foram registrados e contabilizados para cada localidade. Vale ressaltar, contudo, que mesmo considerando essa “distribuição” dos dados populacionais com os municípios e distritos criados, há um relativo decréscimo na população de Catalão em 1950, principalmente a rural, enquanto na urbana, a variação é pequena.

Para o município de Anápolis ao comparar os dois censos, a mudança mais visível, em termos quantitativos foi a população rural apresentar decréscimo em contraposição ao contingente urbano que por, conseqüência aumentou. Nota-se que em 1940, o município acompanhou a tendência dos demais ao apresentar a predominância de população rural. No censo de 1950 a situação quase é invertida, ou seja, o crescimento da população urbana foi vertiginoso, enquanto a rural apresentou uma queda proporcional ao aumento da população urbana.

No caso de Pires do Rio, verifiquei que a população rural manteve o mesmo patamar nos dois censos, com um discreto aumento em 1950, enquanto a população urbana quase dobrou em quantidade. Comparativamente, posso dizer que a população rural de Pires do Rio manteve inalterada e a população urbana passou por um considerável inchaço no intervalo das duas décadas. Possivelmente a explicação para esse fenômeno esteja na presença na cidade da linha férrea, cuja estação funcionava como entreposto comercial, sendo atrativo de negócios e de pessoas. Consta no mesmo período a chegada de famílias imigrantes vindas de várias partes do oriente médio em busca de oportunidades.

Nas localidades menores, a novidade das décadas de 1940 e 1950 foi à transformação de muitos vilarejos e povoados em cidades emancipadas, adquirindo autonomia administrativa ou transformadas em distritos. Ouidor, Três Ranchos, Goiandira, Cumari e Nova Aurora são alguns exemplos. Contudo, conforme é possível observar, a mudança na situação legislativa não provocou grandes variações nos dados populacionais destes municípios e distritos. Mantiveram a mesma regularidade no número de habitantes tanto rurais quanto urbanos.



Mapa 2.3 – Local de chegada dos franciscanos em Goiás (1944)
Fonte: Arquivo pessoal

Nesse contexto, os frades, tendo instalado as paróquias, os conventos e escolas nas sedes de comarcas (Catalão, Pires do Rio e Anápolis), estendiam a todas as localidades o atendimento pastoral e espiritual, vencendo longas jornadas a cada visita realizada. A diversidade de lugares e as distâncias percorridas tornavam os frades dependentes do apoio de pessoas dispostas a acompanhá-los e quase sempre ajudá-los nas atividades catequéticas e missionárias. Conforme encontrei em diferentes relatos, o planejamento e a execução de uma viagem dos frades para determinada região, capela ou distrito não se realizava de forma simples, por vezes duravam semanas, dependendo do percurso a ser atendido. Pelo exposto, a regularidade do atendimento espiritual às comunidades variava de acordo com as distâncias e as condições de acesso. Em alguns casos a presença do frade ficava limitada a uma ou duas vezes ao ano, enquanto em outras já se realizava com frequência mensal ou bimestral. Nas sedes das paróquias e nas capelas mais próximas, o atendimento paroquial se fazia diário ou semanal, o mesmo ocorrendo em relação ao acompanhamento do ensino religioso nas escolas públicas.

2.3.1 Catalão – Escola Paroquial São Bernardino de Siena (1948)

Em Catalão (1944) os frades montaram a estrutura escolar através da aquisição de uma escola já existente, cujo terreno e estrutura física despertaram o interesse e foram negociados com a ordem religiosa pela proximidade da sede do Convento e do espaço onde seria construída a matriz.

A primeira escola paroquial instalada pelos franciscanos em Goiás teve o mérito de aglutinar na sua estrutura organizacional cursos distintos para meninos, meninas e turmas mistas. Com o apoio de professores e professoras leigas da cidade, os frades iniciaram as ações educativas oferecendo a instrução primária, o curso ginásial e a alfabetização de adultos.



Foto 2.3.1 - Escola São Bernardino de Siena
Fonte: Arquivo da Escola

Oficialmente a Escola Paroquial em Catalão foi reconhecida em data posterior. Isso se explica pela existência de várias iniciativas envolvendo a instalação de salas avulsas, que os frades já identificavam como a futura escola paroquial, a instalação de diversos cursos, também de caráter provisório, além das salas de catequese. No empenho de demarcar o território catequético e educacional, os diversos formatos instalados desde 1944, ano da chegada dos frades, já se constituíam em escola paroquial. Contudo, segundo Coelho, formalmente, a instituição passa a existir em data posterior.

A Escola Paroquial São Bernardino de Siena fundada pelos Frades Franciscanos em um mil novecentos e quarenta e oito (1948) foi dirigida pelas Irmãs Franciscanas de Allegany de um mil novecentos e cinqüenta e quatro (1954) a um mil novecentos e setenta (1970).

O prédio foi construído algum tempo antes para o curso ginásial e abrigava também alunos internos. Quando os Frades compraram o prédio usaram-no também para o curso ginásial que funcionou muitos anos (COELHO, 1972, p. 72).

Concretamente os frades contaram com o apoio de professoras leigas no acompanhamento das atividades de catequese na Paróquia de Catalão e na condução das atividades educativas do curso primário nos primeiros anos de funcionamento. Somente a partir de 1954 as Irmãs Franciscanas de Allegany assumem a instituição.

Cabe uma ressalva sobre a ordem de institucionalização formal dos cursos em Catalão. Por meio da compra de um prédio escolar onde funcionava o Curso Ginásial para meninos, os frades oficializavam primeiro esse nível de ensino, pois já dispunham, de imediato, de estrutura e clientela para esse fim. Paralelamente, começaram a abrigar no

mesmo prédio, em horários diferenciados, as atividades avulsas de catequese e instrução primária, que já funcionavam em outros espaços. Neste sentido, o curso primário foi oficializado em momento posterior ao do curso ginásial.

Escassos e fragmentados são os registros e os documentos destes primeiros tempos, salvo algumas imagens e fotografias. Nesta pesquisa, a confirmação das informações mais específicas somente foi possível através do depoimento de ex-alunos da época e do relato de algumas irmãs que atuaram na instituição, primeiro na condição de postulantes, depois como noviças e professoras.

O registro formal de alunos, contrato de professores e outros indícios estão arquivados na escola e tratam de um período posterior, do final da década de quarenta (mais precisamente a partir de 1948).

Em termos financeiros, esta escola contou, ao longo de sua existência, com recursos particulares (mensalidades), subvenção do comissariado franciscano e pública, vinda de recursos do governo, através da celebração de diferentes convênios.

2.3.2 Goiandira – Escola Paroquial Santa Maria Goretti (1948)

Em Goiandira (1948), a construção dos prédios foi igualmente realizada pelos franciscanos, observando a mesma concepção de proximidade. A igreja, o convento e a escola compõem o mesmo conjunto arquitetônico do espaço destinado à ordem.

A Escola Paroquial em Goiandira teve o seu funcionamento estruturado inicialmente pelos Frades, desde a sua chegada na cidade em 1948. Novamente se verifica a duplicidade de datas referentes à instalação oficial da escola e às salas avulsas, criadas pelos frades em locais improvisados. Enquanto para os frades, as primeiras salas catequéticas já podiam ser identificadas como escola paroquial, para as irmãs, a existência formal é o marco de criação da escola. Na dúvida, fizemos referências a ambos os procedimentos.



Foto 2.3.2 – Escola Paroquial Santa Maria Goretti

Fonte: Arquivo pessoal

A orientação pedagógica das irmãs de Allegany passa a ser efetivada a partir da inauguração do prédio oficial em 1952. Por ser a menor cidade das três, a obra franciscana se destaca pelo tamanho e projeção. Sua existência tem início no mesmo formato das demais, sendo que a prioridade da ação educativa ficou para a instrução primária, iniciando-se por grandes turmas de alfabetização.

A Escola Paroquial Santa Maria Goretti fundada pelos Frades Franciscanos em um mil novecentos e cinquenta (1950) foi dirigida por Frei Domingos Foley até o ano de um mil novecentos e cinquenta e dois (1952). Coube às Irmãs Franciscanas de Allegany dirigir a Escola a partir de um mil novecentos e cinquenta e três (1953) a um mil novecentos e sessenta e nove (1969) quando então a família franciscana deixou a cidade para atender necessidades de outros lugares, ficando a Paróquia e a Escola entregues aos Padres Seculares (COELHO, 1972, p. 69).

De acordo com irmã Nancy, a Escola Paroquial Santa Maria Goretti funcionava no mesmo prédio do Colégio Dom Emmanuel em turnos diferenciados, mas mantinha separada a estrutura administrativa.

Em termos financeiros, durante o período de funcionamento, contou com a subvenção do comissariado franciscano e pública, através de recursos do governo. A celebração de diferentes convênios em geral era realizada pelos párocos e ministros provinciais das respectivas ordens religiosas. Nos primeiros tempos a contribuição particular era voluntária devido às condições das famílias locais.

Com a saída dos frades franciscanos da cidade, a obra educacional continuou sob a responsabilidade dos padres seculares e de irmãs de outras congregações. Nas últimas décadas, antes de ser fechada, o comando da escola paroquial era por professores leigos e a manutenção era garantida através do convênio com o Estado.

2.3.3 Pires do Rio – Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus (1946)

Em Pires do Rio (1946) a estrutura física foi erguida, ao mesmo tempo, matriz e escola paroquial, na mesma área adquirida pelos frades para tal finalidade, sendo que, neste caso, já tinha como certa a vinda das irmãs franciscanas de Allegany para conduzir as escolas paroquiais. A obra educativa da Escola Paroquial em Pires do Rio foi idealizada para constituir-se no carro chefe da missão franciscana em Goiás. Localidade para onde se dirigiram as irmãs franciscanas de Allegany quando chegaram ao Brasil.

Em princípio tinha-se a proposta de instalar em Pires do Rio a sede da ordem de Allegany em Goiás. Era lá o endereço oficial das correspondências e contatos. Tal intenção pode ser verificada na projeção da obra física edificada na cidade.



Foto 2.3.3 – Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus
Fonte: Anais da Província

Entretanto, devido à instalação do comissariado dos frades menores em Anápolis, aliada à possibilidade de aquisição de uma área física muito maior, a ampliação do trabalho missionário para a área da saúde, dentre outros fatores, a sede geral das irmãs em Nova York definiu por instalar também a sede em Anápolis.

Em produção monográfica de Coelho (1972), encontramos os seguintes dados de registro das Escolas:

O Ginásio Sagrado Coração de Jesus foi fundado em um mil novecentos e quarenta e oito (1948) por autorização do Departamento de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Saúde, entrou em funcionamento a vinte e cinco de fevereiro de um mil novecentos e quarenta e nove (25/02/1949) (COELHO, 1972, p. 58).

Em relação à existência institucional da Escola Normal, verifiquei que:

A Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, fundada também pelos Frades Franciscanos e de acordo com o Decreto do Governador do Estado de Goiás em trinta e um de março de um mil novecentos e cinquenta (31/03/1950) (D.O. 6.145 de 12 (doze) de abril de um mil novecentos e cinquenta (12/04/1950). Madre Mariana Mc. Kinley dirigiu o Curso Normal desde a fundação até um mil novecentos e cinquenta e três (1953). No ano seguinte a diretoria dos cursos Normal e Ginásial foi unificada e o Estabelecimento passou a ser denominado Ginásio e Escola Normal Sagrado Coração de Jesus (COELHO, 1972, p. 58-59).

Sobre a Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus, de Pires do Rio, os poucos registros localizados informam que:

A Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus, fundada em um mil novecentos e quarenta e seis (1946) foi registrada a três de novembro de um mil novecentos e setenta e um (03/11/1971). Conforme consta no Histórico desde trabalho a Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus foi construída e aberta pelos Frades Franciscanos (COELHO, 1972, p. 64).

À época Irmã Nancy Coelho (1972) verificou que a escola dispunha de oitos salas de aulas, instalações sanitárias, água tratada e pátios para atividades recreativas, convivência e práticas desportivas pelos alunos, mas constatou que o material didático era limitado e escasso.

Dos registros e documentos dos primeiros tempos, nada se conservou, em décadas anteriores foi realizada uma verdadeira assepsia nos vestígios históricos. Tudo foi submetido a uma faxina, descartado e jogado fora, inclusive quadros de fotografias de alunos concluintes. No arquivo escolar encontram-se os livros de registros de alunos, nada mais. Em decorrência destas dificuldades, surgiu a necessidade de recorrer a ex-alunos da época e a algumas irmãs que ingressaram na ordem nos primeiros tempos e atuaram como professoras

nas escolas primárias do sudeste goiano em diferentes décadas, para confirmar dados parciais obtidos nas fontes e registros.

Fundação das Missões Franciscanas em Goiás		
Local	Frades	Irmãs
Anápolis	1944	1947
Araguacema	1960	1960
Catalão	1944	1954
Ceres	1947	1950
Cristalândia	1957	1959
Goindira	1950	1952
Pires do Rio	1944	1946
Porangatu	1958	1959
São Miguel do Araguaia	1962	1970

Quadro 2.3.3 – Fundação das Missões Franciscanas em Goiás
Fonte: COELHO, 1972.

2.4 Possíveis leituras e aproximações entre Estado e Igreja

Considerando o exposto sobre a educação goiana no período anterior à chegada das congregações franciscanas e sobre a caracterização do contexto em as escolas paroquiais foram instituídas, vislumbrei algumas questões e reflexões que permitem tecer o fio condutor desta pesquisa, realçando alguns aspectos que potencializam o objeto investigado.

Primeiro, há um esforço de modernização de métodos e processos pedagógicos, expressos na Reforma do Ensino efetivada em 1930, durante o governo oligárquico. Ainda que as propostas preconizadas na Reforma não tenham sido universalizadas nos termos do ideário pedagógico moderno, o espírito da renovação já se fazia presente nos programas, regulamentos e instruções normativas da instrução pública. Logo a possibilidade de vivências ecléticas na educação goiana, seja nas concepções, seja nas apropriações práticas já estavam presentes desde então.

Segundo, a coexistência de relações e acordos entre o Estado e a Igreja, esta última representada pela hierarquia diocesana, se verifica em diversas circunstâncias, especialmente na gestão dos bispados no que se refere à destinação de espaços físicos e de recursos financeiros para o provimento de ações educacionais. Então, ainda que não houvesse

uma interferência explícita na organização do currículo escolar, as negociações entre estas instituições, jamais deixaram de ser cultivadas durante o período republicano, sempre foram profícuas e compuseram um interessante capítulo sobre os acordos firmados no âmbito das dioceses e dos estados. Vale lembrar que após a instalação da República, uma forma encontrada pela Igreja para manter suas relações de poder seria sua atuação nos bastidores da política regional e estadual. Os franciscanos americanos não iriam se imiscuir de tais possibilidades, até por que, por origem, se apresentavam como lideranças mais abertas ao diálogo e à composição de parcerias mistas, envolvendo leigos e instituições na manutenção de suas obras.

Terceiro, em se tratando de missionários e missionárias, moldados pela cultura cívica e religiosa norte-americanas, seria possível considerar que, embora observassem as normas e as regras da ordem religiosa, no tocante à formação pedagógica e o preparo para as questões práticas do ensino, as Escolas Paroquiais goianas, apesar de institucionalmente ancoradas em padrões tradicionais próprios, seriam propensas à experimentação de métodos ativos, ao envolvimento e à participação dos alunos nas atividades escolares, dentre outros aspectos, tributários de métodos e práticas já em curso nos Estados Unidos. Se fosse considerar que o uso de métodos ativos já inspirava as Reformas em Goiás há mais de uma década antes da instalação das Escolas Paroquiais pelos franciscanos, não haveria nenhum estranhamento em considerar semelhantes métodos fossem incentivados no seio destas instituições. A singularidade residiria em que essas práticas fossem operadas pelas mãos de uma ordem religiosa, quando se esperaria exatamente o contrário, a efetivação de métodos, regras e disciplinas tradicionais e conservadoras, reproduzindo os cânones do convento. Em resumo, poder-se-ia considerar a disposição das religiosas franciscanas e utilizar métodos ativos no trabalho pedagógico, uma vez que, por formação, estariam sob a influência de teóricos europeus e americanos, propagadores destas orientações há mais de um século e que serviriam de suporte para a formação das irmãs professoras.

Quarto, apesar da propaganda precariedade das condições sociais e econômicas da população – especialmente quando se referia às camadas mais carentes –, da precária estrutura material das escolas e da quantidade de analfabetos em Goiás, não se pode afirmar que o povo goiano seria inculto e alheio à religiosidade⁴⁴. Havia uma cultura escolar em curso, a instrução pública republicana, e uma outra que chegava, se impunha e se construiria

⁴⁴ A existência de poucas escolas e de ser igualmente escassa a presença do padre, ficando a educação e o culto limitados a determinadas regiões, não significa que Goiás tivesse uma população de bárbaros. Mesmo nas limitações e na escassez, havia diferentes práticas de instrução e de manifestação religiosa.

em termos estruturais, organizacionais e práticos a partir da instalação das escolas paroquiais. Em termos religiosos, também se evidencia a presença de práticas e costumes tributários da religiosidade popular, adjetivada por Azzi & Klaus (2008) de “religiosidade luso-brasileira”. Neste sentido, tanto escolarização, quanto a religiosidade já existente não poderiam ser desconsideradas, apagadas ou tomadas como vazio cultural.

Quinto, por fim, o projeto de formação e evangelização que se inaugurou em Goiás com a chegada dos franciscanos americanos e com a criação das escolas paroquiais tiveram nuances distintas, variavam conforme a localidade na qual se instalaram, mas também imprimiram as marcas pessoais e individuais daqueles que se encontravam à frente de cada paróquia e escola paroquial. Foi possível antecipar que à frente da obra missionária franciscana, se distinguiram lideranças qualificadas como “intelectuais da igreja”⁴⁵, disseminadores da Catequese e Educação? Talvez a resposta a esta indagação venha a ser demonstrada ao longo desta pesquisa por meio dos documentos empíricos. O certo é que desde os primeiros tempos, a preocupação em instalar sistemas de comunicação, à época estações de rádio (estrategicamente montadas em Anápolis, Pires do Rio e Catalão), compunha as bases do projeto missionário e sustentava as ações de fórum educativo e evangelizador. Neste aspecto já se vislumbrava o pioneirismo do empreendimento franciscano na expansão e na consolidação do seu projeto missionário.

No desenrolar da pesquisa, por meio da demonstração dos dados e das possibilidades de análise, tornei mais evidentes estes vestígios, principalmente em relação ao modelo de escola paroquial no sudeste goiano, de como a catequese e a educação foram materializadas nas práticas e vivências construídas, elaboradas e adaptadas pelas primeiras educadoras americanas.

Nos diferentes relatos são fortes os indícios do processo de romanização⁴⁶ da Igreja no Brasil. Em Goiás tal propósito tornou-se ainda mais evidente ante a possibilidade de uma formação voltada para a assimilação de valores e virtudes, a obediência aos mandamentos e a freqüência ao culto litúrgico foram regulados pela Igreja institucionalizada. A participação nos sacramentos, o atendimento às regras e preceitos catequéticos propagados

⁴⁵ Dentre os frades que mais se destacaram no registro do empreendimento missionário franciscano em Goiás, indicamos Frei João Batista Vogel, principal responsável pela instalação das rádios franciscanas; Frei Antonio Kennedy Knopke, que juntamente com Frei Inácio Donohouve, foi articulador dos programas de catequese e de educação; Frei Conall O’Leary, grande incentivador das congregações femininas; Frei Alexandre Wise e Frei Edmund Fox dedicaram uma parte considerável de seu tempo no registro de aspectos da historiografia franciscana.

⁴⁶ Consideramos por romanização a ação pastoral e catequética das congregações que, além combater o protestantismo, também direciona para a formação de valores e regras às crianças, aos jovens e às famílias nos rincões de Goiás, na observância dos sacramentos e das regras doutrinárias.

pelas congregações franciscanas, os frades menores e as franciscanas de Allegany resultaram na dupla finalidade da ação missionária: catequizar e instruir.

No plano das interações sociais, vislumbrei que os franciscanos americanos, cumpriram os rituais religiosos ministrando os sacramentos e presidindo o culto litúrgico, mas diferiam dos padres seculares na forma como se aproximavam do povo, organizavam a sua vida material e buscavam o provimento material para seu sustento e moradia. Por outro lado, introduziram novas culturas e novas práticas no cultivo de verduras, legumes e frutas não encontradas no planalto central. A filosofia de vida franciscana de caminhar junto ao povo e com o povo se concretizava nas ações e interações de cada comunidade religiosa, no enfrentamento das dificuldades e sacrifícios da missão. Manifestações próprias do espírito missionário franciscano.

Ressalto que, numa síntese inicial do período pesquisado, constatei que os frades franciscanos chegaram a instalar dezoito instituições escolares, entre Escolas Paroquiais, Ginásios e Curso Normal nas diferentes localidades onde alcançava o raio de sua ação pastoral. Na medida em que formalizavam com os bispos a posse de uma nova Paróquia ou prelazia, imediatamente empreendiam esforços no sentido de abrir uma sala para a instrução primária e faziam os contatos junto à rede escolar para organizar o plano de catequese preparatória para os sacramentos. Desse incremento, podemos indicar que o contexto onde construíram as Escolas Paroquiais foi distinto e marcado pelas dificuldades enfrentadas nas diferentes regiões do vasto Estado de Goiás.

CAPÍTULO III

MISSIONÁRIOS, MISSÕES E CONTEXTOS – ORIGEM, PROJETO RELIGIOSO E CARISMA

3.1 Franciscanos: americano, a cultura de origem

“Influência de frades, cuja simplicidade de vida
nunca significou simplismo de idéias [...]”
Gilberto Freyre, 1959.

Dar visibilidade à condição estrutural e filosófica sobre os franciscanos americanos implicaria em produzir uma tese exclusiva sobre as relações e os fundamentos da Ordem Franciscana que encontra nos Estados Unidos um terreno favorável para a difusão da fé católica, orientada pela regra de Francisco de Assis. Obviamente que o cerne das contradições poderia ser explicitado em comparação com a ética calvinista norte-americana devidamente analisada pela obra de Weber (2004). Embora instigante, não é esse o propósito, realizar um estado da arte sobre estas relações, historicamente situadas na migração europeia em direção à América. O que busquei ao recorrer aos autores referenciados a seguir foi situar alguns aspectos de natureza cívica e religiosa que moldaram a origem e a filiação religiosa dos missionários que saíram de Nova York rumo a Goiás na primeira metade do século XX. Seguramente eram portadores de uma cultura de origem, composta de valores e concepções cívicas, patrióticas, religiosas e de um projeto missionário de evangelização e propagação da fé católica.

A condição de cidadãos e de religiosos condiciona os franciscanos americanos a uma situação de ambigüidade, pois, na sua origem histórica pertencem a uma nação identificada por valores, princípios e sentimentos cívico e patriótico da democracia americana. Por serem representantes de uma Ordem Religiosa, trazem consigo os fundamentos da formação católica e franciscana. O fato de serem americanos e franciscanos os distingue em sua ação e projeto missionário e, ao mesmo tempo, define a relação construída no país de destino das missões.

Ao eleger neste estudo a presença dos franciscanos americanos em Goiás no século XX, fomos tentados a buscar conexões teóricas que pudessem explicitar, ou pelo menos situar alguns aspectos que envolvessem a origem e a formação da sociedade americana. Não é possível uma leitura apenas do ponto de vista religioso, porque a condição

de americano está mesclada pelos fundamentos da democracia e da religião, tomadas enquanto marcas que definem a cultura e a visão de sociedade, civilização e cultura deste povo.

Nichols (1963), ao tratar dos fundamentos da Religião e Democracia Americanas, fornecem pistas interessantes para compreendermos a origem e a forma de vida de um povo-nação.

A Sociedade norte-americana foi formada por pessoas de culturas européias nas quais era antiqüíssima a tradição de íntima ligação, quase união, entre Igreja e Estado. Aquêles que queriam governar haviam descoberto, muito tempo antes, ser vantajoso ter a sanção e apoio daqueles que podiam invocar os favores da divindade e cuja autoridade religiosa controlava o procedimento dos homens e mulheres aos quais administravam os sacramentos da Igreja Cristã. [...] Os clérigos eram também os educadores. Tornavam-se ricos proprietários, cuidavam dos pobres, dispensavam justiça e, às vezes, comandavam exércitos em campanha. [...] Todavia, a América foi criada em época na qual estava ocorrendo grande e fundamental mudança na organização social básica da Europa. A descoberta da América e o estabelecimento de uma nova ordem neste Novo Mundo foram, com efeito, fases dessa grande transformação (NICHOLS, 1963, p. 3-4).

Segundo a lei da Pensilvânia, resumida por Nichols:

Todas as pessoas residentes na Província que confessem e reconheçam o único Deus Todo-Poderoso e Eterno, e se obriguem em consciência a viver pacífica e sossegadamente em uma sociedade civil, não serão de modo algum molestadas ou prejudicadas por suas convicções religiosas e exercício em questões de fé e culto; nem serão obrigadas a freqüentar ou sustentar qualquer culto, local ou ministério religioso (NICHOLS, 1963, p. 21).

Estes parecem ser os princípios fundantes da chamada democracia religiosa americana, caracterizada pelo autor. Ao situar a descoberta do novo mundo numa época de Reformas e Contra-Reformas, assinala que:

A América parecia ser a solução para muitos que se sentiam frustrados em suas aspirações religiosas. Não podiam conformar-se com a igreja estatal na Inglaterra. Não poderiam criar a sua própria igreja em uma nova sociedade? Esses homens e mulheres, de modo geral, não procuravam separação entre Igreja e Estado. Desejavam antes uma nova organização político-elesiástica. Vieram para a América a fim de criar novos corpos políticos sob a forma de teocracias nas quais a autoridade eclesiástica seria predominante. Sua iniciativa criou comunidade de autogoverno. A experiência traumática do deserto proporcionou-lhes uma medida de democracia maior do que a planejada e no fim produziu liberdade religiosa e virtual separação entre a Igreja e o Estado. Contudo, apesar desse afrouxamento dos velhos laços oficiais, a influência da religião se mostraria mais forte, provavelmente, do que se tivesse perdurado a antiga relação entre Igreja e Estado (NICHOLS, 1963, p. 38-39).

Na segunda parte da obra referida, quando abordar aspectos sobre A Religião da Democracia Norte-Americana –, o autor mostra a trajetória histórica iniciada com a

chegada dos primeiros colonizadores europeus, fortemente enraizadas nos princípios de uma nova religião. Essa condição fez com que o americano internalizasse os padrões e valores democráticos, de forma semelhante aos dogmas religiosos:

A Religião estava destinada a fazer mais do que modelar as formas institucionais da democracia norte-americana. Iria impregnar de tal maneira a organização política com seu espírito que, com o tempo, a própria democracia se assemelharia a uma religião. A República nasceu em um ponto singular da história e em um lugar onde havia notável convergência de influências que eram ordenadas, por assim dizer, para provocar esse extraordinário fenômeno cultural (NICHOLS, 1963, p. 40).

Neste sentido, vê-se que a construção de uma nação democrática é fortalecida pelos padrões da nova nação, se distinguem, inclusive, da forma como as próprias idéias liberais e a concepção de democracia são difundidas na Europa.

O capitalismo burguês sabemos que se desenvolveu no Norte da Europa e no da América até tornar-se mórbido, em parte devido ao fato de não permitir a ética mais ortodoxamente calvinista ao homem bem sucedido o desfrutar tranqüilo e descuidado, do seu sucesso. Pois esse gozo assim tranqüilo importaria em admitir-se que, para o homem bem sucedido nos negócios, o tempo tivesse senão parado, diminuído de ritmo; e ele, triunfador, não estivesse obrigado a acompanhar, de modo servilmente rápido, o tempo, já agora identificado com o próprio dinheiro: "*Time is money*". Para seguir esse tempo-dinheiro, estaria ele, triunfador, forçado a empregar todo o seu ganho ou todo o seu apurado em novos ou incessantes negócios, a formação e aumento de capital representando o resultado de um esforço àridamente ascético e de uma renúncia absoluta ao lazer, ao vagar, à rede, à siesta, à viola, ao canto, à confusão do hoje com o amanhã (FREYRE, 1959, p. 56).

Na América há uma realidade que forja a redefinição e a apropriação de conceitos (liberalismo e modernidade), os quais vão, por certo, conferir singularidade à compreensão e à vivência da democracia americana, intimamente influenciada pelos fundamentos da religião protestante, também aqui reinterpretados. Em outras palavras, no dizer de Nichols (1963), não é apenas uma nova religião que se enraíza na América, mas um novo conceito de democracia é moldado, na relação com os conflitos e disputas internas, que diferem, profundamente do velho continente.

Na América do século XIX, o chamado revivalismo religioso, dá uma nova dinâmica ao Calvinismo e reorienta a doutrina religiosa, conferindo um sentido democrático à salvação do homem:

A salvação não estava reservada aos eleitos; a salvação era livre. Para todos quantos se arrependessem de seus pecados, se entregassem à mercê de Deus e aceitassem Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, abundava a graça; as cadeias de seus pecados seriam afrouxadas; o temor do Inferno abolido; e, santificados em sua fé, eles se ergueriam redimidos, purificados, lavados no sangue do Cordeiro sacrificado para redimir o mundo. Esta era a abençoada liberdade; estava à disposição de todos e assim continuaria por toda a eternidade, quando os salvos habitariam com seus

parentes e amigos. Esta retumbante democracia da salvação foi uma revolução tremenda (NICHOLS, 1963, p. 46 - 47).

Segundo o autor, nesta nova dinâmica, a relação entre a Igreja e o Estado se dá através outras bases, ou seja, o alcance do número de fiéis e o impacto do culto religioso na vida produtiva estabelecem o sistema de voluntariado como o padrão destas relações.

A religião protestante encontra terreno fértil para se expandir e se estruturar. Ao mesmo tempo, alicerça a ordem democrática através do incentivo à propriedade, à produção e à prosperidade, pilares da liberdade individual e da sociedade democrática. Coexistem os ícones da dádiva divina e do sucesso pessoal do homem que ceifa a terra, cultiva os campos e tudo faz para ser agradável aos olhos de Deus e à ordem econômica. No plano material, concretamente, estes princípios criam as condições para que o capitalismo se estruture respaldado nos ideais da liberdade, individualidade e propriedade privada.

Ainda conforme o autor, dentre os conflitos enfrentados e vivenciados pela experiência americana está o problema da escravidão e acirramento das relações e disputas entre o Norte e o Sul. Imbuídos da defesa dos dogmas religiosos e da afirmação os valores liberais, formaram trincheiras de ataques e de defesas tendo o mal como algo que deva ser eliminado nestes conflitos. Como resultado, os americanos foram levados a “criar Um Modo de Vida Norte-Americano”.

Por fim, no século XX, a ameaça da ideologia comunista, com as disputas ideológicas entre as potências, mostra que a democracia norte-americana precisa estar sempre alerta para que a experiência histórica lhes sirva de aprendizado.

Em síntese, a potência econômica e democrática das Américas se coloca vigilante quanto às possíveis ameaças que possam comprometer as bases da liberdade (social e religiosa) ou estremecer o poderio econômico e político alcançado particularmente no pós-guerra. A condição de potência, também impõe determinadas exigências, dentre as quais, a de expandir os domínios para além de suas fronteiras geográficas.

3.2 Franciscanos, o carisma religioso e missionário

Originários das ordens mendicantes, surgidas na chamada Europa moderna entre os séculos XIII e XVI, os franciscanos, a exemplo do modelo religioso cultivado à época, concebiam a missão como uma prática de pregação itinerante. Neste modelo o líder espiritual percorria as aldeias e lugarejos campestres fazendo pregações públicas e levando o povo a prática dos sacramentos e aplicando penitências.

As ordens mendicantes haviam sido fundadas a partir do século XIII principalmente com essa intenção. [...] Só no reino da França contava com oitocentas fundações de conventos de frades que se reclamavam da regra de S. Francisco de Assis ou de S. Domingos, realizadas entre 1250 e 1550. Mas foi preciso esperar pelo fim da Idade Média para que o tipo do grande missionário capaz de reunir multidões se impusesse na Igreja, e pelo dealbar dos tempos modernos para que um método rigoroso, destinado a este gênero de apostolado fosse posto em prática (CHÂTELLIER, 1995, p. 17).

Inicialmente concebida como um mecanismo de difusão da doutrina cristã católica, com ênfase na prática do ofício religioso, os missionários não possuíam um lugar fixo para seu apostolado. Deslocavam-se em pequenos grupos, permanecendo em determinados lugares o tempo suficiente para fazerem as pregações e a exortarem os fiéis a aderirem aos símbolos da fé cristã, através do preparo para os sacramentos e a penitência dos pecados.



Foto 3.2 – Frades e irmãos franciscanos e irmãs de franciscanas de Allegany
Fonte: Anais da Província

É interessante destacar que, tendo a Itália como berço, a Ordem Franciscana vai florescer ao lado de diversas outras denominações, incluindo os jesuítas de Loyola, tendo como princípio a mesma forma missionária de realizar a mobilização religiosa junto às populações dispersa em vilarejos e aldeias.

Encontrei no autor referido, alusão à notoriedade de pregadores de diferentes ordens mendicantes que despontaram como verdadeiros líderes espirituais através das missões.

O brilho das missões de Vicente Ferrer, que deixaram tão funda recordação e, sob tão variados aspectos, inspiraram tantos empreendimentos semelhantes na época barroca, não nos deve fazer menosprezar os trabalhos de inúmeros religiosos contemporâneos ou sucessores imediatos. O franciscano Bernardino de Siena (1380-1444) pareceu ter beneficiado na Itália, de um prestígio comparável ao do irmão Vicente. Suscitando também ele um imenso fervor popular, não conferiu, todavia à sua pregação o caráter apocalíptico que tantas vezes marcava a do célebre missionário dominicano. Seguindo Francisco de Assis, ele preocupava-se com o estabelecimento do reino de Deus na terra, numa Itália dilacerada pelas lutas entre facções rivais (CHÂTELLIER, 1995, p. 20).

Segundo Châtellier (1995), embora esse formato tenha alcançado notória projeção, com alguns pregadores levando à conversão de muitos e reunindo multidões em torno das “missões”, para atender às demandas colocadas pela Igreja nas estratégias da Contra Reforma, muitas dessas ordens mendicantes começaram a concentrar as atividades do ofício religioso em lugares pólos. Geralmente eram escolhidos a partir da conversão de um nobre ou de representante político que, não raro, ofereciam também as subvenções necessárias para a instalação e manutenção da ordem naquele lugar.

Os Dominicanos, Capuchinhos, Beneditinos, Franciscanos e Jesuítas, mesmo começando pela atuação missionária mendicante, no decorrer dos séculos, tiveram como conseqüência da estruturação interna de cada ordem e da reorientação da forma de intervenção no campo religioso. Muitos assumiram características específicas na organização interna, alterando alguns aspectos do modelo mendicante e conservando outros, seja através dos mosteiros e conventos, seja pela criação de instituições representativas do seu plano de ação no mundo, dentre elas os seminários e as escolas.

Ao explicitar no plano conceitual o que estou falando quando refiro à dominação, à autoridade, busco em Weber (2004), a formulação do tipo ideal para fundamentar minha interpretação:

[...] chamamos “dominação” a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas. Não significa, portanto, toda espécie de possibilidade de exercer “poder” ou “influência” sobre outras pessoas. Em cada caso individual, a dominação (“autoridade”) assim definida pode basear-se nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito inconsciente até considerações puramente racionais, referentes a fins. Certo mínimo de vontade de obedecer, isto é, de interesse (externo ou interno) na obediência, faz parte de toda relação autêntica de dominação (WEBER, 2004, p. 139).

A partir dessas premissas, o autor apresenta o que considera ser as formas como a dominação se expressa, conforme o caráter e as circunstâncias em que são praticadas:

§ 2. Há três tipos puros de dominação legítima. A vigência de sua legitimidade pode ser, primordialmente:

1. *de caráter racional*: baseada na crença na legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados para exercer a dominação (dominação legal), ou

2. *de caráter tradicional*: baseada na crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional), ou, por fim,

3. *de caráter carismático*: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática).

No caso da dominação baseada em estatutos, obedece-se à ordem impessoal, objetiva e legamente estatuída e aos superiores por ela determinados, em virtude da legalidade formal de suas disposições e dentro do âmbito de vigência destas. No caso da dominação tradicional, obedece-se à pessoa do senhor nomeada pela tradição e vinculada a esta (dentro do âmbito de vigência dela), em virtude de devoção aos hábitos costumeiros. No caso da dominação carismática, obedece-se ao líder carismaticamente qualificado como tal, em virtude de confiança pessoal em revelação, heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito da crença nesse seu carisma (WEBER, 2004, p. 141).

No âmbito das instituições é possível identificar na ação do Estado, nos poderes judiciário, legislativo e executivo, nas ordens religiosas, nos líderes espirituais e políticos de um modo geral características que variam deste o caráter racional, tradicional até o carismático. Todas as formas de lideranças de algum modo reproduzem os modelos de dominação, à semelhança dos mostrados por Weber (2004). A persuasão e a coerção não ocorreriam de forma arbitrária, mas seria admitida por relativos níveis de consentimento, de permissão daquele indivíduo ou grupo que se submete à vontade do líder.

Em particular interessa-me neste estudo o modelo da dominação carismática, cujas características são mostradas pelo autor como:

§ 11. Em sua forma genuína, a dominação carismática é de caráter especificamente extracotidiano e representa uma relação social estritamente pessoal, ligada à validade carismática de determinadas qualidades pessoais e à prova destas. Quando essa relação não é puramente efêmera, mas assume o caráter de uma relação permanente – “comunidade” de correligionários, guerreiros ou discípulos, ou associação de partido, ou associação política ou hierocrática – a dominação carismática, que, por assim dizer, somente *in statu nascendi* existiu em pureza típico-ideal, tem de modificar substancialmente seu caráter: tradicionaliza-se ou racionaliza-se (legaliza-se), ou ambas as coisas, em vários aspectos (WEBER, 2004, p. 161- 162).

Conforme já mencionado, não há um modelo puro, destituído da influência e caracterização dos demais, entretanto, a dominação carismática reúne aspectos que permitem a definição de líderes religiosos, imbuídos de uma missão, num primeiro momento assume

sua face de aproximação com o campo missionário, estreitam as relações, vivem com o povo, no meio do povo, como um igual. Realça as qualidades pessoais e se destaca nas competências e habilidades individuais, conquista gradativamente o crédito da comunidade para, posteriormente, direcionar suas ações no sentido da conformação da própria liderança. Todo esse processo passa por um momento de despertar, seguido da solidificação das práticas e rituais dentro de uma dinâmica que leva à rotina do carisma.

Por rotinização e a forma como ela se manifesta na regulação e controle de determinadas prática, temos que:

[...] a rotinização do carisma realiza-se, também,

1. na forma de apropriação de poderes de mando e oportunidades aquisitivas pelos sequazes ou discípulos, ou com regulação de seu recrutamento.

2. essa tradicionalização ou legalização (segundo existam ou não estatutos) pode assumir diferentes formas típicas:

1) o modo de recrutamento genuíno é segundo o carisma pessoal. Os sequazes ou discípulos, em caso de rotinização do carisma, podem estabelecer normas para o recrutamento, especialmente

a) normas de educação, ou

b) normas de prova.

O carisma só pode ser “despertado” e “provado”, e não “aprendido” ou “inculcado” (WEBER, 2004, p.164).

A propósito da função do trabalho sacerdotal, considerado na origem desta prática, Weber (2004) também explicita que:

O trabalho sacerdotal na sistematização da doutrina sagrada é alimentado constantemente por componentes novos que aparecem na prática profissional dos sacerdotes, em oposição à situação dos feiticeiros mágicos. Na religião congregacional ética surge o sermão como algo totalmente novo e a cura de almas racional como algo substancialmente distinto do auxílio mágico em caso de necessidade (WEBER, 2004, p. 318).

Ao situar o papel e a finalidade do sermão nos rituais e cultos, Weber mostra que:

O sermão, isto é, o ensinamento coletivo sobre coisas religiosas e éticas, no sentido próprio da palavra, é em regra um elemento específico da profecia e da religião profética. Quando aparece fora desta, constitui-se numa imitação. Sua importância diminui, em geral, nos casos em que a religião revelada se converte, devido a cotidianização, num exercício sacerdotal, e encontra-se em proporção inversa aos componentes mágicos de uma religiosidade. O budismo, no que se refere aos leigos, consiste originalmente somente em sermão, e nas religiões cristãs este adquire tanto mais significado quanto mais se eliminam os componentes mágicos sacramentais. O sermão ganha maior importância, portanto, dentro do protestantismo no qual o conceito de sacerdote foi totalmente substituído pelo conceito de pregador (WEBER, 2004, p. 318).

Pode-se observar que a habilidade em conservar alguns princípios de origem e em processar algumas mudanças e adaptações no decorrer dos tempos, no sentido mesmo de

manter e cultivar a própria existência enquanto instituição são dois aspectos semelhantes na constituição das ordens religiosas de origem mendicante.

Nas palavras de Châtellier (1995), no Concílio de Trento (1545-1563), diante da crescente ampliação do campo de atuação da Igreja e, sobretudo, tendo em vista as ameaças representadas pelo islã e pela Reforma Protestante formalizou-se oficialmente que as missões deveriam ser “remodeladas e adaptadas às circunstâncias” e utilizadas enquanto “instrumentos de mudança” (p. 27).

Como parte destas mudanças, os novos missionários eram exortados a direcionar o foco das pregações e do ofício religioso: a advertência quanto aos pecados, à observância dos mandamentos de Deus, a instrução sobre a prática dos sacramentos e a obediência à doutrina católica propagada pelo catecismo. Veja que nesta perspectiva doutrinária, a ênfase da formação do cristão recai no catecismo mais que na leitura e na interpretação dos livros sagrados, sendo destes privilegiados o Novo Testamento.

Nesse sentido, o autor ora referido, explica que:

[...] os papas sonhavam, desde o concílio, com os meios necessários para empreender com eficácia a obra da cristianização do mundo. Após as instituições de repressão, como o Santo Ofício em 1543, vieram o Colégio Germânico em 1555, destinado à formação de um novo clero nas regiões mais tocadas pela heresia, e sobretudo, em 1622, a criação da Congregação para a Propagação da Fé. [...] Esta instituição tinha como finalidade coordenar as iniciativas até então desenvolvidas de modo disperso pelos religiosos nas regiões infieis ou tocadas pelo protestantismo. Ela pretendia dar-lhe um renovado impulso. Visava também colocar sob o controle exclusivo da Cúria Romana aquilo que, indiferenciadamente, se encontrava à responsabilidade de um príncipe católico, ou de um prelado dinâmico, ou de uma ordem missionária. (CHÂTELLIER, 1995, p. 39).

Nota-se neste conjunto de medidas adotadas pós-concílio que há um recrudescimento das ações da Igreja no sentido de endurecer a sua intervenção junto aos povos e nações, utilizando-se para isso de diferentes mecanismos, incluindo a formação de novos quadros e a reorientação das missões, sob o controle do Vaticano. Embora conservando algumas distinções na forma como se organizavam, as ordens missionárias, gradativamente, procederam às adaptações indicadas a partir do Concílio e assim estabeleceram suas ações em diferentes continentes.

O acirramento de embates no campo religioso ocorridos nos séculos XVIII e XIX, motivou disputas de fiéis e de novos territórios, principalmente com o crescente povoamento de novos continentes como o americano. A expressão de poder e de força do campo religioso extrapola as fronteiras do velho continente e alcança os países do novo mundo colonizados por ingleses, portugueses, espanhóis, dentre outros.

Embora os processos de colonização tenham se constituídos em terrenos favoráveis à igreja na conquista de novos fiéis, a instalação de estados democráticos e republicanos abriu novas possibilidades no campo das liberdades individuais, políticas e ideológicas, no incremento da produção capitalista e da propriedade privada. Nestes novos contextos, o império dos dogmas religiosos são questionados e suplantados pelos argumentos da política, da economia e da nascente ideologia liberal. Além disso, fenômenos como o processo de industrialização, o aumento da urbanização, o estímulo ao conhecimento e as invenções recolocaram muitas questões para a vida social, dentre elas a produção científica, as artes, a ética, a estética, a expressão e simbólica. Forçosamente, a própria Igreja se encontra na condição de reorientar o seu plano de intervenção no mundo, no sentido de assegurar os espaços de afirmação e poder nos novos contextos.

Para Freyre (1959), esta origem histórica da Ordem Franciscana conserva algumas características que atravessaram os séculos e ressoaram, no Brasil, no modo de vida e na própria organização institucional.

A verdade é que no pouco relevo alcançado pelo esforço dos franciscanos nas crônicas brasileiras – pouco em relação ao que parece ter sido, desde o século XIII, esse esforço – deve-se ver conseqüência do próprio franciscanismo: romanticamente boêmio, a ponto de vir desdenhando senão sempre, quase sempre, o registro dos seus próprios feitos; empenhado de tal maneira em realizar suas tarefas que raras vezes tem encontrado o vagar necessário ao empenho de recordá-las de modo sistemático e minucioso; imerso com tal profundidade no tempo cristão que tem negligenciado o tempo histórico. Donde sua história escrita não corresponder sempre às suas realizações em quaisquer desses dois tempos, um cronológico, outro psicológico. É uma história apenas de sugestões ou de indícios que só podem ser desenvolvidos por aqueles historiadores tão exímios na interpretação exata desses sinais, às vezes insignificantes, quanto os detectives capazes de reconstituir uma figura inteira de mulher ou uma completa personalidade de homem por um fio de cabelo da mulher ou por um pêlo da barba do homem (FREYRE, 1959, p. 52).

Interessante como no conteúdo preocupações apontadas pela Igreja já no século XVI, encontrei correspondentes com as demandas e inimigos a serem combatidos pelas missões franciscanas no Brasil do século XX: heresias, ideologias e seitas protestantes. Vale ressaltar que, apesar de estar situada num contexto posterior de aproximadamente quatro séculos, de ser regida por outro Concílio, de serem utilizados outros instrumentos para persuasão e convencimento, semelhantes motivações constituíram a organização e a instalação missionária em Goiás.

3.3 Os franciscanos no Brasil e em Goiás desde os tempos coloniais

Desde Frei Henrique de Coimbra que há sempre um franciscano ou a fazer ou a escrever a história do Brasil: às vezes a fazê-la com o próprio sangue. História do Brasil ou história da Igreja. Frades portugueses, frade brasileiro, frade estrangeiro (FREYRE, 1959, p. 32).

Tanto no imaginário quanto nos registros históricos, a presença franciscana avulsa ou institucionalizada marcou a trajetória e ocupação do Brasil desde a Colônia.



O caráter folclórico de que fala Freyre (1959) pode explicar os diversos enfoques e tratamentos dados por historiadores da Igreja, incluindo os próprios franciscanos sobre a circulação de frades no território brasileiro desde a chegada dos portugueses.

Ilustrando práticas que se tornaram populares no país, Binzer (1994), ao descrever o ambiente onde se instalavam as elites rurais no Império, faz referência ao costume brasileiro de confiar ao santo suas propriedades:

Não é nada extraordinário que esta fazenda se chame São Francisco; seria, ao contrário, fora do comum, se tivesse outro nome. Vinte e um lugarejos no Brasil usam o nome de São Francisco e as plantações que este santo tão querido deve tomar sob sua guarda são legião (BINZER, 1994, p. 17).

Rower (1947) sintetiza a saga da presença e atuação dos primeiros franciscanos em diferentes localidades da colônia, enfatizando o caráter de pioneirismo da Ordem.

A primeira Missa no Brasil é celebrada e o primeiro contato religioso com os índios é estabelecido por Franciscanos; os primeiros missionários são Franciscanos; a primeira capela é dedicada a São Francisco e o próprio sangue mártir, a fecundar a seara do Senhor, é sangue franciscano. O Brasil nasceu franciscano para a civilização cristã (ROWER, 1947, p. 29).

Explica Freyre (1959), que não é possível conceber o cristianismo sem a presença do franciscanismo. A Igreja Católica se nutre da pluralidade e da diversidade de ordens religiosas que, a seu modo colaboram na divulgação dos princípios da fé cristã. Ao mesmo tempo, a face do cristianismo é marcada igualmente pela presença dos anti-cristãos e dos inimigos. A Igreja Católica e o Cristianismo são unos e plurais no dizer do autor. No destaque à presença franciscana o Brasil:

A marca franciscana sobre o Brasil, a despeito da escassez de documentação escrita sobre os feitos de padres outrora vestidos de cinzento e hoje de pardo – como que para se esquivarem, por extremo de humildade, dos olhos dos próprios historiadores mais fascinados pelo preto das casacas ilustres e das batinas mais solenemente oficiais, pelo vermelho, pelo azul, pelo verde, pelo roxo dos uniformes, das fardas, das murças, das togas, dos trajes de gala – é uma marca que hoje – quando o estudo do passado humano não se faz somente pelos papéis guardados nos arquivos, mas também por meios sutilmente psicológicos e capazes, às vezes, de corrigir exageros dos mesmos papéis – avulta dos dias mais remotos da formação brasileira, com o relevo de uma influência decisiva sobre a vida de nossa gente (FREYRE, 1959, p. 18-19).

A ação missionária desenvolvida em meio a diferentes culturas e nações, segundo Freyre, coloca o franciscano na condição tanto de difusor do cristianismo como de transformação se si mesmo em alguém que é modificado pela influência do contexto vivido.

Assim:

Na verdade, o franciscano típico talvez seja hoje, como há quatrocentos anos, uma combinação ideal desses dois tipos. Pois de tanto entregar-se à missão de influir pelo cristianismo sobre os outros homens, por mais distantes dele pela condição, pela raça, pela cor, pela cultura, ele vem aprendendo a se transformar também a si próprio em melhor cristão. Que isso de ser bom cristão talvez não signifique nunca intransigência do indivíduo ou do grupo que represente um tipo imperial de civilização, antes em parte cristianizada que cristã, em face de outras civilizações susceptíveis e, a seu modo, se transformarem em novas civilizações pela influência do cristianismo (FREYRE, 1959, p. 19).

Ao referir-se a alguns relatos de cronistas sobre o Brasil do século XVI, a respeito das sociedades indígenas e da natureza tropical, Freyre compara essa forma de interpretação ao espírito franciscano, despojado, pragmático e experimental, que contrasta, sobremaneira, com modelo europeu de ensino e de cultura de ênfase mais propedêutica.

Em todos eles há aquele “pragmatismo experimental” dos franciscanos em face do mundo; aquele seu gosto pelo estudo direto da natureza diferente da européia; sua humildade diante dos fatos; sua capacidade de entusiasmo por cores e formas de gente e de paisagem, diferentes das clássicas ou das greco-romanas (FREYRE, 1959, p. 60).

Ao provocar um diálogo sobre o modelo jesuítico de organização institucional e educacional, Freyre (1959) não economiza argumentos para realçar os contrastes observados na comparação com ambas as ordens religiosas:

Daí aquela orientação social da parte dos franciscanos, quando autenticamente franciscanos nos sentimentos e não apenas nos hábitos, no sentido de estenderem sua assistência aos pobres: orientação que na América parecer vir resultando desde dias remotos na sua maior identificação que a de outras ordens, com a gente mais simples e até mais rudes das populações, sem desprezo nem pela mais inteligente nem pela mais culta. Também na sua maior contribuição, senão na América inteira, em algumas das suas regiões, para o obra imensa, realizada pela civilização hispânica, de assimilação de valores rusticamente indígenas desdenhados por europeus de feito pedantemente erudito: plantas, alimentos, remédios, bebidas, animais domésticos. E, ainda, na valorização, por eles promovida sempre que se conservaram fiéis aos princípios franciscanos, não só dos estudos em escolas que se tornaram célebres pelos seus mestres de latim de filosofia como do aprendizado das artes e dos ofícios, desdenhado por outros missionários no Brasil; e em consequência do que cedo se desenvolveu entre nós, com excessivo pendor para o mais estéril dos bacharelismos, o desprezo pelas atividades manuais e técnicas. Desprezo favorecido, sobretudo – reconheça-se – pelo regime de trabalho escravo; mas que talvez não tivesse se tornado tão grande em nosso país se o ensino no Brasil, houvesse sido dominado principalmente por franciscanos que, fiéis ao franciscanismo, tivessem comunicado aos seus alunos, com o gosto pelo “pragmatismo experimental” e pelas ciências da natureza, o respeito pelo trabalho manual, pelas artes do artesão, pelas técnicas úteis às comunidades pioneiras (FREYRE, 1959, p. 60-61).

Entusiasta das comparações, o autor utiliza um interessante exemplo, ao referenciar um literato clássico português, de formação igualmente erudita, fundada no modelo jesuítico, o qual, na leitura de Freyre (1959), não prescinde da admiração ao modo de vida e à experiência franciscana, conforme mostra no fragmento a seguir.

Camões foi também franciscano em alguns dos aspectos mais característicos do seu viver no Oriente, onde não buscou riqueza nem fortuna nem poder, mas experiência. Extensão de vida. Intensificação de conhecimento. Alargamento de saber pelo contacto com gentes e terras estranhas, de onde voltou pobre. Onde teve aventuras que de ordinário só os pobres pode ter. Onde confraternizou do modo mais íntimo com pessoas de cor. Onde se maravilhou liricamente com a “vária cor” dos trópicos, vendo-a com olhos abertos a novas experiências ou a novas sensações da natureza. Em todos esses aspectos do comportamento de Camões no Oriente pode-se entrever influência franciscana (FREYRE, 1959, p. 59-60).

Sem a intenção de alimentar propriamente o fórum de debates e disputas entre as duas ordens, esses contrastes sugeridos na citação acima nos indica outras possibilidades para interpretar e compreender a ação franciscana. Ao partir do velho continente, alicerça suas bases missionárias na América e, no século XX consolida seus domínios na direção da América do Sul. É possível que as características mencionadas por Freyre, especialmente em relação ao caráter pragmático e experimental, possam ter sido aperfeiçoadas no contexto americano e inspirado diferentes aspectos da obra missionária no Brasil.

É Rower (1947) quem registra a síntese da formação do Comissariado Franciscano em Goiás, nos seguintes termos:

No ano de 1943 deu-se início a mais um Comissariado, o do Santíssimo Nome de Jesus no Estado de Goiás. Quando, em maio daquele ano, o Prelado da Província da Conceição, Frei Mateus Hoepers esteve em visita canônica no Comissariado franciscano de Nossa Senhora dos Prazeres no Estado de Mato-Grosso, teve ocasião de observar a falta de sacerdotes em Goiás. Lembrando-se também ele do estado florescente da Ordem franciscana na América do Norte, dirigiu-se ao já mencionado Delegado Geral com o pedido de enviar Religiosos ao Estado de Goiás. Foi Feliz. A Província do Santíssimo Nome de Jesus aceitou a incumbência de formar naquele Estado um Comissariado. Em Setembro de 1943 chegaram 9 sacerdotes e 5 irmãos leigos, que se demoraram alguns dias com os confrades em São Paulo e partiram ao seu destino. Associaram-se outros em 1944 e 45, de modo que hoje são: sacerdotes, 15; Irmãos leigos, 4 (ROWER, 1947, p. 92).

Este mesmo autor, ao traçar o percurso dos Frades Franciscanos no Brasil, alguns aspectos chamam a nossa atenção. Primeiro não comentários sobre a presença de franciscanos em Goiás (avulsos ou definitivos) antes deste registro sobre a composição de um Comissariado. Segundo, na caracterização de vários mapas onde mostra o alcance dos franciscanos a territórios longínquos na direção sul e norte ao longo do litoral, o avanço no sentido do Estado do Amazonas, passando pelo Mato Grosso há indicações sobre Goiás. O Estado surge somente neste registro em que indica formalmente a presença franciscana pela chegada dos americanos e composição do Comissariado.

Entretanto há outras leituras e referências que mostram outros aspectos. Tanto nos registros de Dom Emmanuel, bispo goiano, quanto nas correspondências encaminhadas

aos Estados Unidos, através da Província da Imaculada Conceição, de São Paulo, encontramos insistentes alusões ao trabalho e à presença de frades em Goiás na década de 1940.

Localizei também um registro nos Anais da Província em que o relator faz uma síntese da presença franciscana em Goiás, possivelmente alimentada por algum documento biográfico interno da Ordem ou mesmo pela consulta a diferentes manuscritos históricos sobre o tema.

Após referir-se à presença franciscana no território goiano, acompanhando bandeiras e exploradores ou adentrando a região por outras vias de chegada e percursos distintos pelo Estado. Entradas pelo Maranhão, Espírito Santo e Bahia são alguns exemplos citados. O relator considera que estes frades tinham diferentes origens e não dispunham de projeto para fixar residência definitiva aqui: “Todos os frades nas três primeiras aparições dos Franciscanos em Goiás parecem ter origem portuguesa. Frei Antonio do Extremo parece ter sido um nativo nascido brasileiro. Os contingentes da quinta e sexta representam duas outras nacionalidades - alemão e americano, respectivamente” (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XXI, [inverno], n. 01, 1964, p. 48).

Em outro registro, o amplo espectro que envolve as diferentes ramificações da Ordem franciscana e os campos de atuação pastoral é assim retratado.

A FAMÍLIA FRANCISCANA EM GOIÁS.

Por fr. Edmundo A. Fox.

A família franciscana em Goiás inclui não apenas os três ramos da Primeira Ordem, mas também as da segunda ordem, a Ordem Terceira - regular e secular - e de uma sociedade recém-criada catequética formada sob inspiração e orientação franciscana. O trabalho missionário pioneiro em Goiás foi realizado por missionários franciscanos, até onde os jesuítas chegaram só no final do século 17. Após a supressão dos jesuítas em 1759, Goiás permaneceu sem qualquer atenção de ordens missionárias, exceto por algumas visitas esporádicas de alguns franciscanos. O primeiro esforço missionário contínuo dos tempos mais modernos veio em 1840, quando os capuchinhos italianos empreenderam a evangelização em Goiás. Desde então, muitos outros membros da família franciscana tem retomado o trabalho no Estado, entre eles, claro, a nossa Província do Santíssimo Nome de Jesus. O seguinte é um pouco do retrato da atividade da família franciscana em Goiás. Os Capuchinhos trabalhavam na zona norte de São Paulo. Eles estabeleceram freguesias e um extenso trabalho de catequese entre os índios. Uma das freguesias que eles estabeleceram está sob os cuidados dos frades da Província do Santíssimo Nome, parte de cujo Comissariado em Goiás está na Prelazia do Bispo Schuck de Cristalândia. Em 1960, Pe. Andrew Quinn se tornou o segundo pastor residente da Província de Nossa Senhora da Freguesia de Araguacema. Seu primeiro pastor residente foi o venerado Frei Francisco de Monsanvito, OFM Cap., que morreu em 1873. Devido à impossibilidade de fornecimento de energia e porque os missionários estavam vivendo em isolamento um do outro e da Ordem, os capuchinhos retornaram à Itália, em 1881, o pequeno número de seus homens em Goiás. Exceto por raras missões paroquiais, os capuchinhos permaneceram inativos em Goiás de 1881 até 1957. Desde 1957 os membros da Província dos Capuchinhos

do Brasil estão localizados em Anápolis, a cuidar de uma paróquia vizinha àquela dos franciscanos da Província do Santíssimo Nome de Jesus (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XXI [primavera-verão], n. 2, 3. 1964, p. 151-152).

Por estes registros, foi possível constatar que mesmo sem a fixação de um Comissariado, os franciscanos marcaram presença em Goiás em diferentes épocas e atuaram em missões temporárias, enfrentando dificuldades de acesso e precárias condições de permanência. Esses diversos enfoques da história da igreja no registro da história franciscana em Goiás podem indicar que vários documentos e fontes, inclusive pelo empenho interno da própria Ordem subsidiam essa memória histórica e fundamenta outras tantas interpretações.

3.4 Franciscanos americanos em Goiás: com o povo, no meio do povo – uma obra missionária construída a muitas mãos

3.4.1 No princípio: chegada e preparação para o trabalho missionário

A devoção aos Santos é muito forte - tão forte de fato, que é quase fora de proporção com as obrigações mais importantes da nossa santa religião. No entanto, provavelmente, é apenas esta profunda reverência aos Santos que manteve a chama viva do catolicismo e o protestantismo preveniu de fazer muito progresso, o analfabetismo é quase universal nos distritos afora, embora haja uma forte tendência despertando agora para a escolaridade. O elemento protestante está fazendo o desejo capital do povo para a educação através da criação de escolas em cada cidade importante. Na verdade, eles têm roubado a liderança a nós católicos, a este respeito – devido, provavelmente, pelos fundos abundantes que recebem dos Estados Unidos e Canadá. Nosso Arcebispo fez progressos consideráveis no domínio da educação durante os vinte anos que ele está no cargo. Percebendo a sua importância absoluta, que mais ardentemente deseja construir escolas e assumir o trabalho da educação (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 356 a 360).

Em 1945, após um ano da chegada dos primeiros frades em Goiás, o insistente apelo para que as Irmãs Franciscanas de Alleganay fossem enviadas para colaborar com o seu trabalho evangelizador e missionário foi discutido entre os principais representantes das duas Congregações, no Brasil e nos Estados Unidos.

Senti desde o início que Irmãs seriam indispensáveis na realização do trabalho aqui, mas eu propositadamente deixo ir por um ano, a fim de ter certeza de que eu deveria ver as coisas em sua verdadeira luz. - E o indispensável no começo é agora uma necessidade absoluta. Eu não acredito que estou a exagerar quando digo que precisamos das irmãs como nós precisamos urgentemente de sacerdotes. Quando o

Padre Provincial esteve aqui recentemente, falei sobre o assunto com ele longamente, e ele está de pleno acordo (CARTA 1 de 16/02/1945).

As possibilidades de expansão e crescimento da ordem franciscana foram mencionadas de forma persuasiva para que a missão feminina fosse instalada, com o apoio dos Frades Menores.

O campo de trabalho aqui é muito grande, além da imaginação - quase ilimitada. Há poucos padres que podem dar ao povo apenas uma quantidade limitada de atenção. No entanto, as pessoas são praticamente todas católicas, embora, naturalmente, elas pouco ou nada sabem sobre sua religião. O Padre Provincial já enviou treze sacerdotes e cinco irmãos aqui, e pretende enviar mais – mas eu sei que ele está fazendo apenas no sacrifício. E no pouco tempo que temos de ação aqui, Deus tem abençoado o nosso trabalho com sucesso para além das nossas mais caras esperanças – provavelmente por causa do sacrifício. Não há a mais leve dúvida de que o nosso Comissariado será uma fundação, onde homens e mulheres possam trabalhar para Deus e as almas. É um campo onde são urgentemente necessários, e onde seu trabalho dará frutos a cem - Não, mil (CARTA 1 de 16/02/1945).

Goiás constituía em um Estado promissor para os desígnios da fé Católica. Além de um vasto campo de trabalho, havia, ainda, as expectativas com relação ao que se poderia fazer em termos institucionais: formalizar a presença e a existência dos Franciscanos aqui através da criação de um novo Comissariado, de uma nova Congregação. Os filhos e filhas de São Francisco encontravam as possibilidades concretas de fincar suas raízes no “Coração do Brasil”, ramificar suas instituições-filhas, orientadas e subsidiadas pela instituição-mãe nos Estados Unidos. Esta premissa é válida para ambas as Ordens – Frades e Irmãs – Franciscanas. Observa-se que o intento de educar para manter a fé católica se impõe na obra missionária.

Esta parte do vasto reino de Deus é verdadeiramente "branca até a colheita", mas a colheita depende da semente porque há tão poucos ceifeiros. É preciso agarrar as oportunidades que estamos nas missões. Elas estão trabalhando com zelo, são espertas o bastante para trabalhar no campo, onde o grão é colhido mais facilmente, o campo da educação. Nós, sacerdotes, podemos continuar a formar os casamentos, visitar os doentes, administrar os sacramentos aos que virão. Isso é apenas manter viva a fé, e isso não é suficiente. É impossível trazer grandes mudanças na vida dos adultos. Para conseguir resultados reais da formação deve começar com as crianças (CARTA 1 de 16/02/1945).

Ancorada na experiência das Irmãs pela atuação no campo missionário em outros países, a resposta oficial retornaria de Allegany num tom otimista e seriamente comprometido com o alcance e a exigência do trabalho e da vida missionária:

Nossas conselheiras foram unânimes em aceitar o trabalho missionário no Brasil. Nós colocamos a nossa confiança em Deus, sabendo que ele vai fornecer as Irmãs e irá inspirar-me para enviar as mais acertadas. Estaremos prontas para fevereiro de 1946.

Sugerimos o envio de cerca de quatro Irmãs para iniciar os trabalhos – duas poderiam viver em cada escola para o presente. Gradualmente, podemos aumentar os números. Vou fazer as condições bastante claras para as que estão indo. No entanto, eu não tenho medo. A maioria de nossas irmãs é realmente desprovida de apego material. Uma teria que ver só seu trabalho na Jamaica para ser convencida disso. Deus tem algo muito especial para o tipo certo de missionário (CARTA 2 – 30/03/1945).

Ao assumir a proposta, as Irmãs Franciscanas de Allegany tinham o desafio de desbravar novos territórios e lançar suas raízes em lugares desconhecidos. Mas isso não as intimidou porque as voluntárias que se apresentaram para a missão, além de preparadas, já possuíam experiência no trabalho missionário com outras culturas e outros povos.

Assim, os apelos do bispo Dom Emmanuel ecoaram na América, despertou a sensibilidade das Irmãs Franciscanas para a missão brasileira estabelecida em estreita colaboração com os Frades Menores, seguindo o exemplo de experiências já concretizadas nos Estados Unidos e em outros países da América Latina, Índia e África.

Só depois eu enviei minha carta para você – há uma semana é que sua carta de 16 de novembro veio. Escusado será dizer que gostei muito dela, como fizeram os outros padres também. Você vai amar o trabalho no Brasil. Eu ainda insisto que você e a irmã Rosalima são os membros mais afortunados da sua Província (CARTA 9 – 03/12/1945).

As instruções sobre as prioridades no material que deveria ser preparado pelas irmãs e a forma mais adequada de trazê-lo foram recomendadas pelo provincial de Goiás, com riqueza de detalhes. Os fardos e malas que poderiam passar tranquilamente pela alfândega; o tipo de material que traria dificuldade para a entrada no Brasil, as possibilidades de conexões aérea ou marítima para passar pela aduaneira, tudo foi indicado na correspondência oficial preservada, referente ao período que antecedeu à vinda das Irmãs de Allegany para o solo brasileiro.

A lista de produtos a serem inseridos na bagagem é extensa, começa por objetos de uso pessoal, como tecido para altar, hábitos e vestimentas, remédios para determinadas moléstias, utensílios de cozinha, alfaias para o culto, material litúrgico até máquinas de costura, órgão, máquinas de datilografia, pares de óculos, etc. Há, também, recomendações expressas para que o cuidado com a saúde e os dentes não sejam esquecidos, que as Irmãs façam visitas aos médicos antes da viagem.

Claro, você deve trazer qualquer remédio que você pensa será necessário, como as coisas mais comuns que usam em casa. Ex.: aspirina remédio para gripe, antibióticos, antisépticos, esparadrapo, band-ads, material para curativo etc. Nós achamos que Sulfa-Guanadine é o melhor para desinteria. Não se preocupa com medicamento para malária temos o suficiente, ainda não usamos, até hoje. Traz muita aspirina – provavelmente vocês dariam para as crianças. O fato feliz é que

Goiás é um lugar relativamente sadio. A malária, nem tuberculose, são comum aqui. Tivemos uma epidemia de febre amarela o ano passado, mas creio que isso também não é comum. Por acaso você tem alguma coisa para a lepra? (CARTA 10 – 03/12/1945).

Juntamente com as informações sobre o que não fosse encontrado em Goiás poderia ser obtido em São Paulo, quase sempre segue uma advertência quanto à qualidade dos produtos disponíveis no Brasil, de má qualidade, não duráveis e de funcionamento duvidoso. Há uma insistência para que o que for possível conseguir seja providenciado nos Estados Unidos, pois, além da dificuldade de acesso a São Paulo, a demora em realizar as compras, o principal é a qualidade dos produtos.

Se tiver uma máquina para escrever seria muito bem. Se qualquer uma de você tiver a máquina traz. Uma sugestão, manda limpar e arrumar antes de sair e manda colocar as letras em português. Não se tem despertadores. Pode comprar em São Paulo, mas não prestam e são bem inferiores (CARTA 10 – 03/12/1945).

As dificuldades alfandegárias e a dificuldade em obter informações precisas sobre os procedimentos burocráticos da viagem pelos representantes das companhias aéreas foram mencionadas na correspondência. Instruções sobre a forma de encaminhar o despacho de doações e objetos, também seriam detalhados, conforme aponta o excerto a seguir:

Todos os presentes (doações) que está recebendo são esplendidos. Não resta dúvida aceita tudo, incluindo máquina de costurar e fogão. Aceita qualquer coisa para o altar. Por hora a capela não tem nada. De fato, vendo como você está recebendo tanto, não vou comprar nada para a capela a não ser o altar mesmo e o armário para os vestimentos (paramentos). O altar vai custar mais ou menos \$ 500,00, causa alguém queira fazer uma doação. Como nós descobrimos, a gente nunca sabe que tipo de doação generosa vem quando se trata de missões (CARTA 10 – 03/12/1945).

A colaboração financeira de entidades religiosas, amigos e pessoas físicas americanas, não só no início das missões, mas durante longo período nas décadas posteriores, foi fundamental para que o trabalho franciscano lograsse êxito no Brasil. Em alguns registros há referências dos frades e irmãs sobre essa contribuição sistemática de beneméritos americanos sem a qual, a estrutura criada para a manutenção e ampliação das diversas frentes de atuação missionária ficaria comprometida e limitada.

Como forma de situar as irmãs na realidade e cultura goiana, tendo em vista a inserção no território das missões, o Provincial em Goiás, esclarecia à Superiora em Allegany, como e para onde pretendiam encaminhar as irmãs.

Terá as Irmãs cerca de um ano para aclimatar-se e obter um conhecimento prático da língua e dos costumes. E quando os outros se juntar a elas mais tarde se tornará mais fácil. O primeiro ano, naturalmente, será o mais difícil – estranhos em uma terra estranha [...]. E, por isso creio que seria melhor para as quatro viverem juntas no início. Na cidade de Pires do Rio estamos agora na construção de uma escola

próxima a um convento que estará pronto para o ano. Seria um lugar ideal para se começar. Estamos igualmente na construção de uma nova igreja e convento lá. É uma cidade linda de cerca de três mil habitantes, a seis horas de Anápolis de trem. Sendo uma cidade relativamente nova, não está listada na maioria dos mapas. [...] Se as irmãs que estão por vir pudesse começar a estudar Português hoje, seria uma grande ajuda para elas. A linguagem natural é de suma importância, e sem que ninguém esteja muito desamparado. É verdade que a ajuda de um professor, muito pode ser aprendido pelo estudo privado. [...] Tudo vai ficar bem com as irmãs, você pode estar certa. As dificuldades não serão muito grandes, e uma vez que elas se acostumem com as coisas, eu sei que vai ser tão entusiasmadas quanto nós (CARTA 3 – 27/05/1945).

Em seguida, a Superiora de Allegany, ao informar o Provincial no Brasil sobre as decisões tomadas pelo Capítulo⁴⁷, aproveita para descrever o perfil das voluntárias que compuseram o primeiro grupo de missionárias em Goiás.

No capítulo foi nomeada a irmã Marianna para tomar o seu cargo e a irmã M. Rosalima para ajudá-la. Vamos enviar as duas para o presente e outras mais tarde. Eu acho que você vai gostar de irmã Marianna. Ela é natural de Búfalo. Graduiu-se na nossa escola de St. Patrick e na Academia Santo Ângelo. Após sua entrada, ela foi enviada às Antilhas, onde permaneceu por cerca de quinze anos. Ela é uma missionária bem experiente, preparada para a vida primitiva. Ela fala francês e espanhol também. Ela teve a oportunidade de estudar em São Boaventura, onde recebeu seu B.A. de Mestrado da Universidade Católica. Durante o verão passado estudou no Instituto Latino-Americano, Nova Iorque, onde conheceu alguns professores brasileiros interessantes; e ela sente que tem um justo conhecimento do Português. Ela está muito entusiasmada e ansiosa para ir, então tudo isso é uma ajuda.

Irmã Rosalima é natural de Providence. Ela é irmã mais nova que Marianna e ainda não teve a oportunidade de tanta experiência ou educação. No entanto, acredito que ela tenha cerca de dois terços do trabalho de sua faculdade concluído. Ela é muito recomendada. Na verdade, ela me procurou durante todo o verão para me lembrar que era uma das voluntárias. Quando eu perguntei para elas que eu recebi algo como cinquenta solicitações [...] mas vamos enviar apenas as que são capazes espiritualmente (CARTA 4 – s/d, Agosto de 1945).

Tamanha era a expectativa de colaboração missionária das Irmãs Franciscanas, que o envio das irmãs ao Brasil foi digno de uma publicação detalhada nos Anais da Província, nos termos que se seguem:

Selecionaram para a vanguarda Madre Maryanna como Superiora e irmã Rosalima. Madre Maryanna é uma veterana nesse tipo de trabalho, tendo passado os primeiros 13 anos de sua vida religiosa nas missões da Jamaica. Além dela dando muitos outros pontos da sabedoria missionária, a experiência dotou-a com um bom conhecimento de espanhol e francês, conhecimento que ela, entretanto, tem aumentado e aperfeiçoado por estudos avançados em línguas românicas em St. Bonaventure College e na Universidade Católica. Então, assim equipadas, Madre Maryanna (após várias semanas de estudo de Português em Nova York, para a iniciação) e Irmã Rosalima foram concedidas a distinção de abertura da primeira casa de sua congregação ao sul do Equador. E os frades do Comissariado

⁴⁷ Capítulo é uma reunião de um conselho realizada pelas ordens religiosas, na qual são tomadas as principais decisões internas. Em geral o conselho obedece a uma agenda de reuniões previamente definidas ao longo do ano para tratar das questões de ordem administrativas e pastorais da ordem.

missionário do Santo Nome no Brasil receberam a ajuda incalculável de duas mulheres capazes, enérgicas e apostólicas, para reforçar o seu trabalho e ampliar o leque de seus empreendimentos (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 385 a 390).

As irmãs designadas para esse trabalho tinham em comum a experiência com o trabalho missionário em outros países, principalmente na América Latina. A mais qualificada em termos acadêmicos assumiu o posto de Madre Superiora, sendo responsável por responder pelas questões administrativas e burocráticas da missão em Goiás nos primeiros anos de sua criação. Além da formação acadêmica, foram priorizados os requisitos de “capacidade espiritual”. Outro aspecto que despertou a atenção foi a sua experiência missionária nas Antilhas a que qualificava como alguém “experiente para a vida primitiva”.

Aqui percebi um ponto de contradição nos relatos. O lugar onde a missão seria instalada em Goiás foi descrito como uma cidade linda, de cerca de três mil habitantes, que embora não estivesse geograficamente situada no mapa já possuía o transporte ferroviário. Contudo, a alusão à “vida primitiva”, denotava, no nosso entendimento, a visão do americano civilizado em relação à primitiva sociedade goiana.

Ao mesmo tempo, a presença americana já podia ser notada na cidade, não apenas pela chegada nos frades um ano antes, mas, sobretudo, pela construção dos templos.

Pires do Rio é uma cidade em crescimento rápido, e você comprovará isto em apenas alguns dias. Da forma como os edifícios são organizados, o convento não poderia ser ampliado posteriormente. Então, aproveitei a oportunidade e construí espaços grandes o suficiente para servir como capela, sala de jantar, cozinha, sala de recreação, visitantes, salas de estar, lavanderia, sala de banho com ducha, etc., vai ficar tão bonito e confortável como o melhor que você tem nos Estados Unidos (CARTA 7 – 31/10/1945).

A mediação entre o progresso e o atraso se fez presente em muitos dos registros, evidenciando as múltiplas formas de conceber a sociedade e o modo de vida da nova terra, conforme o demonstrado neste excerto:

Vou colocar algumas imagens que você provavelmente vai achar interessante. Elas foram tiradas alguns meses atrás. Eu levei vários rolos recentemente e mandei para o Rio para ser revelado - mas nunca mais voltou. - Esta é uma terra de frustrações, em que a paciência é a mais abençoada de todas as virtudes. Infelizmente eu não adquiri nada disso [...] (CARTA 7 – 31/10/1945).

O contraste encontrado pelos missionários em Goiás refletiu as características do país à época.

Seria inútil tentar trazer esses fornecimentos provenientes dos Estados – a menos que tenha chances de trazer coisas que você particularmente gostaria de ter. Em minha última viagem a São Paulo com o nosso arquiteto descobri que praticamente

tudo que uma pessoa poderia desejar pode ser encontrado lá, se você souber onde encontrá-la (CARTA 7 – 31/10/1945).

O apelo para que as irmãs antecipassem a viagem e chegassem logo ao Brasil fora reiterado em várias correspondências, em geral acompanhado por instruções sobre algumas questões burocráticas como passaporte, vistos permanentes, dentre outros procedimentos de viagem.

Seria bom se as irmãs pudessem chegar em Dezembro ou Janeiro. A nova escola em Pires do Rio será concluída em tempo, e o convento vai ser o suficiente para que as irmãs possam viver nele, enquanto o restante está sendo concluído. Na verdade, se elas chegam a qualquer momento podemos acomodá-las com o prefeito da cidade que tem uma grande casa e se ofereceu para levá-las no caso de o convento não ficar pronto. Ele tem uma família muito agradável. Construção no interior do Brasil é uma tarefa difícil e incerta, e as coisas nem sempre funcionam como o planejado. [...] E se as irmãs assim o desejarem, após se aclimatar, elas poderão fazer o trabalho apostólico muito bem entendem-se entre as pessoas. – É o lugar onde as dificuldades são reais, para qualquer americano se aclimatar à Goiás, certamente por estas bandas, é difícil. Mas isso também se adquire com o tempo. Escusado será dizer que teremos tudo pronto para as Irmãs quando elas chegarem (CARTA 6 – 29/10/1945).

Dentre as informações mais interessantes, destaco aqui a estrutura mista das escolas franciscanas, com a necessária presença de professoras leigas. As restrições para que estrangeiros assumissem a docência em algumas disciplinas curriculares também foram mencionadas:

Teremos professoras leigas para fazerem o ensino em ambos os lugares, até as irmãs poderem assumir. [...] Você vai precisar sempre de um professor brasileiro ou dois, pois a lei brasileira proíbe estrangeiros de ensinar determinadas matérias, como Português, História e Geografia do Brasil, etc.[...] O idioma será o principal obstáculo no início – e a marca do Português falado em Goiás é uma dor de cabeça [...]. Eu escrevi de volta, sugerindo começar pelo parecer sobre o sistema utilizado entre alguns pastores e irmãs em escolas paroquiais em casa. Tudo é muito mais em fase experimental aqui que é quase impossível sugerir alguma coisa definitiva. (CARTA 7 – 31/10/1945).

Conforme os registros, em princípio, a atividade catequética seria iniciada nas salas e escolas paroquiais, porém, havia algumas exigências legais que deveriam ser resolvidas para que as irmãs americanas pudessem exercer profissionalmente o magistério no Brasil.

A necessidade de adaptação e adequação é também ressaltada, juntamente com o esclarecimento sobre o caráter experimental de tudo o que se encontrava em processo de instalação nesses momentos iniciais da missão. Ou seja, mesmo orientados pela experiência de origem, os franciscanos não estavam certos de que funcionaria em definitivo tal qual o modelo americano. Tanto no encaminhamento das questões alusivas ao trabalho missionário,

quanto à organização da estrutura mínima para as acomodações nas diferentes paroquiais, inúmeros entraves e dificuldades tiveram de ser administrados pelos Frades.



Mapa 3.4.1 - Localização do Campo Missionário Franciscano em Goiás
Fonte: Arquivo pessoal

3.4.2 Em terras *brasilis*, no chão goiano...

As dimensões territoriais brasileiras, as vastas extensões das dioceses e prelazias, os vazios democráticos e a constatação de que uma grande parte não seguia uma fé cristã nos moldes do catolicismo institucionalizado, foram alguns dos entraves encontrados no contexto pelos franciscanos americanos ao chegarem a Goiás. Quanto à prática religiosa, os fiéis adotavam formas distintas de manifestarem a sua fé, sem necessariamente vinculá-la à Igreja romanizada. Esta condição na qual prevalecia o catolicismo popular fazia do país o eldorado para que as missões estrangeiras aqui se instalassem, no empenho de difundir a cristandade católica, romana.

Na leitura de alguns historiadores da Igreja no Brasil, diante da instalação do ensino ‘neutro’, ou seja, com o fim do padroado e da instituição de escolas laicas, tornou-se imperativo que a Igreja lançasse algumas estratégias para a manutenção de seu espaço e poder institucional. O movimento de renovação da Igreja iria se projetar nas primeiras décadas do século XX, ainda sob os cânones do Concílio Vaticano I. Para tanto os bispados, na gestão de seus empreendimentos pastorais nas dioceses e prelazias, recorreram à colaboração de ordens ou institutos religiosos, vindos inclusive de outros países. Na condição de missionários, na maioria dos casos estas ordens religiosas eram incentivadas a fundarem instituições religiosas e educacionais. Isso confirma o empreendimento do bispo goiano Dom Emmanuel em arregimentar novos missionários para o seu prelado, face à escassez de padres seculares para esse trabalho de difusão da Igreja.

Destas estratégias da Igreja dirigidas à sociedade, Azzi & Klaus (2008) menciona a sacralização ou ressacralização, a cristianização, a catolicização e a romanização. Tais processos deveriam ser comprometidos com o combate à ignorância religiosa, o cultivo de outras crenças (especialmente os protestantes e os espíritas) e certas ideologias (no caso o comunismo) circulantes entre o povo. Todo o trabalho catequético e pastoral desempenhado pelas ordens religiosas na primeira metade do século XX teve estes princípios como orientadores das ações e intervenções realizadas nos mais diferentes setores: evangelização, educação, saúde e assistência social.

Tantas coisas para fazer e tão poucos padres e religiosos para fazê-las. Esse é o grande problema religioso de Goiás, do Brasil e o maior da América do Sul. Igrejas, escolas, capelas, hospitais, orfanatos, lares para idosos - todas as obras de caridade cristã precisam de uma vez porque os fiéis são tantos, e os trabalhadores espirituais tão poucos (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. VI, n. 1, julho, 1947 p. 159 a 161).

Em todas as ações se verifica uma constante preocupação em alinhar o plano pastoral com a afirmação dos dogmas e preceitos da fé cristã católica, principalmente quanto ao cultivo de virtudes como a partilha, a caridade, a assistência aos órfãos, doentes, idosos e indigentes, além da fidelidade aos sacramentos. Estes últimos são tidos como condição para a conversão das almas e um cumprimento regular do ofício doutrinário.

Sob outra perspectiva, o conflito entre a Igreja e o Estado instaurado a partir da República no Brasil serviu como pano de fundo para que ocorresse, no plano institucional, a articulação de ações destinada à afirmação da fé cristã católica romana. Para isso, os principais representantes das ordens religiosas envidaram esforços para que o povo, em especial a população situada nos lugares mais longínquos do país, abandonasse as práticas que expressavam o cultivo de uma religiosidade nativa, herdada do “catolicismo luso-brasileiro”

(AZZI; KLAUS, 2008, p. 55) – expressão utilizada para designar o catolicismo popular brasileiro.

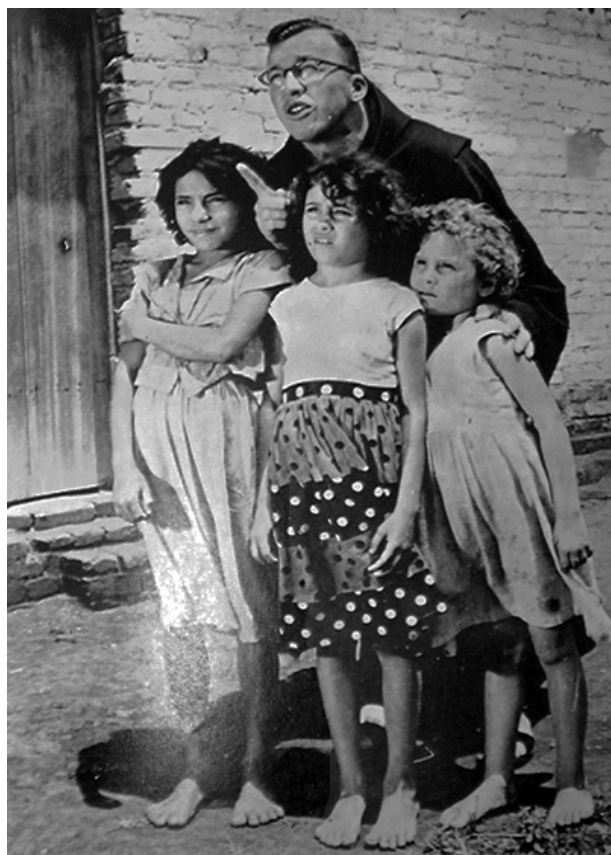


Foto 3.4.2 – Os frades no Campo Missionário
Fonte: Revista Zeal

Para operacionalizar este visionário plano ultramontano de ação pastoral da Santa Sé, conduzido no Brasil pelos bispados seria necessário contar com a colaboração missionária de outros países, que dispunham de muitos pastores para pouco rebanho. A situação financeira de ordens e institutos religiosos de países europeus e norte-americanos seria relativamente favorável se comparada à situação brasileira. Havia ainda a expectativa de se fazer de uma missão a oportunidade para incursões num país marcado por diversos processos de colonização e migração, com disparidades demográficas e sociais.

O Brasil precisa desesperadamente de mais sacerdotes, milhares deles. Nós somos capazes de levar nossos serviços para apenas uma pequena fração da população: a cerca de duzentos mil dos cinquenta milhões. O território atribuído pela Ordem a nossa província é todo o Estado de Goiás - e Goiás é seis vezes o tamanho do Estado de Nova York. Por conseguinte, quaisquer frades jovens que aspiram a vir para o Brasil não precisa temer de não ter nada para fazer. Quase literalmente, o campo é ilimitado. Ergue-se "branco até a colheita", à espera de "ceifeiros" mais e ainda mais (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XI, 1954, p. 72).

Na visão das irmãs, o empreendimento missionário dos franciscanos americanos em Goiás foi reconhecido pelas Irmãs de Nova York, vinte e cinco depois.

O que a Madre Marianna conta do Brasil, como ela descreveu em sua primeira carta de 27 de fevereiro de 1946, nos ajuda a perceber o que esses novos missionários enfrentaram. "Ninguém pode superestimar o trabalho a ser feito no Brasil, imagino que o futuro da Igreja na América do Sul depende muito dele. O estado de prontidão (inquietação) para essa responsabilidade é um suportável abrigo" (ZEAL spring ISSUE, Allegany, NY, 1986, p. 10-12).

A respeito da atuação das ordens religiosas estrangeiras no país, embora não tenha localizado pesquisas específicas sobre isso, Azzi (2008, p. 55) explica que, do ponto de vista da Igreja, constatada a carência de religiosos nativos, os bispos avaliam que “em meados dos anos 1960, foi feita a avaliação da atuação missionária por parte de uma centena de bispos da Americana Latina. A grande maioria reconhecia a importância da colaboração estrangeira a título de suplência, em vista da escassez do clero local”.

3.4.3 Os Frades e Irmãos Franciscanos

A saga da chegada dos frades e das irmãs franciscanas para a missão no Brasil foi descrita em diferentes registros oficiais, alguns na forma de comunicados às sedes, informando e caracterizando a chegada, em outros, eram lembrados pelos diferentes sujeitos que dela participaram.

Imagine você o Oeste dos Estados Unidos, 60 ou 70 anos atrás, com suas oportunidades de ouro para aqueles que saíram para apreendê-las, você tem um quadro bastante preciso de Goiás hoje. A civilização então desenvolvida no Oriente e no Ocidente era selvagem –, mas a mudança foi rápida. No Brasil, hoje, a civilização desenvolvida, está perto do litoral, mas há um impulso poderoso para o interior, principalmente para Goiás, onde as oportunidades são bem douradas (de ouro). [...] Goiás é predestinado por ter um clima mais flexível em toda a América do Sul. O brasileiro é um povo amável e tolerante e grandes admiradores dos norteamericanos (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 356).⁴⁸

Superadas as primeiras dificuldades de percurso impostas pelas restrições impostas pela II Guerra Mundial, ao pisar em solo goiano, um a um os demais desafios deveriam ser conhecidos e enfrentados pelos missionários.

No dia 24, partimos para os nossos destinos, e mais uma vez eu estava com o último grupo para deixar São Paulo em 26 de janeiro, chegando a 28 em Catalão, onde

⁴⁸ A descrição feita pelos primeiros missionários americanos sobre as condições encontradas nas paróquias onde se instalaram inicialmente (Catalão, Pires do Rio e Pirenópolis), lembra os relatos do jesuíta Anchieta ao descrever São Paulo no século XVI.

fomos primeiro. Como não sabíamos onde iríamos ficar em Pires do Rio, Padre Paulo pediu Padre Dunstan, que é superior lá, para acompanhar o irmão Gabriel e eu para aquele lugar. O superior de Catalão, o padre João Francisco, que também veio de São Paulo com Padre Paulo, a fim de ajudá-lo com a nossa bagagem, que esperamos chegará a qualquer momento. Foi enviada pelo Padre Paulo em 16 de fevereiro, mas ainda não chegou aqui, sim. Ligamos para o serviço expresso, mas vamos ter sorte se ela chegar até o Natal. Aqui se habitua a esses pequenos aborrecimentos que deixam de ser importantes depois de algum tempo (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 375 - 376).

Não apenas as dimensões geográficas eram problemas neste vasto território. Havia também outros fatores como o domínio da língua, a aproximação com a população local, à primeira vista receptiva e cordial, a organização de espaços para acomodações, enfim, um universo a ser descoberto e dominado na nova missão.

Fomos recebidos em Catalão por toda a paróquia. O Vigário bom e velho, que ainda estava lá, pronunciou um discurso de boas-vindas e disse às pessoas que estávamos oferecendo o nosso melhor para ajudá-los em todas as suas necessidades, mesmo que ainda não fôssemos capazes de falar a língua fluentemente. Depois, olhou ao redor da casa paroquial, e a primeira coisa que Padre Dunstan disse foi: "Rapazes, aqui está uma grande quantidade de trabalho esperando por nós. Você vê o que eu vejo?" "Todos nós rimos, mas posso dizer-lhe que era impossível para nós entender como um padre poderia viver em tais condições. Nós mostramos-lhe alguma coisa, para o ex-pastor permanecido conosco cerca de cinco dias, e pelo tempo que ele saiu, nós tínhamos dado à casa uma limpeza completa. Após cerca de duas semanas de trabalho, como, a casa parecia apresentável para a chegada do Vigário real e seu assistente. Mas pela primeira vez tivemos dois dos nossos aqui a caminho para aquela cidade a nos dizer sobre Pires do Rio. No domingo seguinte, o padre Dunstan e nosso assistente, o Padre Christopher, foram a Pires do Rio e no seu regresso nos disseram que havia condições similares. (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 375 - 376).

Após os ajustes e adequações iniciais e apoiados por frades representantes da Província de São Paulo, que acompanharam os missionários americanos até Goiás, se instalaram na Paróquia de Catalão. O passo seguinte foi encaminhar a posse da Paróquia de Pires do Rio e providenciar semelhantes arranjos para as acomodações dos frades em terras piresinas.

Por causa da condição da casa lá, teremos de viver em um hotel. O povo está fazendo o seu melhor para ajudar-nos, mas não consigo entender como eles podem viver da maneira que eles fazem. Mas tal é o seu caminho e se torna um usado para muitas coisas. Padre Dunstan e eu pensamos que era difícil quando nós quatro estavam em Catalão, mas aqui encontramos nada além de uma casa vazia e que não pertencem nem mesmo a nós ou à paróquia. Temos de pagar o aluguel todos os meses. Durante o dia que a gente ficou no hotel, tentamos limpar a casa e obter, pelo menos, camas e cadeiras. Fizemos uma tabela por meio de dois cavalos de madeira com tampo de madeira (cobertura) e coberto por um pano de petróleo. Na cozinha, eu tenho o mesmo tipo de mesa e algumas coisas na mão. Por enquanto, estamos tentando conseguir junto, pois ainda temos de tentar se dar bem, pois ainda temos apenas nossas roupas penduradas nas nossas salas, mesmo sem o benefício de cabides. As pessoas que têm estas coisas devem levá-los a partir de São Paulo. Tanto sobre as nossas condições de vida (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 375 - 376).



Foto 3.4.3a – Casa dos primeiros frades em Pires do Rio
Fonte: Museu Ferroviário de Pires do Rio

A falta de um local adequado para o ofício religioso era reclamada pelos recém-chegados, que tiveram de improvisar espaços e se acomodarem conforme as possibilidades daquele momento. Uma obra iniciada, uma construção inacabada e duvidosa. Este era o cenário do templo católico em Pires do Rio.

No que diz respeito à igreja, eu acho que você já ouviu falar sobre isso. Tudo que posso dizer é que é indigno de ser a Casa de Deus. Parece que o arquiteto interrompeu o trabalho de construção e deixou as quatro paredes de pé, sem um teto por mais de um ano. Em seguida, foi chamado um carpinteiro que estabeleceu um teto sobre a igreja, sem tanto como um apoio único para as paredes. Depois de um tempo o carpinteiro deve ter notado que as paredes estavam começando a protuberância, então começou a encher o interior com vigas e pranchas. Em tal edifício, temos de dizer missa e realizar todos os nossos exercícios religiosos. Essa é a nossa situação em Pires do Rio, que eu acho que é a mais pobre das quatro freguesias (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 375 - 376).

Os primeiros indícios de um contexto diferente e do surgimento de problemas típicos já eram observados. O atraso na construção, os improvisos, os hábitos e costumes locais também. As saídas e adequações arranjadas, já incluindo a presença e o trabalho das Irmãs, foram mencionadas em momento posterior, nos seguintes termos:

Todos os domingos têm uma missa das crianças no corredor exterior da escola. Nossa igreja temporária é uma loja alugada, e não poderia acomodar todas as crianças, a Igreja permanente não tem um teto sobre ela ainda. Mas o expediente exigido pelas circunstâncias felizes é o símbolo da verdade, a escola, sobre a qual as Irmãs de São Francisco presidem é, nesta data, o templo mais adequado da Religião em Pires do Rio (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 385-386).

A forma de encaminhar os trabalhos e as edificações físicas conforme as condições locais, as dificuldades para se obter os materiais e equipamentos necessários, tudo resultava em atrasos e avolumavam as preocupações. Sobre a obra em Pires do Rio, logo de início, os pioneiros manifestavam suas impressões diante de aspectos como custos e valores gastos no empreendimento:

Mas quando se trata de despesas de mão de obra, homens aqui vai trabalhar para um dia inteiro para cerca de 50 centavos. Nós estamos fazendo um poço cavado para mais ou menos essas taxas. Mas os dias se tornam tão numerosos que o custo total do nosso bem, segundo as últimas estimativas, será de cerca de três vezes um tanto quanto se esperava para pagar. A nossa obra foi iniciada em meados de agosto, e ninguém sabe quando será concluída. Novamente, muitas coisas que precisamos devem vir de São Paulo, o que significa contas adicionais de transporte, e é provável que estas coisas não tenham direito aduaneiro anexados às despesas habituais. Às vezes nós apenas não podemos obter essas coisas todas (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 2, Abril, 1945, p. 68).

Nestes primeiros tempos, os frades relatavam de forma bem humorada que “a providência divina” seria a responsável por todos. Explicavam que as instalações improvisadas, casas mal equipadas e a umidade do tempo provocam mofo nas roupas que carecem ser frequentemente movimentada. Em meio às infinitas dificuldades contam com a vantagem de não ficarem doentes, pois, têm muito cuidado com a alimentação.

Ao retratarem o caráter missionário de estarem no meio do povo e, portanto, assumirem tarefas pouco comuns aos sacerdotes seculares, os frades retratavam alguns detalhes do espaço interno do futuro Convento em Pires do Rio:

Ao final do Convento há um jardim, conjurado de tijolo vermelho preparado pelo toque milagroso do irmão Anselmo. Os tomates levariam um prêmio. Pires deveria ter uma exibição de inimaginável de interesse, executar um país justo como aqueles estamos habituados a ter de volta a Nova Inglaterra. Nós temos uma impressionante variedade de vegetais nunca imaginados que poderiam ser extraídos do respectivo solo pelos cidadãos locais. Há flores de morango, promessas de dar frutos em um futuro próximo. Até agora, as flores não são muitas, mas as camadas são selecionadas e os planos discutidos, e as sementes esperadas, e no local deve-se, não apenas fonte de alimento físico para os frades e freiras, mas uma delícia, bem como a olhos cansados de olhar para construções de miseráveis e pessoas encardidas⁴⁹ (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 388).

Quanto às provisões financeiras para a manutenção da ordem e a edificação das obras físicas, além da mobilização da comunidade local para doações destinadas aos frades e às construções, da Província de Nova York, também eram enviados subsídios necessários à permanência dos filhos de São Francisco no empreendimento missionário em Goiás.

⁴⁹ Seria esta a triste visão dos missionários ao observar a paisagem urbana e o seu rebanho?



Foto 3.4.3b – Lançamento da pedra fundamental da Igreja Matriz de Pires do Rio
Fonte: Museu Ferroviário de Pires do Rio.

Numa demonstração de esforço coletivo, muitos foram os colaboradores externos e internos que se empenharam para garantir a existência de uma missão franciscana aqui, constituíram em um lastro muito maior do que se poderia imaginar.

Exclusivamente com as contribuições recebidas através da União Missionária Franciscana de amigos e privadas nos Estados (Unidos), os frades tinham construído uma escola muito boa combinada (conjugada) e convento em Pires do Rio. Simples, de estilo colonial brasileiro, é certamente o edifício mais importante da cidade até a data. [...] O mais importante é atender ao que foi destinado: uma contribuição fundamental e vital para a salvação das almas dos milhares de moradores de Pires do Rio (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 387).

Mas o empreendimento missionário requeria, efetivamente, recursos financeiros e humanos, para assumir e apoiar as várias frentes de trabalho que se faziam urgentes. Daí os insistentes reclames para que cada vez mais e mais um maior contingente de Irmãs viesse dos Estados Unidos para realizar a obra missionária franciscana no Brasil.

Novamente, tudo o que precisamos é das irmãs e vários milhares de dólares! Anápolis construiu uma escola paroquial este ano, sem irmãs, mas os frades têm esperanças de que antes do ano acabar, vão ter algumas Irmãs de Allegany para cuidar dos 274 alunos matriculados, escolas e hospitais, literalmente, sem número, poderia ser estabelecido aqui. As únicas limitações são as impostas pela falta de pessoal e finanças. Dos dois, o primeiro parece ser de longe o menos grave (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 6, Abril, 1946, p. 390).

Decorridos os primeiros anos, as demandas e o vasto trabalho continuaram a exigir esforços concentrados dos frades na edificação física e espiritual da obra missionária. Em 1947, a chegada de novos irmãos é louvada pelos pioneiros aqui estabelecidos:

Os novos missionários chegaram ao Brasil em tempo para nos ajudar com a nossa escola paroquial e o Ginásio em forma para o começo do ano letivo em março. Todos nos ajudaram a pintar e a limpar as salas de aula. Padre Kennedy Michael Brennan não é por dizer com um martelo e serra. Você deveria ter visto ele colocar algumas mesas juntos (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. VI, n. 1, julho 1947 p. 159 a 161).

Contudo, as impressões mais negativas em relação às cidades onde foram instaladas as primeiras paróquias, as restrições em relação ao povo foram se dissipando. Os sinais de superação dos impactos iniciais podem ser observados, com algumas reservas, obviamente.

Mas minhas impressões abertas mudaram consideravelmente. Agora, quando eu vejo a cidade não parece tão ruim. Achei o povo muito agradável e extremamente amigável e particularmente interessado no trabalho dos franciscanos americano. Isto é verdadeiro em uma maneira especial de um cidadão principal, chamado Ivan, que fala Inglês sofrivelmente (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 2, Abril, 1945, p. 68).

As primeiras impressões sinalizam aos missionários a grande tarefa que teriam pela frente na edificação do projeto missionário. As dificuldades são realçadas como parte do sacrifício franciscano: viver em castidade, obediência e pobreza, sem nada de próprio, seguindo os passos de Jesus.

O convívio com uma cultura distinta e ao mesmo tempo plural, as práticas religiosas e os costumes do povo. A constatação de carências no campo educacional e social, tudo apontaria as direções e frentes a serem assumidas no trabalho missionário. Conforme os insistentes pedidos formulados pelo Provincial, tudo em Goiás era grandioso e demandava corpos e mentes missionárias para levar avante uma obra igualmente expressiva. Este seria o principal apelo dirigido às Irmãs franciscanas para se unirem aos frades no Brasil.

3.4.4 As Filhas de São Francisco

As Irmãs Franciscanas de Allegany, sempre perto de nossa Província e sempre ansiosas para trabalhar onde há o trabalho dos frades, veio à nossa missão em menos de dois anos após ter sido fundada. O que elas ajudaram a realizar nesta terra primitiva, muitas vezes no rosto de sofrimento indescritível, está além do poder das palavras. Mas o fato é sólido, que está aqui presente uma parte integrante do seu enorme compromisso. Seu trabalho aqui com os frades é a continuação do que vem acontecendo nos E.U.A, acredito, há quase um século. (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XI – 1954, p. 72).

O empreendimento missionário franciscano somente seria completo e poderia alcançar a projeção almejada se fosse construído a muitas mãos. Com este propósito, os frades abriram os caminhos, fincaram as suas marcas e organizaram a estrutura paroquial para que as fiéis colaboradoras, as Irmãs Franciscanas de Allegany, aqui se instalassem e tomassem uma parte significativa deste processo: a catequese e a educação através das escolas paroquiais.

A centenas de quilômetros do Rio de Janeiro para Goiás, não havia o menor sinal de vida, apenas montanhas e rios. [...] Anápolis é 3500 metros de altitude e o clima é muito agradável, mas a cidade não é tão agradável como Pires do Rio. Aqui é quente durante o dia, mas as noites são frias. Ela se parece muito com Allegany, montes e vales verdejantes. A Igreja é um edifício temporário pobre como um celeiro, com um piso de concreto e quatro portas, sem janelas. [...] (ZEAL spring ISSUE, Allegany, NY, 1986, p. 10 a 12).



Foto 3.4.4 – Frades em atendimento rural
Fonte: Anais da Província

Seguindo os mesmos trâmites oficiais observados pelos frades, também as Irmãs, ao chegarem ao Brasil, seguiram o percurso do litoral rumo a Goiás.

Elas estavam a caminho do sul para uma terra abaixo do Equador - Brasil. Elas eram as novas missionárias carregada com sete troncos, e de órgãos, uma caixa cheia de utensílios de cozinha, e um fardo de paramentos. Seu campo de trabalho era para ser no Estado de Goiás, onde os frades franciscanos da Província do Santíssimo Nome vinham trabalhando há algum tempo.

A s. S. Sófocles, chegou ao Rio de Janeiro rumo aos nossos primeiros missionários em 1 de fevereiro de 1946. Muitos acordos oficiais tiveram de ser atendidos antes que o segmento seguinte de sua viagem pudesse ser iniciado. As irmãs deixaram o Rio de Janeiro em um avião de carga para Anápolis em 24 de fevereiro, a sua bagagem foi enviada por trem. Finalmente no dia seguinte, Madre Marianna e a irmã Rosalima acompanhadas pelo Padre Paul Seilbert deixaram Anápolis às 6:00 no trem para Pires do Rio. Quando chegaram ao meio-dia, eles foram recebidos no trem por quase todas as pessoas da cidade. As duas Irmãs Franciscanas foram as primeiras a chegar em Pires do Rio para servir o povo lá. Discursos de boas-vindas foram feitas e fogos de artifício foram acionados em honra da ocasião (ZEAL spring ISSUE, Allegany - NY 1986, p. 10 a 12).

A chegada em Pires do Rio (1946), marcada por mobilização popular para a recepção das Irmãs, transformando-se num fato histórico para a cidade e para a satisfação geral dos frades.

Após o almoço, fizemos uma procissão para a nossa nova sede para ver a construção. Bem, todas as paredes exteriores foram levantadas e firmes, mas sem janelas em qualquer edifício, e não andares na escola. Como, eu pergunto, como isso poderia estar pronto para o início de Março? Não há tempo para se preocupar com isso. Havia dois quartos acabados e mobiliados com cama e colchão. "O que é isso? perguntamos: "Não temos roupa de cama?" "Oh, sua bagagem está aqui, e achamos que você tem tudo isso." OK então. Você abre as caixas e limpar e vamos ver o que podemos fazer. "Ao anoitecer, quando eles vieram para nos levar para jantar, fomos razoavelmente bem estabelecida e eles começaram o que viria a ser um assunto regular do domingo até não sobrar nada. Eles visitam as caixas das irmãs. Seus irmãos pobres nas partes mais distantes exclamava. Onde você conseguiu isso? Oh, caixas da irmã (ZEAL, Janeiro 1959, p. 28).

Os frades buscaram tudo organizar para a tão aguardada chegada das Irmãs. As insistentes explicações registradas na correspondência oficial mostravam o teor de tantas preocupações:

Seu convento em Pires do Rio será uma boa, então vai à escola. Mas lembre-se, isso é tudo o que você tem! E quantos sacrifícios - acaba de chegar e levá-los, há uma abundância a espera para ir ao redor para todos [...] (CARTA 09 – 03/12/1945). O prefeito (prefeito) da cidade ofereceu-se para você ficar com sua família. Espero que isto não seja necessário, mas se for, estou certo que você não vai se importar. Quando planejamos o convento havia a questão de ter um dormitório ou quartos particulares. Insisti nos quartos, e que eles são pequenos, tenho certeza que você vai gostar e achar melhor assim (CARTA 7 – 31/10/1945).

Quanto aos desafios e sacrifícios das missões, são descritos num misto de resignação e responsabilidade para com os membros das ordens.

Eu não pensaria em convidá-la para baixo a menos que não estivéssemos em posição de oferecer-lhe pelo menos uma casa adequada para os seres humanos civilizados. Uma pessoa que vai para as missões está pronta para qualquer sacrifício. Isso é tudo muito poético e bonito de longe. Mas, desde que a única razão que venho aqui é para trabalhar. – Às vezes me pergunto quanto tempo vai durar no meu trabalho aqui! Pois eu estou gastando uma quantidade incrível de dinheiro! Mas ao invés de ter qualquer padre, irmãos ou irmãs a viverem sob as condições que temos aqui em

Anápolis e Pirenópolis, prefiro sugerir o abandono do trabalho. Isso, é claro, seria um disparate. Então a única coisa sensata deve ser feita. E isso está sendo feito (CARTA 09 – 03/12/1945).

A partir de Pires do Rio seria construída e projetada a obra missionária das Irmãs Franciscanas de Allegany em Goiás. Os primeiros tempos foram igualmente difíceis, mas muito havia por fazer e uma missão a ser edificada sob o alicerce da catequese e da educação, dois pilares do trabalho franciscano em todos os países onde fincaram suas raízes.

A Madre superiora que à época assumira a responsabilidade pelos trabalhos missionários em Goiás, após vinte e cinco anos, fez um interessante relato sobre a chegada a Pires do Rio, enquanto testemunha dos acontecimentos:

Assim começou a primeira Páscoa que as Irmãs Franciscanas passaram no Brasil, no dia 21 de abril de 1946.

Fomos apressadas pelo repicar dos sinos da igreja que estava em uma plataforma direita, sob a nossa janela. Às 3:45 chegamos à igreja temporária. Já estava a abarrotar e as pessoas enfileiradas nos dois lados da rua, as mulheres para a esquerda, cada uma com uma vela acesa, os homens para a direita.

Pontualmente às quatro, o Padre Christopher saiu da igreja carregando o Santíssimo Sacramento e cercado por coroinhas. O Padre começou no meio da rua, seguindo o coro de meninos ao altar, para repetir a *Dominus Surrexit* em todos os principais cruzamentos. Entre a banda tocou e o povo cantou hinos de Páscoa. No total, foi uma experiência muito comovente.

Após a procissão retornou para a igreja, no horário habitual de domingo as missas começaram de uma vez, com uma invulgar multidão de fiéis. Às oito horas, houve missa das crianças na escola normal. As crianças aprenderam a cantar Cristo Senhor é o Rei. Hoje em Inglês, juntamente com o *Fillii et Filiae* em latim e seus belos hinos próprios Portugêses. Eles estavam orgulhosos e felizes. Frei Jaime, agora Bispo Schuck, disse a Missa e pregou a eles. [...] Irmã Marianna, O.S.F. (ÁLBUM DO CENTENÁRIO, Allegany, Nova York, 1959, p. 59).

Uma forma de mobilizar a comunidade local para a adesão às obras missionárias, era alimentar o desejo das famílias pela educação escolar. Para isso, recorriam aos fiéis mais generosos, em busca de doações permanentes para a manutenção da escola paroquial, recorrendo a algumas alternativas, utilizadas tanto aqui como nos Estados Unidos. “Para obter o benefício daqueles que desejavam contribuir para as missões no Brasil, Madre Marianna anotou mais tarde que os professores eram pagos \$20,00 mensais, e qualquer um poderia adotar um professor e pagar seu salário” (ZEAL spring ISSUE, Allegany, NY, 1986, p. 12).

3.4.5 A Catequese e a Educação no projeto missionário franciscano

Superado o período de adequação e da instalação dos frades e as irmãs nas paróquias goianas, era *mister* que os passos seguintes fossem firmados para o atendimento das prioridades e urgências de cada local. Mas esta dinâmica não cumpre, absolutamente, nenhuma linearidade histórica. Ao contrário, os encaminhamentos e decisões simultaneamente se articulam, se adaptam e são improvisados até se constituírem, formalmente, na obra franciscana.



Foto 3.4.5a – Irmãs franciscanas no Campo Missionário
Fonte: Revista Zeal

A começar pelo reconhecimento das dimensões territoriais de cada Paróquia, o trabalho pastoral ia, aos poucos, adquirindo visibilidade.

Nossas paróquias possuem um vasto território, a fim de dar ao povo até um montante mínimo de atenção, de cada paróquia, em vez de dois. As pessoas nas aldeias e fazendas no país vêm o padre apenas três ou quatro vezes por ano. O padre sai a cavalo, viajando de aldeia em aldeia, dia e noite, seguindo para uma aldeia ou fazenda. Talvez há uma pequena capela, outras não. À noite a gente se reúne lá e reza o Rosário com eles, e sempre atende às confissões. Em seguida, celebra a missa, executa os casamentos e batismos, instrui as crianças, organiza catequistas, etc. À tarde, viaja para o lugar seguinte. Provavelmente dez ou 13 quilômetros de distância. Em viagens, geralmente para qualquer lugar é de uma semana ou mais. recentemente quando o Padre Bernard Joseph Trainer retornou de viagem da paróquia que fica em Catalão, Ele foi por semanas, tendo percorrido cerca

de 130 quilômetros, e entre outras coisas realizou 24 casamentos e 253 batismos. [...] (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5 - Janeiro, 1944, p. 356-357).

As distâncias percorridas e as dificuldades enfrentadas, tudo conferia ao trabalho missionário uma espécie de prenúncio daquilo que estava sendo feito e o que ainda havia por fazer. Em geral as enormes distâncias se referiam ao tamanho da Paróquia, o que significava atender a uma população dispersa em grandes dimensões territoriais, incluindo distritos, vilas e fazendas. Em muitos casos, a distribuição das paróquias às ordens religiosas no Brasil, se assemelhava, na forma e nos objetivos, ao processo de distribuição das prelazias, pelos prelados.

A razão primeira e mais comum indicada para a criação das prelazias baseava-se numa análise óbvia e superficial da situação geográfica do país. As prelazias eram projetadas para amplas regiões que permaneciam de certo modo à margem do progresso material e humano, durante o período republicano. Tais circunscrições eclesiásticas eram fundadas sempre em regiões do interior, pouco atingidas pelo progresso típico dos centros urbanos do litoral e pela comunicação com outros países. Além disso, eram estabelecidas em estados de pouco desenvolvimento econômico, sobretudo do centro, do extremo oeste, bem como do norte do país. Alguns desses estados, territorialmente muito extensos, como Mato Grosso, Amazona e Pará, tinham uma densidade demográfica bastante fraca (AZZI; KLAUS, 2008, p. 387).

A falta de padres e religiosos em quantidade suficiente para abrigar todas as atividades do ofício religioso, fazia com que os bispos, ao dividirem as paróquias, o fizessem observando regras semelhantes às utilizadas na definição de prelazias. Por consequência, muitas regiões vastas e despovoadas ficavam sob a responsabilidade de uma única ordem religiosa.

A prática de fazer os registros de todas as atividades litúrgicas e sacramentais ministradas na paróquia durante certo período, era uma orientação dos prelados, que tinha por finalidade, controlar as visitas e a participação do povo no ofício religioso e, fornecer dados sobre a estatística da fé católica no país. Esta marca fica tão evidente entre os frades, que quase sempre os registros apresentam dados numéricos e quantitativos, dando retorno do trabalho realizado.

No último domingo (6 de agosto) Eu administrei a confirmação da paróquia vizinha aqui em Anápolis. Bispos, sacerdotes, muitas vezes delegados de conformidade. A cena seria difícil de descrever. Por quatro horas e meia, foram confirmadas mais de 700 imagens - desde crianças até velhos. Pessoas vinham de todos das redondezas em cavalos e nas costas de mula, em vagões cobertos, a pé. Lotaram a igreja até o abaulado; o resto esperou de fora. Todo mundo estava lá, com seus parentes, seus vizinhos, seus amigos e seu cão: uma confusão de vir e ir e vir. [...] Quando estávamos prontos para começar, o portão foi aberto até o santuário. Qualquer um que quisesse veio: a ser confirmada, para ser um patrocinador, ou apenas para olhar. Tivemos então a cerimônia para os de dentro do santuário. Assistida por um

sacerdote que leu os nomes e o sacristão, que enxugou a testa, me deu uma cotovelada a minha maneira dentro e para fora entre eles. Quando as orações finais foram ditas, este grupo saiu pela porta da sacristia, um outro grupo adentrou, e olhou mais uma vez. Foi uma reunião muito cosmopolita: brancos, negros, índios - todos misturados, todos muito simpáticos e pacientes. Alguns eram puros e limpos, outros muito sujos, alguns estavam bem vestidos, outros em seus ternos de aniversário. Havia crianças de não mais que uma semana de idade, e havia alguns cambaleantes de tão velhos e mulheres. (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 5, Janeiro, 1944, 356-360).

O empenho em se fazer presente nas diferentes regiões do campo missionário, colocava os franciscanos em situações inusitadas para quem havia chegado dos Estados Unidos. As distâncias se tornavam mais desafiadoras diante da dificuldade de deslocamento: estradas precárias e limitados veículos para o transporte. A mobilização de fiéis e curiosos junto aos locais do culto leva ao encontro dos religiosos uma multidão de pessoas vindas de diferentes localidades, dando uma pequena mostra de como vivem e se relacionam os povos do sertão goiano.

[...] a última Semana Santa foi uma que nenhum de nós jamais esqueceremos. Era Semana Santa em todos os sentidos da palavra para todos nesta cidade. Na Sexta-feira foi realizada uma procissão em que a imagem de Nosso Senhor foi transportada em um caixão. Diretamente atrás andou o grupo de cinco mulheres que chamamos nos Estados (Unidos) "enlutadas". Quando a procissão adentrou as portas da igreja, uma dessas mulheres, lamentando sábio (AEG), o *Lamentatio* e ao fazê-lo desenrolou um pano com a imagem da face de Nossa do Senhor. Depois fomos para a igreja e ali teve lugar a veneração do Corpo de Cristo. Essas pessoas têm real e profunda fé, – pense só se eles tivessem uma igreja decente. Mas esperamos que isso virá com o tempo.] (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5, - Janeiro, 1944, p. 376).

As práticas do culto litúrgico da Igreja eram organizadas em espaços improvisados ou adaptados para a participação dos fiéis. O avivamento da fé cristã se realiza na ação missionária. Tudo isso era muito diferente e estranho à cultura religiosa americana.

Tivemos a Páscoa em silêncio, por causa das longas horas. Às 4 horas da manhã oriental, tivemos uma procissão do Santíssimo Sacramento pela cidade, com o povo louvando o Senhor Ressuscitado (Salvador). Isto foi seguido pela Santa Missa. Depois estávamos todos muito cansados, mas é impossível chegar a qualquer descanso, pois a porta me manteve ocupado durante todo o dia (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 376).

As várias frentes que compunham o trabalho missionário são mantidas pelos frades, apesar do ponto alto das celebrações da Paixão, Morte e Ressurreição celebradas na Semana Santa e Páscoa. Tudo isso sinaliza o empenho em institucionalizar os rituais católicos e evitar que os fiéis sejam dispersos nas práticas e costumes locais, típicas do catolicismo luso-brasileiro. Superar a fé ingênua seria preciso para que os filhos de São Francisco frutificassem no solo goiano.

A mística franciscana seria compreendida e assimilada como o espaço da possibilidade de atuação missionária, atravessada por sacrifícios, dificuldades e superação. A construção de um novo céu e uma nova terra exigiria que os frades e as irmãs assumissem o desafio de desbravar novas culturas em nome da fé.



Foto 3.4.5b – Os frades em atendimento rural
Fonte: Anais da Província

A catequese e a educação seriam geradoras de muitos frutos em prol do empreendimento missionário para fundar em Goiás novas sedes provinciais, seguidas pelo despertar de vocações religiosas, meios pelos quais essas raízes se tornariam sólidas e permanentes.

Dentre as frentes da ação missionária estariam a Catequese, a Educação Escolar e a Assistência Hospitalar. A principal e a mais urgente das ações seria a condução das escolas paroquiais, assim justificada na Correspondência Oficial:

Uma das necessidades Católicas urgentes aqui são as escolas primárias. Em cada cidade tem uma escola pública primária de uma espécie, e há muitas pequenas escolas privadas. Mas a religião não é ensinada em qualquer uma delas - ou se é, é muito superficial. Os pais, naturalmente, são incapazes de ensinar a seus filhos, e são seguidos pelo mau exemplo (CARTA 1 de 16/02/1945).

Tais urgências não eram gratuitas e tinham correspondentes nas preocupações antecipadas por Dom Emmanuel, quando dos primeiros contatos com a Província de Nova

York, cerca de três anos antes. Segundo Azzi & Klaus (2008, p. 143), “O projeto de recristianização da sociedade desenvolvido pela hierarquia eclesiástica considerava como sua alavanca principal a promoção da vida familiar”. Se as famílias goianas, pelo distanciamento dos sacerdotes, mantinham um culto religioso nos moldes do catolicismo luso-brasileiro, isso poderia representar uma fragilidade na observância das regras dogmáticas da Igreja Romana e uma possível dispersão do rebanho em direção a outras crenças.

A instalação do Estado leigo, a ausência do ensino religioso nas escolas públicas, a presença dos inimigos da Igreja, aqui representados pela ideologia comunista e os protestantes americanos, constituíam nas principais preocupações do prelado e das Ordens Religiosas e a urgente instalação da obra missionária nos domínios da diocese. A família era, portanto, o alvo a ser alcançado pelas ações missionárias.

A estabilidade da família era considerada um elemento básico para a manutenção da ordem social. Assim sendo, o princípio “até que a morte nos separe” devia servir de norma para todos os casamentos, sendo o vínculo matrimonial considerado indissolúvel pela teologia católica (AZZI; KLAUS, 2008, p. 149).

Nos registros encontrei diversos fatos e eventos que tratavam sobre aspectos da família e da necessidade de fazê-la participante do culto e dos sacramentos da confissão e da comunhão, além do empenho em santificar a vida familiar pela via do sacramento do matrimônio.

A aproximação entre a hierarquia eclesiástica e o poder político ocorrida a partir dos anos 1920 permitiu que os prelados avançassem um pouco mais em suas metas de sacralização da sociedade, solicitando que o próprio rito sacramental fosse reconhecido com os necessários efeitos civis para a legitimação do casamento perante o Estado (AZZI; KLAUS, 2008, p. 342).

Mas as famílias goianas tinham suas práticas e cultos religiosos vivenciados com ou apesar da ausência dos representantes da Igreja Católica. Ao abordar a forma como se caracterizava a chamada religiosidade popular, Azzi & Klaus (2008) explicita como estes cultos eram conservados entre as populações brasileiras, desde a época colonial:

É bastante comum, sobretudo em cidades do interior, ver imagens ou estampas de santos colocadas nas paredes das casas para serem objetos de veneração. Nas residências de maior posse, um pequeno nicho ou ordário⁵⁰ de madeira abriga a estátua de um ou mais santos de devoção popular. Nas fazendas e engenhos era costume destinar um quarto especial para esse culto, ou mesmo construir uma capelinha dedicada ao padroeiro (AZZI; KLAUS, 2008, p. 639).

⁵⁰ O registro de ordário foi mantido tal com se encontra na obra de Azzi, mas no contexto deste fragmento imagino que seja oratório.

Uma preceptora alemã que veio ao Brasil na última década do império, ao presenciar um batizado cristão concedidos às crianças negras como dádiva dos seus senhores, descreve como as elites rurais do período, conservavam em casa os ícones da simbologia religiosa cultuada por uma família católica.

Ao meio dia, abriu-se na grande sala de costura, um importante armário parecido com um *buffet*, cujo conteúdo já me havia intrigado, aparecendo lá dentro a Mãe de Deus com o Menino Jesus, fitas, grinaldas, coroas, braceletes, colares e brincos. O preto Felício, que me acostumara a ver como alfaiate na máquina de costura, todo paramentado, ajudou o padre como coroinha. Tudo isso parecia tão estranho à minha alma evangélica. Então, uma após a outra, vieram as mães pretas com seus rebentos mais novos todos muito bem vestidos e enfeitados com fitas de diversas cores; alguns tinham até vestidinhos brancos bordados [...] (BINZER, 1994, p. 41).

Nesse relato, é possível perceber que as práticas religiosas cultuadas no Brasil, ao estilo do catolicismo luso-brasileiro, atravessaram os séculos e se mantiveram especialmente no interior do país. Um aspecto que desperta a atenção na caracterização deste ritual de batismo, feita por Binzer (1994), são os elementos de sincretismos que aparecem no ambiente, tanto na decoração do oratório na casa grande, quanto no preparo dos catecúmenos para a cerimônia: junto da veste branca, símbolo católico dos novos filhos de Deus, a presença de fitas coloridas, típicas dos cultos de origem africana.

Estima-se que mais de noventa por cento da população do Brasil (e há cinquenta milhões deles) é católica. Mas uma grande percentagem raramente vê um padre, não tem quase nenhuma oportunidade para a formação religiosa. Eles têm, no entanto, a fé em sua própria maneira infantil, mesmo sabendo pouco sobre ela (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XI, 1954, p. 72).

As irmãs, ao prepararem sua viagem para o Brasil, recebiam a instrução de que “Há poucas coisas que o brasileiro ama mais do que um cartão de santo ou uma medalha. Portanto, se você tiver uma oferta poderá trazê-los” (CARTA 09 – 03/12/1945).

Ainda sobre as manifestações da fé popularmente cultivada nas mais distintas e longínquas localidades do país, segundo Azzi & Klaus (2008), remontariam ao catolicismo típico dos tempos coloniais avivado especialmente pelo culto aos santos.

Numa reflexão de índole mais teológica, poder-se-ia dizer que essas celebrações do dom da vida constituem uma vertente popular da afirmação da graça divina. De fato, através das manifestações do culto, o povo celebra a presença amorosa de Cristo, de Maria e dos Santos na existência de cada um. Em última análise, as festas religiosas representam a antecipação simbólica da felicidade do paraíso (AZZI; KLAUS, 2008, p. 641).

A superação desta fé considerada ingênua deveria ser incentivada, porque as manifestações da religiosidade popular mantinham os fiéis desgarrados da igreja romana

institucionalizada. As orientações eclesiais, difundida pelos prelados junto às diversas paróquias de sua jurisdição apontavam ações nessa direção.

Incentivada e organizada pela Cúria Romana, a segunda evangelização tinha como finalidade específica enquadrar o tradicional catolicismo luso-brasileiro dentro do modelo eclesial tridentino, com seu enfoque ultramontano. O projeto visava reformar o caráter devocional e leigo da crença popular, mediante a ênfase no aspecto sacramental e no poder clerical. Era também sua meta colocar a Igreja do Brasil sob a estrita dependência da Santa Sé (AZZI; KLAUS, 2008, p. 383).

Esta fé considerada ingênua, na verdade, é a mais genuína expressão das manifestações da religiosidade popular brasileira, um traço marcante da cultura regional, cujas práticas não se vinculam necessariamente à instituição Igreja Católica. Combatê-la seria um esforço de direcionar o culto orientado pela hierarquia e pelos rituais padronizados pela Igreja Católica Apostólica Romana. Neste caso, a “conversão do gentio⁵¹” goiano se daria nos acordos e mediações promovidas pelos franciscanos entre as práticas religiosas locais e a introdução gradativa da observância dos mandamentos, da participação regular no culto e da entronização dos sacramentos, mediante a formação catequética.



Foto 12 – Devoções populares
Fonte: Revista Zeal

⁵¹ Metáfora alusiva à conversão dos índios pela catequese jesuítica.

Ao chegar a Goiás, principalmente nas cidades do sudeste⁵², os missionários franciscanos, aqui encontraram fortes e marcantes manifestações do culto aos Santos, principalmente em festas como a do Divino Espírito Santo, acompanhada pelas folias de reis e a devoção a Nossa Senhora do Rosário. Esta última cultuada pelos negros e descendentes, cuja maior expressão está na apresentação do congado, como forma de louvar e bendizer a Santa do Rosário dos Pretos. Uma aceção clara de um catolicismo enraizado na cultura local e regional, com marcas originárias da cultura religiosa luso-brasileira. No dizer de Freyre (1984, p. 225), “impossível conceber-se um cristianismo português ou luso-brasileiro sem essa intimidade entre o devoto e o santo”. O catolicismo luso-brasileiro se tornou uma manifestação da cultura brasileira. Em geral essas práticas tendem a ser cultivadas com mais vigor nas localidades do interior do Brasil, entre as populações rurais e menos letradas.

Uma das notas características do movimento pela implantação do catolicismo romanizado no país foi o esforço de impor, em áreas anteriormente dominadas pela cultura lusitana, os novos valores importados da cultura européia. A romanização do catolicismo constitui, nesse sentido, apenas um aspecto de um fenômeno mais amplo, ou seja, o processo de europeização da própria cultura luso-brasileira (AZZI; KLAUS, 2008, p. 407).

Os anseios de Dom Emanuel encontraram guarida em um processo que poderia ser interpretado como uma neocolonização, marcado pela imposição da cultura branca cristã católica apostólica romana. Nesta direção os costumes e saberes populares deveriam ser abandonados, pois são interpretados pelos missionários e pelas orientações da Igreja como credices e superstições. A negação da religiosidade e da fé popular se realiza, o culto aos santos é reinterpretado pelos missionários e revestido do caráter doutrinário e institucional da igreja romana.

A teologia tridentina, vinculando a salvação das almas à recepção dos sacramentos, não só permanecia muito forte neste período, mas era ainda interpretada com bastante rigidez. Assim sendo, alguns bispos de dioceses muito extensas, ao perceber que não conseguia atingir inúmeros fiéis, através de sua ação pastoral, solicitavam à Santa Sé que confiasse parte de seu território a outros preladados (AZZI; KLAUS, 2008, p. 385-386).

Enquanto estratégia de conversão das práticas religiosas, os missionários franciscanos, ao invés de as abolirem, adotaram a postura de se inserirem nestas manifestações para, posteriormente ressignificá-las, vinculando-as a algumas exigências tais como participação dos fiéis nos sacramentos e a frequência às missas dominicais. O relato de Irmã Marianna,

⁵² As cidades de Catalão, Goiandira e Pires do Rio têm em comum a tradição secular de celebrar a festa de Nossa Senhora do Rosário, no mês de outubro, com a apresentação das Congadas, um sincretismo religioso entre o culto católico e as tradições africanas que tiveram origem com os escravos.

sobre a organização do ofício religioso em Pires do Rio, descreve a forma como as procissões são concebidas pelo povo e pelos franciscanos.

Toda a Semana Santa é celebrada em países latino-americanos - sem escola, sem carne e, anos atrás, sem ritos religiosos, tampouco. Nós quebramos a tradição, é que as crianças vêm para a escola para descobrir por que é uma Semana Santa. Mas nós apreciamos as procissões, tanto quanto as crianças.

A primeira, chamada de "O Encontro", comemora o encontro de Jesus e Maria a caminho do Calvário. Uma bela estátua de Cristo carregando sua cruz é transportada por homens, e a outra é cumprida pelas mulheres, muitas vezes descalças, carregando a imagem da Mãe Dolorosa.

Na Sexta-feira toda a população acaba por juntar-se à Procissão do Enterro. Desta vez, a imagem do Cristo é carregada em seu ataúde, coberto com líquido violeta e flores, é levado pelas ruas ao som de hinos melódiosos. No final do longo percurso sentimos que tínhamos realmente acompanhado de Nosso Senhor do sepulcro. Talvez seja por isso que cometeram o erro de colocar todos os enfeites bonitos que havia preparado para a Páscoa ao redor do santuário, onde o caixão foi colocado na igreja. Erro fatal! Cada folha foi levada para uma lembrança! Túmulo vazio na manhã de Páscoa e vasos de flores vazios! (ÁLBUM DO CENTENÁRIO das Irmãs Franciscanas de Allegany, 1959, p. 53).

A introdução de ritos institucionalizados pela Igreja Católica, não retira dos fiéis a adesão à fé popular como a participação em procissões e a veneração dos santos. Mas, é acrescida por outros elementos do ofício religioso, tais como a celebração da missa, a pregação da palavra e o cumprimento dos sacramentos e mandamentos da Igreja.

As crianças freqüentes à escola e à catequese eram instruídas a ressignificarem suas práticas religiosas, difundindo-as junto às suas famílias. Há diversas manifestações religiosas que os missionários somente vão conhecer aqui em Goiás, pois não encontram, em princípio, correspondentes com algumas cerimônias americanas.

Os cerimoniais e práticas religiosas vivenciadas pela população local seriam revestidas pelo caráter doutrinário da fé cristã católica e, especialmente através do acréscimo de pregações e reflexões litúrgicas proferidas pelos franciscanos, no sentido de reinterpretar estes rituais e práticas.

3.4.6 Hierarquia e obediência vivenciadas na partilha e no trabalho mútuo

No tocante à hierarquia observada entre as ordens franciscanas co-irmãs, fundadoras do trabalho missionário em Goiás, foi possível verificar entre os franciscanos e franciscanas uma obediência regular à hierarquia, traduzida na forma como manifestavam os seus representantes, conforme o cargo assumido no comando das respectivas instituições. Ao proceder os registros de fatos, relatórios e ocorrências perante a comunidade provincial, tanto os frades do Comissariado, quanto as irmãs de Allegany, foram autores e autoras dos relatos e

informações, pronunciando-se em nome do cargo que ocupa. Assim, pois, é comum encontrarmos nos Anais da Província ou no Boletim Zeal, relatos, crônicas e notícias, devidamente assinados pelos respectivos superiores, alterando a seqüência de autoria conforme a mudança de cargos. Ao falar sobre a formação das religiosas, Azzi & Klaus (2008) mostra que em determinadas ordens e institutos religiosos:

Maior ainda era o controle exercido pelos clérigos sobre as religiosas, das quais eram pregadores, confessores e diretores espirituais. Embora elas fossem as colaboradoras mais efetivas da ação pastoral, os clérigos procuravam mantê-las sob seu domínio, procurando ditar-lhes a melhor forma de conduta (AZZI; KLAUS, 2008, p. 137).

No que se refere às ordens franciscanas vindas dos Estados Unidos para Goiás, embora haja semelhança quanto ao processo formativo, apoiado na orientação e direção espiritual dos frades, é possível haver uma relativa autonomia nas demais esferas decisórias. Tal suspeita se confirma na maneira como ambas as ordens se organizavam através das estruturas de Conselhos Provinciais, instâncias superiores, responsáveis pelas decisões mais importantes, para a condução e o direcionamento dos trabalhos pastorais. Apesar de manterem mútuo apoio financeiro na manutenção das diferentes ações missionárias, sempre expressavam o respeito às atividades que são delegadas e de responsabilidade de cada uma das Províncias.

Isso é demonstrado em várias situações, nas quais se verifica uma atitude de respeito às diferentes instâncias decisórias, de tal modo que podemos observar uma relação distinta não apenas de ajuda, mas, sobretudo, de respeito mútuo vivenciado pelos filhos e filhas de São Francisco nas relações institucionais e no trabalho missionário.

Garanto-lhe novamente que eu lamento profundamente o seu desapontamento por não poder ter o retiro na data que você queria. Mas eu sei que você vai tomar o desapontamento com o verdadeiro espírito franciscano: que todos nós viemos ao Brasil para sacrificar o nosso viver, e que vivem em circunstâncias difíceis, temos de nos adaptar da melhor forma possível (CARTA 14 – 30/06/1948).

Neste e em outros registros, encontrei várias situações nas quais, devido às condições geográficas de localização das paróquias e conventos, se deparavam com dificuldades estruturais para a organização dos retiros anuais; dependiam, portanto, do bom senso, de acordos e definição de uma agenda em longo prazo para que tanto os frades quanto as irmãs organizassem seus trabalhos pastorais e pudessem realizar os períodos de retiro.

Em outro registro, ao justificar a dificuldade para agendar um retiro, o frade assim se manifesta “Aqui no Brasil, o tempo mais movimentado do sacerdote é durante a estação seca. Daí o tempo adequado para o retiro ser durante as férias no período chuvoso.

Isso, no entanto, uma vez que você solicitar, falaremos mais tarde” (CARTA 14 – 30/06/1948). O esclarecimento aponta para a necessidade de adaptar o período de retiro às épocas do ano em que, devido às chuvas aumentam as dificuldades de deslocamento e, em princípio, as visitas rurais são alteradas, deixando o frade mais disponível para dirigir e orientar o retiro.

Disso pode-se concluir que, no tocante às relações hierárquicas, elas existiram na organização e na estrutura da Ordem Franciscana, mas não expressavam propriamente uma condição de submissão das Irmãs ao poder dos Frades. Estruturalmente, ambas as congregações possuem instâncias que são respeitadas na sua individualidade de ação e de decisão. Isso tem precedentes na origem da ordem franciscana em que a presença de Clara (e mais tarde das irmãs franciscanas), representava força, apoio e incentivo à missão de Francisco na reconstrução da Igreja.

3.4.7 A obra missionária passa pelo despertar de novas vocações religiosas

Um dos trabalhos mais bonitos que uma freira pode fazer é a formação de outras freiras - que vão viver e refletir a vida de Nossa Senhora (CARTA 32 – 13/01/1954).

Em todas as épocas, a vitalidade da Igreja Católica foi assegurada pelo programa interno de fomento dos novos quadros através das vocações. Obviamente que, por se tratar de um longo processo formativo, o despertar destas vocações, a efeito, deveria ser permanente e sua amplitude ter o alcance de todos os espaços e territórios aonde foram instaladas as missões. Tais intenções se fizeram presentes desde os primeiros acordos.

Na sua carta você fala de vocações brasileiras. Sinto que vai conseguir sem dificuldade. Mas há considerações que você deve falar com as Chefes da Província. As brasileiras são uma mistura – em maior ou menos graus – de branco, índio, e sangue negro. No interior você achará um grande número de negras mais do que a cidade grande. Os Brasileiros, não são como nós, resolveram o escravidão pelo casamento. Até hoje o que aprendi que a maioria das comunidades não aceita postulantes de cor a não ser que são morenas claras. E com as vocações o jogo é riscado. Creio que você teve a experiência com isto na Jamaica. E eu imagino que a Jamaica tenha dado algumas regras a respeito de certas dificuldades como ilegítimo. Sei que estes casos vão surgir logo que você chegar. Seria bom para ter a opinião ou regras de suas superiores sobre este. Pessoalmente eu não quero dar qualquer opinião sobre este; Eu não conhece bastante ainda sobre os brasileiros. [...] (CARTA 10 – 03/12/1945).

Interessante como as preocupações que permeavam as possibilidades de conquistar vocacionadas (no caso das Irmãs), as restrições e cuidados no aceite de candidatas interessadas, refletiam o contexto local e ecoavam na visão americana quanto ao aproveitamento de nativos e mestiços na composição dos quadros femininos. É certo que, nas famílias abastadas o envio de um filho ou filha para uma instituição religiosa poderia ser uma distinção de elevado valor e status social. Porém, esta não era a regra, havia também resistências em aceitar a escolha de uma filha pelo trabalho religioso. Muitos pais não acatavam tal decisão de bom grado.

Ancorados nos argumentos de que a sociedade local teria resistência em acolher postulantes declaradamente negras (ou índias), era necessário tratar das vocações de forma cuidadosa e com algumas reservas. Contraditoriamente, no mesmo registro, encontramos a descrição de que a própria sociedade brasileira é composta por estas diferentes misturas raciais.

Não seria contraditório, justamente esta sociedade rejeitar a seus semelhantes enquanto líderes religiosos, ao passo que acolhe de bom grado aos estrangeiros? Não seria de suspeitar que, consideradas tais restrições, os americanos teriam dificuldades para compor o quadro de vocações no Brasil? O impasse fica em aberto, com a recomendação do provincial para que a madre fosse orientada pelas regras e normas adotadas na missão jamaicana.

No que diz respeito às vocações tão necessárias para a Igreja no Brasil, nossas escolas paroquiais são os canteiros sobrenaturais para o despertar das vocações sacerdotais e religiosas. A maioria dos alunos do Seminário Seráfico é formada nas nossas escolas paroquiais. Considerando que a arquidiocese de Goiás, foi obrigada a encontrar um pré-seminário para preparar as perspectivas para seu provável Seminário Menor todas as nossas escolas paroquiais podem ser consideradas pré-seminários (ANAIIS DA PROVÍNCIA, vol. XVII, s/d, p. 89 a 92).

A alusão à escola paroquial como sendo um espaço de instrução e de entronização dos alunos na fé católica (pré-seminários), mostra o quanto a catequese e a educação estariam de tal modo entrelaçadas que a própria instituição escolar se constitui em espaço da iniciação dos futuros frades e irmãos franciscanos. Esta convicção de que as Escolas Paroquiais seriam instrumentos de irradiação da obra missionária se manteve ao longo das primeiras décadas com forte orientação catequética, traduzida no direcionamento dos alunos para a participação do culto e dos rituais litúrgicos em geral.

Em virtude das demandas do trabalho missionário e das dificuldades para importar novos membros americanos, os franciscanos tinham, diante de si, o desafio de conquistar novos vocacionados que, após a formação nos seminários, seriam, em potencial, o

sustento da obra missionária em curso. Ao consultar os livros de matrícula das escolas paroquiais, algo que chamou a atenção foi a presença de crianças matriculadas no ensino primário e nos cursos ginasiais, que pela filiação e a identificação nominal, descobri tratar-se de futuros frades e até bispos brasileiros que ingressaram na ordem franciscana depois de adultos. Para a Ordem Franciscana, a adesão de novos religiosos seria a via pela qual a obra missionária teria seqüência e solidez em solo brasileiro.

[...] o que precisamos aqui é uma ou outra daquelas capazes e dinâmica irmãs para que a vossa Congregação seja famosa: alguém com o dom da liderança, o som distante julgamento de longo alcance, e a capacidade de tamanho até as coisas e tomar decisões. Eu acredito que o espírito que é inculcado em uma nova fundação, seja um a criatura ou o errado, é o espírito que vai continuar como a base cresce. O espírito, tanto quanto eu posso ver, é excelente. Mas pode parecer pessoal que precisa de liderança forte e mais sólido. A fundação em Goiás será, sem dúvida, um grande ramo e a prosperidade de sua Congregação com o passar dos anos, a fazer grande coisa para Deus e as almas (CARTA 20 – 13/05/1950).

Para os bispados, o incremento institucional das ordens religiosas empenhadas em formar novos frades seria, a longo prazo, a solução para resolver a escassez do clero e assegurar que a Igreja se fizesse presente em todo o território goiano.

Porque eu sei que muita vocação esplêndida será encontrada aqui. E o treinamento que recebem, nos Estados (Unidos) é de suma importância. Se essa formação poderá ser prolongada, e alguma experiência prática acrescentada a ela, ela teria um valor ainda maior (CARTA 20 – 13/05/1950).

Ambos, os franciscanos e os bispos goianos, principalmente nas regiões aonde se instalaram as paróquias franciscanas e mais tarde foram desmembradas novas prelazias, tinham problemas que não se restringiam simplesmente à aceitação de negros, índios e mestiços nos conventos.

Estamos particularmente orgulhosos e felizes de que em nosso décimo aniversário nós somos capazes de abrir o nosso Seminário Seráfico - o maior de todos os sonhos. E agora nós estamos esperando que em algum momento em torno do nosso vigésimo quinto aniversário veremos nossos primeiros frades brasileiros ordenados. A educação deles vai ser uma tarefa longa e, talvez, desanimadora, mas que deve ser feita (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XI, 1954, p. 72).

A inexistência de casas de formação e de seminários era o próprio problema. Fazia-se necessária a criação de uma estrutura institucional mínima para que o trabalho formativo se efetivasse, segundo as orientações e regras da ordem.

Estamos tentando o nosso melhor para receber candidatas a nível local, e temos uma série de perspectivas esplêndidas entre as jovens senhoras. É perfeitamente claro agora que este ramo que da sua província não pode falhar: ele é obrigado a crescer

rápido o suficiente para manter o contato com a nossa necessidade de Irmãs. Daí mais irmãs americanas deve vir (CARTA 23 – 06/09/1950).

Enquanto os frades providenciaram esta estrutura aqui mesmo, as irmãs franciscanas lançaram mão do expediente de iniciar o processo formativo aqui, realizando a formação das aspirantes e postulantes diretamente vinculadas às casas e às escolas, geralmente, as candidatas sendo acompanhadas e orientadas pela superiora de cada lugar. No momento em que as candidatas alçavam à condição de noviças, esta etapa de formação era feita nos Estados Unidos, sendo as mesmas enviadas para algum Convento da Província-mãe, lá permanecendo por um determinado período a fim de cumprir a sua formação, segundo os cânones de São Francisco.

Estamos satisfeitas com as meninas que temos recebido do Brasil e com aquelas que estão chegando e eu sinto a certeza de que o que você diz está certo sobre o envio de alguém que vai estabelecer uma boa base. Com a ajuda de Deus eu vou fazer isso (CARTA 21 – 20/06/1950).

Estamos muito satisfeitas com as duas postulantes que o padre João trouxe para cima. Padre seria tão bom para elas e trouxe-as na medida do St. Clare. Elas tiveram uma boa estadia em Nova York. Estão muito felizes aqui e faça o bem. Elas entendem a língua muito bem e fazem muito bem em falar isso (CARTA 25 – 11/11/1950).

Verifiquei que em todos os momentos da formação, a exemplo do que ocorre no trabalho missionário, frades e irmãs desempenham ações conjuntas de apoio mútuo, principalmente no encaminhamento das postulantes e noviças nas viagens e deslocamentos entre as casas e os países. As decisões são igualmente partilhadas, numa constante sintonia entre o que fazer e o como fazer. Enfim, através do apoio interinstitucional buscavam a melhor maneira para conduzir a formação das futuras religiosas brasileiras.

Sei que mais do que nunca você está preocupada com o problema do que pode ser feito para assegurar melhor a perseverança das Irmãs brasileiras, em sua vocação religiosa, após sair do noviciado. Como formá-las? Você vai concordar que a sua formação depende de INFORMAÇÕES encarando como ponto de qualquer maneira. Informação significa LINGUAGEM, e tudo o mais. Sua iniciante não fala Português, e as noviças brasileiras recebem pouco de Inglês – pensei que elas permanecessem até maio. Seria necessário ter uma auxiliar no noviciado, não só que sabe Português, mas que possa fazer a mediação entre a Noviça (americana) e as noviças brasileiras – alguém que conheça o temperamento e o caráter brasileiro – e acima de tudo, aquele que é amável, acessível, amigável – essas são qualidades indispensáveis para quem quiser ter sucesso com os brasileiros (CARTA 32 – 13/01/1954).

Em outro registro encontramos semelhante preocupação em função do rigor e das exigências no processo de formação das religiosas brasileiras.

[...] seria um grande ganho, na medida em que as Irmãs brasileiras teriam uma melhor formação RELIGIOSAS, disposta a levar a cruz, quando a acuidade espiritual falhar. Sabendo Madre Marianna, que ela iria aceitar o sacrifício alegre. Ela seria ainda a trabalhar para o Brasil – fazer um trabalho mais fino, um trabalho mais importante, um trabalho mais bonito – contribuir humildemente com o papel de intermediária na formação das Irmãs que retornará ao Brasil para refletir a vida de Nossa Senhora (CARTA 32 – 13/01/1954).

Quando perguntadas sobre como se deu a sua formação franciscana, uma das primeiras irmãs brasileiras a ingressarem na Ordem de Allegany, confirmou, com suas palavras, esse mesmo procedimento descrito nos registros. Segundo ela, as dificuldades eram imensas, pois, inicialmente, só eram admitidas as moças que possuíam o curso secundário concluído. Mas essa condição de estudo era pouco comum, pois, o número de meninas que ultrapassava o curso primário era muito reduzido. Em geral as irmãs incentivavam a aproximação das possíveis candidatas que estivessem cursando o secundário, através da participação em atividades como aulas de catecismo, auxílio em tarefas internas das escolas paroquiais, até que concluíssem os estudos e confirmassem o desejo de entrar para a ordem. Mesmo durante esta fase de iniciação, a aspirante acompanhava a sua superiora nos diferentes locais aonde eram mantidas as ações pastorais, catequéticas e educativas.

Um aspecto que merece a atenção é que em todas as fases de formação, as candidatas à ordem eram estimuladas, primeiro, a observar o trabalho que estava sendo realizado; em seguida, participava, na condição de auxiliar e colaboradora, para, mais tarde, assumir sozinha a mesma atividade, mediante a orientação e a supervisão de suas superiores. Essa regra de observar, auxiliar e executar constituía no formato metodológico e instrucional de todas as atividades catequéticas e educativas desenvolvidas pelas irmãs.

Questões alusivas à entrada e a permanência na ordem religiosa, os entraves familiares e as relações com o contexto, são reveladas no registro que trata da chegada de uma irmã brasileira a uma das paróquias do sudeste goiano.

Foi um grande dia para nós quando Irmã Assumpta chegou em Goiandira, depois de voltar ao Brasil, fresca do noviciado. Ela é a primeira vocação de Allegany desta paróquia. Ou seja, ela veio a conhecer as irmãs, enquanto ela era professora de uma das escolas pública. Sua família realmente vive em outro lugar. Sua entrada na Ordem (OSF) foi algo para o povo falar, sobre soleiras de janela -, por um longo tempo. O consentimento dos pais não foi bem-vindo, de modo que ela exerceu sua prerrogativa de ser de idade e pediu seu passaporte, em sua própria responsabilidade. Durante muito tempo, a nobreza local debateu se uma menina deve fugir assim. Mas ela "fez bem", e voltou uma verdadeira franciscana, e começará a sua carreira docente como uma religiosa no próximo mês de Março (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. X, fev. 1953, p. 95)

Nota-se que juntamente com a exultante chegada dos Estados Unidos da Irmã recém formada, havia uma série de expectativas em relação à sua atuação na comunidade

local, especialmente em função de seu perfil profissional e liderança: é uma jovem vinda de uma classe social e de uma cultura distinta. Neste particular, a distinção se verifica na formação da irmã e no seu campo de atuação, a educação escolar.

Interessa aqui levantar a seguinte questão: se haviam casos em que famílias das camadas médias e altas demonstravam mal-estar diante da opção das filhas pelo ofício religioso, as irmãs franciscanas admitiriam negras e mestiças brasileiras na ordem?

3.4.8 O Culto e a Catequese – papéis e sujeitos participantes



Foto 3.4.8 – Devoções populares
Fonte: Revista Zeal

A figura masculina sempre teve um papel de destaque na cultura religiosa do ocidente. Na hierarquia católica, mesmo nas ordens que se dedicam às atividades missionárias no meio do povo, o padre tem um elevado poder simbólico no culto e nas cerimônias sacramentais. Isso tem uma correspondência direta com os princípios dogmáticos da Igreja romana.

[...] um dos aspectos típicos da mentalidade tridentina, dominante nesse período, é a exaltação do padre como um homem dedicado exclusivamente às coisas divinas, e, por conseguinte, o ministro privilegiado das celebrações religiosas. Tanto no altar como no púlpito e no confessionário, o padre se apresentava como o representante de Deus.

O altar das Igrejas era considerado como o lugar por excelência a ser ocupado pelo sacerdote, tanto como celebrante das missas como oficiante de outras cerimônias litúrgicas, como as bênçãos do Santíssimo Sacramento (AZZI; KLAUS, 2008, p. 561).

A apropriação deste papel e do *status* religioso também é admitida pelos franciscanos, na medida em que os frades respondem oficialmente pelo ministério do culto litúrgico e a administração dos diferentes sacramentos.

Além de ser o ministro do culto, o padre era destinado a ser também o porta-voz da palavra divina. Mas havia uma diferença muito grande entre os pastores protestantes e os ministros católicos. Enquanto os primeiros baseavam sua pregação na Bíblia, os padres católicos expunham principalmente a doutrina exposta no Concílio de Trento, e apresentada de modo sintético no *Catecismo romano*. Por outro lado, tanto num caso como no outro, a fé cristã era considerada como um conjunto de verdades que deveriam nortear a vida da sociedade humana (AZZI; KLAUS, 2008, p. 562-563).

As irmãs ficavam encarregadas pelo trabalho catequético na igreja, na escola paroquial e nas escolas públicas aonde era permitida a entradas de representantes da Igreja, além do contato direto com a comunidade, através de diversos serviços de assistência.

Outro aspecto de distinção presente na Ordem Franciscana é que na sua origem e concepção, os missionários admitem maior abertura à participação de leigos e paroquianos em atividades da Igreja, motivada pela existência da chamada Terceira Ordem⁵³. Com esta constituição, antecipam um processo que só vai chegar às ordens seculares no Brasil posteriormente.

A partir de meados da década de 1950, foram iniciados três tipos de experiências, a fim de promover uma renovação na vida paroquial. A primeira procurava dar uma dimensão mais social na atuação do pároco; a segunda buscava a colaboração dos leigos para o exercício da catequese; a terceira, por fim, utilizava as religiosas como colaboradoras do ministério paroquial (AZZI; KLAUS, 2008, p. 569).

Quanto aos missionários franciscanos, além desta antecipada abertura à participação leiga, observa-se ainda, uma outra tendência de incentivo à criação de novas ordens religiosas femininas. Tal tendência se mostrou concretamente quando da orientação e direção espiritual dos frades a uma Congregação fundada em Catalão, em meados de 1962, denominada como “Irmãs Catequistas de Nossa Senhora da Visitação”.

Esta sociedade é algo novo em Catalão, no estado de Goiás e assim teve que suportar as incompreensões e críticas habituais de cada trabalho pioneiro. Ambos os religiosos e as pessoas não entendem por que as mulheres completamente dedicadas a Deus e à Igreja, viver em comunidade não usar um hábito tradicional de religiosa. Houve e ainda há os julgamentos habituais pessimista: "Não vai funcionar. Elas nunca irão se perseverar. Sua vida é demasiadamente exposta aos perigos do mundo ". No entanto, graças a Deus e à perfeição especial (proteção) da Mãe Santíssima, a sociedade ainda existe, apesar de todas as dificuldades iniciais e à perda de um dos membros originais. Já está mesmo ocorrendo certa aceitação entre o povo e especialmente entre as crianças das escolas públicas e os distritos.

⁵³ Resumidamente, os filhos de São Francisco se organizam em 1ª Ordem (Os Frades e Irmãos Menores), 2ª Ordem (das Irmãs) e a 3ª Ordem (dos Leigos consagrados ao ideal franciscano).

Por que fundar essa sociedade? A única razão para sua fundação foi a necessidade tremenda de mais uma sociedade. Precisávamos de uma sociedade de catequistas que se dedicam à instrução religiosa das crianças de escolas públicas e das crianças e pessoas em distritos do município (da região) (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XX, s/d, p. 288 -289).

Nascida sob inspiração franciscana, no seio da comunidade paroquial de Catalão, a nova congregação contrastava com a austeridade das ordens conventuais, por conceber uma vida religiosa prática com o povo e no meio do povo.

Para obter uma vida estável, as religiosas, catequistas vivem em comunidade e tem promessas de pobreza, castidade e obediência e votos privados. O trabalho das catequistas implica viajar em torno dos bairros periféricos da freguesia e, por vezes permanecendo nas vilas ou fazendas para um número de dias. Nós tentamos ensiná-las a fazer destas viagens também um meio de santificação pessoal através da devoção ao Rosário e a meditação de seus mistérios.

[...] Canonicamente falando, esta sociedade de catequistas seria considerada uma Pia União de Mulheres vivendo em comunidade. Em seu estágio atual de desenvolvimento, tem muitas semelhanças com um instituto secular em que os membros não usam um hábito religioso e não têm votos públicos. Em vez de um hábito, elas usam um uniforme simples de jumper azul e saia com blusa branca. Elas usam uma medalha de Nossa Senhora de Fátima (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XX s/d, p. 290).

As Irmãs Catequistas, nascidas sob a inspiração e direção espiritual franciscana, distinguiram-se das congregações mais tradicionais na forma de apresentar-se socialmente (usavam os cabelos curtos e sem vestir o tradicional hábito), símbolos de distinção muito comum nas ordens religiosas até então.

A Legião de Maria foi fundada em Catalão cerca de nove anos atrás e os legionários, jovens e velhos, têm feito uma tremenda quantidade de trabalho apostólico na cidade e na região. Em abril de 1961, fundamos um especial Praesidium da Legião de Maria para fazer o trabalho de catequese, em preparação para a fundação das catequistas. Esta praesidium especial ainda continua sob a direção das catequistas. As catequistas encontram na Legião de Maria, uma organização ideal que elas utilizam em seu trabalho. Prevê-los com os auxiliares dispostos para o acampamento de instrução religiosa. O manual da Legião de Maria, que é um clássico da espiritualidade mariana, serve para dar-lhes uma formação espiritual sólida para o seu trabalho apostólico. [...] Como esta sociedade vai desenvolver no futuro naturalmente nas mãos de Deus. Se irá transformar em um instituto secular aprovado, ou em uma congregação religiosa regular, depende muito das novas diretivas que todo mundo espera a partir do presente Concílio Ecumênico a respeito da organização do presente, que é a mais simples base canônica. Esperamos que possa continuar a crescer e a cumprir sempre mais perfeitamente a finalidade para a qual foi fundada, de modo que nossas crianças de escola pública poderão receber uma sólida educação religiosa e serem ensinadas a tomar parte ativa na vida religiosa, um papel ativo na a vida religiosa de sua paróquia (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XX, s/d, p. 290).

Neste sentido, não apenas as irmãs franciscanas contavam com o despertar de novas vocações, mas no seio da comunidade paroquial, outras formas de aderir ao ofício

religioso foram surgindo, de modo que o trabalho catequético franciscano fosse consolidado com o apoio de leigos e religiosos.

Ao incentivar a participação de leigos, os franciscanos conquistavam um espaço importante no trabalho pastoral. Os missionários franciscanos desconheciam geograficamente a localização de vários distritos, capelas e fazendas que integravam os domínios da própria paróquia e tinham pouco domínio da língua e da cultura local. Nestas circunstâncias, fazer-se acompanhar por um leigo ou por uma catequista da paróquia, era uma forma de promover a mediação entre o frade e seus fiéis, além de colaborar com as atividades catequéticas realizadas a cada visita.

Atualmente as nossas paróquias estão tendo uma "Semana de Entronização", [...] com a pregação especial por relatórios que recebemos de Goiandira foram mais animadores. Nós estamos olhando para frente um grande aumento de Confissões e Santas Comunhões. Ceres, Catalão, Goiandira e Anápolis já foram cobertos (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. X, 1953, p. 95).

Em Catalão, logo no início, os frades expressavam o valioso apoio recebido por leigos representantes da comunidade local. Em Goiandira, a presença dos leigos através das congregações Marianas também são mencionadas, em particular na execução de trabalhos na cidade em apoio à evangelização e à catequese. Pela proximidade, ambas as paróquias realizavam atividades pastorais em conjunto, com a colaboração dos frades e irmãs.

Foram localizados diversos registros sobre a generosa presença, em Pires do Rio, de leigos apoiando o trabalho franciscano desde o início, representado pela pessoa de Dr. Emmanuel Yvan Ferreira.

À noite, Fr. Dominic celebrou uma Missa Solene na intenção dos visitantes, e depois os homens da paróquia participaram de uma recepção para as Rev. Madres. Dr. Floriano, que exerceu a medicina no Hospital Santa Clara, em Nova York, dirigiu às Reverendas Madres em Inglês, apontando que, pelo menos um terço da cidade está em grande necessidade de cuidados médicos e de material. Dr. Ivan Ferreira, membro da Primeira Ordem, por carta de inscrição, também abordou os visitantes em Inglês, falou do trabalho dos frades em Goiás, e cumprimentou as Rev. Madres. Nessa reunião, a Rev. Madre Geral disse que não esperava tal recepção e entusiasta e repetiu que estava satisfeita com a instituição e que agora voltava a Nova York para tomar uma decisão. (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XVII - s/d, p. 307).

Quanto ao trabalho das Irmãs, embora não tenha localizado registros individuais sobre a ação dos leigos, contudo, havia diversas situações em que a participação de fiéis da comunidade local é referenciada como apoiadores de determinadas tarefas realizadas pelas religiosas na cidade, principalmente com relação à atuação de professores leigos nas escolas.

Houve uma escola normal, sob a direção de um grande amigo dos Frades, Dr. Yvon (Yvan) Ferreira, advogado e professor, que mais tarde, tornou-se membro da Segunda Ordem dos Frades Menores, com a nova legislação exigindo a Escola Secundária junto da Normal, seu projeto tinha sido interrompido. Com a ajuda e orientação do Padre Celso Hayes e Dr. Yvon (Yvan) em 1950, o normal foi aberto. O irmão do Dr. Pedro, também advogado e professor, com dois irmãos, sogros e amigos, as irmãs e dois médicos de Pires do Rio compunham o núcleo do corpo docente (ZEAL, vol. 14, n.2, (Número Especial), 1965, p. 5 e 6).

Posso antecipar, portanto, que os frades e irmãs franciscanas em Goiás inauguraram uma nova forma de ser e de se constituir em Igreja institucionalizada, inserindo a participação e presença ativa de leigos em diferentes frentes do trabalho missionário, num momento que antecede às decisões do Concílio Vaticano II. Deste modo, em meio às contradições e às dificuldades de percurso, os franciscanos americanos criaram nas paróquias do sudeste goiano, uma fórmula própria de ser igreja, mediada pela catequese, educação e intervenção social, construindo uma trajetória que expressa o modo de ser franciscano: com o povo, no meio do povo.

3.4.9 Os leigos na força da catequese missionária

Apesar dos franciscanos terem se instalado em Goiás num período anterior ao Concílio Vaticano II, eles já se utilizavam dos fiéis leigos no desempenho de algumas atividades catequéticas e litúrgicas, recorriam a eles para acompanharem e conduzirem diversas tarefas e empreendimentos. Os vestígios nos levariam, então, a instalar a seguinte dúvida: os franciscanos seriam pioneiros na utilização de leigos na obra missionária, antecipando a experiência evangelizadora oficializada somente nos anos de 1960?

Por um lado não poderia neste momento afirmar que estes franciscanos anteciparam os postulados do Concílio quanto à natureza e à função exercida pelos leigos no culto litúrgico⁵⁴, por outro, também não teria argumentos para negar que a presença dos leigos na constituição da obra missionária tenha sido distintiva e importante. Distintiva pela forma como foi construída a participação e a adesão destes fiéis ao trabalho missionário, especialmente compondo as frentes de evangelização através das associações e congregações diversas. Importante porque sem a presença, o empenho e a dedicação de vários leigos apoiando os frades, irmãos e irmãs nas diferentes paroquiais e localidades, por certo as dificuldades de aproximação e contato dos missionários estrangeiros com a população seriam maiores.

⁵⁴ A marca mais evidente das funções formais dos leigos na Igreja ainda era orientada pelo Concílio Vaticano I, especialmente no estímulo às irmandades e associações: Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Congregados Marianos, Sagrado Coração de Jesus, etc.

A participação dos leigos na construção da obra missionária franciscana, vicejou todas as ações e empreendimentos, os mais diversos, conforme demonstra este excerto sobre um cidadão piresino.

Dr. Emmanuel Ivan Ferreira de Azevedo, conhecido entre os frades no Brasil como Dr. Yvan, morreu em 14 de novembro, após um acidente vascular cerebral. Pertencendo à Ordem desde 1950, o Dr. Yvan foi uma ajuda inestimável para os frades desde que chegaram em Pires do Rio. Com o advento dos frades, em 1944, o Dr. Yvan logo veio a conhecê-los, oferecendo-lhes para ensinar Português e para servir de intérprete para eles. Ele mesmo contou como se deu o evento da sua conversão para uma vida católica. Ele começou a entrar em várias sociedades da Igreja e foi presidente de muitas delas. Ele ajudou com os aspectos legais de várias construções, nós o colocamos a frente, as ações e formas, o que tinha que ter aprovação legal.

Em 4 de outubro de 1946, ele e sua esposa entraram na Ordem Terceira de São Francisco no dia de sua fundação, em Pires do Rio.

Dr. Yvan tinha ensinado Português aos Padres e Irmãos, mas a sua contribuição para o nosso trabalho seria ainda maior. Em 1948, quando abrimos a nossa Escola, Dr. Yvan prestou grande ajuda, principalmente na obtenção do reconhecimento oficial da Escola.

Mesmo para pequenos detalhes como ajudando a escrever a crônica da casa em Português Dr. Yvan foi de uma grande ajuda. Ele costumava ir com os sacerdotes a Urutaí e Santa Cruz, duas missões próximas, dirigindo-se à sociedade e ajudando de outras maneiras. Ele foi nomeado pelo padre Domingos, atual Bispo Coscia para servir como Secretário Nacional da Campanha Comunhão da Família. [...] (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1962, p. 46-47).

O apoio e o aproveitamento das associações leigas já existentes, o incentivo na criação de novas ou mesmo na busca de novos associados, foram estratégias eficazes na difusão do trabalho missionário das ordens franciscanas em Goiás. Os leigos sobressaíram no empenho e na magnitude das ações realizadas, segundo relatos dos próprios frades. O evento da Entronização realizado em Goiandira expressava estas adesões.

Goiandira, BRASIL

Pode ser seguramente afirmado que o mais importante evento que aconteceu em Goiandira nos últimos três meses foi a Semana da Entronização. Eu acredito que o termo é desconhecido nos E.U.A., e na verdade era desconhecida para nós até o presente momento. A Semana é uma espécie de missão paroquial, mas com esta diferença notável: os missionários fazem o ato Solene da Entronização do Sagrado Coração de Jesus em todas as casas da cidade. O Imaculado Coração de Maria também está incluído, se a família quiser. O trabalho é feito pelos Comensais dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. No nosso só pode ser feito por homens da província holandesa.

A Semana de Entronização foi tão bem sucedida em Goiandira que é difícil acreditar que estes resultados foram possíveis. Dezenas de pessoas que teimosamente resistiam a todas as tentativas anteriores para trazê-las para dentro foram à confissão e comunhão. Cerca de 130 adultos apresentaram os seus casamentos legitimados. Fr. Maurício e eu estávamos tão cansados de ajudar os adultos a fazer as suas confissões pela primeira vez [...]

Muitos outros que haviam sido responder por ano foram igualmente impotentes para fazer uma confissão completa. Mas o resultado mais surpreendente da semana foi a maneira pela qual os homens se renderam à graça divina. Antes iniciarmos, não existia qualquer sociedade para os homens na freguesia. Eles simplesmente não

iriam cooperar. Agora temos duas sociedades. [...] (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. X, 1953, p. 96).

Nas diferentes paróquias foram incentivadas e apoiadas associações como Filhas de Maria, Congregação Mariana, Apostolado da Oração, Liga Católica, a Legião de Maria e o culto ao Sagrado Coração de Jesus. Ao se filiarem, os leigos passavam a assumir determinadas funções dentro das associações que colaboravam com a institucionalização do culto litúrgico, a participação nos sacramentos e o avivamento da fé cristã. A presença dos frades e irmãs constituía em apoio e orientação religiosa aos diferentes congregados, ao mesmo tempo em que estes colaboravam com o projeto catequético e missionário franciscano. O registro a seguir foi produzido por um leigo e publicado nos Anais da Província para testemunhar o impacto da ação missionária concretizada em diferentes momentos da vida litúrgica em Pires do Rio.

DESCIDA APOCALÍPTICA

Por Edison M. de Godoi.

Com sentimento e reverência Pires do Rio foi atendido em festividades religiosas no domingo passado – festas tão bem realizadas em uma atmosfera de piedade cristã e compostura. Os homens e mulheres jovens - "Marianos" e "Filhas de Maria" – vieram a esta cidade a partir de várias localidades vizinhas pintando, sem dúvida, um retrato vivo da febre religiosa. Para os olhos acostumados com muitos anos de nossas festas tradicionais, este fato foi um sinal da evolução moral e espiritual do nosso povo.

Era evidente – e isso dá valor ao nosso otimismo – era evidente que as multidões de fiéis que, com humildade e piedosamente assistida nas quatro missas em uma igreja com sua capacidade lotada, e que mais tarde devotamente participaram da procissão não foi composta apenas dos "Marianos" e "Filhas de Maria", mas também e principalmente, composta pelo povo, o povo da cidade, simplesmente dedicado à sua Igreja, seguindo o seu ritual sagrado, honrando com magníficos louvores a Maria, a doce Mãe da cristandade.

E a população católica de Pires do Rio pelo fervor de sua devoção (tão bem demonstrado no decoro dos encontros), demonstrou o progresso espiritual a que nos referimos. Ninguém pode negar que o aspecto dessas cerimônias era realmente diferente não muitos anos atrás – aqui como em cidades vizinhas e nas paróquias mais velhas. As atividades religiosas deixavam muito a desejar, principalmente no que diz respeito aos homens, então, para uma grande parcela dos fiéis, limitava-se a permanecer na porta da igreja, à espera do leilão começar, enquanto suas esposas oravam (rezavam) dentro. Pareceu-me que se não tivesse havido a atração do leilão e os fogos de artifício, ninguém teria respondido a chamada dos sinos.

Assim, por ocasião do Congresso Mariano, é reconfortante não o progresso espiritual de nosso povo – desse valor e significado hoje, quando o materialismo no mundo inteiro tem manifestado a sua (bankruptcy) como uma filosofia, como uma estratégia política, como uma norma de vida.

A busca das causas deste renascimento religioso que nos leva aos admiráveis Padres e Irmãs Franciscanas cujo ensinamento - "mais pelo exemplo do que pela palavra" – como Ruy teria desejado – é de um padrão para impressionar profundamente o coração de um povo.

Aqueles que vivem nesta cidade testemunham diariamente o transbordamento de sua dedicação apostólica ao abandono, correndo para ajudar com esmolas e com amor, cuidando dos doentes, enfermagem, dando-lhes conforto espiritual, não hesitando

em ajudá-los, mesmo com a mais elementar higiene corporal, como este autor tem testemunhado diversas vezes.

Por sua caridade, a alegria interior que caracteriza seu apostolado despojado, de uma humildade com que a cada dia conquista mais almas para Deus, estes são verdadeiramente religiosos da linhagem de fé. Eles são descendentes de São Francisco de Assis que, sem o rigor e austeridade dos monges do Thebald, mas com um coração cheio de amor por Deus e suas criaturas, um dia deixou de lado bens materiais, que vestido de vestes ásperas e sandálias, ele poderia ser o apóstolo da pobreza, um santo e um poeta peregrino, vagando pelas terras serenas da península italiana implorando o que poderia dar aos mendigos, pregando aos pássaros e peixes, sapos e lagartas de elevação do seu caminho para não serem pisados. É esse amor para toda a criação, transmitida aos seus seguidores, que é a fonte da alegria, saudável que dá vida ao presente trabalho desses padres. [...] (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. X, 1953, p. 96).

Ressalto aqui o mérito e a distinção atribuída ao leigo, cujo texto teve o privilégio de ser traduzido e publicado nos Anais da Província, transformado em testemunho de um ponto de vista que eleva os resultados da obra missionária. Este longo relato é revelador do quanto às ações missionárias já se impunham, sobretudo, na forma como o povo deveria participar do culto litúrgico institucionalizado. Ao converter uma festa em espaço de manifestação da fé católica, os missionários conquistam a adesão de muitos fiéis, utilizando-se das congregações já existentes para alicerçar o processo de reconversão. Na compreensão do cronista, as festas tradicionais seria a religiosidade popular das quermesses e festas de santos, enquanto que as novas práticas introduzidas pelos franciscanos seria fruto da “evolução moral e espiritual do povo”. Vê-se, notadamente, as evidências de reconversão dos rituais, com o apoio das congregações.

Em cerimônias como os Congressos Marianos, as de entronização do Sagrado Coração de Jesus ou o Sagrado Coração de Maria, as de recepção da Virgem Peregrina, as cidades do sudeste goiano eram mobilizadas para os atos de fé.

Todo o Estado de Goiás e também Goiandira participaram de uma manifestação gigantesca para receber a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, na capital do Estado. Nossos representantes foram Irmã Julita e Irmã Assumpta, que superaram muitos obstáculos para apresentar e, inclusive uma viagem de duas horas sobre as montanhas e rios, no banco de trás de um jipe, conduzido por um japonês. Depois disso, uma viagem em um avião, mas no final, elas foram capazes de assistir a todas as cerimônias em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Enquanto isso, a partir da freguesia vizinha de Catalão, foram duas dúzias de meninas da escola, acompanhadas por duas irmãs agostinianas. Esta delegação chegou na estação de trem de Goiandira, tarde da noite, na viagem de volta, no mesmo comboio, com o padre John Francis. Eles ficaram ociosos, já que eram muito numerosos para entrar no ônibus pequeno para Catalão. Eles teriam de esperar algumas horas para o ônibus para voltar para eles. Nesta extrema necessidade os franciscanos vieram para o resgate. Colocamos metade deles em nosso próprio Jick-up caminhão, e outro emprestado para levar o resto, e assim eles foram depositados em sua escola em Catalão em um instante, o irmão Gabriel e eu éramos os motoristas.

A viagem foi muito agradável, pois as meninas cantaram hinos de Fátima durante todo o caminho. Quando estávamos chegando em Catalão encontramos Fr. Ronan,

no caminhão Ford, em seu caminho para ajudar (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. X, 1953, p. 97).

Através do trabalho de leigos filiados às associações, as famílias eram chamadas a participar de todos os eventos que, na sua maioria envolviam também crianças e jovens das escolas paroquiais. Elementos da conversão e adesão à fé Católica ficam evidentes diante da quantidade de devotos que acompanham as cerimônias e participam do ofício religioso.

3.4.10 Catequese, educação e assistência social



Foto 3.4.10 – Irmãs franciscanas em Goiandira
Fonte: Álbum Centenário

Aspectos das questões sociais que atingem a população paroquial constam das preocupações do projeto missionário e catequético dos franciscanos em Goiás.

Cabe lembrar que desde meados dos anos quarenta, o próprio episcopado brasileiro já apontava, através de documentos oficiais, a preocupação constante com os problemas sociais vividos por diversas camadas, em particular os pequenos agricultores e o crescente número de pobres nas periferias das cidades. Não é mera coincidência o surgimento a partir de 1950 de diversas pastorais e associações da igreja e sociedade civil ligadas à causa social.

Os objetivos destas pastorais, além do provimento das questões materiais, tinham como pano de fundo a cristianização dos povos, especialmente a população urbana. Havia a compreensão de que a cidade seria mais permissiva e colocava as pessoas em situação de risco, não apenas social, mas, sobretudo, religioso. O contato com as vaidades e ideologias urbanas poderia provocar o distanciamento das práticas cristãs (leia-se católicas), incorrendo em pecado e desobediência ao plano de Deus na terra. Daí a insistente preocupação em corrigir as misérias materiais e espirituais.

No interior goiano, semelhantes questões foram observadas pelos missionários franciscanos, aspectos como as condições de vida e o valor atribuído pela família ao estudo e à religião foram encontrados em diversos relatos.

Alvo das ações missionárias: catequese, educação, atendimento à criança pobre e serviço social na área da saúde, através da manutenção de hospitais.

Durante muitos anos a "Maternidade Carmela Dutra", um edifício construído com fundos do governo e leigos não utilizados na orla da cidade de Pires do Rio. É um edifício com vinte e espaçosos quartos, corredores largos, e um quintal grande, mas o povo da cidade não conseguia encontrar uma equipe para isso (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XVII - s/d, p. 307).

Este extenso campo de atuação já fazia parte da abrangente obra missionária dos franciscanos não apenas nas sedes nos Estados Unidos, mas, sobretudo, nos países aonde foram abertas casas e missões, especialmente na África, na Índia e em outros países da América Latina como a Jamaica, Bolívia e o Brasil.

Há grande júbilo na cidade sobre sua palavra que você pretende construir aqui. O dia depois de sua partida, o Jornal de Anápolis tinha um artigo na primeira página - embora eu não sei de onde receberam a informação - dizendo de sua visita e de sua intenção de construir um convento e um hospital, e felicitar o povo de Anápolis sobre a sua boa fortuna (CARTA 13 – 13/06/1948).

No Brasil, o episcopado passou a dedicar-se formalmente às causas sociais, numa época em que as missões franciscanas já se encontravam instaladas, com suas ações pastorais e sociais em andamento. Julgo que parte do empenho do prelado goiano em destinar áreas físicas e envidar esforços na construção de hospitais em localidades aonde os franciscanos atuavam, traduziam estas preocupações.

As autoridades civis em Anápolis estão construindo um hospital, a cerca de 200 metros de uma das nossas instalações. As autoridades estão procurando alguém para administrar este hospital e Irmãs são aceitáveis". [...] É desejo de Fr. João, que, se as Irmãs assumirem o hospital, ele será dado a elas em uma data posterior (futuramente). Não tenho certeza, mas acho que ele fala com a experiência. O hospital está a ser preparado para entrar em operação em 1 de janeiro de 1.955. Para

levá-lo à frente entanto, você precisaria de 2 irmãs, 2 teria Enfermeiros com a aprovação das leis brasileiras. Isso significa que as duas irmãs teriam que ir a um hospital franciscano em São Paulo, Brasil. Lá elas poderiam aprender Português e se preparar para o Exame, para aprovação pelas autoridades civis brasileiras. Fr. João Francisco não parece antecipar qualquer dificuldade para as Irmãs serem aprovadas nos exames (CARTA 34 – 14/01/1954).

Esta estratégia não era uma ação isolada.

Sob o estímulo das lideranças leigas, a partir dos anos 1950, se observa uma maior abertura de bispos e padres com relação às questões sociais do país; mesmo assim, o atendimento a essas necessidades apresenta-se com frequência como forma de contraponto ao avanço dos comunistas e socialistas. Paradoxalmente, o medo ao comunismo constitui tanto um elemento de freio como de estímulo para as reformas sociais (AZZI; KLAUS, 2008, p. 352).

Embora tenha sido um fenômeno crescente no século XX, muito em função do processo de urbanização do país, que, invariavelmente concentrava os problemas de ordem social nas cidades, a proteção à infância desvalida apoiada pela igreja católica não é prática inaugurada pelos missionários estrangeiros. Azzi & Klaus (2008) afirma que desde o final do Império, em virtude do crescente número de crianças desamparadas, principalmente nos centros urbanos, o próprio poder público reivindicou a colaboração católica nesta assistência:

A fim de amparar as crianças pobre, e principalmente os filhos de escravas negras, foram fundadas diversas associações de proteção à infância. Por seu turno, desde fins do século passado, autoridades policiais analisaram a delinquência infantil não apenas como um problema criminal, mas também como educacional, solicitando a colaboração católica.

Com a finalidade específica de prevenir, quanto possível, o agravamento dessa situação, diversos institutos religiosos fundam oratórios festivos, escolas profissionais e agrícolas, oferecendo aos meninos pobres educação e instrução (AZZI; KLAUS, 2008, p. 117).

A exemplo do plano de ação pastoral de outras ordens religiosas, também as Irmãs franciscanas de Allegany, ao chegarem ao Brasil, trouxeram de outros países, a experiência do atendimento às crianças pobres e desvalidas através do amparo institucional, oferecido na forma de assistência em orfanatos ou de atividades articuladas, como distribuição de sopa no horário das aulas de catecismo, garantia da merenda escolar às crianças pobres, dentre outras medidas.

Irmã Modesta, das Irmãs de Allegany, esteve utilizando com sucesso parte dos edifícios como clínica por algum tempo, mas o uso permanente da primeira parcial foi a criação da Senhora dos Anjos, um Abrigo de Meninas Menores (Pequenas). O início do orfanato, agora em seu terceiro ano, tem proporcionado uma casa para pelo menos cinquenta crianças, embora trinta delas retornaram para as suas famílias e as suas casas de lata (ANÁIS DA PROVÍNCIA, vol. XVII - s/d, p. 307).

A respeito das ações desempenhadas pelos institutos religiosos junto às crianças desvalidas, havia uma preocupação social mesclada amparada na ação de prevenção.

Azzi & Klaus mostra que:

Seguindo a tradição de seus institutos, utilizavam métodos pedagógicos destinados a inserir as crianças nos padrões sociais preestabelecidos, mediante uma educação para a ordem, a disciplina, o respeito à autoridade, a prática moral e religiosa. Toda a ênfase da educação inspirava-se em princípios de crença cristã. Além disso, segundo estabeleciam os regulamentos dos colégios por eles dirigidos, qualquer transgressão considerada mais grave podia ser punida com a expulsão (AZZI; KLAUS, 2008, p. 127).

Em Pires do Rio, os frades, ao adequarem os espaços para as aulas catequéticas, também atentaram para questões ligadas à área social, distribuindo sopa às crianças.

Fr. Domingos também mantém os edifícios como ponto de distribuição de sopa e leite para os pobres. Irmão Gabriel Hughes planta hortaliças e dirige a cozinha da sopa. Os leigos, generosos com seu tempo, nunca poderia fazer pleno uso dos edifícios. Para cuidar do orfanato e outros trabalhos futuros com a Maternidade é um trabalho em tempo integral para pessoas experientes (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XVII - s/d, p. 306 - 308).

Sob a tutela das irmãs organizaram a obra de um orfanato, aproveitando espaços disponíveis e consorciando as atividades catequéticas com a assistência à saúde e o amparo à infância. Nessa linha de ação missionária, observa-se primeiro, o esforço de uma obra estruturada em conjunto, guiada pelos mesmos objetivos; segundo, a dinâmica de atuação dos frades franciscanos, que não se resume ao culto litúrgico. Mais do que a assistência dos sacramentos, há um envolvimento intelectual e manual com as questões relativas às carências do povo de um modo geral. O cuidado com a alimentação, a higiene e a saúde das crianças poderia ser desenvolvido em espaço próprio, para além das atividades educativas.

Finanças, é claro, será sempre um problema. As pessoas pobres não contribuem para a Igreja como o fazem em casa. Alguns dos pais são a favor da cobrança de nenhuma taxa de matrícula, mas chamando o povo para apoio escolar e irmãs e pagar professores. E vamos ter de trabalhar uma maneira de cuidar das crianças pobres - de que há muito, muito muitos - e que a pobreza é extrema. Se você tiver qualquer pensamento sobre o assunto. Gostaria apreciar muito ouvi-las (CARTA 7 - 31/10/1945).

As irmãs, de forma pragmática, utilizavam-se de recursos físicos e humanos existentes para mobilizar a comunidade local no apoio às diferentes obras; esta iniciativa se distingue em muitos registros e relatos. Sem dúvida, é forço reconhecer que os papéis de

ambos os representantes da Ordem Franciscana foram gradativamente redefinidos, moldados e ajustados ao se defrontarem com a realidade do campo missionário paroquial.

As primeiras impressões são geralmente as mais estranhas. Quando os primeiros franciscanos da Província de Nova York assumiram quatro paróquias da Arquidiocese de Goiás, eles ficaram horrorizados com a fraca vida religiosa nessas freguesias. – A recepção esparsa dos sacramentos da confissão e comunhão, a participação pequena na Missa dominical, a ignorância religiosa do povo, que era absolutamente zero na maioria das crianças. A decisão de grande alcance tomada pelo padre, Paul e seus conselheiros foi a de concentrar nossos esforços nas crianças, para abrir escolas paroquiais primárias em todas as nossas paróquias, como os frades considerando o tipo E.U. – uma escola paroquial é das mais fortes razões para a vitalidade da Igreja nos Estados Unidos (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XVII, s/d, p. 89-92).

Fiéis ao cumprimento da ação missionária com foco em diferentes áreas, em cada localidade onde foram instaladas as paróquias, os frades tinham a preocupação em organizar, imediatamente, o trabalho catequético em salas de aulas improvisadas nas sacristias e salas anexas ao convento. O embrião da escola paroquial estaria ali plantado, tendo os frades o cuidado de fornecer os materiais necessários e, em muitas situações, garantir a merenda aos alunos freqüentes.

O que havia em comum em todas as paróquias franciscanas em Goiás, era o procedimento adotado pelos frades de organizar as aulas de catecismo às crianças, aproveitando-se de espaços vinculados à sacristia ou ao convento. Quando isso não era possível, recorriam-se à alternativa de alugar algum cômodo particular próximo, em determinados casos armazém ou loja desativada, para ali instalarem as aulas catequéticas e de instrução das primeiras letras.

Seguindo este formato, poder-se-ia dizer que as escolas paroquiais, embora inspiradas no formato americano, desde a sua origem, passavam por adaptações e ajustes, conforme as circunstâncias encontradas pelos frades em cada paróquia.

Nas visitas realizadas pelos frades aos distritos, capelas rurais e fazendas, em geral, eram acompanhados por irmãos ou voluntários leigos que auxiliavam na atividade catequética junto aos fiéis, enquanto o sacerdote ministrava o ofício litúrgico e sacramental.

Mas a abrangência social e catequética não se resumia nestas estratégias. Era mais ampla e envolvia, inclusive os adolescentes e jovens. Dentre os cursos criados pelos frades, havia uma premente preocupação com a formação profissional e o preparo de meninos e meninas para o domínio de algumas artes e ofícios, conforme encontrado em alguns registros.

Foi possível constatar que a missão franciscana alicerçada na catequese, na educação e no culto resultou numa obra complexa, cujas relações, fins e objetivos se entrelaçam nas propostas, contextos e sujeitos de tal modo que torna difícil isolar um aspecto de outro para ser estudo em separado. Principalmente porque tem-se um campo ideológico religioso que fundamentam as ações e um contexto social que forjam adaptações e ajustes em todos os setores da ação missionária. Havia uma cultura recém chegada, portadora de intenções e projetos e uma cultura nativa, marcada por diferentes modos de vida, fruto das circunstâncias de colonização já enraizadas no interior goiano.

3.4.11 O combate aos inimigos da Igreja através da Catequese e da Educação



Foto 3.4.11a – Igreja Matriz e pátio da Escola Paroquial em Goiandira
Fonte: Arquivo pessoal

Ideologias e seitas religiosas poderiam dispersar o rebanho e comprometer o projeto missionário de construir uma nação católica. O tau⁵⁵ franciscano, o catecismo e a instrução primária seriam os instrumentos contra as ameaças reais e virtuais que circulavam e se manifestavam entre o povo. É nesta perspectiva que os protestantes, os espíritas, os católicos brasileiros e os disseminadores do comunismo deveriam ser combatidos.

Finalmente, muito poucos, se algum dos formados das nossas escolas paroquiais deixarem a Igreja. Eles sabem a diferença entre a Igreja Católica e as seitas protestantes ou Espiritismo, a terrível maldição da América Latina. Nos Estados Unidos, os pais são os que geralmente guiam e inspiram as crianças. Aqui, ao contrário, muitas vezes as crianças provincianamente educadas são as que instruem seus pais nos seus deveres religiosos e levá-los aos sacramentos. Às vezes, é profundamente comovente presenciar os esforços de um ou de outro estudante para preservar a sua fé católica contra a insistência de um pai que é um maçom, ou de uma mãe que tenha ingressado em uma seita protestante (ANAIIS DA PROVÍNCIA, s/d, vol. XVII, p. 92).

No trabalho pastoral católico orientado no sentido de sacralizar o país, uma das linhas de ação seria o combate às ideologias comunistas e o avanço da religião protestante. As missões, no dizer de Azzi & Klaus (2008), constituíram em brigadas que, através do projeto missionário, atuaram no combate aos inimigos da Igreja e contribuíram para a construção de uma nação cristã católica, harmônica e socialmente equilibrada. Em Goiás o período em estudo é marcado por semelhantes ameaças. A tríade de possíveis inimigos era, notadamente, a ideologia comunista, as seitas protestantes, espíritas e a igreja católica brasileira.

O grande medo, e até mesmo o pavor da Igreja nesse período, é o comunismo. À medida que se reforça a idéia da instituição eclesiástica colocada numa ordem superior e espiritual, o comunismo é apresentado como a grande revolução do ateísmo materialista, desestabilizando toda a ordem social vigente no mundo (AZZI; KLAUS, 2008, p. 186).

As idéias de inspiração socialista estavam disseminadas em praticamente todas as regiões do estado. O risco da hegemonia capitalista, social e econômica, cujas bases fortaleciam o projeto desenvolvimentista do estado liberal, deveria ser evitado. As pregações públicas, as instruções catequéticas e o projeto de evangelização franciscana eram insistentes nas advertências ao povo sobre a sedução das idéias comunistas, tão perigosas quanto às seitas religiosas.

Se o liberalismo e o protestantismo contribuía para a desagregação da unidade religiosa da pátria, e, por conseguinte, para a sua debilidade, mais perigosos ainda se afiguravam os comunistas, que, segundo o pensamento católico, tinham como meta básica a subversão da ordem social (AZZI; KALUS, 2008, p.186).

⁵⁵ Tau é a cruz usada pelos franciscanos.

Esse fenômeno de combate às ideologias é algo que se instaura de forma mais expressiva no século XX, em particular no período posterior à revolução russa, a partir do recrudescimento das relações entre Igreja e Estado, tendo como alvo principal as idéias socialistas.

Azzi & Klaus (2008, p. 186), esclarece que:

Em razão da violenta restrição ao culto católico, com o fechamento das igrejas e prisão e morte de sacerdotes, o comunismo passou a ser visto como a própria afirmação dos poderes infernais. Os comunistas passaram a ser acusados de perverter a família e promover a degradação moral, de incentivar o roubo e a violência contra a propriedade, de educar a juventude no ódio contra a religião e contra Deus; assim sendo, combater o comunismo era impedir a anarquia social e o caos moral. Em outras palavras, o combate ao comunismo era uma obrigação para os filhos de Deus, a fim de impedir o restabelecimento do reino e do pecado.

O foco do chamado protestantismo⁵⁶ se concentrava na cidade de Anápolis devido à presença de americanos que ali fundaram várias igrejas e obras sociais. Contudo, essa presença se estende pelas demais paróquias dirigidas pelos franciscanos. Nos registros encontramos diversas referências sobre os protestantes em Pires do Rio, Catalão, Goiandira, em Brasília e também em Cristalândia, uma nova prelazia criada e entregue aos franciscanos na década de 1960. Um dado curioso a respeito da presença de seitas denominadas como protestantes em Goiás pode ser encontrado no registro a seguir.

Portanto, como os franciscanos continuam a expandir em Goiás, como eles aceitam novas paróquias e tentam trazer o ensino religioso para o povo da Prelazia de Cristalândia, uma nova escola paroquial é uma parte integrante do seu apostolado paroquial. Nos últimos anos, novas escolas paroquiais foram abertas em Porangatu e Cristalândia. Este ano, o Bispo James Schuck, abriu uma em Araguacema, a nossa freguesia mais ao norte, onde quackers americanos tiveram uma liquidação de alguns anos (ANAIS DA PROVÍNCIA, s/d, vol. XVII, p. 92).

Ao buscar alguma referência sobre o que seriam esses Quackers Americanos, localizamos uma pequena nota na obra *Religião e Democracia Norte-Americana*, (NICHOLS, 1963), alusiva a esse movimento como:

[...] um grupo de Novos Crentes originários da Inglaterra, século XVII, – A Sociedade dos Amigos, chamados Quackers – que adquiriram grande poder espiritual e econômico. Formavam uma sociedade religiosa democrática sem padres, na qual todos partilharam da orientação de Deus – revelada a eles pela Luz Interior e guiada pela consciência – e empenhavam-se a viver de acordo com uma lei de amor (NICHOLS, 1963, p. 19).

⁵⁶ O termo protestantismo era utilizado de modo genérico tanto pelos prelados goianos quanto pelos franciscanos para designar as ‘seitas’ de orientação evangélica e protestante, embora aqui pudessem ser encontradas diferentes denominações: luteranos, presbiterianos, batistas, evangélicos, dentre outros.

Em Freyre (1959), encontramos também uma referência sobre este mesmo movimento. Ao comparar os métodos catequéticos de algumas ordens religiosas em contraposição a algumas seitas protestantes, faz a seguinte ressalva: “– digo de algumas, porque entre os Protestantes têm havido *Quakers*, dos quais se pode sem exagero dizer que são quase franciscanos a paisana” (p. 162). Observa-se que a compreensão de Freyre sobre os Quackers protestantes americanos é oposta às considerações registradas pelos franciscanos em Goiás.

Não seria mera coincidência a instalação destes grupos em Goiás. Principalmente a partir da construção de Brasília, no Planalto Central, ocorreu um atrativo de grupos místicos para essa região, movimento que ainda se verifica até a atualidade.

Como se vê, havia muito a ser feito pelas mãos dos missionários franciscanos. Após a fase de superação de um catolicismo ingênuo da população goiana, outras ameaças se faziam presentes, de modo que a ação evangelizadora deveria ser consolidada e expandida. Essa dinâmica de manutenção da ordem religiosa e social constituía no duplo desafio da obra missionária franciscana no combate às ameaças da fé cristã católica.

O espiritismo⁵⁷ outra ameaça, juntamente com a igreja católica brasileira⁵⁸, tinham suas bases em Goiás instaladas na cidade de Goiandira. Ambos os movimentos mantinham estreitos vínculos com o triângulo mineiro, em cidades como Araguari, Uberlândia e Uberaba, que funcionavam como pólo irradiador das idéias e orientações tanto dos espíritas quanto da igreja católica brasileira.

Um artigo publicado nos Anais da Província nos dá a dimensão dos conflitos e embates travados no campo ideológico e religioso na região e, ao mesmo tempo sinaliza o alcance da presença e da obra missionária franciscana.

Vitória em Goiandira - Por Antonio Salles.

Antonio Salles é professor em Catalão. Seu artigo, uma publicação de lá, foi traduzida pelo padre Fr. John B. Vogel.

Goiandira, uma pequena cidade na região central do Brasil, estava sem a assistência permanente de sacerdotes, por muitos, muitos anos. Naturalmente, então, este local pouco agradável com o seu povo bom e simples ficou à mercê das forças que a guerra contra o reino de Cristo. Comunismo floresceu de forma alarmante. Espiritismo e protestantismo, juntamente com outras seitas e heresias, deixaram marcas profundas neste cantinho de terra no interior do Brasil. Mas Deus é um bom pai e mandou aqui há alguns anos, os padres franciscanos suave e apostólica. Os filhos de São Francisco construíram uma escola primária, uma escola, e trouxeram

⁵⁷ Também neste caso, o espiritismo é tratado de forma generalizada, embora a maior influência seja os de inspiração Kardecista de Uberaba-MG.

⁵⁸ Proveniente de bispos dissidentes, particularmente os bispos Salomão Ferraz e Duarte da Costa, ex-bispo de Maura, segundo Azzi, 2008, p. 611-619, ainda é carente de estudos específicos.

as irmãs, consertou a Igreja e, com as mãos no arado sem olhar para trás, eles trabalharam a sério. No começo, poucas pessoas deram ouvidos ao apelo do Cristo Eucarístico, ora residindo em seu meio. O número de pessoas na missa era pequeno, e ainda menor, o número no altar.

A Mudança (A Conversão)

Os anos passaram [...] anos de trabalho e inúmeras dificuldades. Até hoje, ainda há muito a ser feito (mas onde no mundo não há "muito a ser feito"?). Há ainda os obstinados que continuam surdos a graça, ainda existem muitos cuja cegueira não foi curada e quem se opõem sistematicamente a todos os esforços para a religião. Mas olha! Funda a Providência em Goiandira um modesto Praesidium da Legião de Maria, o Praesidium "Rainha dos Apóstolos". Éramos doze no início: tímidos, quietos, um pouco temerosos, e continuaram assim por muitos encontros. Mas um belo dia o estado de coisas mudou. O tímido tornou-se ardente; os mais quietos, os arautos das verdades divinas e das glórias de Maria, tornaram-se os temíveis "Legionários" – um título, sinônimo de destemor. O que aconteceu? Só que Maria assistiu sobre nós agora como ainda nos primeiros dias e fez-se e continua a fazer-se de nossas falhas.

Conflito

Um único fato – que nós vamos passar a dizer – serve para ilustrar as maravilhas da graça que vêm para o local onde há Legionários bons. Em Nova Aurora, uma cidade próxima a Goiandira, servida pelos frades daquela freguesia, uma mulher foi escolhida para dirigir as festividades em preparação para a festa de São Sebastião: a mulher era Espírita. O pároco, Padre Celso Hayes, recusou-se a sua aprovação. Ele não poderia ter feito de outra forma, a lei da Igreja é mais do que clara sobre o assunto.

Mas, em vez de se conformar com a decisão do pároco, como bons católicos e humildes, os insubordinados deram oposição – e muito mais! Com o conselho de uma das autoridades locais, eles enviaram de um estado vizinho um sacerdote apóstata da "Igreja Livre brasileira". Este sacerdote conseguiu unir-se quase toda a população da cidade, e a respiração revolta e ódio, quebrou na capela e ali celebrou "Missa". Ainda mais, ele enviou para o bispo - que por ironia ou incoerência ou falta de percepção por parte dos seguidores da Igreja "livre brasileira" – não é um brasileiro, mas um apóstata venezuelano. O bispo enviou um apelo por escrito ao juiz que havia fechado a capela violada, solicitando que fosse reaberta - para servir como palco para suas performances e sacrilégio. Sofisma, ele alegou que a capela não pertence à Igreja Católica, uma vez que tinha sido dada ao "o Mártir, São Sebastião, como é declarado na escritura. Mas a justiça viu claramente através do sofisma e confirmou o direito da Igreja de propriedade e capela. O pobre pseudobispo não se conteve e, lembrando as vitórias de anos passados em Goiandira, empertigou-se em majestade quixotesca e declarou que iria celebrar uma missa de Campo no coração de Goiandira!

Contador – Ação

Foi neste ponto que os Legionários entraram em ação. De casa em casa, eles foram em pares, visitando, explicando os fatos do caso e instruindo as pessoas em seu dever de evitar a heresia. Alguns trabalharam tanto quanto nove horas. Depois, com o coração aos pés de Maria, aguardava o desdobramento dos eventos. O dia anunciado para a missa chegou, a hora marcada era 10:00 horas. O bispo infeliz com seu padre se instalou sobre a propriedade pertencente a um bom católico e não esperou por incautos a ser "tomadas" pelas aparências, como tinha sido habitual no passado. Qual foi sua surpresa quando o proprietário do terreno apareceu em cena – furioso – e deu aos dois apenas 15 minutos para retirar-se com os seus acessórios. E não havia ninguém para defendê-los, com exceção de meia dúzia de teimosos. Nem uma alma viva veio a assistir a esta profanação da Missa. Até as crianças na rua

zombavam dos dois, que tomaram-se muito longe do local. Finalmente, em uma pista estreita, pararam, e depois de comprar o vinho branco em uma loja próxima, eles passaram por sua imitação da Santa Missa. Nossa Senhora tinha uma vitória – uma grande vitória – através de seus bons Legionários em Goiandira (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XI, n. 4, Outubro, 1954, p. 252-254).

As ações de combate à igreja brasileira alcançaram o nível da mobilização pessoal junto às famílias da cidade, com o apoio e atuação dos leigos (Congregados Marianos), no sentido de reorientar as práticas religiosas em favor da Igreja Católica Apostólica Romana e acusar a ‘farsa’ representada pela igreja católica brasileira.

Algo interessante a destacar neste embate é que, devido ao caráter dissidente, a igreja católica brasileira utilizava de rituais e do cerimonial do culto litúrgico, servindo-se de elementos simbólicos análogos aos da igreja católica romana. O culto aos santos, as vestimentas, a organização do templo, dentre outros aspectos eram semelhantes. Assim, aos olhos da população menos engajada não haveria grande diferença entre um e outro ritual – aparentemente, tudo seria “igreja católica”. Essa disputa entre ícones tão próximos tanto na forma quanto na nomenclatura constituiria em terreno fértil para que os protestantes lograssem êxito na conquista de novos fiéis.

A partir de Goiandira, seguindo pelas cidades por onde passava a estrada de ferro serviriam como entrepostos ideológicos para a disseminação das seitas. Justamente neste percurso os franciscanos atuaram no sentido de combater os inimigos e fortalecer as bases do catolicismo apostólico romano.

A inscrição da escola paroquial, ensino fundamental, realmente disparou este ano. Foram matriculadas 488 crianças, e tivemos de recusar mais de cem por falta de instalações. Ganhamos muitas crianças não só da escola pública local, mas também da escola dirigida pelos protestantes. A razão para esta última foi que o diretor dessa escola protestante se aliou ao Partido Comunista nas eleições estaduais deste ano. Como resultado, muitos pais levaram os filhos para longe de sua escola (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. VI, n. 1, julho 1947, p. 159-160).

Conforme afirmado em diferentes documentos e relatos, dentre os inimigos a serem veementemente combatidos estavam os protestantes. Por sinal, desde o pedido inicial do Bispo Dom Emmanuel para que os missionários americanos se fizessem presentes em solo goiano, sustentava o argumento de que protestantes americanos disseminavam sua doutrina em Goiás e isso exigia uma ação contrária de combate.

Para Azzi & Klaus (2008, p. 154-154):

Três eram as razões principais que impulsionavam a orientação católica. O princípio fundamental era a consideração da crença protestante como uma heresia. Tratava-se, portanto, de uma doutrina reprovada pela Igreja, sendo seus adeptos destinados à condenação eterna. Como segunda razão estava a maior abertura protestante para a

educação sexual, a valorização da mulher e a democracia liberal, aspectos esses combatidos pela instituição católica como contrários à doutrina de Cristo. Finalmente, os protestantes eram acusados de defender a hegemonia pró-norte-americana no país, contrariando os interesses brasileiros.

O incentivo à educação católica como também as advertências às famílias sobre o perigo de manter seus filhos em escolas protestantes eram divulgadas e formalmente difundidas pela Igreja através de documentos oficiais dos bispos, conforme relata Azzi & Klaus (2008). Neste sentido, a primeira metade do século XX foi pródiga na difusão da fé através das escolas católicas que, dentre outras finalidades, tinham o propósito de frear a disseminação da doutrina protestante.

[...] a presença das denominações protestantes constituíram um forte freio às pretensões católicas de implantação de uma neocristandade, impedindo, dessa forma, uma retomada da união entre Igreja e Estado. Auxiliou também a população brasileira a ser mais sensível ao pluralismo religioso, bem como proporcionou mais abertura para as reformas educacionais, com ênfase na participação democrática e na modernização científica do ensino (AZZI; KLAUS, 2008, p. 285).

Quanto à orientação dada pela educação católica, através de diferentes ordens religiosas, pelas palavras de Azzi & Klaus (2008) é possível concluir que foi diversificada e moldada conforme a clientela a qual se destinava em diversos lugares e camadas sociais. Assim, desde a educação da elite, passando pelo fortalecimento da classe média e alcançando as várias camadas populares urbanas e rurais, as escolas católicas sempre serviram ao seu intento de formar, instruir e evangelizar, no sentido de assegurar a coesão religiosa e a ordem social.

Por fim, destaco alguns aspectos a serem considerados nas análises conclusivas, a respeito destes processos e percursos. O êxito da obra missionária franciscana estaria de fato na expansão do catolicismo institucionalizado no solo goiano? As ameaças e os inimigos a serem combatidos, tinham realmente e peso e a projeção equivalente à ação deflagrada pela Igreja no que se refere às ideologias (idéias comunistas) e seitas (protestantes e espíritas)? O incremento da catequese e da educação nas Escolas Paroquiais Franciscanas não teria outras motivações? O contexto no qual o projeto missionário foi estabelecido conservaria algumas singularidades manifestas por conflitos e resistências?



Foto 3.4.11b – Frades e irmãs em missão
Fonte: Museu Ferroviário de Pires do Rio

CAPÍTULO IV

EDUCAÇÃO FRANCISCANA: VÁRIAS DIREÇÕES E UM MESMO PROPÓSITO

A composição do projeto missionário incluía um eficaz investimento na Catequese, esta compreendida tanto nas cercanias da paróquia e do convento, como também nas escolas públicas e privadas; a organização da instrução formal, a oferta de cursos práticos, a definição de uma rotina diária e semanal para o culto litúrgico, o conhecimento da realidade local e regional. São várias as faces da complexa obra educacional franciscana em Goiás.

Todos os problemas em Goiás parecem ser fundamentais. Por exemplo, o problema dos pais geralmente não é o de escolher entre várias escolas, mas de encontrar uma escola, qualquer escola, e em seguida, tentar espremer suas crianças nas salas de aulas superlotadas. Por causa do clima quente, não há muito o esforço (exigência) na roupa para crianças pequenas.

Um agricultor, depois de matricular seus filhos em nossa escola paroquial, perguntou ao Frei Celso Francis Hayes: “Agora, como uniforme você procura (exige) uma roupa especial”?

Frei Celso respondeu: “Não, não exigimos um uniforme, mas as crianças devem ser preparadas cuidadosamente. Os meninos devem ter uma camisa limpa e calças, e as meninas um vestido limpo, e todos devem ter os sapatos”.

"Sapatos", gritou o fazendeiro, "Padre, vivemos a uma milha da cidade e as crianças terão de andar para a escola todos os dias. Pense em todos os sapatos que vai usar em um ano. Eu não poderia pagá-los".

Então, naturalmente Padre Celso disse: "Ok, ok, enviar seus filhos à escola todos os dias, e nós não vamos olhar para os sapatos" (ANAIS DA PROVÍNCIA, Vol. VI, n. 1, julho 1947, p. 159 a 161).

Idealizada numa ação conjunta em que a evangelização lograva êxito da catequese e da educação formal, ao analisarmos a forma como a escola paroquial era iniciada pelos franciscanos, podemos afirmar que não apenas pela proximidade espacial igreja-convento-escola, mas, sobretudo, por aglutinar os mesmos propósitos, o altar (representativo do culto litúrgico e da catequese) e a sala de aula (para o catecismo e a instrução primária) caminhavam juntos e desempenhavam papéis complementares na obra missionária franciscana.

Os registros são ricos em detalhes a respeito do duplo empenho dos Frades ao assumirem as paróquias em Goiás. Ao se instalarem, de imediato, preparavam uma estrutura, ainda que improvisada, junto à igreja ou nas proximidades do convento, cujo espaço se destinaria às aulas de catecismo. Ali seria instituído o processo de catequese e, ao mesmo tempo, teria início o embrião da futura escola paroquial.

Dentro de um mês vai começar a construção no novo convento em Goiandira – é o que eles precisam; em Goiandira a escola paroquial está abrindo agora, em um pequeno espaço de armazém. Em Catalão nós compramos uma escola já construída (não muito agradável!). Mas garante a abertura de todas as quatro classes. Em Goiânia ainda estamos procurando para alugar um pequeno armazém para começar com o primeiro ano primário deste ano, e nosso plano é construir uma escola lá, a começar em breve. - Então, nossos problemas são múltiplos. Tem certeza que você não pode aconchegar 25 ou 30 irmãs a mais a bordo do Wideawake?? (CARTA 19 - 03/02/1949).

Ao esboçar o resumo de todas as obras em andamento, das dimensões de tudo o que há por fazer e organizar no campo missionário, os Frades utilizam argumentos para sutilmente reclamarem o envio de um número maior de irmãs para o Brasil.

A instrução primária, principalmente, era requerida porque na maioria dos casos, o contingente de alunos das aulas catequéticas também necessitava da alfabetização e da instrução formal, o que para muitos significava algo inacessível à época. Essa seria, por assim dizer, uma das frentes de atuação dos franciscanos no plano catequético e educacional: instruir para catequizar.

Todos assediam os padres, ao mesmo tempo de todos os ângulos, todos fazendo mil e uma perguntas ao mesmo tempo: "Padres, onde está minha sala de aula? Quem é meu professor? Em que tempo a escola vai começar? Que livros que eu tenho que comprar? Padre, meus filhos não podem vir até a próxima semana. Haverá ainda espaço para eles? [...]" (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. VI, n. 1, julho 1947, p. 160).

Mas a ação educativa não se restringia à instrução primária. Diante das demandas de diferentes classes sociais, a presença dos Frades e Irmãs era solicitada no sentido de ofertar outros níveis de ensino, principalmente o secundário e o normal. Os filhos dos católicos pertencentes às camadas melhor situadas econômica e socialmente, também requeriam a atenção dos franciscanos na demanda por níveis mais elevados do ensino formal.

A escola em Pires do Rio é a primeira fundação das Irmãs Allegany no Brasil. Mas centenas de pessoas estão esperando para que em breve venham outras – especialmente as pessoas que usam hábito marrom e cordões brancos. Há necessidade de uma escola (secundária) católica em Pires, por exemplo. Os nossos alunos da escola paroquial, a menos que seus pais possam enviá-los para algum colégio interno católico, será forçado a fazer uma escolha satisfatória entre duas alternativas indesejáveis: terminar a sua formação no final do quarto ano (o que, teoricamente, é equivalente ao sexto ano nos Estados Unidos), ou se inscrever na escola alta (secundária / avançada) na cidade, que é uma criação protestante. A propriedade para a escola secundária católica já foi doada pela cidade (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 385 a 390).

Observa-se que desde o início o investimento em educação é estimulado com o incentivo do poder público. Na ausência de um curso secundário e superior, de reconhecida orientação católica, os Frades têm a promessa de doação de uma propriedade para esse fim. Fica implícita neste procedimento a proximidade de autoridades locais com os missionários

franciscanos, o que se tornaria favorável e benéfico aos planos de expansão do projeto missionário.

O evidente interesse das camadas médias em assegurar que seus filhos pudessem prosseguir nos estudos após o curso primário, sendo orientados pelos frades era uma demanda que se fazia presente. Ao mesmo tempo, diante da oferta de curso secundário em escolas protestantes, os missionários americanos viam-se na obrigação de expandir os níveis de ensino ofertados como forma de preservar o seu rebanho de fiéis sob a tutela da instrução católica. Por isso, a constante preocupação em prover a estrutura paroquial das condições básicas de recursos humanos e financeiros para se instalar diferentes cursos. As frentes são muitas e o número limitado de religiosos dificulta o atendimento de todas as demandas, conforme a urgência em que se apresentam.

Em 1948, fr. John Francis abriu a Escola Livre São Vicente de Paulo em uma garagem, ao lado da Casa Paroquial, "onde as crianças receberam gratuitamente livros, uniformes e até um pequeno almoço. A Escola São Vicente foi uma tentativa de alcançar as crianças pobres que não iam à escola. Para trazer o nosso programa de catequese para todas as crianças na cidade, Fr. João Francisco decidiu que seria melhor ter nossa própria escola, em que se poderia elaborar um programa mais completo do catecismo, e depois utilizar o programa para as escolas públicas primárias, e várias escolas particulares. Fr. Dominic Foley, Fr. Ronan Giehl e padre. Gerald McCann ajudou no trabalho do programa. Vários dos leigos, em Catalão, nos deram valiosas sugestões em prática a ampliação do programa, entre eles o Sr. e a Sra. Borges e Sra. Vaz, o diretor atual da escola paroquial (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 42).

Ao mesmo tempo, outras demandas no campo social também se faziam presentes: alfabetização de adultos trabalhadores e cursos direcionados para habilidades manuais, tendo em vista o futuro preparo profissional das camadas baixas. Daí o empenho em formar turmas para cursos voltados para as artes e ofícios, abrindo novas possibilidades de instrução.

Além [...] da nossa escola paroquial, o padre Celso começou uma escola primária à noite para jovens rapazes que trabalham durante o dia, para aprender a ler, escrever, como condição para aprender a religião. Cerca de 35 jovens estão matriculados nesta escola. A maioria destes jovens nunca foram alfabetizados, nem receberam a Confissão e da Comunhão. A importância desta escola dos trabalhadores é vista também pelo fato de colocar esses jovens trabalhadores longe das mãos estendidas dos comunistas, que estão constantemente a fundar escolas de trabalhadores, a fim de difundir suas idéias comunistas. Padre Celso, ele mesmo é o ensino da leitura, da escrita e da religião para estes jovens trabalhadores. Como resultado de seus esforços, estes jovens estão começando a ir à missa dominical e receber os sacramentos da Confissão e da Comunhão. Não seria o direito de omitir dizendo que as Irmãs em Pires do Rio também iniciou uma escola noturna primária para homens e mulheres jovens, e que eles têm três grandes classes de noite. Assim, de 7:30 da manhã até 9 horas da noite, a escola é apenas uma colméia de atividades escolares como o nosso (ANAIS DA PROVÍNCIA, Vol. VI, n. 1, julho 1947, p. 159 a 161).

Observa-se nestes registros a presença de diferentes ações educativas e catequéticas, todas apontando para um mesmo fim: evangelizar e combater, na raiz, qualquer possibilidade de proliferação dos inimigos da Igreja em Goiás: a religião protestante e a ideologia comunista. Alfabetizar e qualificar a mão de obra, criar condições para que as crianças, adolescentes, jovens e adultos tivessem acesso aos diferentes níveis de instrução, seriam estratégias utilizadas no plano missionário rumo à difusão da fé Católica.

Os padres franciscanos dizem que sem as escolas paroquiais, os seus esforços seriam quase inúteis, sem os filhos, eles não poderiam impressionar os pais; Pires do Rio impulsionou a primeira *Escola Paroquial*, em 1947, quando haviam quatro irmãs, duas a cada mês viajavam para Anápolis para organizar a escola Santa Ana. Quando a pequena comunidade de Irmãs foi aumentando em 1948, foi possível tomar a carga da Escola Santa Ana e também abrir a Santo Antonio. Esta última escola tem uma matrícula de 1.281 (ÁLBUM DO CENTENÁRIO, Nova York, 1959, p. 49).

A propósito desta dupla finalidade da ação educativa, desempenhada pela Igreja, Azzi & Klaus, lembra que:

[...] ao selecionar e enfatizar a importância de determinadas profissões para a mulher, as orientações católicas procuraram vincular sempre o preparo técnico a uma perspectiva religiosa, ressaltando ao mesmo tempo a conotação feminina inerente a essas atividades. Por conseguinte, a profissionalização da mulher, admitida e promovida pela Igreja, regulava-se por três critérios fundamentais: em primeiro lugar, as profissões aceitas eram aquelas que eram condizentes com a condição feminina, caracterizada, na perspectiva católica, pelo espírito de sacrifício e doação. Outra dimensão importante era uma vinculação expressiva com o apostolado; mais do que uma ocupação econômica, o trabalho feminino devia incluir a dimensão missionária de conquista e fortalecimento da fé. Essa atuação da mulher no mundo do trabalho devia, por um lado, ocupar um lugar secundário, sem jamais competir com o domínio masculino, mas por outro devia também constituir uma ponta-de-lança da presença católica no âmbito profissional (AZZI; KLAUS, 2003, p. 140).

Um problema enfrentado pelos frades desde o começo era a dificuldade em definir as matrículas e inscrições de alunos nos diferentes níveis de instrução adequando-os à idade e série. Para isso, contavam com a experiência das irmãs franciscanas para fazerem estes ajustes, tão logo assumiram a obra missionária.

Mas em alguns dias as Irmãs colocarão a nossa escola em perfeita ordem – com cada criança em seu grau próprio e cada professor sabendo o que se deve fazer. Quando tudo foi ampliado, nós encontramos terceiro e quarto graus, principalmente as moças; um grande terceiro grau, todos os meninos, duas grandes classes de segundo, três imensas séries iniciais e duas classes especiais para as crianças mais velhas nos graus mais baixos. A idéia é a de prepará-los o mais rapidamente possível para os graus mais elevados e para dar a essas meninas mais velhas um bom curso de tricô, costura, etc., e para dar aos meninos um curso de carpintaria (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. VI, n.1, julho 1947, p. 159 a 161).

As várias frentes educacionais coexistem e se organizam simultaneamente, tendo os frades e as irmãs como orientadores dos cursos e atividades. Seria quase dispensável acrescentar que, devido o reduzido número de religiosos em cada paróquia, a condução dos trabalhos dependia da presença e colaboração de professores e profissionais leigos no andamento e execução de todos os cursos, na mobilização de alunos e suas respectivas famílias.

Na nossa escola paroquial este ano temos nove classes: quatro da manhã e cinco da tarde. O grande problema na escola primária é o grande número de crianças no primeiro ano. Temos três turmas de primeiro ano com cerca de 70 crianças em cada classe. A razão para isto é que normalmente é impossível para os agricultores para enviar seus filhos à escola, [...] por causa da distância e da dificuldade em viajar. Assim, muitos agricultores trabalham suas fazendas para um número de anos, enquanto seus filhos estão crescendo. Então, quando eles têm algum dinheiro, vêm para a cidade ou alugam uma casa e colocam todas as crianças em idade escolar na escola. E, claro, todos eles tem que começar na primeira série (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. VI, n. 1, julho 1947, p. 159 a 161).

4.1 As aulas de Catecismo nas escolas paróquias, públicas e privadas

Chamo de salas catequéticas as aulas organizadas para jovens e adultos com o fim específico de introduzir os fundamentos da religião, em geral, destinadas àqueles residentes em localidades mais distantes da sede paroquial – distritos e fazendas –, que não tinham nenhum preparo formal para serem inseridos como fiéis católicos e praticantes. Normalmente serviam para regularizar a situação de adultos em relação aos sacramentos e ao preparo de jovens em idade de casamento. Consistiam em cursos de curta duração composto pelos principais princípios da catequese católica: mandamentos, sacramentos e participação no culto litúrgico, a missa.

Para os mais velhos talvez seja a única escola de alguns anos, e então é hora de eles começarem a ganhar a vida ou se casar. Um par de anos na escola não é muito, mas é o suficiente para prepará-los para a sua primeira confissão e comunhão. Esta preparação e este curso de curta distância na fé católica e na prática é algo que não teria recebido se tivessem permanecido na fazenda ou rancho. Isso traz à tona a importância da escola paroquial. Todos nós olhamos para a escola paroquial como o instrumento mais eficaz na construção de uma comunidade católica de verdade, uma comunidade que está bem instruída, pelo menos, nos fundamentos da fé e que se dedica à missa e todos os sacramentos e não apenas para o Batismo, Crisma e Matrimônio (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. VI, n. 1, julho 1947, p. 159 a 161).

Para as crianças e adolescentes, principalmente aos que tinham acesso às cidades sedes e às vilas, onde dispunham das condições mínimas para instalarem aulas de catecismo regularmente, os cursos eram oferecidos em longa duração, com a finalidade de

preparar as crianças nos fundamentos da fé católica. Eram cursos distintos, organizados em espaços e horários exclusivos para a catequese das crianças.

O cumprimento dos nossos esforços para abrir nossa própria escola fundamental e média, e para ensinar o catecismo nas escolas públicas primárias, tem sido uma luta difícil. No início, em 1947, fr. John Francis Granaham e o Ir. Bernard Trainor começaram com o programa catequético público. Naquele ano, um dos diretores das escolas secundárias públicas não era cooperativo (receptivo), mas no ano seguinte, os frades foram melhor recebidos, e todo o programa começou a ser seguido (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 42).

Observa-se que o programa de catequese incluía diversas frentes de trabalho. Além das aulas de catecismo organizadas na própria estrutura paroquial, os cursos rápidos para preparação de jovens e adultos, o ensino religioso ministrado na escola paroquial, havia também a preocupação em sistematizar o ensino religioso nas escolas públicas e privadas da cidade, sob o empenho dos frades e irmãos franciscanos. Ao lado da instrução primária, aos poucos uma estrutura mínima foi organizada e ampliada para atender às diferentes atividades.

Nós obtivemos uma escola maior do Sr. Wilson Barbosa, em 1949, e tendo a disposição de mais lápis e papel, iniciou o ano letivo em março desse ano, com 150 crianças. A Escola São Vicente tiveram os alunos da tarde, o "Externato Imaculada Conceição" teve aula de manhã, em que as crianças eram mantidas com contribuições (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 42).

Uma vez colocado em andamento o programa catequético, outras necessidades precisavam ser atendidas. A falta de material de apoio tanto para os alunos quanto para os professores era um problema enfrentado nos primeiros tempos.

Um dos melhores catecismos nos Estados Unidos é o do padre. Felix Kirsh, OFM. Cap. E Irmã M. Brendan, IHM. Trabalhar na tradução tem sido lento, mas temos que terminar o volume, primeiro para o professor. Esperamos ter a edição em Português pronta para março de 1953. Fr. Marcellus McCartney estava conosco em 1950, e explicou o direito canônico, sobre a publicação de livros religiosos. (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 50).

Se for considerado o período compreendido entre a chegada dos Frades (1944) e das Irmãs (1946) e a época em que ocorre esse empenho na tradução de catecismo e as instruções para a publicação de livros religiosos (1950 e 1953), seria possível indicar as condições precárias de acesso aos materiais e artigos religiosos. Isso provavelmente limitava, sobremaneira, o trabalho catequético executado pelos religiosos e leigos nas diversas paróquias.

Temos missa das crianças na Escola Primária às 7:30, aos domingos, na igreja paroquial. Este ano, tivemos de mandar as meninas da escola primária e secundária para as Irmãs, na capela, para a Missa dominical. A capela é grande, mas mantém as crianças da escola primária suas meninas, a escola das meninas maiores e também os meninos de nossa escola (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 50).



Foto 4.1 – Irmã Yolanda de Mendonça Vaz em aula de catecismo
Fonte: Anais da Província

A exigência para que os alunos de diferentes níveis e os catecúmenos participassem regularmente da missa e dos sacramentos, acompanhassem os rituais litúrgicos, dentre outras práticas seria uma demonstração de que a catequese deveria ser vivenciada para melhor ser internalizada e transmitida às famílias e aos adultos. O impacto social se tornaria visível aos olhos da sociedade local, na medida em que as rotinas foram se estabelecendo e aglutinando fies nestas participações.

Uma curiosidade sobre os horários da missa dominical foi dada por um ex-aluno do Colégio Siena e mostra aspectos que ficaram no imaginário da cidade. Segundo o aluno, no domingo haviam missas matutinas nos seguintes horários: 6:00h, 7:00h, 8:00 e 9:00h. A missa das 7:00h era destinada aos estudantes de todas as escolas da cidade. Já no horário das 9:00h era caracterizada pela participação de pessoas dotada de um elevado poder aquisitivo da cidade e da zona rural: empresários, comerciantes, fazendeiros, empreiteiros. A ida à missa teria se transformado num balcão de negócios. O encontro na Igreja servia para propor e realizar diversos negócios.

4.2 A Escola Primária – do imprevisto à institucionalização

Convém ressaltar que a instrução primária juntamente com as aulas de catecismo, foi planejada e organizada desde o início nas paróquias e localidade de atendimento dos franciscanos, mesmo que em espaços provisórios, cedidos ou alugados nas imediações da capela ou do convento. Urgências semelhantes também eram tomadas em relação à divulgação do programa catequético junto às escolas públicas e privadas. Assim, dificilmente se conseguiria isolar as ações destinadas à instalação das Escolas Paroquiais do projeto de evangelização e catequese.

Os colégios católicos dirigidos por religiosas desempenharam nessa época papel relevante na educação de meninas e moças dentro de padrões puritanos de conduta, correspondendo assim aos propósitos do episcopado de frear o quanto possível as novas formas de expressão feminina. Em grande parte, as religiosas transmitiam às alunas a formação que elas próprias haviam recebido. A educação ministrada pelas freiras tinha como finalidade específica preparar a mulher para os cuidados do lar, e, ao mesmo tempo, atrair as jovens para a vida conventual (AZZI; KLAUS, 2008, p. 138).

Vê-se que também na escola primária, concomitante à instrução formal, a catequese se fazia presente nas rotinas e rituais vivenciados pelas crianças.

Com a ajuda de sete jovens mulheres da cidade, egressas da escola normal, as Irmãs estão trazendo a educação e a religião, para uma multidão de jovens, muitos dos quais nem sequer estariam na escola, se não fosse para o Colégio (há ainda um jardim de infância...). Mas o leque de sua influência é muito maior do que a sala de aula. Elas estão chegando e atingindo mais de cem casas na freguesia, de uma maneira e com um rigor que os sacerdotes não podiam esperar para ter. Como deve ser verdadeiro as escolas paroquiais, onde quer que existam, a Escola Paroquial do Sagrado Coração de Jesus é que as fundações para uma nova era na história da Igreja em Pires do Rio. Os alunos vão para casa e dizem suas orações em voz alta e fazem os seus pais ouvirem o catecismo, e assim não só os próprios alunos recebem uma boa formação na fé, mas os pais estão sendo doutrinados e impressionados ao mesmo tempo. Os pais são de uma geração que grande parte parecia viver fora do alcance da instrução (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 385-387).

Em Catalão, decorridos os primeiros tempos em que o início da escola paroquial se deu em lugares alugados e adaptados, a crescente demanda por vagas exigiu que novos espaços fossem adquiridos para as acomodações não apenas do curso primário como também de outros níveis de instrução. Neste caso, a saída mais rápida foi à aquisição de um prédio onde já funcionava uma escola e que se situava nas proximidades do convento e da futura sede da matriz de Nossa Senhora Mãe de Deus.

O processo de crescimento da escola era "muito" novo, e nós olhamos para um prédio maior. Ao mesmo tempo, tínhamos tentado organizar uma escola para os meninos. As Irmãs Agostinianas tem uma escola para as meninas. O proprietário da

escola secundária existente para os rapazes tornou mais fáceis as questões, propondo vender o prédio. Depois de muitos detalhes, que obteve o "Ginásio Presidente Roosevelt" – em maio de 1951, imediatamente a apresentação de uma petição para mudar para Ginásio São Bernardino de Siena. Em dois dias, as mesas e cadeiras foram transferidas para o novo edifício. É um edifício de dois andares, com sete salas de aula e com um dormitório grande. O proprietário tinha uma escola ali, há vários anos, mas ele desistiu da idéia como impraticável (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 42).

Em menos de sete anos do início da obra missionária franciscana, a proposta educacional e o programa catequético mostrava-se estruturado e em pleno funcionamento, com atendimentos não apenas na escola paroquial, mas se estendia à rede escolar da cidade.

Naquele ano de 1951, existiam mais de 300 crianças na escola paroquial. Em todas as escolas da cidade, fomos mantendo um programa catequético para cerca de 1400 crianças. Foi difícil conseguir bons catecismos, que estivessem ao alcance da maioria dos pais (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 50).

Observe que a instrução e a catequese caminhavam juntas na proposta formativa, porém, admitia-se a organização de espaços distintos, como por exemplo, o atendimento às escolas públicas, com aulas preparatórias para os sacramentos. Quanto ao material catequético, a base seria o catecismo católico que deveria conter, resumidamente: atos de contrição, orações (Pai-Nosso, Ave-Maria, Credo, Salve-Rainha), sacramentos, mandamentos e lista de pecados.

O ensino primário e o secundário estavam em funcionamento em diferentes turnos, uma forma de atender ao gradativo aumento da demanda, conforme mostra o registro a seguir:

Em março de 1951, no Ginásio de São Bernardino de Siena, abriu com uma semana de chuva e cerca de 30 alunos. Os alunos da Escola Primária também vieram tarde e antes do dia 10 de março tivemos a maioria dos estudantes presentes em qualquer escola para as aulas. No final de março, todos os meninos do "Ginásio" chegaram - 64 deles. Na escola primária o número foi de 400, e o número presente é de 450. (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 50).

O impacto da educação franciscana na cidade foi descrito como um fenômeno crescente, marcado por elevada procura de matrículas nos diferentes cursos:

Nós já dividimos o dormitório de idade em quatro salas de aula, dando-nos onze quartos. Estamos usando seis salas para o ensino médio na parte da manhã, e onze a tarde para o primário. As numerosas escolas privadas estão se fechando, e a maioria das crianças estão chegando à nossa escola. No próximo ano, provavelmente vai usar todos, por último, quarto no "Ginásio". Esperemos que sejamos capazes de tomar todas as crianças que pedem para vir (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. XIX, 1952, p. 50).

A presença missionária das irmãs franciscanas nas paróquias e na condução das escolas paroquiais representa um forte impulso nas ações de evangelização. Os alunos,

por sua vez, ao participarem dos rituais de oração e doutrina cristã no espaço da escola, são difusores da religião institucionalizada perante suas famílias. Ao cumprir os rituais de oração aprendidos na escola, as crianças mobilizam o meio onde vivem e incentivam os adultos a tornarem-se praticantes dos sacramentos e culto litúrgico.

Não há dúvida de que, ancorada nos princípios da catequese e da evangelização, a educação franciscana em Goiás, contribuiu, sobremaneira, para a formação de quadros para as escolas primárias e arregimentou as vocações que alimentaram as instituições religiosas nas décadas subseqüentes à chegada dos frades e das irmãs.

A ação missionária franciscana demonstra em todas as suas obras e pastorais, uma alternância entre o conservantismo e a ousadia. Os desafios materiais e espirituais acompanham a tônica do trabalho evangelizador, conferindo-lhes algumas distinções na forma e na essência do plano missionário.

Enquanto missionários e franciscanos, buscam “reconstruir a igreja do Senhor” em terras brasileiras, assumindo os sacrifícios e enfrentando os desafios como forma de mirar-se no exemplo de Cristo mais do que imitá-lo.

O Papa Pio XI, na Encíclica *Divini Illius Magistri*, de 1929, trata dos Princípios da Educação, assim resumidos por Azzi & Klaus (2008):

[...] a promoção da ação educativa está confiada a três agentes principais: Igreja, família e Estado. À instituição católica cabe o papel primordial na educação, tendo em vista o destino sobrenatural do homem; em seguida, a educação cabe à família, como fonte natural de humanidade; por último, de modo subsidiário, ao Estado, responsável pelo bem comum dentro da ordem natural. O objeto da atividade educacional é o ser humano, com sua natureza debilitada pelo pecado original; assim sendo, a encíclica condena o chamado naturalismo pedagógico, afastando também a possibilidade da educação sexual e dos colégios mistos; o único instrumento apto para realizar a tarefa educativa é a escola católica, sendo vetadas aos fiéis, as escolas protestantes e as escolas leigas. A finalidade da escola é formar o cidadão honesto e praticante da doutrina de Cristo (p. 308-309).

O pensamento de Pio XI, segundo Azzi & Klaus (2008), iria conduzir a orientação dos católicos até os anos 1950, pois somente no início dos anos 1960 é que o papa João XXIII apontou novas direções, que desencadearam na composição do Concílio Vaticano II, a partir de 1962.

Os primeiros frutos da ceifa seriam visualizados através da visita pastoral dos Superiores dos EUA a Goiás.

Tudo o que colocamos em nossas mãos se concretizou com sucesso para além dos nossos maiores sonhos - e além do nosso poder de explicá-lo. A mão de Deus, sem o nosso saber, nos colocou na parte melhor e mais progressiva deste imenso país. Ele fez isso porque tem um trabalho muito especial feito para o Brasil e Ele nos escolheu – os nossos Frades e suas irmãs – para fazer isso por ele. Isso eu acredito tão

firmemente como eu faço o Credo. A salvação das almas incontáveis depende da nossa linha de ação (CARTA 13 – 13/06/1948).

Desde a estruturação dos conventos e escolas até a definição de responsabilidades com a manutenção financeira, houve sempre um empenho para que tudo fosse inspirado na experiência americana. Por experiência americana compreende-se a forma de organizar a moradia (o convento), conjugado à secretaria paroquial e a Igreja. Quase sempre, a primeira iniciativa escolar e catequética era iniciada em espaços contíguos ao convento ou a matriz, nos quais eram recebidas as crianças para as primeiras aulas de catecismo.

Bem, como você sabe, sempre foi o nosso objetivo conduzir nossas paróquias e o trabalho paroquial, o mesmo que é feito nos Estados (Unidos) - na medida do possível. E sentimos o sistema tem sido bem sucedido. Lembre-se que em Anápolis as duas escolas paroquiais foram realizadas dessa forma desde o início: a tomada a cargo do pastor e ser responsável para as escolas locais a Madre Superiora agindo na qualidade de principal - como é costume nos Estados Unidos. Desde que o sistema está funcionando tão bem aqui, agora está sendo posto em prática Pires (do Rio). Tenho certeza que esta mudança será bem-vinda para você. Por que não só irá partilhar de um encargo financeiro, mas também de uma parcela da carga de responsabilidade (CARTA 19 - 03/02/1949).

Na fase de estruturação das sedes, conventos, escolas e capelas, todos os recursos financeiros eram canalizados para fins de construções. A cada visita pastoral, tanto dos frades quanto das irmãs, o retorno aos Estados Unidos era marcado pela divulgação da grande obra missionária, com a finalidade de despertar a generosidade de colaboradores e doadores em potencial.

Eu falei do Brasil, Brasil e mais. Todo mundo quer ajudar. Depois falei com as Irmãs de Santa Isabel, a diretora da escola da cidade, com o apoio do bom pastor, por acaso [...] e minha primeira contribuição para os novos edifícios, no valor de \$ 250,00 foi a partir delas. Isso é apenas o começo e me sinto muito encorajada (CARTA 16 – 31/07/1948).

A preocupação com o provimento financeiro das obras paroquiais também se fazia presente, principalmente com relação ao pagamento de professores leigos que, em todas as escolas paroquiais atuavam, em especial nas áreas para as quais havia algumas restrições formais para a atuação de estrangeiros no Brasil.

Fr. Celso, como o pastor será responsável pelo pagamento das professoras – com a ajuda das contribuições pagas pelos alunos. Aqui em Anápolis o Pastor contribui dois contos por mês para o apoio das Irmãs, as quais têm de pagar aluguel e oitocentos cruzeiros, deixando um saldo de um conto e duzentos para ajudar com as suas contas de mercearia, etc., pelo menos provisoriamente, as somas (SAMS) serão feita de Pires: as Irmãs receberá um conto e duzentos para ajudar com as despesas domésticas. Sei que isso não é suficiente, mas é o melhor que se pode perceber, já

que não podemos ver o nosso caminho claro para aumentá-la no momento. Talvez um pouco de trabalho [...] (CARTA 19 - 03/02/1949).

Os professores leigos sempre se fizeram presentes na atividade educativa. Em todas as épocas, foram imprescindíveis enquanto apoiadores dos frades e irmãs, porque assumiam áreas do ensino nas quais os estrangeiros não tinham autorização para atuar, preenchendo os quadros das Escolas Paroquiais. Contudo, o nível de formação destes professores era diversificado e tinha correspondência com as condições de cada localidade. Há casos de professores licenciados e normalistas e há outros em que eram admitidos professoras recém saídas do curso ginasial.

Sobre a presença de leigos no trabalho educacional, o registro a seguir nos dá uma dimensão da forma como eram concebidos esses profissionais.

Não se pode ter uma escola paroquial satisfatória sem professores que sejam competentes e verdadeiramente católicos. Desde o início, os frades quiseram confiar a direção dessas escolas para as Irmãs Franciscanas de Allegany. Duas irmãs, madre Marianna e irmã Rosalima, chegaram na hora de abrir a escola paroquial de Pires do Rio, em março de 1946. Devido ao grande número de matrículas nas escolas paroquiais, sempre houve falta de Irmãs. Mesmo agora, há apenas duas ou três irmãs atribuídas a cada uma das nossas grandes escolas paroquiais. A grande maioria dos professores é graduada, são jovens das escolas normais locais. Muitos destes professores leigos são excelentes, mas para uma grande escola é difícil obter um número suficiente de pessoas que sejam experientes, competentes e capazes de inspirar em seus alunos um profundo amor por Deus, para a Igreja e seus vizinhos (ANAIS DA PROVÍNCIA, s/d, vol. XVII, p. 89 a 92).

Essa prerrogativa de garantir que professores leigos fossem católicos professos é algo que os frades defendiam como princípio, mas não sustentavam enquanto condição para contratar professores. No quadro de professores do Ginásio Siena em Catalão, na década de 1950, encontrei exemplos desta diversidade de credo: há aqueles com comprovada espiritualidade cristã, que tomam parte nos estudos religiosos e colaboram com os frades na formação catequética dos alunos e outros que são declaradamente agnósticos. Supõe-se que, neste particular, o que estava em jogo era a reconhecida formação do quadro de professores, dotados de notório saber e prestígio social na cidade. Outros, ainda, destacam-se pela habilidade em organizar laboratórios de ciências naturais, conseguindo com os frades um espaço exclusivo para estas experiências.

Em termos institucionais, havia um agravante para a manutenção dos bons professores nos quadros das escolas paroquiais. O plano de carreira oferecido pelo Estado.

Um professor é um ser humano que tem de apoiar-se (sustentar-se) e muitas vezes, ajudar a família. Assim, naturalmente, ela é preparada para procurar um posto de ensino nas escolas estaduais onde o salário é maior e conta uma pensão

(aposentadoria) garantida no final de 25 anos de serviço. Há também a questão do seguro de doença. O governo obriga as escolas e os professores a pagar uma certa quantia a cada mês para este fundo de seguros. Quando uma escola paroquial tem um grande número de professores leigos, esta taxa mensal de seguro pode ser um grande fardo para uma escola que está sendo mantida com prejuízo financeiro (ANAIS DA PROVÍNCIA, s/d, vol. XVII, p. 89 a 92).

Para garantir aos professores os mesmos benefícios concedidos pelo sistema público de ensino, as escolas paroquiais seriam oneradas e teriam problemas em manter a expansão de suas atividades educativas. Acrescenta-se a isso a dificuldade em conseguir bons professores, qualificados e dispostos a assumir o trabalho evangelizador segundo o espírito da proposta formativa das escolas paroquiais. O número de profissionais formados em nível normal era limitado.

Em algumas localidades a inexistência de professores era a dificuldade, cabendo aos frades e irmãs buscarem o apoio de pessoas da comunidade e autoridades para assumirem a tarefa do ensino. Coelho (1972), assim registra o empenho das Irmãs para manter o funcionamento dos cursos: “O trabalho das Irmãs em Araguacema é árduo visto não haver professores na pequenina cidade. Além das Irmãs e de pessoas vindas de outros lugares as autoridades da cidade ajudam como professores” (p. 53). Nos lugares mais desprovidos de benefícios, acrescenta a autora, os cursos noturnos ficavam comprometidos devido as constantes quedas de energia elétrica movida a motor.

4.3 Natureza institucional e organizacional das Escolas Paroquiais

As Escolas Paroquiais se distinguem pela gestão mista e pela forma de organização institucional, isto é, inicialmente as instituições eram criadas pelos frades e, conforme a disponibilidade as escolas primárias eram entregues para as irmãs. Chamo de gestão mista o formato de administração das escolas em que os frades participavam tanto nas decisões superiores, quanto no controle de contratos e pagamentos dos professores, enquanto a organização pedagógica ficava a cargo das irmãs franciscanas.

O que havia em comum na forma de constituição de todas as escolas paroquiais era a iniciativa de criação institucional pelos Frades Franciscanos. Depois de instaladas as atividades educativas as instituições seriam entregues às Irmãs Franciscanas, na medida em que houvesse disponibilidade de quadros religiosos. Os registros consultados não indicaram nenhuma escola paroquial que tivesse sido criada por iniciativa das Irmãs; via de regra eram

os Frades os responsáveis pela fundação da instituição que, posteriormente eram confiadas às Irmãs.

Em alguns casos, como o da Escola Paroquial São Bernardino de Siena, de Catalão, a coordenação pedagógica fora inicialmente designada pelos Frades a uma professora leiga, que conduziu a instituição nos primeiros anos antes de ser repassada às Irmãs Franciscanas de Allegany. Essa mesma professora leiga, no início dos anos de 1960, foi responsável pela fundação do Instituto das Irmãs Catequistas de Nossa Senhora da Visitação, tornando-se também uma religiosa de inspiração e orientação franciscana.

Um dado interessante sobre o quadro docente das Escolas Paroquiais era a presença feminina, a começar pela direção. Como já referido, os Frades se responsabilizavam pela criação e estruturação das escolas, enquanto as Irmãs assumiam a direção. Nas fontes consultadas das Escolas Paroquiais franciscanas, encontramos sempre a alusão às “professoras” e às “diretoras” de todas as instituições inventariadas, numa evidência de que instrução primária seria dirigida e ministrada por professoras e não por professores. Isso mostra que, pelo menos no período em estudo, o quadro de profissionais das Escolas Paroquiais seria predominantemente feminino, enquanto nos Ginásios seria admitido um quadro misto, a começar pela direção, que era dos Frades.

Outro aspecto que merece realce é a forma de funcionamento. Em geral a Escola Paroquial, responsável pela instrução primária, se estruturava em prédios anexos ou próximos ao Ginásio e/ou Escola Normal, com o uso de espaços em comum: pátios, salão social e até salas de aulas, quando o número de matrículas aumentava. O Ginásio era dirigido pelos frades e a Escola Paroquial pelas Irmãs. Nas localidades onde havia o Curso Normal admitia-se uma gestão mista, ou seja, tanto os Frades quanto as Irmãs tomavam parte na administração, conforme as circunstâncias e as condições estruturais do lugar.

No sudeste goiano esse formato se manteve, especialmente no uso comum de pátios e salas de aulas por alunos da instrução primária e do curso ginásial. Em Pires do Rio, o pátio interno fazia a ligação entre os prédios da Escola Paroquial, o Ginásio e o Curso Normal, sendo utilizadas algumas salas em comum, quando necessário. Já em Goiandira, a Escola Paroquial Santa Maria Goretti funcionava no mesmo prédio que o Ginásio Dom Emmanuel, mas em turnos diferentes.

Foi possível perceber uma evidente preocupação dos Frades e das Irmãs em prover os espaços escolares com uma estrutura mínima para o atendimento dos alunos que incluía salas de aulas e as chamadas salas extras ou salas especiais. Estas últimas eram caracterizadas pela estrutura administrativa (diretoria, secretaria, apoio material e

pedagógico), cantina, bibliotecas e salão para festas e eventos. Variavam em quantidade e disponibilidade, contudo, eram descritos como locais amplos, arejados e iluminados. Em todas as localidades onde foram erguidos prédios próprios, as Escolas Paroquiais conservaram características semelhantes no tocante à disposição dos espaços físicos e áreas livres.

Semelhante ênfase era dada para as questões sanitárias e a presença de água tratada nas Escolas. No estudo realizado por Coelho (1972), esse dado é relevante pela constância com que é descrito. Em todas as Escolas Paroquiais, a irmã faz referência às boas condições sanitárias e a existência de bebedouros para os alunos, ajustados aos padrões de higiene.

Observa-se que uma singularidade da estrutura física das Escolas Paroquiais, independentemente do lugar onde eram instaladas: dispunham de áreas internas e externas, de espaços públicos para eventos e reuniões, instalações sanitárias, água tratada e uma biblioteca. Pátio era concebido enquanto área livre para convivência dos alunos e a área reservada para lazer e atividades desportivas. A presença destes espaços fora realçada em vários registros sobre a organização e estrutura básica das Escolas.

Na descrição histórica da Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus, de Pires do Rio, feita por uma das irmãs em trabalho acadêmico produzido na década de 1970, encontramos estas características:

A Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus, fundada em um mil novecentos e quarenta e seis (1946) foi registrada a três de novembro de um mil novecentos e setenta e um (03/11/1971). Conforme consta no Histórico desde trabalho a Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus foi construída e aberta pelos Frades Franciscanos. Na Escola Paroquial funciona somente o curso primário. As salas de aulas são em número de oito (08) e os quadros de giz de todas elas são bons e amplos. As carteiras embora não sejam das melhores servem bem às necessidades escolares. Há na Escola duas salas especiais: a sala do Diretor e secretária e a sala das professoras. O material didático é praticamente pobre satisfazendo em parte as necessidades dos alunos.

A merenda escolar é servida diariamente aos alunos suprimindo assim a carência alimentar de muitos. Esta merenda é dada pela Superintendência Educacional da cidade.

A Escola possui dois pátios: o interno é pequeno e bem gramado, o externo é comum à Escola e ao Ginásio e Escola Normal Sagrado Coração de Jesus separando ao mesmo tempo ambos os prédios.

Os bebedouros e a água usada pelos alunos estão de acordo com os requisitos da boa higiene. As instalações sanitárias são boas e bem cuidadas. Em épocas de muitos alunos a Escola não comportando os seus alunos usa também algumas salas do Ginásio acima mencionado (COELHO, 1972, p. 46-47).

Espaço de sociabilidade, cultivo do corpo e do espírito, a Escola Paroquial oferecia aos seus alunos uma estrutura física e material que permitia o atendimento de diversas necessidades. Tais vestígios seriam, portanto, reveladores do investimento destes

educadores franciscanos em métodos ativos, identificados pela participação e envolvimento dos alunos nas atividades educativas e nas condições de convivência criadas no espaço da escola.

A existência de pátios e o uso partilhado de salas do prédio do Ginásio foram aspectos evidenciados no registro histórico como um diferencial que as Escolas Paroquiais dispunham. As questões sanitárias e higiênicas também se faziam presentes e puderam ser constatadas por meio da ênfase nas condições oferecidas pelas escolas, conforme o demonstrado em diferentes excertos.

Ao observar a composição dos espaços destinados às Escolas Paroquiais, no decorrer dos anos de 1950, concluí que essas instituições se constituíam em verdadeiros templos da instrução primária a começar pelo formato, pela projeção alcançada perante a sociedade e o lugar de destaque que ocupavam na cidade. Os benefícios da estrutura interna (pátio, salas amplas e arejadas, biblioteca, água tratada e instalações sanitárias) eram novidades que somente as Escolas Paroquiais possuíam. Os grupos escolares públicos, além de serem em número reduzido em cada localidade, eram desprovidos de tais recursos. Muitos não dispunham nem mesmo de instalações sanitárias ou de água tratada.

As Escolas Paroquiais também enfrentaram entraves de natureza institucional, particularmente em relação ao provimento financeiro. Em algumas cidades tiveram questões a decidir quanto o caráter confessional ou privado do ensino oferecido em suas escolas. A esse respeito localizei o seguinte registro.

Desde o início, uma importante questão foi debatida pelos frades: Os alunos serão convidados a pagar, ou as escolas não deveriam ser mantidas como uma despesa paroquial, com a paróquia tentando levantar o dinheiro por meio de bazares (campanhas) e campanhas? Em geral, um sistema de compromisso foi aprovado. As escolas paroquiais estão abertas a todas as crianças da freguesia. Os pais são convidados a colocar seus filhos na escola paroquial. Aqueles que podem pagar são convidados a contribuir regularmente com os seus meios. Os pobres são aceitos gratuitamente. Mesmo os inimigos da Igreja têm que admitir que as nossas escolas paroquiais tentam educar as crianças quanto possível, independentemente de poder pagar ou não. A comercialização suposta pelas escolas do ensino privado é uma das questões que preocupam o Brasil nesses dias. Os comunistas e outros inimigos da Igreja estão promovendo uma faca de dois gumes, através das campanhas contra as escolas privadas. Eles procuram negar-lhes a luta para levantar os seus honorários, que foi tornada necessária pelo aumento do custo de vida e, ao mesmo tempo, eles colocam pressão sobre o governo para não conceder-lhes todas as subvenções ou auxílios para estudantes em escolas privadas (ANAIS DA PROVÍNCIA, s/d, vol. XVII, p. 89 a 92).

Pelo excerto acima, os frades e irmãs recorriam a diferentes meios para levantar fundos destinados à manutenção de suas escolas paroquiais, incluindo a contribuição voluntária dos pais que pudessem pagar, ou seja, recorriam à caixa escolar, pobres estariam

dispensados de quaisquer pagamentos. Mas havia, ainda, outras duas polêmicas que envolveriam a subvenção das Escolas Paroquiais. Uma estaria colocada pela pressão feita pelos comunistas no sentido de se posicionarem contra a destinação de dinheiro público a escolas confessionais. Outra polemizada pela comercialização do ensino por escolas da rede privada que também recorriam a recursos estatais, na forma de “bolsas e auxílios” para manter alunos carentes. Cientes de que tanto o fundo de ajuda recebido dos Estados Unidos quanto a arrecadação da paróquia não seriam suficientes para assegurar toda a manutenção do ensino, ao consolidar a ação educativa os missionários franciscanos tiveram vários enfrentamentos no sentido de solucionar os problemas alusivos à manutenção financeira de suas escolas.

Tais polêmicas nem sempre resultavam em consenso, pois, em cada localidade havia condições específicas que deveriam ser consideradas no momento de definir pelo formato mais adequado para o provimento de recursos suficientes, a manutenção e o funcionamento da Escola. As disparidades regionais eram visíveis e traduzem o modelo desenvolvimento econômico e social do estado à época. Enquanto as camadas mais abastadas da população dispunham razoavelmente de alguns bens e serviços, os assalariados e a população rural não contavam com recursos financeiros para subsidiar os estudos dos filhos. Daí a dificuldade em estabelecer taxas e cobranças compulsórias para a admissão de alunos nas Escolas Paroquiais.

Outra questão igualmente polêmica se referia à organização das salas e turnos de alunos, conforme a clientela atendida. As opiniões entre os próprios frades divergiam quanto às formas de arrecadar recursos para a manutenção do ensino primário. No seu cerne refletia, sobremaneira, a distinção cultural e educativa reivindicada pelas camadas médias com relação ao estudo de seus filhos, conforme localizei no excerto a seguir:

A segunda questão, ligada à primeira, levantou-se: os estudantes devem ser divididos de acordo com a classe social, ou de acordo com aqueles que pagam e os que não podem pagar? Os frades em Catalão foram aconselhados pelos paroquianos a dividir sua escola nesse sentido, para ter uma sessão para aqueles que podiam pagar e outra para estudantes pobres. Os frades de outras paróquias, não gostam deste sistema, que achei desnecessário. No entanto, há certas razões para estar aqui. Existe uma diferença tão grande entre os pobres e a classe média ou os ricos. Além disso, os pobres precisam não apenas da educação, mas também de roupas e uniformes, de merenda e livros. Muitas vezes, os pais pobres têm medo ou vergonha de matricular seus filhos na escola paroquial, (porque eles não podem pagar ou comprar os livros didáticos para eles, ou não possa vesti-los com propriedade). Desde o início, a escola paroquial em Catalão fornece merenda aos alunos pobres. Em todas as nossas escolas paroquiais, os uniformes são dados para aqueles que não podem pagar (ANAIS DA PROVÍNCIA, s/d, vol. XVII, p. 89 a 92).

Ocultas nas diferentes justificativas apresentadas, seja com relação ao atendimento diferenciado, seja pelos constrangimentos causados numa convivência conjunta entre alunos pobres e alunos ricos, estava posta nestas circunstâncias a distinção de classe, segundo a condição social e econômica de cada aluno. Ora, se o projeto evangelizador pretendia alcançar a todos, indistintamente, então, em se tratando da ação educacional, as reivindicações das camadas mais abastadas levavam à diferenciação no tratamento e no ensino ofertado aos alunos.

As raízes de tais argumentos seriam mais profundas do que as possibilidades dos alunos pobres pagarem ou não os seus estudos. O risco da mistura entre pobres e ricos nas salas da instrução primária seriam ocultados pelos discursos das boas intenções, manifestos pela preocupação em que “o aluno pobre ficaria constrangido pelas diferenças”. A questão de origem estaria nos capitais culturais requeridos e consumidos pelas camadas médias e altas da sociedade, os quais forjariam a redefinição de espaços institucionais e a própria orientação dos estudos.

Entretanto, uma forma de dissimular as reais relações de poder, seria realçar as carências e as ações diferenciadas que os alunos pobres necessitavam: comida, uniforme, material, etc., ou seja, a separação das turmas e turnos seria uma medida para evitar constrangimentos nos pais e nos alunos necessitados. De fato, observa-se um campo de disputas visto que dentro da própria ordem franciscana não havia consenso com relação a tais medidas.

Ao recorrer a um ex-aluno e ex-bolsista do curso ginásial (1951-1953), consegui um esclarecimento diferente do encontrado sobre o ensino primário. Pelo menos no período em que estive na condição de aluno bolsista, não havia nenhuma distinção explícita no tratamento destinado aos alunos. Havia vários colegas em semelhante situação e as turmas não criavam nenhuma forma de diferenciação ou discriminação. Acrescentou, inclusive, que as atividades externas para as quais eram convocados, todos participavam e as praticava independente de ser aluno pagante ou bolsista.

Ao organizar o funcionamento das Escolas, tinha-se a preocupação em distribuir os cursos em turnos (sessões) diferentes, dois diurnos e, em muitos casos, diante da demanda por vagas, um terceiro turno noturno, seria disponibilizado, tal como pode ser verificado neste registro:

Nos Estados Unidos, nos últimos anos, muita coisa tem sido escrita sobre a falta de instalações da escola paroquial. Esse problema foi parcialmente resolvido em nossas escolas por ter duas sessões diárias, e até mesmo três sessões em nossos edifícios da escola paroquial. A sessão da manhã começa às 7:30 e vai até 11:15. A sessão da

tarde começa ao meio-dia e vai até as 4:00 p.m. No prédio da escola paroquial de Sant'Ana, há também uma sessão da noite, para os meninos mais velhos e as meninas que trabalham durante o dia. Esta é uma sessão muito importante, pois muitos desses alunos vêm à noite estudar o catecismo, pela primeira vez; nesta escola é que estão sendo preparados para os sacramentos da Confissão e da Comunhão. A sessão da noite começa às 7:15 e sai às 9:15. Uma vez que estes alunos trabalham, eles são chamados a pagar uma taxa modesta (simbólica). (ANAIS DA PROVÍNCIA, s/d, vol. XVII, p. 90).

Ao prever o funcionamento de turnos distintos, resolveria o problema da divisão dos alunos, pois também havia demandas por idade e por nível de instrução – adolescentes em idade avançada que precisavam ser alfabetizados, os adultos que, devido o trabalho diurno só poderiam freqüentar a escola à noite –, dentre outras situações que necessitavam de ajustes e adequações.

Interessante observar que os franciscanos atentaram desde o início para a oferta da educação de adultos (alfabetização) e de cursos profissionalizantes, numa época em que estas preocupações não eram sequer abordadas pelo sistema público de ensino. Em se tratando de uma população majoritariamente rural e subempregada, envolta em precárias relações de trabalho, tais iniciativas do ponto de vista social, seriam altamente distintivas. Embora não fossem inovadores no sentido estrito da modernização propriamente dita, devido à condição de intelectuais da igreja, conservadores por natureza, guiados pelo propósito central da missão (catequizar e instruir para evangelizar), contudo, seriam sim pioneiros ao introduzir a instrução de adultos e direcionar os jovens para alguma qualificação formal.

Dos resultados contabilizados após mais de uma década da fundação das primeiras escolas paroquiais em Goiás, o relato dos frades mantinha o tom otimista da chegada em relação ao alcance dos objetivos iniciais: instruir e evangelizar o povo através da formação. É o que expressa o registro abaixo:

Esforços recompensados

Quando olhamos para trás, depois de quatorze anos de experiência com o ensino fundamental em escolas paroquiais, uma pergunta natural é: Será que essas escolas paroquiais terão valido a pena todo o trabalho, todos os esforços, todo o dinheiro colocado nelas? Estou certo de que todos os nossos frades em Goiás iriam responder: "Sim, elas foram; valeu a pena cada grama de energia posta, em cada grama de energia a ser colocada". Milhares de estudantes foram ensinados nestas escolas e receberam uma sólida formação na doutrina e mandamentos de Deus e da Igreja, na necessidade de recepção freqüente dos sacramentos e presenças na missa aos domingos e dias santos de obrigação. Em nossas paróquias visitando sacerdotes sempre a observação de como são bem treinadas as crianças e os adultos, na forma de ir para a Confissão. O número de confissões e comunhões em nossas paróquias é muito elevado. O público na Missa dominical é bom, especialmente durante o ano letivo, antes do retorno das famílias às suas propriedades nas fazendas (ANAIS DA PROVÍNCIA, s/d, vol. XVII, p. 89 a 92).

Estas informações confirmariam que, em termos de resultados, o altar e a sala de aula permaneceriam juntos no que diz respeito à mobilização dos estudantes e suas famílias na participação do culto, nos sacramentos e na formação religiosa. Apesar de a escola Paroquial ter se ocupado oficialmente da instrução formal, isto é, do ensino primário, a ação que a distinguiu foi à formação catequética ministrada através deste espaço institucional. O duplo fim: instruir para evangelizar teria este último como o resultado mais visível e exaltado pelos franciscanos.



Foto 4.3 – Primeira Eucaristia – Escola Paroquial em Goiandira
Fonte: Álbum Centenário

4.4 Normas, Rotinas e Metodologias nas Escolas Paroquiais

Ao referenciar os períodos históricos convencionados para analisar os marcos da economia, da política e da educação, vários autores alertam para a dificuldade em delimitar um marco de início ou de encerramento desses processos. Em se tratando de fenômenos históricos, movimentados por circunstâncias, sujeitos e situações distintas, não há rígidas fronteiras rigorosamente demarcadas num espaço-tempo de origem e conclusão. Tal premissa parece ser apropriada quando se trata dos métodos de ensino e as práticas efetivamente construídas e experimentadas nas escolas brasileiras e se ajusta mais ainda quando se referem à dinâmica de aplicação metodológica nas escolas paroquiais franciscanas no período em estudo.



Foto 4.4 – Irmãs franciscanas no Campo Educacional
Fonte: Álbum Centenário

A alusão feita pelas professoras sobre produzir material didático, concretizar conteúdos, aproximar os conceitos teóricos da convivência e experiência imediata dos alunos são inferências que sugerem a utilização do método intuitivo, embora não fossem mencionadas fontes teóricas ou autores que dialogam com essa metodologia.

As práticas escolares ao serem efetivadas conservam “resquícios” de metodologias originadas em épocas remotas, quando submetidas ao “como fazer” cotidiano ficam sujeitas a adaptações e ajustes, promovem mudanças, adquirem novos formatos e, conseqüentemente, vão se consolidando em novas práticas. Neste sentido, não seria uma tarefa confortável anunciar a priori a identidade de um método de ensino único, utilizado pelas escolas paroquiais em Goiás.

Por isso, recorri a estudos recentes que pudessem elucidar o que estava sendo dito pelas irmãs, quando realçavam o caráter dinâmico e “ativo” do ensino por elas ministrado.

Valdemarim ao estoricizar o surgimento do método intuitivo fundamenta que:

[...] O movimento de renovação pedagógica que começa a despontar na metade do século XIX, tenta investir contra o caráter abstrato e pouco utilitário da instrução, prescrevendo-lhe novo método de ensino, novos materiais, a criação de museus pedagógicos, variação de atividades, excursões pedagógicas, estudo do meio, entre outras. O raio de abrangência desse movimento também pode ser avaliado pelas sucessivas exposições universais, organizadas para a difusão de práticas pedagógicas renovadas, seus materiais e suas aplicações: Londres (1862), Paris (1867), Viena(1873), Filadélfia (1876), que dá origem ao relatório de Buisson), países que se inserem no mesmo modo de produção e de circulação de mercadorias, embora com resultados e competências diversas.

Os materiais didáticos difundidos neste período e nestas exposições compreendem, além de mobiliário escolar, caixas para ensino das cores e das formas, gravuras, coleções, objetos variados de madeira, aros, linhas, papéis etc. em substituição ao

velho livro de textos para serem memorizados. Mas, a chave para desencadear a pretendida renovação é a adoção de um novo método do ensino: concreto, racional e ativo, denominado ensino pelo aspecto, lições de coisas ou ensino intuitivo (VALDEMARIM, 2004, p.104).

Ainda sobre o método intuitivo, a mesma autora explica que:

Em síntese, pode-se dizer que o método intuitivo em sua pretensão de ser racional concreto e ativo, caracteriza-se pela tentativa de prescrever os passos metódicos para a formação das idéias, regulando com esse procedimento os sentidos e o intelecto, estabelecendo uma igualdade de propósitos entre o método filosófico e o método de ensino, desenvolvendo as estratégias e meios de efetivá-los, balizados pelas características próprias da clientela escolar. Método de conhecimento e método de ensino confluem na busca da clareza das idéias obtidas num conhecimento extensível e generalizável (VALDEMARIM, 2004, p.133).

No contexto em estudo, vale considerar que, se nas escolas públicas das províncias, desde o período Imperial e alcançando as diferentes reformas do ensino na República, a despeito da proposição de diferentes métodos, permaneceu um descompasso entre os métodos propostos e o que concretamente se praticava nas escolas, então, infere-se que algo similar ocorreu nas metodologias experimentadas nas escolas paroquiais. Pelo menos no que se refere à composição do quadro profissional, formado por professoras leigas (brasileiras) e irmãs professoras (americanas), as possibilidades de experimentação de diferentes práticas estariam postas.

Embora possa parecer contraditório, a grande inovação ensino provocada com a proposição do método de ensino intuitivo no final do século XIX consiste mais no conteúdo que lhe acompanha do que no método propriamente dito, ilustrando a distancia entre o discurso sobre a modernização e sua prática efetiva. Tal inovação ocorre com a proposição que a escola deva ensinar coisas vinculadas á vida, objetos presentes no cotidiano dos estudantes, introduzindo assim, os objetos didáticos como elementos imprescindíveis á formação das idéias (VALDEMARIM, 2004, p.176).

Quando perguntada sobre as instruções metodológicas, uma das irmãs “lembrou” que em algumas situações, as exigências das superiores americanas em relação à forma como as atividades docentes deveriam ser conduzidas “nem sempre eram bem aceitas e acatadas pelas professoras leigas, principalmente aquelas que já possuíam o curso normal ou eram professoras experientes”.

Nas rotinas organizadas em sala de aula havia, pelas explicações das irmãs professoras, uma permanente preocupação em utilizar recursos didáticos e recorrer a materiais diversos que permitissem aos alunos a observação, a manipulação e a demonstração de objetos e coisas. Em outras palavras, era preciso “materializar” o conteúdo ensinado, torná-lo

visível, experimentá-lo, porque assim feito “as crianças não esqueceriam, aprendiam tudo”. Veja que estes vestígios apontam semelhanças com os princípios do método intuitivo.

Embora possamos afirmar que nas décadas finais do XIX a adoção do novo método era sinônimo de modernização e de inovação, sua aplicação ou prática decorrentes desses princípios gerais assume interpretações diferenciadas. Em quanto alguns autores o consideram um método geral de ensino que pode ser utilizado para todos os conteúdos de instrução, outros consideram adequado somente àqueles conteúdos cujos objetos de ensino sejam concretos, tais como desenho, ciências, aritmética elementar etc., isto é, conteúdos que permitem percepções diretas aos sentidos. Na primeira perspectiva mencionada, as lições são um método geral ao qual todos os conteúdos devem ser submetidos. Na segunda perspectiva, as lições de coisas são como um exercício que pode abranger diálogo e uso didático de objetos, sendo mais adequado a algumas áreas de conhecimento e também para despertar o interesse dos alunos. (VALDEMARIM, 2004, p.170).

O relato das práticas pedagógicas realizadas nas escolas paroquiais pelas irmãs, confirmadas pelos ex-alunos, deixam evidências de uso de métodos ativos, a preocupação em superar o ensino de conteúdos abstratos ou meramente expositivo ou descritivo. Era necessário demonstrar e vivenciar com o aluno situações que ajudasse o seu aprendizado. Transparece a suspeita de que o nível de cobrança e exigência ao professor era enorme, pois, além de organizar o planejamento semanal, as atividades diárias eram vistoriadas pessoalmente pela supervisora, antes e durante as aulas.

A necessidade de reproduzir o longo trajeto cultural a cada dia, reproduzindo no tempo escolar o tempo da fabricação, deve a aspectos intrinsecamente pedagógicos, pois a aprendizagem deve ser exercida por crianças e jovens para os quais o apelo às coisas tem caráter lúdico mas também disciplinador (VALDEMARIM, 2004, p.176)

Mesmo diante da escassez de recursos, era proposto que a professora “criasse” e “inventasse” o seu próprio material, de acordo com o que ia sendo ensinado, ou seja, na medida em que se cumpria o currículo escolar, a professora teria de produzir os recursos didáticos utilizados em sala de aula.

Apesar de ter localizado algumas referências sobre a qualificação das irmãs franciscanas de Allegany para conduzirem as escolas paroquiais, as habilidades e o preparo para a tarefa pedagógica, concretamente, não foram identificados em documentos formais que caracterizasse essa ação. Nas correspondências oficiais há indicativos de que as irmãs franciscanas estariam acostumadas a utilizar os métodos da educação americana e por isso seriam capazes de desenvolver um valioso trabalho educativo nas escolas paroquiais, mas não havia registros específicos. A grande indagação permaneceria a conduzir nossas buscas: as filiações das práticas docentes das Escolas Paroquiais goianas com métodos e idéias executadas pelas irmãs nos Estados Unidos. Os indicativos localizados em alguns registros e

os depoimentos de ex-professoras e ex-alunos reforçaram nossa convicção de que em termos pedagógicos os métodos ativos teriam sido amplamente utilizados.

Somente na fase posterior⁵⁹, quando a obra educativa franciscana se consolidou em termos estruturais, já na segunda metade da década de 1960, as Irmãs franciscanas criaram o Instituto Franciscano de Professoras, cuja sede foi instalada no Convento Mãe Admirável – transformado em sede geral das Irmãs no Brasil e em casa de formação. Esse Instituto ficou encarregado pela formação pedagógica das postulantes brasileiras e por fornecer subsídios às professoras leigas das Escolas Paroquiais.

Ao registrar o relatório anual das atividades escolares de 1957, as Irmãs informam no livro de Ata da Escola Paroquial de Goiandira que:

Durante o ano houve festas comemorando as datas cívicas e religiosas. Os alunos da Escola Paroquial tomaram parte ativa na recepção do DD. Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos e este participou nas solenidades do encerramento do ano escolar.

As alunas da Escola Paroquial apresentaram na Rádio local diversos programas. Foram comprados 200 livros para a Biblioteca que está aberta todos os dias escolares. Muros foram construídos para fechar o pátio de recreio.

Secr. Irmã Maria de Lourdes, OSF.

Dr. Irmã M. Celestina, OSF.

(LIVRO DE ATA n. 01 – p. 13 e 14).

Em outro registro na mesma fonte encontramos também uma alusão às festividades ao dia da Criança.

Dia 12 de outubro – Dia da Criança os nossos alunos apresentaram diversos jogos interessantes. Após os jogos, houve uma festinha no salão da Escola comemorando o alegre dia.

Irmã M. Rosalima OSF

Séc. Ir. Maria de Lourdes, OSF.

(LIVRO DE ATAS n. 01 – p. 19 verso).

Informes semelhantes são feitos em relação a outras atividades festivas em datas religiosas ao longo do ano, tais como coroação de Nossa Senhora, Sagrado Coração de Jesus, dentre outras. A presença dos pais e a participação ativa dos alunos de diferentes turmas do curso primário foram realçadas enquanto aspectos valorizados e incentivados pela instituição escolar. Estas informações mostram que existia para uma vida escolar rica em atividades e eventos, nos quais a experiência da Catequese e da Educação seria vivenciada em atos solenes internos e externos à Escola Paroquial.

Nas publicações da ordem, encontrei diversas atividades educativas ilustradas por fotografias de situações de ensino em várias escolas nos Estados Unidos e na América

⁵⁹ Referimos à 2ª fase da trajetória missionária e educacional franciscanas não incluídas neste estudo.

Latina, poucas eram vinculadas às escolas paroquiais goianas. Por isso, ao estabelecer contato com as irmãs, uma dupla preocupação direcionava o nosso interesse investigativo: localizar documentos formais alusivos aos primeiros anos de criação das escolas, fase em que situei a pesquisa e, se possível, levantar esclarecimentos sobre métodos, planejamentos e material didático-pedagógico utilizado pelas irmãs.

De posse do que estava registrado na Revista “Zeal”, direcionei a nossa conversa com as primeiras irmãs brasileiras que ingressaram na Ordem Franciscana entre 1948 e 1951.

Ao conversar com a primeira irmã⁶⁰, queria saber como as postulantes e depois irmãs franciscanas, se tornavam professoras nas Escolas Paroquiais. Inicialmente disse que ao concluir o curso primário, começou a se preparar para o ingresso na Ordem após fazer o secundário, era uma exigência das superiores para facilitar a seqüência dos estudos.

Quando perguntada sobre os tipos de recursos didáticos, obras teóricas e manuais pedagógicos usados nas escolas paroquiais, sobre a existência de um programa de ensino, regimento escolar, como planejavam as aulas, etc., respondeu que no início tudo era difícil e improvisado, não se lembra de nada semelhante. O que havia era um rigoroso controle das atividades pedagógicas pela superiora do convento, pois as escolas paroquiais funcionavam com professores leigos e professoras religiosas. Tudo o que era feito passava pelo controle e vistoria da madre. A superiora conferia pessoalmente cada aspecto da organização das salas de aula, das turmas, do planejamento dos professores, tudo tinha de ser adequado às suas instruções. Explicou também que a maioria dos professores leigos eram formados normalistas, pelo menos já tinham a sua maneira de trabalhar em sala de aula, mas ao chegarem as irmãs, tudo tinha de ajustar ao estilo das americanas. Já as postulantes e noviças franciscanas, nem todas possuíam o Curso Normal, mas eram inseridas nas escolas, começando pelas aulas de catecismo.

Pedi se seria possível detalhar as atividades realizadas nas escolas paroquiais e a irmã (primeira) citou algumas situações, cuja síntese organizei por afinidade de assuntos.

A vistoria das salas de aula era um exercício regular que a superiora fazia durante a semana, quase todos os dias. Mesmo tendo conferido individualmente e com antecedência o planejamento de cada professora e de propor sugestões, sua presença era constante nas salas de aula do ensino primário. Chegava sem avisar, percorria as fileiras de carteiras, olhava os que os alunos estavam fazendo, saía e se dirigia a outra turma.

⁶⁰ Optei por codificar as entrevistadas em primeira e segunda, como medida para preservar as identidades pessoais de ambas.

A observação das aulas, com a permanência das irmãs em classe durante todo o turno do dia, era um recurso muito utilizado pelas americanas com uma dupla finalidade. Para as recém chegadas dos Estados Unidos, a observação começava pelas salas de alfabetização e depois se estendiam para as demais séries, porque era uma forma de familiarizar-se com a língua portuguesa, tanto na forma escrita quanto na repetição das sílabas e palavras para aprender a pronúncia. Sempre havia uma irmã americana observando as aulas.

Para as postulantes e noviças brasileiras, o recurso da observação das aulas, era utilizado para aprender o ofício de professora. Num período inicial eram designadas para observar as aulas e posteriormente auxiliavam o professor nas tarefas da classe. As atividades de planejamento e de preparação de tarefas também eram compartilhadas. Após determinado tempo, quando a madre julgava que as candidatas já estivessem preparadas, ela as encaminhava para a regência de classe, não sem antes orientar sobre o plano de ensino, o preparo das atividades e vistoriar o trabalho realizado.

Na fase do noviciado, cuja formação se realizava nos Estados Unidos, na sede da Província, a primeira irmã descreveu que o procedimento de observação, seguido de uma monitoria assistida aos professores das escolas paroquiais americanas também era o que as noviças brasileiras faziam. Durante o curso nos EUA, elas percorriam diversas casas, visitavam várias obras mantidas pelas irmãs, freqüentavam várias escolas e adotavam o mesmo procedimento. Ficavam observando a forma como os professores trabalham em sala para, em momento posterior, ajudar nas atividades. As instruções eram para observar a ação, atuar como co-participante e auxiliar do professor em tarefas específicas e, enquanto isso elas aprendiam a língua inglesa.

Segundo Irmã Coelho, esse processo formativo com conexão nos Estados Unidos somente foi alterado na década de 1960, quando as Irmãs conseguiram estruturar no Brasil, uma casa central para esse fim, conforme mostramos a seguir:

No início do ano de um mil novecentos e sessenta (1963) a três as Irmãs Franciscanas de Allegany inauguraram o novo prédio do Convento Mãe Admirável e desde então foi aberto o noviciado canônico da Comunidade no Brasil. A primeira turma a fazer o noviciado das Irmãs Franciscanas de Allegany no Brasil foram as Irmãs Marli Pimenta Porto e Nancy Maria Coelho. Elas receberam o hábito religioso a dez de janeiro deste ano (1963). A mudança das Irmãs em formação, incluindo as postulantes recém-chegadas, e demais Irmãs para o novo Prédio do Convento Mãe Admirável foi feita a dez de março. A formação das Irmãs estava a cargo de Irmã Joana Eduarda que viera dos Estados Unidos para essa finalidade (COELHO, 1972, p. 16).

Com relação à metodologia de ensino, quando perguntada sobre o que observou e praticou nos EUA e o que era realizado nas escolas paroquiais goianas, a irmã

esclareceu que embora as orientações fossem semelhantes, havia uma enorme diferença na estrutura material e nos recursos utilizados pelos alunos nas escolas americanas. Nos Estados Unidos havia uma riqueza de materiais e recursos pedagógicos que os professores e os alunos utilizavam nas aulas. Havia uma grande preocupação com a parte prática do ensino. Tudo o que se estudava era complementado com atividades práticas, experimentos, demonstrações e aulas em espaços diferenciados, fora das salas, tinham laboratórios, bibliotecas, enfim, as condições eram outras.

Já nas escolas paroquiais no Brasil, as orientações dadas pelas superiores também eram para que os professores associassem o ensino com demonstrações práticas, mas isso era realizado de modo diferente. Segundo a irmã, primeiro porque os alunos não dispunham de materiais de apoio, sendo que a maioria não tinha condições de adquirir nem mesmo o básico: lápis, caderno, borracha, régua. As escolas também não possuíam a diversidade de materiais e recursos de apoio pedagógico que tinham nas escolas americanas.

Nestas circunstâncias a metodologia do ensino dependia muito da criatividade do professor. Ao preparar as aulas, era necessário organizar as demonstrações práticas com os recursos naturais disponíveis nas proximidades do convento e da escola. Era o professor que se encarregava de reunir objetos, preparar as tarefas e levar para os alunos usar em sala de aula. Em alguns casos, a professora pedia a colaboração das crianças para juntar objetos que seriam utilizados nas aulas práticas de matemática, por exemplo. Porém, quando precisavam de material escrito, as próprias irmãs reuniam o que tinha disponível no convento e levavam para a sala já que poucos alunos possuíam em casa algum tipo de material escrito.

A segunda irmã ao ser indagada sobre os princípios metodológicos e a forma como organizava o trabalho em sala de aula, começa explicando que sempre trabalhou como alfabetizadora. Iniciou-se no ofício de professora logo após a conclusão do ginásio e somente anos mais tarde é que teve oportunidade de cursar o Normal. Mas isso não a impediu de se tornar uma boa alfabetizadora. Trabalhava com turmas imensas, composta por alunos de idades diferentes. Em Goiandira, chegou a alfabetizar turmas com mais de 60 alunos, porque a procura por vagas era grande e só ela alfabetizava.

Na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, os registros mostram que no ano (1957) chegaram a ser matriculados para classe da “Cartilha”⁶¹ um total de 157 alunos, chegando ao final do ano com 88 alunos – destes 55 aprovados e 33 reprovados. De fato, a elevada demanda se confirma; ao mesmo tempo o quadro docente mantém-se inalterado, com

⁶¹ Entre 1951 e 1962, nesta Escola Paroquial, a classe de alfabetização é registrada nos mapas de resultados finais anuais como “Cartilha”, logo, concluímos que a Cartilha era a classe de Alfabetização.

poucas professoras, incluindo as Irmãs que dividiam a atenção entre a administração da Escola e a sala de aula.

Relata a segunda irmã que as atividades eram planejadas e preparadas individualmente pelo professor. Tudo tinha de ser previsto e organizado com antecedência, inclusive as tarefas para os alunos. O material dos alunos ficava na sala de aula, porque, devido às limitações dos pais, com pouca ou nenhuma instrução, não adiantava enviar tarefa para ser feita em casa. Tudo era feito na sala de aula mesmo. Apesar da turma numerosa, ao final do ano letivo, todos eram alfabetizados, liam, escreviam e interpretavam pequenos textos.

Leitura, escrita e cálculo eram realizados todos os dias da semana. O alfabeto, as sílabas, as palavras eram exercitadas com atividades de coordenação motora e oralidade todos os dias. As operações matemáticas eram concretizadas pelos alunos, que manipulavam as quantidades e estabeleciam as relações antes de registrarem as sentenças. Separar, juntar, classificar, comparar quantidades, tudo era feito com material concreto antes de chegarem ao registro abstrato das operações. No caso da leitura e da escrita, a irmã alfabetizadora lembrou, com riqueza de detalhes que os alunos esgotavam todas as possibilidades de exercícios de coordenação motora enquanto reconheciam as letras do alfabeto, identificavam sílabas e palavras.

Perguntei-lhes sobre as fontes teóricas e manuais que consultava para preparar as aulas. A segunda irmã explicou que a orientação sobre os procedimentos de ensino era recebida da madre superiora do convento que vistoriava os planos e fazia sugestões. O resto ficava por conta da criatividade e empenho pessoal do professor no preparo das atividades. Organizava o plano diário e mantinha atualizado um caderno de registro com informações sobre todas as tarefas planejadas e executadas.

Na ausência de material de apoio, a professora conduzia os alunos para usarem as próprias carteiras para exercitarem o desenho de letras, sílabas e palavras, desenhavam no ar, formando as sílabas, repetiam em voz alta e, por fim, registravam as atividades no caderno. Uma curiosidade foi à solução por ela encontrada para suprir a falta de cadernos pautados para a tarefa de caligrafia. A professora montava no próprio quadro de giz, as pautas da caligrafia. Riscava o traçado da letra, sílaba ou palavra modelo e orientavam os alunos para fazerem o mesmo nos seus cadernos. Dessa forma todos aprendiam a traçar letras cursivas no caderno comum, sem pauta de caligrafia.

Neste particular, tendo encontrado essas tarefas em publicação da Revista Zeal, ao mostrá-las para as irmãs, elas confirmaram que as atividades preparadas eram semelhantes às que estavam retratadas nos Estados Unidos e nas missões de outros países.

A segunda irmã foi pródiga ao falar de sua experiência pessoal como alfabetizadora em diferentes lugares onde as irmãs tinham casas de formação e as escolas paroquiais. A todo o momento referia-se ao excelente desempenho de seus alunos nos estudos, de como os ex-alunos a procuram até hoje para falar-lhes do sucesso pessoal e da importância da boa alfabetização em suas vidas e no plano profissional.

Estes vestígios levantam uma série de indagações quanto à forma e ao conteúdo priorizado na instrução primária destas escolas: estariam aqui indícios de uma experiência múltipla, marcada tanto por um rigor metódico quanto pela improvisação? Essa busca de alternativas pelo professor no preparo de suas aulas não abriria espaço para experiências diversas? Seriam admitidas práticas plurais de idéias e concepções, adaptadas às circunstâncias e condições locais?

4.5 Sobre a conservação do material didático produzido para as aulas

Na medida em que a conversa com a irmã evoluía e se confirmava algumas práticas, perguntei a cada uma onde estaria este material, se algo foi conservado e guardado nos conventos e casas de formação (visto que nas escolas nada tinha sido encontrado).

As respostas de ambas novamente coincidem. Durante a atividade profissional, as irmãs eram transferidas várias vezes, mudavam de escolas e de residência. Algumas eram enviadas para lugares longínquos, outras iam para localidades mais próximas da anterior; as mudanças eram comuns e frequentes. Observando a regra franciscana de viver sem nada de próprio e não acumular muito volume nas mudanças, as irmãs, enquanto atuavam como professoras, selecionavam e conservavam apenas o básico, algumas amostras. Tinham por hábito fazer a limpeza e desocupar os espaços para a chegada das novas irmãs. Nestas circunstâncias, pouco era preservado, às vezes deixavam o material produzido na escola para uso de outras professoras, na maioria dos casos o material era descartado, jogado fora, pois na nova escola, seria necessário elaborar um novo material. As constantes mudanças dificultavam a acumulação de objetos, cadernos, mostra de atividades pelas irmãs. Elas são unânimes em afirmar que a forma de vida franciscana não permitia às irmãs criarem raízes num mesmo lugar. Dependendo da necessidade, as mudanças eram providenciadas. Além disso, havia sempre a preocupação em deixar o lugar preparado para as novas residentes, por

isso o espírito da faxina e da liberação dos espaços era uma prática comum. O pouco que se mantinha conservado na posse pessoal de alguma irmã era eliminado quando se aposentavam e deixavam de atuar na educação.

Ao serem perguntadas sobre a questão da disciplina, da rigidez e da aplicação de castigos nas escolas paroquiais, ambas as irmãs esclareceram algo semelhante. Para elas, o perfil da escola era definido pela madre superiora que estivesse na direção.

Há consenso com relação à existência de práticas distintas⁶². Algumas superiores, embora rigorosas quanto à observância da disciplina e rotina institucional seriam “mais abertas”, mais democráticas na condução e na organização da escola. Instruíam os professores a cultivarem o diálogo e a responsabilidade nos alunos. Outras eram mais enérgicas e admitiam sim a aplicação de medidas disciplinares aos alunos que não se adequavam às normas da escola.

Neste sentido, uma escola paroquial poderia ser diferenciada de outra, na forma como as regras disciplinares eram aplicadas, conforme o rigor das cobranças e normas internas. Uma das irmãs acrescentou que as medidas disciplinares e os castigos aplicados variavam conforme o jeito e o humor da madre. “Tinha de tudo” – numa alusão a que algumas eram mais flexíveis, outras já adotavam uma postura mais conservadora.

Quando perguntada sobre a aplicação de castigos nos alunos, a primeira disse que não era necessário porque em geral os alunos aderiam às regras da escola. A segunda explicou que as sanções aplicadas tinham um caráter educativo e não punitivo. Por serem turmas de alfabetização a professora precisava ter tarefas extras em sala de aula para preencher o tempo livre daqueles alunos que terminavam mais rápido. Ela lembra que levava para a sala algum material de leitura que ficava disponível, quando os alunos concluíam as tarefas, de imediato já pediam permissão para “ler” no cantinho. Desta forma, a professora controlava os ânimos mais exaltados e rebeldes e dava suas aulas sem maiores transtornos. Sobre a quantidade de alunos para serem alfabetizados na mesma turma (chegavam a 60 crianças), ela não via isso como um problema, pois, os bons resultados, dizia, dependem da forma como o professor organiza, controla e desempenha o seu trabalho em sala de aula.

Uma curiosidade que a segunda irmã lembra sobre a rotina de sala de aula era a necessária diversidade de tarefas de curta duração. Exemplificando: segundo a sua experiência, criança em fase de alfabetização não consegue ficar ocupada com a mesma tarefa por um tempo muito prolongado, perdem a concentração e dispersam a atenção. Por isso, a

⁶² Por práticas distintas consideramos a possibilidade de ter havido um ecletismo especialmente na aplicação de métodos de ensino.

professora precisa alternar as atividades entre tarefas manuais e movimentos. Às vezes, ela colocava a turma para descansar sobre as carteiras, fechando os olhos e repousando por alguns instantes (normalmente quando iam concluindo uma tarefa); em outras situações, fazia movimentos coordenados, uma espécie de ginástica (alongamento) para que as crianças ativassem a circulação e despertassem da preguiça. Neste particular, a irmã relatou em detalhes que, para organizar as aulas desta forma, é necessário um planejamento bem elaborado, se possível com a previsão de tempo e a ordem em que cada atividade vai ser realizada pelos alunos.

Ainda sobre a rotina, acrescenta a irmã que, embora as turmas fossem numerosas, ela tinha a disposição de realizar atividades externas, no pátio, no pomar e nas imediações da Escola. Em Goiandira, a disposição dos espaços da escola, igreja e auditório (salão de eventos) facilitava o deslocamento dos alunos para tarefas extra-classes.

Um aspecto muito interessante nesta conversa com a segunda irmã é que, apesar de ser uma professora aposentada, ao tecer o seu relato, ela revive os momentos que considera marcantes na sua trajetória de alfabetizadora, cita nomes de alunos, relembra fatos ocorridos em diferentes épocas com uma riqueza de detalhes impressionante. É como se o passado estivesse ainda muito presente na sua memória, tanto que, ao referir-se à metodologia de trabalho do professor em sala de aula, ela simula algumas situações, dá exemplos e instruções. É como se estivesse em um curso de formação de Normalistas e precisasse ensinar o *modus operandi* de como planejar, como se comportar dentro da sala de aula, a forma de envolver os alunos nas atividades, preparar tarefas a partir dos recursos disponíveis. Enfim, sua experiência de alfabetizadora está muito viva em suas lembranças, ainda conserva as instruções de como tornar-se uma professora bem sucedida, apesar de uma estrutura limitada e com poucos recursos. Para ela, naqueles primeiros tempos, não havia os recursos que chegaram mais tarde, tudo tinha de ser criado, inventado e preparado pela professora. O certo era que os alunos precisavam aprender a ler e aprendiam, ao final do ano todos estavam lendo, escrevendo e fazendo operações, finaliza a alfabetizadora.

Um dos alunos matriculados na primeira turma (1946) do Curso Primário em Pires do Rio⁶³, ao ser procurado em busca de dados administrativos e institucionais das escolas paroquiais, concedeu-nos algumas informações sobre a instrução franciscana nos primeiros tempos. Dizia ele ter sido um dos primeiros alunos a matricular-se na Escola

⁶³ Dr. Jaci Siqueira, é presidente do Instituto do Livro, órgão estadual sediado na AGEPEL – Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, concedeu-nos uma conversa no Arquivo Histórico Estadual, em junho de 2007. Na oportunidade descreveu diversas recordações da época em que fora aluno dos frades e das irmãs em Pires do Rio.

Paroquial Franciscana, porque seu pai desempenhava um cargo público (Intendente) e era também recém-chegado na cidade. Recordo o ex-aluno que a chegada dos frades e depois das irmãs fora um fato marcante para a pequena cidade. As famílias de “boa descendência” mantinham proximidade com os americanos, no intuito de estabelecer relações recíprocas de ajuda e colaboração, no intento de receber bem os religiosos estrangeiros. Assim, os altos funcionários da burocracia do Estado e profissionais liberais (médicos, engenheiros, advogados) que possuíam algum conhecimento da língua inglesa, se ofereciam como interpretes ou mesmo para cultivar uma boa conversa de fim de tarde. Lembra ainda que a presença de engenheiros e outros funcionários do governo era algo comum na região, vindos principalmente de São Paulo e Minas Gerais para a manutenção e apoio à estrada ferro.

Sobre aspectos específicos de como se organizava (como era) a Escola Paroquial onde estudou, o ex-aluno de Pires do Rio aponta algumas relações distintas e interessantes. Quando os pais procuravam a escola para efetuar a matrícula, costumavam ‘entregar’ seus filhos aos frades concedendo-lhes autorização expressas para castigá-los e corrigi-los conforme fosse necessário durante as aulas. Esta teria sido a postura de seu próprio pai: autorizou os frades a educar seu filho do jeito que precisasse, podia inclusive ministrar castigos corporais se necessário fosse.

Entretanto, o modo dos Frades e das Irmãs educarem na escola, não se assemelhava em nada com a metodologia de ensino preconizada pelos pais e velha conhecida dos próprios alunos. Os franciscanos não aplicavam castigos, conforme esperavam os pais. Ao contrário, organizavam atividades diversificadas que ocupavam todo o tempo dos alunos na escola. E isso era muito interessante, dizia.

Duas situações foram ilustradas pelo ex-aluno durante a nossa conversa. A primeira em relação aos frades. Os americanos traziam dos Estados Unidos pacotes de quebra-cabeças contendo milhares de peças. Isso era uma novidade muito apreciada pelos alunos. Nos intervalos das atividades regulares, os frades e irmãos franciscanos disponibilizavam esse material pelos corredores e áreas livres da escola ou do convento, o que atraía a atenção dos alunos no empenho coletivo de montar o quebra-cabeça.

Outra situação envolvendo o modo das irmãs franciscanas atuarem na Escola Paroquial também foi descrita pelo ex-aluno. Ele mencionou que desde pequeno tinha inclinação para atividades ligadas à fotografia, imagem, desenhos, etc. As irmãs cultivavam o hábito de montar alguns caderninhos com amostras de atividades realizadas durante a semana ou o mês, principalmente em ocasiões de datas comemorativas. Nestes caderninhos de relatórios, elas faziam referências às atividades e ilustravam com fotografias, muitas

fotografias. Ao descobrirem a inclinação do aluno para a fotografia, designou-o para fotografar diversas atividades e situações, compondo um verdadeiro acervo iconográfico sobre as mais diversas tarefas executadas na escola e na igreja. De posse das fotografias, após compor os relatórios, frequentemente a irmã responsável por esta tarefa chamava o assistente para mostrar-lhe o resultado do seu trabalho⁶⁴, quase sempre destacando aquelas fotografias mais expressivas, as que eram consideradas melhores, enfim, o que fora aproveitado do seu esforço de fotógrafo.

Ao insistir sobre os aspectos mais marcantes do período em que foi aluno na Escola Paroquial, o ex-aluno responde imediatamente dizendo que “o clima da escola era agradável, que as atividades variadas prendiam a atenção dos alunos, muitos ali permanecendo a maior parte do dia”. Frequentavam as aulas regulares, mas retornavam noutros horários para se envolverem espontaneamente em tarefas recreativas, artísticas e desportivas. “Era gostoso ocupar o tempo naquele espaço”, afinal, as milhares peças do quebra-cabeça gigante eram atraentes e sedutoras aos olhos e mentes curiosas dos alunos da escola primária.

Outro aspecto por ele buscado na memória diz respeito aos alunos de maior destaque e melhor desempenho escolar. “Eram designados para auxiliar as irmãs e os frades em outras tarefas na escola e na igreja. Deste grupo seriam escolhidos os coroinhas e ajudantes das aulas de catecismo”.

Ao ser indagado sobre a relação dos frades e irmãs com os pais, aluno e comunidade, o ex-aluno reporta que, em geral, havia boa receptividade pela população. Mas lembra-se de que alguns pais, a certa altura do ano escolar, começaram a questionar os franciscanos sobre a excessiva liberdade concedida aos alunos na escola. Para muitos, o fato dos filhos não serem submetidos a castigos e correções na escola era algo preocupante. Havia algumas discordâncias neste aspecto, uma vez que os pais esperavam uma demonstração de rigor dos frades na educação de seus filhos.

4.6 Civismo, patriotismo e religiosidade nas escolas paroquiais

Em termos oficiais, os missionários americanos enfrentavam restrições para trabalharem com algumas disciplinas escolares no Brasil, conforme já demonstrado em alguns

⁶⁴ Quando indagado sobre o destino destes relatórios, o ex-aluno foi enfático ao dizer que tudo era embalado, amarrado com algumas fitinhas coloridas e enviado aos Estados Unidos. Não ficavam no Convento, eram despachados para a América.

registros. Por isso contavam com professores leigos para assumirem as cadeiras específicas (história, geografia, português, são alguns exemplos).

Interessada em saber mais sobre os rituais e eventos realizados nas escolas paroquiais, de ordem cívica ou religiosa, perguntei às irmãs a respeito de como se organizavam as festas e comemorações, como se dava a relação da escola com a família e a sociedade em geral.

Em síntese, o que as duas irmãs recordam é que um traço marcante das irmãs americanas na coordenação das escolas paroquiais era o estímulo às práticas cívicas e o cultivo do patriotismo. Todos os professores eram incentivados a comemorar as datas cívicas e religiosas com os seus alunos. As datas religiosas tinham semelhanças com as comemorações realizadas nos Estados Unidos, salvo algumas datas comemoradas somente no Brasil, como dia 12 de Outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida. Os santos de devoção normalmente seguem o calendário oficial da Igreja. Quanto às datas comemorativas, havia uma constante preocupação em organizar as festas cívicas do calendário oficial do Brasil, cuidando para que os alunos cultivassem o respeito aos símbolos nacionais, participassem de eventos públicos na escola e nas ruas. A presença dos pais e da comunidade era igualmente solicitada pelas irmãs, nas apresentações públicas ou em mostras e exposições realizadas na escola.

Na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, de Goiandira, localizamos no livro de Atas a descrição de atividades de natureza cívica, desenvolvidas pelas irmãs e alunos em épocas especiais.

Festa de Tiradentes.

Aos 21 de abril de 1953 tomou lugar no salão da Escola Paroquial Santa Maria Goretti uma festa em comemoração a Tiradentes. Após uma oração o programa deus-e início com o Hino Nacional cantando por todos. Em seguida foi recitada uma poesia e diversos quadrinhos pelos alunos do primeiro ano. Os alunos Roseli Santos e Vanda Telles recitaram poesias representando assim o segundo ano. O Hino da Bandeira, seguiu cantado por todos. Aparecida dos Reis, aluna do terceiro ano apresentou um discurso o qual foi seguido pelo hino de Tiradentes cantado por todos. Aparecida dos Santos, aluna do quarto ano recitou uma poesia patriótica após a qual foi cantado o hino de Goiandira. Antonio Fernandes do Curso de Admissão leu um trecho da “Voz do Brazil” pelo escritor Morel Reis. As alunas do curso de Admissão apresentaram um pequeno teatro de nome, “Quem sabe a lição de hoje”? O programa terminou com o hino, “Minha Terra é Batizadas”.

Estavam presentes para assistir esta festa o Revmo. Frei João Francisco Granahan, Superior dos Padres Franciscanos em Goiás, o Revmo. Frei Domingos Foley, Vigário da paróquia, o corpo docente e o corpo discente da Escola. 21/04/1953. Sec. Irmã Maria Assumpta Cunha; Dr. Irmã M. Celestina Fruscione (LIVRO DE ATAS n. 01, 1953, p. 07 e verso).

Encontrei em Azzi & Klaus referência de que,

O civismo foi promovido em larga escala pelo poder público, sobretudo a partir dos anos 1930, e os colégios católicos aderiram plenamente às instruções do governo. Ressaltava-se a celebração das datas patrióticas, com destaque para a morte de Tiradentes (21 de abril), Independência (7 de Setembro), Proclamação da República (15 de outubro), e Dia da Bandeira (19 de Novembro). Nessas solenidades havia hasteamento da bandeira, canto do Hino Nacional, formação militar dos alunos, sessões cívico-literárias, com discursos, poesias e cantos patrióticos. Em algumas ocasiões, como na semana da pátria, desfile pelas ruas da cidade (AZZI; KLAUS, 2008, p. 302).

No calendário litúrgico da Igreja, a escola se mobilizava para organizar cerimônias como a coroação de Nossa Senhora, a festa especiais como o padroeiro da escola, da paróquia da cidade, festa de São Francisco, Páscoa, Natal, dentre outras.

Em comemoração da Independência do Brasil, houve uma festa no salão da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, no dia 7 de setembro de 1953. Após a Missa das 7 horas os alunos iniciaram o programa com uma oração e o hino nacional. Em seguida 6 meninas da Cartilha recitaram uma poesia, “Meu Brasil”. Representando o 1º Ano, cinco meninas cantaram um canto patriótico do Brasil. As meninas Aparecida Moreira, Wanda Telles e Roseli Santos do 2º Ano cantaram o hino da Bandeira. O 3º ano apresentou uma cena histórica. Aricilda Mariano do 4º ano recitou um poema “7 de Setembro”. Uma leitura patriótica foi proferida pelo aluno Paulo Diniz do Curso de Admissão e a aluna Zilah de Fátima do Curso também do Curso de Admissão deu um discurso. Os números do Programa foram intercalados por cantos. O vigário, Frei Domingos Foley terminou a sessão com um discurso. Presentes para esta festa estavam os pais dos alunos. 7/09/1953. Secr. Irmã Maria Assumpta Cunha; Dir. Irmã M. Celestina Fruscione (LIVRO DE ATAS n. 1, 1953, p. 8 verso e 9).

A expressão artística, a música, a poesia e pinturas também eram exploradas pelas irmãs nestas atividades. Era frequente a organização de exposições públicas na escola nas quais eram convidados os pais e comunidade local para visitar e conhecer as produções dos alunos. Este tipo de atividade era uma rotina na escola.

Uma informação dada por um ex-aluno⁶⁵ do Ginásio Siena de Catalão foi a de que as aulas de Educação Física para este nível de ensino se realizavam durante a semana às 5.30 da manhã. E mais, que o professor dessa área era o responsável pelo treinamento dos alunos para a participação em eventos cívicos e desportivos. Canto, marcha, fanfarras, jogos, tudo era instruído pelo professor de Educação Física.

Uma das irmãs lembrou-se de que a diretora exigia que os professores mantivessem os cadernos de planejamento bem organizados com mostras de atividades feitas pelos alunos, porque quando estas exposições eram organizadas, toda a produção feita pelos alunos deveria ficar em lugar visível e de destaque para os pais visitantes. Internamente

⁶⁵ Professor Braz José Coelho, aluno do Ginásio Siena, Catalão entre 1952-1955.

ocorria uma espécie de disputa entre os professores e suas respectivas classes no sentido de melhor organizar as mostras e exposições.

Outra irmã também esclarece que muitas americanas estimulavam a montagem destas exposições com tanto entusiasmo que a escola se transformava numa verdadeira competição interna entre os professores, para ver quem é que teria mais destaque.

Quando indaguei se haviam temas especiais para estas mostras e se aconteciam em épocas específicas, as irmãs explicaram que, as temáticas eram definidas conforme o momento de estudo: leitura, texto, desenhos, pinturas; ciências, e história, geografia; datas cívicas. Também ocorriam apresentações dos alunos na forma de canto, jogral e poesias. Não tinha uma época ou período específico para se fazer essas atividades, seguiam o curso normal do semestre. Eram previstas e planejadas para acontecerem periodicamente. Era uma rotina que professores e alunos já estavam acostumados, quase toda semana acontecia alguma atividade deste nível na escola. Uma das irmãs fala que em alguns momentos tão logo um grupo de professores retiravam uma mostra, outra já estava sendo montada no mesmo espaço, a escola nunca ficava vazia ou sem nada em exposição.

Tanto as práticas religiosas quanto as cívico-patrióticas, eram estimuladas na vivência dos alunos realizada nas escolas paroquiais franciscanas. Os católicos praticantes e os cidadãos eram formados no mesmo espaço.

Pode-se observar uma nítida diferença entre as práticas antigas e as inventadas. As primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercitivas, enquanto as últimas tendiam a ser bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo: “patriotismo”, “lealdade”, “dever”, “as regras do jogo”, “o espírito escolar”, e assim por diante. Porém, embora o conteúdo do patriotismo britânico ou norte-americano fosse evidentemente mal definido, mesmo que geralmente especificado em comentários associados a ocasiões rituais, as *práticas* que o simbolizavam eram praticamente compulsórias – como, por exemplo, o levantar-se para cantar o hino nacional na Grã-Bretanha, o hasteamento da bandeira nas escolas norte-americanas. Parece que o elemento crucial foi à invenção de sinais de associação a uma agremiação que continham toda uma carga simbólica e emocional, ao invés da criação de estatutos e do estabelecimento de objetivos de associação (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 19).

Em Goiandira, a Escola Paroquial Santa Maria Goretti ativou a vida social da cidade, através de suas celebrações e cerimoniais. A presença de civis e de autoridade eclesiástica faz parte da projeção e importância atribuída às atividades da Escola.

No dia 30 de Novembro de 1957, realizou-se no salão nobre da Escola Paroquial Santa Maria Goretti a solenidade de entrega dos diplomas aos concluintes do 4º Ano primário. Iniciou-se com a Santa Missa às 6.15 em Ação de Graças pelo término do Curso. Em seguida foi oferecido um café aos alunos e seus dignos pais.

Estavam presentes os seguintes convidados de honra: Dom Fernando Gomes dos Santos, DD. Arcebispo de Goiânia; Frei Estevão Walsh, OFM, vigário da paróquia, Frei Celestino O'Callaghan, OFM, as professoras do Estabelecimento e os pais dos alunos. Após um discurso lido pela aluna Júlia Aparecida Borges, o Sm. Arcebispo Dom Fernando fez a entrega dos diplomas e honrou os alunos com umas palavras de congratulações. A sessão foi encerrada com uma oração. (LIVRO DE ATA n. 01, 1957, p. 13 e 14).

Verifica-se que ao cultivar o civismo, o patriotismo e a religiosidade através das atividades escolares, era possível associar a instrução, a sociabilidade e a evangelização no espaço da escola paroquial. Para as irmãs, essas práticas eram trazidas dos Estados Unidos pelas suas superiores. Nas vivências locais, as solenidades eram marcada por orações e hinos.

É pertinente ressaltar que, a experiência cívica americana é associada às práticas e costumes locais, são mescladas pelo modo como as pessoas do lugar significam e valorizam as instituições religiosas e educativas. Não raro as solenidades são marcadas por orações e hinos e gestos cívicos, como declamações, desfiles e discursos, dentre outros.

4.7 Aspectos do Currículo Escolar

Na busca por características do Currículo Escolar, encontrei vários registros de frequências e notas com informações sobre a organização curricular das Escolas Franciscanas.

No livro de registros, preenchido conforme as instruções normativas do “Convênio de Estatísticas Educacionais, da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1931”, a matrícula dos alunos efetivadas entre os anos de 1958 e 1963, na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em Goiandira, apresenta informações sobre: nome, sexo, idade, data de nascimento, origem, nível de instrução. Em relação aos pais, mães ou responsáveis no mesmo registro de matrícula são informados dados como: nomes, descendência, residência, profissão, nível de instrução, religião e nacionalidade.

Nesta mesma Escola, entre os anos de 1951 e 1962, localizei alguns mapas de resultados finais, manuscritos, cuja seqüência de alunos é discriminada por sexo masculino e feminino, embora os alunos pertençam à mesma turma e série. Concretamente, consegui identificar os seguintes componentes curriculares trabalhados em turmas do Curso Primário (desde a Cartilha até o 4º Ano): Religião, Português, Aritmética, Leitura, Caligrafia, Conhecimentos Gerais, História do Brasil, Ciências, Ditado, Desenhos, Geografia, Canto (Música), Trabalhos, Educação Física, Comportamento.

Em todos os resultados acrescentam-se as médias e a classificação geral do aluno na turma, bem como a condição de aprovado ou reprovado. Não foi possível elaborar um quadro com a discriminação dos componentes curriculares por série, devido à

fragmentação dos mapas localizados: em alguns há a identificação do ano, série e a professora responsável por fazer à mão o preenchimento. Em outros há somente a descrição de alguns componentes, na seqüência, porém, faltam dados mais precisos para a identificação.

Ao conversar com um ex-aluno⁶⁶ sobre as disciplinas do Curso Ginásial, o que era ensinado nas Escolas Franciscanas, recordou que, embora não tivesse separação muito nítida entre religião e instrução, às disciplinas do currículo escolar eram acrescentadas pelo menos duas áreas: a Apologética e a organização de associações católicas internas. Na apologética, disciplina cursada em uma das séries do Curso Ginásial, o conteúdo era todo voltado para a defesa da Igreja Católica e Apostólica Romana, era ministrada por um frade ou por algum professor de reconhecido conhecimento teológico ou filosófico. Já a organização dos alunos ginásianos em agremiações religiosas – JEC (Juventude Estudantil Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica), foram amplamente incentivadas nas Escolas Franciscanas, como forma de combater as ideologias comunistas, aos espíritas; através destas organizações jovens vivenciavam, na prática, as ações da fé católica. As atividades programadas e executadas tinham um apelo social e assistencial, de modo que os estudantes participavam da ação católica proposta pelas associações.

Outra estratégia utilizada na década de 1950 era o frade diretor assumir as turmas nos casos de ausência do professor, abordar uma temática de cunho religioso e de efeito moral e realizar uma verdadeira pregação aos alunos, realçando os aspectos de como se tornar um bom cristão e cultivar a fé. Deste modo, assegurava-se a formação intelectual e a moral religiosa no mesmo nível e com semelhante equivalência.

Nas quatro séries do Curso Ginásial estudava-se: Matemática, Inglês, Português, Latim, Francês, Desenho (o arquitetônico e o artístico), Apologética, História, Geografia, Ciências Naturais e Educação Física. No plano da formação geral, os estudos eram complementados por conferências e palestras periódicas proferidas por algum frade ou por um católico que, depois de realizar viagem a algum país, era convidado a fazer um relato da experiência aos alunos, mostrar fotografias e descrever os lugares.

Já no aprofundamento da formação religiosa, os frades dispunham de um calendário de liturgias durante a semana, com missa diária matutina e bênção do Santíssimo à noite. Aos domingos, as missas eram celebradas nos horários das seis, sete, oito e nove horas da manhã. A missa das oito horas do domingo era própria para os estudantes de todas as escolas da cidade. No caso dos alunos das Escolas Franciscanas, a frequência obrigatória era

⁶⁶ Professor Braz José Coelho, Doutor em Linguística e Escritor, fez o Curso Ginásial no Colégio Siena em Catalão, entre 1952 e 1955.

controlada através de uma ficha, depois por uma caderneta na qual tinha espaço para registrar e carimbar a presença do aluno na liturgia dominical. Na rotina de sala de aula, os professores, no início de cada aula colocavam os alunos de pé para uma oração. Segundo o professor Braz, esse procedimento era comum entre os professores de declarada profissão católica, mas a prática não era compulsória, pois nem todos seguiam o ritual. Havia aqueles que não faziam orações com os alunos em suas aulas e eram respeitados na sua opção, não eram repreendidos nem cobrados pelos frades.

Verifica-se que, tanto nos registros quanto nas informações obtidas através de ex-alunos, uma tendência a organizar o processo formativo identificado por um currículo clássico, mas profundamente articulado aos princípios da fé católica. Os alunos das Escolas Paroquiais eram formados para se tornarem multiplicadores da doutrina cristã em seu meio familiar e social. O cuidado em inseri-los em atividades religiosas e em agremiações de natureza cívica e social era uma forma de evitar que fossem seduzidos por ideologias e seitas.

Quando perguntado sobre a formação de quadros para a Ordem Franciscana, o professor Braz explicou que, de fato, durante o curso ginásial não havia nenhum direcionamento doutrinário específico àqueles que seriam candidatos ao seminário. A opção pela vida religiosa era uma consequência do processo formativo na Escola Franciscana. No seu caso, ao concluir o Ginásio, no ano de 1956 foi, juntamente com outros colegas e um professor do Colégio, para o Seminário Seráfico de Agudos (SP). Lá os cursos de filosofia e de teologia eram todos ministrados em Grego.

A localização de novos dados, possivelmente com ex-alunos e ex-professores, sobre a composição do currículo propedêutico e dos programas catequéticos organizados e executados pelos frades e irmãs, poderá trazer a lume a complexa teia de relações estabelecidas na obra missionária franciscana em Goiás⁶⁷.

De imediato as interrogações que permanecem abertas em relação às características do currículo escolar podem ser assim sintetizadas: as irmãs franciscanas, mesmo instruídas por um modelo americano, forjam suas práticas no confronto com a experiência local, marcada principalmente pela presença de professoras leigas. Estes indícios poderiam sugerir a formatação de conteúdos, normas e procedimentos de forma intuitiva? Ainda que tivessem uma direção metodológica pré-definida, a materialização do fazer docente em sala de aula não estaria influenciada pelas condições locais? Afinal, tanto no sentido de cristalizar práticas mais conservadoras quanto na experimentação de novidades

⁶⁷ É o que pretendo continuar desenvolvendo com a composições de novos projetos de pesquisa após o doutoramento.

metodológicas, vê-se possibilidades apontadas para rumos diametralmente opostos e contraditórios, porém não seria impossível se considerássemos que, de um lado estariam as irmãs americanas e de outro professoras primárias formadas ou instruídas nos moldes da educação goiana.



Foto 4.7 – Visita Pastoral em Catalão
Fonte: Revista Zeal

4.8 As relações do projeto missionário franciscano com o Estado Republicano

A questão que motiva nossa argumentação situa-se na questão: ao instaurar a obra missionária franciscana em Goiás haveria relações comuns da Igreja representada pelos Frades com o Estado Republicano, permeadas por objetivos e interesses cívicos e religiosos? Seria possível destacar acordos, mediações e ações em comum? Seria possível identificar vestígios que demonstrassem o ordenamento de ações institucionais que levassem ao atendimento de interesse tanto da Igreja quanto do Estado?

Na tentativa de construir uma releitura destes postulados, a partir da história da Igreja neste período, pautamos pela reinterpretação de alguns aspectos que, no nosso entendimento merecem ser considerados nas suas complexidades e distinções. Tomamos como ponto de partida a visão de Azzi & Klaus (2008), sobre esta relação entre Estado Republicano e Igreja.

Na concepção típica do mundo moderno, o Estado se apresenta como uma realidade autônoma, uma instituição puramente civil, destinada a defender os direitos dos cidadãos, impondo ao mesmo tempo o respeito mútuo com garantia das liberdades

individuais. Nesse contexto, as Igrejas são consideradas como realidades autônomas, cuja vitalidade e organização dependem exclusivamente dos seus chefes, podendo apenas influir indiretamente na dinâmica da vida política e social (AZZI; KLAUS, 2008, p. 195).

Pensadores católicos conservadores e representantes oficiais da Igreja não reconheciam o Estado leigo por considerá-lo desprovido de princípios éticos, na medida em que fora decretada a autonomia deste em relação à Igreja, enquanto as liberdades individuais apontavam para a adoção de diferentes ideologias.

Nas incongruências existentes entre Igreja e Estado na composição dos respectivos projetos, a primeira metade do século XX testemunhou demonstrações da vertente conservadora declaradamente simpatizante de governos autoritários em diferentes países e, internamente, no Brasil, através do apoio a líderes estaduais de inspiração fascista e totalitária, como o caso do governo Vargas. Tudo no afã de validar a presença e a afirmação de uma nação católica, com as bênçãos de seus governantes.

Por sua vez, alguns políticos mais conservadores passaram a assinalar a importância da colaboração da Igreja para o Estado, através da educação religiosa, considerada como um freio ao avanço das idéias socialistas. Essa posição variava de acordo com os diversos Estados (AZZI; KLAUS, 2008, p. 206).

Já no que diz respeito às possibilidades de diálogo entre Igreja e Estado e o cultivo de relações recíprocas, Azzi & Klaus afirmam que:

Não obstante o sonho idealista da restauração católica, a hierarquia eclesiástica limitou progressivamente suas aspirações, considerando apenas indispensável a garantia oferecida pelo Estado de resistência a qualquer plano de mudança social inspirado nas doutrinas do comunismo. Em contrapartida, o episcopado se comprometia a arregimentar as forças católicas para manter a estabilidade do poder político, sempre que necessário, sem colocar em questão sua legitimidade (AZZI; KLAUS, 2008, p. 219).

Em atos e eventos públicos, civis ou religiosos, a presença de representantes do Estado e da Igreja evidenciava esta relação recíproca entre as duas instâncias, as quais, reservadas as especificidades institucionais, possuíam pontos convergentes e interesses comuns: o combate a determinadas ideologias, a manutenção da ordem social e a mobilização do povo.

A idéia de um suposto nacionalismo religioso se manifesta, na prática, em situações públicas nas quais, tanto a Igreja quanto o Estado têm interesses comuns. Embora mantenham cada instituição na defesa de seus pilares éticos e filosóficos, ambos admitem a existência de pontos convergentes, principalmente no que se refere à manutenção da ordem social e econômica.

A doutrina positivista teve grande importância na promoção da educação patriótica, considerada um dos elementos básicos para a manutenção da ordem social; daí a introdução do culto cívico. A finalidade básica era inocular nos cidadãos um verdadeiro amor pela pátria, que deveria ser trazido no cumprimento efetivo dos deveres familiares e sociais (AZZI, 1980, p. 230).

São características do período: a reafirmação dos ideais cristãos católicos e o contínuo combate às ideologias socialistas e comunistas. Era preciso frear qualquer iniciativa de estremecimento da ordem social conservadora – leia-se liberal, positivista e moderna. A intervenção da Igreja na construção da nacionalidade brasileira – mantém-se uma tendência ao modelo religioso europeu claramente identificado pela forma autoritária e radical.

Ao referir-se à obra missionária franciscana, do ponto de vista institucional, observa-se que o argumento da oposição entre Igreja e Estado não se sustenta com tamanha radicalidade, não prospera com tanta intensidade no seio das ordens religiosas propriamente ditas. O *modus operandi* da conduta missionária das Ordens e dos Institutos Religiosos tinha em comum o seguinte processo:

[...] eles iniciam suas missões mediante a construção de capelas, escolas, ambulatórios médicos e residências para os religiosos, nas franjas do território já povoado por brancos, mamelucos, mulatos ou índios mansos. São nessas fronteiras ou limites entre a civilização e a selva, que se estabelecem as missões, com frequência transformadas posteriormente em sedes paroquiais. Na maior parte das vezes, o trabalho de catequese dessa população socialmente desamparada, acaba absorvendo as atividades dos sacerdotes (AZZI; KLAUS, 2008, p. 57).

Embora manifestem preocupações com relação ao ensino laico e a não oferta das aulas de religião nas escolas públicas seja combatida, a via de atuação dos missionários estrangeiros segue noutro sentido. Vê-se a disposição em arregimentar benefícios do poder público, principalmente junto às autoridades locais e regionais, para a expansão do seu plano catequético. Há evidências de que a celebração de contratos e parcerias era algo que interessava tanto aos Frades quanto às autoridades locais e regionais.

No caso das Missões Franciscanas em Goiás, algo semelhante ocorreu, com a fixação das residências paroquiais em pontos estratégicos do Estado, em cidades pequenas, mas com forte potencial de expansão do ofício religioso. Claro que, devido às grandes extensões territoriais das paróquias, o atendimento dos Frades se estendia a vilarejos, distritos e vasta zona rural, incluindo muitas fazendas distantes da sede do município. Não seria fruto do acaso que estas mesmas localidades eram projetadas no estado como em vias de desenvolvimento produtivo e comercial.

Há demonstrações públicas de que a convivência pacífica e harmoniosa entre as Instituições Religiosas e o Estado Republicano seria altamente proveitosa para ambas as partes.

A nova escola paroquial de Goiandira que seria solenemente inaugurada em setembro, mas poucos dias antes da data, um filho do governador de Goiás foi morto em um acidente de avião, e um período de luto oficial foi decretado. Esta inauguração foi adiada indefinidamente. Então, um dia, no início de novembro, algumas autoridades da cidade vieram para casa e disse que estava tudo pronto para a semana seguinte. [...]

Então, definiram o local dos eventos em 8 de novembro de 1952, a curto prazo, como o arcebispo não era capaz de chegar, nem mesmo qualquer dos Frades, das outras casas, salvo Fr. Edmund de Catalão. Mas o prefeito esteve presente, o juiz e o diretor da Estrada de Ferro Goiaz. Ele havia emprestado à Cidade de equipamentos para a perfuração do poço artesiano, por isso ele foi o convidado de honra. Tão dignamente, pois logo aprendi que ele é um executivo, uma pessoa agradável e de boa. Ele se ofereceu para me dar credencial vitalícia na ferrovia. Tudo o que tenho a fazer é enviar-lhe a minha foto, para colocar o cartão de identificação. Eu entendo que não será bom para circular na estrada de ferro da Pensilvânia (ANAIS DA PROVÍNCIA, vol. X, Fev. 1953, p. 94).

Em diversos registros encontrei situações que confirmam a convivência entre Igreja e Estado sem maiores radicalismos. Se por um lado, a ordem franciscana contava com a subvenção estatal para ampliar o atendimento na área da educação, da saúde e da assistência social, por outro, várias instâncias públicas também se beneficiavam os espaços institucionais da Igreja: há registros em que salões de eventos, auditórios e capelas eram utilizados para cerimônias, atividades e eventos das escolas públicas. Nos momentos mais significativos, as autoridades cívicas, jurídicas e eclesiásticas se faziam presentes e se compartilhavam interesses comuns.

Aos 19.10.1953, Frei Domingos Foley, OFM, pároco e presidente da diretoria, recebeu no Banco do Brasil, agência de Catalão, o pagamento da subvenção extraordinária do Governo Federal em benefício deste educandário. A subvenção foi de noventa mil cruzeiros, mas com os descontos bancários ficou em oitenta mil, setecentos e setenta e dois cruzeiros. O Sr. Moacyr de Sousa e Paula foi testemunha da recepção da verba. 19.10.1953. Secr. Irmã Maria Assumpta Cunha; Dir.. Irmã M. Celestina Fruscione (LIVRO DE ATA n. 1, 1953, p. 9 verso e 10).

Do exposto é possível concluir que, nas artimanhas e adaptações para se inserirem e se relacionarem com o contexto, a necessidade de formalizar acordos, reivindicar a colaboração formal e mediar conflitos e interesses comuns, os representantes da ordem franciscana em Goiás não estimularam confrontos com o estado republicano. Ao contrário, nas situações em que as lideranças religiosas se faziam presentes em solenidades e atos oficiais, as autoridades constituídas do estado e município assumiam posição de destaque e recebiam tratamento distintivo.

4.9 A ação educacional é marcada pelas condições estruturais do Estado

Pois nenhum povo verdadeiramente é isto ou aquilo no sentido de ser fixo; todos nós estamos sempre sendo, embora dentro de constantes ou tendências características de comportamentos nacionais ou regionais, que vêm menos do sangue ou da raça de cada povo que de influências decisivas sobre a sua formação; e estas, nem sempre as econômicas, como pretendem certos deterministas, hoje em declínio intelectual, mas às vezes as por eles chamadas desdenhosamente “espirituais” (FREYRE, 1959, p. 15).

A presença de profissionais liberais, operários da estrada de ferro é encontrada nos registros através da distinção como se apresentam seus filhos para a escola. Diferentemente dos filhos de agricultores que nem mesmo sapatos e uniformes possuem para comparecerem à escola, os alunos cujos pais trabalham na estrada de ferro são nivelados pela vestimenta, embora mantenham traços diferenciados em idade e nível de instrução.

Há um grupo, sem dúvida, o mais interessante de todos os alunos são os 60 filhos dos trabalhadores da estrada de ferro que estão matriculados. Eles variam em idade, de cinco anos e meio a 18, em tamanho, de anões para matronas jovens, na cor, do matiz de neve para o de carvão, de personalidade, a partir do patologicamente tímido ao talentoso e dotado. Quase nenhum nunca tinha ido à escola antes - ou, como uma questão de fato, tinha visto uma escola antes, ou manipulado um lápis, ou aberto um olhar, e assim, apesar de seus anos, eles foram divididos e colocados a partir do jardim de infância ao segundo grau. Todos os dias, arrumados e limpos em seus uniformes azul e branco, com o "STJ" bordado nas mangas, eles chegam em Pires vindo no trem às 11:30. Eles retiram (saem) novamente em 3:15. Mas alguns deles deixaram as suas casas logo às 8 a. m. e só irá alcançá-la novamente às 6 p. m., após andar dez quilômetros, e depois do outro passeio de trem. Eles estão recebendo um conhecimento como [...] de livro-aprendizagem, mas sem dúvida eles estão aprendendo cada vez mais do conhecimento supremo, que nunca poderia ter começado em suas casas primitivas espalhadas no meio do nada. E eles vão para casa e dizer aos pais - que também nunca podem ter ouvido falar antes - que o batismo é apenas o primeiro dos sete sacramentos, que São Sebastião é apenas um servo de Deus, que vive o Filho de Deus em uma casa em Pires do Rio e das pessoas que estão construindo um palácio perto da escola (ANAIIS DA PROVÍNCIA, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 385 a 390).

A mestiçagem e a descendência social do grupo são realçadas neste registro e nos dá uma dimensão dos processos migratórios ocorridos no interior do Brasil ao longo do século XX, através da vinda de famílias de outros países (árabes, turcos, sírio-libaneses, italianos, etc.). Internamente, a migração foi incentivada pela abertura de frentes de trabalho em diferentes estados. Em Pires do Rio, Catalão e Goiandira, juntamente com a possibilidade de produção agrícola e exploração da matéria-prima de produtos básicos da pecuária (manteiga, couro, carne e leite), a instalação da estrada de ferro foi responsável por esse fluxo, atraindo muitas famílias de outros países e estados.

As palavras de Freyre (1959), citadas no início deste tópico, ajudam a compreender que o contexto é tão múltiplo quanto complexo. Os determinantes das condições econômicas, sociais, culturais e religiosas, conferem características singulares ao modo de vida do povo goiano. É preciso considerar todos esses aspectos para interpretar o alcance e as dimensões do projeto missionário franciscano que aqui se instaurou.

Nesta direção, ao buscar referências sobre a sociedade e o contexto econômico de Goiás na segunda metade do século XX, destaco alguns aspectos da obra de Borges (2000), que traduzem as marcas da vida e da cultura do povo goiano. Realço, em particular, as características da região da estrada de ferro, a qual, na sua maior parte, coincide com as dimensões geográficas do sudeste goiano.

Para Borges (2000), a idéia de um Estado atrasado e periférico tem origem na concepção estrutural dualista utilizada para interpretar uma realidade regional.

[...] a política de crescimento econômico do Estado populista reservava o papel de coadjuvante do processo de industrialização, incentivando a expansão da fronteira agrícola que produzisse gêneros básicos para atender a demanda urbana. Ao combinar o acesso a novas áreas de fronteira com a ocupação de terra por trabalhadores inseridos em regimes de trabalho não-capitalistas, proporcionava a produção de um excedente temporário de arroz, feijão ou milho que, por seu preço reduzido, contribuiria para o rebaixamento do custo de reprodução da força de trabalho urbano-industrial (BORGES, 2000, p. 21).

A condição de subsidiário da produção dos gêneros básicos para os estados do Sudeste, colocava Goiás na rota da expansão produtiva agrícola, mas o distanciava da produção urbano-industrial. Nesta relação, o lugar de Goiás na dinâmica do sistema produtivo não poderia ser confundido como simplesmente atrasado e pobre.

É preciso compreender que, na manutenção das relações capitalistas de produção, embora não se identificasse com o crescente processo de industrialização verificado nos estados litorâneos, por situar-se no planalto central, Goiás também ocupava posição estratégica na política desenvolvimentista brasileira. Dentre outras funções, a região sudeste do Estado, onde primeiro adentrou a ferrovia, serviu de entreposto comercial de matéria-prima para Minas Gerais e São Paulo. Em contrapartida, também atuava como distribuidor de produtos industrializados trazidos dos centros produtores.

Em Goiás, o desenvolvimento da produção agrária deu-se nesse contexto histórico da articulação entre capital comercial e produção tradicional. A reprodução de práticas arcaicas de cultivo e de exploração do trabalho ocorreu em combinação com a expansão da fronteira agrícola e a crescente espacialização da produção no campo. A partir dos anos 1930, boa parte da produção agropecuária regional passa a subordinar-se à reprodução do capital mediante sua inserção no circuito comercial. De forma que, tanto no processo de produção de fazendas como de produção de bens primários a baixo preço para o mercado do Sudeste, a economia agrária configurava-

se como reserva de acumulação primitiva para o capital (BORGES, 2000, p. 26 - 27).

Enquanto sistema de transporte, a presença da ferrovia na região, alavanca os negócios, a comunicação, estimula a venda e compra de mercadorias e produtos, de tal modo que o arcaico e o moderno convivem e alteram as relações internas entre os diferentes municípios e externas interligando as divisas estaduais e regionais.

O trem-de-ferro – simbolizado na maria-fumaça – com seu silvo estridente e cauda de aço, emplumada em fumaça, serpenteando pelos sertões, despertava Goiás de séculos de isolamento e transformava a paisagem regional através de um processo dialético marcado pela destruição/reconstrução do espaço. Muitos terminais ferroviários tornaram-se movimentados núcleos urbanos e centros dinâmicos da vida econômica e cultural da sociedade local. As estações ferroviárias tornaram-se área de lazer, de encontros amorosos e de debates culturais e políticos, bem como praças de negócios que movimentavam o comércio de boa parte do Estado. Assim, os terminais ferroviários, e os núcleos urbanos que deles se desenvolveram, pareciam, aos olhos da população sertaneja, ilhas de prosperidade em meio a um mundo rural e arcaico (BORGES, 2000, p. 41).

Esta realidade faz com que, em termos capitalistas, Goiás se posicione estrategicamente no engendramento das forças produtivas direcionadas para bens primários e consumo de produtos. Alimenta a produção de subsistência, conserva traços da mão de obra informal mantida através de relações de trabalho de meeiros, arrendatários e/ou pequenos produtores, cuja principal característica é a ausência de contratos formais de trabalho e sub-remuneração. Ao mesmo tempo, torna-se consumidor dos produtos de origem urbano-industrial.

A partir da segunda metade do século XX, com a expansão de fronteiras agrícolas orientadas para o Oeste e o investimento do governo federal para construir Brasília, a nova capital, diversos benefícios, especialmente no setor de transportes foram direcionados para a região sudeste de Goiás, principal via de acesso ao Planalto Central.

[...] antes de o caminhão tornar-se uma realidade como meio de transporte em Goiás, o carro de bois foi o principal veículo de carga a transpor os sertões goianos. O trem-de-ferro e o carro de bois, bem como as tropas de burros, formavam um sistema modal de transportes responsável pela circulação de mercadorias e pelo incremento das transações comerciais do Estado. Nos terminais ferroviários e nas estradas boiadeiras, o apito do trem se confundia com a manhosa cantiga do carro de bois (BORGES, 2000, p. 54).

Considerada como expressão do Nacional Desenvolvimentismo do governo Kubitschek, a construção da rodovia Belém-Brasília, que atravessou Goiás do Norte ao Sul, representou a integração do Estado a outras fronteiras de comunicação e comércio, em particular o canal estabelecido com a região Norte e Nordeste do país.

[...] O governo importou uma grande quantidade de máquinas e equipamentos rodoviários dos Estados Unidos para a construção da estrada. Mobilizou embaixadas e consulados no Brasil e na América do Norte, recorrendo a transações comerciais nem sempre lícitas. A encomenda de máquinas fora distribuída entre diversas firmas norte-americanas (BORGES, 2000, p. 63).

Tomados na conjuntura nacional e no contexto do Estado, estes aspectos indicam que, longe de ser atrasado e precário, Goiás se constituía sim, em um território marcado por disparidades geográficas e econômicas, porém, moldadas pelos interesses e estratégias de concentração e difusão das atividades produtivas e industriais capitalistas.

A condição de entreposto comercial e consumidor, em particular quando nos referimos ao sudeste goiano, coloca essa região do Estado sujeita às diversas influências de idéias, concepções e ideologia circulantes no país. Isso leva-me a perceber algumas singularidades que ocorrem de forma mais vigorosa em alguns lugares enquanto em outros se manifestam de modo menos expressivo.

Destaco como exemplo, dois aspectos: a ameaça ideológica dos comunistas e espíritas e a manutenção de práticas religiosas regionais pelos católicos do sudeste goiano. Começemos por abordar os elementos do primeiro aspecto.

Conforme o mencionado outrora, haveria concretamente uma ameaça ideológica dispersando os fiéis católicos em Goiás? Algumas particularidades do sudeste goiano contribuem para formular uma interpretação inicial.

As cidades que integram a região da estrada de ferro, embora conservem as relações de trabalho pré-capitalistas caracterizadas por Borges (2000), também cultivam outras formas de produção. Em destaque as atividades vinculadas à construção civil, à charqueada, à usina de açúcar, fábrica de calçados, fábrica de manteiga e outras mais modestas como o setor de cerâmica e olaria.

Embora ainda não se constituíssem enquanto classe operária propriamente identificada como tal, estes setores produtivos serviram de terreno para que simpatizantes da causa social tentassem a mobilização dos diferentes trabalhadores formando associações de classes, inspiradas nas idéias socialistas e comunistas, principalmente as chamadas “organizações operárias”. A imprensa clandestina se encarregava de divulgar as idéias e ‘seduzir’ a juventude. Segundo depoimentos de pessoas da época, a facilidade de comunicação através da estrada de ferro, permitia a circulação de propostas, mas isso não se constituía exatamente numa ameaça. Além das precárias condições havia ainda uma mentalidade conservadora que precisava ser mudada para que esse tipo de organização tivesse, de fato, um papel decisivo.

Segundo depoimento do professor Braz, estas organizações prosperaram no ramo da construção civil e no setor de calçados de algumas cidades, mas não tiveram o mesmo espaço em setores como a charqueada, a usina de açúcar e a produção agrícola. Por serem atividades sazonais, os trabalhadores integravam o processo produtivo durante alguns meses do ano, no período da safra e depois partiam para outras regiões em busca de trabalho. Isso não possibilitava a organização dos operários.

Quanto ao segundo aspecto, o das práticas religiosas regionais, uma característica presente em todas as localidades do sudeste goiano, desde os tempos mais remotos do povoamento, foi cultivada algumas manifestações religiosas típicas como o culto aos santos, a reza dos terços e as congadas. As tradições aqui enraizadas contam com quase dois séculos de existências, se considerarmos os marcos e registros históricos. A devoção a São João Batista, celebrado com festas, quermesses e queima de fogos era uma prática presente em cidades, vilarejos, distritos e localidades rurais. O mesmo pode-se dizer de Santo Antônio, São Sebastião, Menino Jesus, Santos Reis, apenas para mencionar alguns. Em cada lugar havia um modo genuíno de cultivar a fé e manter a devoção aos santos com cantos, danças, ladainhas e diversos costumes. Nossa Senhora do Rosário sempre foi celebrada junto com a congada, um movimento de dança e canto típico dos negros que teve, ao longo de décadas, a adesão de mestiços, caboclos e brancos na sua composição.

Esse foi o contexto estranho e pouco civilizado que os franciscanos americanos encontraram em Goiás. Como persuadir esse povo católico a abandonar práticas religiosas em que o sagrado e o profano coexistem quase na mesma equivalência de peso e medida? Seria possível levá-los a negar sua cultura e a reinterpretar sua fé cristã, convertendo-se ao catolicismo proposto pelos missionários? A educação escolarizada teria esse alcance? A catequese doutrinária conseguiria soterrar estas tradições culturais?

A intervenção institucional e doutrinária dos missionários franciscanos conviveu ao longo das décadas com conflitos e resistências decorrentes deste processo de reconversão da fé. Paulatinamente, os frades começaram por alterar os rituais das festas e a proibir algumas práticas como o comércio nas quermesses, a introdução de pregações doutrinárias nas novenas e terços, dentre outros elementos catequéticos.

As respostas variavam entre a adesão e a resistência. Enquanto muitos fiéis acolhiam os missionários franciscanos enquanto um fortalecimento da fé e até mesmo a expressão de uma cultura e civilização superior, na medida em que surgiram as restrições, muitos outros fiéis adotaram atitudes de apatia: abandonavam as celebrações de serem concluídas, se ausentavam, enfim, criavam diversas estratégias de resistência ao instituído.

Neste caso, o institucional é representado pela ação vigorosa da Igreja Católica Romana, cujos interlocutores e instrutores são os missionários franciscanos.

No templo franciscano em que as horas são marcadas pelo soar do sino da matriz, oficialmente ocorrem algumas mudanças estruturais. Em Catalão encerra-se a festa de São João Batista. Nas festividades de Nossa Senhora do Rosário, mantém o culto, mas o congado fica proibido de entrar na capela para saudar e louvar a padroeira com os cantos e danças.

Neste processo de reconversão de ritos e culturas, muitas práticas foram soterradas, abandonadas ou caíram no esquecimento. Contudo, outras tantas resistiram e se fortaleceram, buscando vias paralelas, inclusive reduzindo ou excluindo celebrações como a missa e as confissões e cultivando exclusivamente os rituais da tradição: terços, procissões, cantos e danças. O sagrado e o profano resistiram, com e apesar da Igreja institucionalizada.

Poderia especular a respeito do impacto desta obra missionária franciscana no sudeste goiano, considerando duas vias: a primeira, novas práticas religiosas são cultivadas nos padrões da Igreja católica romana, a conquista de fiéis praticantes, tementes a Deus e seguidores dos mandamentos e sacramentos da Igreja são indícios do êxito da obra missionária. Contudo, as manifestações populares são mantidas pelo povo; coexistem ritos formais e populares em nome da fé cristã. A segunda, estariam os missionários franciscanos sendo modificados no seu modo de ser e de agir em contato com o contexto e cultura goiana?

Freyre (1959) acredita que essa modificação seja possível, pois o contato com as condições estruturais, a cultura e o modo de vida local forjam adequações e adaptações. Algo semelhante ocorreu com os Portugueses na colonização do Brasil e em relação aos Jesuítas na dinâmica de colonização e catequese. Paiva (2006), Ferreira Jr.(2004) e Bittar (2007) mostram que no contato com o colonizado, o colonizador também processa a conversão e adaptação de sua cultura no sentido de moldar diferentes práticas, orientadas por estratégias que tiveram, em última instância a finalidade de conformar a cultura de origem aos interesses de cunho econômico, político, religioso e social do colonizador.



Foto 4.9 – Igreja Matriz e lateral da Escola Paroquial de Pires do Rio
Fonte: Museu Ferroviário de Pires do Rio

CAPÍTULO V

A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO MISSIONÁRIO FRANCISCANO NA CATEQUESE E NA EDUCAÇÃO: O RESULTADO DOS VESTÍGIOS

A marca patriarcal atravessou os diferentes séculos da colonização e do império, mantida no poder e na autoridade representada tanto pelo senhor de engenho, pelos bispos e padres, quanto pelos colonos – na representação dos estames do modelo colonial português; nos governadores e senhores de engenho concentraria o poder político e mercantil; nos bispos e padres o poderio da fé e da religião oficial. Tal modelo, em essência, desencadeou todas as relações compreendidas no plano de ocupação geográfica da colônia.

Vale dizer, os modos de operação, os valores, a cultura política dos grupos, os sentimentos vigentes de hierarquia, os padrões de relacionamento, enfim todas as características materiais e mentais das elites estão como que inscritas nas fontes que elas mesmas produzem (ou subsidiam ou encomendam) e que, via de regra, falam desses grupos como eles apreciam que se fale deles (MICELI, 1988, p. 154).

Nota-se que desde os tempos mais remotos, a apropriação de diferentes tendências do campo religioso pela organização econômica e política se fizeram presentes. Assim, a autoridade e a influência da Igreja, mediadas pela catequese e a educação serviram, ao longo da história brasileira, para justificar a imposição dogmática e a celebração de diferentes acordos com as elites mais conservadoras e com setores do governo interessados em arregimentar aliados e consolidar posições de mando, de modo que, permanências e rupturas marcaram as posições de poder da Igreja e do Estado no sentido de assegurar a unificação de determinados projetos, garantindo, pela força institucional a coesão do modelo social vigente.

O processo de romanização envolvia também cuidados especiais na difusão e vulgarização das devoções e associações piás ligadas ao culto do Sagrado Coração de Jesus e da Virgem Maria, objetos da predileção dos bispos brasileiros quando se impunha a escolha dos motivos iconográficos que ornariam seus brasões e lemas episcopais (MICELI, 1988, p. 139).

Durante o século XX, os acordos e confrontos travados entre Estado e Igreja, experimentaram diversas nuances, ora pelo recrudescimento de posturas conservadoras, ora direcionando novas possibilidades de ação e atuação pastoral mais progressistas. Marcada por tendências alinhadas à doutrinação tradicional, de retorno à observação de dogmas, esta mesma Igreja foi capaz de produzir, internamente, outras tendências, cuja direção apontava maior abertura para o campo social e os conflitos existentes no terreno ideológico. Entretanto, o que se mantém, efetivamente, enquanto marca desta presença e a conservação do modelo de

autoridade institucional que se afirmou no projeto missionário e evangélico da nova cristandade brasileira.

Ao referenciar a consolidação do projeto missionário franciscano por meio da catequese e da educação nas Escolas Paroquiais, considerada na articulação de todas as leituras, vestígios, contornos, indagações e registros encontrados e demonstrados ao longo do texto, recuperei as seguintes questões centrais da pesquisa: **qual projeto de sociedade e de cristianização foi possível vislumbrar?** Quais concepções de Catequese e Educação moldaram o projeto missionário franciscano? Quais influências de concepções teórico-metodológicas norte-americanas definiram a ação catequética e educativa das Escolas Paroquiais? Quais as singularidades percebidas na relação catequética e educativa dos franciscanos com a sociedade e a cultura no interior de Goiás?

Advertidos da provisoriedade do conhecimento em construção e cientes de que nem todas as indagações podem ser analisadas, nem respondidas de maneira estanque ou fragmentadas, por serem componentes estruturais e conceituais que precisam ser concebidos na relação e na mediação com o contexto, lanço o desafio de indicar as primeiras conclusões a que cheguei, ao finalizar o percurso de pesquisa. Neste exercício, busco organizar as singularidades que conferiram originalidade a este estudo, sem, contudo, encerrar as possibilidades de investigação e, ao mesmo tempo, indicar as bases para novas reflexões. Ancorei, pois, nas possibilidades de diálogo com os vestígios que foram demonstrados e interpretados nas singularidades do contexto goiano e do projeto missionário franciscano, a partir dos tópicos indicados a seguir.

5.1 As concepções de Catequese e Educação presentes na obra franciscana

Ao deter o olhar sobre os vestígios da catequese e da educação franciscanas, inicialmente estabeleci o diálogo sustentado na seguinte dúvida: seriam os missionários franciscanos inovadores ou conservadores? O fato da ação missionária indicar a atuação dos frades e das irmãs em frentes distintas como a instrução primária, o ginásio, o curso normal, o acolhimento aos órfãos, o atendimento à saúde e o insistente empenho na oferta de instrução e de cursos práticos para jovens e adultos os tornariam inovadores?



Foto 5.1 – Ambiente interno da Escola Paroquial em Catalão
Fonte: Arquivo da escola

A **primeira conclusão** a que cheguei é negativa, visto que todo o empreendimento do projeto missionário, expresso nas mais diversas ações foi estruturante do processo de restauração da Igreja Romana no Brasil. Do ponto de vista de origem, isto é, da concepção do projeto cristianizador, a obra missionária foi, de fato, eficaz e abrangente, porque cumpriu o propósito idealizado pela gestão de Dom Emanuel para Goiás: institucionalizar a presença oficial da Igreja nos diferentes pontos deste território. A missão franciscana ampliou consideravelmente as linhas de ação pastoral da Igreja nos lugares mais distantes. Onde antes a fé católica se resumia as visitas esporádicas do padre ou do próprio bispo em oportunidades remotas, os frades chegaram e “construíram a sua igreja” por meio da edificação de capelas, igrejas, escolas e casas de formação. Em lugares onde essas instituições já eram conduzidas por outras ordens religiosas, eles reorganizaram a Igreja, imprimindo o seu modo de vida e sua cultura religiosa. Os franciscanos seriam, portanto, conservadores no modo de regular, disciplinar e controlar a participação litúrgica, na forma como vincularam as práticas religiosas sob os mandamentos, sacramentos e preceitos da fé cristã católica.

Sobre isso Weber (2004) ajuda a compreender o processo de manifestação do carisma, mediado pela rotinização das práticas ao postular que:

[...] O carisma é a grande força revolucionária nas épocas com forte vinculação à tradição. [...] o carisma pode ser uma transformação como ponto de partida íntimo, a qual, nascida de miséria ou entusiasmo, significa uma modificação da direção da consciência e das ações, com orientação totalmente nova de todas as atitudes diante de todas as formas de vida e diante do “mundo”, em geral. Nas épocas pré-racionalistas, a tradição e o carisma dividem entre si a quase totalidade das direções de orientação das ações (WEBER, 2004, p. 161).

Ao afirmar o carisma missionário, os franciscanos foram incisivos no combate às crenças e costumes locais, na condenação de ideologias (comunistas) e nas seitas (espíritas e protestantes), ao ponto de realçar o combate a algumas dessas ameaças que, no contexto regional, não se constituiriam propriamente em riscos reais. Na referência aos protestantes em Catalão e Goiandira, por exemplo, não haveria concretamente nenhum indício de que as congregações instaladas nessas localidades fossem, de fato, ameaçadoras da fé católica. A julgar pelo número de templos evangélicos nas duas cidades, a presença destes cristãos era mínima e não motivava conflitos declarados contra a igreja católica⁶⁸. Os espíritas e certas facções políticas locais seriam mais propensas a instaurarem divergências com o projeto missionário franciscano.

A **segunda conclusão** é que não se pode tirar dos franciscanos o mérito de terem sido pioneiros⁶⁹ na preocupação e na oferta de instrução e cursos práticos para uma população que não contava com a assistência do Estado em termos de instrução elementar e de qualificação para o trabalho. Embora não haja a menção literal à “Educação de Jovens e Adultos”, nem a “Cursos Profissionalizantes”, ao criarem cursos de natureza prática destinados à população carente de cada paróquia ou freguesia, os franciscanos americanos seriam então pioneiros. Conservadores, porém pioneiros nas suas ações direcionadas aos pobres no sentido da qualificação de mão de obra para setores da vida produtiva urbana⁷⁰.

Seriam também pioneiros na forma como inseriram a participação dos leigos nas diferentes tarefas catequéticas e evangelizadoras. Introduziram alguns leigos na participação de atividades que, embora inseridas na vigência do Concílio Vaticano I, do ponto de vista pastoral, ao mesmo tempo em que fortaleciam a sua inserção na cultura religiosa local, também já antecipavam algumas práticas que somente seriam oficializadas com o Concílio Vaticano II. Isso confirma minha suspeita de que, mesmo nos setores mais

⁶⁸ No período em estudo (1944-1963), existiam na cidade de Catalão duas Igrejas Evangélicas de diferentes congregações.

⁶⁹ Pioneiro é concebido enquanto os primeiros a experimentarem esse tipo de iniciativa, isto é, como os primeiros a implantarem estas práticas.

⁷⁰ Não encontramos nenhuma referência alusiva à oferta de cursos direcionados às atividades agrícolas no sudeste goiano. Porém, isso não significa que não tenha ocorrido em outras regiões do Estado de Goiás onde os franciscanos atuaram, mas que não foram contempladas nesta pesquisa.

conservadores das instituições, é possível localizar práticas que antecipam o movimento de renovação, antes mesmo de serem formalmente instituídas. Seguramente os franciscanos eram portadores desses vislumbres do futuro da Igreja no Brasil e das possibilidades de se abrirem novas vertentes de ação e atuação pastoral, especialmente direcionadas para as camadas mais carentes. O investimento em sistema de comunicação de massa, no caso, a instalação de estações de rádio em regiões estratégicas onde o campo missionário foi estabelecido, reforçou a expansão do plano evangelizador, confirmando também outro aspecto do pioneirismo dos frades neste setor em Goiás⁷¹.

O permanente contato com a sede da Província, no caso dos frades, o envio de noviças à América, no caso das irmãs, as constantes visitas dos superiores ao Brasil para o acompanhamento das edificações são manifestos do investimento no campo missionário. O fato de contarem com o respaldo financeiro de um fundo de ajuda vindo dos Estados Unidos abriam possibilidades para a aquisição de bens e produtos de consumo para uso nas paróquias, escolas e conventos. Equipamentos que seriam novidades no Brasil já eram utilizados por eles na modernização de rádios e, conseqüente, no incremento da ação evangelizadora e educativa, de modo que, tanto no altar quanto na sala de aula, a obra missionária se afirmou no intento de catequizar e educar.

Um **terceiro aspecto conclusivo** refere-se à influência de concepções teórico-metodológicas americanas nas escolas franciscanas. Os vestígios localizados indicam a presença de práticas diversificadas, porém, sem uma vinculação teórica explícita ou declarada. As evidências apontam para situações que transitam entre o improvisado e a adaptação de métodos e materiais pedagógicos, conforme as circunstâncias locais. Não localizei nos documentos empíricos nenhuma referência a teóricos ou obras específicas da literatura educacional brasileira ou americana. Contudo, nos depoimentos, reforcei a constatação de que métodos diferenciados foram utilizados nas escolas, embora tenha persistido o silêncio em relação a obras e a autores.

Isso não era algo novo no Brasil, tampouco seria inaugurado pelas escolas franciscanas visto que, na educação republicana da primeira metade do século XX, estudos como o de Saviani (2008), mostram haver um descompasso entre o instituído e o realizado na prática em muitas escolas. Uma das evidências da multiplicidade de propostas que marcaram

⁷¹ A atuação de alguns frades no terreno da comunicação de massa sugere a produção de novas pesquisas sobre o papel estratégico destes verdadeiros “Líderes carismáticos da Igreja” no empreendimento missionário franciscano.

as reformas nas primeiras décadas da República encontramos na introdução do “Método Intuitivo” na obra supra citada:

Se a Lei das Escolas de Primeiras Letras procurou equacionar a questão didático-pedagógica com o método do ensino mútuo e a Reforma Couto Ferraz o fez pela via do ensino simultâneo, a Reforma Leôncio de Carvalho sinaliza na direção do método do ensino intuitivo. É isso o que se manifesta explicitamente no enunciado da disciplina “Prática do ensino intuitivo ou lições de coisas” (artigo 9º) do currículo da Escola Normal, bem como no componente disciplinar “noções de coisas” (artigo 4º) do currículo da escola primária (SAVIANI, 2008, p. 138).

É possível considerar que desde o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, havia indícios de que os professores leigos teriam, na prática, a possibilidade de experimentar métodos pedagógicos distintos, instruídos pelo processo formativo e pelas indicações do próprio currículo da escola primária originário de diferentes reformas.

Os franciscanos experimentaram na ação educativa uma espécie de **ecletismo pedagógico**, motivado pelas circunstâncias estruturais, pelo formato e as condições locais nas quais se desenvolveram as escolas paroquiais e os demais cursos por eles fundados em Goiás. Alguns aspectos se destacam pela singularidade. Primeiro, pela admissão de um quadro de profissionais composto por religiosos e leigos, com diferentes processos formativos e distintas orientações didático-metodológicas. Na composição interna das Escolas Paroquiais, empenhavam para que os professores leigos fossem identificados com a fé católica. Isso é realçado em vários vestígios. Contudo, toleravam em suas instituições a presença de professores agnósticos. Isso leva-me a considerar que, embora tivessem como princípio a preferência por professores leigos católicos, fatores como a escassez de docentes e a comprovada credibilidade acadêmica também seriam significativos na manutenção de professores leigos a serviço das Escolas Paroquiais. Tem-se, portanto, a composição estrutural das escolas paroquiais, sendo conduzida pelos franciscanos e normatizada por valores católicos, porém com um quadro diverso de professores (religiosos, leigos e agnósticos). Estas seriam condições favoráveis para que, do ponto de vista metodológico, o ecletismo pedagógico fosse experimentado no interior destas instituições.

Tanto entre as religiosas quanto entre as leigas havia professoras iniciadas na docência de múltiplas formas. Algumas possuíam a formação em nível normal, outras eram treinadas no exercício do magistério apenas com o curso ginásial, recebendo posteriormente a formação pedagógica específica. Outras, ainda, como o caso das irmãs brasileiras e as vocacionadas, eram enviadas aos Estados Unidos para lá realizarem uma espécie de estágio em escolas e conventos. A convivência entre irmãs americanas, irmãs brasileiras que

passavam por um período de sua formação nos Estados Unidos e professoras normalistas leigas resultaram na produção do próprio material pedagógico utilizado em sala de aula, com o diferencial de contarem com uma biblioteca escolar para uso do aluno. Por conseguinte, o trabalho docente foi marcado pela experimentação de diferentes procedimentos de ensino na instrução primária. Não há dúvida de que estas distinções de experiência e formação desencadearam o uso de diferentes métodos pedagógicos pelas professoras nas Escolas Paroquiais franciscanas.

Na aplicação de métodos e procedimentos de ensino, os vestígios também apontam para essa disposição em experimentar métodos ativos, focalizados na participação do aluno em situações concretas, na manipulação de objetos e materiais que também poderiam ser produzidos pelos professores e alunos.

Embora tivessem fundadas na filosofia de formação franciscana, alicerçadas em valores da ética religiosa, essas instituições experimentaram métodos pedagógicos diferenciados. Constituíram-se em espaços onde práticas mais tradicionais marcadas por castigos, padrão rígido de disciplina, rotinização das atividades escolares eram exigidas, mas, também, incentivavam a realização de atividades que primavam pela participação coletiva dos alunos, pela execução de tarefas práticas para a demonstração concreta de conceitos e conteúdos estudados, a preparação de eventos públicos (exposições, recitais, apresentações, etc.), ocasiões em que a presença da sociedade era reivindicada. Obviamente que o alinhamento destas atividades com o apelo catequético seria a todo o momento realçado, pois, tanto as datas cívicas quanto as religiosas eram igualmente inseridas no calendário comemorativo das escolas.

A existência de espaço social como sala de reuniões e salão de festas mostra a ênfase em atividades sociais e culturais realizadas no âmbito interno, numa demonstração de que divulgar os feitos educativos junto aos pais e às autoridades constituídas seria também uma forma de evangelizar e demarcar a autoridade da Igreja na sociedade.

Como pode ser observado, o **ecletismo** se expressou por meio de diferentes práticas e processos vivenciados, inclusive com a apropriação e adequação de métodos de ensino, a manutenção de práticas conservadoras e outras direcionadas para a modernização metodológica, reforçando os pilares da obra missionária franciscana.

A preocupação em dotar as instituições escolares com infra-estrutura sanitária, água tratada, áreas de lazer e biblioteca aproximaria os franciscanos dos postulados da cultura cívica concebida pelo pensamento liberal e republicano. Ora, não seria essa a única mediação verificada nas relações entre os franciscanos e os governos locais e regionais, conforme foi

explicitado ao longo da pesquisa. A aproximação destas instituições ocorreu em inúmeras situações durante o período de instalação do projeto missionário e atestou a disposição de ambas em colaborar mutuamente com a manutenção do *status quo* da ordem social e econômica que interessava tanto à Igreja quanto ao Estado.

No **quarto ponto de conclusão** abordo que a relação projeto missionário com as manifestações da chamada religiosidade popular, componente da cultura religiosa local e regional foi vicejada por algumas interfaces distintas, marcadas por adesões, mediações e resistências. Contudo, não posso obscurecer o eixo articulador da presença franciscana em Goiás centrado na consolidação de uma nação cristã no Brasil dentro do movimento de renovação e rearticulação da Igreja Católica Romana.

No terreno das adesões e mediações entendi este como o principal fator de sucesso do empreendimento missionário franciscano desde o início. Em particular as camadas médias e algumas frações da burocracia estatal, viam na presença dos americanos a possibilidade de contato com interlocutores de uma cultura civilizada e distintiva. Talvez por isso tivessem facilidade em conseguir o apoio de pessoas que dispunham do conhecimento da língua inglesa para auxiliá-los nas primeiras tarefas, nos contatos iniciais; outros fiéis envidaram esforços para organizar acomodações e espaços adequados para os missionários estrangeiros. Ou seja, desde o início houve um ambiente favorável à recepção do projeto missionários, especialmente da parte de camadas sociais representativas de uma cultura letrada, vinculadas a algumas profissões que favoreceram a adaptação dos frades e das irmãs americanas ao chegarem em Goiás.

Posso dizer que para aqueles que já possuíam uma experiência religiosa mais expressiva do catolicismo institucionalizado, a proposta missionária franciscana fez crescer as expectativas em torno da projeção e afirmação da autoridade da Igreja nas diferentes localidades. Para os defensores de ideologias socialistas e liberais, a presença americana aumentaria as desconfianças e suspeitas em torno das reais motivações que cercavam a escolha do território goiano para a instalação de uma missão franciscana americana⁷². Enquanto os primeiros seriam responsáveis pelo apoio logístico da instalação dos franciscanos em Goiás, estes últimos alimentariam muitas controvérsias e despertariam muitas divergências no campo das relações entre Igreja e Estado.

Já as camadas sociais menos favorecidas, os pobres, constituiriam no maior número e no principal alvo da ação catequética e evangelizadora dos franciscanos.

⁷² Muitas especulações alimentaram disputas entre facções políticas e os frades, conforme indicam alguns depoimentos, porém não há evidências razoáveis para comprová-las adequadamente.

Portadores de um projeto salvífico muito bem definido e de uma “cultura cívica superior”, os franciscanos também teriam enfrentado diversas formas de resistências. Embora combativos, os franciscanos não conseguiriam anular as práticas religiosas enraizadas na cultura regional.

Ao recorrerem à estratégia da mediação, isto é, da conservação de elementos das práticas locais com a introdução de novos símbolos e significados, os franciscanos conseguiram inserir novas interpretações das práticas religiosas existentes em diferentes localidades. Entende-se que esse processo resultou em um **sincretismo religioso**, muito singular do interior de Goiás, cuja principal marca pode ser identificada pela manutenção de distintas manifestações religiosas em espaços e tempos concorrentes e similares. Investiram na adoção dos mandamentos e dos sacramentos cristãos, mas o povo preservou as manifestações religiosas típicas, cultuando os santos, entoando seus cantos e fazendo suas danças de louvação.

Hoornaert (1974) explica o sincretismo como um conceito tomado desde o império romano enquanto sinônimo de “superstições” e, portanto, num sentido negativo, servia para combater práticas que “enfraqueciam o culto ao imperador”. Posteriormente, após o cristianismo tornar-se a religião oficial do império romano, o mesmo termo foi tomado para colocar em oposição o “cristianismo oficial e o cristianismo vivido na base, na realidade cultural” (HOORNAERT, 1974, p. 23). Em ambos transparece uma forma pejorativa, atribuindo um sentido negativo ao termo.

O sincretismo na forma como o realçado nesta interpretação, destoa da abordagem mostrada por Hoornaert (1974), pois, ao contrário de ser colocado por oposição entre dois projetos, no caso da missão franciscana, o que foi vislumbrado como sincretismo religioso teve duplo sentido, ou seja, serviu tanto na conformação do cristianismo oficial, quanto nas práticas da religiosidade popular. Veja como as influências se materializaram.

De um lado os frades e irmãs, por meio do sincretismo teriam promovido os ajustes, acordos e adequações, inserindo a doutrina da igreja institucionalizada (os dogmas e sacramentos), leitura bíblica, homilias e pregações, em espaços onde antes ocorriam predominantemente as manifestações religiosas populares.

De outro, da parte da religiosidade popular, o sincretismo se manifesta na manutenção e preservação dessas práticas pelo povo, apesar de aderirem aos preceitos da religião oficial, propagada pelos franciscanos. Exemplo típico deste sincretismo religioso singular pode ser localizado nas festividades de Santo Antônio, São João e São Pedro no mês de junho e nas celebrações de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito no

mês de Outubro. Apesar de todos os esforços empreendidos pelos franciscanos no sentido de orientar essas práticas religiosas, aspectos dos costumes e do catolicismo popular prevaleceram e resistiram ao tempo. Nas festas dos santos juninos, embora a devoção tenha sido reordenada, juntamente com a tradição das fogueiras e do hasteamento da bandeira em louvor aos santos, também foram conservadas práticas como o “batismo na fogueira”⁷³. Nas festas do mês de outubro, momento em que os negros assumem a cena religiosa, ao lado dos hinos católicos, permaneceram as danças do congado, com cantos profanos e de louvação dos negros para os seus santos, inclusive com a manutenção de reinados e hierarquias distintivas, originárias da tradição popular⁷⁴.

Tais manifestações confirmam que resistências ocorreram e que nem tudo o que representava o catolicismo popular goiano foi abolido com a reconversão das práticas religiosas. Muitas práticas persistiram e escaparam aos ajustes e acordos propagados pelo projeto missionário. Contudo, convém explicitar, por meio das palavras de Weber (2004), que a presença e a atuação do missionário é distintiva, pois:

Por “profeta” queremos entender aqui o portador de um carisma puramente pessoal, o qual em virtude sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino. Não queremos distinguir fundamentalmente entre o profeta que anuncia de novo uma revelação antiga (de fato ou suposta) e aquele que reivindica para si uma revelação totalmente nova, isto é, entre o “renovador” e o “fundador” de uma religião. Ambas as coisas podem estar entrelaçada e, sobretudo, não é a intenção do próprio profeta que decide se de sua revelação nasce ou não uma nova comunidade; esta pode surgir também devido às doutrinas de reformadores não-proféticos (WEBER, 2004, p. 303)

Nesta interpretação o sincretismo seria aglutinador de diferentes práticas como expressão de fé e de obediência à igreja institucionalizada. Teria, portanto, a função tanto de agregar as novas práticas instituídas pelos missionários como também a de preservar elementos da cultura religiosa popular local. É possível considerar que, nesse movimento, pela via do sincretismo, os franciscanos americanos também modificariam algumas práticas, moldadas às circunstâncias regionais, numa experiência que, para Freyre (1959), seria plenamente possível. Ou seja, embora “portadores de uma cultura civilizada superior”, ao concretizar o projeto missionário, suas ações foram forjadas nas singularidades do contexto. Eles teriam, provavelmente, se submetidos a diversas mudanças no percurso da missão.

⁷³ O ritual do batismo na fogueira tem traços pagãos que incluem o uso de elementos como água, cinza e fogo. Requer a repetição de orações enquanto os participantes (pais, padrinhos e batizando) caminham em círculo em volta das brasas de uma fogueira incandescente.

⁷⁴ Na tradição da festa dos negros foi mantido rituais como a presença da família real, do general e dos capitães, que regem os ternos de danças, com severa obediência à hierarquia.

Na realidade, uma atitude aberta e simpática diante do sincretismo é profundamente missionária. A igreja não foi chamada a ganhar prosélitos, mas a pregar a missão. O missionário tem que entrar em diálogo, ele tem que traduzir, adaptar-se, enfrentar culturas ainda não evangelizadas. Esta adaptação lhe traz o perigo sério de perda total da mensagem original. Este perigo não é imaginário, como demonstra a história do cristianismo em numerosas páginas (HOORNAERT, 1974, p. 28).

Acrescentaria a estas considerações a possibilidade não apenas de riscos e perigos, mas também de que a presença franciscana teria sido marcada por postura como a imposição e a submissão aos condicionantes do contexto como formas de inserirem-se no terreno desconhecido do campo missionário.

Ressalto que, embora não haja consenso entre algumas vertentes do cristianismo (católicos e protestantes) em relação à presença do sincretismo, tomando-o pejorativamente como uma expressão de decadência religiosa, ao apropriar do termo, concordo com a atribuição dada por Hoornaert (1974) que o concebe no sentido de “missão e expressão de vida”. E amplio a interpretação compreendendo-o como espaço da coexistência do diverso (não necessariamente de oposições polarizadas), das concessões, das moldagens de práticas populares e dos dogmas oficiais. Neste sentido, reforço que o sincretismo pode ser vislumbrado enquanto vitalidade e afirmação das práticas religiosas, enquanto processo que permite acordos e aproximações entre diferentes linguagens, manifestações e culturas presentes no campo religioso do cristianismo.

Reportando ao entendimento de Bourdieu para o conceito de campo, realço que no campo religioso, o sincretismo confirma a coexistência de enfrentamentos, de adesões e de resistências, no bojo das manifestações culturais e religiosas, no percurso de afirmação da igreja institucionalizada e também da manutenção de elementos da cultura popular religiosa.

Tanto o ecletismo no plano pedagógico, quanto o sincretismo no plano religioso, oferecem elementos conceituais para retratar as diversas vertentes observadas nos vestígios encontrados. Se considerar que, na permanência, manutenção e modificação das práticas religiosas, foram mantidos aspectos representativos destas culturas, cada qual nas respectivas instâncias, sem se constituírem, propriamente, em um novo formato de culto religioso. Ou seja, tanto os signatários da missão franciscana quanto as frações da religiosidade popular mantiveram suas respectivas manifestações religiosas, sem que houvesse uma miscigenação de culto. A adesão seria no sentido de o indivíduo acatar ou submeter à autoridade da Igreja oficial, mas não abandonar as crenças e costumes originários da religiosidade popular. Nos aspectos da instrução vê-se a possibilidade da influência de diferentes métodos de ensino, seja pela formação de origem das professoras leigas e das

irmãs, seja pelo caráter formal da disciplina e rotina colocadas no formato institucional das escolas. Observa-se que, no bojo da filosofia e ética religiosa, orientadoras da ação educativa, há indícios do cultivo de atividades cívicas e patrióticas, numa conformação de práticas que interessam tanto à ordem civilizatória do estado laico quanto à consolidação do projeto missionário franciscano.

Encontrei correspondente nas explicações de Weber (2004) para ilustrar o papel do missionário, aqui tomado enquanto um profeta, responsável pela “conversão do gentio”:

O profeta, quando sua profecia tem êxito, atrai acólitos permanentes: sodalis (como Bartolomeu traduz o termo do gâthâ), alunos (no Antigo Testamento e na Índia), companheiros (na Índia e nos Islã), discípulos (em Isaias e no Novo Testamento), os quais, em oposição aos sacerdotes e adivinhos que se encontram numa relação associativa estamental ou hierárquica de cargo, juntam-se a ele de modo puramente pessoal – relação que cabe ainda examinar em conexão com a casuística das formas de dominação (WEBER, 2004, p. 310).

Ambos os movimentos (do campo catequético e do campo educativo) são fortalecidos pelas estratégias, explicadas por Weber como o exercício da capacidade de dominação, da autoridade religiosa e do carisma franciscano. Sob tais postulados ocuparam-se em anunciar o catolicismo oficial, converter os adeptos da religiosidade popular, fundar instituições escolares e capelas. A rotinização de suas práticas, o controle e a regulação dos ritos litúrgicos e o disciplinamento metodológico aplicado nas escolas, materializaram as ações que, sob a ótica da formação de valores alicerçados na ética religiosa, o altar e a sala de aula foram espaços representativos do mesmo projeto evangelizador.

5.2 O projeto de Sociedade e de Igreja fortalecido pela ação missionária

Ao destacar a presença franciscana no Brasil, desde o início da colonização portuguesa, passando por diferentes fases de atuação e intervenção na cultura religiosa nacional, Freyre esclarece que:

Não que os frades, em geral, e os franciscanos, em particular, que passam pela história brasileira nem sempre sem outro ruído que o das suas sandálias de bons religiosos ou da sua voz de pregadores sacros, tenham sido todos uns santo-antônios onde-vos-porei. De modo algum. Sabemos que, sob nomes seráficos de homens aparentemente só de Deus, chamados da Paz, dos Arcanjos, do Salvador, de Jesus, da Purificação, do Sacramento, de Santa Rosa, da própria Santíssima Trindade, agitaram-se políticos mais zelosos das liberdades do século que das verdades eternas; mais apegados a causas do momento que às de sempre; e que, sob nomes de servos de Maria, Virgem Santíssima, vibraram corações apaixonados, alguns deles, por marias apenas de carne e virgens somente da terra. Foram esses frades mais do

mundo que do claustro; ou mais dos reis do que do Rei dos reis (FREYRE, 1959, p. 32-33).

Trata-os, pois, como sujeitos concretos, sujeitos a moldarem sua atuação no campo missionário sob diferentes influências. O autor caracteriza os franciscanos enquanto indivíduos dotados do sagrado, do carisma religioso, mas, sobretudo, humanos, seres que forjaram a ação missionária determinada pelo contexto e suas circunstâncias.

Os franciscanos seriam em Goiás portadores de uma cultura civilizada superior (a americana), imbuídos de um projeto missionário responsável por instruir e catequizar uma cultura atrasada e inferior (os povos do sertão)?

Ao posicionar acerca desta indagação, no sentido de sintetizar a conclusão dos vestígios, sou instigada a considerar afirmativamente que, de fato, os franciscanos eram representantes de uma cultura católica e cívica muito bem marcada pelo seu contexto de origem, ou seja, pela condição de americanos em missão “no coração do Brasil”. Tal constatação encontra abrigo não apenas nos indícios de que eram detentores de um projeto missionário muito bem articulado com o processo de romanização, conforme o demonstrado nos diversos registros ao longo do texto. Mas é possível identificar estas evidências também na forma como percebiam o contexto missionário, o empenho em organizar a estrutura física e material, as impressões sobre o viam e observavam. O empreendimento missionário não se resumia a uma simples conversão religiosa, mas, sobretudo, fora a expressão de um complexo projeto de fundação em Goiás de um novo campo missionário, representado pelos conventos e casas de formação, criadas para atender à expansão do próprio quadro de religiosos franciscanos.

A consolidação do projeto e da expansão da obra missionária, por sua vez, culminou na instalação de uma Vice-Província do Santíssimo Nome de Jesus no Brasil, no caso dos frades e na construção de um convento e casa de formação para as irmãs franciscanas em Goiás.

Desse modo, confirmo que os franciscanos lograram êxito em todas as frentes de atuação nas quais atuaram, transpuseram as dificuldades iniciais e sólidas edificações físicas de escolas, capelas, conventos e casas de formação. Assim, ao constatar essa solidez que contrasta, sobremaneira, com os percalços e entraves da chegada, encontrei elementos para afirmar que, essa projeção foi resultado do empreendimento missionário exitoso, capaz de realçar o poder na igreja em sua face institucional e dogmática. Reforço os argumentos, compartilhando do ponto de vista de Miceli (1988), sobre a trajetória da Igreja no percurso da

chamada Primeira República, quando lançou as bases para a sua consolidação e fortalecimento no Brasil.

[...] Poder-se-ia dizer que a Igreja Católica atravessou um período de “construção institucional” [...], logrou êxito considerável em múltiplas frentes de atuação: estabilizou suas fontes de receita e recuperou seu patrimônio imobiliário, reconstruiu e “modernizou” suas casas de formação e seminários, dinamizou consideravelmente sua presença territorial, “moralizou”, profissionalizou e ampliou seus quadros de pessoal, ainda que para tanto tivesse de apelar maciçamente à importação de mão-de-obra religiosa, diversificou a pauta de serviços escolares, que passou praticamente a monopolizar, celebrou alianças com facções oligárquicas estaduais, em suma a Igreja Católica viabilizou-se como empreendimento religioso e como organização burocrática (MICELI, 1988, p. 153).

Ao contrário de enxergar um período de decadência e de redução de poder devido à separação entre Estado e Igreja, vislumbrei com o autor de que, ao contrário, verificou-se um intenso movimento de rearticulação institucional. Nas instâncias dos estados e municípios, especialmente com a criação de novas dioceses e o desmembramento de várias prelazias, ocorreu um revigoramento da presença e atuação da Igreja, algo oportuno no processo de manutenção da sociedade cristã, situando-se como colaboradora na mediação e minimização dos conflitos de ordem social.

Em resumo, a Igreja contribuiu amplamente para a unificação do sistema político republicano e para a manutenção da ordem social vigente através de seu envolvimento intenso nos diversos domínios de atividade onde logrou alcançar uma posição de virtual monopólio. [...] O estilo “romanizado” de culto então em voga e tão apreciado pelas frações dirigentes católicas se prestava ao trabalho de legitimação do poder oligárquico através da encenação de solenidades festivas de entronização de imagens-padroeiro (as), de missas campais, de procissões e outras ocasiões propícias à consagração dos dirigentes e de seus feitos (MICELI, 1988, p. 149).

Os franciscanos se utilizavam do respaldo do Estado na composição da obra missionária, firmavam parcerias e buscavam subvenções para suas atividades. O Estado, por sua vez, atuava no sentido de se beneficiar do combate feito pela igreja aos inimigos ideológicos. Ao fortalecer a fé católica através do combate aos comunistas e socialistas, a ação missionária também assegurou a conformação do modelo social que não seria ameaçado por um outro modelo de organização política, ideológica ou econômica.

Nesse sentido, longe de se colocar como uma instituição decadente e sem prestígio, a Igreja Católica foi capaz não apenas de manter a sua representação de poder religioso, ao institucionalizar-se oficialmente nos pontos mais distantes do território brasileiro, como também ampliou as frentes de atuação, expandido no terreno da educação. Os franciscanos colaboraram, através do seu projeto de expansão e consolidação do projeto

missionário, com o propósito maior da Igreja Romana de institucionalizar a fé católica em Goiás, assumindo um ampliado para o campo de assistência social e da saúde, além da educação, catequese e do culto litúrgico. Enquanto os frades mantiveram a tradição da pastoral paroquial, catequética doutrinária e educacional, as irmãs ampliaram a sua atuação para além das escolas paroquiais e assumiram também outras áreas no campo da saúde e da assistência social.

A alternância de métodos e práticas de ensino, ao longo da história surgiram em decorrência de críticas dirigidas à ineficiência da Escola. Em todas as reformas do ensino, é possível constatar o mesmo discurso de que se a escola tem problemas, cumpre “reformá-la” metodologicamente. Nas escolas paroquiais essas questões não são explicitadas, porque não se trata de um modelo escolar que se submete à crítica, não está propenso a alterações. Os problemas situam-se, quase sempre nas condições estruturais e na falta de professores qualificados. No quesito conteúdo e forma não haveria profundos questionamentos, ou seja, o padrão católico da educação oferecida nas escolas paroquiais não sofre mudanças significativas, pois estaria sustentado pela filosofia da conservação de valores e princípios. Logo, não seria aberto reiteradas “reformas”, a exemplo do que ocorria nas escolas públicas da era republicana.

Vale ressaltar, contudo, que esse conservantismo não significou para as escolas franciscanas um mero apego ao passado ou uma negação do novo, uma resistência aos avanços da modernidade. Ao contrário, se por um lado foram conservadoras e guardiãs da filosofia educacional católica, por outro, sempre estiveram sintonizadas com os progressos tecnológicos e o aperfeiçoamento técnico de cada época. É dessa forma que vislumbro a perspectiva das escolas paroquiais franciscanas: conservadas na tradição católica, porém, com a visão direcionada para o futuro, para as possibilidades de inovação próprias de seu tempo.

Exemplo desta perspectiva futurista pode ser encontrada no empreendimento dos frades ao criarem e expandirem o sistema de radiodifusão, através das rádios católicas implantadas nas cidades sedes. As estações de rádio foram colocadas a serviço da evangelização e da educação católicas, expressando a sintonia com os recursos de comunicação de seu tempo. As irmãs, ao associarem as atividades internas das escolas paroquiais com eventos cívicos e atos litúrgicos para os quais conclamavam a presença da sociedade leiga, estariam mediando à catequese e a educação em práticas de conformação do religioso e do social, legitimadas pela autoridade e o poder emanados da e pela Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho uma relativa dificuldade em tecer as considerações finais e por fim a um processo que considero simplesmente iniciado sob a ótica do diálogo com o conhecimento e da interpretação das fontes empíricas que estão longe de serem esgotadas nas diferentes possibilidades de interpretações. Porém, caminhar é preciso e alguns indicadores são necessários a guisa de conclusão. Admito que as descobertas do acervo documental colocaram-me em permanente conflito, pois, em princípio assumi uma postura apriorística, calcada no desejo de buscar nos arquivos uma farta documentação sobre organização pedagógica da instrução primária realizada nas escolas paroquiais. Esperava localizar principalmente manuais, programas e regulamentos do ensino católico utilizados pelos franciscanos americanos em Goiás, o que não aconteceu. Daí a frustração e o desencanto momentâneo ao deparar-me com um imenso acervo, cujas fontes estavam prenhes de outros aspectos, indicavam outras perspectivas, não menos significativas. Assim, tive de rever procedimentos, reorientar o olhar, direcionando as análises contagiadas pelas múltiplas vozes que emergiam das fontes.

Ao cumprir o protocolo e encerrar as páginas desta versão da tese, contagiada pelo caráter pessoal destas considerações finais, numa tentativa de esquivar-me de redundâncias e generalizações, considerei oportuno situar alguns aspectos que vicejaram o meu percurso de pesquisa e que me situaram enquanto pesquisadora e educadora que se ocupa em pensar o objeto educação pela via da história.

Em primeiro lugar, termino esta produção convencida de que o processo de pesquisa me transformou em algo mais do que uma professora universitária titulada. Reconheço que os percalços e os desafios enfrentados durante o Curso de Pós-Graduação, as exigências cumpridas ao ocupar-me de arquivos, fontes, documentos, ao fazer contato com diversas instituições e pessoas me fizeram amadurecer do ponto de vista acadêmico e profissional; oxigenaram minhas visões em torno do fazer pesquisa, formar novos pesquisadores, orientar alunos e pensar a educação. Neste sentido, faço o retorno à minha instituição de origem não apenas portando um título, mas, sobretudo, modificada pela experiência da pesquisa, da sistematização de conhecimentos e contaminada pelos vislumbres de novos projetos, pela possibilidade de investir em novas pesquisas, conservando o objeto catequese e educação franciscana em Goiás.

Em segundo lugar, vejo este como o espaço para explicitar alguns conflitos e também indicar aberturas a serem buscadas a partir de agora na academia.

Destaco no terreno dos conflitos, alguns pontos percebidos durante a realização das leituras e da revisão de autores e fontes, tendo em vista alicerçar o diálogo e a interpretação, que considereei como entraves surgidos no decorrer da pesquisa:

a) **Sobre a Renovação Pedagógica em Goiás** – no conjunto de pesquisadores da educação em Goiás, particularmente aqueles que se ocupam em investigar os processos de modernização educacional, os estudos são unânimes em situar o início desta renovação nas Reformas do Ensino que foram realizadas após o ano de 1935. Entretanto, ao consultar as fontes empíricas (documentos oficiais) encontrei outra tendência que antecipa a chamada implantação da moderna pedagogia no ensino goiano para reforma dos anos de 1929-1930. Minha suspeita sobre os motivos que levaram a esta unanimidade entre os pesquisadores é a de que se os documentos oficiais são óbvios em mostrar o empenho dos oligarcas no poder em 1929, propondo uma reforma do ensino pautada nos fundamentos da renovação, não estariam os pesquisadores reticentes em vincular o processo de modernização da educação a governos tão conservadores e tradicionais? Este é um forte indício, pois, aponta para a possibilidade de alinhamento das pesquisas numa mesma direção, enquanto os vestígios existentes nos documentos indicam outra.

b) **Quanto aos autores referenciados:** ao recorrer a diferentes autores para respaldarem as interpretações e alimentar o estudo com dados já pesquisados, deparei-me com registros que requer algumas advertências, quais sejam:

Azzi & Klaus (2008) ao fazer afirmações sobre o projeto de neocristandade levada a cabo pelos prelados brasileiros, na direção de contrapor ao Estado laico e de formar uma nação católica, radicaliza em alguns aspectos, principalmente naqueles que enfatizam o acirramento das disputas e conflitos entre a Igreja e o Estado. Os argumentos são salvaguardados principalmente pela lógica da perda de prestígio. Embora este autor seja uma referência no período em estudo, os vestígios encontrados no projeto missionário franciscano não confirmam a existência de trincheiras radicalizadas na relação Estado e Igreja. No que diz respeito ao projeto missionário franciscano não seria possível comprovar essa disposição em confrontar com o Estado, há um tendência em promover exatamente uma aproximação, isto é, em articular ações e interesses comuns entre as diferentes instâncias do Estado e da Igreja.

Também em Azzi & Klaus (2008), apesar de elaborar uma obra sobre a história da Igreja situada no período de 1930 a 1964, não contempla nenhum dado sobre a presença da Igreja em Goiás. As duas únicas (e tímidas) referências é feita a uma pesquisadora que estuda o Colégio Santa Clara e aos padres redentoristas responsáveis pelo Santuário do Divino Pai Eterno em Trindade. Nenhuma alusão aos franciscanos americanos ou ao campo missionário incentivado por Dom Emanuel na época. Ainda em Azzi & Klaus (2008), na mesma edição, o autor faz referência ao século XIX como sendo “no século passado”. Ora, em 2008, ano da edição, o século passado é, portanto o século XX e não o século XIX. Convém ter cuidado com essas imprecisões porque podem formar uma teia de equívocos na medida em que outros pesquisadores utilizem a mesma referência.

Com Rower (1947), ocorre lapso semelhante. Ao fazer o mapeamento com descrições e dados sobre os Frades no Brasil, o autor deixa um vácuo em relação a Goiás, indica a presença de franciscanos no estado somente no século XX. Registros localizados nos Anais da Província e em outras obras como a de Freyre, Alves e Menezes mostram que a presença de franciscanos é muito anterior e remonta à origem da colonização de Goiás no século XVII.

Já Moura (2000), ao abordar o objeto educação católica, em particular no percurso do século XX, adota um direcionamento similar à periodização oficial demarcada pela Educação Republicana, indicando leis, reformas e mudanças pedagógicas, mas não aprofunda naquilo que seria de principal interesse dos pesquisadores: os fundamentos filosóficos da Educação Católica. Embora pertinente, o estudo mantém esta lacuna, na medida em que não torna explícita a orientação pedagógica defendida pelo amplo sistema educacional católico que se fortaleceu, se consolidou ao longo século XX e rearticulou o campo de atuação da Igreja no Brasil.

No plano das perspectivas futuras, coloco em evidência **a constituição de um novo campo de pesquisa e a composição de parcerias interinstitucionais**. O presente estudo serve como alicerce e figura como estruturante de novas pesquisas e de novos direcionamentos, por situar os primeiros traços e indicar os vestígios das ações que deram origem ao sistema educacional franciscano, atualmente situado nos estados de Goiás, Tocantins e Distrito Federal. As três fases identificadas no levantamento inicial dos dados podem auxiliar novas pesquisas no sentido de definir novos objetos e enfoques, inclusive recorrendo a outras metodologias de pesquisa que possam aprofundar a interpretação histórica da fase inicial. Sem perder de vista a importância dos documentos e registros, seria interessante investir na constituição de um novo campo de pesquisa em Goiás, orientado por

metodologias como história oral, histórias de vida, autobiografias, as quais poderiam abrir perspectivas para o estudo histórico de diferentes processos dentro do sistema franciscano de ensino. A formação de professores, a atuação de professores leigos, a gestão mista, o desempenho de alunos são algumas variáveis.

Dentro das perspectivas da pesquisa documental e empírica, a formação das Irmãs Franciscanas na segunda fase (1964-1984), pode ser visualizada pelo estudo do acervo existente na biblioteca do Convento Mãe Admirável. O local ainda conserva um significativo volume de obras raras que subsidiaram a formação das postulantes brasileiras e a instrução de professores leigos nos anos de 1970 e 1980, através do Instituto Franciscano de Professoras. O momento é favorável devido à existência de Universidades públicas e privadas, o apoio de agências de fomento (FAPEG), a disposição da própria Rede Escolar Franciscana, interessada em compor projetos de investigação histórica, com a abertura de novos espaços e possibilidades de atuação de grupos de pesquisas.

É com tais perspectivas que finalizo a presente pesquisa, na esperança de ter abordado dignamente o recorte do objeto dentro do proposto, de ter contribuído com mais um passo na construção do conhecimento nesta área e com muitas outras questões e problematizações a instigar novos estudos.

REFERÊNCIAS

Referências utilizadas

ABNT NBR, conforme indicações específicas da BCo UFSCar: http://www.bco.ufscar.br/htdocs/bibdigital01_06.htm, acesso em 01/02/2010.

ALVES C., OLIVEIRA, G. & TAVARES, das G., (orgs.) **Amor, Serviço, Doação** – Irmãs Franciscanas de Allegany Brasil. Goiânia: Deescubra, 2003.

ALVES, M. M. **A Igreja e a Política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ASSIS, M. de. **Conto de Escola**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 1994. v. II.

AZZI R. & KLAUS, van der G. **História da Igreja no Brasil** – Tomo II 3/2 - Terceira Época – 1930 – 1964. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Os primórdios da catequese: arranjos do período colonial e imperial. In. PASSOS, M. (org.) **Uma História no Plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A concepção da ordem social segundo o positivismo ortodoxo brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1980.

BENCOSTTA, M. L. A. (org.). **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo, Cortez Editora, 2005. 286p.

BINZER, I. V. **Os meus Romanos – alegrias e tristeza de uma educadora alemã no Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BITTAR, M. e FERREIRA Jr. casas de bê-á-bá e colégios jesuíticos no Brasil do século 16. In: FERREIRA Jr. (orgs.). **Educação Jesuítica no mundo Ibérico Colonial (1549-1768)**. Em Aberto, Brasília, v. 21, n. 78, p. 33-58, dez, 2007.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Coisas Ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. 1 reimp. da 1 ed. de 1990. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BORGES, Barsanufio Gomides. **Goiás nos quadros da Economia Nacional – 1930 – 1960**. Goiânia: CEGRAF, 2000.

BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991. (Coleção Documentos Goianos n. 21).

BRUNEAU, T. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo (SP): Loyola. 1974

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990.

CHÂTELLIER L. **A Religião dos Pobres** – as fontes do cristianismo moderno séc. XVI – XIX. Lisboa-Portugal, Editorial Estampa, 1995.

COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) **As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana**. Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO. 1972. mimeo.

COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. As elites imaturas. In.: **Mimésis - Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG**. Goiânia-GO., 1 (1): 115-22; 1965.

CURY, C. R. J. **Ideologia e Educação Brasileira**: Católicos e Liberais. 4 ed. São Paulo (SP): Cortez, 1998.

FÁVERO, M. de L. A. Pesquisa, memória e documentação. In.: FARIA FILHO, L. M. (org.) **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias** – questões para a história da educação. Campinas-SP: Autores Associados; Bragança Paulista-SP: Universidade São Francisco, 2000. (Coleção memória da educação).

FERREIRA Jr. A. F.; BITTAR, M. Pluralidade Linguística, Escola De Bê-Á-Bá e Teatro Jesuítico no Brasil do Século XVI. In.: **Educação e Sociedade**, vol. 25, n. 86, p. 171-195, Abril 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em:

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

FRAGO, A. V. A história das disciplinas escolares. In.: **Revista da SBHE**, 18. Trad. de Marina Fernandes Braga. Campinas-SP Autores Associados, 2001.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 23 ed. Rio de Janeiro (RJ): José Olympio, 1984.

_____. **A Propósito de Frades**. Salvador-BA, Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOBSBAWM, E. RANGER T., **A Invenção das Tradições**. 2 ed. Trad. Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOORNAERTE, E. **Formação do Catolicismo Brasileiro (1550 – 1800)**. Petrópolis: Vozes, 1974.

JULIA, D. **A Cultura Escolar como objeto histórico**. Trad. Gizele de Souza. In.: **BHE**, n. 1. Campinas-SP: Autores Associados 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5 ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2003.

LOUREIRO, W. N. “**O Aspecto Educativo da Prática Política**”. Goiânia-GO, UFG, CEGRAF, 1988. Dissertação

MAGALHÃES, J. P. de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In.: LOMBARDI, J. C., SANFELICE J. L., SAVIANI D. (orgs.) **História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas-SP: Autores Associados: HISTEDBR, 1999.

MENEZES, Á. C. de. **Dom Emanuel Gomes de Oliveira – Arcebispo da Instrução**. Goiânia-GO: AGEPEL, 2001.

MICELI, S. **A Elite Eclesiástica Brasileira (1890-1930)**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 1988. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).

MOURA, Pe. L. D. de. **A Educação Católica no Brasil – passado, presente e futuro**. SP: Loyola 2000.

- NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**, São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- NICHOLS, Roy F. **Religião e Democracia Norte-Americana**. Série Clássicos da Democracia (13). Trad. de Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A. 1963.
- NOGUEIRA, M. A. & CATANI, A. (orgs.). **Escritos de Educação – Pierre Bourdieu**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. (Col. Ciências Sociais da Educação).
- PASSOS, M. (org.) **Uma História no Plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PAIVA, J. M. de. **Colonização e Catequese**. São Paulo (SP), Ed. Arké, 2006.
- PALHANO, J. **Dicionário Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil Commemorativo do Primeiro Centenario da Independencia**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.
- ROWER, Fr. B. **A Ordem Franciscana no Brasil**. 2 ed. Aum. Rio de Janeiro: Vozes, 1947.
- SANCHIS, P. Igreja e Questão agrária: um posfácio. In.: **Igreja e Questão agrária**. São Paulo: Loyola, 1985.
- SANGENIS, L. F. C. **Gênese do Pensamento Único em Educação – franciscanismo e jesuitismo na história da educação brasileira**. Petrópolis, Vozes, 2006.
- SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. São Paulo, SP: Autores Associados, 2008 (Coleção Memória da Educação).
- SILVA, N. R. de **Tradição e Renovação Educacional em Goiás**. SP: FE/USP, 1975. Tese de Doutorado.
- SOUZA, R. F. de. **Templos de Civilização: Um Estudo sobre a implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo (1890-1910)- tese**, 1998 – mimeo.
- TEIXEIRA, A. S. **Aspectos americanos de educação & anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2006. (Coleção Anísio Teixeira, vol. 1).

TEIXEIRA, A. S. A Pedagogia de Dewey – a Educação como reconstrução da experiência. **In.: DEWEY, J. Vida e Educação.** Trad. Anísio S. Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

TEIXEIRA, A. S. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação** – a Escola Progressiva ou a Transformação da Escola. 6 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. (Coleção Cultura, Sociedade e Educação. Volume 5).

VALDEMARIN, V. T. **Estudando as Lições de Coisas.** Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

VIDAL, D. G. **Culturas Escolares.** SP: Cortez, 2005.

VIEIRA PINTO, Á. **Ciência e existência.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, 3ª edição.

WARDE, M. J. (org.) Temas de História da Educação. **In.: Contemporaneidade e Educação.** Revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Ano V, n. 07, 1º semestre 2000.

WEBER, Max. A Ética Protestante o Espírito do Capitalismo. 12 ed. Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi; Tamás J. M. K Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 2004. (Biblioteca Pioneira de Ciências sociais – sociologia).

WYSE, Fr. A., O.F.M. **No coração do Brasil** – ensaio da história dos Quarenta Anos (1943-1984) da Custódia do Santíssimo Nome de Jesus em Goiás. Petrópolis: Vozes, 1989.

ANAIS DA PROVÍNCIA DO SSMO. NOME DE JESUS NO BRASIL:

Anais da Província, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 356 a 360

Anais da Província, vol. V, n. 2, Abril, 1945, p. 68

Anais da Província, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 385 a 390

Anais da Província, vol. VI, n. 1, julho, 1947 p. 159 a 161

Anais da Província, vol. X, 1953, p. 95

Anais da Província, vol. X, fev. 1953, p. 95

Anais da Província, vol. XI, 1954, p. 72

Anais da Província, vol. XI, n. 4, Outubro, 1954, p. 252-254

Anais da Província, vol. XVII - s/d, p. 307

Anais da Província, vol. XVII, s/d, p. 89 a 92

Anais da Província, vol. XIX, 1952, p. 42

Anais da Província, vol. XIX, 1962, p. 46-47

Anais da Província, vol. XX, s/d, p. 288 -289

Anais da Província vol. XXI (primavera-verão), n. 2, 3. 1964.

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA:

Carta 1 - 16/02/1945

Carta 2 – 30/03/1945

Carta 3 – 27/05/1945

Carta 4 – AGOSTO/1945

Carta 6 – 29/10/1945

Carta 7 – 31/10/1945

Carta 9 – 03/12/1945

Carta 10 – 03/12/1945

Carta 13 – 13/06/1948

Carta 14 – 30/06/1948

Carta 16 – 31/07/1948

Carta 19 – 03/02/1949

Carta 20 – 13/05/1950

Carta 21 – 20/06/1950

Carta 23 – 06/09/1950

Carta 25 – 11/11/1950

Carta 32 – 13/01/1954

Carta 34 – 14/01/1954

JORNAL

Correio Oficial de Goyaz, n. 1.563, de 28 de Maio de 1929 p. 17

Correio Oficial de Goyaz, n. 1.563, de 28 de Maio de 1929, p. 36

Correio Oficial de Goyaz, n. 1.617, 15 de outubro de 1929, p. 6

Correio Oficial de Goyaz, n. 1.625, 5 de novembro de 1929, p. 7.

Correio Oficial de Goyaz, n. 1.702, 31 de Maio de 1930, p. 13.

Correio Oficial de Goyaz, n. 1 de 06 de Maio de 1930, p. 2.

Correio Oficial de Goyaz, n. 1.702, 31 de Maio de 1930, p. 27.

LIVRO DE ATAS n. 01, Goiandira, 1953.

REVISTA DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE ALLEGANY:

Álbum do Centenário, Allegany, Nova York, 1959.

ZEAL spring ISSUE, Allegany, NY, 1986, p. 10-12.

ZEAL, vol. 14, n.2, (Número Especial), 1965, p. 5 e 6

ZEAL, Janeiro 1959, p. 28

Bibliografia consultada

ALMEIDA, A. M. F. & NOGUEIRA, M. A. (orgs.). **A Escolarização das Elites**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ALMEIDA, J. R. P. de. **História da Instrução Pública no Brasil** (1500-1889). São Paulo: PUC; Brasília: INEP, 1989. 365 p. (Coleção Memórias da educação brasileira)

AZZI, R. A Romanização da Igreja a partir da República (1889). In.: **Inculturação e libertação**, 1986, p. 105-116.

_____. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Razão e Fé: discurso da dominação colonial**. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. (Coleção Pensamento Filosófico).

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Trad. de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOTO, C. **A Escola do Homem Novo**: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Editora da UNESP, 1996. 207 p. (Encyclopaidéia).

CARVALHO, L. R. de. A Educação Brasileira e sua periodização. In.: **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 02. Jul-Dez de 2001. p. 137-152.

CARVALHO, L. R. de. **As Reformas Pombalinas da Instrução Pública**, São Paulo: Saraiva/EDUSP, 1987.

CHARTIER, R. A HISTÓRIA HOJE: dúvidas, desafios, propostas. In.: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

COUTINHO, S. R. (Org.) **Religiosidade, Misticismo e História do Brasil Central**. Brasília-DF: UNIVERSA, UCB, 2001.

CUNHA, M. I. G. da. **Educação feminina numa instituição total confessional católica**: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. Dissertação de mestrado – USP/ 2000.

CURY, C. R. J. **O que você precisa saber sobre Legislação Educacional Brasileira**. Rio de Janeiro (RJ): DP&A, 2002. 2ª edição.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1967. Trad. Anísio S. Teixeira.

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 2002.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. RJ: Jorge Zahar Editor. Volume 1: uma história dos costumes. 1994. Trad. Ry Jungmann

FARIA FILHO, L. M. de. & VIDAL, D. G.. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. In.: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004 139

FARIA FILHO, L. M. de. **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões.** *Rev. Fac. Educ.*, Jan./Jun. 1998, vol.24, no.1, p.141-159.

FÁVERO, M. de L. de A. e BRITTO, J. de M. **Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MEC-Inep, 1999. 496 p.

FERREIRA, J. & DELGADO, L. De A. N. (orgs.) **O Brasil Republicano - o tempo do liberalismo excludente : da Proclamação da República à Revolução de 1930.** Rio de Janeiro (RJ) : Ed. Civilização Brasileira, 2003.

FORQUIN, J. C. Saberes Escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. In. : **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 5, p. 28-49, 1992.

GARCIA Ir. J. T. & CAPDEVILLE G. (Orgs.) **Educação Católica.** Brasília-DF: UNIVERSA, UCB, 2004.

GILLY, A. **Sacerdotes e Burocratas:** a introdução ao socialismo real. São Paulo: Brasiliense, 1980.

JÚNIOR, C. P. **Formação do Brasil Contemporâneo.** 11 ed. São Paulo (SP): Brasiliense, 1942.

KANT. I. **A Religião nos limites da simples razão.** Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala Educacional, 2006. (série Filosofar).

MATTELART, A. e NEVEU E. **Introdução aos Estudos Culturais.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação.** 8 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.

PAIVA, J. M. de. **Colonização e Catequese: 1549-1600.** São Paulo: Autores Associados; Cortez Editora, 1982. 108 p. (Coleção Educação Contemporânea).

KRIEGER, D. **DESDE AS MISSÕES... saudades, lutas e esperanças.** Rio de Janeiro (RJ): Ed. José Olympio, 1976. (Coleção Documentos Brasileiros).

LOMBARDI, J. C., SANFELICE J. L., SAVIANI D. (orgs.) **História e História da Educação**: o debate teórico-metodológico atual. Campinas-SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

MAFRA, L. de A. A sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, N; CARVALHO, M.P. ; VILELA, R.A.T. (orgs.). **Itinerários de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A , 2003.

MERLO, G. G. **Em Nome de São Francisco** – História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis, Vozes, 2005. Tradução de Frei Ary E. Pintarelli, ofm.

MÉSZÁROS, I. **Marx: a teoria da alienação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PETITAT, A. **Produção da Escola/Produção da Sociedade**: Análise Sócio-histórica de Alguns Momentos Decisivos da Evolução Escolar no Ocidente. Trad. de Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil: 1930-1973**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978. 267 p.

RÖWER, Fr. B., ofm. **Páginas de História Franciscana no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1941.

SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S. de; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. (orgs.). **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, Editores Associados, 2004. 203p.

SCHWARTZMAN, S. et alii **Tempos de Capanema**, Rio de Janeiro: Paz e Terra/EDUSP, 1984.

SCHULTZ, Theodore W. **O Capital Humano**: investimentos em Educação e Pesquisa. Trad. de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

STEPHANOU, M. e BASTOS, M. H. C. (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. 435p.

VEIGA, C. G.; FONSECA, Thaís N. de L. (orgs.) **História e historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WILLEKE, Fr. V., ofm. **Missões Franciscanas no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1978.

ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

Colaboraram com informações sobre a obra *Missionária e Educativa dos Franciscanos em Goiás*:

1. Dr. Jaci Siqueira – presidente do Instituto do Livro, órgão estadual sediado na AGEPEL – Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira.
2. Dr. Braz José Coelho, Lingüista, Escritor, professor Universitário.
3. Maria Aparecida Coelho (Irmã Nancy Maria), OSF.
4. Maria Margarida Machado (Irmã Margarida), OSF.
5. Maria Isa (Irmã Isa), OSF.
6. Irmã Maria do Socorro, OSF – Ministra Provincial
7. Frei Fernando Inácio Peixoto de Castro, OFM.
8. Frei Longuinho Rodrigues de Menezes, OFM.
9. Frei Wanderley Carvalho do Couto, OFM – Ministro Provincial.

ANEXOS

ANEXO 1 - Inventário das Escolas Paroquiais Franciscanas em Goiás

Escola Paroquial Santana (1945/1948)

Cidade – Anápolis – Goiás

Direção - Irmãs Franciscanas de Allegany

Curso Primário

Obs.: Não possui registro estatístico.

Escola Paroquial Santo Antônio (1958)

Cidade – Anápolis – Goiás

Curso Primário

Direção – Irmãs Franciscanas de Allegany

CURSO PRIMÁRIO

ANO	Pré	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série	5ª série
1958	215	574	151	149	120	--
1959	421	301	261	175	94	--
1960	287	232	170	157	95	--
1961	151	130	83	89	148	--
1962	207	293	165	136	115	--
1963	198	164	110	103	68	16
1964	140	158	87	77	81	57
1965	106	122	97	48	57	40
1966	84	126	65	73	46	40
1967	80	113	74	57	53	28
1968	81	81	51	56	37	28
1969	115	94	62	63	37	28
1970	104	66	55	53	52	--
1971	94	66	53	47	40	--
1972	75	66	50	57	40	--

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) *As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana*. Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretoras:

Irmã Rosalima - 1949 a 1952

Irmã Tomásia José –

Irmã Fátima – 1953

Irmã Neila Maria –

Irmãs Assumpta e Aparecida

Irmã Julita Martens - 1965 a 1966

Irmã Natália – 1967 a 1968

Irmã Solange Helena - 1969 a 1972

Escola Paroquial Imaculada Conceição (1947/1950)

Cidade – Ceres – Goiás

Direção – Irmãs Franciscanas de Allegany

Curso – Primário

CURSO PRIMÁRIO

ANOS	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
1955	626	211	175	90
1956	679	255	195	157
1957	329	197	123	103
1958	--	--	--	--
1959	587	232	162	135
1960	--	--	--	--
1961	--	--	--	--
1962	445	131	148	120
1963	--	--	--	--
1964	307	96	114	76
1965	367	150	98	86
1966	497	115	123	665
1967	375	160	127	69
1968	322	166	149	103
1969	353	159	132	86
1970	288	118	127	99
1971	249	130	134	121
1972	228	148	123	--

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) **As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana**. Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretoras:

Irmã Verônica	- 1950 – 1960
Irmã Julita	
Irmã Anita	- 1961 – 1965
Irmã Maria das Graças	- 1966 – 1967
Irmã Maria José	- 1968 – 1970
Irmã Maria do Socorro	- 1970 – 1972

Escola Paroquial Nossa Senhora de Fátima (1958)

Cidade – Porangatu – Goiás

Curso – Primário

Direção – Irmãs Franciscanas de Allegany

CURSO PRIMÁRIO

ANOS	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
1958	--	--	--	--
1959	--	--	--	--
1960	--	--	--	--
1961	--	--	--	--
1962	123	103	56	77
1963	179	134	107	56
1964	106	86	75	72
1965	141	111	63	77
1966	156	94	100	124
1967	139	107	100	104
1968	89	80	116	119
1969	96	59	56	86
1970	68	32	74	38
1971	207	76	79	54
1972	170	77	60	38

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) *As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana*. Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretoras:

Irmã Gemma Clara

- a 1964

Irmã Rita Miguel

1965 a 1969

Irmã Rosa Mateus

1970

Irmã Marta José

1971

Irmã Anita Maria

1972

Escola Noturna de Porangatu (1967)

Cidade – Porangatu – Goiás

Curso – Primário

Direção – Irmãs Franciscanas de Allegany

CURSO PRIMÁRIO

SÉRIES	1967	1968	1969	1970	1971	1972
1ª série	15	18	--	60	43	45
2ª série	21	20	--	31	72	43
3ª série	30	39	--	63	116	126
4ª série	67	60	--	50	154	144

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) **As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana.** Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretores:

Frei Tiago McGeady

Irmã Isabel, O.S.F.

Irmã Stella Sabina, O.F.S.

Escola Paroquial São Miguel Arcanjo (1962/1970).

Cidade – São Miguel do Araguaia – Goiás

Curso – Primário

Direção – Irmãs Franciscanas de Allegany

CURSO PRIMÁRIO:

Séries	1970	1971	1972
1ª série	239	162	282
2ª série	73	77	135
3ª série	42	79	180
4ª série	48	78	163

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) **As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana**. Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretoras:

Irmã Anita Maria - 1970 – 1971

Irmã Maria Margarida de Carvalho - 1971 – 1972

Escola Paroquial São Francisco de Assis (1957)

Cidade – Cristalândia – Goiás

Curso – Primário

Direção – Irmãs Franciscanas de Allegany

CURSO PRIMÁRIO

ANOS	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série	5ª série
1959	326 alunos ao todo.				
1960	265	103	50	51	31
1961	350	116	80	42	24
1962	409	121	91	81	24
1963	470	107	80	100	32
1964	368	115	86	83	--
1965	274	58	129	42	37
1966	205	113	90	80	--
1967	184	149	84	72	--
1968	198	99	87	70	--
1969	174	78	80	78	--
1970	132	78	80	82	--
1971	120	64	61	72	--
1972	166	70	58	80	--

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) **As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana**. Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretoras:

Irmã Verônica;

Irmã Anita Maria;

Irmã Stella Sabina;

Irmã Alda Divina.

Grupo Escolar Frei André Quinn (1960).

Cidade Araguacema – Goiás

Direção – Irmãs Franciscanas de Allegany

CURSO PRIMÁRIO

ANO	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
1960	185	29	13	12
1961	215	26	16	13
1962	270	48	30	20
1963	329	53	33	17
1964	334	61	46	26
1965	332	80	50	23
1966	310	79	51	27
1967	226	54	51	35
1968	277	76	55	42
1969	250	75	47	53
1970	279	79	69	50
1971	159	106	64	64
1972	237	55	97	63

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) **As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana.** Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretoras:

Irmã Maria Assumpta	1962 – 1964
Irmã Maria José Batista	1965 – 1967
Irmã Ângela Teresinha Azzi	1968
Irmã Ana Bernadete Albernaz	1969 – 1972

Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus (1946)

Cidade – Pires do Rio – Goiás

Direção – Irmãs Franciscanas de Allegany

Curso – Primário

CURSO PRIMÁRIO

ANOS	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série	5ª série
1960	350	190	180	220	60
1961	120	190	157	114	51
1962	454	140	154	115	84
1963	370	100	99	82	43
1964	245	203	64	69	28
1965	394	127	80	64	--
1966	276	92	108	59	--
1967	355	110	93	65	--
1968	291	113	96	95	--
1969	225	135	106	95	--
1970	202	84	109	100	--
1971	189	84	91	84	--
1972	174	107	104	80	--

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) *As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana*. Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretoras:

Irmã Maria das Graças - 1962 – 1964
 Irmã Verônica - 1965 – 1966
 Irmã Gemma - 1967 – 1972

Escola Paroquial Santa Maria Goretti (1948/1952)

Cidade – Goiandira – Goiás

Curso – Primário

CURSO PRIMÁRIO

ANOS	1ª Série	2ª série	3ª série	4ª série
1950	96	05	--	--
1951	124	37	08	--
1952	151	56	43	27
1953	198	39	48	43
1954	178	33	39	60
1955	221	46	36	63
1956	171	43	40	54
1957	312	68	39	54
1958	248	48	53	66
1959	201	56	47	63
1960	292	58	52	42
1961	221	65	52	72
1962	151	59	55	47
1963	160	52	44	39
1964	151	75	52	47
1965	167	46	53	53
1966	140	22	25	37
1967	107	34	30	23
1968	78	37	19	29
1969	--	--	33	78

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) **As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana.** Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

Diretores:

Frei Domingos Foley	- 1950 – 1951
Irmã Celestina Fruscione	- 1952 – 1958
Irmã Maria Rosalina	- 1959 – 1964
Irmã Ana Eucaristia	- 1965 – 1966
Irmã Teresa Maria Sweeney	- 1967 – 1969

Escola Paroquial São Bernardino de Siena (1944/1948/1954)

Cidade – Catalão – Goiás

Curso – Primário

CURSO PRIMÁRIO

ANOS	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
1948	25	--	--	--
1949	50	30	20	12
1950	128	66	52	30
1951	125	67	60	32
1952	215	80	78	44
1953	251	70	72	33
1954	232	68	63	42
1955	239	70	51	40
1956	285	75	75	56
1957	311	63	49	56
1958	135	54	48	53
1959	128	34	37	44
1960	170	53	51	65
1961	198	79	68	62
1962	220	80	86	73
1963	123	92	80	84
1964	193	54	76	66
1965	120	68	41	50
1966	121	64	45	54
1967	84	28	30	53
1968	237	81	52	51
1969	148	59	42	43
1970	133	62	72	65

Fonte: COELHO, M. A. (Irmã Nancy Maria, OSF) *As Irmãs Franciscanas de Allegany na Educação Goiana*. Fac. Filosofia Bernardo Sayão, Anápolis-GO., 1972) mimeo.

ANEXO 2 - Anais da Província do SSMO. Nome de Jesus no Brasil

Anais da Província, vol. IV, n. 5, Janeiro, 1944, p. 356 a 360

Volume IV – ANNAIS DA PROVINCIA.

The Provincial Annals - Vol. IV – January, 1944 – n. 5.

DOM EMANUEL –

A Mission Field White Unto Harvest - (p. 356 a 360).

By Very Rev. Paul Seilbert, OFM, Commissary

It is very gratifying to know that the members of our Province in the dear old U.S.A. are so deeply interested in our foundation here in Brazil. They should know here interested all of we are! My one big personal regret is that this new Commissariat was not founded 13 years ago, and that I had been sent here then. It annoys me not a little to think that I arrived here at the ripe old age of 44 – instead of 24. the field of work is so vast that it staggers the imagination. And priests are needed badly.

(foto de Frei Paul e Dom Emmanuel Gomes de Oliveira – Arcebispo de Goiás).

If you picture the West of the United States 60 or 70 years ago, with its golden opportunities for those who went out to seize them, you have a fairly accurate picture of Goiás today. The developed civilization was then in the East, and the West was wild – but the change was rapid. In Brazil today the developed civilization is near the seacoast but there is a mighty surge towards the interior, particularly towards Goiaz, where the opportunities are well golden. I cannot avoid the condition than God was good to our Pro WRENN, of Lady of Mercy parishes first Commissariat for us. Is fast I sometimes think we might haft searched the earth withered finding a place equal to this for the ideal occasion foundation. Goiaz is reposed at have the most pliant climates in all South America. The Brazilian are a kindly and tolerant people, and great admirers of the North Americans. A strong bond of friendship exists between the two natives. Reaccept (Accept) for a certain

(...) ilegível

p. 357 – foto –

Fr. Conall and his guide leaving for an eadlyng (readying) chapel, six hours' trip by horseback. This picture was taken in front of the Anapolis friary. There are no paned selects in the city.

- foto - The parish church at Catalão, of which Father John Francis Granaham in the proud pastor. This is she best church and best parish in the Commissariat. All parishes are vast in territory.

p. 358 – foto da matriz de Pirenópolis.

Texto:

Him. Devotion to the Saints's very strong – so strong, in fact, as to be almost out of proportion to the more important obligations of our holy religion. Yet, probably, it is just this deep-seated reverence for the Sa'nts which has kept the spark of Catholicism alive, and prevenied Protestantism from making much headway, illiteracy is almost universal in the out-districts, though there is a strong tendency awakening now towards schooling. The Protestant element is making capital of the people's desire for education by establishing schools in every important town. In fact, they have stolen the lead on us Catholics in this respect – due, probably, to the plentiful funds they receive from the United States and Canada. Our Archbishop has made considerable strides in the field of education during the twenty years he has been in office. Realizing its absolute importance, he most ardently wants us to build schools and take up the work of education.

When, from this distance, you think of the great number of vocations with which God is blessing our Province, and the pathetic back of priests here, you are inclined to wonder if maybe. He isn't thinking in very special way about South America.

Our parishes are vast in territory, and in order to give the people even a minimum amount of attention, each parish instead of two. The people in the villages and ranches out in the country see the priest only three or four times a year. The priest goes out on horseback, traveling from village to village and night and the following morning at a village or ranch. Perhaps there is a little chapel then perhaps not. In the evening the people gather together there and to says the Rosary with them, and where hears confessions. Then Mass he performs the marriages and baptisms, instructs the children, organizes catechists, etc. In the afternoon he travels on to the

next place., probably ten or 13 miles away. On such trips it is usually anywhere from one to three weeks before he gets parish in Catalão recently when Father Bernard Joseph Trainer returned from each a trip. He has been out for weeks, covered about 130 miles, and among other things performed 24 marriages and 253 baptisms. As the present moment, Father Dustan Carroll was stung by one: he didn't like it.

Last Sunday (August 6) I administered Confirmation as the neighboring parish here in Anapolis. Bishops often delegate priests to confirm. The scene would be difficult to describe. We started at 1 o'clock half-past four, during which time of Confirmation eleven times, and confirmed over 700 pictures – from the infants up. People came from all the surrounding county horseback, in mule back, in covered wagons, on foot. They packed the church till it bulged: the rest waited outside. Everybody was there, which his relatives, his neighbors, his friends and his dog: a bedlam of coming and going and coming, perishing and showing, talking, of dogs. The method of taking care of the situation was unique, and probably was the only practical way. When we were ready to start, the gate was opened till the sanctuary was filled. Anyone who wished came in: to be confirmed, to be a sponsor, or just to look on. We then had the ceremony for those inside the sanctuary. Assisted by a priest who read the names and the sacristan who wiped the foreheads, I elbowed my way in and out among them. When the final prayers were said, this group was let out through the sacristy door, another group admitted, and we started all over again. It was a very cosmopolitan gathering: whites, negroes, Indians – all mixed together all very friendly and patient. Some were neat and clean, others long unwashed, some were well dressed, others in their birthday suits. There were infants not more than a week old, and there were a few tottering old men and women.

At the present time, we are waiting anxiously for news from the Chapter, to learn how many more priests are coming down to join our ranks. But this becoming lengthy. Please give the kindest regards of all of us to every member of the Holy Name Province. Ask all of them to continue praying for the success of our work.

EDITOR'S NOTE. – The recent Definitorial Congressus or intermediate Chapter appointed four more priests to the Commissariat of Goiaz: Fathers John Anthony Knope and Celsus Francis Hayes. These new missionaries to Brazil will probably leave for their mission field in the late fall. (final p. 360).

Interesting Correspondence

(p. 375 e 376)

Padres Franciscanos,
Pires do Rio,
Estado de Goyaz, Brazil,
April 9, 1944.

Dear Brother:

By now, you will have heard about our trip and there is no need to repeat the story. Thanks be to God, we had a safe trip all along, and not one of us got seriously sick. We had a fine and never-to-be-forgotten time in Lima, Peru. By that, I mean, those of us who were able to stay longer, for as you know Father Paul tried to get us plane accommodations, but we had to leave in small groups. I was with the last group which left on January 5, via Pan American Lines. We landed in São Paulo safely on January 5, and believe me, Brother Emmerich lost no time in visiting us. I went over to the monastery where he is stationed, because Father Provincial had not enough room for us all in his residence. When we arrived, our Father Paul was on his way touring the mission field. He returned about January 13, and after a little rest called all of us together on order to give us a report on what he had found and what the new places were like. He wanted to know which we preferred to do: remain longer in São Paulo or get on our way. To which all replied: it is best that we get going without more delay. When Eather Paul saw this fine spirit, he was jubilant. He told us that we would have to work together, priests and Brothers, in each house for some time to come, because of the difficulties which would have to be met in each place.

On account of the war, traveling here is very hard and so we had to make the trip to Goiaz once again in small groups. But this time each group consisted of the members of separate communities, as each community was made up in the first Chapter of our little Commissariat held at São Paulo on January 19, 1944. on the 24th, we started for our various destinations, and once more I was with the last group so leave São Paulo on January 26, arriving on the 28th at Catalão, where we went first. As we did not know where we would stay in Pires do Rio, Father Paul asked Father Dunstan, who is superior there, to accompany Brother Gabriel and me to that place. The superior of Catalão, Father John Francis, who is also São Paulo with Father Paul in order to help him with our luggage, which we expect will arrive any day. It was shipped by Father Paul on February 16, but has not reached here as yet. We called the

Express Service, but will be lucky if it arrives by Christmas. One gets used to these little annoyances and doesn't mind them after awhile.

We were received as Catalão by the whole parish. The good old Vigario, who was still there, gave an address of welcome and told the people that we were trying our best to help them in all their needs, even though we were not yet able to speak their language fluently. Afterwards, we looked around the rectory, and the first thing Father Dunstan said was: "Boys, here is a lot of work waiting for us. Do you see what I see?" we all laughed, though I can tell you that it was impossible for us to understand how a priest could live under such conditions. We showed him something, for the former pastor remained with us about five days, and by the time he left, we had given the house a thorough cleaning. After about two weeks of such work, the house looked presentable for the arrival of the real Vigario and his assistant. But first came two of our here on their way to that town to tell us about Pires do Rio. The following Sunday, Father Dunstan and our assistant, Father Christopher, went over to Pires do Rio and on their return told us what conditions there were like.

Because of the condition of the house there, we will have to live at a hotel. The people are doing their best to help us, but I cannot understand how they can live the way they do. But such is their way and one becomes used to many things. Father Dunstan and I thought it was hard when we four were at Catalão, but here we found nothing but an empty house and it does not even belong either to us or to the parish. We have to pay rent every month. During the ten days we stayed at the hotel, we tried to clean the house and get at least beds and chairs. We made a table by means of two wooden horses with a top tailed over them and covered by an oil cloth. In the kitchen I have the same kind of table and a few things on hand. For the time being, we are trying to get along, for as yet we have trying to get along, for as yet we have our clothes just hanging in our rooms without even the benefit of hangers. People who have these things must get them from Sao Paolo. So much about our living conditions.

With regard to the church, I think you have already heard about it. All I can say is that it is unworthy to be the House of God. It seems the architect stopped the work of building and left the four walls standing without a roof for over a year. Then a carpenter was called who laid a roof over the church without as much as a single support for the walls. After a time the carpenter must have noticed that the walls were beginning to bulge outward, so he proceeded

to fill the interior with beams and planks. In such a building we have to say Mass and conduct all our religious exercises.

But let me tell you that last Holy Week was one which none of us will ever forget. It was holy week in every sense of the word for everyone in this town. On Good Friday a procession was held in which the image of Our Lord was carried on a bier. Directly behind walked five women whom we would call in the States "mourners." When the procession returned to the church doors, one of these "wailing women" sang (aeg) the Lamentatio and while doing so unrolled a cloth with the image of Our Lord's face. Then we went into the church and there took place the veneration of the Body of Christ. These people have real and deep faith, if only they had a decent church. But we hope that that will come in time.

Such is our situation at Pires do Rio, which I think is the poorest of the four parishes we have, although they say that Pirenopolis is not much better. I have seen Anapolis and don't think much of it, but at least the church is a protected building.

The houses are all more or less poorly equipped, but some have to be the starters of everything, and those who will follow us will never realize what we found here. One thing we all have and try to maintain – a keen sense of humor. Thanks be to God, we have not had much sickness, because everyone tries to be careful with the food, which is the main cause here of sickness. The weather is very damp. All our clothes are getting mildewy and may have to be thrown away. Even leather in one's shoes goes bad from the dampness. But we just leave all those matters to our dear Lord Who will take care of us.

We got by Easter quietly, because of the long hours. At 4 o'clock on Eastern morn we had a procession of the Blessed Sacrament through the town, with the people praising the Risen Saviour (savior). This was followed by Holy Mass. After that we were all pretty tired, but it was impossible to get any rest for the door kept me busy all day long.

I do hope this finds you in good health and let us pray for each other that God may help us through our life's troughs.

Your in St. Francis. Brother Celsus, OFM.

Anais da Província, vol. V, n. 2, Abril, 1945, p. 68

Volume V. Annais da Província - April, 1945 - n. 2

Making the Rounds In Brazil. (p. 63 a 68).

By Fr. Philip Anthony Kennedy, OFM.

There is something fascinating about being the first to see or do something. That is why I have piled up a whole list of firsts. Let us mention a few of them for the sake of the record. Your scribe is the first to be running two places at the same time – Pirenópolis and Corumba as he is the first to have the privilege of entertaining two Archbishops at the same time over several days. Next to our Commissary, Father Paul, he is the first to get around twice to the whole Commissariat.

I believe that the friars at Anapolis were the first to have a turkey. They were having their second or third when I was there Thanksgiving Day. What a bird! It ranged all the way from Father James' estimate of twelve pounds, stripped, to Brother Damian's estimate of 20. With his present stove and utensils. Brother Damian had to cut it up before roasting, but somehow he made the stuffing. All the trimmings, including raisin pie, were there; I think the only thing backing was the cranberry sauce. When we had furnished, all agreed that we probably did better than a lot of you up home. At any rate we were able to enjoy cigarettes. I hear that you are enjoying (?) a shortage. I imagine that Catalão and I know that Pires do Rio and Pirenópolis forgot all about Thanksgiving. It would not have done much good to think about Thanksgiving in Pirenópolis were we have been trying as to go a turkey (and other things) for a long time without success.

What is there to report almost Anapolis? All there, including Father Paul, seem in good health. Since my last visit they have made some improvements. There is now a sink in the kitchen with running water and an electric pump for ____ well, besides a very garden, small being a tennis courts on which ____ of friars play badminton. They ____ have a bearded who is a radio ____ and begins his at about ____ a. m. The place where they ____ visitors like myself is a ____ our windows. Two _____.....

....

Gallops him, and a 10 gallon hat which Father James wears when he goes out into the country. If one likes cold weather, I would say that Anapolis has the nicest climate of all our Brazil missions.

The next stop down the line is Pires do Rio. To reach it our must be at the Anapolis station at 5 a. m. in order to board the train which may leave then or may leave as late as 8 o'clock. At the end of two short naps, possible a talk with an English speaking Protestant minister, and a mystery story, one speeds into Pires at 11 a. m. if he were fortunate enough to leave at 5 a. m. Despite their cramped quarters and in spite of the not infrequent presence of scorpions, and now a real tarantula our friars at Pires always seem happy. Brother Anselm had a close of build recently. My first impressions of Pires were not too good. On our way to Pirenopolis the first time, the train passed through there. As I looked out the window, the town seemed dismal. The _____ was at least a foot deep, the people who gathered about the station seemed a sorry looking lot, their houses were more like hovels, and the scenery was devoid of any beauty. At that time I was glad that I was just passing through and I felt sorry for those friars who must make it their home. But my first impressions have changed considerably. When now I saw the town it did not look so bad. I found the people, few the must part, very nice and extremely friendly and particularly interested in the work of the American Franciscans. This is true in a special way of one leading citizen, named Ivan, who speak English passably.

The friars at Pires do Rio have so much spiritual work to there that they might be discouraged were it not for the cooperation they are receiving from the people. The unfurnished and collapsing church there has been abandoned and daily Mass evening Rosary and three Sunday fruits we do buy are cheap enough. But when it comes to the expenses of labor, men here will work for a whole day for about 50 cents. We are having a well dug for more or less those rates. But the days get so numerous that the total cost of our well, according to latest estimates, will be about three times as much as we expected to pay. Our well was begun in mid-August and no one knows when it will be completed. Again, many things we need must come from Sao Paulo, which means additional freight bills, and likely as not these things will have customs duty tacked on to the usual costs. Sometimes we just can't get these things at all. But aside from these and a few other difficulties, Pirenopolis is a nice place. It is so quiet and peaceful that Father John believes it ideal for an unmolested contemplative life.

EDITOR'S NOTE - Very Rev. Father Provincial conducted a visitation of the missions of Holy Name Province in Goiaz, Brazil. Leaving New York early in November, he returned during the first week of February.

Anais da Província, vol. V, n. 6, abril, 1946, p. 385 a 390

Volume V abril de 1946 – n. 6.

SPONSI MEMORES AMANTIS - (p. 385 a 390)

By Fr. ALEXANDRE WYSE, OFM.

In Allegany or in Asheville in Croghan or in Clason Point, in Winsted or in Wood-Ridge, for as long as 85 years, the Sisters of St. Francis of Allegany have been work log welded by side with the friars of Holy Name Province or their spiritual at pastors. The bond uniting the two groups in a common cause is so close that it would seem almost wrong for one to take up a new work for the honor of God and the salvation of souls, and not to after the other some share in it. There was only one choice, therefore, when it was decided to look for American Sisters to come to second the apostolic efforts of the friars in Brazil: all thoughts and hopes just naturally turned toward old St. Elizabeth's across the road from old St. Bonaventure's. And it would have been a black day indeed if the answer the Sisters would come to Brazil. In apits of staggering demands for expansion and for new foundation at home, in spite of the drain on resources of another mission, long maintained, in Jamaica, the Sisters would do their bit to strengthen and build up the Kingdom of Christ in a land where it has sadly fallen to places.

Rev. Mother Jean Marie shortly sent out to all her convents an appeal for volunteers and receive in return 40 applications. Of these, she and her councilors selected as the vanguard Mother Maryanna as Superior and Sister Rosalima. Mother Maryanna is a veteran at this type of work, having spent the first 13 years of her religious life in the Jamaica missions. Besides givin her many other points of missionary wisdom, the experience endowed her with a fine knowledge of Spanish and French, which knowledge she, in the meantime, has increased and perfected by advanced studies in Romance languages at St. Bonaventure College and the Catholic University. So, thus equipped, Mother Maryanna (after several weeks of Portuguese

study in New York, to boot) and Sister Rosalima were accorded the distinction of opening the first house of their congregation south of the Equator. And the friars of the missionary Commissariat of the Holy Name in Brazil were given the incalculable aid of two capable, energetic and apostolic women, to strengthen their work and enlarge the range of their endeavors. The words of the Matins hymn from the *Commune Plurium Virginum* have multiple meaning:

Vos enim nullus labor hoe in orbe

Terruit, Sponsi memores amantis.

The Sisters left New York on January 18, 1946, aboard the Swedish cargo vessel, *Sphoeles*. They pulled into Rio harbor on the evening of January 31 – amid the festivities honoring the inauguration of President Dutra. As it was after hour when the passengers might disembark, they had to remain aboard the ship overnight, but the three friars who constituted their reception committee were permitted to board and visit them for an hour (or – so) Father Dominic Francis Foley, who happened to be in Rio, and myself whom Father Paul had bid interrupt our studies and come from nearby Petropolis for the purpose. As a background to the welcome we extended them in name of the Commissariat, we had – at government expense – an incomparable show of searchlights playing over the skies from the military installations and the warships in the extensive harbor of Rio. High up on His pedestal of Corcovado, the illuminated Cristo Redentor spread out His arms in blessing and in welcome, to the daughters of the Herald of the King. Even more than we, He was glad to see them!

The next morning they came ashore on a launch, quietly and demurely, amid the emanation-booming and the Latin excitement attending the arrival of the U.S. carrier. Franklin Delano Roosevelt, I had been waiting on the wharf for them for two hours, and had just found diversion craning my neck in the middle of a multitude craning their multitudinous necks, to catch (etch) a glimpse of the world's biggest battle wagon hovering (having) into sight in the distance. My eyes momentarily coming to the closer forefront, suddenly I saw the two veiled figures climbing the stone steps, modest figures strikingly out of place among so many wharfhands and sailors and professional loungers. Of course, it was only we who reflected (for no one else seemed even to notice them), that it was a moment of eternal implications when they set their feet on Brazil's soil; for they had come to do a work for immortal souls that too long had been abandoned.

Completely with contributions received through the Franciscan Missionary Union and from private friends in the States, the friars had constructed a fine combined school and convent in Pires do Rio. Of simplified Brazilian colonial style, it is certainly the most substantial building in the town to date (through this is a left-handed way of paying credit to its merits). And well it should be the most substantial, for the rode it is destined to fill is a most fundamental and vital contribution to the salvation of the souls of Pires thousand of residents. The Sisters have one end of the building for their living quarters. At their arrival, it was far from completed, but they pluckily moved in, putting up with the inconveniences of omnipresent workmen, with the annoyance of incessant hammering and plastering, with the lack of many necessities. They had no stove, no ice box, no table, no desks, no furniture for their room. (except beds), no chapel – and a lot of these things they haven't got as yet. They only ice 10% they could get would cost the equivalent of 8900. This – need it be sold? – Is too chilling a price; and they patently, walk the five or six blocks to the Fathers' house in the evening for their one substantial meal of the day, Gradually, however, the convent is beginning to look like home; and from the depths of their now fabulous, seemingly inexhaustible seven trunks and three parking cases, they have brought forth a multitude of things to make life in the interior a little more genteel. Even the friars'house has blossomed out with some new posts and pans, some fancy chintz coverings, and, for festal dinners, fancy paper napkins and table cloths!

Both Fathers Dunstan and Christopher waived their better-founded rights, allowing me (who had arrived on the scene in the meantime) to bless the new school on the opening day, Wednesday, March 13. There are four classrooms on two floors. Large and bright and airy, the classrooms are in marked contrast to typical classrooms in Brazilian schools. By running two sessions, one from 7:30 to 11, the other from 12 to 3:30, the Sisters make the building – and themselves – do double duty – At present there are 278 pupils on the rolls, through there has not been a day yet when the whole roster answered to their strange names. They are an assorted group – some dirty, but most learning to keep themselves clean; some barefoot, some with shoes off; some black, like illustrations from “Uncle Tom's Cabin,” others light and fair, and even a few freckled. With the aid of seven young women of the town, graduates of the local normal school, the Sisters are bringing education in the fourth R (for Religion), to a host of youngsters, many of whom would not even be in school were it not for the *Colegio* (there even a kindergarten may be called a *Colegio*). But the range of their influence is much wider than the classroom. They are reaching and affecting over a hundred homes in the parish, in a

way and with a thoroughness that the priests could never hope to have. As must be true of parochial schools wherever they exist, the *Escola Paroquial do Sagrado Coração de Jesus* is laying foundations for a new era in the history of the Church in Pires do Rio. The pupils go home and say their prayers aloud and make their parents hear their catechism; and so not only the pupils themselves receive a good training in the faith, but the parents are being indoctrinated and impressed at the same time. And the parents are a generation that had largely seemed beyond the reach of instruction. Certainly, not average Catholic with whom the priest remonstrates in vain, can long hold out against the constant repetition of the youngster: "We live on this earth in order to save our souls".

As a group, undoubtedly, the most interesting of all the pupils are the 60 children of the railroad workers who are enrolled. They range, in age, from five and a half to 18; in size, from midgets to buxom young matrons; in color, from the hue of snow to that of coal; in personality, from the pathologically bashful to the talented and gifted. Hardly any had ever been to school before – or, as a matter of fact, had seen a school before, or handled a pencil, or opened a book; and so, despite their years, they were classified and placed from the kindergarten to the second grade. Every day, neat and clean in their blue and white uniforms, with "SCJ" embroidered on their sleeves, they arrive on the train coming into Pires at 11: 30. They pull out again at 3: 15. But some of them have left their homes as early as 8 a. m. and will not reach it again until after 6 p. m. walking ten miles before, and another ten after, their train rides. They are getting a smattering as best, of book-learning, but unquestionably they are getting more of the supreme knowledge than they ever get of could have gotten in their primitive houses scattered through the middle of nowhere. And they go home and tell parents – who well may never have heard it before – that Baptism is only the first of seven Sacraments, that *São Sebastião* is only a servant of God, that God's Son lives in a house in Pires do Rio and the people are building Him a palace near the school.

Every Sunday we have a children's Mass in the outdoor corridor of the school. Our temporary church is a rented store, and could not accommodate all the children; the permanent church hasn't got a roof over it as yet. But the expedient demanded by the circumstances is the happy symbol of the truth; the school, over which the Sisters of St. Francis preside, is to date, the most adequate Temple of Religion in Pires do Rio. Within the "Convent close" there is a garden, conjured up out of brick red clay by the miraculous touch of Brother Anselm. The tomatoes would take the prize, should Pires, in an almost unimaginable

display of interest, run a county fair like those we used to have back in New England. We have an impressive variety of vegetables, such as the local citizens never imagined could be extracted from their soil. There are strawberry blossoms, giving promises of fruit in the near future. As yet, the flowers aren't much, but the beds are selected and the plans discussed, and the seeds expected; and the spot should become, not only the source of physical food for the friars and nuns, but a delight as well to eyes sick of looking at squalid buildings and grimy people.

The school in Pires do Rio is the first foundation of the Allegany Sisters in Brazil. But hundreds of people are hoping that soon there will be others – especially people who wear brown habits and white cords. There is need for a Catholic High School in Pires, for example. Our parochial school graduates, unless their parents can send them to some Catholic boarding school, will be forced to make an unsatisfactory choice between two undesirable alternatives: terminate their education at the end of the fourth year (which theoretically is equivalent to the sixth year in the States), or enroll in the only high school in the town, which is a Protestant establishment. The property has already been donated by the town for a Catholic High School; all we need is more Sisters (and priests) and several thousand dollars! Donated, too, in Pires, is ground for a hospital. The town has no hospital or dispensary; the nearest one is six hours away by train in Anapolis. Again, all we need is the Sisters and several thousand dollars! Anapolis started a parochial school this year, without Sisters, but the friars there hope that before the year is over, they will have some Sisters from Allegany to take care of the 274 pupils enrolled. Schools and hospitals, literally without number, could be established here: the only limitations are those imposed by lack of personnel and finances. Of the two, the former seems by far the less serious. If reports from home may be credited, there are scores of Sisters anxious to come down; and already the Sisters in Pires have three applications from native girls, all trained teachers.

The words of the Matins hymn from the *Commune Plurium Virginum* have a prophetic meaning:

Vos cuim nullus labor hoe in orbe

Terruit, Sponsi memores amantis. (p.390)

Anais da Província, vol. VI, n. 1, julho, 1947 p. 159 a 161

Vol VI July 1947 n. 1.

“Suffer the Little Children to Come...” (p. 159 a 161)

By Fr. Conall O’Leary, OFM.

The new missionaries arrived in Brazil in time to help us get our parochial school and the *Ginasio* in shape for the opening of school in March. All of us helped paint and clean up the classrooms. Father Kennedy Michael Brennan is no mean hand with a hammer and saw. You should have seen him put some desks together. The enrollment of the parochial school, primary grades, really shot up this year. We enrolled 488 children, and had to refuse a couple of hundred more for the lack of facilities. We gained many children not only from the local public school conducted by the Protestants. The reason for the latter was that the principal of this Protestant school allied himself with the Communist party in the state elections this year. As a result, many parents took their children east of his school. In our parochial school this year we have nine classes: four in the morning and five in the afternoon. The big problem in the primary school is the large number of children for the first year. We have three first-year classes with about 70 children in each class. The reason for this is that it is usually impossible for the farmers to send their children to school as long as they live in the country because of the distance and the difficulty in traveling. So many farmers do this; they work their farms for a number of years while their children are growing up. Then when they have some money, they come into town, buy or rent a house and put all the children of school age into school. And of course all of them have to start in the first grade. The older ones might go to school only a few years, and then it is time for them to start earning a living or get married. A couple of years in school is not much, but it is enough for us to prepare them for their first Confession and Communion. This preparation and this short course in Catholic faith and practice is something they would not have received if they had remained on the farm or ranch. This brings out the importance of the parochial school. All of us look upon the parochial school as the most effective instrument in building up a real Catholic community, a community that is well-instructed at least in the fundamentals of the faith and that is devoted to the Mass and to all the Sacraments and not just to Baptism, Confirmation and Matrimony.

All problems in Goiaz seem to be fundamental ones. For example, the parent's problem is usually not one of choosing between various schools, but of finding a school, any school, and then trying to squeeze their children into the overcrowded classrooms. Because of the hot climate, the outlay on clothes is not very much for small children. One farmer, after enrolling his children in our parochial school, asked Father Celsus Francis Hayes: "Now, how about the clothes" Do you demand a special uniform?" Father Celsus replied: " No, we don't demand a uniform, but the children should be dressed neatly. The boys should have a clean shirt and pants, and the girls a clean dress, and all should have shoes".

"Shoes!" cried the farmer, "Padres, we live a mile from town and the children will have to walk to and from school every day. Think of all the shoes they will wear out in a year. I couldn't afford it".

So naturally Father Celsus said: "Okay, okay, send your children to school every day, and we wont's look for the shoes."

It is a strange thing. Without getting too many gray hairs, the friars could open and direct a high school, a college, or even, maybe, a university. But how little we know about directing a primary school, or teaching little children. I don't know what we would have done this year were it not for the good Franciscan Sisters of Pires do Rio. There, the four Franciscan Sisters of Allegany save their convent and their own big parochial school. Pires do Rio is a six hour's ride on the train from Pirenopolis. Yet Mother Marianna and Sister Rosalima officered to com up wad help us organize our parochial school this year. And what a job it was; trying to get the children into the proper grades, drawing up a complete schedule, having conferences with the teachers and explaining to them the teaching methods they should follow. I shudder if the Sisters had not been with us fir the opening of school. It would have meant that two padres would have found themselves in the middle of four or five hundred children together with their fond parents or guardians – all besieging the padres at the same time from every angle all asking a thousand and one questions at the same time: "Padres where's my classroom? Who is my teacher? At What time doe school begin? What books do I have to buy? Padre, my children can't come until next week. Will there be still room for them?..."

But in a couple of days the good Sisters had our school in perfect order – with every child in his proper grade and every teacher knowing what was expected of her. When everything was

straightened out, we found ourselves third and fourth grades, mostly girls; one large third grade, all boys; two large second grades, three immense first grades; and two special classes for the oldest children in the lower grades, the idea being to prepare them as quickly as possible for the higher grades and to give these older girls a good course in knitting, sewing, etc., and to give the boys a course in carpentry. When peace and order had finally settled upon our parochial school, Mother Mariana and Sister Rosalima returned to Pires do Rio to open their own school and start all over again, leaving the friars the responsibility of keeping the peace and maintaining the order. But the Sisters did promise to come back again and see if their Anapolis charier of peace, order, discipline an learning was being observed.

In addition to the two _____ occasions of our parochial school, Father Celsus started a night (primary) _____ for young working boys _____ to learn reading, writing _____ and religion. About 35 young _____ were enrolled in this school. Most of these young men had never _____ their firs Confession and Communion. The importance of this workers' school is seen also from the fact that it takes these young workers away from the outstretched hands of the Communistic, who are constantly founding workers' schools, in order to spread their Communistic ideas. Father Celsus himself is teaching reading, writing and religion to these young workers. As a result of his efforts, these young men are beginning to go to Sunday Mass and receive the Sacraments of Confession and Communion. It would not be right to omit saying that the Sisters in Pires do Rio also started a night primary school for young men and women, and that they have three large classes at night. So from 7:30 in the morning until 9 o'clock at night, their school is just a beehive of scholastic activity like our own.

This year also saw the arrival in Goias of the jeeps which Father Paul Seilbert bought last summer, one for each of our four parishes. A jeep is just the car for the rainy season in Goiaz. With its four-wheel drive, a jeep will go through a foot of mud without any trouble. The people call our jeep the *jeepzinho*, or little jeep. One of the men wanted to know what was the English of jeep, or what did in mean in English. With the help of the jeep, the padres are planning to visit their mission chapels at least twice a month this year. Last year we could visit them only once a month.

In the beginning of March work started on the foundations of our new chapel in honor of St. Anthony, which we are building in the most populous section of the town and the farthest from our church. We are trusting that St. Anthony will supply the _____ to build also a

wing contained three classrooms for a primary school. On May 8, Father Paul sent word that the workers were pouring the concrete for the calling of the crypt of our new church of St. Anne. This means that the crypt of the proposed new church should be completed this summer, and then we can tear down the old church which is already tottering on its ancient beams, and transfer divine services to the new crypt until such times, as the new church of St. Anne is completed.

So many things to be done and so few priests and Religious to do them. That is the great religious problem of Goiaz, Brazil and most of South America. Churches, schools, chapels, hospitals, orphanages, homes for the aged – all the works of Christian charity needed of once because the faithful are so many, and the spiritual laborers so few.

Callicoon, N. Y.

May 28, 1947.

EDITOR'S NOTE, - Father Conall O'Leary and Brother Celsus Gansen arrived in Miami, Fla. By plane on April 12, for a short visit to the United States during which they are receiving acceded medical and dental attention.

Anais da Província, vol. X, 1953, p. 95

Nota:

The new parochial school of Goiandira what to have been solemnly inaugurated in September, but a few days before the date, a son of the Governor of Goyaz was killed in an airliner crash, and a period of official mourning was decreed. This inauguration was postponed indefinitely. Then, one day in the beginning of November, some town officials come to the house and said that it was all set for the following week. It had been decided that the solemn blessing of the school would have to take place, in order to enhance the inauguration of the new artesian well of the city. Agreed, but without enthusiasm. Might as well get it over. So the event took place on November 8, 1952. on such short notice the archbishop was not able to come, nor even any of the Friars, from the other houses, save Fr. Edmund from Catalão. But the Mayor was present, and the Judge, and the Director of the Goiaz Railroad. He had loaned the City the equipment for the drilling of the artesian well, so he was the guest of honor. Worthily so, for we soon learned that he is a good executive and a likeable person. He offered to give me a lifetime pass on the railroad. All I have to do is to

send him my photograph, to be put on the identification card. I understand that it will not be good for travel on the Pennsylvania Railroad.

It was a big day for us when Sr. Assumpta arrived in Goiandira, after having come back to Brazil, fresh from the novitiate. She is the first Allegany vocation from this parish. That is to say, she came to know the Sisters while she was a teacher in one of the public schools. Her family actually lives elsewhere. Her entering the Order (OSF) was something for the people to talk about, over the window – sills, for a long time. Parental consent was not forthcoming, so she exercised her prerogative of being of age and applied for her passport, on her own responsibility. For a long time the local gentry debated if a girl should run off like that. But she “made good”, and came back a full-fledged Franciscan, and will begin her teaching career as a Religious next March.

The parochial school ended the year in a blaze of glory on November 30, 1952. the 25 graduates had their Communion Breakfast, and their pictures taken, graduation exercises, and departed with tears. And all were blessed, for a year, under Sr. Celestine.

The public school, also, had its exercises in our auditorium, on December 8, 1952. I was chosen as the Patron of the class, and I gave the principal address. Greetings to all, up home!
– Fr. Dominic Foley.

PIRES DO RIO, BRAZIL - (p. 94 a 96)

The Second Regional Marian Congress was held here on June 8, 1953. A similar Regional Congress had been held in Anapolis, during the month of May. Both were highly successful. In Anapolis, the Brazilian priests who preached on the occasion were lavish in their praise of the Friars and equally lavish in their condemnation of Communist who had attacked the Friars in Communist journals.

We were pleased to have the Auxiliary Bishop, Dom Abel, preside at the Session here, which included a Solemn Mass at 10:00, a Plenary Session at 1:00. a Procession and Benediction at 6:00. Dom Abel gave the principal talk after the procession.

Our own Dr. E. Yvan Ferreira (OFM. By letters of affiliation) was especially pleased with the number of Communion. He recalled that the first Sunday Mass of the Friars here in Pires revealed three people at the altar rail. During the month of May we had over six thousand Communion. So, little by little, there are signs of progress.

At present our parishes are having a "Week of Enthronements"... with special preaching by reports we received from Goiandira were most encouraging. We're looking forward to a great increase in Confessions and Holy Communion. Ceres, Catalão, Goiandira, and Anapolis have already been covered.

Fr. John B. Vogel.

Editor's Note – The article that follows, in a translation made by Fr. John B. Appeared in the secular paper O PIRES DE DIO on July 14, 1953. It is a glowing tribute to our Brazilian missionaries and their work.

OF APOLISTIC DESCENT

By Edison M. de Godoi.

It was with sentiment and reverence that Pires do Rio assisted at last Sunday's religious festivities - festivities so successfully carried out in an atmosphere of Christian piety and composure. The young men and women - "Marianos" and "Daughters of Mary" - who came to this city from various neighboring localities painted, without doubt, a living picture of religious fever. To eyes accustomed through many years to our traditional feasts, this picture was a sign of the moral and spiritual evolution of our people. It was evident - and this gives value to our optimism - it was evident that the throngs of the faithful who humbly and piously assisted at the four Masses in a church filled to capacity, and who later devoutly took part in the procession were composed not only of the "Marianos" and "Daughters of Mary", but also and chiefly, composed of the people, the townspeople simply devoted to their Church, following its sacred ritual, honoring with magnificent praise Mary, the sweet Mother of Christendom.

And the Catholic population of Pires do Rio by the fervor of its devotion (so well shown in the decorum of the gatherings) demonstrated the spiritual progress to which we refer. No one can deny that the aspect of these ceremonies was truly different not so many years ago - here, as in neighboring cities and in older parishes. Religious activities left much to be desired, principally with regard to then men, for a large portion of the faithful limited itself to remaining at the Church door, waiting for the auctioning to begin, while their wives prayed within. It seemed that had there not been the attraction of the auction and the fireworks, no one would have answered the call of the bells.

Hence, on the occasion of this Marian Congress, it is comforting to note the spiritual progress of our people - of such value and significance today when in the whole world materialism has manifested its bankruptcy as a philosophy, as a political policy, as a norm of living.

A search for the causes of this religious rebirth leads us to the admirable Franciscan Fathers and Sisters whose teaching - "more by example than by word," - as Ruy would have wished - is of a pattern to impress deeply the heart of a people. Those who live in this city witness daily the overflowing of their apostolic dedication to the abandoned, hurrying to assist with

alms and with love, caring for the sick, nursing them, giving them spiritual comfort but not hesitating to help them even with the most elementary bodily hygiene, as your author has himself witnessed more than once.

By their charity, by the unmasked interior joy which characterizes their apostolate, by a humility with which they day by day conquer more souls for God, these religious are truly of authentic lineage. They are descendants of that St. Francis of Assisi who, without the rigors and austerities of the monks of the Thebald, but with a heart full of God and love for His creatures, one day lay aside worldly goods, that clothed in rough garments and sandals, he might be the apostle of poverty, a pilgrim saint and poet, wandering through the serene lands of the Italian Peninsula begging that he might give to beggars, preaching to the birds and fishes, lifting toads and caterpillars from his path lest they be stepped on. It is this love for all creation, handed down to his followers, that is the source of the present, healthful cheerfulness that gives life to the work of these priests.

It is said of Brother Juniper, one of the first Franciscans and companion of the Patriarch, that on a par with the real he gave to catechizing was his joy in playing with youngsters in the street. Isn't this a truly Franciscan trait? Doesn't It remind you of our own diligent, laboring brothers of St. Francis to whom Pires do Rio owes as much for the education and (...)
... the spiritual and social services which they provide in fruitful apostolate?

(p. 96)

(ver complemento de duas linhas em outro arquivo)

GOIANDIRA, BRAZIL (p. 96 a 97)

It can be securely stated that the most important event that happened in Goiandira in the last three months was the Enthronization Week. I do believe that the term is unfamiliar in the USA, and indeed it was unknown to us until the present time. The Week is a kind of parish mission, but with this notable difference: the missionaries make the solemn act of enthronization of the Sacred Heart of Jesus in all the homes of the city. The Immaculate Heart of Mary is also included if the family wishes it. The work is done by the Eaters of the Sacred Hearts of Jesus and Mary. In our can if was done by men of the Dutch province.

The Enthronization Week was so successful in Goiandira that it is hard to believe that such results were possible. Dozens of people went to Confession and Communion who had stubbornly resisted all former attempts to bring them in. About 130 adults made their marriages legitimated. Fr. Maurice and I were so exhausted from helping adults to make their first confessions that we were ready to throw in the sponge.

Many others who had been answer for years were equally helpless in making a complete confession. But the most surprising result of the week was the way in which the men capitulated to divine grace. Before it started, there did not exist any society for men in the parish. They simply would not cooperate. Now we have two societies, and boh give every prom....

(conferir em outro arquivo a 2 linhas finais da p. 96)

Sequencia da p. 97...

All of this, and much more, cannot be laid to human efforts, regardless of the tireless work of Fr. Felix, SSCC., a truly apostolic priest. Two parish-visitor Sisters were also busy during the Week. And yet the results were beyond their cooperation. No, it could only be that the Sacred Hearts of Jesus and Mary were transmitting altogether extraordinary graces to the faithful of Goiandira during those few days – graces never before offered with such divine persuasion. A transformation was wrought that would take five years of ordinary efforts.

The whole State of Goiaz, and Goiandira too, participated in a mammoth demonstration to receive the pilgrim statue of Our Lady of Fátima in the stat capital. Our representatives were

Sr. Julita and Sr. Assumpta, who overcame many obstacles to be present, including a two-hour trip over mountains and rivers, in the back seat of a stripped-down jeep, driven by a Japanese. After that, a (voyage) in an airliner; but in the end they were able to assist at all the ceremonies in honor of Our Lady of Fatima.

Meanwhile, from the neighboring parish of Catalão, went two dozen school girls, accompanied by two Augustinian Sisters. This delegation arrived in the railroad station in Goiandira, late at night, on the return trip, on the same train as Fr. John Francis. They were left stranded, since they were too numerous to get into the little bus to Catalão. They would have to wait some hours for the bus to return for them. In this dire necessity the Franciscans came to the rescue. We put half of them in our own jick-up truck, and borrowed another to carry the rest, and so they were deposited at their school in Catalão in a jiffy, Brother Gabriel and I were the drivers.

The trip was made very pleasant, since girls sang Fatima hymns all the way. Just as we were arriving in Catalão we met Fr. Ronan, in the new Ford truck, on his way to help out. Inasmuch as the new truck is his pride and joy (after bringing it from Santos, a thousand miles away) he probably felt disappointed that he was not needed. When I dropped in at the Catalão Friary, a few minutes later I found all hands on deck, having a private showing of Fr. Provincial's collection of slides of his trip to Brazil.

Fr. Dominic Foley

August 31, 1953. (p. 97)

Anais da Província, vol. XI, 1954, p. 72

Na página 16 – há o relato da entronização de Nossa Senhora em Pires do Rio.

Duas fotos de Pires do Rio.

Notas: (p. 72)

The Allegany Sisters, ever close to our Province and always eager to work where the friars work, came to our mission within less than two years after it had been founded. What they have helped to accomplish in this primitive land, often in the face of indescribable hardships, is beyond the power of words. But the solid fact is, that they are here – an integral part of this huge undertaking. Their work here with the friars is continuation of what has been going on in the U.S. for, I believe, nearly a century.

Seminary

We are particularly proud and happy that on our Tenth Anniversary we are able to open our seraphic seminary – the fondest dream of them all. And now we are hoping that sometime around our twenty-fifth anniversary we shall see our first Brazilian friars ordained. The education of them will be a long and perhaps discouraging task; but it must be done.

“More Reapers...”

It is estimated that over ninety percent of the people of Brazil (and there are fifty million of them) are Catholic. But a large percentage seldom sees a priest, has almost no opportunity for religious training. They do have, however, the Faith in their own childlike way, even though they know little about it.

Brazil desperately needs more priests, thousands of them. We are able to bring our services to only a tiny fraction of the population: two hundred thousand out of fifty million. The territory allotted by the Order to our Province is the entire State of Goiaz – and Goiaz is six times the size of New York State. Hence any young friars aspiring to come to Brazil need not fear that there will be nothing left for them to do. Almost literally, the field is limitless. It stands “white unto the harvest”, waiting for “more reapers” and yet more.

Vol XI – July 1954 n. 3.**Allegany, N. Y. (p. 239)**

The new addition to St. Bonaventure Parochial School nears completion, and should be ready for actual use in September. The cost of this new wing, which will greatly expand facilities of the school, was estimated at \$ 118,000.

Matching the old school, the construction is of red brick with limestone trim. It is one story in height. A covered passageway connects it with the present school. The addition contains 4 classrooms, a teachers' room, lavatories, and two storage rooms, one at each end of the building. These can be converted into stairways in the event that another story is ever added.

Each classroom is painted a different pastel color, and has an asphalt tile floor. Green glass black-boards are used throughout. Modern lighting and wardrobe facilities complete each room. The entire building is fireproof.

It might be of interest to note that the original school building, opened in the September, 1928, contained 5 classrooms and an auditorium. The approximate cost of it was \$ 63,000 – about one – half the cost of the four-room addition. These statistics indicate the spiraling cost of construction in recent years.

Fr. IRENAEUS HERSCHER –

Vol XI - October - 1954 - n. 4

Inside Brazilian High School (p. 283 a 285)

By Fr. John B. Vogel

Geographically speaking, my progress as a prof has followed a southern trend. In 1949, after three years of teaching high school in Buffalo's First Ward, I packed pencils and headed toward South Buffalo and Timon-on-McKinley. And as if this move didn't satisfy my southern yearnings, two years later, in the fall of '51, I was in Lackawanna, south of South

Buffalo. In the following year, I began the longest (and I hope, the last) leg of my journey southward when I turned toward Goiás and the Commissariat of the Holy Name.

Roll Call

Nearly two years have passed since I arrived here and I find myself doing much the same work as before but under somewhat different, sometimes difficult, circumstances. On a Monday morning three years ago, I would have been checking up on the activities or whereabouts of the McMahons, Rozics, or Lobuglios. Now I'm checking up on Adam, Alaim, or Aparicio. North or south of the Equator the nature of the "*adolescens alunus*" varies little; names, however, are strangely different. Here Peters and Pauls are common; but the Rubens, the Faustos and Miltons are hardly rare. Nor are the Edisons or the Marconis; or if you prefer statesmen, the Bolivars, the Jeffersons and Napoleons. Even from antiquity Sosthenes and Demosthenes find place alongside (the latter being, I'm told the father of Nero).

Familiar Sounds

The roll call in São Franciscan falls strange on North American ears, but other sounds are familiar. Walking along the outside corridor of our school here in Anapolis, you would hear from Latin throats sounds that have Anglo-Saxon echoes in the corridors of Timon. There is the perennial chanting of paradigms; in Latin class, it's AMO, AMAS, AMAT; in English, it might be I WORK; YOU WORK; HE, SHE, IT WORKS. Occasional laughter drifts down the corridors as the teacher lightens a serious class with a little humor. At times, there is the ours quiet that comes only with a written exam. Now and then you might hear the shouting of an Irate prof calling for attention; or loud, uncontrolled noise (called 'anarchy' here), the sign that a teacher has been out of the classroom a considerable length of time.

Discipline

Occasionally, you might have to duck an eraser (home-made) or an orange that comes flying through the air. But most likely some few minutes thereafter, a young boy, wearing brown pants and tan shirt with tie that is distinctive of the Sao Francisco students, would head toward the Library where the disciplinarian hold court. Discipline ins maintained much the same as in

the States; an important difference here is that the majority of profs are laymen (good ones are extremely hard to come by; interested Friars please note). The discipline office has its daily quota of students late for class, or sent out for talking, playing, not having homework. The school boy's faults are eternally the same: conversing or cheating, being lazy and inattentive, at times disrespectful (this type of student is quickly "separated" from the school. They play innocent - "Who me? Why, I would do a thing like that!" and injured - "The Frei doesn't like me!" - and self-righteous - "He swung first. I didn't start it!"

Nor do the excuses of parents vary a great deal, when and if they send them to the *office*. In Buffalo, it was common to hear over the telephone (an item that hasn't reached S. Francisco yet) : "Johnny isn't feeling too well today." The Brazilian parent sends a note to explain lack of uniform, lateness or a week's absence, stating very simply that it was all 'por motivo justo' - "for a just motive." Apparently more is neither necessary nor advisable.

It is just a bit more difficult to maintain good discipline here, because of the natural differences in temperament between friar - professor and student. The outlook of the Brazilian student is by nature different from that of a boy in the States, different from the outlook we had in our adolescent years. The difference in psychological factors is something learned by experience. Important, too, is the language factor. While good Portuguese is vital tool for good teaching and hence for good discipline, forceful slang often helps when correcting. Here the wrong word at the obviously right time can do more harm than good, destroying the atmosphere of discipline by an outburst of laughter on the part of the others, or wounding and insulting more than correcting. Here it's not always advisable to learn your terminology from the students. In spite of these minor difficulties, however, I find that my experience in Timon has stood me in good stead to the end of maintaining the kind of discipline necessary for good teaching.

Life a Warfare

Brazilian students, I find, react in many ways just like our first Timon boys: violently! The temperature is higher here, and the blood boils more fight while I taught in the Ward and on McKinley Pkwy, and in Lackawanna: but I never saw the viciousness that Five seen here. With good reason, school regulations forbid the carrying of knives and other such weapons. One first year student, for example, couldn't march in the last parade of the first semester because his ankle was badly cut from a fight he and with his brother. Another boy found it

best to leave town for a few days to allow tempers to cool, following a fight at the finish of an intramural football game. Some said the other boy has a streak of Indian blood in him; I 'll guarantee he has something. But, I can report that since that time, he has registered as boarding student and has become a frequent, if not daily, Communicant. Strong passions well directed should be capable of great good as well as of great evil.

State Direction

In the educational end, the federal government keeps us busy with records and laws of all sorts. The Regents of New York State could take lessons in program-changing and law-drafting from the “Ministerio da Educação e Saude” in Rio de Janeiro. Just last week we received an encyclopedia of education laws, a book about the size of the old Sabetti – Barrett. If the federal inspector ever insisted on all the conditions of the law being fulfilled, I doubt if any school outside of Rio or Sao Paulo would be able to keep open. The forms and reports are endless, as are the changes in the law. One of the duties of the school secretary is simply to keep abreast of the changes in the laws for registering students, marking papers, selecting texts, and a thousand other items. Unfortunately the laws make no provision for the teaching of religion in high school; officially there is “freedom of religion”. Which as usual means freedom for no religion, since the program is so tightly filled that it's almost impossible to schedule the religion period. By having physical education in the afternoon, we give the first two years three forty-five minute periods per week and the two upper classes, two periods per week.

Studies

As far as the actual studies are concerned, we have the same daily battle here as in the States. Our youngsters are in general just as ambitious and / or as lazy as State side students. The marking system is much lower (40% with the general average of 50% passes for the year), but teachers mark accordingly. It isn't the television that distracts the student from study, but it very often can be the movies or the radio or the street – corner, or poor light at home, or just plain laziness. The course is somewhat different, for the Brazilian system includes only 4 years of grammar school, 1 year of pre-high school and 4 of high school. The boys who come to us from the country schools are usually very weak and often spend two years passing the entrance exam for the high school.

The biggest difference, the one I have most noticed, lies at the heart of the matter: the reaction to religious training. I feel fairly certain that the majority of Timon graduates will be faithful Catholics. They have some understanding and appreciation of their faith. Many will be good Catholics, practicing Catholics in adult life because they spent four critical years under friar's influence and example. Failures reasonable hope for the majority: their feet are set in the right direction.

The Odds

I do not yet have the same confidence for the majority of our Brazilian students. Here there are many positive factors working against religious formation. The first is, of course, the family, the home, careless and lax parents. It is difficult to educate toward God and religion where the home lacks the practical example, or even works against the school's training. Our parish life is coming slowly, but we have work ahead of us for years yet.

The second factor is a strong tradition of indifference. The number of students who miss Mass on a Sunday is fairly alarming, particularly during the vacation periods; but more alarming is the coldness with which they mention the fact. The sense of sin and its evil is apparently lacking. It's one thing to fall into sin, but it's an entirely different thing to say or to that attitude is seemingly prevalent among the older boys. Religion, assistance at Mass, frequenting the Sacraments isn't the popular course of young men; the popular course is one that leads to a breakdown of morals and a general weakening of the structure of faith.

It is difficult to convince the Brazilian student of the necessity, the vitality, of religion. It is more difficult to train him along such lines. But it is most difficult to strengthen him to perseverance. That is our task; and the more difficult we find it, the harder we must work. We can't abandon the task simply because it's difficult: rather should we bend every effort to make our boys "fortes in fide." The faith they have after a fashion: it's the fortitude we must succeed in giving them _____ Anybody interested in this apostolate?"

We have a brand new Sao Francisco (just as in 49 there was a brand new Timon). The boarding school in the Jundiai section of Anapolis is open and here the boarders and frat-teachers live. Classes are still held in the old building; when the next school year opens in March of 55, the entire school will I'll save that new location. But I'll save that story for another issue of THE ANNALS, in the meantime, a word of thanks from those who have gone forth *to teach* all nations, to those at home for the material alms that make our physical

progress possible and the spiritual alms of prayer and sacrifice that make that progress fruitful for souls. (p. 285)

NOTICE

Beginning with the next issue, THE PROVINCIAL ANNALS will follow a new schedule of publication. The four annual issues will appear in the first weeks of

February – May – August – November

The warning deadline for material for each issue will be the 1st of each preceding month. The final deadline will be the 10th of each preceding month. THE EDITOR.

Victory in Goiandira - (p. 252 a 254)

By Antonio Salles.

Antonio Salles is teacher in Catalão. His article, which appeared in a publication there, was translated by Fr. John B. Vogel.

Goiandira, a little town in central Brazil, was without the permanent assistance of priests for many, many years. Naturally then, this pleasant little spot with its good and simple people remained at the mercy of the forces that war against the kingdom of Christ. Communism flourished alarmingly. Spiritism and Protestantism, along with other sects and heresies, left profound marks on this little corner of land in the interior of Brazil. But God is a good Father and He sent here some years ago the gentle and apostolic Franciscan Fathers. The sons of St. Francis built a grammar school, a high school, brought his Sisters, repaired the Church and, hands to the plough with no backward glances, they worked in earnest.

In the beginning but a few people gave ear to the appeal of the Eucharistic Christ now dwelling in their midst. The number of those at Mass was small; and still smaller, the number at the altar rail.

A Change

The years went by... years of work and countless difficulties. Even today, there is still much to be done (but where in the world isn't there "much to be done"?) There are still obstinate

souls who remain deaf to grace; there are still many whose blindness hasn't been cured and who systematically oppose all efforts toward religion. But lo! Providence founds in Goiandira a modest Praesidium of the Legion of Mary, the Praesidium "Queen of Apostles". We were twelve in the beginning: bashful, quiet, a little fearful, and continued this way through many meetings. But one fine day the state of things changed. The bashful became ardent; the quiet ones, heralds of divine truths and of the glories of Mary; the fearful ones became "Legionaries" – a title synonymous with fearlessness. What happened? Only that Mary watched over us now as even in the first days and made up and continues to make up for our failings.

Conflict

A single fact – which we'll go on to tell – serves to illustrate the wonders of grace that come to place where there are good Legionaries. In Nova Aurora, a town close to Goiandira, served by the friars from that parish, a woman was chosen to head the festivities in preparation for the feast of St. Sebastian: the woman was Spiritist. The pastor, Fr. Celsus Hayes, refused his approval. He could not have done otherwise; the law of the Church is more than clear on the matter.

But instead of conforming to the decision of the parish priest, like good and humble Catholic, the insubordinates gave opposition – and more! With advice from one of the local authorities, they sent to a neighboring state for an apostate priest of the "Free Brazilian Church." This "priest" succeeded in banding together nearly the entire population of the city, and breathing revolt and hatred, broke into the chapel and there celebrated "Mass". Still more, he sent for his bishop – who through irony or incoherence or lack of perception on the part of the followers of the "Free Brazilian Church" – is not a Brazilian, but a Venezuelan apostate.

The Bishop sent a written appeal to the judge who had closed the violated chapel, asking that it be reopened – to serve as stage for his sacrilegious performances. Sophistically he alleged that the chapel did not belong to the Catholic Church since it had been given to "the Martyr, St. Sebastian," as is stated in the deed. But justice clearly saw through the sophistry and confirmed the Church's right to property and chapel. The poor pseudo-bishop could not hold himself, and remembering victories of bygone years in Goiandira, drew himself up in rather Quixotic majesty and declared he would celebrate a Field Mass in the very heart of Goiandira!

Counter – Action

It was at this point that the Legionaries went into action. From house to house they went, visiting in pairs, explaining the facts of the case and instructing the people in their duty to avoid heresy. Some worked as much as nine hours. Then with their hearts at Mary's feet, they awaited for the events to unfold themselves. The day announced for the Mass arrived; the hour marked was 10: 00 o'clock. The unfortunate bishop with his priest installed himself on property belonging to a good Catholic and there waited for unwary to be "taken in" by the appearances, as had been customary in the past. What was his surprise when the owner of the land appeared on the scene – furious – and gave the two just 15 minutes to remove themselves and their appurtenances. And no one was there to defend them, other than a half-dozen diehards. Not a living soul came to assist at this profanation of the Mass. Even the children on the street made fun of the two, who took themselves far from the spot. Finally in a narrow lane they stopped; and after buying white wine in a shop nearby, they went through their imitation of Holy Mass.

Our Lady had won a victory – a great victory – through her good Legionaries in Goiandira. (p. 254).

Anais da Província, vol. XVII - s/d, p. 307

Vol XII - 1956

The Third Order in Goiaz(p. 36 a 39)

By Fr. Conall O'Leary

The Feast of St. Francis, 1955, was an important date in the history of the Third Order of St. Francis in Goiaz. On that date fifteen tertiaries made their profession in Goiania, the capital of the state, while on the vespers of the feast twelve postulants received the cord and scapular. In Anapolis, the seat of the Commissariat and the stronghold of the friars, the Third Order finally got off to a promising start. In the mother parish of Sant'Ana, seventeen were received into the Third Order on the vespers of the feast, while in the active daughter chapel of Santo Antonio this number was surpassed. There twenty-seven fervent Catholics were received by Fr. Dominic Coscia. Present for the ceremony was Fr. Dominic's mother, a veteran tertiary

from Thirty-First Street, who has been visiting in Goiaz since the end of the International Eucharistic Congress in Rio de Janeiro.

Growing Interest

This brings the number of Franciscan Third Order fraternities in Goiaz to six. For some years there have been fraternities in Pires do Rio and Catalão and of course there is one in the seraphic seminary, a few miles outside the town of Anapolis.

This year saw a growing interest in the Third Order. First. Fr. John Francis Granaham was appointed in July to be the first Third Order Commissary for Goiaz. It was he who received and professed the new tertiaries in Goiania, having preached a triduum for them before the feast-day. He has received also an invitation to found a fraternity in the town of Ipameri, a secular parish, whose pastor is a very good friend of the friars. In fact, the parish of Ipameri is surrounded on three sides by the Franciscan parishes of Pires do Rio, Goiandira and Catalao. Then, Fr. Marcellus McCartney, professor of Canon Law at the archdiocesan seminary, found a budding interest in the Third Order among the students of the seminary. He gave them a talk on the Third Order of St. Francis. On November 1, he received into the Order eleven candidates. The present rector of the seminary, a priest from Jugoslavia, is a Franciscan tertiary; so he too is interested in fostering a fraternity at the seminary.

Vol 9 1952

(p. 31 e 32) – planta do colégio São Francisco de Anápolis.

Catalão, **Brazil**(p. 42)

Dear Confreres, o four Province.

The fulfillment o four efforts to open our own primary and high school, and to teach catechism in the public primary schools, has been an uphill fight. At the beginning in 1947, Fr. John Francis Granaham and sr. Bernard Trainor began began to with the public catechetical program. That year, one of the principals of the public grammar schools was not cooperative, but the next year the friars were better received, all around and the program began to be followed.

In 1948, Fr. John Francis opened the St. Vincent de Paul Free School in a garage, next door to the “Casa Paroquial,” where the children received free books, free uniforms and even a little lunch. The St. Vincent School was an attempt to reach the poor children who were not going to school. To bring our catechetical program to all the children in town, Fr. John Francis decided that it would be better to have our own school, in which we could work out a fuller program of catechism, and then take the program to the public primary schools, and the various private schools. Fr. Dominic Foley, Fr. Ronan Giehl, and Fr. Gerald McCann helped out in the working of the program. Several of the lay people, in Catalão, gave us valuable suggestions in the practical amplification of the program, among them Mr. and Mrs. Borges and Mrs. Vaz, the present principal of the parochial school.

We obtained a larger school from a Mr. Wilson Barbosa, in 1949, and taking the left-over pencils and paper, started the school year in March, of that year, with 150 childrens. The St. Vincent School had children the afternoon; the “Externato Imaculada Conceição” had class in the morning, in which the children paid tuition.

The struggic (struggie) , with growing pains, in the school was “too much” again, and we looked for a bigger building. At the same time, we had been trying to arrange for a high

school for the boys. The Augustinian Sisters have a high school for the girls. The owner of the existing high school for boys made matters easier by offering to sell the building. After many details, we obtained the “Ginasio Presidente Roosevelt”- in May, 1951, promptly filing a petition to change it to Ginasio São Bernardino de Siena. In two days the desks, tables and chairs were moved to the new building. It is a two story building, and had seven classrooms with a large dormitory. The owner had a boarding school there, for several years, but he gave up the idea as impractical.

(see page 50 for later information, and conclusion – from Catalão).

(p. 50) – pls. see pg. 42, for Father Kenneth’s first part.)

FATHER KENNETH, FROM BRAZIL, CONCLUDES:

That year, 1951, there were more than 300 children in the parochial school. In all of the schools of the city, combined, we were maintaining a catechetical program for about 1400 children. It was hard to get good catechisms, easily within the reach of the majority of the parents.

That year, 1951, there were more than 300 children in the parochial school. In all of the schools of the city, combined, we were maintaining a catechetical program for about 1400 children. We have had to give at least a third of the books free, even in the public schools.

We have had to give at least a third of the books free, even in the public schools.

One of the best catechism in the United States is that of Fr. Felix Kirsh, OFM. Cap. And Sister M. Brendan, IHM. Work on the translation has been slow, but we have finished the first, volume for the teacher. We hope to have the Portuguese edition ready for March, 1953. Fr. Marcellus McCartney was with us in 1950, and explained the canon law, about the publication of religious books.

In March, 1951, the Ginasio São Bernardino de Siena, opened with a week of rain and about 30 students. The Primary School students also came late, and it was not until the 10th of March that we had the majority of the students in either school present for classes. At the end

of March, all the “Ginasio” boys arrived, 64 of them. In the Primary School the number was over 400; and at present the number is past 450.

We had already divided the old dormitory into four classrooms giving us eleven rooms. We are using six rooms for the high school in the morning, and all eleven for the afternoon for the primary. The numerous private schools are closing, and most of the children are coming to our school. Next year we will probably use every, last, room in the “Ginasio”. Let us hope we will be able to take all the children who ask to come.

Fr. Michael Brennan, and Fr. Edmund Fox had the work of visiting the various schools, the living our programs to the schools the building books, and giving the _____ exams, and making other visiting the schools as necessary. Fr. Edmund Fox took over the practical direction of the program, when I moved into the “Ginasio”.

We have the Primary School Children’s Mass at 7:30 on Sundays, in the parish church. This year we had to send the girls from their primary and high school to the Sisters’ chapel, for Sunday Mass. The chapel is large; it holds the children of their primary girls’ school, the girls’ high school and also the boys from our high school.

Let us see what God has for us in the future. Regards to all our confreres in the USA. Fraternally yours in St. Francis. Fr. Kenneth A. Knopke.

P.S. It is gathered vaguely, but it is sufficiently definite that Fr. Kennedth Knopke I the translator of the catechism, (mentioned above), from English to Portuguese. Congratulations and thanks to Fr. Kenneth, _____ the brothers of the Province. The _____ also indicates, thanks God, that _____ progress is being made in Catechism _____ the Brazilian missions. (The _____).

Anais da Província, vol. XIX, 1952.

VOL XVII

Seven Thousand Franciscan Students (p. 89 a 92)

By Fr. Conall O’Leary

When President Eisenhower visited Brasilia on Feb. 23 of this year, one of the banners, carried by our welcoming students, must have caught his observant eyes. It read: “The Seven Thousand Students of the New York Franciscans in Gloias Salute Ike and JK” (Pres. Juscelino Kubitscheck). This banner showed graphically and succinctly the extent of the Franciscan educational effort in Goias. The Goias chain of Franciscan parochial schools is the direct result of a far-reaching decision taken by Fr. Paul Seilbert and his first counselors, Fr. John Francis Granaham and Fr. Philip A. Kennedy, in the very first year (1944) of the existence of the Commissariat of the Most Holy Name in Goias.

The Decision

First impressions are usually the strangest. When the first Franciscans of the New York Province took over four parishes in the archdiocese of Goias, they were appalled at the weak religious life in those parishes – the sparse reception of the sacraments of Confession and Communion, the small attendance at Sunday Mass, the religious ignorance of the people which was absolutely zero with most of the children. The far-reaching decision taken by Fr. Paul and his counselors was to concentrate our efforts on the children, to open primary parochial schools in all our parishes, as the friars considered the U.S. type parochial school one of the strongest reasons for the vitality of the Church in the United States.

Fotografias de Catalão, Goiandira e Pires do Rio....

So the first parochial school was built in Pires do Rio. In Anapolis, in the newly-acquired high school building, four classrooms were allocated for the Sant’Ana parochial school. In Catalão, space was rented and a parochial school started. In Pirenopolis, since we had not accepted the parish definitively, the friars concentrated on a catechetical program in the public school.

Sisters, Lay Teachers

One cannot have a satisfactory parochial school without teachers who are competent and truly Catholic. From the very beginning, the friars wished to entrust the direction of these schools to the Franciscan Sisters of Allegany. Two Sisters, Mother Marianna and Sister Rosalima, arrived in time to open up the parochial school of Pires do Rio in March of 1946. Due to the large enrollment in our parochial schools, there has always been a shortage of Sisters. Even now, there are only two or three Sister assigned to each of our large parochial schools. The vast majority of the teachers are young women graduates of the local normal schools. Many of these lay teachers are excellent, but for a large school it is hard to obtain a sufficient number who are experienced, competent and capable of inspiring in their students a deep love for God, for the Church, and their neighbors.

A teacher is a human being who has to support herself and oftentimes help her family. So, naturally, she is drawn to seek a teaching post in the state schools where the pay is higher and a pension ins guaranteed at the end of 25 years' service. There is also the question of sickness insurance. The government compels schools and teachers to pay a certain amount each month into this insurance fund. When a parochial school has a large number of lay teachers, this monthly insurance fee can be a great burden to a school that is running at a financial loss.

Those Pay Who Can

From the very beginning, an important question was debated by the friars: Should students be asked to pay, or should the schools be run as a parochial expense, with the parish trying to raise the money through (barsars) bazaars and collections? In general, a compromise system has been adopted. The parochial schools are open to all the children of the parish. The parents are urged to place their children in the parochial school. Those who can pay are asked to contribute according to their means. The poor are accepted free. Even the enemies of the Church have to admit that our parochial schools try to educate as many children as possible regardless of whether they can pay or not. The supposed commercialization of education by private schools is one of the questions agitating Brazil these days. The Communists and other enemies of the Church are promoting a two-edged campaigns against private schools. They seek to deny them the fight for raise their fees, which has been made necessary by the rising cost (east) of living; and at the same time they put pressure on the government not to grant them any subsidies, or aid for students in private schools.

Social Division

A second question, bound up with the first, arose: Should the students be divided according to social class, or according to those who pay and those who cannot pay? The friars in Catalão were advised by parishioners to divide their school accordingly, to have one session for those who could pay and another for poor students. The friars of the other parishes did not like this system and thought it unnecessary. However, there are certain reasons for it down here. There is such a great difference between the poor and the middle or wealthy classes; and the poor need, not only an education, but also clothes or uniforms, lunches and books. Oftentimes, poor parents will be afraid or ashamed to enroll their children in the parochial school because (they cannot afford to buy textbooks for them or they cannot dress them properly. From the beginning the parochial school in Catalão supplied lunches to the poor students. In all our parochial schools, uniforms are given to those who cannot afford them.

Three sessions

In the United States for the past few years, a great deal has been written about the shortage of parochial school facilities. That problem has been partially solved in our schools by having two sessions daily, and even three sessions in our parochial school buildings. The morning session begins at 7:30 and goes to 11:15. The afternoon session begins at noon and goes to 4:00. In the Sant'Ana parochial school building, there is also a night session for those older boys and girls who work during the day. This is a very important session; for many of these night students study the catechism for the first time in this school and are prepared for their first Confession and Communion. The night session starts at 7:15 and goes 9:15. Since these night students work, they are asked to pay a modest fee.

Efforts Rewarded

When we look back after fourteen years of experience with primary parochial schools, a natural question is: Have these parochial schools been worth all the work, all the efforts, all the money put into them? I am sure all our friars in Goiás would answer, "Yea, they have been worth every ounce of energy put into every ounce of energy put into them". Thousands of students have been taught in these schools and have received a solid training in the doctrine and commandments of God and the Church, in the necessity of frequent reception of the Sacraments and attendance at Mass on Sundays and holy days of obligation. In our parishes visiting priests always remark on how well trained the children and adults are in the manner of going to Confession. The number of Confessions and Communion in our parishes is very

high. Attendance at Sunday Mass is good especially during the school year, before the families from the country return in the ranches.

In regard to vocations, so necessary for the Church in Brazil, our parochial schools are the supernatural seedbeds for priestly and religious vocations. Most of the students in our seraphic seminary are graduates of our parochial schools. Whereas the archdiocese of Goias was forced to found a pre-seminary to prepare likely prospects for its minor seminary all our parochial schools can be considered pre-seminaries.

Finally, very few, if any of the graduates of our parochial schools leave the Church. They know the difference between the Catholic Church and the Protestant sects, or Spiritualism, the terrible curse of Latin America. In the United States, the parents are the ones who usually guide and inspire the children. Here, on the contrary, oftentimes the parochially educated children are the ones who instruct their parents in their religious duties and lead them to the sacraments. Sometimes, it is deeply moving to learn of the efforts of one or the other student to preserve his or her Catholic faith against the insistence of a father who is a Freemason, or of a mother who has joined a Protestant sect.

Therefore, as the Franciscans continue to expand in Goias, as they accept new parishes and try to bring religious instruction to the people of the vast Prelacy of Cristalândia, the parochial School is an integral part of their parochial apostolate. In the past few years, new parochial schools have been opened in Porangatu and Cristalândia. This year, Bishop James Schuck has opened one in Araguacema, our most northerly parish, where American Quakers have had a settlement for some years. The Franciscans in Goias, both priests and Sisters, are willing to make any sacrifice in order to build and staff these schools, truly called parochial, where the children of the parish are taught the meaning of that first sacrament they received in their parish church, and where they are prepared to receive worthily those other sacraments of the Church, which enable them to sanctify their lives and gain eternal life and happiness. (p. 92).

Franciscan Sisters Of The Poor Visit Pires do Rio. (p. 306 e 308) -

By Kenneth A. Knopke

For many years the “maternidade Carmela Dutra”, a building constructed with government funds, lay unused at the edge of the town of Pires do Rio. It is a spacious building with twenty rooms, wide corridors, and a large yard, but the people of the town could find no one to staff it.

Sister Modesta, of the Allegany Sisters, successfully used part of the buildings as clinic for sometime, but the first permanent partial use was the establishment of the Lady of the Angels Home for Little Girls. The orphanage, (nour) in its third year, has provided a home for at least fifty children although thirty of them families or returned to their can homes.

Fr. Dominic also uses the buildings as point of distribution for soup and milk to the poor. Bro. Gabriel Hughes plants vegetables and directs the “soup kitchen”. The lay people, generous with their time, could never make full use of the buildings. To take care of the orphanage and other works with the future Maternidade is a full-time job for experienced people.

The Fr. Provincial wrote us the good news that the Franciscan Sisters of the Poor would be coming to Pires do Rio to look over the prospects of establishing their first Latin-American foundation in September.

After days of washing, dusting, repairing and painting, and preparing a chapel, we were ready for the visitors.

Leaving New York on the 20th of September were: Rev. Mother Tarcisia, Mother General of the Congregation, Rev. Mother Bathildes, Mother Provincial of the Warwick Province, Rev. Mother Mary Helen, Mother Provincial of the Cincinnati Province, and Sister M. Victoria, General Secretary.

After a nine and one-half four flight, they landed in Brasilia, where the friars me them and took them to Anapolis to meet the Franciscan Sisters in their “Convento Mae Admiravel”.

The next day the Rev. Mothers met Archbishop Fernando Gomes in the nearby state capital of Goiania, and he was very happy to see them and hoped that they had come to stay.

Fr. Celsus Hayes and Fr. Dominic Coscia now brought the Rev. Mothers to Pires do Rio, a dusty four and one-half hours by car. After spending the night with the Franciscan Sisters here in Pires do Rio, the Rev. Mothers visited our Normal School, High School, and Parochial School, and listened to a few numbers by our students and one speech in English. In the afternoon, the women of the parish prepared a tea for the Rev. Mothers in the orphanage. The Rev. Mothers expressed their satisfaction with the buildings and said that they were thinking seriously of taking over the institutions.

In the evening, Fr. Dominic sang a High Mass, for the intention of the visitors, and afterwards the men of the parish attended a reception for the Rev. Mothers. Dr. Floriano, who practiced medicine in St. Clare's Hospital in New York, addressed the Rev. Mothers in English, pointing out that at least a third of the town is in great need of medical and material care. Dr. Ivan Ferreira, a member of the First Order by letters of affiliation, also addressed the visitors in English, spoke of the work of the friars in Goias, and warmly greeted the Rev. Mothers. At this meeting the Rev. Mother General said that she had not expected such an enthusiastic reception and repeated that she was pleased with the institution and would now return to New York to make a decision.

The Rev. Mothers spent Friday, Saturday, and Sunday in Pires do Rio, visiting the poor of the section, looking over the buildings and selecting a part of the buildings for their convent and chapel.

Monday morning the Rev. Mothers left Pires do Rio to return to New York, leaving all of us with a very fine impression, and a not unfounded hope that they would return this same year to direct the orphanage and Maternidade.

The best news of all was that the Rev. Mothers want to start social work here on the style of the "Parish Visitors", besides taking care of the institution. To have sisters come to a parish in Brazil is a dream of any pastor, but to hear that they will start social work in our town is more than we could have reasonably expected.

Pires do Rio, Brazil... (p. 336 e 337)

Our most important recent event was the visit of the Little Sisters of the Poor of St. Francis. The venerable mien of Reverend Mother Tarcisia Marie so attracted the people of Pires do Rio that all insisted on obtaining her “picture”. Actually, this “picture” was a holy card of Mother Frances Schervier, with a prayer in Portuguese for her speedy beatification and with the proud if not audacious footnote: “Anyone desiring information about Mother Schervier, or the Franciscan Sisters of the Poor, should write either to Frascati, Rome, or to Pires do Rio, Goiás”!

Reverend Mother has a way with men. At the reception tendered to the visitors by the authorities of the town she distributed “santinhos” and medals to all, including the mayor, a State Assemblyman, the judge, police chief and to both candidates for Mayor. One of the biggest politicians in town complained to the pastor when he was overlooked in the distribution of holy cards by Mother Tarcisia! In her little talk to the men she said: “I am sure that you men know more about God now than you did some 16 years ago when the friars first arrived”. Dr. Ivan Ferreira de Azevedo affiliate member of The Order and

Anais da Província, vol. XIX, 1962.

VOL 20 e 21

CALL FOR FORTY FRIARS (p 250 a 251)

By Fr. Kenneth Knopke

When Fr. Paul Seilbert and the “founding fathers” arrived in Goiás in 1943 to found the Commissariado do Santíssimo Nome de Jesus, the three status symbols of a town were a church, a high school and a social club building. The people of Pires do Rio were frantic because their third attempt at building a church was a third failure. When the friars present church, the people were overjoyed and responded generously with alms and materials.

The social club building, called in Brazil the “Jockey Club” for some reason, was already built, as building went in the forties.

The high school was an entirely different problem. Some years before the friars came to Pires do Rio, the people had asked Archbishop Emmanuel to start a Catholic high School, but there were dozens of like petitions on his desk, and he had to refuse. The people then asked the Granberry Association of a neighboring state to build one and a modest building was started with a few students.

The friars ha always wanted to start a high school, but with the difficulties and expense of the parish and parochial school. It remained a pious thought. Finally, in 1948, the friars with Dr. Yvan announced a Curso de Admissão, the equivalent of the eight grade and the next year added the first year high school for girls was started soon after. The number of students increased every year, wile the Granberry School lost students to us.

It was not altogether a surprise when the Granberry Association sold their school and property to the State of Goiás in February of this year. With the knowledge that the old place was now a public high school, students of all ages flocked to the offices demanding admission. Fifty of our high school students went to the now school this year. The number of students who are Catholics in the public high school is already greater than in ours. We asked the new Principal of the school if we could teach religion and he was glad to reserve one class a week for us.

The question is where do we find this priest who will be free to teach ten classes a week? The archbishop Fernando Gomes dos Santos is looking for forty more priests to take care of parishes and high schools and Bishop Coscia and Bishop Schuck are no less interested in hearing about more priests.

Sometimes it seems almost fair to say that we are busy enough in our own parish, grammar school and high school to worry about the students in the public high school. The problem of priests, sisters or catechists in our other parishes runs the scale from very serious to impossible. Archbishop Fernando says that he has hundreds of petitions for priests to teach religion in public and private high schools and colleges, and has to refuse them all.

It is amazing how much one priest can accomplish. The archbishop gave us an example for a parish not in our own Commissariat. In a town called Caldas Novas there had not been a priest for years and the place was a hotbed of Masonry. A Capuchin went there two years ago and when the Archbishop was there last week, he said that the change was incredible. Large numbers of the faithful came back to the Sacraments and the whole attitude of the town had changed.

If you like figures, here are a few. Archbishop Fernando says that Fr. Considine could change the name of his book "Call for forty thousand" to "Call for forty thousand priests for Brazil" since Brazil now has seventy million people almost all Catholic. And finally, quoting the good Archbishop Fernando once more, when Fr. Joseph Wider asked him how long it takes for a secular priest going to Goias to become a pastor, he answered: "One day".

Catalão, Brazil (p. 288 - 290)

The Society of Catechists founded in Catalão, Brazil, by friars of Holy Name Province, is now moving toward the completion of its second year of existence. Two members, Dona Yolanda de Mendonça Vaz e Dona Elza Netto Gonçalves, have already completed their first year in the society and have taken their first promises of poverty, chastity and obedience. Two more were received on July 2, 1962, feast of the heavenly patroness of the society, Our Lady of the Visitation. They are Dona Orlanda Pereira da Silva e Dona Francisca Aparecida de Jesus. One of the original two members left during her first year to join the Augustinian Sisters.

This society is something new in Catalão and in the state of Goiás and so has had to endure the usual misunderstandings and criticism of every pioneer work. Both religious and people did not understand why women dedicated completely to God and the Church and living in community did not use a traditional religious habitat. There was and still are the customary pessimistic judgements, “It won’t work. They will never persevere. Their life is too exposed to the dangers of the world”. However, thanks be to God and to the special perfection (protection) of the Blessed Mother, the society still exists, despite all the initial difficulties and the loss of one of the original members. It has even achieved already a certain acceptance among the people and specially among the children of the public schools and the country districts.

Why found such a society? The only reason for its foundation was the tremendous need for such a society. We needed a society of catechists who would dedicate themselves to the religious instruction of the public schools children and of the children and people in country districts.

For many years Dona Yolanda directed the program of religious instruction in all the public primary schools in town. Last Mary (1963) she was appointed principal of the largest public primary school in town. All the catechists accompany the priests on their visits to the country chapels. They give catechism classes to the children and prepare adults for Confession. An important part of their work is to establish friendly relations with the rural teachers and stimulate them to teach catechism to their pupils.

The two guiding lines in planning this society were: first, to give the catechists all the liberty they needed to do their work; and secondly, to provide a stable religious life for them. To achieve the first, all religious exercises were cut to the minimum, e.g., a half hour of meditation, daily Mass and Communion when possible, community recitation of only Lauds, None and Compline of the Little Office of the Blessed Virgin.

To obtain a stable religious life, the catechists live in community and take promises or private vows of poverty, chastity and obedience. The work of the catechists entails traveling around the outlying districts of the parish and sometimes staying in the villages or ranches for a

number of days. We try to teach them to make these trips also a means of personal sanctification through devotion to the Rosary and meditation on its mysteries.

While the present four catechists are members of the Franciscan Third Order and Dona Yolanda has been a tertiary for many years, yet this society of catechists really grew out of the Legion of Mary.

The Legion of Mary was founded in Catalão about nine years ago and the legionaries, both young and old, have done a tremendous amount of apostolic work in the town and country. In April of 1961, we founded a special Praesidium of the Legion of Mary to do catechetical work in preparation for the founding of the Catechists. This special praesidium still continues under the direction of the catechists. The catechists find the Legion of Mary an ideal organization for them to use in their work. It provides them with willing auxiliaries for the camp of religious instruction. The manual of the Legion of Mary, which is a classic of Marian spirituality, serves to give them a solid spiritual formation for their apostolic work.

Canonically speaking, this society of catechists would be considered a Pious Union of Women living in Community. In its present stage of development, it has many similarities with a secular institute in that the members do not wear a religious habit and do not take public vows. Instead of a habit, they use a simple uniform of blue jumper and skirt with white blouse. They wear a medal of Our Lady of Fatima.

Instead of public vows, they make promises at the end of their first year to live in poverty, chastity and obedience. At the end of their second year, they will take private vows.

How this society will develop in the future ins naturally in the hands of God. Whether it will develop into an approved secular institute, or into a regular religious congregation, depends a lot on the new directives that everyone expects from the present Ecumenical Council regarding the organization the present, it is on the simplest canonical basis. We hope that it may continue to grow and to fulfill ever more perfectly the purpose for which it was founded; so that our public school children may receive a solid religious education and be taught to take an active part in the religious life an active part in the religious life of their parish.

Fr. Conall O'Leary. (p. 290)

VOL XXI winter, 1964 n. 01.

THE FRANCISCANS IN GOIAS (p. 47 e 49)

Pe. Edmundo A. Fox.

All available sources state that the Franciscans were the first religious to set foot in Goias. The Cristovao Severino de Lisboa and his companions, reached Goias in 1625. The year 1625 was thirty-three years after the first group of Portuguese expeditioners, under the leadership of Captain Sebastiao Marinho, came to Goias and forty years after the Franciscan Order was officially established in the city of Olinda, in the state of Pernambuco.

Frei Cristovao was a native of Portugal and a member of the Portuguese Province of St. Anthony. He led a group of eleven friars to Brazil in 1624. With them he established the Commissariat of St. Anthony in the states of Para-Maranhao. The friary in Belem, in the state of Para, constructed in 1625, also named after St. Anthony, became the center of missionary activity, and rivers became the highways of missionary endeavors. The Tocantins River took Frei Cristovao (the first priest appearing on the pages of Goias history) and his confreres to various places in north Goias beginning in August, 1625. Names of these trips are: Frei Domingos, Frei Cristovao de Sao Jose, Frei Sebastiao de Coimbra, Frei Francisco do Rosary (a lay brother) and a layman by the name of Joao da Silva (who was his secretary). Together they combated Indian slavery and took part in extensive catechetical work. One of their trips, to and from the interior of Goias, took more than seven months. Frei Cristovao returned to Portugal in 1636. soon after, he became the official preacher at the royal court. In 1638 he wrote a source history of his twelve memorable years in Brazil. In early 1652, he became Bishop-elect of Angola, Africa. However, he never was consecrated. He died, soon after his appointment, on April 13, 1652. Great praise is given him by historians, including that of the Jesuits (through Padre Antonio Vieira, famous preacher, author and missionary in Bazil) who succeeded for a time the Franciscans in north Goias.

Almost a century passed before the next Franciscan is met in Goias. His name is Frei Cosme de Santo Andre, from the Portuguese Province of St. John the Evangelist in the Sao Paulo Province of the Immaculate Conception in Brazil. He accompanied, as chaplain, two expeditions (in 1725 and 1727) led by Bartolomeu Bueno da Silva, from Sao Paulo to the present city of Goias. His job, like that of all chaplains, was to take care of the spiritual needs

of the expeditioners as well as that of the Indians met enroute. He returned to Sao Paulo before the end of 1727 where his name disappears from history.

A third representation of Franciscans was made up of Portuguese friars whose home base was in Ouro Preto, in the state of Minas Gerais. Their particular work was that of collecting alms for the Holy Land. In 1731, they established residences in two Goias cities – that of Pirenopolis Country and that of Trairas in Niquelandi Country – which became centers of their activity. Frei Joao de Jesus e Maria, who was vice-commissary, and Frei Domingos Santiago were both topographers and geographers. Other friars are mentioned as participants in the work for the Holy Land. These are Frei Jose de Nossa Senhora dos Anjos (in Goias from 1752 until his death in 1791) and Frei Joao do Sacramento who died in Trairas in 1783. Concluding the work for the Holy Land in Goias and, for that matter, concluding the work of the Franciscan Order in Goias for the next century and more – until 1941 – was Frei Joao Francisco de Nossa Senhora do Monte do Carmo (in Goias from 1805 until his death in 1831). He was the last of the “Escoleres da Terra Santa”. With his death the state of Goias took over all extant Third Order lands. Promises were carried out by civil authorities to use the land to establish a Hospital of Charity (location not indicated) and a primary school in Pirenopolis.

While the friars from Ouro Preto were occupied in obtaining funds for the Holy Land, another friar, “Missionarius inter Fideles”, from St. Anthony’s Friars in Rio de Janeiro, was preaching missions (1748 – 1749) in various unnamed settlements in southern Goias. His name is Frei Antonio do Extremo and he represents the fourth Franciscan effort in the state. He had been a secular priest in the state of Minas Gerais before entering the Order in 1730. His journeyings between mission preaching assignments are amazing in their distances besides calling attention to his tremendous physical resistance as well as to his outstanding apostolic zeal. According to the accounts, he traveled on foot to all his assignments. One writer says he walked from some place in Goias to the city of Sao Paulo in thirty days, averaging over twenty-five miles a day! His reputation for sanctity is equal to his fame as an outstanding preacher and missionary. He died in 1753 in Sao Paulo and is one of the glories of the Order in Brazil.

All friars in the first three appearances of Franciscans in Goias seem to have been Portuguese. Frei Antonio do Extremo seems to have been a native born Brazilian. The fifth and sixth contingents represent two other nationalities – German and American respectively.

Over a century passed between the death of Frei Francisco de Nossa Senhora do Monte do Carmo in 1831 and the fifth Franciscan effort in Goias in 1941. In September of 1941, friars from the Commissariat of Nossa Senhora dos Prazeres in the state of Mato Grosso, and the Thuringian German province of St. Elizabeth, took up residence in Pirenopolis. Their acceptance of Pirenopolis was intended to be the first step toward taking over other houses in Goias. However, their tenure turned out to be for a period of two years. In May, 1943, Frei Mateus Hoepers, Provincial of the Immaculate Conception Province in Sao Paulo was making a canonical visitation to the Commissariat of Nossa Senhora dos Prazeres. During his visit to Pirenopolis he had opportunity to hear and observe the great need for priests in Goias. He considered, however, that Pirenopolis was too far away from the central house in Campo Grande, in the state of Mato Grosso (six days travel). With this in mind, along with the consideration of a shortage in man power, he appealed for help to Fr. Mathias Faust, Delegate General of the Order in North America. Frei Mateus met with success. Fr. Marthias appealed to Holy Name Province and the Provincial, Fr. Jerome Dawson, accepted for Holy Name Province the task of establishing the Commissariat of the Holy Name in Goias. It remained for Fr. Jerome's successor as Provincial, Fr. Bertrand Campbell, to form the sixth Franciscan contingent to Goias.

In September 1943, the first group of Holy Name's Goiano friars – nine priests and five Brothers – left New York under the leadership of the first American Goiano Delegate Provincial, Fr. Paul Seilbert, to take up their new assignment. Besides Fr. Paul Seilbert, the following priests and Brothers composed the initial Holy Name group in Goias: Dom Frei Jaime Schuck, Frs. Andrew Quinn, Conall O'Leary, Christopher Neyland, Philip Kennedy, Dunstan Carroll, Bernard Trainor, John Francis Granaham and Brothers Gabriel Hughes, Anselm Donohue, John Vianney Krieg, Damina Carney and Celsus Gansen. The commissariat accepted four places from Dom Emanuel Gomes de Oliveira, the Archbishop of the former archdiocese of Goias. Three were accepted on a permanent basis (Anapolis, Pires do Rio and Catalao) and one (Pirenopolis) temporarily. Temporarily meant thirteen years, from 1944 to 1956. Through the years, with the abiding help of the F.M.U., during the terms as Provincial of Frs. Jerome Dawson, Bertrand Campbell, Thomas Plassman, Celsus Wheeler and Donald Hoag and under the guidance in Goias of the successors of Fr. Paul Seilbert as Delegates Provincial – Fr. John Francis Granaham, Dom Frei Jaime Schuck (Bishop fo

Cristalândia, Goiás) and Frei Celsus Hayes – the number of places and men have continually increased.

As regards the Franciscans in Goiás, we hope that the Goiano friars of the seventeenth, eighteenth and nineteenth centuries, as well as the deceased members of the American contingent (Fr. Winfrid Wiseman and Bro. Damian Carney) are long ago in Heaven. Through St. Francis, we petition their intercession and that of Frater Myles Reilly (the cleric who offered his sufferings for Brazil previous to his death on May 12, 1954) with God for the well-being of the surviving members of the sixth Goiano Franciscan effort.

VOL XXI SPRING-SUMMER, 1964, n. 2, 3.

THE FRANCISCAN FAMILY IN GOIAS. (p. 151 a 152)

By fr. Edmundo A. Fox.

The Franciscan family in Goias includes not only the three branches of the First Order but also the Second Order, the Third Order – both Regular and Secular – and a newly established catechetical society formed under Franciscan inspiration and guidance.

Pioneer missionary work in Goias was carried on by the Franciscans, who were the only missionaries there until the Jesuits arrived in the latter 17th century. After the suppression of the Jesuits in 1759 Goias remained without any attention from missionary Orders except for some sporadic visits from one of the other Franciscan.

The first solid missionary effort of more modern times came in 1840 when the Italian Capuchins undertook the evangelization of Goias. Since then many other members of the Franciscan family have taken up work in the State, among them, of course, our own Holy Name Province.

The following is somewhat of a family portrait of the Franciscan activity in Goias.

The Capuchins worked in the northern part of Goiás. They established parishes and did extensive catechetical work among the Indians. One of the parishes that they established has come under the care of the friars from Holy Name Province, part of whose Goias commissariat is in Bishop Schuck's Prelacy of Cristalandia. In 1960 Fr. Andrew Quinn became the second resident pastor of Our Lady of Province Parish in Araguacema. Its first resident pastor was the venerated Frei Francisco de Monsavito, O.F.M. Cap., who died in 1873. Because of inability to supply more man power and because the missionaries were living in isolation from one another and from the Order, the Capuchins recalled to Italy, in 1881, the small number of their men in Goias. Except for infrequent parish missions, the Capuchins remained inactive in Goias from 1881 until 1957. Since 1957 members of the Brazilian Capuchin Province are located in Anapolis, caring for a parish neighboring those of the Franciscans from Holy Name Province.

American Conventuals from Syracuse, New York, who formed the initial Conventual effort in Brazil in 1944, came to Goias in 1957. Since then they have been in charge of a parish in Goiatuba Country. Goiatuba is in the Archdiocese of Goiania where the majority of the parishes in Holy Name Commissariat in Goias are located.

Brief as is the history of the second Order in Goias, it is written in letters of gold. The Poor Clare Nuns from the Bronx, New York, completed the three Orders of the Franciscan family in Goias when, through the instrumentality of Holy Name Province, they arrived in March, 1963, in Anapolis, the headquarters of Holy Name Commissariat in Goias, to begin their long awaited apostolate.

The Friars of the Atonement from Graymoor, New York, and the T.O.R.'s from Loretto, Pennsylvania, form the male contingent of the Third Order Regular in the Goias Franciscan effort. Actually the tenure in Goias of the Third Order Regular from Loretto has terminated, for the time being at least. Its endeavors came to a halt in 1960, after six months of work in Jussara Country. Jussara is in the diocese of Goias, to which diocese belongs our parish in Ceres.

The Friars of the Atonement are in charge of a parish in Jatai, the see city of Bishop Bendito Coscia, since their arrival in Goias in 1963.

Jatai will also be the setting for the social work of the Poor Brothers of St. Francis from Cincinnati, Ohio, when they can arrange to come to Goias.

Connected with new work of Holy Name Province in Goias are Sisters from various Franciscan congregations of the Third Order Regular. Since 1946, the Sisters of the Third Order Regular of St. Francis. From Allegany, New York, since 1960, from Warwick, New York, the Franciscan Sisters of the Poor; since 1963, the Franciscan Sisters of the Atonement, from Graymoor, New York; and since 1964, from Milwaukee, Wisconsin, the Sisters of the Sorrowful Mother of the Third Order of St. Francis – all working in one or several of our parishes.

Not directly connected with the Holy Name apostolate in Goias are two other Franciscan congregations of Sisters, neither of whom have convents in the USA. One is called the Franciscan Sisters of The Immaculate Conception. It is Austrian in origin and stems from the city of Araraquara, Sao Paulo. Since 1959, in Itaucu City, the congregation directs a grammar school in a parish manned by Goiania archdiocesan clergy. The other congregation is a pioneer community among Franciscan Sister in Goias. For that matter, it is a pioneer community, as a group, among all Franciscans in Goias. The congregation is called the Franciscan Sisters of the Third Seraphic Order. Its first representatives came to Goiania, the state capital, in 1937, directly from Auiam, Germany, through the instrumentality of the Redemptorists.

An outline of this nature would seem to be incomplete with the mention of the fact that Third Order Secular is also established in Goias, with the fraternities mostly in the parishes in the care of friars from Holy Name. There is also another group not Franciscan in name that was founded in 1962, by Holy Name friars, is the person Fr. Conall O'Leary. It is called the Society of Catechists. A history of its founding purpose present development and hopes for the future was outlined in a previous issue of the Annals.

The day should come when through the efforts of the particular Franciscan groups the completed Franciscan Goiano story fully know the Franciscan contribution to the preaching of God's word and its universal message of "Peace and Goodness" in Goias.

VOL XXII SUMMER, 1965, N. 3.

Catalão, Brazil. (p. 132 a 134)

In May of this year the Franciscans of Goias added a third radio station to their network, namely, the radio station of Catalão.

The first was Radio Sant'Ana of Anápolis; the second, the diocesan radio station of Jataí which was bought by Bishop Coscia and is under his direction.

On the Feast of Pentecost, June 6, 1965, the first Mass was broad-cast from the re-organized station of Catalão. This was the nine o'clock Mass, celebrated by Fr. Coleman Sullivan, radio director for the Commissariat. Fr. Coleman also preached the sermon on the sanctifying mission of the Holy Spirit in the life and development of the Church. Commentator and radio announcer for the Mass was Walter Silvério, former Franciscan seminarian. Sister Aparecida of the local Augustinians community played the harmonium and directed the singing. The Mass was a high Mass on account of the feast day and was sung in Portuguese. Fr. Coleman did justice to the music and the vernacular.

Inauguration of this local radio station under Franciscan direction was the culmination of a long drawn-out, indirect sales maneuver. The radio station had been owned by a big politician in the state, who used it mainly for election campaigning. In between times, the station was run on a shoe-string budget. As a result, the programming was not very dependable and most of the equipment was in bad condition. For a long time there had been a whispering sales campaign going around the town that station was being sold and that the Franciscans were buying it. (buying) Finally, after this supposedly psychological softening-up process, the owner approached Fr. Celsus Hayes and offered to sell the station for a price that everyone knew was quite a bit above its real value.

Fr. Celsus sent some of the staff from the Sant'Ana radio station to examine the equipment. Their verdict was that the equipment was in very poor condition, except for the large stock of musical records and the antenna, although the complementary wiring system of this latter was quite deficient. Lengths of wire, buried in the ground and equal to the height of the antenna, should extend out from it like the spokes of a wheel. When he had received the report of the Sant'Ana staff, Fr. Celsus made his offer, naturally a much lower one than that of the owner.

After much protesting, the owner finally accepted this lower offer and moreover agreed to indemnify the outgoing staff of the Catalão station, in accordance with the strict Brazilian labor laws.

When the contract was signed and the money paid, the radio station was closed down temporarily. The Sant'Ana radio technician was sent down to check thoroughly all the equipment and renew whatever was in need of repairs. Fr. Coleman Sullivan supervised this work and helped to lighten the priestly work in Catalão, at the same time. The renewal of the equipment was a thorough job. A new sound table was built and installed. The transmitter was completely overhauled. More lengths of wire were extended out from the antenna to the proper distance. A couple of large rooms in the parochial school building were remodeled to serve as the studio, sound room and offices. A new insulated wire was run from the antenna, on a hill above the town, down to the studio. The sacristy of the church and the local sports' stadium were connected directly to the studio by special insulated wires.

The result of all this overhauling was that, when the radio station went on the air again, the people did not recognize the new, clear sound that was coming to them from Radio Station Catalão. Everybody, was surprised and very pleased. The staff received many congratulations. A number of the people began to take especial pride in the functioning of this radio station, since it was adding prestige to the town and furnishing the only outlet for local news and programs. Some of the local citizens kept telephoning the studio to tell them how far away they had picked up the programs. The station has an effective range of about fifty miles during the day. In some sections, it can be picked up at a much longer distance. At night, it should have a much longer range, but to offset this advantage, there is always inclined to be more interference at night from the corresponding stronger signals of other stations. The power output is 250 watts.

What advantage is it to the friars to have this radio station? Well, it's the only local radio station in this town and county. Since there is no newspaper in town, it is the only vehicle for local advertising. Because of its new equipment and its capable staff, it has acquired a large measure of local prestige and is a dominating factor in the news of the social, cultural and political life of the town and county.

Then, it gives us an effective means of reaching our parishioners in their homes, whether they live in the town or the country, as practically every house has its radio now. This is a very important advantage when one's parish has some forty thousand baptized Catholics. The broadcasting of the Mass on Sundays and holy days of obligation has been very well received, perhaps too well, because some of the people tell us that they can follow the Mass better on radio than in the church. Following the Mass on the radio has become a regular practice for the sick, the aged, those in distant country districts and even for the healthy in town who cannot come to church for "motivo justo", as they say.

The broadcasting of the Mass is just one religious program. The Rosary is also broadcast each evening from the parish church. Then, Sister Aparecida, C.S.A. has two half-hour programs each week, when she talks directly to the local teenagers and gives them advice for their especial problems. After the July vacation period we hope to begin a regular catechetical program under the direction of our parochial catechists. The basis of this program will be a catechetical series on records, produced by the Pauline Fathers. There are other programs that may be inaugurated in the future, e. g., his weekly "chat" of the pastor with his parishioners. This would be a combination of prayers, parochial announcements, news and orientation for the parishioners. Such a program is vitally necessary here, where our parish is so extensive and where we have so little contact with so many of the people. We regard the radio apostolate here, not as something special, but as the extension of the ordinary pastoral ministry of the parish as providential means of bringing to our many parishioners the Mass, the Rosary, religious instruction, Catholic news and pastoral orientation.

No doubt, someone will want to know how is the radio station organized throughout the day. Programming a radio station here is very easy because all you need to start off is musical records. You play these from the time you begin in the early morning (here 6:00 a.m.) until you sign of the night (here 10:00 p.m.) Different programs can be organized recording to the different equips music. A very popular programs an one organized around the soup and ballads of the country (...)

We are always hearing (..) songs about the "moreninha", the beautiful dusky maiden whe (...)
(última coluna do texto ilegível).

ANEXO 3 - Correspondência Oficial da Província**Carta 1 - 16/02/1945**

February, 16, 1945.

Rev. Mother Jean Marie, O.S.F.,
St. Elizabeth's Convent,
Allegany, N.Y.

Dear Mother Jean Marie,

No, I haven't forgotten the talk which we had at St. Clare's Hospital nearly a year and a half ago when our first group was getting ready to leave for Brazil. – You wade the generous promise that when and if an should need Sisters in our new foundation, you would send them.

I felt from the beginning that Sisters would be indispensable in carrying on the work here, but I purposely let a year go by in order to be sure that I should see things in their true light. – And what second indispensable in the beginning is now an absolute necessity. I do not believe I am exaggerating when I say what we need Sisters as urgently as we need Priests. When Father Provincial was here recently I spoke the matter over with him at great length, and he is in full accord.

The field of work here is vast beyond imagination – almost limitless. There are as few Priests that they can give the people only a limited amount of attention. Yet the people are practically all Catholics, though naturally they know little or nothing about their religion. Father Provincial has already sent thirteen Priests and five Brothers here, and he intends to send more – though I know he is doing as only at sacrifice. And in the short time we have been here God has blessed our work with success beyond our fondest hopes – probably because of the sacrifice. There isn't the a lightest room for doubt but that our Commissariat will be a parchment foundation; where realous men and woman can work for God and souls

Is a field where they are urgently needed, and where their labors will bear fruit a hundred – no, a thousand – fold.

One of the crying needs ins Catholic primary schools. Each town has a public primary school of a kind, and there are many little private schools. But religion is not taught in any of them – or if is, it is very superficial. The parents, of course, are unable to teach their children, and they set then a poor example. Even the children attend Sunday Mass very irregularly, and almost never receive the Sacraments. – They just don't soon to realize that there is any obligation to so. And so they grow up, as their parents did before them, Catholics in name only – but through so fault of their can: there just never was anyone to teach them. Those exceptional ones who were fortunate enough to receive a religious training are just as good Catholics as could be found in the States.

This part of God's vast Kingdom is truly "white unto the harvests", but the harvest is going to seed because there are so few reapers. Protestation is grasping the opportunities which we are missions. They are working with zeal; and they are clever enough to work in the field where the grain is most easily reaped; the field of education. We priests can carry on form the marriages, visit the sick, administer the Sacraments to those who will come. That is just keeping the faith alive, and it is not enough. It is impossible to bring much change into the lives of adults. To accomplish real results the training must start with the children.

Therefore I am appealing to you to enter into the mission field by establishing a foundation, along with ours, here in Brazil. – Yes, I know you have all the work you can take care of there in the States; I know you haven't enough Sisters; and I know you have pressing requests for other foundations there at home. But the missions always demand a sacrifice, they flourish on sacrifice, and the Province which sponsors them always prospers because of the sacrifice. A soul in the middle of Brazil has the same value as a soul in the United States. There are many Priests and Sisters there, but only a few here.

We need Sisters in two places: here in Anapolis, and our parish in the town of Pires do Rio, which is about six from here by train. If you give me word that Sisters will come, we will build a school and convent in both places. The school term opens in February – thus allowing a whole year in which to get ready.

Maybe I am presuming too much, but somehow I feel confident that you will not refuse my appeal. I will be awaiting most anxiously to hear from you at the earliest possible date – so that we can form our plans accordingly and have the schools and convents ready on time.

I would suggest ten Sisters: five for Anapolis and five for Pires do Rio. Should that number be entirely impossible, you probably could start with less, say, three in each school. The first year the Sisters would do little teaching. Women teachers would be hired to conduct the classes, with the Sisters supervising and listening in to help learn the language and the history and geography of Brazil, hence we would always need a lay teacher for these subjects. The Brazilian school system differs from ours in that the primary course consists of only four years instead of eight.

I would strongly suggest that the Sisters who come here be volunteers. And naturally they should be aware that they are coming into a frontier country where life is hard and sacrifices are many. That those who come will like it I am sure; our Priests and Brothers all do. Though Goiaz is far in the interior, yet the climate is reputed to be the best I all Brazil. It is high and therefore not too hot. It is not jungle country such as the Amazon Valley. The usual tropical sicknesses of malaria, yellow fever, typhus, etc., are rare. There is leprosy, but it is not too common. Yes, the insects take a lot of joy out of life; but the convents will be new and modern, with every possible protection against them. The food is a bit trying, since it is almost impossible to get fresh vegetables. But canned goods can be obtained from São Paulo. Both Anapolis and Pires do Rio fortunately are on the railroad. Anapolis being the end of the line. It is a funny little railroad, but thank heaven, we have it. Meat is plentiful at fifteen cents per pound – but you never saw meat quite like it. Meat cutting is a totally unknown art here in the interior. Priests in general are very high, contrary to general belief in the States. This part of the States of Goias is growing rapidly, has an excellent future.

I will be looking forward to hearing from you in the near future and we will all be praying that the news will be good.

Sincerely in St. Francis.

Fr. Paulo Seilbert - Provincial Franciscano – SP.

Carta 2 – 30/03/1945

Carta 2 - March 30, 1945.

Rev. Paul Seilbert, O.F.M.

Rev. Dear Father:

Our counselors were unanimous in accepting the missionary work in Brazil. We place our confidence in God, knowing He will supply the Sisters and will inspire me to send the right ones. We will ready for February 1946.

We suggest sending about four Sisters to commence the work – two could live at each school for the present. Gradually we can increase the numbers. I shall made conditions quite clear to those ho are going. However, I have no fear. The greater number of our Sisters are really made of the right material. One would only have to see their work in Jamaica to be convinced of this. God does something very special for the right kind of Missionary.

I have read you articles in Provincial Annals with great interest, praying that some day we would share your labors. Father Provincial tells us that you have accomplished much in a short time and is very enthusiastic about it all. We can go into more definite details later.

I send very kind regards and I ask you prayers and bleassings.

Yours very sincerely.

Sister Jean Marie.

Carta 3 – 27/05/1945

Carta 3 – May, 27, 1945

Rev. Mother Jean Marie, O. S. F.
St. Elizabeth's Convent,
Allegany, N. Y.

Rev. Mother:

Your letter of March 30th brought great rejoicing to this remote corner of God's garden. When I made the appeal to you for Sisters to join in the work here, I did not have the slightest doubt what your reply would be! – Have no fear about sending Sisters to the missions: God never permits Himself to be outdone in generosity, and He will give you more vocations than you give Him for His neglected vineyards (vinyards.).

It will take the Sisters about a year to acclimate themselves and get a working knowledge of the language and customs. And as others join them later it will become easier and easier. The first year naturally will be the hardest – strangers in a strange land.... And for that reason I believe it would better for the four of them to live together in the beginning. In the town of Pires do Rio we are now building a combination school and convent which will be ready towards the end of the year. It would be an ideal place for them to get started. We are likewise building a new church and friary there. It is a nice little town of about three thousand inhabitants, six hours from Anapolis by train. Being a rather new town it is not listed on most maps.

We expect to start a primary school next February here in Anapolis too; but we will start it with all lay teacher until the Sisters are able to take over. The classe-rooms in Anapolis will be in our new ginásio building – which corresponds somewhat to a junior and senior high school in the States. Two of the Fathers are taking care of it with to it to accommodate about seventy boarding students. On the first floor of this wing will be four class-rooms for the primary school. I believe I told you that the primary course in Brazil is only four years. As yet

we have no Sisters 'convent in Anapolis, and because of our huge building program, I don't think it would be possible to get one ready this year.

If the Sister who are to come could start studying Portuguese now, it would be a great help to them. The language naturally is of paramount importance, and without it one is very helpless. It is true that aid of a teacher, but a great deal can be learned by private study.

There is an excellent book, recently published: "Portuguese Self-Taught – Brazilian" by Ibarra and Coelho, published by Random House, New York. It is probably the best; and moreover it gives the language as it is used in Brazil rather than in Portugal.

Unfortunately there is not a very good selection of English-Portuguese text books. A fairly good grammar is "A Portuguese Grammar" by Hills. Ford and Coutinho, published by D. C. Heath and Co. And there are others which we find helpful, such as: "Portuguese, a Handbook of Brazilian Conversation," by Margarida Reno, published by Wilcox and Follett Co., Chicago, and "Hugo" Portuguese Simplified", published by David McKay co., Washington Square, Philadelphia.

I will, of course, keep in touch with you as time goes on, and will be most happy to supply any information which you might want. All will go well with the Sisters, you may rest assured. The hardships will not be too great, and once they become accustomed to things, I know they will be just as enthusiastic as we are.

I need not tell you that I am deeply grateful to you and you Counselors for so kindly heeding my request for Sisters to share in our work here in Brazil. And I can only repeat again that God will bless and reward your Province for the sacrifice.

Asking for a remembrance in your prayers for the success of our "joint" mission, I am.

Sincerely in St. Francis.

Carta 4 – Agosto/1945

Carta 4 – Agosto de 1945.

Feast St. Rose,

Reverend and dear Father Paul,

It is a very long time since I received your interesting and encouraging letter. I waited to write until we would have our Chapter and in the meantime, the Brazil mission was ever in my prayers and will continue to be so.

At the Chapter we appointed Sisters Marianna to take charge and sisters M. Rosalima to assist her. We will send two for the present and others later on. I think you will like sister Marianna. She is a native of Buffalo, graduated from our St. Patrick's School and Holy Angels' Acadamey. After her entrance she was missioned to he West Indies where she remained for about fifteen years. She is a seasoned missionary and well used to primitive life. She speaks French and Spanish well. She had the opportunity to study at St. Bonaventure's where she received her B. A. and at Catholic University for her M. A. During the past summer she studied at the Latin American Institute, New York, where she met some interesting Brazilian professors and she feels that she has a fair knowledge of the Portuguese. She is most enthusiastic and anxious to go, so all this is a help.

Sister Rosalima is a native of Providence. She is younger than Sister Marianna and has not yet had the opportunity of so much experience or education. However, I believe that she has about two-thirds of her college work completed. She is very much missioned minded. In fact, she trailed me all summer to remind me that she is one of the volunteers. When I asked for them I received about fifty applications. Some of our very best applied and (between you and me – some of the worst did too,) but we will send only the moist spiritual and capable.

Your letter was interesting and God must be pleased with your and the Fathers' efforts. You have paved the way and it will be much less difficult for us and so great a comfort to be with our own. You will let me know when you will be ready for us and how soon we should commence preparations.

I send kind regards and I beg God to bless and take care of you.

Yours very sincerely.

Sister Jean Marie.

Carta 6 – 29/10/1945

Carta 6 - 29 de outubro de 1945

Comissariado Franciscano – Anápolis – GO.,

Rev. Dear Mother Jean Marie:

Not having heard from since your letter of August 30th, and receiving no word at all from Sister Marianna as yet, I feel that I had better send you another note to remind you that the time is growing shorter! It occurs to me that perhaps I did not make it clear that the seasons here are inverted. The seasons – and many other things – are turned around backwards below the equator. So what would correspond to the summer vacation for the children in North America is held here during the months of December and January. And the opening of the school-year is in the early part of February.

It would be well if the Sisters could arrive in December or January. The new school in Pires do Rio will be finished by that time, and the convent will be far enough along so that the Sisters can live in it while the rest is being completed. In fact, anytime they arrive we can accommodate them for the mayor of the town who has a large house has offered to take them in case the convent should not be ready. He has a very nice family. Construction work in the interior of Brazil is a difficult and uncertain task, and things do not always work out as planned.

And while we will be eternally grateful even if you send only two Sisters, yet I am still nursing a fond hope that you will change your mind and send four. There will be no lack of accommodations, since the convent in Pires do Rio has nine rooms – and certainly there will be no lack of WORK!

It is just as important, even more so, that we have Sisters in Anápolis as soon as possible. The four class-rooms are practically ready. But as yet we have no convent. We have recently planned some changes in the future arrangement of our buildings, and I am now awaiting the approval of the Archbishop. Should this plan work out, we will have an ideal location for a

Sisters' convent. And with the help of God we MUST have Sisters in Anapolis a year from now.

The two new Fathers, Alexander and Flavian, are on their way to Brazil at the present time. They are, I believe, coming down on a Swedish ship. Probably Father Wulstan at our 31st Monastery could be of aid to Sister Marianna in making arrangements to come.

It seems that the Sisters will feel the same way about it. The field for work is limitless. And if the Sisters so wish, after they have become acclimated, they can do as much apostolic work as they please out among the people. – There is where the real hardships are. But for any American to become acclimated to Goiaz will surely in these parts, is difficult. But that too one acquires with time. Needless to say, we will have everything possible ready for the Sisters when they arrive.

I am sure you, or Sister Marianna, will let me know in advance when they will arrive in Rio de Janeiro. And either I or one of the other Fathers will meet them there.

Assuring you again of our deep gratitude, I am.

Sincerely in St. Francis.

Carta 7 – 31/10/1945

Carta 6 - 29 de outubro de 1945

Comissariado Franciscano – Anápolis – GO.,

Rev. Dear Mother Jean Marie:

Not having heard from since your letter of August 30th, and receiving no word at all from Sister Marianna as yet, I feel that I had better send you another note to remind you that the time is growing shorter! It occurs to me that perhaps I did not make it clear that the seasons here are inverted. The seasons – and many other things – are turned around backwards below the equator. So what would correspond to the summer vacation for the children in North America is held here during the months of December and January. And the opening of the school-year is in the early part of February.

It would be well if the Sisters could arrive in December or January. The new school in Pires do Rio will be finished by that time, and the convent will be far enough along so that the Sisters can live in it while the rest is being completed. In fact, anytime they arrive we can accommodate them for the mayor of the town who has a large house has offered to take them in case the convent should not be ready. He has a very nice family. Construction work in the interior of Brazil is a difficult and uncertain task, and things do not always work out as planned.

And while we will be eternally grateful even if you send only two Sisters, yet I am still nursing a fond hope that you will change your mind and send four. There will be no lack of accommodations, since the convent in Pires do Rio has nine rooms – and certainly there will be no lack of WORK!

It is just as important, even more so, that we have Sisters in Anápolis as soon as possible. The four class-rooms are practically ready. But as yet we have no convent. We have recently planned some changes in the future arrangement of our buildings, and I am now awaiting the approval of the Archbishop. Should this plan work out, we will have an ideal location for a

Sisters' convent. And with the help of God we MUST have Sisters in Anapolis a year from now.

The two new Fathers, Alexander and Flavian, are on their way to Brazil at the present time. They are, I believe, coming down on a Swedish ship. Probably Father Wulstan at our 31st Monastery could be of aid to Sister Marianna in making arrangements to come.

It seems that the Sisters will feel the same way about it. The field for work is limitless. And if the Sisters so wish, after they have become acclimated, they can do as much apostolic work as they please out among the people. – There is where the real hardships are. But for any American to become acclimated to Goiaz will surely in these parts, is difficult. But that too one acquires with time. Needless to say, we will have everything possible ready for the Sisters when they arrive.

I am sure you, or Sister Marianna, will let me know in advance when they will arrive in Rio de Janeiro. And either I or one of the other Fathers will meet them there.

Assuring you again of our deep gratitude, I am.

Sincerely in St. Francis.

Carta 9 – 03/12/1945

Carta 9 – 3 de Dezembro de 1945.

Dear Sister Marianna,

Just after I mailed my letter to you – a week ago to-day your letter of November 16th came. Needless to say I enjoyed it very much; as did the other Fathers too. You are going to love the work in Brazil. I still insist that you and Sister Rosalima are the most fortunate members of your Province.

First, to go through you letter for points, which call for an answer. All those gifts you are receiving are splendid. By all means accept them all including the sewing machine and the little organ. And accept anything you receive for your Altar. For the chapel as yet has nothing at all. In fact, seeing how well you are making out I will not purchase anything for the chapel as yet – except the altar and the vestment case. Incidentally, the altar will cost about \$ 500.00, in case anyone should offer to donate it. – As we found out, one never knows what kind of generous donations come in when it is a case of the missions.

We are trying to make you too comfortable here? – Don't let the thought occur to you. I would not think of inviting you down unless we were in position to offer you at least a home suitable for civilized human beings. A person going to the missions is ready for any sacrifices. That's all very poetic and pretty from the distance. But from the only reason we come here is to work. – I sometimes wonder how long I will last in my job here! For I am spending a terrific amount of money! But rather than have any Fathers, Brothers, or Sisters live under the conditions which we have here in Anapolis and in Pirenopolis, I would rather suggest abandoning the work. That, of course, would be nonsense. So the sensible thing must be done. And it is being done. Your convent in Pires do Rio will be a good one, so will the school. But remember, that's ALL you will have! And as for sacrifices – just come and get them; there are plenty waiting, to go around for everybody...

So you hope to get away shortly after Christmas. I hope and pray you'll make it. For that will leave you little enough time to get organized for the opening of school. You did not mention whether you expect to come by boat or by plane. – Which reminds me of the information the

local Aerovias agent was supposed to have for me “to-morrow”. Unfortunately to-morrow hasn’t come yet. So I give up hoping for information. It would probably be wrong anyhow! There is of course, a customs inspection office in Belem. It is just a question of whether permission could be given you to pass the customs there in order that you might disembark in Anapolis. If that permission is arranged (and certain!) then Aerovias from Miami would be your best way of coming by air. Otherwise Pan-American or some other line might be better. Best of all, I believe, would be to come by boat – if you can get half-way decent accommodations.

Medical supplies. Yes, we ourselves are pretty well fixed, and on many things would be able to help you out. Thereby hangs a tale. We brought a lot of medicinals with us when we first came. Later Fr. Wulstan sent us another shipment – which cost him \$ 137.00. but the duty on it was over \$ 500.00! I’d rather be sick... It might be a worth-while point...

(última linha da primeira página ilegível)

Yeank account. Things brought in personally with your baggage are usually fairly easy, particularly if you declare everything. All books, paper, etc., are duty free. If people send you such things by mail the packages’ should be marked “printed matter” impressos.”

By all means bring whatever medicines you think you might need; the ordinary things which are commonly used at home, such as aspirin, antiseptics, cold tablets, band-aids, gauze bandages, adhesive tape, etc. we find Sulfa-Guanadine the best remedy for dysentery. Don’t bother with quinine. We have a lot of it, and thus far have had no occasion to use it. A lot of aspirin would be good; you’ll probably be feeding it to the kids. The happy fact is that Goiaz is a fairly healthy section. Malaria is not common, nor TB. An epidemic of yellow fever went through here about a year ago, but I believe that too is uncommon. And I don’t suppose you have anything for leprosy’.

If you cannot get linen, don’t worry about it. It can be had in São Paulo, though it is expensive and of poor quality. Habit electh is about eight dollars per yard. And electing and shoes and such are more expensive than at home (two years ago), and of poorer quality.

You would find a typewriter very helpful. If either of you has one to bring with you, I suggest that you have it cleaned and put into the best possible condition before leaving; also have the Portuguese characters put on it.

Don't know if alarm-clocks are available yet. They too can be had in São Paulo – expensive and junky.

I would suggest (or have I mentioned it before?) that you have your teeth given the best of attention. And if you wear glasses, bring two pair.

It occurs to me that when I did the shopping for your kitchen and dining room supplies, I forget to get paring knives. Better I did NOT succeed in getting you a raster! – And I am sure there will be plenty of other. People in these parts don't use teaspoons as we know them: and I am proud of the fact that after searching São Paulo, I found some!

Let's see, is there anything else to suggest... Yes, about bring money. Travelers' Checks, of course, for traveling expenses, etc. And if you get our travelers' checks from the National City Bank of New York you will get a higher exchange for them here than from American Express checks. Any funds you may wish to bring over and above should be in the form of a draft payable to the National City Bank in São Paulo. In fact, all American money should be handled only through the National City Bank. You will receive a lot more cruzeiros for your dollars than you would receive through a Brazilian Bank. Money should NEVER be sent to you in the form of an International Money Order. In fact, an ordinary check written on any bank in the U.S. will be accepted by the National City the same as it is accepted in the States. – Your financial complications start as soon as you get away from the National City. I emphasize this point, because it is very important.

The present exchange is nineteen and one half cruzeiros per dollar. Hence the cruzeiro is worth about five cents. A cruzeiro contains one hundred centavos. It is perhaps more commonly called a mil-reis because it contains a thousand reis – but it is still only worth a nickel!

While I was writing this letter the mail came. And what of all things should it bring me but an advertisement for organs! I will enclose it. I don't know what a portable organ costs in the States, the one Mother wants to give you, plus the transportation, plus the duty. But this ad has a fair looking one for three thousand cruzeiros (\$150.00).

I your letter you spoke of your hope of getting Brazilian vocations. I feel that you will get them without much difficulty. But there are points about this regarding which you ought to speak to the powers-that-be of your Province. The Brazilian is a mixture – in greater and lesser degrees – of white, Indian, and negro blood. In the interior you will find a greater percentage of negro than in the large cities. The Brazilians, unlike ourselves, solved their post-slavery problem by marrying it. As far as I have been able to learn, most Sisterhoods in Brazil do not accept postulants who are colored, unless the coloring is very slight. And as vocations, they are usually not a very good grumble. But I imagine you have had experience in this in Jamaica. And I presume Jamaica has given your Province some guiding rules in regard to the other problem of postulants; illegitimacy. I know that these points will present themselves to you before you are here long; and it would be well to have an opinion, or ruling, from your Superiors regarding it. Personally I am unwilling to offer any advice as yet regarding it; I do not yet know enough about Brazilians.

There are few things a Brazilian loves more than a holy card or a medal. So if you have a supply, bring them along.

Fr. Wulstan is sending a Missal for your chapel. I mention so that you will not get another one.

- This letter is very rambling, because I am just jotting things as they come to my mind.

And if I am to get this on to-morrow's plane, I'd better jot no more...

With my kindest regards to Sister Rosalima and all the others.

Sincerely in St. Francis.

Carta 10 – 03/12/1945

Carta 10 – Traduzida para o Português.

Ir. Mariana

December, 3, de 1945

Logo que enviei minha carta para você, hoje faz uma semana, a sua carta de 16 de Nov. chegou. Não tenho o que falar como eu gostei, como também os outros freis. Você vai adorar o trabalho no Brasil. Ainda insiste que você e Ir. Rosalima são as irmãs mais abençoadas de sua província. Primeiramente, deve-me analisar sua carta que exige uma resposta. Todos os presentes que está recebendo são esplendidos. Não resta dúvida aceita tudo, incluindo máquina de costurar e fogão. Aceita qualquer coisa para o altar. Por hora a capela não tem nada. De fato, vendo como você está recebendo tanto, não vou comprar nada para a capela a não ser o altar mesmo e o armário para os vestimentos. O altar vai custar mais ou menos \$ 500,00, causa alguém queira fazer uma doação. Como nós descobrimos, a gente nunca sabe que tipo de doação generosa vem quando se trata de missões.

Nós estamos tentando de fazer sua vida mais confortável, não se pensa isso! Eu não pensaria em convidá-las se não tivesse pelo menos uma casa digna para seres humanos civilizados. Uma pessoa indo para as missões está pronta para qualquer sacrifício. Tudo isso é muito bonito e poético de uma distância, mas de ponto de vista mais sensato e eficiência americano, algo um pouco mais sólido deveria os deveria os missionários virá e trabalhar mais tempo. Eu suponho que a única razão de estar aqui é para trabalhar. – As vezes eu peso o quanto tempo eu vou permanecer no meu trabalho aqui! Agora estou gastando dinheiro demais. Mas deixar os padres, irmãs viver sobre as condições que temos aqui em Anápolis e Pirenópolis eu prefiro abandonar o trabalho. Mas isto seria bobagem. Por isso temos que fazer o mais sensato. Está sendo feito! Seu convento em Pires do Rio será bom e a escola também. Lembre-se só isso que vai Ter. Falar de sacrifício – apenas vem abraçá-los há muito e suficiente para todos.

Você espera sair logo depois do Natal. Eu espero e rezo que você faça isso. Você terá pouco tempo para organizar sua vida antes da abertura da escola. Você não fala se vem de navio ou de avião – Lembrei das informações que a gente da Aerovias ia conseguir para mim “amanhã”, infelizmente amanhã não chegou. Eu já perdi a esperança para Ter informações, e se tivesse provavelmente ia ser errado. Existe uma alfândega em Belém. É questão de permissão para vocês passar da alfândega e desembarcar em Anápolis sem dificuldades. Se conseguirmos a licença (e sinto que é certo) então a Aerovias de Maiami seria a melhor maneira de chegar. Melhor de tudo seria pelo navio, e conseguir um lugar meio decente.

Remédio e coisas para a saúde. Nós temos bastante e para muita coisa podemos ajudá-las. Aí, uma história. Trouxemos muito remédio quando viemos. Mais tarde, Fr. Wulstan mandou mais o valor de \$ 137,00 – Mas a taxa que precisávamos pagar era \$500,00. Eu prefiro ficar doente. Talvez vale a pena de falar com suas amigas de não mandar nada a taxa que tem que pagar vai diminuindo todo o dinheiro ao banco. Coisa que vocês trazem pessoalmente com suas bagagens são mais fáceis para entrar e declarar tudo. Todos os livros, papéis etc. são “duty free”. (não precisa pagar taxa). Se alguém manda alguma coisa assim pelo correio – manda marcar – livros ou impressos.

Claro, você deve trazer qualquer remédio que você pensa será necessário, como as coisas mais comuns que usam em casa. Ex.: aspirina remédio para gripe, antibióticos, antisépticos, esparadrapo, band-ads, material para curativo etc. Nós achamos que Sulfa-Guanadine é o melhor para desintéria. Não se preocupa com medicamento para malária temos o suficiente, ainda não usamos, até hoje. Traz muita aspirina – provavelmente vocês dariam para as crianças. O fato feliz é que Goiás é um lugar relativamente sadio. A malária, nem tuberculose, são comum aqui. Tivemos uma epidemia de febre amarela o ano passado, mas creio que isso também não é comum. Por acaso você tem alguma coisa para a lepra?

Se você não pode comprar roupa de cama, não se preocupa. A gente acha em São Paulo apesar que é caro e qualidade inferior. Material para hábito é mais ou menos \$ 8,00 por metro. Toda a roupa e sapatos são mais caros que em casa (EUA) e uma qualidade inferior.

Se tiver uma máquina para escrever seria muito bem. Se qualquer uma de você tiver a máquina traz. Uma sugestão, manda limpar e arrumar antes de sair e manda colocar as letras

em português. Não se tem despertadores. Pode comprar em São Paulo e não prestam, e são bem inferior.

Eu ia sugerir, ou capaz que já mencionei, que você veja o dentista. Faça um bom serviço, e se usa óculos pode trazer dois pares.

Me parece quando fiz as compras para a cozinha não tinha faca. Talvez seja bom trazê-las e não, apesar do meu esforço eu não consegui “roaster” (panela grande com tampa). Haverá muitas coisas essenciais, falando com tempo a gente consegue. A gente aqui não usa colher de chá como nós conhecemos mais tenho muito orgulho de falar que depois de uma busca diligente achei-os.

Vamos ver se tiver algo mais para sugerir... Sim. Sobre dinheiro. “cheques travels” claro para a viagem e qualquer necessidade. Se comprar o cheque de banco nacional de City (Nathional City Bank of. N.Y.) receberá mais no câmbio do que American Expresso. Qualquer dinheiro você deseja trazer deve ser feito na conta de Nathional City Bank em São Paulo. De fato todo dinheiro americano deve ser trocado só pelo Nachional City Bank. Você receberá mais cruzeiros pelo dólar do que no Banco Brasileiro. **Nunca** mande dinheiro na forma de Moniy Order International qualquer cheque pessoal que vem de qualquer Banco no S/A será aceito pelo Nachional City Bank como se fosse nos EUA. As complicações financeiras começam ao distanciar do Nachional City. Dou ênfase e esse ponto porque é muito importante. O cambio atual é Cz\$ 19,50 por \$. O cruzeiro tem valor de mais ou menos cinco centavos. O Cruzeiro contém 100 centavos. O nome mais convém é mil-reis por que contém mil reis – mais ainda tem valor de cinco centavos.

Enquanto estava escrevendo esta carta o correio chegou. De todas as coisas dentro veio a propaganda para um órgão! Vou mandar um material para você. Não sei quanto custa um órgão pastoral nos EUA como aquele que a madre quer lhe dar mais o imposto e transporte? Mas aqui tem um órgão relativamente bom por Cz\$ 3.00,00 (\$150,00).

Na sua carta você fala de vocações brasileiras. Sinto que vai conseguir sem dificuldade. Mas há considerações que você deve falar com as Chefes da Província. As brasileiras são uma mistura – em maior ou menos graus – de branco, índio, e sangue negro. No interior você achará um grande número de negras mais do que a cidade grande. Os Brasileiros, não são

como nós, resolveram o escavidão pelo casamento. Até hoje o que aprendi que a maioria das comunidades não aceita postulantes de cor a não ser que são morenas claras. E como vocações o jogo é riscado. Creio que você teve a experiência com esta na Jamaica. E eu imagina que Jamaica deu alguns regras com respeito de certas dificuldades como ilegítimo. Sei que estas casos vão chegar logo que você chega; Seria bom para ter a opinião ou regras de suas superiores sobre este. Pessoalmente eu não quero dar qualquer opinião sobre este; Eu não conhece bastante ainda sobre os brasileiros.

Há poucos coisas os brasileiros gostem mais do que um santinho ou medalha. Se tiver um número bom, traz.

Fr. Wulston esta mandando um missal para a capela. Eu mencionei esto para você não comprar outro.

Esta carta e muito – a área – porque estou escrevendo na medida que as coisas vem na mente.

E se eu vou conseguir mandar esta no avião amanhã, devo parar agora.

Com lembranças a Ir. Rosalima e todas das Irmãs.

Sinceramente em São Francisco.

Fr. Paulo OFM.

P.S. Sim, seu endereço será Irmãs Franciscanas

Pires do Rio, Estado de Goiás. Brasil.

Carta 13 – 13/06/1948

Carta 13 - 13 de junho de 1948.

Rev. dear Mother Jean Marie:

Not having heard of any air disasters, we take it for granted that you got back to the States safely. – And I hope your plane didn't have any cargos of fish or corpses! I think both you and Mother Benita are brave and hardy in undertaking such a trip.

Your visit, Mother, was one the biggest encouragements the Sisters or ourselves have had since coming to this what we know: that there is really something very exceptional about this mission, and that it has every outward (and inward) sign of God's special Blessing. Everything we have put our hands to has met with success beyond our fondest dreams – and beyond our power of explaining it. The Hand of God, without our knowing it, placed us in the best and most progressive part of this immense country. He did so because He has a very special work to be done; and He chose us – our Friars and your Sisters – to do it for Him. This I believe as firmly as I do the Credo. The salvation of countless souls depends on our course of action.

There is great jubilation in town over the word that you are going to start building here. The day after your departure, the Anapolis by-weekly paper had an article on the front page – though I don't know where they got their information – telling of your visit and of your intention to build a convent and hospital, and congratulating the people of Anápolis on their good fortune.

I will enclose a few pictures to keep you reminded of your visit. The ones taken at the new property in the suburb of Jundiaí have not come back from São Paulo where I sent them for development. I will send them as soon as they come. I am some pictures to Mother Benita too.

The Eucharistic Congress in Goiânia was a splendid success. The Sisters spent the entire time there, as well as most of the Friars. I wish you could have seen it, for it was beautiful and elaborate – as only the Latin's know how to do it. At the special open-air midnight Mass for the men over five thousand received Holy Communion.

We are all anxiously awaiting news of the decision of your Council regarding the “fate” of Brazil – and of all those souls which depend on it. Personally I have no doubt of the outcome. For we Friars are convinced that Holy Ghost actually forced us into doing what He wanted. He will force you too.

Sincerely in St. Francis.

Carta 14 – 30/06/1948

Carta 14 de 30 de junho de 1948

Dear Mother Marianna:

Your letter of June 28th reached me to-day.

I too am sorry that it has been impossible to work out the time of your retreat exactly as you wanted it. And I can only ask you not to expect the more perfect service regarding retreats which is possible back in the States. We have comparatively few priests, all of them very much tied up by their appointed duties. Only a couple of us have ever given retreats; and to prepare a retreat is a long and laborious task. Therefor, under our circumstances here, the time of a retreat must be worked out well in advance; and should the exact time of the retreat desired be impossible, then the next best must be accepted.

Foollowing the custom back home, in your own Congregation and in many others, the retreats here are not to be eight days – unless, by way of an exception, it could be done in individual cases. I have given many retreats to Allegany Sisters, and I have been around when many more were given. They always started on Sunday night and ended on Saturday morning. I believe however that at the novitiate house in Allegany the retreat is eight days. Hence the somewhat abbreviated retreat as accepted back home is to be the general custom here, allowing for exceptions should such be necessary and possible.

Here in Brazil the priest's busiest time is during the dry season. Hence the proper time for retreat is during the vacation in the rainy season. This, however, since you request it, we will talk over later.

Regarding the present retreat: Father John Francis being so far away, and the time being so short, it is of course impossible for the retreat to be held next week as planned. Therefor the next possible date is from July 25th to the 31st. if, because class starts the following Tuesday, you feel that the time element is too close, then the retreat must be post-poned to the vacation during the rainy season. If you decide on the date of the 25th to the 31st, It would be possible for the Anapolis Sisters to return on Saturday or Sunday. This would not be ideal, but you

night find it preferable to post-poning the retreat. Please let both Father John Francis and myself know as soon as possible.

I agree with you entirely that Sisters' trip to Pirenópolis is an excellent idea, and they certainly should not be deprived of it. Had I know of it when Father John was here for the Congresso, and which was the time when you asked for the retreat, maybe Father John could have worked out a different program in his parish. I first learned of the trip to Pirenópolis about a week ago.

I assure you again that I deeply regret your disappointment in not being able to have the retreat on the date you wanted. But I know you will take the disappointment with the true Franciscan spirit: that all of us came to Brazil to sacrifice ourselves and our lives, and that living under difficult circumstances, we must adapt ourselves as best we can.

Fathers Dunstan and Bernard left for São Paulo to-day. I am very much worried about both of them, and I hope and pray that they will find a doctor who can put them back on the road to health again, Please ask the Sisters to remember them in their prayers.

Sincerely in St. Francis.

P.S. If you insist on a full eight days' retreat for the Sisters, then a private retreat could be begun a day or two before that given by the priest.

After great difficulty, a trip to Goiânia, and a visit here on the part of the Archbishop, the question of the Jundiá property has finally been settled. The matter became extremely involved, and in the end did not come out exactly as we wanted it. To concede his rights, the Archbishop insisted on a very large piece of property in Jundiá for a future Salesian School. This forced the Jundiá corporation to cancel the property which they intended to give to the Sisters for a convent and hospital. However, the Archbishop in return relinquished his ownership of the site reserved for our future ginásio, and a large part of this will have a piece of property as large and as favorable as the former one we looked at, but that our ginásio property will be considerably smaller – though still large enough. We are satisfied – in fact will please to have the matter finally settled after four years of fussing over it. Within the next

day or two I will have the dimensions of this property and will send it on to Mother Jean Marie.

Carta 16 – 31/07/1948

Carta 16 de 31 de julho de 1948.

Rev. Paul Seilbert, O.F.M.

Rev. Dear Father,

You may sure that I am sorry to be writing my first letter to you at this late date. I could muster up some excuse but any one of them would be much too lame. I hope you will excuse me.

We had a good trip home – one awful storm, but aside from that it was most comfortable. Brazilian passenger planes are all right; without the experience of the cargo I never would have appreciated them. I still find myself in Brazil – loving it and praying for all of you. Your spirit is the grandest thing I have ever seen.

I have talked Brazil and more Brazil. Everyone wants to help. After I spoke to our Sisters at St. Elizabeth's, the principal of the town school, with the support of the good pastor, chanced off e doll, and my first contribution toward the new buildings in the amount of \$250.00 came from them. That is just the beginning and I feel very encouraged.

Father Mathias called whiled he was Allegany. He listened very attentively to all I had to say. I really did my best to impress him. I told him about your work, you spirit, the buildings so necessary for the future scholastic status and for the Fathers' well-being and he was delighted. He was sorry that time prevented his going down. He really was all scheduled up and looked tired,.

I did not forge to sat that financial aid and men were needed to keep going (I am sure he could say the some to me.)

Now for the business at hand. I am very pleased with the new developments and feel were are fortunate indeed to get that fine piece of property. I am grateful to you for all you have done to help the cause. I know great things will be accomplished with our united efforts. When you

send the new plane I can have Mr. Berry take care of hem. Some day we will get him to Jundiaí. (I say that word beautifully for the Fathers; they are thrilled.)

Thank you for the pictures which have gone the rounds.

We are sorry you are losing good Father Alexander. He will loss to you and he will mind leaving Brazil.

I send very kind regards and ask your prayers and blessing.

Your very sincerely.

Sister Jean Marie.

Carta 19 - 03/02/1949

Carta 19 de 3 de Fevereiro (Março) de 1949.

Dear Mother Marianna:

I jut a letter from Father Wulstan, in which he mentioned that you expect to sail on march 17th – St. Patrick’s Day: I didn’t think you would be leaving so soon. Hence in an effort to reach you before you leave, this letter may be a little rushed. And not knowing where to reach you, I am making a carbon copy which I will send to St. Clare’s Hospital, the other to Sullivan St.

I am very happy to learn that you are bringing with you two more Sisters. – If you can waggle a couple more abound when Rev. Mother isn’t looking...

First, I seriously suggest that you land in Rio rather than Santos. The customs officials in Santos are notoriously strict, and everytime any of our men have brought baggage in there, they were charged very heavily for everything, and treated very roughly. In Rio we sometimes had to come to pay small amounts, but usually we got by entirely free. To come to Anapolis from Rio costs only elightly more from Santos. If you decide on Rio, Fr. Wulstan can give you a list of “helpful hints” which I sent to Fr. Flavian.

Thanks for offering to bring down the baggage for us. Aceito com muitíssima gratidão sua bondosa oferta. I hope it will not cause you too much extra trouble.

Second, we had our meeting of the council recently. Among the points resolved is one which somewhat affects the status of the school in Pires do Rio.

Although I have received no reply to my letter to Rev. Mother (in which I sent her maps, explanations, etc.), we take it for granted that she intends to build a convent in Anapolis. Since we are financially unable to build it, as we did in Pires, we do want to help in every way possible. I know, of course, that Rev. Mother through you has spent considerable amounts in maintaining the Pires school by paying the teachers’ salaries, etc. this burden we will now were in position to build a convent in Anapolis. But since we can’t, this will at least be somewhat of a help.

It has, as you know, always been our aim to conduct our parishes and parish work the same as is done in the States – in so far as possible. And we feel the system has been successful. Here in Anapolis the two parochial schools have been conducted that way from the start: the Pastor taking charge of and being responsible for the schools and the schools and the local Sister Superior acting in the capacity of principal – as is the custom in the States. Since the system is working out so well here, it is now being put into effect in Pires. I feel sure you will welcome this alight change. For it will not only remove you of a financial burden but also of a share of the burden of responsibility.

Fr. Celsus, as Pastor will be responsible for paying the professoras – with the aid of the tuition paid by the pupils. Here in Anapolis the Pastor contributes two centos per month to the support of the Sisters, out of which they must pay eight hundred cruzeiros rent, thus leaving a balance of one cento two hundred to help with their grocery bills, etc. At least tentatively, the sums (sams) will be done in Pires: the Sisters will receive a cento two hundred to help with their domestic expenses. I realize that this is not sufficient, but with the best of our figuring we cannot see our way clear to increase it at present. Perhaps a little labor...

At any rate this will remove a considerable financial burden from the Pires School for you and Rev. Mother, and will help somewhat in building the new Anapolis convent – and Hospital, we fervently hope!

The Sisters here are all well – starting class to-day. The enrollment seems to be little over a thousand children for the two schools. As was Pires last week, and where, too all seems to be going well. The Pires ginasio at least received the approval of the Department of Education; it will open next Monday with the first year of the ginasio course. Frei Celso and Dr. Ivan are enthusiastic over it.

Within a month construction will start on the new little friary in Goiandira – and do they need it; in Goiandira a parochial school is opening now, in a small armazem (arwazem). In Catalão we purchased a school already built (not too nice!) and it is opening with all four classes. In the Goiânia we are still dickering to rent a small armazem to start with first year primary this year, and our plan is to build a school there, starting soon. – So our problems are multiplying. You sure you can't snuggle say 25 or 30 more Sisters aboard the Wideawake???

I would be grateful to receive a note from you tolling us the definite information as to whan you will sail, the name of the ship and the Steamship Company, and the date when it is (mais ou menos) due to land. And of course the port – which I do hope you will malice Rio and not Santos. – If you to pay the alfandega! Feel free to call on me for anything I can do to help with the ordeal of lading, s\customs, shipping, etc. And thanks again for bringing down our stuff. Boa viagem.

Everyone here sends regards.

Sincerely in St. Francis.

P.S. I am writing the gist of the above (regarding the status of the Pires do Rio school) to Mother Jean Marie. I hope II will hear from her soon.

Carta 20 – 13/05/1950

Carta 20 de 13 Maio de 1950

Rev. Mother Jean Marie, O.S.F.,
St. Elizabeth's Convent,
Allegany, N. Y.

Rev. dear Mother:

As you know, Father Provincial delegated me to take the Visitation of the Sisters down here. This has been done, and my report was sent to him. There is really very little to report - except that the Sisters all seem happy and content and so wrapped up in their work that they wouldn't have time to be discontented even if they were so inclined! I was particularly impressed with the fine spirit of the Sisters here in Anapolis. They are living under more trying circumstances, but are bravely and nobly making the most of it. As you are aware, Mother Marianna is inclined to be a bit difficult in some respects, but I saw no evidence of any serious discontent, you may feel justly proud of the Sisters here. The two new Brazilian Sisters are splendid.

There is every indication that as time goes on there will be more and more vocations among the Brazilian girls. Mother Marianna tells me that you will be willing to accept as many postulants and novices as they send. I was particularly pleased to hear that. For I know that many splendid (splendid) vocation will be found here. And the training which they receive while in the States is of the utmost importance. If that training could be prolonged, and some practical experience added to it, it would be of still greater value.

I am still of the firm opinion, however, that what you need here is one or the other of those capable, dynamic Sisters for which your Congregation is famous: someone with the gift of leadership, sound far-reaching judgment, and the ability to size things up and make decisions. I believe that the spirit which is instilled into a new foundation, be it the right one or the wrong one, is the spirit which will carry on as the foundation grows. The spirit, as far as I can see, is excellent. But it is my personal opinion that it needs stronger and more solid

leadership. Your foundation in Goias will, without any doubt, be a great and flourishing branch of your Congregation as the years go by; doing great things for God and souls.

You will remember, when I visited you last summer, that we spoke about the possibility and advisability of trying to get another community of Sisters to come to Goias. I believe I told you later that I visited ten different Mothers General and Mother Provincial – without success. The last one, however, the Provincial of the Notre Dame Sisters in Toledo, Ohio, seemed to hold out a faint ray of hope. Just recently I wrote to her again. And I suggested that she write to you if she wished further reference. The address is 1111 West Bancroft Street, Toledo.

I thought I had made some impression on your friend, Mother Gerald of the Dominican Sisters in Adrian, Michigan. But in the end she too decided that she couldn't do it. – Though somehow I still have the feeling that maybe she could be persuaded.

The Lord will HAVE to send us more help from somewhere. For besides the three schools which you Sisters are conducting a school here, regardless of how inadequate the building is, the children come pouring in like an avalanche – children who are baptized Catholic, but with practically no knowledge whatever about their religion. During the past month Fr. John Francis rented a house in Colonia Agricola, knocked out some of the walls and made two make-shift classrooms. He opened the school for the first grade only – and within four days had a hundred and fifty children. If there ever was a mission field “ripe unto the harvest,” it is here.

At Father Provincial's direction I also presided at the election, or rather vocation, (votation) for a delegate, following the procedure as outlined in your constitutions. The votes as cast are enclosed.

With kindest regards from all of us, and praying God to aid you in your heavy responsibilities, I am,

Sincerely in St. Francis.

Fr. Paul Seilbert, O.F.M.

Com. Prov.

Carta 21 – 20/06/1950

Carta 21 de 20 de junho de 1950.

Rev. Paul Seilbert, O.F.M./

Rev. dear Father,

Thank you sincerely for seeding the result of the votation. Mother Marianna has been chosen as the delegate and Sister Rosalima is the substitute so I presume that Mother Marianna will be coming up. We are glad that Brazil will be represented at our General Chapter.

Thank you for your kindness to the Sisters and for your encouragement about them. They are very happy in Brazil and I tribute go and speak to someone who is interested in you if you are in difficulty and it is also wonderful for us up here so far away to know that the Sisters are so well looked after. I thank God every day for it.

We are pleased with the girls we have received from Brazil and with those who are coming and I feel quite sure that what you say is right about sending someone who will lay a good foundation. With God's help I will do that.

I sincerely hope you will get those Sisters of Notre Dame. As for the Dominicans, I am afraid it won't be possible because they are doing a lot of work in San Domingo.

We are simply deluged with requests and it is just heartbreaking to refuse. Almost every day there is someone. I am sure God sees the need and that He will help us.

I send very kind regards and ask your prayers and blessing.

Yours very sincerely.

Sister Jean Marie.

Carta 23 – 06/09/1950

Carta 23 de 6 de setembro de 1950.

Rev. Dear Mother:

First, congratulations on your reelection to the leadership of the beloved Allegany Sisters. It is my fond hope and sincere prayer that your term of office will be blessed by Our Lord, and that He will assist and inspire you in all your weighty and responsible tasks. I can assure you that many a petition will be directed towards Heaven from the middle of Brazil asking God to bless and guide you. – Of course the human element always enters! So it is just possible that these Brazilian prayers may be just a bit one-sided – urging the Lord to guide you (maybe even force you) to keep your eye on Brazil...

I had a cheerful letter from Mother Marianna saying that you assured her that you would send us Sisters for our schools in Goiandira and Colonia Agricola. She said, however that I ought to send you a request for them. Gee, Mother, I would send you a request every day if it would help. And cablegrams too. But anyhow please regard this as a request, an extremely urgent one, to send us more Sisters to take care of our expanding program. In both Goiandira and the Colonia we are building beautiful new schools, designed by Brother Cajetan. We haven't the slightest idea how we are going to conduct them; only that we are depending on God to send us Sisters and in where. And I have tried VERYWHERE, both in the States and in Brazil. So I guess you can figure out where they must come from.

We are trying our best to get candidates locally, and we have a number of splendid prospects among the young ladies. It is perfectly clear now that this that branch of your Province cannot fail: it is bound to grow fast enough to keep up with our need for Sisters. Hence more American Sisters must come. – And of course I must come. – And of course I must repeat my perpetual refrain: send us a couple of genuine leaders. I feel I would be remiss in my duty if I did not keep emphasizing this point; for it is the most important need of all among your Sisters down here. Please believe me.

I hope Mother Marianna's health will improve while she is in the States. She seems to have faillie considerably during the past year. I would strongly suggest that she receive a thourough medical check-up before she comes back.

All the other Sisters are apparently wee and happy; and the two Brazilians, Sisters Lourdes and Fátima, are excellent in every way – in o far as I can observe.

All the Friars join me in sending greetings and congratulations.

Sincerely in. St. Francis.

Carta 25 – 11/11/1950

Carta 25 de 11 de Novembro de 1950.

Rev. Paul Seilbert, O.F.M.

Dear Father Paul,

I put off writing to you until I could sit down and write myself but I decided today I had better dictate the letter if it is ever going to reach you.

Thank you for your words of congratulations and your prayers. I know that you will make a reservation to keep me in your Masses and prayers – there is so much to be done.

We are delighted with the two postulants that Father John brought up. Father was so good to them and brought them as far as St. Clare's. They had a fine time in New York. They are very happy here and make out well. They understand the language fairly well and do very well at speaking it.

Sister Thomasina and Sister Veronica left New York yesterday. You will like Sister Thomasina. She has leadership, religion, pep, and everything else. It is a very great sacrifice for us to send her but that is what counts and she volunteered which makes it so much less difficult for all. With God's help we will have needed. I don't know where we are going to get the Sisters but I have had quite a serious talk with Lord and He knows all about it.

We all send very kind regards and ask your prayers and blessing. We always remember you when we are praying for our Sisters each day.

Yours very sincerely.

Sister Jean Marie.

Carta 32 – 13/01/1954

Carta 32 de 13 de Janeiro de 1954.

Dear Mother Jean Marie,

I trust that you will receive the words which follow in the spirit of Franciscan, brotherly helpfulness.

One of the most beautiful work a nun can do is the formation of other nuns – who will live and reflect the life of Our Lady.

I realize that more than ever you are concerned with the problem of what can be done to insure better the perseverance of Brazilian Sisters in their religious vocation after getting out of the novitiate. How FORM them? You will agree that their FORMATION depends on INFORMATION as starting point anyway. INFORMATION means LANGUAGE, and there's the but. Your novice mistress doesn't speak Portuguese, and the Brazilian Novices get little out of English – thought they may SEEM to. It would be a GOD-SEND to have an auxiliary in the Novitiate, not only one who knows Portuguese, but who would be a general go-between between the Novice Mistress and the Brazilian Novices – someone who knows the Brazilian temper and character – and above all one who is lovable, approachable, friendly, kind – these qualities are indispensable for anyone who would have success with Brazilians.

We know that good Mother Marianna possesses all these qualities. We realize that she will not spare herself, and is more than missed to fight the good fight until the end in Brazil. She will be people will weep if she does not return. But the very reasons why she would be wonderfully useful if attached to the Novitiate – as a kind of interpreter and teacher of English and Religion. The reasons refer to the traits which she possesses, which make her very popular: mainly her friendliness, her perpetual good (good) cheer, her motherly goodness and great love of Brazilians.

Brazil would apparently lose by Mother Marianna doing this kind of work there if she were so assigned. It would be an apparent loss – for in reality it would be a big gain, in as much as the Brazilian Sisters would have a BETTER RELIGIOUS, FORMATION, prepared to carry

the cross, when spiritual acuteness fails. Knowing Mother Marianna, I know that she would accept the sacrifice cheerfully. She would be still working for Brazil – doing a finer work, a more important work, a more beautiful work – contributing in the humble role of a go-between in the formation of Sisters who will return to Brazil to reflect Our Lady a Life.

Kindly forgive me for thinking out loud, Rev. Mother. I am not one of your counselors. You would however me to be interested in the FORMATION of Brazilian Sisters so that we'll avoid defections.

Kindly accept the suggestion for its value, if you this it may have any. By now you may have found a better solution.

Sincerely in Our Lady.

Carta 34 – 14/01/1954

Carta 34 de 14 de Janeiro de 1954.

Mother Simon Petra, S. P. S. F.
 Provincial Superior
 Mt. Alverno Convent
 Warwick, New York.

Dear Mother Simon Petra:

This letter is an invitation to work on the Missions in Brazil. Fr. John Francis Granahan, Holy Name Province's representative in the Province of Goiás, Brazil, informs us as follows:

“The civil authorities in Anapolis are building a hospital about 200 yards from one of our installations. The authorities are looking for someone to run this hospital and None are acceptable:.

It is Fr. John's feeling, that if the Sisters take over the hospital, it will be given to them at a later date. I am not sure, but I think he speaks from experience. The hospital is to be ready for operation about 1955, on January 1st . To take it over however, you would need 2 Sisters means the 2 Sisters would have Nurses with Brazilian approval. This means the 2 Sisters would have to go to a Franciscan hospital in São Paulo, Brazil. There they could learn Portuguese and prepare for the Exam for approval by Brazilian civil authorities. Fr. John Francis does not seem to anticipate any difficulty with the Sisters passing the examinations.

This is the picture as presented to me by Fr. John Francis, if you are interested, I would be very happy to come to Warwick and if possible, bring along a Father from the Missions in Brazil so that we can talk over this situation. It is my hope to visit Fr. Ferdinand soon. Perhaps I can see you at that time.

Thanks again for the many helps rendered Holy Name Province by your Sisters who care for our sick.

Sincerely and fraternally,

Fr. Celsus R. Wheeler, O.F.M.
 Minister Provincial.

ANEXO 4 - Revista das Irmãs Franciscanas de Allegany (Álbum Centenário)

Álbum do Centenário, Allegany, Nova York, 1959.

Centennial Album – 1859 – 1959

The Sisters of St. Francis

St. Elizabeth Motherhouse

Allegany, New York.

Gestão da Mother Jean Marie (p. 35)

If we mark one specific phase of material growth distinctive of Rev. Mother Jean Marie's generalate, it is school expansion furthered by over fifty foundations. Expansion of hospitals already established, five new hospitals, four schools of nursing and a home for the aged also credit Rev. Mother Jean Marie's term as General Superior.

Matching this material progress, undoubtedly surpassing it, was her apostolate to advance the Community's spiritual welfare. It was Rev. Mother Jean Marie who initiated days of Expansion of the Most Blessed Sacrament at the Motherhouse – first on Thursdays, then Sundays also, and later, Thursdays, the Sundays also, and later, Tuesdays. Thanksgiving for God's blessings on the Community and world peace were prime intentions. A Community-wide monthly novena to St. Francis was inaugurated as an act of thanksgiving to our Holy Patron, St. Anthony devotions on Tuesday evenings were started at the Motherhouse in petition for religious vocations. To honor the Infant Jesus, a prayer was included at Sunday benediction and "Little Christmas" on the 25th of each month was approved for the professed Sisters of the Motherhouse and missions. This celebration, a custom already established in the novitiate by Rev. Mother Dominica, includes a procession to the crib, with a Christmas hymn and prayers to the Holy Child. Each Sister receives a spiritual thought, written as a little message from the Infant, and in turn, reads it aloud. This is followed by recreation and sometimes a "treat" of ice cream, cookies or candy.

In the Marian Year of 1954, Rev. Mother Jean Mari approved for novices and postulants a similar day on the 8th of each month to honor the childhood of the Blessed Virgin. This observance has come to be affectionately know as "Little Mary". A high Mass celebrated in

Our Lady's honor on the 8th of each month in the Motherhouse chapel was first requested by Rev. Mother Jean Marie. It was she who started the custom of having a weekly Mass offered in the Motherhouse for the Holy Souls in Purgatory.

Rev. Mother Jean Marie's open love for the Blessed Virgin spread over the entire Community, deepening a devotion already characteristic of her Sisters. With personal concern, she impressed the Fatima message on the hearts of all and began the observance of First Saturdays at the Motherhouse, with continuous rosary in the afternoon.

To laud this great-hearted Mother would be like trying to pull the stars from the heavens; to express our love and admiration, like sounding the depths of the seven seas. But there is no need to do so – God is our Sewed Sufficiency.

Sr. Mary Laurence, OSF.

Mission To Brazil (p. 49)

As the parent Congregation at Allegany goes into second century, her daughter mission, Brazil, is well into its second decade. School bells first rang there in 1946. The first Easter letter home spoke with great satisfaction of thirty men receiving the Sacraments and exclaimed wonderingly of the five hundred Communions received during Holy Week at Pires do Rio. Today, that would scarcely equal one Sunday's number. The temporary chapel has long been abandoned for the magnificent Sacred Heart Church.

The Franciscan Fathers say that without the parochial schools, their efforts would be almost fruitless; without the children, they could not impress the parents, Pires do Rio boasted the first *Ecola Paroquial*. In 1947, when there were four Sisters, two journeyed each month to Anapolis to organize Saint Ann's School. When the little Community of Sisters was increased in 1948, it was possible to take charge of Santa Ana School and also open Santo Antonio. This latter school has an enrollment of 1,281.

By 1950, two more schools were ready and Sisters went south to Goiandira and north to Ceres; and shortly after, to Catalão, not far from Goiandira. These last two cities, very old ones, were anti-clerical, but with two parochial schools to attract the children and fine churches for their elders, much progress has been made toward fervent Catholicity.

Within the last year Sisters have gone to the new prelacy of Bishop Schuck, establishing schools at Cristalandia and Porangatu. Soon there will be a northern group as flourishing as the six first foundations. Each new missionary outpost becomes the site for a school, and the frontiers of the Faith in Brazil advance through the sons and daughters of St. Francis.

The life our missionary Sisters in Brazil has within recent years been eased somewhat by the acquisition of a central house, Mother Most Admirable Convent, at Anapolis. This beautiful country home offers the Sisters a place of annual retreat or vacation; a place of refreshment for soul and body. Here during the long Christmas vacation, the Sisters had a centennial celebration with five newly professed Sisters preparing the program.

Today there are Allegany Franciscans in Brazil instructing, with the assistance of a large group of lay teachers, 6,600 children in eight schools. A hospital located in Anapolis will soon open under the supervision of the Allegany Sisters. Thus does Brazilian soil nourish the “mustard seed” of Faith.

Sister Marianna, OSF.

(p. 48, 50 e 51).

Fotos ilustrativas da obra missionária: Goiandira, Catalão, Pires do Rio, Anápolis.

First Easter In Brazil - (p. 52)

By Sister Marianna, OSF.

Two startled Sisters sat up in bed and looked at their watches. Three twenty-five a. m.!
Who-o-osh! Boom! Bang!

What could it be? The noise was coming from the direction of the Church. We bounced out of bed to investigate. A final shower of stars burst from a Fourth-of-July rocket. Of course, it was the sexton announcing to the town that Christ had risen and it was time for the procession. So began the first Easter that Franciscan Sisters spent in Brazil, April 21, 1946.

We were hurried along by the pealing church bells which were on a platform right under our window. At 3:45 we reached the temporary church. It was already filled to overflowing, and people were lined up on both sides of the street, women to the left, each with a lighted candle; men to the right.

Promptly at four, Father Christopher came out of the church carrying the Blessed Sacrament and surrounded by altar boys. Father started off down the middle of the street, the choir following the altar boys, to repeat the *Surrexit Dominus* at all of the band played and the people sang Easter hymns. Altogether it was a very moving experience.

After the procession returned to the church, the usual Sunday schedule of Masses began at once, with unusual crowds of worshippers. At eight, there was the usual children's Mass in the school. The children's had learned to sing *Christ the Lord Is Risen Today* in English, along with the *Fili et Filiar* in Latin and their own beautiful Portuguese hymns. They were proud and happy, Frei Jaime, now Bishop Schuck, said Mass and preached to them.

All of Holy Week is celebrated in Latin American countries – no school, no meat, and years ago, no religious rites, either. We broke with tradition and had the children come to school to find out why it is a Holy Week. But we enjoyed the processions as much as the children.

The first one, called “The Meeting”. Commemorates the meeting of Jesus and Mary on the way to Calvary. A beautiful statue of Christ carrying His Cross is carried by the men, and they are met by the women, often barefoot, carrying the tragic *Mater Dolorosa*.

On Good Friday the entire population turns out to join the Burial Procession. This time the image of the Dear Christ on His bier, covered with violet net and flowers, is carried through the streets to the accompaniment of tuneful hymns. At the end of the long route we felt that we had really accompanied Our Lord to the Sepulchre. Perhaps that is why we made the mistake of putting all the beautiful ferns we had borrowed for Easter around the shrine where the bier was placed in church. Fatal error! Every leaf was taken for a souvenir! Empty tomb on Easter morn and empty flower pots!

Sister Marianna, OSF.

Catechetical Work - (p. 53)

Allegany Franciscans ventured into the field of catechetics as a specific apostolate in 1941, first at Blessed Sacrament Parish, Waterbury, Connecticut, where children from two public schools were taught. By 1953 numbers had swelled to five hundred and permission to build a parochial school was granted. An eight-grade school was the just merit of an eager parish after fifteen years of “ground work”.

St. John’s Catechetical Center in James-town, New York, provides instruction for over four hundred children. The Center, opened in 1948, also includes children from Frewsburg. This mission was added in 1953.

Our Missionary Apostolate at Delevan, New York, in its early years, strictly accented the missionary. The rented apartment, serving as a convent, could easily have passed for a curio shop. It boasted a temperamental furnace and staunch Methodist neighbors. Back in 1951, when the mission opened, children had to be collected and driven to teaching locales – a church or rectory, a parlor or kitchen, even a basement. Spring mud, a stern competitor of ice, sent the Sisters’ car slithering up hill and down dale. Home visitation, part of the Sisters’ work, brought its own excitement – being chased by a bull; again, by screeching geese and another time, by forty-odd cows.

New assignments took the Sisters to such picturesque places as Bliss, Eagle, Chaffe and White Star Schools – all of Civil War vintage.

This living right in with the people in most unpretentious quarters, seeking them out in their homes and answering their every query helped immeasurably to bridge the gape between them and the Church. And in four years’ time it earned the harvest of a parochial central school and a lovely convent for the Sisters.

- Mother M. Edwardine, OSF.

ANEXO 5 - Revista ZEAL Allegany, NY – 4 volumes

Fonte: ZEAL spring ISSUE – 1986 – Allegany, NY – 14706

(p. 4 e 5) – reportagem sobre a padroeira do Brasil.

Capa – imagem da Padroeira do Brasil levada por fiéis.

Memória das Missões (p. 6 a 12)

By Sister Conrad Wiersteiner, OSF.

First, a bit of back-ground...

St. Elizabeth Convent is a small but comfortable home for four Sisters in as we shall put it, a not-too-prosperous neighborhood in St. Francis of Assisi Parish, Goiania, Goias, Brazil. After the Sisters had had several unwelcome visitors (one, at night, who carried off various artifices from the room of the Sister away on vacation and partook of a luscious supper of leftover chicken, etc., from the refrigerator), it was deemed the better part of valor to enclose the convent yard with walls a little higher than two meters and a strong iron gate, as were the other better houses in the neighborhood.

Now, the story...

Sister Teresa and I spent an afternoon shopping for bargains in household wares for St. Elizabeth Convent as well as for the Regional House in Anapolis. We returned home hot, tired, thirsty – much in need of a full glass of Ice cold lemonade, or whatever, so long as it was moist. But the gremlins were at work, and the key broke off in the lock of that strong, steel gate! What to do?

We finally decided to confront the dogs of the next door neighbors – they proved to be more bark than bite – but the neighbors were not at home to help us. Happily, they had been doing some house repair and a ladder was at hand, a rather rough heavy affair, to be sure, but it opened an avenue of escape from our situation.

To the sound of even fiercer barking from the dogs, we placed the ladder against the wall, and Sister Teresa, younger and thinking herself more agile than I, scrambled to the top and sat on

the wall, surrounded by the lovely delicate flowers of the vine that grows there profusely and warding off the myriad bees whose honey gathering had been so brusquely interrupted. Cars screeched to a standstill in the street and the neighborhood children came running happily to view the spectacle. (“Look, it’s one of the Sisters!”).

Meanwhile I, kicking off the yapping dogs, struggled mightily to raise the ladder and push it to rest against the other side of the wall. Mission accomplished, Sister Teresa waved and smiled graciously at the assembled multitude and descended to the convent yard.

After a bit of key juggling, we sat down to a tall glass of rather warm lemonade. No ice. It was defrost-the-refrigerator day!

Epilogue...

Once more “on top”, Sister Teresa Marie Sweeney, OSF is General Minister of the Franciscan Sisters of Allegany.

A few more of our faithful, deceased supporters are remembered in this list. They are now giving lorry to God and continuing their prayerful support of our missionary efforts.

Amore, Alice.

Arcucci, V.

Arnold, Mrs. George.

Bail, Clare R.

Bergman, Mrs. James.

Brady, D.

Brady, Mary.

Bushery, Norman.

Casserly, Mrs. Martin

Cremmins, Katherine.

Dailey, Raymond.

Dohertt, Jon E.

Drake, Jr., Mr. A. J.

Farleo, Marie.

Felicetti, Rose.

FitzGerald, Gertrude.

Fitzhenry, Mary A.

Ford, Mrs. Robert

Franco Family, Anthony J.

Goodwin, Maria.

Haas, Mr. & Mrs William.

Haes, Gladys.

Hanley, Rose.

Hollis, Dorothy.

Jordan, Mrs. Gertrude.

Kinney, Dorothy.

Kopp, Miss Victoria.

Kuhn, Mrs. L. M.

Lennox, Mrs. George.

Louis, Laura.

Madden, Helen C.	Quinn, Florence.
McGuire, Rev. Francis.	Quinn, Kay.
McKinley, Velma.	Raymond, Mrs. Jack.
Morrissey, Frank.	Sevighy, Mrs. Ernest.
Mountain, Mrs. Joseph.	Silva, Rose.
Mulvey, Mary B.	Sousa, Walter W.
Phelps, Family, C. A.	Sullivan, Mae & Edward.
Pitz, Mrs. Charles.	Tengowski, Joseph.

(p. 6 e 7)

Nas páginas 8 e 9 – mapa de Goiás e Minas Gerais com localização das cidades de atuação das irmãs. – Comemoração dos 40 anos de Brasil – 1946 – 1986.

SEGMENT OF OUR HISTORY IN BRAZIL FROM THE MANUSCRIPT OF SISTER VERONICA I. RODRIGUES, OSF.

Many letters were written, sent and received by Reverend Mother Jean Marie Greeley, OSF, (RIP) and Father Paul Seilbert, OFM, over a long period of time in preparation for what happened on January 12, 1946.

On that date, two Franciscan Sisters of Allegany, Mother Marianna McKinley and Sister M. Rosalima O'Neill sailed on the Norwegian freighter, S. S. Sophocles, from a pier in Brooklyn, N.Y.

They were on their way south to a land below the Equator – Brazil. They were new missionaries laden with seven trunks, and organ, a box filled with kitchen utensils, and a case of vestments. Their field of work was to be in the States of Goias where Franciscan Friars of the Holy Name Province had been working for some time.

The S. s. Sophocles, arrived in Rio de Janeiro bearing our first missionaries on February 1, 1946. Many official arrangements had to be attended to before the next segment of their trip could be started. The Sisters left Rio de Janeiro in a cargo plane for Anapolis on February 24; their baggage was sent by train. Finally on the following day, Mother Marianna and Sister

Rosalima accompanied by Father Paul Seilbert left Anapolis on the 6:00 A.M. train for Pires do Rio. When they arrived at noon, they were met at the train by almost all the people of the town. The two Franciscan Sisters were the first to come Pires do Rio to serve the people there. Speeches of welcome were made and fireworks were set off in honor of the occasion.

Mother Marianna's account of Brazil, as she described it in her first letter of February 27, 1946, helps us appreciate what these new missionaries faced.

“No one could overestimate the work to be done in Brazil, I imagine the future of the Church in South America depends greatly upon it; the state of unreadiness (uneasiness) for such a responsibility is unbel livable. Even in Rio, for where there has been opportunity for education, it is terrific. Imagine what it must be out here on the prairies. For hundreds of miles from Rio to Goias, there was not the slightest sign of life; just mountains and rivers and more of the same. Anapolis is 3500 feet high and really delightful climate, but the town is not so pleasant as Pires do Rio. Here it is hot in the daytime, but nights are cool. It looks a lot like Allegany, hills and green valleys. The temporary Church Is a poor building like a barn with a concrete floor and four doors, no windows. ...”

For the benefit of those who wished to contribute to the missions in Brazil, Mother Marianna later noted that teachers were paid \$ 20.00 monthly, and anyone could adopt a teacher and pay her salary.

The work started by Mother Marianna and Sister Rosalima has continued and progressed throughout these 40 years.

We salute all the sisters who have ever contributed to the success of the work of the Church in central Brazil.

The Sisters who have worked in our missions in Brazil are:

AMERICAN

Sr. Marianna McKinley

Sr. Veronica Mary Louis

Sr. Barbara Martens

Sr. M. Celestine Fruscione

Sr. Gemma Delgado
Sr. M. Thomasina Higgins
Sr. St. John Baird
Sr. Mary Jude Melville
Sr. Teresa Marie Sweeney
Sr. Rita Michael Aguillard
Sr. Leo Marie Durkin
Sr. Elizabeth Sweeney
Sr. Jean Anne Carroll
Sr. Eileen O'Brien
Sr. Maryellen Dixon
Sr. Patricia Reid
Sr. Brendan Callaghan
Sr. M. Rosalima O'Neill
Sr. Stephen Mary Takacs
Sr. M. Thomas Joseph De Flon
Sr. Genevieve Martin
Sr. Modesta Fraihs
Sr. M. Conrad Wiersteiner
Sr. Mary of the Angels Moore
Sr. M. Gregory Fleming
Sr. Jo Anne W. Matthews
Sr. M. Clare McMaster
Sr. Mary Helen Hoffman
Sr. Irene C. Romero
Sr. Margaret Morgan Pacheco
Sr. Martha Joseph Hardin
Sr. Anne Crowe
Sr. Sharon O'Neil

NATIVE BRAZILIAN

Sr. Maria de Lourdes

Sr. Neila Maria

Sr. Therese Carmel

Sr. Maria Therese

Sr. Maria Salette

Sr. Silmei Maria

Sr. Maria Inez

Natalia Maria

Sr. Georgeta Maria

Sr. Maria Cecelia

Sr. Terezinha Maria

Sr. Maria de Fátima

Sr. Maria Assumpta

Sr. M. Aparecida

Sr. Maria Helen

Sr. Maria Antonieta

Sr. Anita Maria

Sr. M. Angela Terezinha

Sr. Luzia Maria

Sr. Diva Maria

Sr. Maria Darcy do M. J.

Sr. Maria Cristina

Sr. Maria Margarida

Sr. Francisca Theresa

Sr. Ana Cristina

Sr. Solange Helena

Sr. Ana Vicencia

Sr. Ana Lucia

Sr. Ana Maria

Sr. Maria Leticia

Sr. M. Rita Cecilia

Sr. Zelma Maria

Sr. Paula Maria
Sr. Maria Elizabeth
Sr. Maria Isabel
Sr. Maria Christiana
Sr. Clara Ines
Sr. Maria do Socorro S.
Sr. Marli Pimenta
Sr. Maria do Socorro
Sr. Alda Divina
Sr. Teresinha de Jesus
Sr. Maria Isabel
Sr. Graciliana
Sr. Elizabeth Aparecida
Sr. Maria Gorete
Sr. Iosita
Sr. Edith
Sr. Iolanda Maria
Sr. Maria Isa
Sr. Teresinha
Sr. Maria Abadia
Sr. Nadir Maria
Sr. Neides de Lourdes A.
Sr. Maria Ignez
Sr. Jucilene
Sr. Maria Helena
Sr. Maria Giomas
Sr. Maria Leda
Sr. Teresinha Maria
Sr. Neli
Sr. Edna Marta
Sr. Adalgiza Helena
Sr. Maria Madalena
Sr. Clara Francisca
Sr. Ana Bernadete

Sr. Martha Helena
Sr. Maria Auxiliadora
Sr. Maria Teresa
Sr. Nancy Maria
Sr. Stella Sabina
Sr. Maria Antonia
Sr. Maria Luisa
Sr. Maria Elcy
Sr. Maria Emilia
Sr. Francisca Maria
Sr. Lydia Maria
Sr. M. Margarita Francis
Sr. Carlota do Amparo
Sr. Maria das Graças
Sr. Dativa
Sr. Hilda Maria
Sr. Antonia de Fatima
Sr. Mariana Barbosa
Sr. Elcida
Sr. Terezilda
Sr. Marta Maria
Sr. Nilda Lucia
Sr. Jeronima
Sr. Oneida
Sr. Maria Jose
Sr. Rosimeire
Sr. Valdete
Sr. Gioanira
Sr. Aldenir
Sr. Maria Ana Cristina
Sr. Maria Cleusa
Sr. Olga Izilda
Sr. Cleusa
Sr. Lucia Helena

Sr. Maria Florespina

Sr. Julieta Maria

Sr. Euripides Irias

Sr. Diva Aparecida (p. 10 a 12).

SEGMENT OF OUR HISTORY IN BRAZIL FROM THE MANUSCRIPT OF SISTER VERONICA I. RODRIGUES, OSF.

Many letters were written, sent and received by Reverend Mother Jean Marie Greeley, OSF, (RIP) and Father Paul Seilbert, OFM, over a long period of time in preparation for what happened on January 12, 1946.

On that date, two Franciscan Sisters of Allegany, Mother Marianna McKinley and Sister M. Rosalima O'Neill sailed on the Norwegian freighter, S. S. Sophocles, from a pier in Brooklyn, N.Y.

They were on their way south to a land below the Equator – Brazil. They were new missionaries laden with seven trunks, and organ, a box filled with kitchen utensils, and a case of vestments. Their field of work was to be in the States of Goias where Franciscan Friars of the Holy Name Province had been working for some time.

The S. s. Sophocles, arrived in Rio de Janeiro bearing our first missionaries on February 1, 1946. Many official arrangements had to be attended to before the next segment of their trip could be started. The Sisters left Rio de Janeiro in a cargo plane for Anapolis on February 24; their baggage was sent by train. Finally on the following day, Mother Marianna and Sister Rosalima accompanied by Father Paul Seilbert left Anapolis on the 6:00 A.M. train for Pires do Rio. When they arrived at noon, they were met at the train by almost all the people of the town. The two Franciscan Sisters were the first to come Pires do Rio to serve the people there. Speeches of welcome were made and fireworks were set off in honor of the occasion.

Mother Marianna's account of Brazil, as she described it in her first letter of February 27, 1946, helps us appreciate what these new missionaries faced.

“No one could overestimate the work to be done in Brazil, I imagine the future of the Church in South America depends greatly upon it; the state of unreadiness (uneasiness) for such a responsibility is unbearably livable. Even in Rio, for where there has been opportunity for education, it is terrific. Imagine what it must be out here on the prairies. For hundreds of miles from Rio to Goias, there was not the slightest sign of life; just mountains and rivers and more of the same. Anapolis is 3500 feet high and really delightful climate, but the town is not so

pleasant as Pires do Rio. Here it is hot in the daytime, but nights are cool. It looks a lot like Allegany, hills and green valleys. The temporary Church Is a poor building like a barn with a concrete floor and four doors, no windows. ...”

For the benefit of those who wished to contribute to the missions in Brazil, Mother Marianna later noted that teachers were paid \$ 20.00 monthly, and anyone could adopt a teacher and pay her salary.

The work started by Mother Marianna and Sister Rosalima has continued and progressed throughout these 40 years.

We salute all the sisters who have ever contributed to the success of the work of the Church in central Brazil.

The Sisters who have worked in our missions in Brazil are:

AMERICAN

Sr. Marianna McKinley	Sr. Brendan Callaghan
Sr. Barbara Martens	Sr. M. Rosalima O’Neill
Sr. Veronica Mary Louis	Sr. Stephen Mary Takacs
Sr. M. Celestine Fruscione	Sr. M. Thomas Joseph De Flon
Sr. Gemma Delgado	Sr. Genevieve Martin
Sr. M. Thomasina Higgins	Sr. Modesta Fraihs
Sr. St. John Baird	Sr. M. Conrad Wiersteiner
Sr. Mary Jude Melville	Sr. Mary of the Angels Moore
Sr. Teresa Marie Sweeney	Sr. M. Gregory Fleming
Sr. Rita Michael Aguiard	Sr. Jo Anne W. Matthews
Sr. Leo Marie Durkin	Sr. M. Clare McMaster
Sr. Elizabeth Sweeney	Sr. Mary Helen Hoffman
Sr. Jean Anne Carroll	Sr. Irene C. Romero
Sr. Eileen O’Brien	Sr. Margaret Morgan Pacheco
Sr. Maryellen Dixon	Sr. Martha Joseph Hardin
Sr. Patricia Reid	Sr. Anne Crowe

Sr. Sharon O'Neil

NATIVE BRAZILIAN

Sr. Maria de Lourdes

Sr. Neila Maria

Sr. Therese Carmel

Sr. Maria Therese

Sr. Maria Salette

Sr. Silmei Maria

Sr. Maria Inez

Natalia Maria

Sr. Georgeta Maria

Sr. Maria Cecelia

Sr. Terezinha Maria

Sr. Maria de Fátima

Sr. Maria Assumpta

Sr. M. Aparecida

Sr. Maria Helen

Sr. Maria Antonieta

Sr. Anita Maria

Sr. M. Angela Terezinha

Sr. Luzia Maria

Sr. Diva Maria

Sr. Maria Darcy do M. J.

Sr. Maria Cristina

Sr. Maria Margarida

Sr. Francisca Theresa

Sr. Ana Cristina

Sr. Solange Helena

Sr. Ana Vicencia

Sr. Ana Lucia

Sr. Ana Maria

Sr. Maria Leticia

Sr. M. Rita Cecilia

Sr. Zelma Maria

Sr. Paula Maria

Sr. Maria Elizabeth

Sr. Maria Isabel

Sr. Maria Christiana

Sr. Clara Ines

Sr. Maria do Socorro S.

Sr. Marli Pimenta

Sr. Maria do Socorro

Sr. Alda Divina

Sr. Teresinha de Jesus

Sr. Maria Isabel

Sr. Graciliana

Sr. Elizabeth Aparecida

Sr. Maria Gorete

Sr. Iosita

Sr. Edith

Sr. Iolanda Maria

Sr. Maria Isa

Sr. Teresinha

Sr. Maria Abadia

Sr. Nadir Maria

Sr. Neides de Lourdes A.

Sr. Maria Ignez

Sr. Jucilene

Sr. Maria Helena

Sr. Maria Giomas

Sr. Maria Leda

Sr. Teresinha Maria

Sr. Neli
Sr. Edna Marta
Sr. Adalgiza Helena
Sr. Maria Madalena
Sr. Clara Francisca
Sr. Ana Bernadete
Sr. Martha Helena
Sr. Maria Auxiliadora
Sr. Maria Teresa
Sr. Nancy Maria
Sr. Stella Sabina

Sr. Maria Antonia
Sr. Maria Luisa
Sr. Maria Elcy
Sr. Maria Emilia
Sr. Francisca Maria
Sr. Lydia Maria
Sr. M. Margarita Francis
Sr. Carlota do Amparo
Sr. Maria das Graças
Sr. Dativa
Sr. Hilda Maria
Sr. Antonia de Fatima
Sr. Mariana Barbosa
Sr. Elcidia
Sr. Terezilda
Sr. Marta Maria
Sr. Nilda Lucia
Sr. Jeronima
Sr. Oneida
Sr. Maria Jose
Sr. Rosimeire

Sr. Valdete
Sr. Gioanira
Sr. Aldenir
Sr. Maria Ana Cristina
Sr. Maria Cleusa
Sr. Olga Izilda
Sr. Cleusa
Sr. Lucia Helena
Sr. Maria Florespina
Sr. Julieta Maria
Sr. Euripides Irias
Sr. Diva Aparecida (p. 10 a 12).

Zeal January 1959

TWENTY-FIVE YEARS IN BRAZIL - (p. 26 e 29)

As retold by Sister Marianna MCKinlay, co-foundress of our Brazilian Missions.

It was a cold windy morning that January 12 twenty-five years ago when Patton's 82nd Airbone Division returned to New York, and thousands were out to greet them. But the numbers of Allegany Sisters en route to Brooklyn did not stop for the "pomp and heraldry". They were on their way to give God-speed to their two pioneers leaving at noon for the very fist mission in Brazil. The boat, the Sophocles, a Norwegian freighter, did not leave until one o'clock and neither did they nor did Sister Rosalima' old father, in spite of his eighty years.

You may wonder how this all came about. Well the Friars had established their missions in Brazil two years before and it did not take them long to find out that they were not going to get very far with the people unless they had Sisters, in the Spring of 1945, they seem to have made some impression on Mother Jean Marie, and at the Easter Retreat she asked /sister Marianna if she would go to Brazil.

"Why, yes," was the expected answer, "but what for"?

Well, the rest is history and on Jan, 12 with the "best primary teacher" we had, the two were started. The Journey took nineteen days which was good for they arrived rested and rid of their cold. It took another three weeks for them to get through the red tape binding up the permission to live and teach in Brazil. By January 15, they through all would be resolved and sent word to the Superior, Father Paul Seilbert to meet the Rio plane, but the night before word came they could not leave on that plane. Alas for the clean cords and washed and pressed habits at the other end; alas for the turkey dinner complete with apple pie on the side. No Sisters appeared. So after two or three more futile attempts to meet them, the good Fathers gave up. When, after much persuasion and argument, the police were convinced there was no police record on the application because there was no police record on the application because there was no police record, they really did get off on the International cargo plane on Sunday, Feb. 24. Pouring rain and no one to meet them in Anapolis. But the wonderful Sisters of Notre

Dame from Cincinnati thought of that and sent a note to the fiancé of one of their girls who took us to the Fathers' house.

Like St. Luke we take up the first person, for it was really we, the two of us, who were there.

We stayed over night with the Salesian Sisters who celebrated every month the 24th in honor of Our Lady of Perpetuo Socorro and heard the Sisters sing their very special hymn, Oh What Joy and we thought of all our occasions for Perfect Joy since we arrived in Brazil. At 6:00 a. m. we were off for Pires de Rio which was where the wonderful school and convent was being built. Fathers Paul and Christopher were our escorts and at the station we found almost the entire city with flowers to throw on us and fireworks all around.

Father Paul explained, "This is the second greatest day for this town". The first? You guessed it when the Friars arrived.

All crowded around the town's one taxi to escort us to the Parish House where the Fathers were living and had lunch ready for us. After lunch, we made a procession to our new quarters to see... Well all the outside walls were up and firm, but no windows in either building, and no floors in school. How, I ask you, how could this ever be ready for the beginning of March?

No time to worry about that. There were two bedrooms finished and furnished with bed and mattress. "What is this"? we asked, "Don't we rate bed clothes?"

"Oh, your baggage is here; and we figured you'd have all that." O.K. then. You open the boxes and clear out and we will see what we can do." By evening, when they came to take us to supper, we were fairly well established and they began what was to be a regular Sunday affair until there was nothing left. They would visit the Sisters boxes. Their poor brethren in more distant parts would exclaim. Where did you get that? Oh, the Sister's boxes. These latter were glad to learn later on that the Sisters had fourteen regular 3x4x7, more or less.

So it was, that by dint of unremitting pushing, encouraging maybe even nagging the really great day came when 260 children assembled at the warehouse that served as a church and after Mass marched up the two blocks to the school. This was what the good people of Pires

had been longing for; a Sisters' school for their great educational establishment in Pires, is the Colegio das Irmãs – the Sisters' School.

ZEAL - VOL 14, N. 2, 1965

NÚMERO ESPECIAL

Várias fotografias - visita à Escola Paroquial em Catalão.

ZEAL - 14706 -

WORKING FOR GOD - (p. 5 e 6.)

By Sr. Thomas Joseph, OSF.

- foto de ir. Assumpta e Sr. Marianna.

Here is a picture of two people working for God; Sr. Marianna is the Sister that went to Goiás with Sr. Rosalima in 1946 to help the Holy Name Friars in the education in the missions they were starting. They went to Pires do Rio, where there was a convent under construction as well as Primary School waiting for them. On March 13 that year the School was blessed by Fr. Alexander Wyse and the classes started. Time passed and the Friars started a High School.

The dream of Sr. Marianna now was for a Normal School which the parents of the city were anxious a to have. There had been a Normal School under the direction of a very good friend of the Friars, Dr. Yvon Ferreira, a lawyer and Professor, who later, by affiliation became a Second Order Friar Minor; with new laws demanding a High School with every Normal, his had been discontinued. With the help and guidance of Fr. Celsus Hayes and Dr. Ivon in 1950, the Normal was opened. The brother Dr. Pedro, also a lawyer and Professor, with two sister-in-laws and friends, the sisters and two doctors of Pires do Rio made up the nucleus of the faculty.

Sr. Marianna went to the states and the Friars took care of the Normal with the High School. Dr. Ivon died in 1961, preparing his final exams in November. Dr. Pedro is still one of the professors, and now in 1973, Sr. Assumpta in this picture with Sr. Marianna is taking over the

direction of the Normal and High School. Sr. Assumpta is a Brazilian and studied in the states this past year. Time passes and missions grow because the workers have done it for God.

ZEAL THE SHADOW OF ME IS - 1977.

WOMEN IN LATIN AMERICA - (p. 8 a 11)

The wide variety of church women in Latin America defies description. Some are professionals – Catholic nuns, Protestant frontier interns, volunteers from nearly all denominations.

Others work part time in church-sponsored projects. Others are involved in church groups, educational, social or charitable works.

Others, with no formal church ties, could be considered “church women” in the sense that they live out their Christian faith in real commitment to their families and communities.

All these women work within and beyond the walls.

A Peruvian campesino woman, after her breakfast of tea, bread and butter, lease her house at seven to go to work to pull weeds, plant corn or beans or cultivate cotton. About eleven she goes home to prepare lunch for the family. Ordinarily it is rice and beans or a plate of potato soup. Meat is a rare item; fruit, eggs and milk are had only occasionally.

For another three or four hours in the afternoon she works in the field or shares the job of bringing water and firewood with other family members, a daily four-hour task.

While her husband and children cut grass and care for the animals – chickens, ducks, goats and guinea pigs – she prepares the evening meal. And at night she does the washing.

Sunday is market day. It means a trip to town a truck or jitney. For her, church attendance is minimal – on Good Friday, and now and then a funeral Mass.

“Since the people here recognize the Church as good, they readily accept whatever is related to it, but the average campesino, man or woman, has little understanding of Christian faith”, explained Eugenia Chaca.

Eugenia, a thirty-six year old Peruvian, is a church woman who is on the staff of a Catholic rural educational center. She works, in close contact with the people in several farming communities in the irrigated areas surrounding Huacho, the Peruvian coastal town where she lives.

“People’s devotion shows up most prominently”, she continued, “when their problems are greatest, on the basis that God will solve every problem; it is God who punishes and rewards, and lo que Dios quiere, what God wishes, serves as an escape from responsibility”.

In her opinion the Church could perform a valuable service by enabling the people to do some critical analysis of their circumstances. “This is what Jesus was doing in his ministry and the Church today should not lose this element in its evangelism”, she explained.

Eugenia, whose perspectives come from her background of self-education, without paternalism, demonstrate its solidarity with the people in their need. “Rather than hand out medicine to sick people it should give instruction in the prevention of illness (illness)”, she said.

The list of common ailments, headed by malnutrition, includes tuberculosis, gastroenteritis, anemia, parasites, measles and whooping cough.

“Although health and food are the right of every person, it is impossible to provide the calories and proteins necessary for health with a daily income of two dollars for a family of seven or eight”, said Eugenia.

In the traditional Latin American image of woman thoughts of liberation or awareness of being exploited are absent. A woman’s life plan is to marry, have children, take care of her children and work. If she does not take pleasure in being submissive and dependent, she accepts it as her fate.

“This needs changing”, said Eugenia. “In order for women’s attitude to change, men’s attitude must change first. The men are open to this process already. A man realizes there will be some changes for both man and woman. As he becomes interested in her situation she takes more interest in his and he benefits from her insights, support, encouragement and the brightness she adds to his life”.

Eugenia speaks from experience. Her husband often takes their year-and-a-half-old boy to spend the day with him at his work with animals or in the field.

Often Protestant Latin American women live out their Christian faith “within church walls”, in women’s societies. Although, as an Argentine woman has said, “women’s societies are not a Latin American invention”, they are still very often part of the structured church.

They came with the missionaries. Usually men organized groups of women and led them in Bible reading, prayer and doctrinal study. They taught them methods to evangelize their children, husband and neighbors.

Gradually such leadership was turned over to the missionary wife, later to the pastor’s wife and then lay women. The women worked together on projects to raise money for church equipment, repair and maintenance; some societies broadened their interests to community service and medical care.

In these societies women, generally in the 35-65 age group, had freedom to express their ideas and concerns among friends and, in a kind of training school, learned to plan activities, to work them out as a team and to respect the opinions of others. They began to discover their civic rights and duties and their mission in the world.

Some of these groups work together across denominational lines. This is the case in the Peruvian Association of Evangelical Women which includes two hundred fifty women from Lutheran, Baptist, Methodist, Christian and Missionary Alliance (CMA) churches, THE Salvation Army and the Peruvian Bible Society. The co-presidents, a CMA missionary and a Peruvian Methodist, told about their organization.

In their bimonthly meetings they aim “to get acquainted and stimulate cooperation in serving God”. Their primary goal is “to spread the Gospel” through personal witness, tract distribution – like “Women in Action”, a Bible Society leaflet – and preaching, though not from a pulpit.

The women take an active part in evangelistic campaigns and are responsible for the annual World Day Prayer celebration. They plan and serve dinners for big church meetings.

Together they have raised funds to buy land, build and maintain a home for elderly people. They also make an annual contribution to the Cancer League.

Bible study receives a strong emphasis, and talks on such topics as child care and husband-and-wife relationships figure in their cultural program. An echo of the content of those talks resounds in the woman missionary’s comment regarding women’s liberation” “It frightens me’ it is in the home. God has made man the head of the house. The woman should have Christian civic education, namely, to love one’s country but not to get involved in politics.”

However, all Protestant church women are not in women’s societies. Some are penetrating areas that have pertained to men only. A number have pursued theological studies.

Beatriz Melano Couch, 38, with a doctorate in religious science from Strasbourg University in France, teaches theology and Latin American literature in the Institute of Advanced Theological Studies in Buenos Aires, Beatriz was one of the three women among the twenty Latin Americans in the Detroit meeting on Theology in the Americas: 1975. There she participated in theological discussions and took an active role in the women’s caucus.

She calls on women to claim the same rights to serve in the church as men. In one of her early manuscripts she wrote, “If the mission of God begins with the creation of a single humanity – man – woman - and ends with the union of all things in Christ, the tendency of certain churches to separate what God has united is one of the negations of God’s mission”.

Miriam Ortega, in the same age bracket, a Cuban Presbyterian ordained minister and seminary professor of Christian Education, was an adviser to the Fifth Assembly of the World Council of Churches (WCC) in Nairobi. There, in an informal meeting of Latin Americans, after a

round of reports from other countries on the little use of the preparatory study materials for the Assembly, with typical Cuban enthusiasm, Miriam told how they make maximum use of such items.

When a single copy of a book like “Jesus Christ Frees and United” arrives in Cuba, telephones promptly go into announce the good news, and reproduction in leaflets and church bulletins begins. Thus it was that a group of fifty young people in the eastern mountains of Cuba had access to and were studying the Bible lessons for the WCC septennial meeting.

Significant also was the participation as official delegates of Latin American women in the WCC Assembly. Seven of the twenty-two from Spanish or Portuguese speaking countries of the hemisphere were women, six between the ages of twenty-three and thirty-three.

The full impact of the influence of these young women, who benefited from that mind stretching experience, is yet to be felt in bringing a new dimension to an ecumenical church in this region.

Inside walls – not of a church but of a prison in Chile – a political prisoners in prayer. “We broke bread in a symbolic fashion. Fifty of us prayed together,” reported Sheila Cassidy, 37, after her release from jail in December.

She was arrested during a police raid on a Catholic mission house where she was attending a patient. She commented, “Not one of the one hundred twenty women who were held with me had charges made against them”.

Dr. Cassidy was held for fifty nine days and subjected to hours of electric torture. She was tied to bed, gagged, stripped and tortured by electrodes attached to her body. She was reluctant to discuss the lurid details. Even so, every Sunday in the prison she was celebrating a brief liturgy with other prisoners.

Sheila Cassidy was expelled from Chile and returned to England. She plans to follow through on the decision she mad over a year ago to become a nun. Her experience in prison was a determining factor in carrying our that resolution, she said.

(p. 10) foto de trabalhadores braçais

**

Poor in Brazil...(p. 23 e 24)

I am a thirty-seven year old Brazilian. My wife has had ten children and five are still alive. We used to live in Brasilia, our nation's new capital, because we heard there was work there, and there wasn't any in the small town where we were before. I am in construction work, carrying cement, bricks, water, mixing concrete, moving wooden forms and more.

I Said we used to live in Brasilia. One morning an army truck came to our house. They said we would be moved to a new town that afternoon. Some of our neighbors had already been moved. The soldiers came back, tore down our house, loaded it and us on the truck and drove for over an hour. On this barren hilltop called Ceilandia, they dumped us on a small lot and said it would be ours eventually when we paid for it. They told us to rebuild our house on the back of the lot because we were supposed to build a new brick house on the front. But with no money for food how can we buy bricks?

Now it takes me two hours to get to work. I have to leave at four in the morning and don't get home until after eight at night. Paying for buses means we cannot buy meat.

Our side of the town has no running water, although the government has promised it in two or three years. Twice a week the water truck comes and we run after it rolling one of our barrels. By the time it stops there are a lot of barrels waiting for water.

The we take the water home in old olive oil cans and empty them into our other barrel at the side of the house. Sometime I can't go to work because I must help with the water.

Last year they told us our children could go to school, but when we took them we did not have the right papers. They told us to come back when we had them, but there is no money to pay for them. I really want my boys to go to school.

Today the man at the job told me I am not needed any-more. I have been working on this building for almost a year. I know he needs workers. A friend of mine says they fire workers

before they work a year, If they don't the company must pay more, or there are some benefits. When I work full time I make \$57,00 a month. That doesn't happen very often.

Last month my cousin moved in with us. There are seven in his family and his daughter has meningitis. They went to the clinic we have, and after seven hours waiting they saw the doctor. He gave them some medicine and said she had to have it to live. Last week they missed their appointment for more medicine and can't get to the doctor for three or four more days.

Some of my children go to that Presbyterian church. They color and learn about Jesus. It gives them something to do. I'm Catholic but don't go to church much. I pray but nothing happens. I believe, sometimes. My neighbor told me the Presbyterian pastor helped his son get into school. He said they are building a community center, what ever that is. Maybe he can help me. I don't like to live this way, but what can I do?

2 fotos: operários e crianças na periferia DF.

ANEXO 6 - O Programa de Ensino Primário – 1930**(RESUMO)**

O Ensino deveria ser intuitivo e desenvolvido nos limites das orientações formuladas no texto do Programa:

Leitura – método analítico, a ser aplicado somente por professores especializados. Sua seqüência pautava-se por:

- a) fase preparatória, desenvolvida sob a forma de palestras, com o objetivo de desinibir as crianças;
- b) início da leitura, com explicações no quadro-negro;
- c) formulação das sentenças orais;
- d) revisão de sentenças, após cada serie de três ou mais lições;
- e) análise de sentenças, com destaque de palavras;
- f) leitura de tipo e de forma;
- g) entrega da cartilha, quando as crianças estiverem lendo regularmente sentenças no quadro;
- h) reconhecimento de sílabas, com organização, pelo professor, de listas de palavras começadas pela mesma sílaba;
- i) aprendizagem das letras;
- j) leitura de palavras derivadas dos polissílabos;
- l) leitura do 1º livro.

Caligrafia – adoção da letra vertical e ensino da escrita realizado concomitante com o da leitura.

Linguagem – conjugar as primeiras lições de linguagem com as *lições de cousas* de modo que a linguagem dos alunos seja resultado de observações anteriores. Cuidar tanto da linguagem oral quanto da escrita.

Arithmetica – dar ao ensino caráter intuitivo e prático, começando pelos rudimentos das quatro operações até exercícios mais complexos com problemas e cálculos orais.

Formas – como o previsto para o ensino da arithmetica, tornar prático e intuitivo o estudo de formas, feito este sempre a vista de modelos ou sólidos geométricos, evitando-se o emprego de termos técnicos e o ensino teórico de noções abstratas.

Desenho – coadunar o seu ensino com o da leitura e o da escrita, emprestando-lhe caráter puramente educativo. Considerado como linguagem viva e excelente meio de expressão, seria ensinado não como arte, mas como meio a desenvolver a imaginação, a observação e o gosto estético do aluno. O método a observar seria o da reprodução de modelos tirados ao natural.

Geografia – adotar, como método, o diálogo e motivar as aulas com mapas e tabuleiros de areia, bem como promover passeios com a classe.

Historia – desvincular do ensino o abuso excessivo da memória com datas e nomes; usar do recurso de contos interessantes em linguagem simples e, quando possível, iniciar a preleção com comentários sobre uma gravura alusiva ao tema tratado.

Instrução Moral e Cívica – vincular o seu estudo ao de linguagem. Tomada como uma disciplina integrante das demais atividades escolares.

Lições de Cousas - desenvolver o estudo de Ciências Físicas e Naturais sempre com o objeto à vista da criança, ou, na impossibilidade, da gravura que o represente. As *lições de cousas* visavam não ao ensino científico, mas sim ao desenvolvimento intelectual do aluno, através do cultivo da observação.

Música – ministrada a partir do 3º ano, por meio de exercícios de vocalização e respiração praticados diariamente.

Educação Física – com características modernas, seriam de responsabilidade de professores qualificados. Constituía em exercícios da ginástica sueca, conforme o modelo implantado por Fritjof Dethow, em SP.

Artes Aplicadas e Trabalhos Manuais - introduzidas em todas as serie, de maneira sistemática, com a finalidade de desenvolver a destreza manual, a criatividade e a capacidade de trabalho da criança.

O incremento das atividades curriculares fora devidamente organizado sob um esquema de controle e racionalidade do trabalho dos professores, com a composição de horários rígidos a serem observados no cumprimento das diferentes tarefas e severas advertências sobre o risco do improvisado (consideradas aulas perdidas em caso de não planejamento).

ANEXO 7 - Instruções para os trabalhos manuaes (1930)

CORREIO OFFICIAL - ESTADO DE GOYAZ – ANNO LXXIV – GOYAZ, 5ª feira, 22 de Abril de 1930 - n. 1.690. (p. 2, 3 e 4).

INSTRUCÇÃO PUBLICA DO ESTADO DE GOYAZ**TRABALHOS MANUAES*****Instruções adoptadas em São Paulo e observadas nas escolas publicas de Goyaz***

Instruções para a execução do programma de trabalhos manuaes

LOCAL DE TRABALHO

As aulas de trabalhos manuaes masculinos, à semelhança dos trabalhos femininos, não precisam, nos cursos primários, de salas ou commodos especiaes para os diversos exercícos que nellas se praticam.

Todos os trabalhos podem perfeitamente ser feitos na própria classe, sem inconveniente algum, antes com a vantagem da economia de tempo e de instalações mais ou menos dispendiosas.

Os horários dos cursos primários consignam para esta disciplina muito pouco tempo, quase insufficiente para taes exercícos, devendo, portanto, ser aproveitado da melhor maneira possível, sem perda de um minuto, com longas sahidas de uma sala para outra e com morosos preparativos.

Como na secção feminina, cada alumno, chegada a hora de trabalho, tomará o serviço que vem fazendo ou vai iniciar e proseguirá a sua tarefa, sem mais delongas.

Mesmo os trabalhos de modelagem e os de madeira podem e devem ser executados na sala de aula, tendo os alumnos o cuidado de forrar e proteger as carteiras com folhas de jornaes para, sobre estas, pousar as suas pranchetas – pequenos quadrados de taboa aparelhada, ardósia, papelão, vidro ou folha. A vigilância e cautela do mestre evitarão o menor estrago ou desasseio.

O barro será previamente preparado pelos serventes, em bolas muito bem amassadas, do tamanho de uma laranja regular, e estas serão postas em caixotes rasos, com uma alça, em cada sala, sendo designado pelo professor, um dos alumnos, para distribui-las aos collegas que vão trabalhar em modelagem. Não se deve desperdiçar o barro. Este pode ser de novo aproveitado, mesmo depois de secco, bastando para isso moe-lo e amassa-lo outra vez com água.

Para os alumnos lavarem as mãos e molharem os pannos que conservam humidos os trabalhos não terminados, será collocado em cada sala um balde ou outra vasilha com água, servindo-se della os meninos com toda ordem, sem pressa nem confusão, para não molhar e emporcalhar o soalho. Assim, aprenderão também a trabalhar com methodo, asseio e ordem e a fazer tudo bem feito e com cuidado.

Para as classes mais adeantadas, 3^a e 4^a annos, uma vez que exista no estabelecimento sala ou compartimento apropriado para esse fim, deverá ser o mesmo aproveitado, só tendo a lucrar com isso o ensino.

EXERCICIOS COLLECTIVOS

Os trabalhos serão, tanto quanto possível, collectivos, como manda o programma, sobretudo em se tratando de classes inferiores ou de exercícios simples e básicos, componentes das series educativas, para systematização do ensino. Nas classes mais desenvolvidas, dos annos superiores, não se pode seguir este mesmo processo de aulas, porque os trabalhos são mais diversos e mais complexos, não podendo ser concluídos em uma única aula e levando dias e até mezes alguns delles para a sua execução completa. Nestes casos, o trabalho colectivo seria de todo em todo impraticável. Impõe-se, então, a divisão da classe em três, ou mais turmas, cada uma das quaes se occupará num dado gênero de trabalhos, para que ninguém fique inactivo e tenham todos uma tarefa a desempenhar, isto desde o inicio das aulas até o encerramento, de Fevereiro a Novembro, e não como fazem certos estabelecimentos que costumam deixar os trabalhos manuaes para os últimos mezes do anno.

GENEROS DE TRABALHOS

Os trabalhos masculinos apresentam uma variedade illimitada, pois quase todas as artes e officios, todas as industrias e manufacturas, estão ainda hoje nas mãos dos homens.

Entretanto, em nossas exposições escolares, os trabalhos masculinos faziam sempre uma triste figura ao lado dos trabalhos femininos.

Era impressionante, chocante, a differença entre uma secção e outra, mantendo-se a masculina numa posição de inferioridade digna de lastima e de censura dos visitantes. Via-se a seção feminina tão rica em trabalhos, tão abundante em objectos os mais variados e úteis, feitos com capricho e muito gosto; e a seção masculina tão pobrezinha, tão pequenina, com um numero insignificante de artefactos, toscos e mal acabados, sem nenhuma utilidade, reveladores da má vontade e do descaso com que eram confeccionados.

Não havia nem há razão para tão profunda desigualdade, a não ser a maior facilidade em se obter o material para os trabalhos femininos e a sua immediata applicação e utilidade pratica. Sendo, porem, os trabalhos masculinos tão ou mais numerosos e variados que os femininos, não há motivos para não serem introduzidos em maior escala nas classes escolares com os mesmos resultados destes.

Alem dos exercícios mencionados no programma em vigor, poderão os professores introduzir em suas classes todo e qualquer trabalho que conheçam e saibam executar, sem se preocupar si devem pertencer a tal ou tal anno ou si estão fora da lista official, uma vez que estejam de accordo com o desenvolvimento dos alumnos e que sejam de innegavel valor educativo e de real proveito para os seus discípulos.

Sem se esquecerem e sem se descuidarem do programma, ficam os professores com toda a liberdade de acção neste ponto, podendo ampliar o numero e os gêneros de exercícos manuaes de suas classes com novos trabalhos, úteis e originaes, pois, como diz o programma, estes exercícos não podem ser delimitados com inflexível rigor e variam forçosamente de uma escola para outra.

AUXILIO ENTRE AS CLASSES

Professores há inteiramente incapazes de dar uma aula de trabalhos manuaes. Sem jeito para esses exercícos e sem terem aprendido a fazer com as próprias mãos qualquer coisas, esses professores, embora de reconhecida boa vontade e dedicação ao ensino, por muito que se esforcem, quase nada conseguem realizar nesse terreno, por lhes faltarem as habilitações necessárias. Cumpre, então, lançar mão do auxilio de outras classes para a sua não ficar de todo prejudicada nessa disciplina. Turmas de alumnos de quatro ou cinco passarão de uma classe para outra, para aprender a fazer certos trabalhos, e mesmo os professores mais hábeis, mais práticos e mais dedicados a esse ramo de ensino, poderão auxiliar os seus collegas menos geitosos, indo às outras classes dar lições dessa especialidade. Também os alumnos mais hábeis e conhecedores de certos gêneros difficeis de trabalhos manuaes poderão prestar o seu concurso nesse sentido, não só em sua sala como nas outras, e elles se sentem ate satisfeitos e entusiasmados com esse encargo, tornando-se optimos collaboradores de seus mestres. Com esta troca de alumnos, com esta mudança e auxilio recíproco dos professores e com a cooperação dos alumnos habilidosos, não mais haverá classes sem trabalhos e todas farão bella figura na exposição final.

MATERIAL PARA AS AULAS

Uma das grandes difficuldades no ensino de trabalhos manuaes é a de se obter dos alumnos o material indispensável. Esta queixa dos professores e directores é geral. Em toda a casa de ensino onde se não encontra nada feito, a desculpa / sempre essa. Nada se fez, porque as crianças não trazem o que é preciso. Todos muito pobres, filhos de operários, nem siquer o material escolar compram, quanto mais coisas que os paes julgam supérfluas e de nenhuma vantagem para seus filhos? Em parte, têm os professores razão. Seus insistentes pedidos aos pequenos difficilmente são attendidos. As famílias são inimigas dessas despesas e reclamam contra as exigências dos mestres. Para se obviar essa desintelligencia entre paes e mestres, o meio mais acertado é o de recorrer à matéria prima que nada ou quase nada custa, mais ao alcance de todos, que a natureza ou o meio nos poe a mão, como papeis de cores, serpentinas, caixas velhas de papelão, caixinhas de madeira fina, caixotes velhos, latas, palhas e fibras de toda a espécie, madeira molle de pita ou gamelleira, folhas, sementes ou contas, pennas, cascas de ovo, conchas, barbantes, fios, cordas, estopa, lá, couro, arame, argilla, cera e massas plásticas diversas, alem de outros productos que se encontram facilmente por toda a parte. Convem que os alumnos aprendam a aproveitar as sobras caseiras, a não desperdiçar nada, e a transformar em objectos úteis e vistosos aquillo que aparentemente nenhum valor tem. E preciso também que os artefactos confeccionados pelos alumnos tenham sempre um fim útil, uma applicação pratica, pois é bem sabido dos professores que, quando se trata de trabalhos aproveitáveis e de certo valor, as famílias não se negam a fornecer o necessário, antes o fazem espontaneamente, sem esperar pelo pedido dos professores.

UTILIDADE DOS TRABALHOS

Importa não perder de vista esta feição pratica e a utilitária dos trabalhos manuaes nas classes escolares. Todo o objecto executado pelo alumno deve ter uma serventia, deve ter uma applicação, deve ser uma coisa útil e necessária – um objecto de uso domestico, um adorno para o lar ou um simples brinquedo para distracção das crianças. O alumno, conhecendo o fim a que se destina a sua obra, reconhecendo a utilidade do seu trabalho, dedica-se com mais gosto, com mais interesse e mais atenção ao mesmo, procurando executa-lo com maior capricho. Para alcançar os resultados desejáveis, tem, pois, o professor de attentar para as três faces do problema do ensino manual, não encarando apenas o lado educativo, mas tomando em igual consideração o aspecto econômico e o utilitário, como acabamos de ver.

ACABAMENTO DOS TRABALHOS

Os professores não devem permittir que seus alumnos sejam relaxados ou desmazelados naquillo que fizerem. Exijam sempre delles toda a attenção, todo o cuidado e todo o capricho naquillo que sahir de suas mãos. Cada um deve dilligenciar-se por ser perfeito em tudo o que fizer. Causam desagradável impressão e provocam até censuras nas exposições, certos trabalhos grosseiros e grotescos, mal acabados e mal chanfrados, feitos às pressas e sem o menor capricho, que accusam a desídia do professor e a indifferença ou pouco caso dos alumnos. Certo, de crianças não se devem esperar obras perfeitas e irreprehensíveis; mas também não se deve tolerar que ellas fabriquem taes monstrenegos e coisas tão disformes, que lembram objectos prehistoricos ou de tribus selvagens. Não se deve cessar de recommendar aos alumnos que façam com todo o esmero aquillo que emprehenderem, pois vai nisso a principal condição de êxito na vida. Antes a qualidade que a quantidade; é preferível menor numero de trabalhos bem feitos, bem acabados, do que uma longa serie de quinquilharias feitas sem nenhum gosto e sem nenhuma arte.

SERIES EDUCATIVAS

Para sytematização do ensino, deverão os professores organizar series educativas de cada ramo de trabalhos manuaes, constituídas de exercícos graduados, de difficuldade crescente, dos mais fáceis aos mais difficeis, mostrando a marcha do ensino, os differentes passos por que tem de passar o alumno para adquirir os conhecimentos essenciaes em cada espécie de trabalhos, os fundamentos de cada arte, antes de iniciar os trabalhos de applicação. Esses exercícos seriados já são praticados em muitos estabelecimentos de ensinos e colleccionados em cadernos, em álbuns e em quadros de papelão ou madeira, e devem ser generalizados para todas as classes e para todas as actividades manuaes, porque, uma vez organizados com intelligencia e cuidado, poupam, de futuro, trabalho aos professores e tornam mais rápido e mais efficiente o aprendizado das crianças, habilitando-as em pouco tempo. Concluída a serie, a executar com desembaraço qualquer trabalho de applicação, tal qual se observa nas escolas profissionaes onde a aprendizagem se faz com muito maior presteza do que nas officinas particulares, em virtude de adopção deste methodo racional. Cada professor poderá organizar as suas series e irá introduzindo nellas, de accordo com a pratica e as lições da experiência, as modificações que julgar convenientes, até que sejam adoptadas por todo o estabelecimento aquellas que tenham dado melhor resultado, a juízo do director e dos professores mais auctorizados neste assumpto.

MARCHA DO ENSINO

Terminada a serie educativa de cada gênero de trabalho, passarão os alumnos a confeccionar objectos de applicação, aproveitando para isso a matéria prima mais ao seu alcance, mais econômica e de mais fácil manejo.

Os trabalhos de applicação terão, como já vimos, um caracter accentuadamente pratico e utilitário, com o fim de iniciar as crianças nas pequenas industrias domesticas, que não deixam de concorrer para maior conforto e alegria do lar e para allivia-lo de não poucas despesas.

Esses objectos, não é demais repeti-lo aqui, devem ser sempre ou um artefacto de uso domestico, ou um adorno ou ornato para qualquer parte da casa ou um simples brinquedo para as próprias crianças.

Seguindo a marcha indicada pelo programma, faremos nas classes atrazadas, 1º e 2º annos, trabalhos de dobraduras, tecelagem e trançagem, cartonagem, recorte e princípios de modelagem; e nas classes superiores, 3º e 4º annos, executaremos alguns desses exercícios com maior desenvolvimento e especialmente os trabalhos de modelagem e artes applicadas e os artefactos de madeira.

Examinemos cada gênero de exercícios do programma em vigor, para ver qual a extensão que podemos dar a taes trabalhos nas classes primarias.

DOBRADURAS E ARTEFACTOS DE PAPEL

Estes exercícios, como quase todos os outros do programma, poderão ir ao 1º do ultimo anno escolar, si lhes quizermos dar um largo e completo desenvolvimento.

Os primeiros exercícios serão feitos em papel commum, papel de calculo ou folhas usadas de caderno, para os alumnos apenas praticarem, em seguida, farão a serie educativa de exercícios baseados no quadrado, o rectangulo e no triangulo, em papel de cor ou lustroso, para as colleções dos cadernos ou dos álbuns e para applicações em outros artefactos, especialmente nos de cartonagem. Feitos estes trabalhos apenas educativos, passarão os alumnos a executar exercícios de applicação, como os que seguem: - pratica de pacotes e embrulhos, capas em livros, saccos de papel usados no commercio, enveloppes de todos os feitos e tamanhos, copos hygienicos, funis para vasos e garrafas, cartuchos e envolucros para doces, cápsulas para rolhas; ornatos japonezes de papel – correntes ou festões para tecto, - pendentés para lâmpadas e lustres, guarnições para armários; cortinas japonezas, bolas, folhas e flores de papel; trabalhos diversos em papel “crepon”; brinquedos, - chapéos, carapuças, barquinhos, pica-paus, papa-ventos, papagaios, aeroplanos, balões, lanternas cylindricas esphericas, bandeirolas, etc. etc.

TECELAGEM E TRANÇAGEM

Os exercícios desta natureza estão muito diffundidos em todos os nossos grupos escolares. São muito educativos e de grande utilidade, offerecendo um vasto campo para as actividades manuaes dos escolares, com despesas quase insignificantes.

A tecelagem será ensinada a principio com qualquer papel, mais tarde, com serpentinas e, por fim, com o papel lustroso, especial, existente à venda.

Os alumnos começarão por fazer toda a serie de mosaicos, de variados desenhos, para as colleções em cadernos ou álbuns e também para applicações nos artefactos de cartonagem, procurando, ao mesmo tempo, criar novos typos, idear novos modelos e combinações, para despertar a sua faculdade inventiva e criadora e não se tornarem meros copistas ou imitadores do que os outros fazem. Em todos os trabalhos manuaes, deve-se ter sempre presente esta recommendação. O professor mostrará aos alumnos a utilidade desses exercícios em papel e suas applicações industriaes em ladrilhos, azulejos, papeis pintados, vitraes e em padrões variados de tecidos e os encaminhará a empregar as mesmas combinações em material mais durável e resistente, como –fitas, fitilhos, feltros, casimiras, oleados, couro, palhas de chapéu, fitas de madeira laminas de bambu, etc., para a confecção de objectos usuaes – esteiras, tapetes, almofadas, balaios, jacas, cestas, corbelhas, cóvos, peneiras, abanadores, etc. entram aqui os trabalhos de fibras e palhas diversas, comprehendendo entre outros artefactos de ráfia – caixinhas, cestinhas, abat-jours e outros utensílios e ornamentos caseiros; os tecidos de palhas de cadeiras; e os artigos de vime – cestas, balaios, corbelhas, mesinhas, cadeiras e outros moveis de fácil execução. Applicam-se as serpentinas numa infinidade de objectos interessantes, empregando-as de quatro modos: entrelaçadas ou trancadas, em estrellinhas, em tubinhos, e enroladas, podendo tomar a forma que se queira, como se fora uma matéria amoldável.

Incluem-se também entre os exercícios desta natureza os trabalhos de barbante, fios, cordas, estopa, arame, e tiras ou retalhos de folhas de Flandes. Os trabalhos de barbante tem larga applicação e estão muito espalhados pelas classes primarias, onde se fabricam, com nós, laços e trancas diversas (macramé), bolsas e saccos para compras e para lanche, barras para cortinas e reposteiros, porta-jornaes, porta-toalhas, cintas, suspensórios, barrigueiras, etc.; com linhas e fios, temos os exercícios de *filet* – redes, para pesca e para caça de borboletas, idem para pingue-pongue, bola ao cesto e outros jogos, servindo ainda para bolsas e saccolas; com cordas e embiras se fazem capachos, tapetes grossos, passadores e redes de balanço; de saccos de estopa ou aniagem se confeccionam pellegos e tapetes ou toalhas, com applicações de lã, sendo também esta especie de trabalhos muito praticada em nossos grupos escolares, alguns dos quaes apresentam verdadeiras secções de tapeçaria em suas exposições; o arame presta-se para armações diversas de abat-jours, cestinhas, caixinhas, etc., para redes ou telas para gallinheiros e viveiros, e para a construcção de cestas para ovos e fructas, ratoeiras, gaiolas, alçapões, grades e vários outros objectos; de tiras de folhas de Flandres, alguns hábeis professores tem feito bellas cestinhas para bombons e outras serventias.. (cont...)

CORREIO OFFICIAL - ANNO LXXIV – GOYAZ, 3ª feira, 29 de Abril de 1930, n. 1.692.
SECCÃO – INSTRUÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DE GOYAZ

(p. 4)

TRABALHOS MANUAES

Instruções adoptadas em São Paulo e observadas nas escolas publicas de Goyaz

Instruções para a execução do programma de trabalhos manuaes (cont...)

CARTONAGEM E CONSTRUCOES

São também estes trabalhos muito communs em nossos grupos escolares e preferidos por grande numero de nossos professores. São econômicos porque podem ser executados com caixas velhas de papelão, e com papel cartão novo ou usado. A variedade de artefactos construídos com papelão é tão vasta que dispensa aqui uma longa enumeração. Partindo, de accordo com o programma, da construção de sólidos geométricos, a cartonagem abrange o fabrico de caixas de todos os tamanhos e feitos, desde as mais simples e toscas até as mais delicadas e caprichosas, para bombons e porta-joias; manufactura de artefactos de uso domestico – ventarolas, abanadores, bolsas para colegiaes, pastas para papeis, porta-jornaes, porta-cartas, porta-cartoes, porta-retratos, porta-espelhos, porta-folhinhas ou blocos, porta-escovas, porta-relogios, cachê-pots, abat-jours, cantoneiras e outros objectos de muita utilidade; construções de casas, moveis em miniatura, jogos e brinquedos de papelão, como os que vêm na revista “Tico-tico” e outras como os que se acham à venda, de origem franceza ou allema, e tão em voga entre esses povos para a educação manual das crianças; por fim, reformas fáceis e simples de livros, com ligeiras noções de encadernação. Os artefactos de cartonagem tornam-se mais vistosos e mais valiosos com aplicações de fitas, dobraduras e ornatos de papel, tecelagem, recortes de chromos e silhuetas, alinhavos, vidrilhos, desenhos a cores ou bico de penna, relevos a canivete, etc.

RECORTES SILHUETAS

Os recortes de figuras, chromos e silhuetas ou perfins em papeis de cores, pretos ou lustrosos, têm muitas aplicações e não deixam de contribuir para a educação manual da criança. Estes exercícos podem ser feitos a tesoura ou a canivete e colleccionados em cadernos ou álbuns, com as dobraduras e tecelagens, podendo-se também constituir, com a combinação das figuras recortadas, quadros de scenas diversas, como os desenhos de imaginação. Nestas aulas os alumnos aprenderão a cortar bicos, festões e ornatos para prateleiras e armários, toalhinhas para bandejas, vasos e centros de mesa, em papel, panno, feltro, oleados ou couro. Os chromos e silhuetas são muito usados nos trabalhos de cartonagem e de madeira e em vasos, columnas, cahe-pots. Estes exercícos podem ser combinados com os de dobraduras, em ornatos de papel.

MODELAGEM EM BARRO

A modelagem em barro é o exercíco manual mais antigo de nossos programmas escolares. Raro era o grupo que não o praticava há bem poucos annos. Ultimamente tinha sido também olvidado e posto à margem no ensino primário. E, talvez, o exercíco mais educativo e de melhores resultados no adestramento das habilidades manuaes. Fácilmo de ser praticado em qualquer casa de ensino, em vista do preço ínfimo da matéria prima, devia gosar da mesma importância do desenho nas classes elementares, como seu complemento e como um dos preciosos meios de educação e de ensino. As aulas de modelagem devem basear-se nas aulas de desenho e completa-las, visto a terceira dimensão, representada no desenho pelos claros e escuros do sombreado, ser concretizada no barro, pelo alumno, nos altos e baixos do relevo. Antes de modelar qualquer formar é preciso saber desenha-la. O desenho deve sempre preceder a modelagem e esta apoiar-se sempre naquelle.

Os mesmos temas ou assumptos de desenho podem servir para as aulas de modelagem e vice-versa.

Já foi dito como devem ser feitos os preparativos para as aulas de modelagem e onde deverão ellas ser effectuadas.

De conformidade com o programma, os alumnos começarão pelos sólidos geométricos dos mais simples aos mais difficeis, passando em seguida a modelar as formas naturaes que delles mais se approximam – fructos, raízes e hortaliças em geral. Das fructas e hortaliças, passaram às folhas, ramos e flores, aos ornatos e frisos com estes elementos, à reprodução de objectos de uso commum e de uso domestico – chapéus, calçados, vasos e vasilhas, artigos de mesa e de cozinha, inteiros e em relevo, animaes de fácil representação, em baixo relevo, sobre planos – aves, peixes, reptis, insectos, etc.) transformando estes trabalhos em objectos de adorno ou de uso domestico – bibelots, pesos para papel, cinzeiros, potes para limpa-pennas, porta-alfinetes, agulheiros, paliteiros, etc., depois de seccos, queimados ou assados, fundidos em gesso e esmaltados ou pintados a aquarella, terminando-os também com patina dourada, prateada, bronzada, etc.

Todos os trabalhos em barro devem ser tirados do natural, sempre com o modelo à vista, salvo em se tratando de trabalhos de invenção ou imaginação, de composições ornamentaes simples, com motivos já estudados. Para reprodução de animaes, em varias posições, servem perfeitamente os modelos de celluloides e de outras massas, tão fáceis de se obter em toda a parte e mais ou menos perfeitos. Estes trabalhos de modelagem devem ser pequenos, delicados e muito bem acabados para poderem figurar numa sala.

Si houver na escola alumnos com decidida vocação para esta arte, serão tentados ou ensaiados, alem dos mappas em relevo, pratos e medalhões com pausagens, flores e fructos, natureza morta, perfis de homens eminentes e até um ou outro busto pequeno. Os alumnos devem aprender durante estes trabalhos a utilidade e a importância da modelagem ou plástica – base de toda a arte decorativa, com applicações innumerables de marcenaria (entalhe) na mecânica (fundição e serralheria) na cerâmica, na marmoraria e na architectura. (cont.,)

CORREIO OFFICIAL - GOYAZ, 3ª feira, 6 de maio de 1930 - n. 1.693.

TRABALHOS MANUAES (cont...)

ARTES APPLICADAS

As professoras queixam-se de que não conhecem a modelagem e que não sabem trabalhar em barro. E justificável a sua desculpa e até certo ponto ellas razão de não poder cumprir esta parte do programma. Quase todas ellas, porem, têm certa pratica das chamadas artes applicadas que são occupações mais para senhoras do que para homens. Com esses conhecimentos, poderão ellas substituir ou ampliar as aulas de modelagem em barro com trabalhos em cera, parafina, gomme laque, gesso, massa de papelão ou outra massa plástica qualquer, na feitura de fructas de cera, de vasos com applicações de capas de revista, cacos de louça, conchas, pedregulhos, etc., ornatos e ramagens em vasos, cachê-pots, columnas, pratos e medalhões, alem de outros artísticos e apreciados trabalhos desta natureza que saem de mãos femininas.

SERRINHA E ENTALHE

Os trabalhos de serrinha, vão ganhando, dia a dia, terreno em nossas escolas, pela facilidade de sua execução e pelos estimados productos que dahi se derivam. Os artefactos de madeira feitos de peças recortadas com serrinhas têm tanta serventia e são tão procuradas que há toda vantagem em se aprender a construi-los. Ficam, por isso, muito bem nas classes primarias.

O material para estes exercícos custa pouco e, às vezes, coisa nenhuma. Podem ser feitos de taboas finas de caixas de charuto, caixa de giz, caixas de lança-perfumes, injecções, extratos, etc., e especialmente para os labores mais finos de uma madeira branca e molle, que se não quebra facilmente, denominada cacheta. Basta o grupo escolar adquirir umas três ou quatro armações para serrinha (serrinhas de arco) e com aquelle material estará apto a produzir objectos de muito agrado para os alumnos e para seus paes. Com papel carbono ou papel de seda, passam-se os riscos ou moldes sobre as taboinhas que devem ser recortadas pela serrinha, para formar as peças do objecto que se tem em vista, sendo estas encaixadas, ao ter de se armar o artefacto. Com estas serrinhas, constroem-se os mesmos objectos de adorno e de uso domestico que se confeccionam nos exercícos de cartonagem e alguns mais, com a vantagem de serem mais firmes, mais resistentes, mais duráveis e de maior serventia e emprego, taes como: - porta-jornaes, porta-toalhas, porta-cartas, porta-cartoes, porta-retratos, porta-bibelots, porta-vasos, prateleirinhas, porta copos, galheteiros, cachê-pots, abat-jours, cantoneiras, porta-canetas, bandejas e pratos, esteiras para pratos, casas e castellos, casa de boneca ou moveis em miniatura, caixinhas à fantasia, bibelots formados de silhuetas de animaes tirados de figuras, desenhos, recortes, etc.; brinquedos de madeira, palhaços, bonecos e animaes com movimento, carrinhos, jogos, etc. Algumas escolas combinam estes exercícos com os de pyrogravura.

Os exercícos de entalhes de folhas, flores, fructos, ramos, ornatos e animaes, serão riscados na taboinha pela forma que já vimos e depois lavrados a canivete, formão ou goiva, é aproveitados na confecção de pequenas peças como as precedentes.

Podem ser ensaiados alguns ornatos simples de moveis.

TRABALHOS A CANIVETE

Os trabalhos de entalhe ou ornatos em madeira – continuação e aplicação dos exercícios de modelagem em barro – devem ser completados pela reprodução em madeira molle (gameleira, cacheta, (...) (...)) de objectos de uso comum, instrumentos, ferramentas, canetas, facas para papel, pesos, animaes, fructos, hortaliças, folhas, flores, e outros productos da natureza, esculpidos a faca ou a canivete, groza e lixa. Fazem por este processo os mesmos objectos reproduzidos em barro nas aulas de modelagem, com a vantagem de muitos delles terem melhor aproveitamento por ser menos quebradiços. E o treino mais efficaz para a attenção e a paciência das crianças, que sentem um grande prazer e interesses em taes exercícos.
(cont...)

CORREIO OFFICIAL, GOYAZ, 5ª feira, 8 de Maio de 1930 – n. 1.694
(p. 5 e 6)

ARTEFACTOS DE SARRAFOS

Com estes exercícos, encerramos a serie de trabalhos manuaes nas classes elementares. Para pratica-losno grupo, não há necessidade de ferramental caro e complicado: apenas um serrote de costa, formão, martello, pregos ou parafusos, lixa e nada mais. Os sarrafos devem ser adquiridos já aparelhados. Os alumnos nada mais tema fazer do que tratar de serra-los, ajusta-los e monta-los em pequenos moveis, taes como: - porta-vasos, porta-toalhas, cachê-pots, jardineiras, cancellas, gradinhas, biombos, escadas, estantes, prateleiras, tamboretos, cabides, mesinhas, sofás, cadeiras e outros moveis simples em sua execução.

Terminam aqui os trabalhos manuaes masculinos nas escolas. Como se viu, o campo é extenso e vastíssimo, cabendo aos professores escolherem dentro dessa enorme variedade, já experimentada, os exercícos que mais convenham às suas classes, para a educação manual de seus discípulos. E claro que ninguém vae exigir que se pratique tudo o que ahí ficou dito, como simples sugestões para a execução do programma.

NECESSIDADE DOS TRABALHOS MANUAIS

Nenhum povo precisa tanto do ensino de trabalhos manuaes em suas escolas como o nosso. Temos tal e qual aversão pelos trabalhos manuaes e é notória a repugnância das famílias brasileiras por essas actividades que têm na conta de humilhantes e pouco dignas de gente boa e distincta. Vicio de educação e influencia ancestral, originada decerto no trabalho servil que por tantos annos manteve a vida econômica do paiz, esse preconceito tem prejudicado e embaraçado o nosso surto industrial e commercial, a nossa produção fabril e manufactureira, quase toda nas mãos de estrangeiros. Nos desdenhamos os officios, as artes, as occupações manuaes e nos contentamos com os empregos públicos ou com as collocações mais limpas, mais brilhantes, mais honrosas... fazemos, nesse andar, de nossos filhos empregados e eternos subordinados e vemos com indifferença a riqueza nacional passar para as mãos de elementos forasteiros, mais activos, mais práticos e mais previdentes. A nação toda soffre deste mal. Com recursos naturaes extraordinários, não produzimos nem a quarta ou quinta parte do que deveramos produzir.

Si educar é preparar para a vida, nós temos feito a educação de nossos filhos pela metade, temos dado aos homens de amanhã, na phase da vida em que se gravam tantas impressões e se formam todo os hábitos, uma educação incompleta e falha, com só cuidar de seu cérebro e de

sua intelligencia, enchendo-lhes a cabeça de bellas idéias, de bellos princípios e de bellas theorias, sem lhes ensinar a servir-se das próprias mãos para realizarem ou porem em pratica esses conhecimentos accumulados na mente.

O ensino manual deve seguir parallelamente o ensino mental, um deve ser o complemento do outro, ambos devem ter igual desenvolvimento e merecer igual atenção, como nos paizes mais cultos, afim de se dar aos educandos a capacidade de fazer, de criar, de produzir, de realizar pelas próprias mãos, habituando-os desde cedo a servir-se tanto de suas mãos como de seu cérebro em suas obras, para, na vida social, saber pensar e saber agir.

VANTAGENS DESTAS AULAS

Os exercícius manuaes educam a vista, dão o senso das medidas e das proporções, da symetria e da harmonia de linhas; desenvolvem e garantem a habilidade de agilidade das mãos, a destreza dos dedos, a firmeza dos golpes e a segurança e precisão dos movimentos; despertam e criam o gosto artístico, o sentimento esthetico, o amor ao bello, às formas perfectas.

Faculdades e virtudes essenciaes na vida do homem, das quaes dependem o seu destino, são estimuladas e fomentadas por esses exercícius: - a atenção, pedra angular de todo o ensino, condição primeira de toda a aprendizagem ou pesquisa da verdade, meio único para aacquisição de conhecimentos, adquire maior poder de concentração e de persistência, pois o alumno, pelo interesse que suscitam as actividades manuaes, raramente desvia o pensamento daquillo que está fazendo; a paciência, virtude por excellência dos sábios e dos investigadores, a ponto de se dizer que “o gênio não é mais do que uma longa paciência” – também tem muito a ganhar nos exercícius manuaes, porque o alumno vae aprendendo a vencer uma por uma as difficuldades, até completar a obra, sem esmorecer com os insucessos supervenientes; a perserverança, qualidade primordial dos caracteres fortes, virtude sem a qual nada se consegue nesta vida, é igualmente assegurada e beneficiada pela actividade das mãos, por ter o alumno de fazer e desfazer muitas vezes a mesma peça, até ver seus esforços coroados pelo êxito final.

Alem disso, o trabalho manual nas escolas desperta vocações, descobre aptidões latentes, aproveita, estimula e guia fortes temperamentos artísticos, que permaneceriam esquecidos e ignorados, si não fossem por esta forma provocados.

As actividades manuaes e braçaes têm ainda salutaes effeitos sobre a saúde, contribuindo para o equilíbrio do systema nervoso, desenvolvendo os músculos por completo e activando a circulação.. (cont....)

CORREIO OFFICIAL, GOYAZ, Sabbado, 10 de Maio de 1930 - n. 1695
(p.5).

O EXEMPLO EXTRANGEIRO

Os paizes mais adeantados e de mais alta e brilhante civilização, alem do carinho com que tratam o ensino profissional, dão hoje grande importância ao ensino manual em suas escolas primarias e procuram aperfeiçoar cada vez mais esse ensino, como vemos nos Estados Unidos, no Japão, na Suécia, na Allemanha e em muitos outros povos. Comprehendem essas nações que o trabalho manual, ensinado desde os verdes annos, nas classes primarias, ao mesmo tempo que se forma e se cultiva o espírito e a intelligencia da criança, prepara homens

com uma visão e um senso mais pratico da vida, homens activos e emprehendedores, homens de iniciativa e de ação, que sabem pensar com acerto e obrar com firmeza. Essa educação pratica utilitária, que tem feito a riqueza e a grandeza desses povos, promovendo-lhes o progresso manufactureiro e fabril, encaminha os jovens para as actividades criadoras e productoras, para a vida intensa e fecunda das officinas, das fabricas e das usinas ou para a vida agrícola e pastoril, onde todos trabalham e todos produzem para o bem estar da collectividade. O poder de uma nação faz-se do poder mental e do poder manual de seus filhos. Educar a mente sem educar as mãos é formar um povo de incapazes e os incapazes devem ceder o lugar aos mais aptos.

AS EXPOSIÇÕES ESCOLARES

São obrigatórias as exposições de trabalhos escolares no fim do anno. Si houver espaço, será conveniente que se faça em cada estabelecimento uma exposição de trabalhos masculinos e uma exposição de trabalhos femininos, para maior realce dos artefactos apresentados por uma e outra secção.

As exposições de trabalhos são excellentes e efficazes meios de propagação de toda e qualquer casa de ensino. Os paes, e com elles o publico em geral, avaliam as escolas pelas suas exposições. Onde mais se trabalha, ahi mais se deve aprender.

Não é esse um juízo errôneo. A exposição escolar é um índice do entusiasmo, da capacidade e do esforço dos professores. Por ella se julga a orientação do ensino, a boa vontade e a dedicação dos professores e o aproveitamento e adeantamento dos alumnos. Ella revela os methodos adoptados, os processos seguidos em cada disciplina e os resultados alcançados. Numa época em que se prega com calor o ensino activo, a instrução pela ação e o “aprender a fazer, fazendo” é bem de ver a necessidade e o valor das exposições escolares.

(cont...)

CORREIO OFFICIAL - GOYAZ, 3ª feira, 13 de Maio de 1930 – n. 1.696.

(p. 2).

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Num dos grupos da Capital, provavelmente no novo prédio em que vai ser installado o grupo escolar do “Triumpho” vae-se reservar uma das maiores salas para ser occupada com uma exposição permanente de trabalhos manuaes e graphicos das escolas publicas.

As vantagens de uma exposição permanente dos trabalhos originaes e bem acabados de nossas escolas estaduaes, para ser visitada por professores e auctoridades escolares de todo o Estado, são tão patentes e indiscutíveis que dispensam outras considerações.

Nella figurarão os melhores trabalhos das escolas do Estado, dignos de ser expostos para servirem de padrões ou modelos nas aulas dessa natureza. Os objectos ahi expostos constituirão uma espécie de museu escolar, uma demonstração do que se pode conseguir do trabalho das crianças nas classes, uma indicação pratica e concreta do plano a seguir na execução do programma desta disciplina. Todos os objectos destinados a essa exposição deverão ser enviados à Directoria Geral da Instrucção Publica.

(cont...)

CORREIO OFFICIAL , GOYAZ, Sabbado, 17 de Maio de 1930 – n. 1.697
(p. 4 e 5).

INSTRUCCÕES PARA O ENSINO DOS TRABALHOS MANUAES FEMININOS NAS ESCOLAS PUBLICAS DO ESTADO DE GOYAZ

No ensino dos trabalhos manuaes, a professora tem uma tarefa bastante vasta a cumprir, pois não somente deve occupar-se em que as alumnas adquiram uma determinada destreza technica e conhecimento dos trabalhos que executam, como também da influencia educativa desse ensino.

Um bom methodo de ensino apresenta agradavelmente a lição e adianta depressa a alumna, enquanto que um methodo não adequado a desgosta e desanima.

Um bom methodo para o ensino dos trabalhos considera o exercíco, isto é, a pratica, como principal requisito para conseguir o seu fim e distingue o trabalho em methodico, ou de serie, e applicado.

O trabalho methodico serve para adquirir a necessária habilidade e os competentes conhecimentos, enquanto que, no trabalho applicado ou útil, confeccionam-se peças e objectos que são empregados no lar.

A professora, no ensino dos trabalhos manuaes, deve formar o sentimento da vida domestica e despertar nas crianças o gosto e o amor aos trabalhos úteis.

Para esse fim, antes de cada exercíco e relativamente ao mesmo, deve falar sobre a qualidade dos trabalhos e sua execução, sobre o material a empregar nos mesmos, sua compra, preparo, suas qualidades e seu emprego em geral e em relação com outras matérias, quando se der ocasião, como arithmetica, geographia, geometria, historia natural.

Deve-se mostrar às alumnas a utilidade e necessidade dos trabalhos manuaes, pois, especialmente nas meninas maiores, é isso um grande incentivo e facilmente se enthusiasmam para uma actividade que lhes traz evidentes benefícios.

Pela animação e interesse nos trabalhos, será despertado o gosto e o amor para os mesmos, tendo como consequência uma collaboração livre, espontânea e prazenteira das alumnas, e, por conseguinte, um bom resultado no ensino.

A professora deve incitar as alumnas a considerar a confecção de sua roupa branca e outras peças do vestuário sob o mesmo ponto de vista: quando é apresentado um determinado objecto e sua utilidade, o ensino ganha em interesse.

Deve guiar as alumnas para a actividade própria para que se tornem independentes; isto somente será conseguido quando todo o trabalho confeccionado, desde o inicio até o fim, é feito pelas alumnas. Deve exigir que os erros commettidos no trabalho sejam corrigidos pelas próprias alumnas.

Pela confecção independente e individual dos trabalhos, as alumnas adquirem confiança em si próprias e a necessária coragem para experimentarem sosinhos outros trabalhos. Para que o

consigam é, porem, necessário dar-lhes as precisas bases, que lhes facultem e facilitem fazer suas experiências e desenvolver suas habilidades.

Não consentir trabalhos errados e mal feitos, mas ser severa na exigência dos trabalhos sem erros e muito asseados.

Mandar desfazer o trabalho mal feito, ou corrigir os erros afim de que as alumnas se acostumem ao trabalho exacto e ordenado.

Fiscalizar o trabalho em cada lição e mais frequentemente o das meninas que trabalham mal. Quando assim não se procede, precisa-se às vezes desfazer muito, com o que se perde muito tempo e as crianças ficam desanimadas.

Quando se falla de um trabalho, deve-se também mostrar, o porque e inútil lembrar a utilidade e o emprego de determinado objecto sem mostra-lo, sendo que a vista do mesmo deve despertar o interesse das alumnas. O trabalho confeccionado que se mostra às alumnas deve ser irreprehensível e digno de ser imitado. Das alumnas deve-se exigir somente os trabalhos correspondentes às suas forças. Deve julgar-se as alumnas na medida de sua capacidade e habilidade; louvar as dilligentes, animar as fracas, censurar as preguiçosas; deve-se formar o gosto das alumnas que lhe poderão mais tarde servir valiosamente.

Quando o trabalho de confecção de amostras é bem feito, forma o gosto das alumnas.

O ensino elementar nos trabalhos manuaes é muito difficil e laborioso porque a professora não tem de lutar somente com a intelligencia ainda embotada das alumnas, mas também com a sua innhabilidade, pois os seus pequenos dedos não são ainda adestrados; no começo são extraordinariamente duros e desageitados. E, pois conveniente fazer proceder aos exercícios principaes, exercícios preparatórios para tornar os dedos um pouco mais flexíveis. Em geral esse ensino deve ser preparado com determinados exercícios de segurar utensílios e o material. Deve-se dar uma grande importância ao manejo dos mesmos, para que as alumnas não tomem maus hábitos. No inicio, o principal é a exacta execução das malhas e dos pontos; segue se a execução bem igual e depois como consequência de um exercício diligente, a destreza.

Para isso, as alumnas não devem executar o trabalho distrahidas, sem pensar, mas a professora tem de fallar, explicar desenvolver os conhecimentos, sucessivamente, procedendo devagar mas segura, deixando as alumnas achar por si mesmas conhecimentos, fallar e formar seu juízo afim de que espontaneamente se animem e se activem.

Parece opportuno deixa-las copiar as amostras que a professora ensinou no bastidor próprio no ensino do trabalho colectivo, pois assim ellas aprendem e comprehendem melhor.

O panno de amostras só será começado depois que as alumnas tenham adquirido determinada habilidade e exactidão na formação dos pontos.

A instrução elementar dos trabalhos é de especial importância, pois de uma boa base depende o ulterior sucesso da confecção dos mesmos.

Nas primeiras classes, a instrução nos trabalhos manuaes deve exigir em primeiro lugar a consecução da habilidade technica: o ensino deve-se occupar principalmente disso.

Um bom methodo influe também sobre a formação moral, porque uma disciplina severa, assim como uma ordem perfeita em tudo, o proceder gradativo e o consequente desenvolvimento espiritual da criança muito pesam sobre sua intelligencia e sua educação moral.

Terá o melhor methodo a professora que se dedica com todo o amor à sua profissão, que é completamente senhora da matéria, que observa exactamente uma sabia restrição e baseia seu ensino na experiência e no discernimento.

REGRAS GERAES PARA O ENSINO METHODICO DOS TRABALHOS

No processo de ensino dos trabalhos deve-se sempre ter em vista o fim do mesmo que é:

- 1º - Proporcionar às alumnas a habilidade technica;
- 2º - Dar-lhes certos conhecimentos necessários para o bom governo da casa;
- 3º - Influir educativamente sobre às alumnas.

Esse ensino tem, pois, um lado pratico e um pedagógico; deve proporcionar, com a destreza technica, os conhecimentos necessários e fazer valer sua influencia educativa.

A professora, no ensino dos trabalhos, não se deve limitar a instruir as crianças sobre uma determinada habilidade, mas também animar as forças espirituas das crianças, influir sobre o seu poder intellectual e sobre certas qualidades moraes, como paciência, limpeza, nitidez, gosto e em geral sentimento de família.

E para conseguir tudo isto e tornar as meninas capazes de pensar e crear e despertar nellas o gosto para uma actividade útil, a professora não deve ter em visto só a conveniência de certos trabalhos caseiros, mas também sua influencia moral e educativa, afim de tratar o ensino com devido methodo.

Nas classes elementares, não se deve começar trabalhos de grande vulto, que tomem mais tempo, porque cansam as crianças e lhes tiram o gosto do trabalho.

Há crianças que, por não terem dado resultados satisfactorios nas diversas matérias do programma, repetem a classe; então devem repetir os trabalhos já feitos; mas se ellas forem boas alumnas em trabalho, devem occupar-se com trabalhos differentes dos já confeccionados. Seria inútil, por exemplo, quando uma alumna sabem bem o crochet, exercitar em bordados, costurar, fazer outra vez o panninho de costura e repetir os mesmos exercícios de crochet e bordados; pois isso seria perder tempo. Taes alumnas podem se occupar com um trabalho differente, mas correspondente à classe.

Ensinar com clareza, afim de que as alumnas comprehendam tudo bem, pois o que não é bem comprehendido perde em interesse. Ensinar as alumnas a trabalhar pensando e a pensar trabalhando, afim de que possam dar conta a si próprias e a outrem, porque isto ou aquillo deve-se fazer de um jeito e não de outro e lhes facilitar a comprehensão para a execução dos trabalhos que se usam no lar.

Não começar muito de uma vez, para que as alumnas possam observar, reflectir e guardar o que aprenderam e o que vão aprender.

Repetir o que ensinou, afim de que fique impresso na memória das alumnas. Na repetição, cuidar que tudo seja dito conforme foi ensinado e que não fique duvida nenhuma, nem exposição errada. Repetir, no começo da lição, o assumpto da ultima aula e, no fim, o objecto da lição presente. Fazer sabbatinas no fim de semana, no fim do mez, etc..
(cont...)

CORREIO OFFICIAL, 5ª feira, 22 de Maio de 1930 - n. 1.699
(p. 5 e 6).

METHODO DO ENSINO COLLECTIVO NOS TRABALHOS MANUAES

Nos grupos escolares, onde há quatro classes distinctas, a professora deve empregar o ensino collectivo que tem por fim formar a habilidade das alumnas possivelmente no mesmo grau, para que todas, igualmente progredindo, alcancem o fim estabelecido no mesmo tempo e no menor espaço.

A base do ensino collectivo consiste em instruir as crianças todas ao mesmo tempo numa serie de trabalhos, em procurar um progresso possivelmente igual e, conduzi-las todas ao mesmo fim no tempo prescripto pelo programma.

Na instrução collectiva dos trabalhos há cinco cousas principais a observar: o ensino (preleção), a intuição, a explicação, a exhibição e o compasso.

A preleção tem principalmente o fim de incutir nas crianças interesse para o trabalho e com as espécies dos trabalhos em geral, depois com os objectos de per si particularmente e, finalmente, torna-las familiares com as malhas e a qualidade dos pontos que devem ser empregados para os mesmos.

Assim a professora deve, por exemplo, no ensino do crochet, fallar sobre o crochet em geral, depois sobre os trabalhos do crochet que as crianças devem executar e finalmente deve dizer sobre a espécie de malhas e o modo como deve ser executado o trabalho em questão. A preleção deve ser interessante, instrutiva e adequada ao espirito da criança. A maneira de fallar deve ser simples, natural e comprehensivel; quanto menores as crianças, mais simples a explicação.

Da correcta exposição e descripção de um objecto apresentado às crianças, depende principalmente o successo do ensino. Por isso cada instrução deve depender da intuição e isso em todo o período escolar, porque a exacta comprehensão das coisas se consegue pelo caminho da intuição. A instrução elementar exige bastante intuição para auxiliar a concepção infantil.

Naturalmente o ensino dos trabalhos manuaes deve ser também intuitivo como qualquer outro. E o caso especialmente do ensino collectivo, em que uma classe inteira deve aprender ao mesmo tempo; pois, por uma conveniente intuição, a instrução ganha em clareza, exatidão e firmeza.

E indispensável que a professora, ou desenhando, ou fazendo, ou com meios intuitivos, mostre as crianças o que vão fazer, porque o espirito infantil não pode, com simples palavras, formar uma idéia do objecto, da posição da mão, dos movimentos dos dedos, etc., de um trabalho qualquer.

A instrução deve começar com a exhibição do objecto de vae ser confeccionado. Não havendo nenhum, se fará um desenho no quadro negro ou se mostrarão boas gravuras. Os trabalhos devem ser mostrados em tamanho natural e assim podem servir de amostras; é sempre preferível mostrar trabalhos originaes do que desenhos ou gravuras.

As alumnas devem descrever o que observaram para comprehender melhor e para que a professora possa saber até que ponto apanharam a idéia, porque as crianças, muitas vezes, olham e não vêem, isto é, não observamo objecto com atenção mas sim superficialmente.

A professora deve guiar as alumnas a observar o objecto em seu todo e depois em suas partes ou, se as partes sobresaem e são importantes, ir dellas para o todo.

Não mostre muito de uma vez, porque o espírito infantil não o poderia abranger.

Não deve se satisfazer a professora em mostrar às alumnas um objecto só uma vez, mas também a observação não deve ir muito longe, pois logo que as alumnas alcançaram o conhecimento de uma amostra, de uma malha, etc., sabem como se executam as malhas e os pontos e com elles se formam as amostras, ellas devem ser estimuladas a fazer os trabalhos e guiadas afim de que sua phantasia invente outras amostras bonitas e de gosto.

No ensino do trabalho manual, o manejo por meio de intuição, como também a apresentação do desenho do quadro negro, devem ser acompanhados da correspondente explicação, principalmente a apresentação do manejo technico deve ser descripto com palavras, para que as alumnas tomem uma comprehensão exacta do mesmo. No trabalho elementar, isto é muito importante, porque as crianças devem ficar familiarizadas com a destreza technica, visto ser a destreza technica o que ellas devem adquirir logo. Uma explicação boa, exacta e incomprehensivel é uma arte pedagógica, principalmente no ensino dos trabalhos, porque a explicação do manejo technico é visivelmente difficil.

Antes de começar a explicação é necessário fazer conhecer às alumnas os termos usuaes e as expressões technicas, do contrario nada comprehenderiam. Durante o ensino, os termos vão gradualmente augmentando, aos poucos, as crianças terão um grande vocabulário technico. Mostrar o manejo technico é de especial importância, porque muito facilita o ensino collectivo, dando às alumnas ensejo de ver feito pela mão da professora o ellas mesmas tem de fazer.

(p. 6) de 24 de maio de 1930 - (conclusão)

CORREIO OFFICIAL, 5ª feira, 22 de Maio de 1930 – ANNO LXXV - n. 1.699
(p. 5 e 6). (cont...)

METHODO DO ENSINO COLLECTIVO NOS TRABALHOS MANUAES

Nos grupos escolares, onde há quatro classes distinctas, a professora deve empregar o ensino collectivo que tem por fim formar a habilidade das alumnas possivelmente no mesmo grau, para que todas, igualmente progredindo, alcancem o fim estabelecido no mesmo tempo e no menor espaço.

A base do ensino collectivo consiste em instruir as crianças todas ao mesmo tempo numa serie de trabalhos, em procurar um progresso possivelmente igual e, conduzi-las todas ao mesmo fim no tempo prescripto pelo programma.

Na instrução colectiva dos trabalhos há cinco cousas principais a observar: o ensino (preleção), a intuição, a explicação, a exhibição e o compasso.

A preleção tem principalmente o fim de incutir nas crianças interesse para o trabalho e com as espécies dos trabalhos em geral, depois com os objectos de per si particularmente e, finalmente, torna-las familiares com as malhas e a qualidade dos pontos que devem ser empregados para os mesmos.

Assim a professora deve, por exemplo, no ensino do crochet, fallar sobre o crochet em geral, depois sobre os trabalhos do crochet que as crianças devem executar e finalmente deve dizer sobre a espécie de malhas e o modo como deve ser executado o trabalho em questão. A preleção deve ser interessante, instrutiva e adequada ao espírito da criança. A maneira de fallar deve ser simples, natural e comprehensivel; quanto menores as crianças, mais simples a explicação.

Da correcta exposição e descripção de um objecto apresentado às crianças, depende principalmente o successo do ensino. Por isso cada instrução deve depender da intuição e isso em todo o período escolar, porque a exacta comprehensão das coisas se consegue pelo caminho da intuição. A instrução elementar exige bastante intuição para auxiliar a concepção infantil.

Naturalmente o ensino dos trabalhos manuaes deve ser também intuitivo como qualquer outro. E o caso especialmente do ensino colectivo, em que uma classe inteira deve aprender ao mesmo tempo; pois, por uma conveniente intuição, a instrução ganha em clareza, exatidão e firmeza.

E indispensável que a professora, ou desenhando, ou fazendo, ou com meios intuitivos, mostre as crianças o que vão fazer, porque o espírito infantil não pode, com simples palavras, formar uma idéia do objecto, da posição da mão, dos movimentos dos dedos, etc., de um trabalho qualquer.

A instrução deve começar com a exhibição do objecto que vae ser confeccionado. Não havendo nenhum, se fará um desenho no quadro negro ou se mostrarão boas gravuras. Os trabalhos devem ser mostrados em tamanho natural e assim podem servir de amostras; é sempre preferível mostrar trabalhos originaes do que desenhos ou gravuras.

As alumnas devem descrever o que observaram para comprehender melhor e para que a professora possa saber até que ponto apanharam a idéia, porque as crianças, muitas vezes, olham e não vêem, isto é, não observamo objecto com atenção mas sim superficialmente.

A professora deve guiar as alumnas a observar o objecto em seu todo e depois em suas partes ou, se as partes sobresaem e são importantes, ir dellas para o todo.

Não mostre muito de uma vez, porque o espírito infantil não o poderia abranger.

Não deve se satisfazer a professora em mostrar às alumnas um objecto só uma vez, mas também a observação não deve ir muito longe, pois logo que as alumnas alcançaram o conhecimento de uma amostra, de uma malha, etc., sabem como se executam as malhas e os pontos e com elles se formam as amostras, ellas devem ser estimuladas a fazer os trabalhos e guiadas afim de que sua phantasia invente outras amostras bonitas e de gosto.

No ensino do trabalho manual, o manejo por meio de intuição, como também a apresentação do desenho do quadro negro, devem ser acompanhados da correspondente explicação, principalmente a apresentação do manejo tecnico deve ser descripto com palavras, para que as alumnas tomem uma compreensão exacta do mesmo. No trabalho elementar, isto é muito importante, porque as crianças devem ficar familiarizadas com a destreza tecnica, visto ser a destreza tecnica o que ellas devem adquirir logo. Uma explicação boa, exacta e incompreensivel é uma arte pedagógica, principalmente no ensino dos trabalhos, porque a explicação do manejo tecnico é visivelmente difficil.

Antes de começar a explicação é necessário fazer conhecer às alumnas os termos usuaes e as expressões technicas, do contrario nada comprehenderiam. Durante o ensino, os termos vão gradualmente augmentando, aos poucos, as crianças terão um grande vocabulário tecnico. Mostrar o manejo tecnico é de especial importância, porque muito facilita o ensino colectivo, dando às alumnas ensejo de ver feito pela mão da professora o que ellas mesmas tem de fazer.

A professora deve collocar-se de maneira que todas as alumnas possam ver como ella trabalha. Deve servir-se de objectos grandes, de material grosso, para que ellas possam reconhecer facilmente cada movimento que a professora faz. Deve mostrar tudo muito devagar e prender a atenção sobre o que está ensinando, enquanto observa bem que ellas immediatamente imitem, com exactidão, sem tomar hábitos maus que difficilmente seriam depois corrigidos.

A professora seguirá attenta os movimentos das alumnas e corrigirá cada erro. As que não trabalharem bem, que não comprehenderam bem, ella deve mostra novamente, bem devagar e guia-las para que comprehendam. Só em casos especiaes, ella mostrará individualmente o manejo; porque, se isso fizer com muita facilidade, as creanças abusam e não prestam atenção à explicação colectiva. Naturalmente as pequeninas precisam ser um tanto auxiliadas; mas, aos poucos, também se acostumam, trabalhando juntas, de modo que mais tarde não lhes será mais necessário o auxilio da professora. O ensino de cada movimento deve ser mostrado até que seja aprendido e executado, pelo menos, pela media das alumnas. Nesse ensino deve haver uma voz de commando, pois ellas devem começar e acabar ao mesmo tempo que a professora. Logo que as alumnas tenham aprendido desse modo a malha ou o ponto, começa-se a faze-lo por compasso.

O trabalho compassado é uma determinada e equal divisão do tempo para a execução do trabalho. Seu fim é levar a media das alumnas, ao mesmo grau de habilidade, estimulando as retardatárias a trabalhar junto com as outras. O movimento rythmico estimula involuntariamente a participar do trabalho; a occupação em conjuncto e compassada, facilita o trabalho e dirige mais a atenção das alumnas sobre o mesmo, enquanto prende ao mesmo tempo o corpo e o espírito.

No compasso os movimentos necessários a uma malha ou a um ponto são contados. No começo, conta-se muito devagar, pois a professora exige, com severidade, que todas prestem atenção e trabalhem ao mesmo tempo, porque, do contrario não corresponderia ao fim; naturalmente, ella não pode exigir que trabalhem depressa; devem, porem, as alumnas acostumar-se ao movimento compassado das mãos. Não poderá todavia evitar que algumas alumnas inhabeis preguiçosas ou desattenciosas fiquem atrasadas, porque estas em geral nunca conseguem o fim prescripto. Com a progressiva destreza das creanças, contar-se-á

mais depressa, depois resumir-se-ao vários compassos, num, para facilitar um trabalho mais ligeiro; finalmente contam-se só as malhas. Para verificar como as alumnas trabalham igualmente e quantas acabaram a carreira, devem todas as que terminaram collocar o trabalho na carteira, ou manda-las levantar as mãos e não perguntar: todas já acabaram?

O trabalho compassado deve todavia ser continuado até um certo limite e somente nos elementos, porque a instrução não deve degenerar num mecanismo sem intelligencia e insípido. Logo que tenham conseguido uma certa destreza e firmeza, deve fazer um trabalho livre e independente que, naturalmente, as alumnas mais espertas e habilidosas acabarão mais depressa do que as outras. Fazê-las trabalhar devagar influiriam prejudicialmente, porque as tornaria preguiçosas e indifferentes. Ainda menos aconselhável é fazê-las esperar ociosas até que as outras as alcancem porque então teriam indisciplina e conversa na aula. Para isso a professora deve servir-se de determinados meios afim de facilitar a todas um progresso por igual. Esses meios são chamados “Trabalhos Auxiliares” que são permittidos somente às alumnas já senhoras dos elementos dos trabalhos e devem ser correspondentes à serie.

CORREIO OFFICIAL – GOYAZ, 5ª feira, 24 de Maio de 1930 - ANNO LXXV – N. 1.700
(p. 3 e 6) (Conclusão)

INSTRUCOES PARA O ENSINO DOS TRABALHOS MANUAES FEMININOS NAS ESCOLAS PUBLICAS DO ESTADO DE GOYAZ

TRABALHO MANUAL EDUCATIVO

Como esses trabalhos devem ser praticados em ambas as secções, superfino seria aqui repetir as instruções já expressas pelo Sr. Inspetor Especial de trabalhos manuaes masculinos, às quaes me reporto e peço a atenção das senhoras professoras, excluindo naturalmente os trabalhos em madeira, a canivete, etc., com os quaes, por falta de tempo, a secção feminina não se pode ocupar.

Divisão em Series dos Trabalhos de Agulha nos quatro annos do Grupo Escolar:

CORDÕES Linha grossa em duas cores	1º Anno
CROCHET	
Linha e agulha grossa Trancinha e ponto simples Laçadas e junção das mesmas Panninho – esponja para lavagem do corpo Saquinho para “lunch” Carteiras para agulhas, tesouras e dedal Trabalhos Auxiliares	

<p>Linha e agulhas mais finas Pano com 8 a 10 amostras em ordem methodica Touquinhas para creanças Crochet Tunisiano Sapatinho de linha ou de lã Trabalhos Auxiliares</p>	<p>2º Anno</p>
<p>Diversos bicos simples Paletozinhos para creanças Trabalhos de lã para adultos e creanças</p>	<p>3º Anno</p>
MACRAMÉ	
<p>Nos simples Almofadinha, linha grossa e alfinetes Formação de nos Galões simples</p>	<p>2º Anno</p>
<p>Ponto de cadeia simples e duplo Franjas fáceis Confecções de objectos usuaes</p>	<p>3º Anno</p>
<p>Diversos pontos applicados em objectos úteis e de ornamento para o lar.</p>	<p>4º Anno</p>
TRICOT	
<p>2 agulhas de madeira ou de osso Linha grossa para tricot Panninho – esponja para banho Saquinho para guardar trabalhos Panninho de amostras com pontos simples Trabalhos auxiliares</p>	<p>2º Anno</p>
<p>Pano de amostras com pontos abertos Sapatinhos para creanças Concerto e serzido de meias Trabalhos Auxiliares</p>	<p>3º Anno</p>
<p>Paletozinhos para crianças Diversas peças de tricot</p>	<p>4º Anno</p>
PONTO DE MARCA	
<p>Talagarça penélope agulha sem ponta La ou linha de 2 cores Exercícios preparatórios com ambas as mãos Pontos simples Trabalhos Auxiliares</p>	<p>1º Anno</p>
<p>Étamine, aniagem, linho grosso, etc. Linha ou lã de cores Pano de amostra com letras e desenhos simples Trabalhos Auxiliares</p>	<p>2º Anno</p>
<p>Ponto Gobelin Ponto de Hungria Panninho de amostra Trabalhos Auxiliares</p>	<p>3º Anno</p>
COSTURA	
<p>Exercícios de Costura Ponto de alinhavo</p>	<p>1º Anno</p>

Ponto de bainha Ponto atrás Trabalhos Auxiliares	
Posponto Outros pontos de costura Panninho com pontos de costura Camisa -calça para menina Trabalhos Auxiliares	2º Anno
Pontos abertos Pontos de ornamento Preguinhas, franzido, casas, etc. Panninho de amostra Roupa de cama e meza	3º Anno
Desenho de molde, corte e costura de roupinhas de crianças e de recém-nascidos Idem, de camisas para meninas e moças Idem, de outras peças de roupa branca	4º Anno
REMENDO E SERZIDO DE ROUPA BRANCA E DE COR	
Remendo diversos Serzidos simples e trançados Panninho de remendos e serzidos	3º Anno
NOCOES DE BORDADOS	
Ponto de haste Ponto de cadeia Aplicações diversas	1º Anno
Caseados diversos Aplicação do caseado na camisa calça e em outras peças	2º Anno
Pontos russos Diversos pontos de enfeite Bordado Inglês Bordado Richelieu	3º Anno
Bordado cheio Letras bordadas Panninhos de bordado	4º Anno
FILET	
Exercícios Quadrado Rectangulo Bordado sobre filet	3º Anno
Aplicações para roupa branca	4º Anno

VANTAGENS DOS TRABALHOS FEMININOS

NÃO se pode negar que em nossa época o problema da existência torna-se cada vez mais difícil de resolver. Desde um certo numero de annos, constata-se uma propensão ao luxo, ao bem estar que, por ser um progresso, complica muito a vida.

Estamos longe da vida calma das nossas avós que na burguezia se satisfaziam de roupa branca de linho sólida, que só compravam um vestido de seda em sua vida, o que vestia a noiva no dia de seu casamento.

Actualmente a moda reina soberana e caprichosa; só os favorecidos da fortuna podem seguir sua phantazia. A mulher pratica, a dona de casa deve reagir contra isso; e realiza uma grande economia quando sabe confeccionar a sua roupa e a dos seus. É indispensável saber fazer seu vestuário, para não ter necessidade de sempre recorrer à costureira. Quando a menina, tornando-se moça e depois dona de casa, comprehende os deveres que como tal lhe incumbem. Abandona as vezes a musica, o desenho, a declamação em que tanto se esmerou, mas sempre vê a necessidade de saber costurar para concertar a roupa e os vestidos, de saber cortar para confeccionar ella mesma a roupinha dos recém-nascidos, trabalho que lhe será muito agradável. Toda a mulher tem tempo de costurar, cuidando ao mesmo tempo de sua casa, realizando assim uma grande economia. A mulher que sabe costurar pode seguir a moda sem grande dispêndio: há pois grande vantagem em aprender a trabalhar, costurar, e concertar a roupa.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Para todos os trabalhos manuaes as alumnas devem ter um assento proporcional ao seu tamanho de maneira que seus pés repousem no chão. O corpo deve conservar-se direito, a cabeça levemente para a frente, os hombros desembaraçados, sem exagero, afim de que a respiração se opere sem esforço. Os braços contra o corpo, o ante-braço e as mãos livres e flexiveis. Muitas meninas tem o mau habito de cruzar as pernas para prender seu trabalho no joelho; isto é absolutamente contrario à hygiene. Também é muito ruim inclinar-se demais sobre o trabalho. As crianças se habituam naturalmente a aproximar o trabalho dos olhos, seja inclinando-se, seja levantando as mãos para approximar o do rosto. Este mau habito, alem de ser muito desgracioso, causa à vista de um verdadeiro prejuízo, e faz muitas vezes tomar por myopia um costume contrahido desde a infância.

É necessário atender a todos estes detalhes que tem uma importância máxima na idade em que tudo se desenvolve, porque cada minuto que passa é para a criança um momento de crescimento ao qual toda a má posição é prejudicial e contraria.

EXPOSIÇÕES FINAES E PERMANENTES

A respeito das exposições finaes e permanentes concordo inteiramente com o parecer emitido pelo meu collega, o Sr. Inspetor Especial de trabalhos manuaes masculinos, que em suas acertadas reflexões interpretou também o meu modo de pensar sobre o assumpto.

(Conclusão – p. 6) do Correio Official de Goyaz, 24 de Maio de 1930.

ANEXO 8 - Livro de Atas da Escola Paroquial Santa Maria Goretti de Goiandira GO.

LIVRO DE ATA DA ESCOLA SANTA MARIA GORETTI, GOIANDIRA-GO.

Termo de Abertura

Este livro de 100 (cem folhas) enumeradas tipograficamente e rubricadas "Fr. D." servirá para para livro de Ata da diretoria da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, de Goiandira. Leva na última folha em branco o termo de encerramento.

Goiandira, 1º de março de 1952.

O Vigário Pe. Frei Domingos Foley, O.F.M.

(Por provisão do Arcebispado no. 62, de 10.02.52).

Livro de Atas n. 01, página 01.

Festa de Tiradentes

Aos 21 de abril de 1953 tomou lugar no salão da Escola Paroquial Santa Maria Goretti uma festa em comemoração a Tiradentes. Após uma oração o programa deu-se início com o Hino Nacional cantando por todos. Em seguida foi recitada uma poesia e diversos quadrinhos pelos alunos do primeiro ano. Os alunos Roseli Santos e Vanda Telles recitaram poesias representando assim o segundo ano. O Hino da Bandeira, seguiu cantado por todos. Aparecida dos Reis, aluna do terceiro ano apresentou um discurso o qual foi seguido pelo hino de Tiradentes cantado por todos. Aparecida dos Santos, aluna do quarto ano recitou uma poesia patriótica após a qual foi cantado o hino de Goiandira. Antonio Fernandes do Curso de Admissão leu um trecho da "Voz do Brasil" pelo escritor Morel Reis. As alunas do curso de Admissão apresentaram um pequeno teatro de nome, "Quem sabe a lição de hoje"?

O programa terminou com o hino, "Minha Terra é Batizadas".

Estavam presentes para assistir esta festa o Revmo. Frei João Francisco Granahan, Superior dos Padres Franciscanos em Goiás, o Revmo. Frei Domingos Foley, Vigário da paróquia, o corpo docente e o corpo discente da Escola.

21/04/1953.

Sec. Irmã Maria Assumpta Cunha

Dr. Irmã M. Celestina Fruscione.

Livro de Atas n. 01- p. 07 e 07 verso.

O encerramento do Primeiro Semestre realizou-se no dia 26 de junho de 1953. Os alunos assistiram à Santa Missa em Ação de Graças e depois foram-lhes entregues os seus boletins, pelo vigário, o Revmo. Frei Domingos Foley.

26/06/1953.

Secr: Irmã Maria Assumpta Cunha

Dir: Irmã M. Celestina Fruscione.

Livro de Atas n. 01- p. 08.

Em comemoração da Independência do Brasil, houve uma festa no salão da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, no dia 7 de setembro de 1953.

Após a Missa das 7 horas os alunos iniciaram o programa com uma oração e o hino nacional. Em seguida 6 meninas da Cartilha recitaram uma poesia, “Meu Brasil”. Representando o 1º Ano, cinco meninas cantaram um canto patriótico do Brasil. As meninas Aparecida Moreira, Wanda Telles e Roseli Santos do 2º Ano cantaram o hino da Bandeira. O 3º ano apresentou uma cena histórica. Aricilda Mariano do 4º ano recitou um poema “7 de Setembro”. Uma leitura patriótica foi proferida pelo aluno Paulo Diniz do Curso de Admissão e a aluna Zilah de Fátima do Curso também do Curso de Admissão deu um discurso. Os números do Programa foram intercalados por cantos. O vigário, Frei Domingos Foley terminou a sessão com um discurso. Presentes para esta festa estavam os pais dos alunos.

7/09/1953.

Secr: Irmã Maria Assumpta Cunha

Dir. Irmã M. Celestina Fruscione.

Livro de Atas n. 1 – p. 8 verso e 9.

Aos 6 de Outubro de 1953, os alunos da Escola Paroquial apresentaram a Irmã Celestina uma festa na ocasião de seu regresso dos Estados Unidos onde ficou três meses. A professora Aparecida Martins deu um discurso de boas vindas e representantes de todas as classes ofereceram cantos, poesias e discursos. Os alunos também apresentaram a Irmã Celestina com um ramallete espiritual.

6.10.1953.

Secr. Irmãs Maria Assumpta Cunha

Dir. Irmã M. Celestina Fruscione.

Livro de Atas 1 p. 9.

Aos 19.10.1953, Frei Domingos Foley, OFM, pároco e presidente da diretoria, recebeu no Banco do Brasil, agência de Catalão, o pagamento da subvenção extraordinária do Governo Federal em benefício deste educandário. A subvenção foi de noventa mil cruzeiros, mas com os descontos bancários ficou em oitenta mil, setecentos e setenta e dois cruzeiros.

O Sr. Moacyr de Sousa e Paula foi testemunha da recepção da verba.

19.10.1953

Secr. Irmã Maria Assumpta Cunha

Dir.. Irmã M. Celestina Fruscione.

Livro de Ata n. 1 – p. 9 verso e 10.

Aos 23 de outubro de 1953, uma turma de 38 crianças foram recebidas na liga dos Benjamins. Receberam fitas das mãos do vigário, Frei Domingos Foley. Fizeram a Consagração ao Sagrado Coração e cantaram vários hinos durante a recepção. Em seguida receberam diploma e tiveram uma festinha na Escola. Depois tiraram retrato.

23.10.1953.

Secr. Irmã Maria Assumpta Cunha

Dir.. Irmã M. Celestina Fruscione.

Livro de Ata n. 1 – p. 10.

1955

Ao primeiro dia do mês de março do ano de 1955, às nove horas, no prédio da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, à Praça da Matriz, sediada nesta cidade de Goiandira, Estado de Goiás, pelo Revmo. Frei Celso Hayes, OFM como vigário da Paróquia Sagrado Coração de Jesus em virtude da provisão do Exmo. Sr. Dom Emmanuel, arcebispo de Goiás, conforme protocolo n. 62-52 página 79 do livro 14 de provisões, foi procedida a instalação e posse da diretoria da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, de conformidade com os estatutos e que ficou assim constituída: Pároco, Frei Celso Hayes, OFM, por nomeação do Comissário Provincial dos Padres Franciscanos em Goiás, com confirmação do Arcebispo de Goiás, com mandato até 1º de março de 1958, Diretora: Irmã Maria Celestina Fruscione, OSF, por nomeação da Superiora das Irmãs Franciscanas de Instrução e Assistência Social em Goiás, com mandato até 1º de março de 1958, Secretária, Irmã Maria de Lourdes Queiroz, OSF, por nomeação da Diretora e com mandato até 1º de março de 1956. a seguir prestados os compromissos dos referidos cargos. Para constar, lavrou-se a presente ata que lida e achada conforme, vai devidamente assinada pela Diretoria.

Goiandira 1º de março de 1955.

Frei Celso Hayes, OFM.

Irmã M. Celestina

Irmã Maria de Lourdes.

Livro de Ata n. 01 – p.10

Diretoria para 1957

Pároco: - Frei Estevão M. Walsh, OFM.

Diretora: - Irmã M. Celestina Fruscione

Secretária: - Irmã M. de Lourdes Queiroz

Inspetora: Irmã Maria Dália da Cunha.

No dia 30 de Novembro de 1957, realizou-se no salão nobre da Escola Paroquial Santa Maria Goretti a solenidade de entrega dos diplomas aos concluintes do 4º Ano primário.

Iniciou-se com a Santa Missa às 6.15 em Ação de Graças pelo término do Curso. Em seguida foi oferecido um café aos alunos e seus dignos pais.

Estavam presentes os seguintes convidados de honra: Dom Fernando Gomes dos Santos, DD. Arcebispo de Goiânia; Frei Estevão Walsh, OFM, vigário da paróquia, Frei Celestino O'Callaghan, OFM, as professoras do Estabelecimento e os pais dos alunos.

Após um discurso lido pela aluna Júlia Aparecida Borges, o Sm. Arcebispo Dom Fernando fez a entrega dos diplomas e honrou os alunos com umas palavras de congratulações.

A sessão foi encerrada com uma oração.

Concluintes do 4º ano – 1957

Maria Antônia de Melo, J

Júlia Aparecida Borges, José Ricardo M. Bernardes, Heráclito Mariano de Oliveira, Décio coimbra, Antônio Vigário da Costa, Maurício José Porto, Vicente Felício, Coraci Pimentel Barbosa, Aparecida Maria Rezende, José de Fátima Moreira, Moisés Delfino Araújo, Heloiza Teixeira, Joana Pereira, Maria Helena Barbosa, Gaspar de Deus Alves, Darci Lara Tristão, Benedita de Paiva, Geni Cassimiro Silva, Perina Eleutério da Silva, Ednou Aguiar, Irone Teixeira, Terezinha Lúcia Teixeira.

Relatório das Atividades desenvolvidas em 1957

Abriam-se as aulas no dia 1º de março de 1957 com 471 alunos assim distribuídos:

5º ano : 19 4º ano: 35; 3º ano: 39; 2º ano: 68
 1º ano A: 66; 1º ano B: 89; Cartilha: 157.

Fizeram provas finais 323 alunos com os resultados seguintes:

5º ano – 18 – 13 aprovados 5 reprovados;
 4º ano – 29 – 23 aprovados 6 reprovados;
 3º ano – 37 - 25 aprovados 12 reprovados;
 2º ano – 47 - 37 aprovados 10 reprovados;
 1º ano A – 44 - 36 aprovados 8 reprovados;
 1º ano B – 60 41 aprovados – 19 reprovados;
 Cartilha – 88 55 aprovados 33 reprovados.

Total 230 aprovados e 93 reprovados.

Durante o ano houve festas comemorando as datas cívicas e religiosas. Os alunos da Escola Paroquial tomaram parte ativa na recepção do DD. Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos e este participou nas solenidades do encerramento do ano escolar. As alunas da Escola Paroquial apresentaram na Rádio local diversos programas. Foram comprados 200 livros para a Biblioteca que está aberta todos os dias escolares. Muros foram construídos para fechar o pátio de recreio.

Séc. Irmã Maria de Lourdes, OSF.

Dr. Irmã M. Celestina, OSF.

Livro de Ata n. 01 – p. 13 e 14.

Dia 12 de outubro – Dia da Criança os nossos alunos apresentaram diversos jogos interessantes. Após os jogos, houve uma festinha no salão da Escola comemorando o alegre dia.

Irmã M. Rosalima OSF

Séc. Ir. Maria de Lourdes, OSF.

Livro de Atas n. 01 – p. 19 verso.

ANEXO 9 – Testamento de Dom Emanuel

O TESTAMENTO DE UM GRANDE ARCEBISPO

“Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo.

Amém.

“Achando-me em perfeita saúde e no pleno gozo de todas as minhas faculdades mentais, mas ignorando quando será o dia de minha morte, faço este meu Testamento, do meu próprio punho, aos pés de Nossa Senhora Sant’Ana, Padroeira da Arquidiocese. Suplico às Autoridades Cíveis e Eclesiásticas lhe dêem toda a fôrça de lei e o cumpram fiel e integralmente, como disposição de minha última vontade.

“Renovo a minha profissão de fé Católica, Apostólica, Romana, na qual sempre vivi e espero morrer.

“Protesto inteira submissão e obediência incondicional ao Santo Padre, Augusto Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo e Chefe Supremo da Igreja Católica, a quem devo tudo que fui e tudo que sou, cuja última bênção imploro com filial afeto e piedoso reconhecimento.

“Aceito desde já, com filial afeto e reconhecimento também, em desconto dos meus pecados, o gênero de morte que me reserva a Providência Divina, na esperança de alcançar da infinita misericórdia de Deus o perdão de todos os meus pecados, dos quais sinceramente me arrependo.

“Recomendo minha alma pecadora aos sufrágios de meus parentes, amigos e diocesanos, particularmente dos meus bons Padres como zelosos e devotadas cooperadores de meu Ministério.

“Não constituo herdeiros, porque, graças a Deus, no momento, não tenho bens de fortuna.

“O imóvel que possuía à rua Vitor Meireles nr. 83 e 83-a – Riachuelo – Distrito Federal, vendi por Escritura Pública à Mitra Arquidiocesana de Santa’Ana de Goiás, cuja venda está sendo aplicada em pavilhões do Seminário Santa Cruz, de Silvânia.

“Órfão de Pai aos sete anos de idade, devo a minha educação em grande parte ao meu tio paterno Revmo. Cônego Quintiliano José do Amaral, Vigário Colado da Igreja Matriz de Santo Antônio, no Distrito Federal.

“De fato matriculou-me S. Revma. no celebre educandário – Internato de Itu, cidade do Estado de São Paulo, e em seguida no Colégio Santa Rosa de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, primeiro educandário fundado no Brasil pelo Padre João Bosco, ora elevado à honra dos Altares – São João Bosco -, onde terminei o curso médio ou ginásial.

“No dia 29 de Janeiro de 1891 ingressei na Congregação Salesiana, recebendo, nesta festiva data de São Francisco de Sales, a primeira sagrada veste clerical pelas mãos do Padre Lourenço Giordano, fundador do Liceu Sagrado Coração de Jesus, pertencente à sobredita Congregação, no ano de 1885; e mais tarde distinguido pela Santa Sé como Prelado do Rio Negro, Estado e Diocese do Amazonas.

“O saudoso tio paterno, Revmo. Vigário de Santo Antônio, do Distrito Federal, Cônego da Capela Imperial, sempre generoso para auxiliar a minha formação religiosa, legou em testamento, à Congregação Salesiana, um imóvel, cada de dois andares, sua Residência Paroquial, na Travessa do Senado, hoje Visconde do Rio Branco, na parte central da atual Capital Federal – Rio de Janeiro.

“Como Religioso, pobre entrei para a Congregação de São João Bosco, pobre entrei para o Episcopado, pobre também, sem dinheiro, sem dívidas pessoais espero morrer.

“Entretanto apraz-me confessar e com firme e profundo reconhecimento, que nunca, jamais me faltou o necessário, quer para mim pessoalmente, quer sobretudo para as minhas obras de Fé ou de Caridade.

“Sempre e sempre, com generosidade e constância, que tocaram por vêzes às raias do milagre, me valeram os diocesanos muito amados, o que deixo aqui consignado para honra dos meus caríssimos Filhos Espirituais e edificação dos meus zelosos cooperadores.

“Deus Nosso Senhor abençoe a todos os meus piedosos benfeitores e lhes pague centuplicamente quanto me fizeram a mim e às minhas obras Arquidiocesanas.

“Toda a minha renda pessoal distribuí-a em vida, quase tudo a instituições religiosas dirigentes de vários educandários pelo Estado de Goiás, principalmente ao querido Seminário de Santa Cruz de Silvânia.

“Se porventura, o que não é provável, aparecer algum “déficit” no meu título pessoal, espero que a Procuradoria da Mitra Diocesana, digo Arquidiocesana, me releve, pois, virá certamente de importâncias despendidas na construção dos supra-mencionados institutos, notadamente nos de Silvânia, Jaraguá, Formosa e no Seminário Santa Cruz ainda em acabamento.

“Ao traçar estas linhas do meu testamento, com os olhos fitos na Eternidade esperando a hora de comparecer diante de Deus para ser julgado, espero contar com a Sua infinita Misericórdia.

“In te, Domine, speravi: non confundar in aeternum”

“Peço aos meus Padres muito perdão pelas mágoas que lhe tenha causado como Superior.

“Agindo por Deus e para Deus, desejo estar tranqüilo na minha consciência de pai de pastor, em que não tenho a certeza, nem sequer a pretensão de haver sempre acertado.

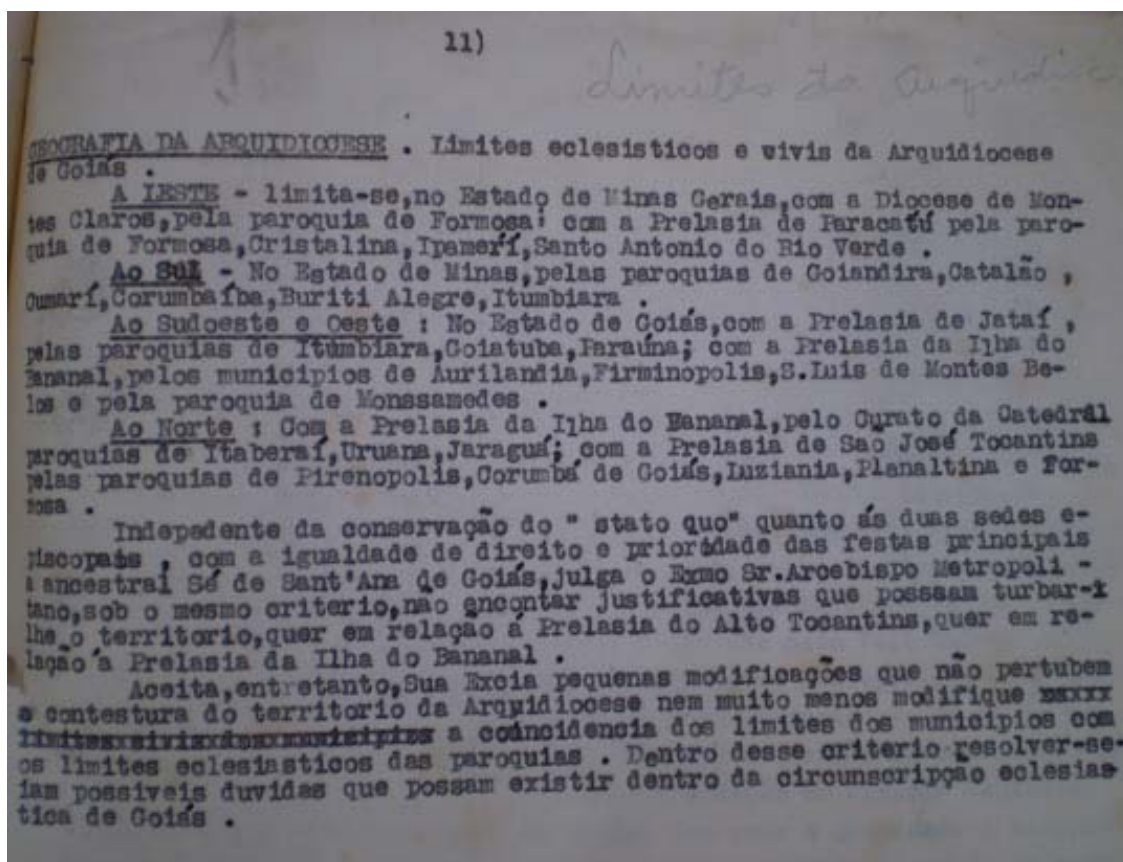
“Concluo abandonando-me confiadamente, acentuo, à infinita misericórdia de Deus e à caridade dos meus caríssimos irmãos da Congregação de São João Bosco, dos meus padres, parentes e diocesanos, deixando-lhes a minha bênção muito paternal e afetuosa em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Goiânia, 8 de Setembro de 1954, festa da Natividade de Maria Santíssima Nossa Senhora.

+ Emanuel, Arcebispo de Santa Ana Goiás”.

FONTE: Menezes, A. C. de. **Dom Emanuel Gomes de Oliveira** – Arcebispo da Instrução. Goiânia-GO.: AGEPEL, 2001, p. 50-151.

ANEXO 10 – Documento descritivo da Arquidiocese de Goiás



Descrição das dimensões territoriais da Arquidiocese de Goiás – 1940.

– documento localizado no Arquivo de Correspondência entre as Irmãs Franciscanas de Allegany e os Frades Franciscanos em Goiás.

ANEXO 11 – Modelo de Entrevista Semi-estruturada

1) Roteiro de entrevista semi-estruturada realizada com as irmãs

- 1) Em que época a senhora ingressou na ordem franciscana de Allegany? Lembra como foi o processo de sua admissão?
- 2) Que tipo de convivência já havia entre a senhora, as sua família e as irmãs franciscanas, antes da senhora ser aceita como postulante na ordem?
- 3) Como era o processo de formação religiosa nos primeiros anos da ordem em Goiás? Em lugares se realizava?
- 4) Quais as atividades docentes que a senhora e as outras postulantes realizavam na catequese e na educação? Nas escolas paroquiais quando foi começou a ser professora?
- 5) Poderia explicar um pouco mais sobre como se tornou professora primária?
- 6) Como a senhora aprendeu a ser professora nas escolas paroquiais?
- 7) Quando começou a dar aulas, que nível de instrução a senhora tinha? E o curso normal quando cursou?
- 8) E essa ida das Noviças para os Estados Unidos, quando e como era planejada?
- 9) Lá na Província-mãe, que tipo de atividade as noviças brasileiras realizavam?
- 10) Nas escolas americanas que tipo de tarefa vocês faziam?
- 11) Que tipo de instrução vocês recebiam lá?
- 12) Ao voltarem para o Brasil, que tipo de material pedagógico, manual, programa de ensino e instruções didáticas eram utilizadas nas escolas?

- 13) Lembra-se dos autores que vocês estudavam para preparar as aulas?
- 14) Vocês usavam livros, catecismos, manuais? Seguiam um programa de ensino?
- 15) Como era o planejamento das aulas? Quais os recursos didáticos, equipamentos e livros utilizados?
- 16) Como as irmãs orientavam o ensino nas escolas? Havia prioridade para algumas atividades dentro da Escola? Quais?
- 17) Havia professores leigos? Eram formados? Qual a relação das irmãs com os professores leigos? O que vocês planejavam em conjunto?
- 18) A senhora poderia me contar como organizava a rotina na sua sala de aula? Como a senhora ensinava, como era a disciplina dos alunos, tarefas, livros, objetos, etc.
- 19) Como era a relação das professoras com os alunos? E os pais, como era a participação na escola?
- 20) Teria outras informações sobre as escolas, a catequese e obras franciscanas que a senhora gostaria falar e que eu não perguntei?

2) Roteiro de entrevista semi-estruturada realizada com ex-alunos

- 1) Em que época você estudou na escola paroquial? Descreva como era a escola. O que havia nas dependências internas da escola, que as diferenciava das escolas públicas?
- 2) Como era a rotina de estudos, as atividades que os professores organizavam em sala de aula?
- 3) Tinha diferença entre aluno bolsista e não bolsista?
- 4) Vocês recebiam alguma instrução catequética dentro da escola? De que forma a religião era praticada pelos alunos?
- 5) Lembra-se de alguma “novidade” pedagógica era utilizada na escola? (recursos didáticos, livros, materiais diversos). Havia alguma atividade extra-classe organizada pelos professores e alunos?
- 6) Quais os professores que trabalhavam na escola paroquial?
- 7) E a participação litúrgica na Igreja, tinha alguma atividade especial organizada pela escola e pelos alunos?
- 8) Em relação aos vocacionados, aqueles alunos que eram encaminhados ao seminário, havia alguma formação catequética especial para esses alunos.
- 9) Na relação dos alunos com os frades e com as irmãs, o que era mais marcante?
- 10) Havia algum conflito de natureza política entre os frades e autoridades locais? Como eles se posicionavam politicamente?
- 11) E com os costumes religiosos do lugar, havia alguma imposição, ocorreu alguma mudança depois da chegada dos franciscanos?
- 12) Eles traziam alguma “novidade” dos Estados Unidos? Dê alguns exemplos.

13) E as idéias comunistas e socialistas, existia alguma coisa nas cidades que chamavam a atenção a esse respeito? Conheceu algum movimento, associação, participou de alguma coisa neste sentido?

14) O que vocês estudavam nas escolas franciscanas?

15) Voltando o assunto sobre os professores, lembra-se qual era a formação dos seus professores? Eles também ajudavam na catequese, participavam da missa?

16) O Sr. recorda de algum fato ocorrido na cidade que envolveu conflito entre os frades e a sociedade local?

17) Que tipo de obra existia na biblioteca da Escola?

18) Como a escola era organizada?

19) O Sr. ainda guarda algum material, objeto ou fotografia daquele tempo? Possui algum livro de estudo, manual, programa escolar, boletim?

20) Algo mais que o Sr. lembra e que eu não perguntei sobre os frades e as escolas franciscanas?